



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico
de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs***

Eva Margarida Feiteira Basílio

Orientação: André Miguel Serra Pedreira Carneiro

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização: *Avaliação de Impacte Ambiental*

Dissertação

Évora, 2017



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico
de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs***

Eva Margarida Feiteira Basílio

Orientação: André Miguel Serra Pedreira Carneiro

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização: *Avaliação de Impacte Ambiental*

Dissertação

Évora, 2017

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

“Évora está viva porque estão vivas as suas raízes.”¹

¹ José Saramago e Eduardo Gageiro (1997) - *Évora, Património da Humanidade*, 2ª ed., Évora: Câmara Municipal de Évora

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Resumo

O presente trabalho consiste na investigação e interpretação do conjunto cerâmico de cronologia romana, exumado do Paço dos Lobos da Gama, no âmbito de trabalhos arqueológicos de emergência, realizados entre os anos 2007-2008.

A partir do registo e da sua análise pormenorizada, tendo em conta a morfologia, funcionalidade e iconografia, foi possível identificar em que contexto se integravam, quais os hábitos alimentares da população que vivia na cidade de Évora e compreender as realidades comerciais que foram desenvolvidas, visto que, em época romana, *Ebora* se encontrava num ponto estratégico e era atravessada por uma rede viária que a ligava a *Augusta Emerita*.

Posto isto, este trabalho pretende ainda colmatar uma lacuna referente à inexistência de um estudo deste carácter, assim como dar a conhecer um conjunto totalmente inédito.

Palavras-chave: Período Romano, *Liberalitas Iulia Ebora*, Paço dos Lobos da Gama, cerâmica romana

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Abstract

The present work consists in the investigation and interpretation of the ceramic set of Roman chronology, exhumed of the Paço dos Lobos da Gama, within the scope of emergency archaeological works, between the years 2007-2008.

From the register and its detailed analysis, taking into account its morphology, functionality and iconography, it was possible to identify in which context they were integrated, the food habits of the population living in the city of Évora and the commercial realities that were developed, since *Ebora* is in a favorable and strategic point and was crossed by a road network that linked it to *Augusta Emerita*.

Therefore, this work intends to close a gap regarding the absence of a study of this character, as well as to make know a totally unprecedented set.

Key-words: Roman period, *Liberalitas Iulia Ebora*, Paço dos Lobos da Gama, roman ceramics

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Agradecimentos

O presente trabalho é fruto da colaboração de várias pessoas que não só me ajudaram com o seu conhecimento e sabedoria, como também me apoiaram de alguma forma, de modo a tornar este trabalho concretizável.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Prof. Doutor André Carneiro, não só pela orientação mas também pelo apoio e confiança que depositou em mim, fazendo-me acreditar que seria possível seguir em frente com este trabalho. Obrigada por todo o saber que me transmitiu, pela disponibilidade a boas e a más horas, em local de trabalho, em trabalho de campo ou em local de convívio, fosse aqui ou fora do país, mostrou sempre interesse em me ajudar e a incentivar-me para que me esforçasse a ter um bom trabalho.

À Câmara Municipal de Évora, à Dra Rosária Leal, colega e que com o tempo se tornou amiga, devo um particular agradecimento pela confiança que depositou em mim desde logo e pela facilidade concedida ao acesso ao Depósito Arqueológico. Sem a sua ajuda não seria possível realizar o estudo do espólio do Paço dos Lobos da Gama. Acompanhou de perto o meu trabalho, os meus dias bons e menos bons, e todos os dias tinha uma palavra amiga de ânimo para me transmitir.

Ao Museu Monográfico de Conímbriga, em particular ao Dr. José Ruivo que desde logo aceitou colaborar nesta investigação, com o seu conhecimento em numismática. Aceitou este desafio num piscar de olhos, recebeu as moedas do Paço dos Lobos da Gama, dando os devidos cuidados de limpeza e classificando-as. Obrigada pelo tempo dispensado aquando da minha visita a *Conímbriga* e pela simpatia e boa disposição.

Obrigada à Dra. Conceição Roque, uma das participantes nas intervenções arqueológicas realizadas no Paço dos Lobos da Gama, pela sua disponibilidade e atenção dispensada para falar sobre os trabalhos que foram realizados na altura.

Ao Dr. José Santos, colega e amigo que desde o primeiro dia me auxiliou e me aconselhou em decisões que deveria tomar, nunca duvidou das minhas capacidades e encorajou-me a seguir em frente com esta investigação.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

À Dra. Vanessa Dias tenho igualmente um particular agradecimento a fazer pela paciência e disponibilidade a 100% e pela pessoa espetacular que revelou ser. Obrigada pelo interesse que mostrou em relação ao meu trabalho, pela infinita troca de e-mail's de transmissão de sabedoria, opiniões e críticas construtivas.

Obrigada à Dra. Sónia Bombico, pela troca de impressões e auxílio no que toca ao extenso tema sobre ânforas. Um muito obrigado é pouco.

Obrigada aos meus amigos em particular, aos meus amigos do coração e àqueles que fui construindo amizade ao longo destes anos de Universidade. Estes que me ouviram falar de “cacos” até à exaustão, e sempre muito preocupados com o andamento do meu trabalho.

Um agradecimento do tamanho do mundo às quatro pessoas mais importantes da minha vida, pais, mana e Zé, vocês foram a maior inspiração para a realização deste trabalho, e foi graças a vocês que este trabalho “saiu cá para fora”. Obrigada por nunca terem desistido de mim e por acreditarem desde o início que era possível. Obrigada pela dedicação e atenção dispensada, por me aturarem nas horas boas e também naquelas horas de desespero. Sem vocês não teria sido possível a realização deste sonho!

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Índice Geral

Resumo	II
Abstract.....	III
Agradecimentos	IV
1.Considerações Prévias e definição do objeto de estudo	1
2.História da investigação e as suas problemáticas	2
3.Enquadramento Geográfico da cidade de Évora	9
4. <i>Ebora Liberalitas Iulia</i> – a cidade romana e as intervenções arqueológicas na <i>urbs</i> ..	11
5.Paço dos Lobos da Gama.....	20
5.1.Localização e história de ocupação	20
5.2.Intervenções Arqueológicas no Paço dos Lobos da Gama.....	24
6.O conjunto cerâmico romano do Paço dos Lobos da Gama.....	33
6.1.Questões metodológicas	33
7.Cerâmica fina de Importação.....	38
7.1. <i>Terra sigillata</i>	38
7.1.1.Análise do Conjunto de <i>Terra sigillata</i>	45
7.2. Paredes Finas.....	54
7.2.1. Análise do Conjunto de Paredes Finas.....	55
7.3. Lucernas.....	57
7.3.1. Análise do Conjunto de Lucernas.....	59
8.Cerâmica de Armazenamento.....	66
8.1. Ânforas.....	66
8.1.1.Análise do Conjunto de Ânforas	68
9.Cerâmica comum.....	76
9.1.Cerâmica Comum local/regional	80
9.1.1.Fabricos.....	80

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Grupo A-1	81
Grupo A-2.....	81
Subgrupo A-2-a	81
Grupo A-3.....	81
Subgrupo A-3-a	81
Grupo B-1	81
Subgrupo B-1-a	82
Subgrupo B-1-b	82
Grupo B-2.....	82
Subgrupo B-2-a	82
Subgrupo B-2-b	82
Subgrupo B-2-c	82
9.1.2. Tipologia formal/funcional	82
9.1.3. Análise do Conjunto de Cerâmica Comum local/regional	83
9.2. Cerâmica comum de importação – os Almofarizes da Bética.....	97
9.3. Cerâmica de construção	100
10. Pesos de tear	100
11. Mó.....	100
12. Catálogo de moedas romanas	101
13. Interpretação dos resultados	104
13.1. Distribuição do conjunto cerâmico pelas UE's.....	105
13.2. Interpretação do conjunto cerâmico.....	107
14. Conclusões.....	114
Referências Bibliográficas.....	117
Webgrafia	133

Índice de Anexos

Anexo I

- Mapa 1 - Carta Militar – Folha nº 460 – Localização de Évora
- Mapa 2 – Localização de Évora
- Mapa 3 - Carta Geológica de Portugal, nº 40 – A Évora
- Planta 1 – Évora romana (séc. I d.C. e séc. IV)
- Planta 2 - Traçado Romano
- Planta 3 - Intervenções Arqueológicas no Centro Histórico com achados romanos e da muralha tardo-romana
- Planta 4 - Georreferenciação de alguns dos sítios romanos no Centro Histórico
- Planta 5 - *Decumanus*
- Planta 6 - Georreferenciação do Paço dos Lobos da Gama
- Planta 7 - Planta do Paço dos Lobos da Gama
- Planta 8 - Planta Geral das Intervenções Arqueológicas Ocorridas no Paço dos Lobos da Gama, com a delimitação dos setores
- Planta 9 - Estruturas de época romana
- Planta 10 - Setor 4 – U.E. 8
- Planta 11 - Planta final do Setor 4
- Planta 12 - Setor 5 – U.E. 20 e U.E. 21 (Muro de cronologia romana)
- Planta 13 - Alçados do muros U.E. 21 (de cronologia romana) e U.E. 22
- Planta 14 - Setor 5 – U.E. 32 e 33
- Planta 15 - Setor 5 – U.E. 34 e 35
- Planta 16 - Planta final do Setor 5
- Planta 17 - Planta final do Setor 6
- Fig. 1 - Alguns pontos que marcam as intervenções arqueológicas que ocorreram nas ruas atuais da cidade
- Fig. 2 - Sinalização do local onde ocorreram intervenções arqueológicas do Aqueduto Romano
- Fig. 3 – *Cardus* e *Decumanus*

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- Fig. 4 - Rua da Mouraria
- Fig. 5 - Limites da cidade imperial
- Fig. 6 - Localização do Paço dos Lobos da Gama
- Fig. 7 - Paço dos Lobos da Gama – Fachada
- Fig. 8 - Setor 3 - U.E. 8 - Blocos graníticos
- Fig. 9 - Setor 3 – U.E. 5 – Muro com presença de *opus*
- Fig. 10 - Setor 3 – U.E. 10 – Níveis de circulação
- Fig. 11 - Setor 4 – Limites da U.E. 7
- Fig. 12 - Setor 4 – U.E. 8
- Fig. 13 - Setor 6 – U.E. 109 – Muro de cronologia romana
- Fig. 14 - Setor 6 – U.E. 110 – Derrube de época romana
- Fig. 15 - Setor 6 – U.E. 139 – Muro de cronologia romana
- Matriz 1 - Matriz de Harris do Setor 3
- Matriz 2 - Matriz de Harris do Setor 4
- Matriz 3 – Matriz de Harris do Setor 5
- Matriz 4 – Matriz de Harris do Setor 6

Anexo II

- Gráfico 1 – Total do conjunto em fragmentos
- Gráfico 2 – Material alvo de análise
- Gráfico 3 – Distribuição do conjunto cerâmico por UE's
- Gráfico 4 – *Terra sigillata* – N° total de fragmentos/NMI
- Gráfico 4.1. – *Terra sigillata* – NMI
- Gráfico 4.3. - *Terra sigillata* – Proveniências
- Gráfico 4.4. - *Terra sigillata* – Tipologias
- Gráfico 4.5. – *Terra sigillata* – Distribuição por UE's
- Gráfico 5 – Paredes Finas – Total dos fragmentos/NMI
- Gráfico 5.1. – Paredes Finas – Fragmentos classificados e indeterminados
- Gráfico 5.2. – Paredes Finas – Proveniências
- Gráfico 5.3. – Paredes Finas – Tipologias
- Gráfico 5.4. – Paredes Finas – Fabricos

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- Gráfico 5.5. – Paredes Finas – Distribuição dos fragmentos por UE's
- Gráfico 6 – Lucernas – Local/regional – Importação
- Gráfico 6.1. – Lucernas – Proveniências
- Gráfico 6.2. – Lucernas – Proveniências
- Gráfico 6.3. – Lucernas – Tipologias
- Gráfico 6.4. – Lucernas – Fabricos
- Gráfico 6.5. – Lucernas – Distribuição por UE's
- Gráfico 7 – Ânforas – N° Fragmentos
- Gráfico 7.1. – Ânforas – NMI
- Gráfico 7.2. – Ânforas – Proveniências
- Gráfico 7.3. – Ânforas – Conteúdos
- Gráfico 7.4. – Ânforas - Fabricos
- Gráfico 7.5. - Ânforas – Distribuição dos fragmentos por UE's
- Gráfico 8 – Cerâmica Comum – Local/regional e Importação
- Gráfico 8.1. – Cerâmica Comum – Total das formas
- Gráfico 8.2. – Cerâmica Comum – Total das categorias das formas
- Gráfico 8.3. – Cerâmica Comum – Total dos Fabricos
- Gráfico 8.4. – Cerâmica Comum – Distribuição dos fragmentos por UE's
- Gráfico 9 – Cerâmica Comum (contextos romanos) – Local/regional e Importação (EEP)
- Gráfico 9.1. – Cerâmica Comum (contextos romanos) – Total dos fragmentos
- Gráfico 9.2. – Cerâmica Comum (contextos romanos) – Total de peças (EEP)
- Gráfico 9.3. – Cerâmica Comum (contextos romanos) – Tipologia formal
- Gráfico 9.4. – Cerâmica de Construção (contextos romanos)
- Gráfico 9.5. – Cerâmica Comum (contextos romanos) – Fabricos por fragmentos
- Gráfico 9.6. – Cerâmica Comum (contextos romanos) – Fabricos (EEP)
- Gráfico 9.7. - Cerâmica Comum (contextos romanos) – Distribuição dos fragmentos por UE's

Anexo III

- Estampa I – *Terra sigillata*

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- Estampa II – Paredes Finas
- Estampa III – Lucernas
- Estampa IV – Ânforas
- Estampa V – Pratos
- Estampa VI – Tigelas
- Estampa VII – Almofarizes
- Estampa VIII – Alguidares
- Estampa IX – Terrinas
- Estampa X – Tachos
- Estampa XI – Painéis
- Estampa XII – Potes
- Estampa XIII – Potinhos
- Estampa XIV – Jarros
- Estampa XV – Bilhas
- Estampa XVI – Talhas
- Estampa XVII – Tampas
- Estampa XVIII – Fundos
- Estampa XIX – Asas
- Estampa XX – Pesos de tear e marcas de jogo
- Estampa XXI – Cerâmica de Construção
- Estampa XXII – Almofarizes da Bética
- Estampa XXIII – Elemento fállico

Anexo IV

- Fichas de Inventário - *Terra sigillata*
- Fichas de Inventário - Paredes Finas
- Fichas de Inventário - Lucernas
- Fichas de Inventário - Ânforas
- Fichas de Inventário - Cerâmica Comum (contextos romanos)

Anexo V

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- Tabela de inventário 1 – *Terra sigillata*
- Tabela de inventário 2 – Paredes Finas
- Tabela de inventário 3 – Lucernas
- Tabela de inventário 4 – Ânforas
- Tabela de inventário 5 – Cerâmica Comum
- Tabela de inventário 6 – Cerâmica Comum (contextos romanos)
- Tabela de inventário 7 – Moedas Romanas
- Tabela 8 – Tabela crono-tipológica
- Tabela 9 – Tabela das intervenções arqueológicas realizadas no Centro Histórico
- Tabela 10 – Categoria morfológica e função das formas de Cerâmica Comum
- Tabela 11 - Variantes das Categorias da Cerâmica Comum

1. Considerações Prévias e definição do objeto de estudo

O presente trabalho centra-se no estudo e análise do conjunto cerâmico de cronologia romana exumado do Paço dos Lobos da Gama, no âmbito de trabalhos de escavação de emergência, entre os anos 2007/2008.

O Paço dos Lobos da Gama é um dos exemplos, dentro da cidade de Évora, onde foi encontrada uma ampla cronologia de ocupação. No entanto, este é apenas um exemplo que se encontra na cidade, visto que esta comporta uma enorme riqueza histórica, no que diz respeito a vestígios urbanos e materiais que testemunham a cidade desde os primórdios da sua existência.

A escolha deste estudo prende-se sobretudo com a escassez de informação com que nos deparamos relativamente ao período romano da cidade de Évora, fundamentais para o entendimento das dinâmicas de povoamento e da sua ocupação neste período cronológico. Quanto à vertente arqueológica, realizaram-se de facto intervenções na cidade, porém, muitos resultados não se encontram publicados ou encontram-se dispersos, não existindo um trabalho que compile todas estas informações.

Assim, tornou-se necessário abordar numa primeira fase deste estudo, através da componente bibliográfica existente e de alguns dos relatórios de escavação, uma panorâmica sintetizada da cidade no período romano. Este é então um dos primeiros objetivos deste trabalho, que está ligado à compreensão da estrutura urbana e da sua evolução no período romano, através do exemplo do Paço dos Lobos da Gama.

Dada a lacuna da escassez de recursos acima assinalados, o estudo da cerâmica, surge como um dos mais importantes indícios para definir cronologias de um sítio, dado que é um dos vestígios arqueológicos mais abundantes e é igualmente importante para a descoberta de informações sobre a cidade.

Desta forma, a presente investigação tem por base dar a conhecer o exemplo do Paço dos Lobos da Gama, através do estudo do conjunto cerâmico de época romana exumado do local. Sendo que este conjunto conta com uma grande diversidade formal e tipológica, oferecendo dados relevantes para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*.

Assim outros objetivos que se pretendem cumprir estão ligados à compreensão da tecnologia cerâmica, caracterizando-a do ponto de vista formal, abordando a

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

utilização que os objetos comportaram durante o período do seu uso, assim como compreender o seu contexto social e económico que lhe está subentendido.

A cerâmica, enquanto vestígio arqueológico, possibilita reconstituir parte do que foram atos do quotidiano no passado, de hábitos económico-sociais e de contactos com populações exteriores. Assim, é possível também compreender aspetos ligados aos intercâmbios que existiram com outros locais, quais os tipos de produções que se levaram a cabo na cidade e até mesmo os seus hábitos alimentares.

Porém, dado que nenhum do espólio encontrado na cidade se encontra estudado referente a este período, foi realizada apenas uma síntese do que foi encontrado nas diversas escavações, daí que não foi possível confirmar paralelos dentro da cidade. Assim, o enquadramento deste conjunto foi comparado com conjuntos de cerâmica romana encontrada noutras áreas do território português.

É neste sentido que este trabalho contribui como um ponto de partida para compreender a realidade histórico-arqueológica da cidade de Évora, de modo a definir alguns pontos no que toca à sua panorâmica no período romano.

2. História da investigação e as suas problemáticas

O estudo e conhecimento das cidades antigas constituem um vetor fundamental do processo de desenvolvimento de uma cidade atual. Nos dias de hoje reconhece-se que a arqueologia desempenha um papel fundamental neste processo, uma vez que as intervenções arqueológicas contribuem para articular o passado e o presente das cidades. Desde o século XVIII que a arqueologia urbana tem sido empregue em cidades com uma enorme herança arqueológica, porém apenas nas últimas décadas se tem vindo a destacar a questão da valorização do património arqueológico neste meio. A arqueologia urbana toma ainda um papel imprescindível no que toca a questões complementares à documentação escrita, debruçando-se sobre vestígios que resultam da vida quotidiana ou de espaços edificados que não ficaram de alguma forma registados (Madeira, 2011:3).

No entanto, detém várias problemáticas que advêm da complexidade estratigráfica dos subsolos das cidades históricas, em que os níveis de ocupação sucessivos sobrepõem-se e cortam-se entre si, formando uma realidade bastante

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

complexa. Para além disso, existe de facto uma falha no que toca à estratégia integrada de gestão das intervenções arqueológicas, pois grande parte das intervenções realizadas são de emergência e de forma isolada, acrescentando pouco ao conhecimento da malha urbana antiga, facto que leva a um impedimento para o desenvolvimento de estudos sobre as cidades.

No caso da realidade arqueológica de cariz urbano de Évora, esta cidade constitui um terreno privilegiado para uma leitura conjugada, pois apresenta informações de origem diversa que podem ser entrelaçadas entre si, como fontes literárias, dados epigráficos e arqueológicos.

Em termos historiográficos, desde tempos remotos que Évora tem sido alvo de interesse por eruditos que lhe fazem referência enquanto uma cidade histórica bastante rica e conhecida por abarcar estruturas monumentais de período romano que ressaltam à vista. Contudo, os estudos mais recentes foram sempre utilizando informações antigas, acrescentando pouco à informação já existente.

A partir do século XVI notou-se de facto um grande interesse sobre Évora com André de Resende, que desde cedo se interessou pela antiguidade do território português em geral e em particular pela sua cidade. “*Foi Resende na averiguação das cousas antigas primeiro sem segundo atégora: assi como foi tambem o primeiro que em Portugal abrio as fontes da Antiguidade*” (Estaço, 1625:288).

Este humanista recorreu preferencialmente a textos de autores clássicos para escrever as suas obras e para além disso nas suas fontes surgem também dados epigráficos e observações diretas de vestígios encontrados em Évora. André de Resende recolheu uma considerável coleção de epígrafes romanas que guardava em sua casa e identificou uma lápide romana, a qual derivou da *villa* romana da Tourega, em Valverde. Desde cedo compilou informações baseadas na herança que nos foi deixada pelos romanos, tanto ao nível historiográfico como ao nível da “arqueologia”.

Este humanista destacou-se nesta época enquanto “arqueólogo” e perito em antiguidades. Já em tempos tão remotos, despertou interesse pela cidade, a qual se associou a uma reforma urbana que foi realizada no momento em que a cidade acolheu a corte portuguesa, D. João III (1521-57) (Abreu, 2016:226). Esta reforma consistia principalmente na reconstrução dos monumentos que faziam parte da herança romana e que subsistiram ao longo de tantos anos. Numa das suas obras, *Historia da Antiguidade*

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

da Cidade de Évora, (1553) Resende mostra o seu interesse pelas antiguidades nacionais, assim como também elaborou o primeiro rol dos achados arqueológicos revelando o esplendor romano da cidade.

A sua vasta historiografia acabou por contribuir para o nascimento de mitos e lendas que ainda hoje se projetam no imaginário local, porém e apesar de não apresentar espírito científico, aspeto que está ligado à época em contexto, Resende não alterou a metodologia científica, apenas alterou a interpretação dos dados, visto que era neles que sustentava a sua informação.

No século XVIII destacou-se Frei Manuel do Cenáculo, antigo Arcebispo de Évora, o qual se dedicava em registar e colecionar antiguidades da cidade de Évora e fundou o primeiro museu dedicando especial atenção aos vestígios epigráficos e numismáticos (Sarantopoulos, 2004:17). Na sua opinião, os vestígios eram considerados uma prova de antiguidade da presença humana por povos antigos, no território alentejano (Morais, 2011:21). “*O erudito e benemérito Arcebispo de Evora, D. Frei Manuel do Cenaculo Villa Boas, que foi o fundador da riquíssima biblioteca de Evora, legou uma importante collecção epigráfica, que constitue hoje com outros objectos, posteriormente recolhidos, o Museu Cenaculo, e igualmente deixou, com a biblioteca, grande numero de preciosidades archeologicas que muito trabalho e despesas reunira na sua residência*” (Manoel, 1895:62).

Na revista *Arqueólogo Português*, Manoel da Camara, refere que até Possidónio Narciso da Silva, não se falava em arqueologia e pouca atenção se dava aos monumentos ou objetos que apareciam nas localidades. No século XVIII, Possidónio já se preocupava em divulgar a ocorrência de atos de “vandalismo”, por parte de populações locais, em património arqueológico (Martins, 1999:213).

Foi então mais tarde que Cunha Rivara e Augusto Filipe Simões, ambos médicos, professores do Liceu e bibliotecários em Évora, continuaram a obra de Frei Manuel do Cenáculo, fazendo investigações arqueológicas e dando noticias dos resultados encontrados. Évora, “*cidade antiga, cheia de edificios notaveis, de obras monumentais, aonde a cada passo se encontra uma antigualha, e aonde a cada sitio está ligada uma lenda ou annexo um facto histórico; que é um verdadeiro deposito de antiguidades, e possui um museu importante, cousa alguma se fazia, depois do*

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

falecimento do mallogrado Dr. Augusto Filipe Simões, em defesa e conservação das suas preciosidades archeologicas”(Manoel, 1895:61).

Destacam-se assim os trabalhos oitocentistas de Cunha Rivara, Augusto Filipe Simões e Joaquim Possidónio da Silva, investigadores da época que estudaram a arqueologia eborense, tendo demonstrado interesse pelas paisagens arqueológicas de Évora e aos grandes achados de época romana.

Nos finais do século XIX, o autor José Leite de Vasconcelos, humanista e intelectual, foi proclamado por muitos como o “pai da arqueologia”, o qual fundou o Museu Etnográfico em 1893 e entre 1889 e 1895, a *Revista Lusitana e o Archeologo Portugues*. Desencadeou estudos arqueológicos em Portugal e levou a cabo investigação em território eborense, publicando artigos como “Portugal pré-histórico” e “Excursões arqueológicas”, onde fez referência ao património arqueológico concelhio.

“Não faltam, de certo, na nossa provincia, exemplares curiosos de arqueologia. Em qualquer reconstrução de velhos edificios, ou qualquer escavação em o nosso solo, aparecem com frequência preciosos exemplares que teriam considerável valor para o estudo da arqueologia, se, em vez de convenientemente guardados em um museu especial, acessível aos estudiosos, não ficassem, na maioria dos casos, reconditamente occultados; ou abandonados á acção destruidora do tempo (...)” (Vasconcellos, 1895:284).

A partir do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, notou-se uma preocupação e um desenvolvimento significativo dos estudos regionais e da história local, resultando em várias monografias. Assim, cada cidade detinha os seus próprios historiadores e baseavam os seus trabalhos na pesquisa detalhada em arquivos locais, de forma a compilar a história das suas vilas e cidades (Teixeira, 1993:371).

Foi assim que no século XIX, com o desenvolvimento da história das cidades, que se destaca o eborense Gabriel Pereira, reputado paleógrafo, permitindo-lhe leituras históricas inéditas para a região de Évora. Da vasta bibliografia que publicou percorreu temáticas históricas, arqueológicas, artísticas e etnográficas, como o seu trabalho sobre *Estudos Eborenses* (1947).

“Fallecido Filipe Simões parecia, a não serem os escriptos de Gabriel Pereira, que o movimento iniciado por Cenaculo tinha cessado, que pessoa alguma continuaria a enriquecer o Museu Cenaculo com novas aquisições ou trataria de propagar os

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

conhecimentos archeologicos, criando defensores e conservadores do muito que ainda possuímos em matéria de Arte, deixados pelos nossos antepassados” (Manoel, 1895:62).

No século XX, Túlio Espanca, historiador eborense, teve um papel importante no levantamento e identificação do património artístico e edificado, trabalho este que executou de forma exemplar e que deu a conhecer no seu *Inventário Artístico de Portugal, concelho de Évora*, em 1966, onde inventariou e analisou os imóveis da cidade.

Contudo o cenário atual não difere muito, e tal como já foi referido os trabalhos mais recentes continuam a não colmatar a lacuna que existe. Neste sentido, ao que se refere a estudos mais recentes, destaca-se o trabalho de Gustavo Val-Flores (2005) acerca da evolução urbana do centro histórico de Évora, entre os séculos I-IV d.C., abordando igualmente algumas das intervenções que foram realizadas na cidade.

Outro trabalho relevante é o de Francisco Bilou (2010), sobre a refundação do Aqueduto da Água de Prata, o qual trata igualmente os vestígios arqueológicos do aqueduto romano, resgatados por André de Resende ao passado clássico da cidade.

Para além destes, encontram-se outros trabalhos, principalmente artigos, referentes a Évora enquanto cidade romana, é o caso dos trabalhos de António Marques de Faria (2001, 2006), o qual aborda a questão ligada à atribuição dos estatutos jurídico-administrativos de três cidades, sendo Évora uma delas; também trabalhos de Manuel Patrocínio (2007) abordando questões relacionadas com a fundação da cidade romana, determinando o seu perfil urbano; o artigo de Maria Domingos Simplício (2003), referindo as etapas da evolução da cidade até ao século XVI. Assim como o trabalho de Adriaan DeMan (2008) referente às defesas urbanas tardias da Lusitânia e de Vasco Mantas que deu o seu contributo para o estudo do urbanismo de Évora (1986).

Ao nível arqueológico, o panorama carece igualmente de estudos e de síntese, que interliguem a realidade arqueológica com a evolução urbana da cidade com a relação de períodos posteriores. No entanto, também no século XX surgiu uma nova geração de investigadores que contribuíram com estudos referentes ao período romano em Évora, através da arqueologia de carácter científico.

De uma forma geral, analisando a base de dados *Endovélico* em uniformidade com a pesquisa de relatórios de escavação e a consulta da base de dados cedida pela

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

CME, verifica-se que nos últimos 30 anos foram realizadas na cidade de Évora pelo menos 134 intervenções arqueológicas, sendo que, em 28 encontram-se vestígios de cronologia romana (Anexo I – Planta 3; Anexo I – Fig. 1; Anexo V – Tabela 9).

Os trabalhos têm sido realizados na cidade, quer no âmbito de projetos de investigação, quer intervenções de emergência, sendo estas últimas em maior número. Porém, estas intervenções de emergência foram realizadas de forma isolada, não sendo integradas em nenhum plano e assim pouca utilidade tiveram na gestão e planeamento das intervenções efetuadas no centro histórico, uma vez que os resultados científicos são negligenciados e raramente publicados o que dificulta mais uma vez o desenvolvimento da investigação. Tal acontecimento entra completamente em desacordo com aquilo que deveria ser a realidade arqueológica da cidade, pois *“Os elementos arqueológicos [...] apenas têm significado, se integrados, através de uma visão diacrónica e espacial, em conjuntos, capazes de conduzir à interpretação”* (Maia, 1987:7).

A ausência de uma Carta Arqueológica vai igualmente ao encontro desta problemática, apesar de ter sido iniciada e de a CME ter criado uma base de dados fazendo referência ao património arqueológico concelhio, no entanto, esta realidade ainda se encontra muito mal conhecida.

É neste sentido que foi realizada uma tabela (Anexo V – Tabela 9), que mostra algumas das escavações arqueológicas que foram realizadas na cidade com vestígios de cronologia romana, assim como em termos muito gerais qual o espólio retirado de cada uma delas.

Assim, nesta tabela verifica-se que, nos anos 80 foram realizadas intervenções arqueológicas na Casa de Burgos, que colocou a descoberto um conjunto diversificado de estruturas de fundação romana, onde foram encontrados vestígios de habitação, materializados em espólios do quotidiano, datados dos séculos I-III d.C. (Parreira, Gonçalves, 1989).

Entre os anos 80 e os anos 90 foram igualmente realizados trabalhos de carácter científico do Instituto Arqueológico Alemão, sob a direção de Theodor Haushild, (1995-1996), o qual publicou, juntamente com Felix Teichner, os resultados das campanhas de escavação ocorridas no templo romano, lançando informações sobre o quotidiano na zona central da cidade (Anexo I – Planta 4).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Também as escavações levadas a cabo entre as décadas de 80 e 90 por Panagiotis Sarantopoulos e Virgílio Correia, aos quais se devem as primeiras notícias da identificação das termas romanas situadas no edifício dos Paços do Concelho, colocando descoberto o *laconicum*, o *praeformium* e a *natatio*, com material romano associado.

Ainda nos anos 90 foram realizados trabalhos de carácter científico no Museu de Évora, onde foram encontradas diversas zonas de pavimento de argamassa ou *opus*, que serviam de base ao pavimento de lajes de mármore da praça romana (fórum); assim como um canal de águas, com materiais associados, alguns deles datados do século I d.C.

Nos últimos 10 anos, foram então realizados vários trabalhos de intervenção de emergência, destacando-se locais com presença de vestígios estruturais, com sistemas de canalizações e materiais associados; assim como a necrópole romana localizada na atual Escola Gabriel Pereira, sendo que os trabalhos ainda não foram divulgados, nem existem ainda estudos referentes ao sítio; e mais recentemente uma escavação (2016), esta de carácter científico, onde foram encontrados vestígios pertencentes aos alicerces do aqueduto romano da cidade.

No que toca à realidade material exumada das intervenções arqueológicas da cidade, apesar da sua enorme quantidade, o seu conhecimento é diminuto. Esta problemática atravessa todos os períodos cronológicos, porém, no período romano agrava-se bastante. Existe uma ausência ao que se refere a trabalhos relacionados com a realidade material referente ao período romano, as quais seriam de extrema importância, visto que existem de facto escassas fontes literárias.

Por outro lado, notou-se uma evolução diferente no que toca a estudos relacionados com a realidade material cerâmica noutras zonas do território português, nomeadamente vários trabalhos, dissertações de mestrado e de doutoramento, assim como artigos e monografias. É neste sentido que é necessário apoiar este trabalho nestas outras realidades.

Assim, este trabalho visa iniciar o colmatar de uma lacuna com que nos deparamos nesta cidade, contribuindo de alguma forma para dar início ao conhecimento de uma realidade que continua por ser descoberta.

3. Enquadramento Geográfico da cidade de Évora

A paisagem sofre mutações ao longo dos anos e acompanha a evolução humana, logo a história atual da paisagem de Évora não pode ser lida de uma forma linear. Tal como refere Val-Flores “*as paisagens mudam, certamente, persistindo as marcas que o tempo tem dificuldade em alterar: a geologia, a orografia e a climatologia. (...) O montado alentejano deve-se, em grande parte, à desflorestação praticada pelos muçulmanos, e várias alterações de relevo atribuem-se à exploração mineira dos romanos*” (Val-Flores, 2005:49).

Atualmente, a cidade de Évora, do ponto de vista geográfico e administrativo, faz parte da região designada como Alentejo Central (Anexo I – Mapa 1 e 2)², encontra-se implantada numa área em que ao nível paisagístico, a peneplanície é a forma de relevo dominante. No espaço circundante a Évora a altimetria cinge-se a valores entre os 250 e os 310 metros, correspondendo ao morro da cidade – Alto de S. Bento. Em relação às maiores altitudes que medeiam a cidade e que têm o papel de fronteiras naturais face a Évora, são a Serra de Ossa a nordeste, a Serra do Monfurado a oeste, e a serra de Portel-Mendro a sudeste. Este enquadramento físico facilita a análise do papel da *civitate* como entidade organizadora do espaço.

A cidade encontra-se estrategicamente bem localizada, já que se situa implantada num ponto alto de separação de três bacias hidrográficas, as do Tejo (afluído pelo Divor), do Guadiana (afluído pelo Degebe) e do Sado (afluído pelo Xarrama, rio que cruza a cidade) e no cruzamento de várias estradas militares (Simplício, 2003:365).

Em termos geológicos e segundo a representação na Carta Geológica de Portugal, nº 40 – A Évora (Anexo I – Mapa 3), a paisagem envolvente de Évora corresponde a uma superfície de Maciço Antigo modelada sobre granito e gnaisse, ligeira a moderadamente dissecada e de morfologia relativamente heterogénea (Mascarenhas, Barata, 1997:61). O centro histórico localiza-se na unidade morfo-estrutural da Península Ibérica denominada Maciço Hespérico, sendo que os terrenos mais antigos datam do Proterozóico Superior e são constituídos por migmatitos e gnaisses granitoides.

² Atualmente é o maior concelho em termos de área, o qual possui 19 freguesias, divididas entre freguesias urbanas e rurais. Carta Militar de Portugal (folha nº460) à escala 1:25 000.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Este conjunto de aspetos tornou possível o desenvolvimento de uma civilização megalítica e a construção de grande parte dos edifícios romanos, ou seja, existe de facto granito adequado para construções, como é exemplificado através da sua presença na estrutura do templo romano. Durante o período imperial e tardo-antigo, eram fornecidas grandes quantidades de mármore de Vila Viçosa para Évora, tornando este território igualmente propício para a instalação dos primeiros romanos.

Apesar de situada numa região do interior e conhecida pela escassez de recursos aquíferos, a verdade é que a cidade desenvolveu atividades agrícolas e agro-pastoris, as quais desde sempre existiram neste local, sendo possível através da existência de lençóis de água (Mascarenhas; Barata, 1997:64).

Quanto aos solos, este enquanto suporte de atividade agrícola, detêm uma influência decisiva na expansão e desenvolvimento de qualquer aglomerado urbano. A predominância na região é de terrenos que oscilam entre média e baixa fertilidade (tipos C e E), no entanto, ocorrem manchas onde o solo apresenta uma relação direta com as faixas fluviais constituindo-se com uma elevada fertilidade (tipo A). Durante o domínio romano, regra geral, as cidades eram rodeadas de um termo, que auto-sustentava a vivência cidadina, assegurando o abastecimento diário de produtos de consumo frequente. Em Évora, parece ter existido um considerável desenvolvimento do regime latifundiário durante este período. O *ager* funcionou como simbiose do aglomerado urbano, estruturando a sua própria expansão (Val-Flores, 2005). A paisagem natural salienta ainda o montado de sobre e o azinho que se desenvolve em manchas regulares em quase todo o território. Em termos gerais, a região agrupa condições razoáveis para um tipo de cultura de natureza mediterrânica (cereais, oliveira e vinha) (Val-Flores, 2005:30).

É em torno desta cidade antiga que se pode observar uma paisagem que contém numerosos traços e vestígios da intervenção do homem no território. A modelação da paisagem eborense ter-se-á iniciado com o povo romano, o qual escolheu o sítio de implantação da urbe. Esta escolha prendeu-se sobretudo ao facto de se tratar de um local estratégico com domínio visual sobre a vasta planície que o circunda, propício à defesa e proteção de bens e pessoas (Ribeiro, 1986:54).

Para além disso, *Ebora* tornou-se ainda uma importante zona de encruzilhada viária, fator que permitia uma expansão sedimentada em sucessivo intercâmbio cultural

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

(Bilou, 2005:17). A cidade era o principal ponto de passagem da rede viária do centro meridional da Lusitânia, em especial no período romano. Os romanos defenderam um lugar por onde passava a via de *Salacia* (Alcácer do Sal, porto fluvial acessível a navios marítimos), a *Emerita* (Mérida), capital da Lusitânia, que a leste entroncava na de *Olisipo* (Lisboa), a *Pax Iulia* e *Scallabis*. A cidade destacou-se então como um local de encontro e cruzamento de civilizações. Assim, a rede de comunicações permitiu à antiga cidade manter contactos diretos com as principais *civitates* do território, assumindo-se em paralelo como zona de ligação entre povos e culturas (Bilou, 2005:25).

4. *Ebora Liberalitas Iulia* – a cidade romana e as intervenções arqueológicas na *urbs*

“Entre o século VI a.C. e os inícios do século III a.C. o território português servia de assentamento a uma diversidade de povos, sendo que a Península Ibérica pré-romana apresentava um vasto mosaico étnico-cultural” (Val-Flores, 2005:61), sendo que a região circunscrita ao Alentejo Central seria dominada pelo povo céltico.

O início da influência romana em território português iniciou-se a partir de 218 a.C. e tal como refere Alarcão, o Alentejo já estaria ocupado pelas tropas romanas entre 184 a.C. e 179 a.C. (Alarcão, 1997:14). Já José Carlos Caetano aponta uma data de 138/7 a.C. como o momento em que se estendeu um efetivo domínio romano na região a sul do Tejo, sendo este o arco temporal que se pode considerar quando se refere à ocupação da região onde se localiza atualmente Évora (Val-Flores, 2005:73).

Desde há muito tempo que é do interesse de diversos investigadores a clarificação quanto às origens da cidade de Évora, porém ainda não foi possível uma opinião consensual no que se refere à época da fundação da cidade.

Ebora é um nome de raiz céltica, o qual sugeriu um passado pré-romano (Reis, 2014:216). No entanto, apesar do topónimo constituir uma referência indígena, não se encontrou até ao presente através de sucessivas intervenções arqueológicas na cidade uma comprovação da existência desse aglomerado anterior, o que sugere que *Ebora* poderá ser uma cidade de fundação romana.

Segundo Francisco da Fonseca (1728), na compilação da obra *Évora Gloriosa*, refere que *“Sobre o ano de Fundação de Eu(v)ora, não se acha noticia nos Escriitores;*

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

e he o mayor argumento da sua antiguidade a ignorância desta noticia. Poderá saberse o nascimento das Cidades modernas, mas das antigas, nunca se souberaõ as infancias, nem se conheceraõ as meninices.” (Fonseca, 1728:4).

Também Alarcão enuncia ainda que nada se sabe sobre as primitivas ocupações na cidade de Évora, e que apesar de vários povos terem ocupado o espaço físico em que se ergue a cidade “*nada se conhece da cidade proto-histórica*” (Alarcão, 1995:72). Ângela Beirante refere que o momento da ocupação dos romanos foi de facto “*um marco decisivo no destino da cidade*” e que é com os romanos que a vida urbana se impõe (Beirante, 1988:12).

São vários os fatores tradicionais a ter em conta no que toca à razão pela qual é escolhido um determinado local para se implantar um aglomerado urbano, tais como questões ligadas com necessidades de defesa; proximidade de recursos de água; capacidade dos terrenos; clima; assim como outras questões ligadas às equidistâncias entre centros urbanos e as respetivas áreas de influência. No entanto, a escolha deste local para se implantar a cidade poderá ter sido igualmente ponderada por outros princípios, que por exemplo em época republicana fariam todo o sentido no que toca à estratégia de ocupação e domínio da região.

Não se pode pensar nem afirmar que toda a Península Ibérica obedeceu aos mesmos critérios para a implantação de novas cidades, sejam elas novas ou reconstruídas, daí que cada cidade deve ser analisada e estudada de forma individual.

Quando *Ebora* foi efetivamente fundada foi alvo de uma forte “romanização”. “*A cidade ... foi, com efeito, um dos mais importantes contributos da romanização*” (Mantas, 1987:15). Estrategicamente localizada, a cidade foi-se então adaptando ao longo dos séculos à existência de um ponto central, mais elevado, a qual foi uma forte condicionante da evolução da cidade clássica.

Acerca da municipalização de *Ebora* ainda hoje é um tema muito debatido e existem algumas considerações tecidas acerca do *oppidum* romano. A sua denominação latina, *Liberalitas Iulia*, leva a algumas controvérsias no que toca a uma associação imediata ao nome de Júlio César. Vários autores concluem que o projeto administrativo poderá ter pertencido a Júlio César, porém só foi concretizado por Octaviano Augusto, fundador do Império (Val-Flores, 2005:83).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

António Marques Faria avança com a hipótese de que foi concedido o *lati veteris* à cidade entre 31 e 27 a.C., com conseqüente elevação a *municipium* em 12 a.C. (Faria, 2001:355). As razões que apontam para tal, prendem-se com a existência de moedas cunhadas com propósito de homenagear a elevação de Augusto a *pontifex maximus*, cujo reverso parece refletir a paralela atribuição do estatuto municipal ao *oppidum* (Val-Flores, 2005:84).

Quanto ao entendimento do urbanismo da cidade, faltam de facto muitos dados fundamentais para o seu conhecimento. No final do século I d.C. a rede urbana criada pelos romanos atingia a sua forma quase definitiva, a qual foi eficazmente adaptada às condições locais (Mantas, 1986:26). A existência de “vestígios” arquitetónicos, como aqueles que até hoje se conhecem, são então prova de que o urbanismo foi realmente pensado e aplicado no terreno, segundo os pressupostos do pensamento romano.

É sabido que os romanos tinham uma forma de organização das cidades muito peculiar, é neste sentido que em *Ebora*, foi efetivamente criada uma realidade verdadeiramente urbana, o qual caracterizou igualmente muitas das cidades romanas do Império (Roux, 2015:61). Segundo alguns autores, pensa-se que já enquanto *municipium*, a cidade terá tido um urbanismo regular, perfeitamente ortogonal, segundo a organização urbanística de qualquer urbe do Império que assume as orientações de Vitruvius. No seu *Tratado De Architectura* indica que as cidades romanas deveriam continuar a ocupar lugares altos e que a fundação das fortificações era um elemento necessário tanto para defesa como para a imponência da urbe (Patrocínio apud Vitruvius, I, V, 2007:121). O conceito da sua cidade ideal detinha uma estrutura ortogonal com vias em curva ou quebradas, tratava-se portanto de uma inovação revolucionária para o espírito funcionalista dos romanos que tinham uma conceção muito tradicional de implantação e do papel dos edifícios públicos em volta do Fórum.

A arqueologia urbana tem provado que existem sobreposições exatas de arruamentos entre a cidade clássica e a atual, sendo que o caso de Évora poderá não ser exceção, dado que quando se sobrepõe o tecido urbano atual ao da cidade imperial, encontram-se alinhamentos que reproduzem a mesma orientação que a praça do fórum. Através da definição do sistema de arruamentos é possível estabelecer uma plataforma de ocupação e desenhar os módulos das *insulae* urbanas (Anexo I – Planta 2). Panagiotis Sarantopoulos e Vasco Mantas, propuseram uma métrica de módulos de

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

quarteirões que poderiam oscilar entre as medidas 35x60, 40x80 ou 35x75. (Val-Flores, 2005:269).

Outros aspetos fundamentais necessários a ter em conta, os quais fazem parte das características de uma cidade romana são: “*dois eixos maiores, um orientado de Leste em Oeste, o decumanus [que tinha a função principal], de largura variável, (...) o outro, perpendicular, ao primeiro, orientado do norte para o sul, chamado cardo [função secundária], (...). As vias menores (...) eram paralelas a estes dois eixos e delimitavam ilhéus (insulae) (...), quadrados ou retangulares*” (Delfante, 2000:232).

Segundo Vasco Mantas, o *cardus maximus* encontra-se definido pelo eixo do templo e pode acompanhar-se num tramo da Rua das Fontes até às portas de Avis e no alinhamento de um estreito arruamento entre a Rua das Fontes e a Rua do Mestre de Resende. Contudo, são necessários dados arqueológicos para comprovar efetivamente se estas ruas atuais mantiveram o mesmo alinhamento (Mantas, 1986:19) (Anexo I – Fig. 3).

Quanto ao *decumanus* da cidade, Ribeiro (1986) refere que o mesmo passaria pela Rua 5 de Outubro, porém segundo o Relatório de Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico da Praça do Sertório (2003) - “*No pequeno “largo” criado pelo alargamento da Rua Vasco da Gama em frente à Fundação Eugénio de Almeida, foi encontrado um troço de calçada de características romanas, com uma largura significativa, cuja orientação, paralela ao Edifício do Instituto de Estudos Teológicos, encaixava perfeitamente com o ortogonalismo da antiga cidade romana. Encontrava-se a uma profundidade de 70cm em relação à rua atual (...)*”, cujo eixo conduz ao largo fronteiro ao templo (Correia; Panagiotis, 2003:10). Concluídos os trabalhos, constatou-se que a via construída com grandes lajes de granito, apresentava cerca de 5,70m (cerca de 19 pés romanos), e era uma via porticada, isto é, ladeada de colunas ao longo dos seus flancos (Correia; Panagiotis, 2003). E para além disso, presume-se que o eixo seria provavelmente proveniente da Praça do Sertório, indo desembocar no Fórum, e que o eixo *cardo* sairia da Porta de D. Isabel indo ao encontro do *decumanus*, havendo portanto o cruzamento entre estas duas vias.

Posto isto, e segundo a planta que apresenta a localização do Paço dos Lobos da Gama e a suposta localização do principal eixo – *Decumanus* – fazendo o seu

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

prolongamento, existe a suposição de que esta poderia passar, em época romana, perto do local em estudo (Anexo I – Planta 5 e 6).

O limite da cidade em época imperial é desconhecido, contudo, a Rua da Mouraria (entre a Rua do Cano e a Rua das Fontes), mantem um alinhamento perfeito com o eixo do Fórum, das termas e do *decumanus* (Reis, 2014:224) (Anexo I – Fig. 4).

A atual Rua João de Deus delimita a ocidente a cidade romana, prosseguindo o limite pela praça do Giraldo, continuando pela Rua da República até curvar em direção ao Largo das Portas de Moura (Ballesteros, 2007:157) (Anexo I – Fig. 5). Na Praça do Giraldo as escavações mais recentes detetaram escassos vestígios arqueológicos da cidade romana, os quais remetem na sua maioria para o período islâmico/medieval e moderno. E a Rua Miguel Bombarda marcaria aproximadamente o limite sudeste da cidade imperial (Reis, 2014:229) (Anexo I – Fig. 5).

Ainda assim, os dados revelados pelo Paço dos Lobos da Gama revelam de facto uma expansão da cidade romana.

O limite oriental da cidade poderia estar marcado pelo atual Largo do Colégio, porém, os achados arqueológicos encontrados são pouco expressivos (Anexo I – Fig. 5).

Nas traseiras da atual Pousada dos Loios e do Palácio dos Duques de Cadaval (Largo Conde de Vila Flor), encontra-se uma curva em semicírculo desenhada pela muralha que leva a uma possível interpretação da implantação de um edifício de espetáculos. Nos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Convento dos Loios para a conversão em Pousada, foi possível identificar uma secção de um muro de grandes dimensões, com paramento que remetia para uma cronologia romana; também foi recolhida uma estátua de um sátiro (ME 1721), provavelmente do século I d.C., interpretado como um elemento decorativo pertencente a uma *domus*, porém, também surgiram outras interpretações ligadas ao facto de a estátua poder pertencer a um possível teatro romano (Caetano, 2005:81).

Perto desta zona, na Fundação Eugénio de Almeida (Centro de Conferências Vasco Vilalva), foi identificado, em dois acompanhamentos arqueológicos realizados em 2001 e 2003, um conjunto estrutural do período romano, correspondendo a um espaço de utilização “não-doméstico”, eventualmente relacionado com um sistema de canalização. Em termos de espólio foi exumada cerâmica fina de importação, nomeadamente, *terra sigillata* sudgálica, hispânica, itálica e africana (Braga, 2001:168).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

No que toca à zona do fórum de *Ebora*, restou até aos nossos dias o Templo Romano, o qual se destaca sobre a zona mais alta da encosta, um dos mais bem preservados templos romanos da Península Ibérica. Na área envolvente ao templo localizavam-se os espaços administrativos e os lugares de decisão, construído segundo o modelo de fórum tripartido, com uma grande proximidade tipológica ao fórum de Mérida.

As escavações dirigidas por Theodor Hauschild em 1987, no Templo, permitiram caracterizar com alguma precisão a arquitetura do templo e a praça do fórum (Hauschild; Sarantopoulos, 1995-1996). A cronologia do templo é baseada na caracterização do estilo dos capitéis em mármore (século I d.C.), datação que os trabalhos de escavação vieram apurar. No lado noroeste do Museu, no interior da cave, foi encontrado outro vestígio que poderá comprovar a caracterização do fórum, nomeadamente um pavimento em tijoleira que poderá ser interpretado como um vestígio de uma *taberna*, as quais na altura ladeavam o fórum (Simão, Brazuna, 2010:77).

As escavações no interior do Museu possibilitaram ter uma noção da dimensão do fórum, e foi possível igualmente identificar uma canalização de escoamento, aparentemente associada a um possível pavimento da praça do fórum, tendo ligação provavelmente com a existência do espelho de água em “U” construído ao redor do templo (Hauschild; Sarantopoulos, 1995/1996). As escavações no Museu permitiram ainda especular sobre a existência de um grande edifício interpretado como uma possível Basílica, sendo que a praça do fórum era mais ampla do que o largo atual, continuando sob o Museu até à zona da Sé Catedral (Hauschild, 2010:33).

As intervenções arqueológicas realizadas no Jardim Diana, em 2006 tiveram como objetivo a avaliação do potencial histórico do espaço, onde foi identificado um murete de cronologia romana, aparentemente ligado às estruturas que terão composto o desaparecido fórum. Foi igualmente detetado um muro alinhado com a muralha visível do Jardim Diana, o qual poderia até mesmo pertencer à Cerca Velha de *Evora* (Dias, 2007:173). Em termos de espólio foram encontrados fragmentos de *terra sigillata*.³

Em relação às termas, situadas na atual Câmara Municipal, os trabalhos arqueológicos realizados por Virgílio Correia em 1987, permitiram destacar a grande

³ Informação retirada do Portal do Arqueólogo.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

sala circular do *laconicum*, assim como a presença de uma grande piscina exterior (Hauschild; Sarantopoulos, 1995/1996). Esta estrutura encontra-se datada de meados do século I d.C., altura em que a cidade foi objeto de reformar urbanas, com a construção de novos equipamentos públicos e uma monumentalização dos espaços relacionados com o poder. Destes trabalhos foram recolhidos fragmentos de *terra sigillata*, lucernas, ânforas, cerâmica comum, cerâmica de construção, mármore e estuque⁴. Segundo Reis (2014), “*deve-se considerar que o funcionamento deste equipamento exigia, pela sua dimensão monumental, um elevado caudal de água que apenas um aqueduto poderia garantir*” (Reis, 2014:231). É neste sentido que em 2016 foram de facto realizadas escavações recentes que levaram à comprovação da existência de um aqueduto romano (Anexo I – Fig. 2).

No que toca a vestígios ligados a arquiteturas privadas, são escassas as informações relativamente a este assunto. Porém a partir do acompanhamento arqueológico de 2005, com o objetivo de salvaguardar bens patrimoniais e minimização de impactes sobre eventuais vestígios arqueológicos, foram identificados alguns indícios de que podem revelar a existência de uma *domus*, fora da Cerca Velha, entre a Rua do Menino Jesus e o Largo Luís de Camões (Arez, 2005). Foram identificadas diversas estruturas em alvenaria de granito e *opus* que parecem corresponder de facto a uma área habitacional de época romana, foram ainda encontrados fragmentos de cerâmica comum e cerâmica de construção⁵.

A mais conhecida é sem dúvida a Casa de Burgos, a qual foi escavada e musealizada, datada de uma cronologia de meados do século I d.C., de onde são conhecidos alguns frescos; foi igualmente recolhida uma canalização de chumbo com a designação de “*Lib(eralitas) IVL(ia)*”, o que confirma o nome da cidade (Encarnação, 2006/2007:6). Este aspeto é igualmente outro fator que levava à especulação acerca do aqueduto, sendo que este tipo de rede de distribuição só existia quando a cidade contava com meios de abastecimento desta envergadura, ideia que se veio a desmistificar, tal como já foi referido. Em termos de materiais arqueológicos exumados da escavação,

⁴ Informação retirada do Portal do Arqueólogo.

⁵ Informação retirada do Portal do Arqueólogo.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

destacam-se cerâmica comum, cerâmica de engobe pompeiano, *terra sigillata* do tipo itálico, fragmentos de lucernas e ânforas.⁶

Neste sentido pode-se abordar o tema relacionado com a muralha tardo-romana que envolveu a cidade provavelmente no século III-IV d.C. Esta muralha, na sua origem, deverá ser entendida como pertencente ao baixo-império, facto constatável pela sobreposição a casas romanas mais antigas, como é o caso da *domus* de Burgos, encontrando-se vestígios no seu interior (De Man, 2008:295).

O aparelho construtivo em *opus quadratum* foi descrito por García y Bellido (García y Bellido, 1971:91), apresenta uma forma de pentágono irregular reforçada por 12 torres, que foram sendo reconstruídas até ao século XIV, delimitando uma área de cerca de 10ha, mantendo-se ainda hoje partes do seu traçado, embora tenha numerosas modificações de épocas posteriores (Ballesteros; Gonçalves, 2007:158). A entrada no recinto amuralhado fazia-se por portas em arco, encontrando-se ainda hoje uma conservada, o Arco de D. Isabel (Reis, 2014:22).

Relativamente a vestígios referentes à muralha tardo-romana, a cidade atual ainda conserva no seu interior alguns vestígios do seu traçado, tal como acontece noutras cidades lusitanas como *Conimbriga* ou Egitânia. Atualmente não restam dúvidas acerca da cronologia tardia desta cerca, e os estudos mais recentes referentes à mesma revelam que o seu contorno poderá ter permanecido mais ou menos idêntico até ao século X (Bellido, 1971:86). Esta confirmação advém do facto de que a cerca sacrificou algumas das *insulae* da cidade romana, como foi o exemplo da *domus* de Burgos, como já foi referido anteriormente, foram de facto destruídas partes consideráveis da estrutura urbana dos séculos I-II d.C.

Após a construção da muralha foi sentido um abandono da zona exterior da mesma, fixando-se toda a população na zona intramuros (Anexo I – Planta 1). No entanto, não se tornou regra geral, poderá existir menos vestígios tardios e posteriores à construção da muralha, ou pelo menos “ativos”, contudo, tal não afetou o Paço dos Lobos da Gama, dado que este se encontrava na zona periurbana da cidade, a cerca de 250m de distância da Cerca Velha (Anexo I – Planta 6 e 7). Nos séculos anteriores à construção da muralha não se sabe em que panorâmica se encontrava o Paço dos Lobos

⁶ Informação retirada do Portal do Arqueólogo.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

da Gama, poderia encontrar-se isolado ou ligado por outros espaços com a mesma ou distinta funcionalidade. O caso da zona periurbana da cidade é outra questão a descobrir, pouco se sabe sobre as redondezas da cidade. Porém, apesar de não se encontrar publicado, sabe-se que em 2009, durante um acompanhamento arqueológico de obras realizadas na Escola Secundária Gabriel Pereira foi identificada uma necrópole romana, com 14 sepulturas de incineração, sendo que uma avaliação geral pela equipa permitiu datar a sua utilização entre os séculos I-II d.C., através da datação de numismas⁷ (Anexo I – Fig.1).

Outra controvérsia tem a ver com a funcionalidade da muralha, alguns autores referem que poderá ter sido *“um sintoma da crescente aproximação bárbara ao território alentejano nos séculos III/IV d.C. A urbe que, muito possivelmente, não dispunha de um aparelho defensivo viu-se, então, na necessidade de uma reestruturação, reduzindo o espaço urbano e erguendo uma estrutura amuralhada que abarcasse os mais importantes edifícios públicos”* (Val-Flores, 2005:157).

No entanto, o motivo da construção da muralha não terá sido devido a invasões, verificou-se que nesta época muitas cidades começaram a ser rodeadas de recintos amuralhados, podendo ter apenas uma função simbólica.

Está comprovado que os romanos fundaram construções que chegaram até aos nossos dias, resultando numa forma urbana singular que determinou a imagem de Évora. Foram instalados equipamentos públicos, introduziram regras de higienização públicas desconhecidas dos habitantes autóctones e o traçado urbano e a magnitude das ruas foram modificados. Estes aspetos deram localmente uma amplitude diferente à maneira de encarar a vida urbana, porém, o tempo que os romanos estiveram no nosso território contribuiu para uma maior abertura ao exterior e uma dinamização da economia.

Em suma, a urbe tornou-se o veículo e suporte da ordem romana dominante e do Império, dado que foi o local onde se organizavam modelos e depreendiam sistemas de símbolos que participavam de uma determinada cultura dominante. Assim, a criação de núcleos urbanos foi pois, um veículo usado para a penetração e difusão da “romanidade” nos territórios.

⁷ Informação retirada pela notícia veiculada pela comunicação social.

5. Paço dos Lobos da Gama

5.1. Localização e história de ocupação

O Paço dos Lobos da Gama⁸ é atualmente um edifício que se situa no concelho de Évora, ocupando a rua Serpa Pinto e parte da Travessa da Milheira, números 50 ao 56 (Anexo I – Fig. 6 e 7). Enquanto espaço físico subsiste há vários séculos, e os aspetos que comprovam a antiga ocupação deste espaço são os materiais recolhidos em contexto de escavação arqueológica que testemunham que este foi um local habitado ou por si só ativo desde o período romano, passando pelo período islâmico/medieval, moderno até à contemporaneidade.

De modo a contextualizar o local alvo de estudo e visto que desde cedo teve um papel importante na cidade de Évora, achou-se interessante recolher algumas informações de modo a compilar parte da história deste local desde os seus primórdios. Porém, existem algumas ruturas que não foram possíveis descrever, simplesmente pelo facto de ausência de informação.

Segundo os trabalhos arqueológicos que foram realizados, sabe-se que a primeira fase de ocupação do local é referente ao período romano. As escavações colocaram a descoberto muros com presença de *opus caementicium*, que em termos numerosos são pouco significativos. Os muros encontram-se alinhados paralela e perpendicularmente o que poderá indiciar compartimentos de um possível local de habitação - *domus*. Outro indício que pode comprovar tal ocupação são os materiais exumados da área de escavação, os quais serão analisados mais à frente, que por si só revelam que este não terá sido apenas um local de passagem mas sim um local de fixação, visto que o universo de cerâmica é bastante considerável.

No entanto, apesar dos materiais encontrados pertencerem a uma longa cronologia, desde o período romano até à contemporaneidade, este facto não leva à certeza de que o Paço dos Lobos da Gama tenha tido uma ocupação continuada.

Na área onde se centrou a intervenção arqueológica foram encontrados elementos de ordem diversa. A segunda e terceira fase de ocupação refere-se a contextos de cronologia islâmica/medieval, onde foram encontradas estruturas

⁸Freguesia da Sé e de São Pedro.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

negativas; na quarta fase foram igualmente encontradas estruturas referentes ao período moderno; e a quinta fase diz respeito ao período de ocupação do Paço, onde foi encontrado um conjunto de estruturas associadas possivelmente aos pátios ou claustros originalmente adossados ao Paço.

No que toca a referências relacionadas com o edifício, encontraram-se apenas algumas ligadas à sua funcionalidade enquanto Paço.

A primeira referência conhecida é de Túlio Espanca, na sua obra *Inventário Artístico de Portugal* (1966), onde faz menção ao Paço dos Lobos da Gama. Refere a sua localização, assim como descreve pormenorizadamente a fachada do Paço, e elucida a presença do brasão da família Lobos da Gama, que se encontra entre as atuais ruas Serpa Pinto e Travessa da Milheira. “*Antiga rua Arco dos Lobos, hoje Travessa da Milheira. Subsiste, em pala dos fidalgo donatários, peça heráldica do estilo rococó envolvida por paquife rendado*” (Espanca, 1966:27).

Também em 1975, José Manuel Queimado na sua obra *Alentejo Glorioso – Évora suas ruas e conventos*, faz referência à implantação de vários palácios nobres na Rua Serpa Pinto, fazendo menção inclusive do Paço dos Lobos da Gama, porém não desenvolve mais informação relativamente ao Paço, apenas refere que no século XVII pertencia a D. Luís Lobo da Gama (Queimado, 1975).

“(…) *A rua Serpa Pinto é rica em palácios da antiga nobreza, contando-se o de D. Jorge de Melo – histórica figura que pertenceu ao numero dos 40 conjurados de 1640, onde se encontrava instalada a F.N.A.T.; o Paço da Condessa da Costa, que foi sede da delegação do I.N.T.P e de vários organismos sindicais; o de D. Luis Lobo da Gama (sec.XVII) com pedra de armas à esquina da Travessa da Milheira; dos condes de Ervideira e da família Fiuza Cabral. (…)*” (Queimado, 1975:79).

O Paço encontra-se relacionado com a família Lobos da Gama. Esta família estabeleceu-se na cidade no início do século XVI, porém só no século XVII é que foi construído o edifício, o qual pertence a uma arquitetura barroca de características regionais muito presentes no Alto Alentejo (Dias, 2008:5).

As informações referentes ao Paço dos Lobos da Gama são praticamente escassas. A primeira conhecida é sobre a família Lobos da Gama que se encontra na obra *Corografia Portuguesa* de 1708, a qual refere a proveniência e a evolução desta

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

família. A família Lobos da Gama era natural de Olivença e foi após várias gerações que um dos membros da família se casou nesta cidade.

“Fernaõ Pires Lobo casou em Evora muito rico, do qual procede Estevaõ Fernandes Lobo, pay de Diogo Lopes Lobo, Alcayde mór de Evora, senhor de Alvito em tempo del Rey D. Joaõ o Primeiro, de quem descendem a Casa de Alvito & outras” (Costa, 1708:540). O apelido Lobo da Gama é a junção de duas famílias importantes – Lobo e Gama, em que os membros pertencentes foram formando casamentos entre famílias, trocando até mesmo o apelido de Gama Lobo para Lobo da Gama. Exemplo disso: *“(...) Afonso Pestana da Gama, que herdou da Casa de seus pays só o Morgado: casou em Badajóz com D. Ines de la Rocha & Lemos, filha de D. Francisco de la Rocha & Lemos, de quem teve a Dona Leonor da Gama (...) & a D. Catherina da Gama Lobo, que herdou a casa de seu pay, & casou em Olivença com seu primo Lourenço Lobo da Gama, de que teve a Luis Lobo da Gama, cuja varonia he a seguinte.(...)”* (Costa, 1708:540).

A título de curiosidade, a família Lobos da Gama encontra-se sepultada no Convento de Nossa Senhora dos Remédios: *“Em esta capella [Capela do Oratório da Sacristia do Convento de Nossa Sra dos Remédios] da Porta do Evangelho esta enterrado Affonso Pestana da Gama. Nella se enterrou também sua filha Dona Catherina da Gama mulher de Lourenço Lobo da Gama. Nella se enterrou Lourenço Lobo da Gama nosso fidalgo da caza de sua Mag.^{de} e Mestre de Campo dos Auxiliares, q foi nesta cid.^e de Evora no ano de 1698 aos 2 de Fevereiro.”; “Nesta capella foi [também] sepultado Luis Lobo da Gama ao pe da Porta da parte do Evengalho nopr.^o de 9bro de 1798”* (Livro das Sepulturas do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, CXXVI/2-21 - pag. 227-228).

Não foi possível precisar a data em que o Paço deixou de funcionar como casa nobre, no entanto, sabe-se que este local continuou a ser ocupado até à atualidade.

Segundo a documentação da Seção de Obras da CME (Processo 3163 – Rua Serpa Pinto) foi possível constatar que em 1958, o espaço tornou-se Sede do Lusitano Ginásio Clube, tratando-se de uma associação desportiva já existente desde o ano de 1926.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Em 2004 foi feito o levantamento do edifício existente e um estudo prévio para a realização das intervenções que se pretendiam proceder para intervir de modo a construir o parque de estacionamento do condomínio privado.

“O edifício encontra-se em mau estado de conservação, sobretudo devido a sucessivas ocupações do seu espaço, necessitando o mesmo de uma intervenção global, que reabilite e reocupe o espaço existente; a zona do ginásio e edifício anexo não apresentam qualquer interesse, do ponto de vista patrimonial, pelo que a sua demolição é viável; em relação à opção de escavação da cave para estacionamento, na zona do ginásio e pátio, foi referido que a mesma deverá ser realizada com as devidas precauções, do ponto de vista da eventual existência de património arqueológico; (...) de forma a conseguir uma menor compartimentação do edifício antigo, de forma a manter o mais possível a sua leitura atual (...)” (Processo 3163 – Rua Serpa Pinto 50, 52, 54 - Antiga Sede do Lusitano Ginásio Clube . Divisão de Salvaguarda – Memorando da Reunião. 26 de Abril de 2004).

Entre 2007 e 2008 foram realizadas as intervenções arqueológicas que se estenderam durante duas campanhas e foi no ano de 2009 que foi construído o Condomínio privado do Paço dos Lobos da Gama que deu a sua continuidade de ocupação até aos dias de hoje.

Atualmente ainda se pode observar a fachada original e no topo do canto da Rua Serpa Pinto com a Travessa da Milheira ainda se verifica o brasão da família, esculpido em mármore. Para além disso, ainda é visível atualmente um “falso” passadiço que liga o Paço à Igreja de Santa Clara. Com as reformas que foram realizadas na Igreja, todo o plano original de arquitetura se conservou, com exceção do fundo do trono que, pelo seu volume teve de ser encaixado em falso passadiço sobre a Travessa da Milheira, confinante com a fachada do Paço (Monteiro, Tereno, Pereira, 2014:3).

Recentemente foram elaborados estudos histórico-arqueológicos sobre o Paço dos Lobos da Gama, porém referem-se a períodos cronológicos posteriores ao período romano.

Destacam-se assim, as publicações *O Paço dos Lobos da Gama: Faunas do arrabalde ocidental de Évora Islâmica* (2012) da autoria de Cláudia Costa e Gonçalo Lopes, o qual faz uma pequena abordagem sobre a localização e identificação do local, assim como explica a complexidade de fases da sua ocupação. No entanto, o tema chave

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

desta publicação, é essencialmente o estudo dos restos faunísticos que foram encontrados em contexto de escavação, referente ao período islâmico; e um poster, publicado nas atas do I Congresso de Arqueologia Moderna, publicado pelo CHAM-FCSH – Universidade Nova de Lisboa, cujo título é *A intimidade palaciana no século XVII – objectos provenientes de um esgoto do Paço dos Lobos da Gama (Évora)* (2011) de Gonçalo Lopes e Conceição Roque.

5.2. Intervenções Arqueológicas no Paço dos Lobos da Gama

O Paço dos Lobos da Gama, registado no IGESPAR com o Código Nacional de Sítio nº 31137⁹, localiza-se no quadrante ocidental da cidade de Évora¹⁰, na atual Rua Serpa Pinto – nº 50 a 56, pertence à freguesia da Sé e São Pedro, concelho e distrito de Évora (Anexo I – Planta 7).

O local foi alvo de georreferenciação, sob o sistema de coordenadas de *Ponto Central*, sendo assinalados os seguintes valores para a Latitude X = 19291,70 e Y = - 121800,75 para a Longitude, coordenadas do vértice sul do setor 4 (Gonçalves; Roque, 2009:6).

O acompanhamento e intervenções arqueológicas realizaram-se na primeira quinzena do mês de Dezembro de 2007 e o final do mês de Fevereiro de 2008, no âmbito do processo de minimização sobre o património histórico e arqueológico, segundo o Projeto colocado em prática na altura da reabilitação do Paço para a construção de um parque subterrâneo.

O empreendimento que visou a reabilitação do edifício foi promovido pela empresa EBORIMO – Empreendimentos Imobiliários Lda (Dias, 2008:3). Quanto aos trabalhos arqueológicos, estes decorreram no espaço aberto adjacente ao Paço, anteriormente ocupado por um campo de jogos, da responsabilidade da empresa ARKEOHABILIS – Arqueologia e Paisagem, Lda. O qual teve a colaboração da equipa, numa primeira fase, de Susana Dias, M. Conceição Vitoriano Maia, Mário Carvalho, Frederico Carvalho e Fernando Faria. Na segunda fase de trabalhos a intervenção arqueológica mudou de direção científica, contando com a colaboração, nos

⁹ <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2812169>

¹⁰ Folha nº 460 da Carta Militar - Évora, à escala 1:25 000

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

trabalhos de campo e gabinete, de Gerardo Vidal Gonçalves, de M. Conceição Maia, Conceição Roque, Mário Carvalho, e Gonçalo Lopes (Gonçalves; Roque, 2009:8).

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico traduziram-se na observação de todos os trabalhos de demolição e remoção de terras efetuadas no local, efetuado maioritariamente por escavação mecânica, que consistiu na remoção de terras por níveis artificiais seguindo as necessidades impostas pelo plano de construção. Para além disso, possuíram como objetivo primordial, a identificação e registo de todas as evidências arqueológicas presentes na área correspondente à futura implantação do estacionamento subterrâneo, de modo a que pudessem ser minimizados os danos incidentes sobre todas as estruturas arqueológicas existentes.

Metodologicamente foi utilizado o método de escavação em área, e decorreu até atingir a cota de afetação ou o estrato geológico. Os trabalhos de escavação arqueológica foram executados apenas nos setores 3, 4, 5 e 6, os quais foram dirigidos de acordo com os princípios teóricos estabelecidos por *Barker e Harris*, sendo que a remoção dos níveis estratigráficos do local orientaram-se pela deposição natural dos estratos, numa sequência oposta à sua formação original (Dias, 2008:4). Contudo, a área não foi totalmente escavada, devido ao tempo limitado imposto pelo projeto, não se conhecendo portanto os seus limites, o que dificultou de alguma forma a interpretação global do local.

A interpretação dos trabalhos levaram a algumas problemáticas, visto que houve uma mudança de metodologias nas duas fases de trabalhos, e para além disso, notou-se um mau registo de escavação, as associações perderam-se, não pelo facto de ser uma intervenção em meio urbano, mas pelas falhas de registo e múltiplas contradições. Desde o primeiro momento é necessário assumir que toda a realidade que existia no Paço dos Lobos da Gama se encontrava revolvada, não existindo portanto contextos preservados. Daí que foram apenas incorporadas as realidades que são mesmo indiscutíveis, e para todo o resto foi analisado o material por si próprio. Neste sentido, o relatório foi de facto tido em conta, porém foi colocado em segundo plano, focando este trabalho no que toca à informação que se pode retirar do estudo dos materiais. Assim, é importante referir que o material proveniente destes setores encontra-se fora do seu contexto original de deposição.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Neste sentido, segue-se a descrição das unidades estratigráficas de contextos romanos existentes e a interpretação das realidades observadas.

1ª Fase (Anexo I – Planta 8)

A primeira fase de trabalhos foi efetuada numa área superior a 300m², subdividida em três distintos setores, o que corresponde a cerca de 70% do total da área de escavação. Tal como já foi referido, os trabalhos de intervenção arqueológica foram limitados ao setor 3, dada a quantidade e qualidade dos estratos, estruturas e materiais arqueológicos presentes. Os setores 1 e 2 foram apenas alvo de escavação mecânica, não existindo portanto a descrição de unidades estratigráficas nestes (Dias, 2008:3).

Setor 1 – Os trabalhos de escavação mecânica efetuados no setor 1, compreenderam uma área aproximadamente de 160m², distribuída no espaço que medeia entre a fachada oeste do edifício e o setor traseiro do Hotel de Santa Clara. O espaço foi inteiramente escavado com recursos a meios mecânicos, porém, posteriormente efetuaram-se operações de limpeza manual.

Do ponto de vista estratigráfico, os níveis intervencionados faziam parte essencialmente de aterros de espessura variável, sendo as terras compostas maioritariamente por entulhos variados com espessuras superiores a 1m. Abaixo destes, foram invariavelmente identificados níveis geológicos estéreis, a partir dos 0.50m de profundidade, compostos por barros e argilas muito compactas de tons variáveis entre o vermelho alaranjado e o negro verdoso, no topo dos quais se identificaram estruturas de natureza díspar, porém nenhuma de cronologia romana (Dias, 2008:8).

Setor 2 – Os trabalhos realizados neste setor, abrangem uma área de aproximadamente 115m², disposta no espaço que medeia entre a fachada norte do Paço dos Lobos da Gama e as habitações adjacentes. Tal como no setor 1, neste também se procederam a operações de escavação mecânica, com profundidades variáveis de 1.50m, em relação aos atuais níveis de circulação do piso térreo do edifício (Dias, 2008:9). Porém, o nível de destruição operado pela escavação mecânica, bem como a identificação de estruturas de fundação contemporânea, impediu a delimitação total dos distintos estratos presentes no local.

Do ponto de vista estratigráfico, os níveis intervencionados eram compostos essencialmente por aterros de espessura variável, sendo as terras compostas maioritariamente por entulhos variados com espessuras superiores a 0.50m (Dias,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

2008:8). Abaixo destes níveis, a partir dos 1.50m de profundidades foram identificados níveis geológicos estéreis compostos por barros e argilas muito compactas (Dias, 2008:9). Em termos de estruturas foram de facto identificadas algumas, porém nenhuma delas pertence ao período romano.

Tal como já foi referido, nos setores 1 e 2 encontram-se contextos de revolvimento, o que dificulta a identificação absoluta de um qualquer momento de deposição específico e datável. Para além disso, não existe a presença de estruturas de cronologia romana nestes dois setores.

Setor 3 (Anexo I – Matriz 1) – O setor 3, encontra-se num espaço delimitado a oeste do setor 2 e a norte do setor 1. Segundo a matriz de *Harris*, foi possível identificar os contextos pertencentes ao período romano, destacando-se os estratos – [4, 5, 6, 7, 8, 10, 15]. Assim, os trabalhos de escavação contaram com a remoção mecânica de um primeiro estrato [UE1], composto por níveis de enchimento de entulhos de origem e composição diversa, com a presença de construções contemporâneas. A remoção deste nível de espessuras variáveis entre 0,30m e 0,50m permitiu posteriormente, a delimitação de um conjunto de unidades de natureza patrimonial.

A remoção dos níveis [UE1 e UE3] permitiu a identificação de uma vala – Fossa 1 [UE4] – uma estrutura negativa, escavada diretamente no substrato argiloso e preenchida totalmente por uma camada de terras identificada como [UE2]. Esta camada era composta por terras de tom muito escuro ou negro, com pedra de pequeno e médio calibre.

Implantado no substrato geológico, foi possível identificar uma estrutura vertical [UE5], composta por um muro de alvenaria de pedra e tijolo, muito compacto, com presença de *opus caementicium* num dos seus extremos, com aproximadamente 7,70m de comprimento (Dias, 2008:13). Parece então tratar-se de uma estrutura do período romano, a julgar pela presença de *opus*, como material ligante (Anexo I – Fig. 9). No centro do muro, foram ainda postos a descoberto dois grandes blocos de granito [UE8] contemporâneos do muro de instalação, aparelhados no que parece ser um pequeno canal de condução de águas (Dias, 2008:13) (Anexo I – Planta 9 e Fig. 8).

Da escavação do espaço que medeia o muro [UE5] e a Fossa 1 [UE4] resultou a identificação de duas camadas - [6] e [7] – as quais se encontram no relatório como possivelmente pertencentes a contextos romanos, porém com algumas dúvidas. A [UE6]

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

corresponde a um nível de terras com algum revolvimento, a qual poderá ser contemporânea da [UE7], sendo que entre si diferem unicamente na constituição dos seus sedimentos, sendo a [UE7] composta por terras de tom amarelo cinza (Dias, 2008:13) (Anexo I – Fig. 11).

As unidades [10] e [15] encontram-se delimitadas no extremo sul do muro e aparentam igualmente ser contemporâneas, dada a sua morfologia de formação (Anexo I – Fig. 10). Dias (2008) refere que a compactação e linearidade dos mesmos termos morfológicos, parece apontar para a presença de níveis de circulação, contemporâneos aos momentos de construção e uso da estrutura vertical [UE5]. No entanto dentro das [UE's 10 e 15] não se encontra material datado podendo fazer alguma associação à estrutura vertical.

No setor oeste do muro [UE5] foi ainda referenciada a [UE11] composta por um derrube de taipas, ainda que não abunde material pétreo indicador de um derrube do muro, o relatório refere que existe a presença de algum material de construção como *tegullae*, disposto aleatoriamente por toda a unidade, o qual não se encontra em depósito.

2ª Fase (Anexo I – Planta 8)

Na segunda fase foi objeto de escavação arqueológica toda a área restante da primeira fase dos trabalhos, sendo que a superfície intervencionada abrangeu cerca de 143,44m², subdivididos igualmente por três setores (4, 5 e 6) (Gonçalves; Roque, 2009:4).

Setor 4 Anexo I – Matriz 2 – Planta 11) – Este setor abrange uma pequena área de 17.25m², e não foram encontradas quaisquer estruturas do período romano, apenas um conjunto de material (Gonçalves; Roque, 2009:11). Foram utilizados meios mecânicos para a remoção das camadas de entulhos e terras revolvidas da unidade [0], por se tratar de um estrato muito espesso e completamente descontextualizado, a qual cobria toda a área abrangida pelo setor. No que toca a contextos de cronologia romana, foram identificadas quatro unidades estratigráficas [5, 6, 7 e 8]. Estes depósitos são os mais antigos e são de difícil contextualização, uma vez que não foram escavados na sua íntegra, e para além disso foram cortados pela vala de implantação de uma base de lagar de época moderna.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

O relatório refere que uma das camadas de contextos romanos, nomeadamente a [UE8] encontra-se *in situ*, porém, tal não foi considerado, dado que esta é cortada pela [UE3], tratando-se de um interface da vala de implantação de uma base de lagar, a qual tem cerca de 1,40m de profundidade (Gonçalves; Roque, 2009:12).

[6] - Terra castanha acinzentada, compacta e ligeiramente argilosa, junto com algumas pedras de pequena e média dimensão; contém muito poucas cerâmicas, quer de construção, quer comuns; é cortada pela [3], coberta pela [1], encontra-se sobre a [7] e sob a [5].

[7] - Sedimento solto, de cor castanha média, com pequenas pedras e escassas cerâmicas ou outros materiais. É cortada pela [3], coberta pela [6], e encontra-se sobre a [8].

[8] – Terra semi-compacta, de cor castanha escura, com muitos materiais cerâmicos de construção (incluindo tégulas) e pequenas pedras; recolheram-se cerâmicas comuns e *sigillata*. É cortada pela [3], encontra-se sob a [7]; cobre, ainda, o estrato geológico (Anexo I – Planta 10 e Fig. 12)

[9] - Unidade da qual só foi escavada uma pequena porção, por esta se encontrar junto a um dos limites do sector; é composta por terra de cor castanha avermelhada, compacta e argilosa, algumas pedras de pequeno e médio calibre; não foram encontrados materiais associados; encontra-se imediatamente abaixo da [0] e sobrepõe a [5].

Em termos de material arqueológico, no relatório refere que na [UE9] não foram encontrados materiais associados mas encontram-se de facto alguns materiais nesse estrato.

Setor 5 (Anexo I – Matriz 3 – Planta 16) – O setor 5 abrange uma área de 36,25m² e teve como limites a oeste, a parede do Hotel de Santa Clara, e na sua continuação para sul um muro [UE37] de época contemporânea.

Raros foram os estratos escavados na sua totalidade, dada a necessidade de respeitar os limites artificiais criados, contudo, em termos de estruturas foi encontrado um muro de época romana [UE21] do qual restam duas fiadas, a primeira de pedra miúda, a segunda com pedra de maior dimensão, cujo aparelho construtivo é muito semelhante aos muros detetados no setor 6 [UE's 109, 139 e 146] (Anexo I – Planta 9).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

O relatório refere que existem algumas camadas de sedimentos de cronologia romana *in situ*, exemplo disso [UE's 13, 20, 30, 31 e 32]. No caso da [UE13] o relatório refere que esta pertence à primeira fase de ocupação do sítio, no entanto, na matriz de *Harris* aparece representada como fazendo parte da segunda fase de ocupação, nomeadamente islâmico/medieval. O material retido destas camadas foi de facto tido em conta, visto que se encontra muita cerâmica romana, contudo, dadas as contradições, foi assumido que esta [UE13] não pertence à primeira fase de ocupação; assim como nenhuma das outras camadas foi tida em conta como preservada, visto que não foram escavadas na sua totalidade. Desta forma, todo o material foi dado como descontextualizado.

[15] – Terra compacta, semi-argilosa, de cor castanho médio, com alguns fragmentos de cerâmica de construção e comum de época moderna; é cortada pela [14] e pela [11], está sob a [12] e a [13] e sobre a [16].

[16] - Terra castanha compacta, de cor castanha clara e algumas pedras pequenas; contém cerâmicas de construção e comuns. Cobre a [19] e encontra-se sob a [15].

[19] - Terra castanha escura, compacta, com muitos seixos de quartzo e algumas cerâmicas de construção e comum. Sob a [13] e a [16]; cobre o estrato geológico e um dos limites da [32].

[20] - Terra avermelhada, argilosa e compacta, contendo cerâmicas de construção e comuns, de época romana, muitos fragmentos de terra sigilata, paredes finas e de ânforas; esta unidade está por baixo da [0] e da [13] é cortada pela [36] e está sobre a [30] e o geológico.

[21] - Muro que apresenta uma espessura variável entre 60 a 80 cm, e, conservados, 5 metros de comprimento e uma altura máxima preservada de 40 cm. O seu aparelho é formado por uma primeira fiada de pequenas pedras na base, seguida de outra composta por pedras de média a grande dimensão, sobre esta assentam pequenas pedras e cerâmicas de construção, tais como fragmentos de telhas. Não se detetou vala de implantação associada. Este muro é cortado pela [18] e pela [36] e encontra-se sob a [12] (Gonçalves e Roque, 2009:17) (Anexo I – Planta 12 e 13).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

[30] - Terra castanha, muito compacta, com pedras de pequeno e médio calibre, cerâmicas de construção e comuns, *sigillatas*, fragmentos de ânforas, vidros e metais; encontra-se sob a [20], encosta á [21], e cobre a [32] e a [33].

[31] - Sedimento escuro e solto, de cor castanha acinzentada, com uma quantidade razoável de carvões; possui, igualmente, metais, vidros e muitas cerâmicas de construção e comuns; encontra-se sob a [20] e cobre uma pequena depressão formada na [30].

[32] - Terra castanha, compacta, muito semelhante à [30], porém com raros elementos pétreos; contém grande quantidade de fragmentos cerâmicos (de ânforas, de construção, comum, de pasta branca, *sigillatas* ou paredes finas), metais e vidros; é coberta pela [30], pela [31] e, em parte, pela [19]; encosta, ainda, à [21] e cobre a [34] (Anexo I – Planta 14).

[33] – Pequena mancha de cinzas e carvões, sem materiais arqueológicos; corta a [32] e encosta à [21]; situa-se, ainda, sobre a [34] (Anexo I – Planta 14).

[34] – Sedimento castanho amarelado, com blocos de quartzo de pequena dimensão; tem associados fragmentos cerâmicos de construção e comum, assim como alguns vidros; encosta à [21], é coberta pela [32] e pela [33], e cobre o estrato geológico (Anexo I – Planta 15).

[35] - Sedimento castanho avermelhado, compacto, com pedras de médio calibre, cerâmicas de construção e comuns; está sob a [29], é cortada pela [18], encosta à [21], e cobre o geológico (Anexo I – Planta 15).

Setor 6 (Anexo I – Matriz 4 – Planta 17) – O último setor, encontrava-se exatamente ao lado da rampa de acesso ao futuro parque de estacionamento subterrâneo, entre este e a parede do edifício contíguo e ocupa uma maior área em comparação com os setores anteriormente referidos (Gonçalves e Roque, 2009:20). A área deste setor foi escavada na íntegra até ao aparecimento do estrato geológico, exceto no caso das [UE's 85, 125, 140, 142 e 143], estratos de origem antrópica que se encontravam abaixo da cota de afetação da obra e que ficaram por retirar (Gonçalves e Roque, 2009:20).

É neste setor onde se encontra um maior número de estruturas, de funcionalidades e cronologias diversas. Do período romano fazem parte três troços de muro [UE109, 139 e 146], os quais se encontram alinhados entre si, quer paralela, quer perpendicularmente (Anexo 1 – Planta 9). Para além deste aspeto, o aparelho

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

construtivo destes é, tal como já foi referido anteriormente, muito idêntico ao do muro [UE21] do setor 5.

O relatório faz igualmente referência a três derrubes [110, 111, 112] formados por cerâmicas de construção de cronologia romana, as quais, segundo o relatório são dadas como camadas *in situ* (Gonçalves; Roque, 2009:34). No entanto, não se encontra nenhum material cerâmico associado, assim como a cerâmica de construção também não se encontra em depósito.

[109] - Muro em pedra, do qual se conserva uma altura aproximada de 50 cm (exceto no troço que é cortado pela vala de implantação da conduta, e se conserva em apenas 10 a 15 cm); a sua espessura varia entre os 50 cm no topo conservado, e os 60 cm na base, onde, apesar de mais largo, as pedras são mais pequenas (Anexo I – Fig. 13).

[110] - Derrube encostado a NO da [109], formado por *tegulae*, *imbrices* e *laterae*, envolto em terra semi-argilosa, de cor castanha avermelhada; é cortada pela [76] e pela [96] (Anexo I – Fig. 14).

[111] - Derrube formado por cerâmicas de construção de época romana e terra castanho avermelhado de textura semi-argilosa; tal como a unidade anterior encosta à [109] (desta feita a NE), e é cortada pela [96], pelo que serão contemporâneas.

[112] - Derrube constituído por *tegulae*, *imbrices*, *laterae* e pedras de médio e grande calibre. Está sob a [95] e cobre parte da [124].

[115] - Terra cinzenta, semi-compacta, sem materiais; encosta à [114] e à [109], é ainda coberta pela pelo derrube ao qual se atribuiu a UE 110.

[116] - Sedimento amarelo acinzentado, compacto, com pequenos nódulos de geológico; não tem materiais associados. Acha-se sob a [104], encosta à [112].

[124] - Camada constituída por terra de cor castanha muito escura, semi-argilosa, e pedras de quartzo de pequeno e muito pequeno calibre; contém alguns fragmentos de cerâmica comum; encontra-se sob a [112] e cobre o geológico, é, ainda, cortada pela [57].

[130] - Sedimento acinzentado, com nódulos de geológico, pedras de média dimensão e alguns fragmentos de cerâmica de época romana; situa-se sob a [123] e cobre o estrato geológico.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

[139] - Muro de pedra granítica, do qual se encontra preservado um troço com cerca de 1 metro de comprimento; a sua altura média conservada é de, aproximadamente, 70 cm. Este muro é perpendicular ao muro com a UE 109, podendo fazer parte do mesmo compartimento (Anexo I – Fig. 15).

[140] – Sedimento semi-argiloso, cinzento-escuro, com nódulos de argila amarela e escassos fragmentos de cerâmica de construção; esta unidade é coberta pela [98] e encontra-se cortada pôr quatro silos ([107], [108], [135] e [136]). Não foi escavada por se situar abaixo da cota de afetação.

[146] - Possível alicerce de muro, estruturado com pequenas pedras e um grande bloco que parece formar um canto; este troço está alinhado com o muro que possui a UE 139.

6. O conjunto cerâmico romano do Paço dos Lobos da Gama

6.1. Questões metodológicas

No período romano os materiais cerâmicos constituem uma ampla realidade e desde há muito tempo que os estudos efetuados sobre locais de consumo, permitem a definição de tipologias e o seu enquadramento cronológico, sendo as cerâmicas definidas como verdadeiros “fósseis diretores”. Assim, na falta de referências em documentação escrita, a cerâmica constitui atualmente uma das “fontes” mais relevantes para reconstituir os principais elementos caracterizadores da economia antiga.

O conjunto cerâmico de cronologia romana recolhido do Paço dos Lobos da Gama é de facto diversificado e extenso, daí que foi necessária definir metodologias de trabalho distintas para cada grupo cerâmico.

Assim a metodologia empregue nesta investigação está relacionada com o registo de todos os fragmentos de modo a conseguir reunir o maior número de pormenores morfológicos, que possibilitassem informação passível de quantificar e correlacionar de modo a obter informação relevante.

Numa primeira fase foi inventariado todo o material exumado do local (metais, vidros, cerâmica, material faunístico e orgânico) referente a todas as cronologias, conforme o modelo pré-definido pelo Depósito da Câmara Municipal de Évora, o qual é

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

composto por 3667 fragmentos. Só após concluída a inserção dos dados no inventário geral, foi possível ter uma real noção das potencialidades do conjunto. Apesar de já existir um inventário de todas as peças, em anexo no Relatório de escavação do Paço dos Lobos da Gama, foi necessário elaborar novos inventários, visto que o original continha vários erros.

O material encontra-se marcado, composto pela abreviatura do local, seguido do número da sondagem e da camada estratigráfica a que pertence, e por fim pelo número de série começado por 1, como por exemplo, PLG.S3[1]600. A maioria dos fragmentos apresenta número de inventário, porém, alguns não se encontram marcados daí que foi aplicada a sigla SN (sem número) com um número de série a segui-lo, para que seja possível identificá-los.

Posteriormente foi realizado um segundo inventário com a seleção de todo o material cerâmico, o qual abrange igualmente os fragmentos de que não foi possível determinar o diâmetro, com um total de 625 fragmentos (Anexo II, Gráfico 1; Anexo V – Tabela 1, 2, 3, 4, 5 e 6); assim como as 10 moedas também foram introduzidas numa base de dados (Anexo V – Tabela 7). Logo o conjunto cerâmico, juntamente com o material de construção e o material numismático perfaz um total de 635 fragmentos.

Tal como já foi referido, o principal objetivo do trabalho é a análise e estudo do conjunto cerâmico, porém, posteriormente achou-se igualmente importante e de modo a completar o trabalho, inserir a descrição de classificações das moedas romanas. Estas foram enviadas para o Museu Monográfico de *Conimbriga*, ficando o Dr. José Ruivo encarregue de fazer uma limpeza sumária e de as classificar. Neste sentido no final do trabalho será feita apenas uma pequena abordagem relativamente a este grupo.

Ainda sobre a inventariação, sentiu-se a necessidade de desdobrar este último inventário em vários, separando os grupos cerâmicos entre si e igualmente dos metais, dado que cada grupo possui campos de descrição distintos. Posteriormente foram então separados os fragmentos passíveis de desenhar e classificar – bordos, fundos, asas e todos aqueles que apresentassem decorações/grafitos.

No que toca ao método de registo do material, foram desenhados todos os fragmentos, tal como já foi referido, manualmente à escala natural e procedeu-se igualmente à fotografia (com uma escala que varia entre os 5 e os 10cm) e ao tratamento digital dos desenhos, com o recurso do software de vectorização – *Adobe Illustrator*.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Para o conjunto de cerâmica comum e de ânforas, dada a sua dimensão, foi utilizada uma escala de 33,3% e para a cerâmica fina de importação foi determinada uma escala de 75%; para as marcas de oleiro manteve-se a escala natural (Anexo III).

Na fase seguinte efetuou-se outra triagem que permitiu refinar o método, separando as peças por categorias – cerâmica comum local/regional; cerâmica fina de importação; cerâmica de armazenamento e cerâmica de construção.

Assim, dentro do grupo da cerâmica comum foi possível determinar formas como: pratos, tigelas, almofarizes, alguidares, tachos, potes, panelas, potinhos, jarros, bilhas, talhas, tampas, fundos, marcas de jogo e pesos de tear; dentro da segunda categoria foi possível subdividir grupos como – *Terra Sigillata*, Paredes Finas e Lucernas; o terceiro grupo refere-se às ânforas e o quarto grupo refere-se à cerâmica de construção. Posto isto, passou-se à análise, contando com a identificação e determinação de formas; tipologias; proveniências/fabrics e atribuição de cronologias, sempre que possível. Aspetos que serão explicados de uma forma mais descritiva nos capítulos referentes ao conjunto cerâmico. Contudo, nem todos os fragmentos foram possíveis de classificar tipologicamente dado o seu estado de fragmentação, sendo designados como “indeterminados”, no entanto foram tidos igualmente em conta, como é o caso de alguns fragmentos pertencentes à cerâmica fina de importação.

Tal metodologia foi aplicada a todo o conjunto, no entanto, é importante referir que no que toca ao grupo de cerâmica comum, apenas o material proveniente de contextos estratigráficos romanos foi analisado e descrito. O mesmo não acontece com a cerâmica fina de importação, a qual foi analisada na sua totalidade, dado que estas permitem um maior potencial informativo e contribuem para a caracterização de processos de romanização deste local, bem como dos seus ritmos e cronologias.

Sendo assim, o material alvo de estudo abrange um total de 261 fragmentos, o qual engloba cerâmica comum; cerâmica de construção; cerâmica fina de importação; cerâmica de armazenamento (ânforas); pesos de tear; marcas de jogo, mó e moedas (Anexo III – Gráfico 2). Contudo, para os três principais grupos cerâmicos, nomeadamente – cerâmica fina de importação, cerâmica comum e cerâmica de armazenamento (ânforas) contabilizaram-se 122 peças.

Ainda para o caso da cerâmica comum, não foi possível determinar cronologias precisas, dada a dificuldade ligada à contextualização deste material. Neste caso são os

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

paralelos aplicados à cerâmica comum, determinados ao nível do território português, que ajudaram neste processo, dando primazia aos sítios que são compatíveis com a cronologia do local em estudo. Os sítios alvo de comparações com o Paço dos Lobos da Gama foram: as necrópoles do Alto Alentejo (Santo André e Elvas); Courela dos Chãos (Sines); Olaria do Pinheiro; *villae* romanas de São Cucufate (Beja); Monte Molião (Lagos); necrópole da Rouca (Alandroal, Évora); Quinta do Rouxinol (Seixal); *Ammaia*.

Visto que se identificaram materiais de contextos de revolvimento, o que dificulta a sua associação aos estratos arqueológicos, bem como a identificação absoluta de um qualquer momento de deposição específico e datável. Verifica-se na área alvo de escavação que os níveis antigos de cronologia romana foram de facto bastante afetados pelas ocupações posteriores, exemplo disso, são as inúmeras estruturas horizontais e verticais, como é o exemplo dos silos e fossas que foram escavados nos níveis arqueológicos posteriores. Estas estruturas destruíram ou contaminaram grande parte das unidades estratigráficas de época romana, o que dificultou a sua leitura. Para além das movimentações de terras, as construções posteriores, como troços de muros, pertencentes ao Paço e outras estruturas, como poços, constituíram também causa de revolvimento de terras.

Para além disso, o relatório ressalta algumas questões no que toca efetivamente à presença de material nos setores que não se encontra em depósito, outro ponto que levou à dificuldade de perceber a sua distribuição em área e respetivas camadas estratigráficas. O inventário anexado ao relatório transmite de igual modo informações contraditórias, daí que toda a atenção descrita nos capítulos referentes ao material romano é apenas referente àquele que se encontra em depósito.

Para as cerâmicas finas de importação foi realizada uma análise das principais tipologias de referência para cada categoria; assim como a definição de grupos de fabrico através da análise macroscópica. Esta análise foi efetuada segundo os elementos caracterizadores das pastas, assim como o engobe, elementos não plásticos (ENP's), sendo criados grupos e subgrupos sempre que existissem elementos diferenciadores. As designações tipológicas variaram dentro de cada subgrupo, porém sempre que possível foram feitas outras correspondências tipológicas. Para o caso da *terra sigillata* itálica foi adotado o modelo *Conspectus*; para a *TS* sudgálica e hispânica utilizou-se a classificação de Dragendorff; e para a *TS* africana foi adotada a classificação de Hayes.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Para a análise das paredes finas foi tida em consideração a tipologia elaborada para Lattara por Michel Py (1993), sendo que esta tabela é, em grande parte, uma simplificação da tipologia de Mayet; para as lucernas foi utilizada a classificação de Dressel-Lamboglia e para as ânforas foram utilizadas as tipologias Dressel, Haltern, Almagro e Keay.

Aliada à análise qualitativa foi procedido um método de quantificação o qual variou consoante o grupo cerâmico. Os critérios de quantificação são fundamentais para a interpretação dos dados de forma a estabelecer uma análise quantitativa e comparativa eficaz. É importante para possibilitar, por exemplo, para ajudar a compreender os ritmos de consumo e comércio da cerâmica e dos alimentos nela contidos e permite igualmente a comparação com cerâmicas provenientes de diferentes UE's no seio de um determinado sítio arqueológico.

Não existe um sistema de quantificação unicamente aceite para a contagem da cerâmica, estes métodos são de facto variados: contagem do número mínimo de indivíduos (NMI), número máximo de indivíduos (nmi), pesagem e contagem dos fragmentos e EEP (Estimativa Equivalente da Peça) (Husi, 2000). De forma a proceder as contagens foram então necessárias medições dos fragmentos, tanto do diâmetro do bordo conservado como da sua altura.

Para a quantificação da cerâmica comum foi realizada uma contagem geral de todos os fragmentos, e foi também utilizado o método de estimativa equivalente da peça (EEP) (Orton, Tyers e Vince, 1993:168-173), o qual foi apenas aplicado ao material proveniente de contextos romanos. Para tal foi necessário elaborar uma tabela de diâmetros de bordo e de percentagens, isto é, foram criados escalões onde foram agrupados os fragmentos segundo as dimensões do bordo (usando apenas os classificáveis de onde foi possível extrair o diâmetro). Assim os bordos são agrupados nos seguintes escalões segundo a sua dimensão: +50% = 1 (contabilizado como uma unidade); 50% a 25% = 0,5; 25% a 10% = 0,25; 10% a 5% = 0,1 e - de 5% = 0,01. É atribuído um destes valores a cada fragmento de bordo e no final efetua-se a soma levando ao número total de peças. Todos os dados recolhidos foram contabilizados em Excel, facilitando futuras contabilizações e tratamentos estatísticos.

Para a quantificação da cerâmica fina de importação e das ânforas, foi feita igualmente uma contagem geral, distinguindo-se uma segunda dos fragmentos

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

classificáveis, aplicando-se o critério de NMI (número mínimo de indivíduos) (Protocole Beuvray, 1998). Numa primeira fase separaram-se as cerâmicas de acordo com o seu fabrico/origem, de seguida identificaram-se todas as peças que permitiram classificação tipológica; os fragmentos com colagem foram considerados apenas como um indivíduo; e dentro de cada tipo, o NMI obteve-se pela contagem do elemento identificador da forma que surge com maior frequência (bordo ou fundo).

A elaboração de um catálogo tornou-se imprescindível, de forma a reunir e organizar de forma coerente todas as informações relacionadas com tratamento e abordagem qualitativa das amostras analisadas. Neste sentido o catálogo é composto por 208 fichas de material, em que cada ficha corresponde a um fragmento, com o objetivo de reunir em cada ficha o máximo de informação possível sobre o material (Anexo IV). É importante referir que para o caso da cerâmica comum, as fichas foram elaboradas apenas para as peças que se inserem em contextos de cronologia romana; já para a cerâmica fina de importação, foram realizadas fichas para todo o conjunto. Os parâmetros e campos das mesmas moldaram-se às características morfológicas e funcionais de cada tipologia cerâmica, sendo então criado um tipo de ficha para cada grupo cerâmico. Os campos abordam tópicos como: setor/U.E.; tipologia; forma; origem/proveniência; tipo de fabrico; cores das pastas/engobes; cronologias; descrição morfológica da peça; por fim é inserida a fotografia e desenho da peça.

Por fim, para a elaboração das estampas decidiu-se integrar os desenhos de todo o conjunto cerâmico, porém no caso da cerâmica comum, as que pertencem a contextos romanos aparecem devidamente identificadas. Em termos de organização, optou-se por colocar os desenhos por formas.

7. Cerâmica fina de Importação

7.1. *Terra sigillata*

Terra sigillata é um termo aplicado a um amplo e diversificado conjunto cerâmico, a qual apresenta características muito particulares, sendo produzido em várias áreas do mundo antigo e comercializado em todas as províncias do Império Romano, entre os séculos II a.C. e o VII d.C. (Ribeiro, 2010:16).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Porém, o termo *terra sigillata* nunca foi utilizado nas fontes antigas para se referir a estas cerâmicas. A primeira utilização do termo ocorreu em 1779 com Francesco Rossi, referindo-se a uma cerâmica que apresentava marcas epigráficas, apesar de investigadores já utilizarem termos como “vasos arretinos” para se referirem a este grupo cerâmico (Silva, 2005:59).

Foi no século XX, em 1985, com Hans Dragendorff que o termo moderno passou a fazer parte do vocabulário científico. Dragendorff utilizava o termo para se referir a cerâmicas itálicas e gálicas que apresentavam decoração aplicada, elaborada com punção, ferramenta que em latim se designava por *sigillum* (Béltran, 1990:111).

Contudo, rapidamente, o emprego de *terra sigillata* ganhou a preferência dos investigadores e foi ampliado o seu conteúdo, passando a designar os vasos lisos e os decorados.

No que toca ao fabrico, este caracteriza-se pela utilização de altas temperaturas na sua cozedura, conferindo-lhe uma maior dureza e resistência. Para além disso, a sua produção implicava a utilização de fornos mais sofisticados e tecnologicamente elaborados, assim como centros de produção especializados com cadeias operativas, que incluíam a utilização de moldes, conferindo uma padronização tipológica. O revestimento era elaborado a partir de uma solução argilosa que lhe conferia um brilho característico, apelidado de engobe ou verniz (Cruz; Correia, 2007:117).

Existe de facto uma certa dificuldade em distinguir os tipos de *sigillata*, de modo a classificá-los consoante os seus locais de produção: itálica, gálica, hispânica ou africana. A produção desta cerâmica dá-nos indicações ao nível do gosto, da capacidade económica, o seu poder de compra, os hábitos gastronómicos e as tradições culturais.

Outro aspeto importante a ter em conta são as marcas de fabrico/oleiro, dado que certas cerâmicas foram marcadas pelo seu fabricante, sobretudo a partir de finais do século II a.C. (Cruz; Correia, 2007:74). Produzidas a molde, algumas apresentavam impresso um “carimbo”, o qual variava de acordo com a sua técnica de execução, podendo ser em relevo ou baixo-relevo e normalmente eram aplicados na face interna do fundo. As marcas fornecem informações importantes em termos de definição cronológica e de origem dos vasos que as ostentam.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

No que toca a estudos relacionados com o tema em território português, destaca-se o trabalho de Rui Serpa Pinto (1929), o qual foi o primeiro a inaugurar estudos específicos sobre o tema e sobre marcas de oleiro.

Em 1958, Adília Alarcão inaugurou os seus trabalhos sobre *terra sigillata*, onde abordou as produções hispânicas depositadas em museus no Norte do país (1958).

Seguiram-se outras publicações de Adília Alarcão, ao longo das décadas de 60 e 70, sobre o estudo de conjuntos provenientes de escavações ou também integrados em coleções de museus. Nos anos 70 apresentou a primeira síntese sobre a *terra sigillata* itálica em Portugal (1971), proporcionando um panorama sobre os ritmos de importações itálicas no território português, o qual não existia até então.

O volume IV das *Fouilles de Conimbriga*, contem os estudos das produções itálicas e sudgálicas por A. Alarcão (1975), hispânica por Françoise Mayet (1975) e clara africana por Manuela Delgado (1975).

Em 1969 foi elaborada a primeira síntese geral sobre marcas de oleiro em território português numa dissertação de licenciatura por Seomara Ferreira, a qual trata um conjunto até então inédito conservado no Museu Nacional de Arqueologia.

Os conhecimentos sobre *terra sigillata* hispânica que foram proporcionados pelos avanços em Conímbriga, tiveram um novo impulso com a sistematização elaborada por Françoise Mayet (1984).

Outros estudos foram surgindo de forma dispersa, enquadrados em estudos de materiais provenientes de achados recentes, ou de revisões de coleções depositadas em museus.

Destacam-se trabalhos mais recentes em sítios urbanos de época romana que têm sido objeto de escavações continuadas e controladas estratigraficamente, e apresentaram importantes avanços no conhecimento sobre ritmos e difusão da *terra sigillata*, é o caso dos trabalhos de Catarina Viegas sobre Santarém e Faro (2001, 2002 e 2003); e de José Carlos Quaresma sobre Chãos Salgados (Miróbriga). Assim como os trabalhos sobre a Praça da Figueira e Balsa de Catarina Viegas (2006) e Braga por Rui Morais (2005).

Os pioneiros da investigação sobre *terra sigillata* itálica foram Dragendorff (1985) e Loeschcke (1909), a quem se deve a primeira sistematização do repertório formal desta cerâmica. Foi então no século XX que Dragendorff e Loeschcke

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

estabeleceram uma tipologia no que constitui hoje a base para a classificação desta cerâmica.

A *terra sigillata* do tipo itálico surgiu nos finais do terceiro quartel do século I a.C., inicialmente nos centros de produção de cerâmicas campanienses da Etrúria e de Arezzo (Arretium) as quais substituíram as cerâmicas de verniz negro, por um verniz de cor vermelha e brilhante. Aos poucos, a *terra sigillata* de tipo itálico começou a tomar o lugar destas cerâmicas republicanas (Beltrán, 1990:64).

Numa primeira fase, acreditava-se que a produção era exclusiva do centro produtor de Arezzo, por conseguinte, através de análises químicas realizadas, sabe-se que foi igualmente produzida noutros centros como Pisa, entre outros (Béltran, 1990:65). No entanto, a precisão classificatória torna-se mais eficiente quando se recorre a análises químicas, apesar de em alguns casos existirem características específicas que consigam determinar as proveniências assim como as marcas de oleiro também são um bom indicador.

Em termos de reportório, este é muito característico pelo cuidado na modelação das peças, com pés e bordos moldurados, por vezes decorados por carretilha (Beltrán, 1990:64).

O quadro das importações dos produtos de tipo itálico para o território atual português, indica que o auge das importações é desde o final do reinado de Augusto e durante o reinado de Tibério. Em termos cronológicos, o período precoce seria datado de antes de 40 a.C., o arcaico de cerca de 30 a 20 a.C., o clássico de 12 a 10 a.C. e o tardio de 12 a.C. a 16 d.C. (Viegas, 2003:32).

No último quartel do século I a.C. iniciou-se a produção sudgálica, sabe-se que desde muito cedo se instalaram oleiros na Gália, que produziam uma cerâmica que se distinguiu da itálica pela composição química. No século I a.C. os ateliers de *terra sigillata* sudgálica dispersaram-se para o centro e leste da Gália e também para o Sul. Existiram vários centros de produção, como em Lyon-La Murette, Bram, Narbonne, Montans, porém foi o fabrico de La Graufesenque que maior difusão teve, atingindo vastas áreas do império e da Península Ibérica (Quaresma, 2003:21). A *terra sigillata* do tipo sudgálico adquiriu importância a partir do final do reinado de Tibério e início de Cláudio, facto que podia estar ligado com a queda das produções itálicas e a fase de decadência deste tipo situa-se entre 80 e 120 d.C. (Quaresma, 2003:115).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

A *terra sigillata* sudgálica é produzida com argilas de boa qualidade, sendo a pasta muito dura e o engobe normalmente aderente e brilhante. As cerâmicas lisas mantêm os aspetos tradicionais da *terra sigillata* itálica e a decorada, multiplica os esquemas decorativos (motivos vegetalistas ou metopados, figuras divinas, humanas e animais) (Beltrán, 1990:89).

As produções hispânicas surgiram com influência das produções itálicas e sudgálicas, porém, também desenvolveram formas já com características hispânicas, refletindo a originalidade dos seus oleiros.

No decorrer da evolução dos centros produtores é possível diferenciar três produções principais: a *terra sigillata* do tipo Peñaflor (de influência itálica); a *terra sigillata* hispânica alto-imperial (caraterizada pelas imitações e derivações das formas itálicas e gálicas, mas já com uma tipologia formal estritamente hispânica); e a *terra sigillata* hispânica tardia (uma produção com fortes influências das *sigillatas* claras do Norte de África).

Em termos de centros produtores de *terra sigillata* hispânica, existem de facto vários, apesar de se notar um predomínio de Trício, conhecido por centro produtor *Tritium Magalum* (La Rioja - na província romana da Tarraconense) e Los Vilares de Andújar (na Bética) (Béltran, 1990:113).

Quanto às particularidades de cada um dos centros produtores, é difícil distinguir os seus fabricos em alguns casos, e por vezes as peças de melhor qualidade de Trício, por exemplo, podem até mesmo ser confundidas com exemplares do Sul da Gália, por apresentarem peças de melhor qualidade.

Tritium Magallum foi considerado o centro produtor e fornecedor mais importante da Hispânia, o qual se localiza na atual região de La Rioja. Inclui não só as estruturas de produção de Trício, mas também de outras na mesma região, como Bezares, Arenzana de Arriba e Nájera (Viegas, 2003:139). A presença de condições geográficas favoráveis na obtenção de matérias primas e combustível, assim como a existência de uma densa rede viária e fluvial (rio Ebro), foram fatores importantes na implantação das oficinas neste local. A distribuição dos produtos fez-se, ao que tudo indica, utilizando grandes cidades como *Augusta Emerita*, como centro redistribuidor para a Lusitânia. O apogeu destes fabricos ocorreu no período entre a segunda metade

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

do século I e a primeira metade da centúria seguinte e alguns ateliers continuaram o seu trabalho até ao século IV d.C. (Viegas, 2003:140).

Quanto ao centro produtor de Andújar, trata-se de um local de produção de grande importância e situa-se junto ao Guadalquivir. Este sítio tem tradição oleira anterior e durante a época de produções de *terra sigillata*, produziu igualmente outras cerâmicas como, cerâmica comum, cerâmica ibérica pintada, paredes finas e lucernas. As produções desta cerâmica, apontam para uma cronologia da época de Tibério-Cláudio e as últimas produções tiveram lugar em meados do século II, observando-se uma diminuição da qualidade de fabricos e de decorações (Viegas, 2003:140).

Segundo as suas características tecnológicas, existe de facto uma grande variedade de pastas e engobes que são possíveis de classificar como produção hispânica e isso depende de vários fatores como por exemplo do centro de produção e/ou período de fabrico. As pastas são finas e normalmente duras, mas menos depuradas, podendo normalmente distinguir-se a olho nu pequenas partículas de elementos não plásticos. Os vernizes de cor, o brilho e a dureza são muito variáveis e tendem a perder qualidade em datas mais tardias (Beltrán, 1990:111). Relativamente à decoração, esta assistiu a um empobrecimento da representação figurativa e da qualidade de execução.

Na sequência de trabalhos de investigadores anteriores como Lamboglia, foram caracterizadas as produções norte africanas por Hayes em 1972, como é o caso da *terra sigillata* clara A, que corresponde à fase inicial destas produções.

As *sigillatas* africanas não dominavam a técnica de enriquecer o engobe de maneira a que após a cozedura ele se identificasse como uma película aderente, daí que a maioria destas produções podem apresentar um engobe cuidado o qual não se distingue da cor da pasta (mate).

A tipologia de *sigillata* clara A é diferenciada por três fabricos (A1, A2 e A3), por Carandini, em que cada uma delas tem cronologias específicas consoante o seu tipo de engobe (Viegas, 2003:165 apud Carandini, 1981). As características desta pasta distinguem-se por apresentar uma cor laranja avermelhado, com pastas de textura esponjosa, na qual são visíveis pequenas partículas de quartzo, micas e calcário.

A *terra sigillata* clara A teve o seu surgimento no final do primeiro século e marcou o início de um fluxo comercial bastante poderoso que se difundiu por todo o Mediterrâneo durante o período imperial e a antiguidade tardia (Raynaud, 1993:170).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

No início do século III d.C. iniciou-se a produção de *sigillata* clara C, esta cerâmica tornou-se comum em toda a bacia do Mediterrâneo e também na costa atlântica de Portugal até ao século V d.C. Em termos de reportório morfológico, este foi renovado, introduziram pratos de grande diâmetro e copos, o que parece refletir a emergência de novas praticas culinárias. A primeira fase de distribuição é marcada pela produção C1, seguindo-se alguns anos depois a produção C2, em que ambas as variantes foram produzidas até ao final do século III d.C. ou IV d.C. Em termos morfológicos, estas apresentam uma pasta fina, bem depurada, entre o rosa escuro e o rosa laranja, com um verniz brilhante laranja (Raynaud, 1993:185). No século IV e na primeira metade do século V surgiram as produções C3 e C4, menos finas que as anteriores, com uma pasta um pouco granular e com um verniz menos brilhante. Na última fase de produção surgiu a C5, com uma pasta laranja-rosa e um verniz laranja semi-mate.

A *sigillata* clara D retomou a produção anterior do fabrico A e apresenta uma pasta de textura granular fina e o engobe por vezes mate. Esta cerâmica foi produzida na região de Cartago e teve uma duração que foi desde os inícios do século IV até meados do século VII, e vai desaparecendo gradualmente. Esta cerâmica distingue-se pela sua pasta de cor vermelho-tijolo e é composta por duas variantes D1 e D2. A variante D1 apresenta uma pasta laranja fina e homogénea, ligeiramente granular e um engobe da mesma cor, mate. A variante D2 apresenta uma cor laranja-escuro, a textura é mais grosseira que a anterior e o engobe é semi-mate (Reynaud, 1993:190).

Relativamente à decoração nesta cerâmica, constitui uma característica importante da produção de *sigillata* no território norte africano desde o século IV ao século VI, a qual surge sobretudo nos fundos internos de pratos ou tigelas (Viegas, 2003:166). As decorações estampadas podem variar numa primeira fase, com início nas primeiras décadas do século IV até meados do século V, com motivos florais e geométricos; a segunda fase é marcada pela representação de animais e símbolos cristãos, especialmente cruces, com datação de meados do século V ao início do século VI; e a terceira fase introduz figuras humanas e outras espécies de animais com cronologias do primeiro quartel do século VI ao início do século VII (Viegas, 2003:166). Porém, além desta técnica de decoração, a *terra sigillata* africana também conheceu outras formas decorativas, em relevo e aplicada.

7.1.1. Análise do Conjunto de *Terra sigillata*

O conjunto de *terra sigillata* exumado do Paço dos Lobos da Gama é relativamente pequeno, contando com um total de 59 fragmentos (59%), o que perfaz um número mínimo de indivíduos (NMI) de 39 peças (41%) (Anexo II – Gráfico 4, 4.1.; Anexo III - Est. I).

Foi possível classificar 75% da amostra, restando 25% para os fragmentos que não foram possíveis classificar, os quais foram dados como “indeterminados” (Anexo II – Gráfico 4.2.).

No que toca à distribuição do conjunto por unidades estratigráficas, verificou-se uma dispersão entre todos os setores, excetuando o setor 1, e apenas 18 fragmentos se encontram em contextos romanos (Anexo III – Gráfico 4.5).

Quanto às proveniências, destaca-se com 42% (17 peças) do total do conjunto a *Terra sigillata* Hispânica, de seguida a Africana, com 29% (12 peças), seguindo-se a Sudgálica, com 22% (nove peças) e por fim a *Terra sigillata* do tipo itálico que é a mais reduzida com 7% do total (três peças) (Anexo III – Gráfico 4.3.).

O grupo de *terra sigillata* itálica conta com um total de três peças (NMI), sendo que foram possíveis destacar duas tipologias distintas, e um dos exemplares foi dado como indeterminado (Anexo III – Gráfico 4.4).

A forma *Conspetus* 12 é representada no Paço dos Lobos da Gama por uma peça, nomeadamente um prato de pequenas dimensões, com 15cm de diâmetro de bordo (PLG.S5[13]1885). Em termos morfológicos, apresenta um bordo pendente arredondado, mas pouco pronunciado, destacando-se pouco da parede. A pasta é de textura muito fina, os ENP's são quase inexistentes e o engobe é brilhante, espesso e homogéneo. Em termos de cronologia, aponta para um período de produção entre 15 a.C. - 14 d.C., existindo variantes tardias que podem atingir o reinado de Augusto. Segundo os paralelos, encontram-se exemplares deste tipo na Praça da Figueira (Bolila, 2011, Est. 4); na Alcáçova de Santarém registaram-se 36 exemplares datados do período 15 a.C. – 14 d.C. (Viegas, 2003: 52, nº 2557); e nos Chãos Salgados, com uma cronologia médio-tardo-augusta (Quaresma, 2012:369, Dias, 1976-7, nº 3). No castelo de Alcácer do Sal (*Salacia*) são também escassas as importações de *sigillata* itálica, no entanto a forma *Consp.* 12, encontra-se representada por sete exemplares, com uma

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

cronologia que varia entre 10 a.C. e 15 d.C. (Sepúlveda, Faria, Faria, 2000:120). No Algarve, na cidade romana de *Balsa*, os exemplares de *terra sigillata* itálica, são igualmente reduzidos, porém o prato Consp. 12 e Consp. 18 são das formas mais comuns (Nolen, 1994:66).

A forma *Conspetus* 18 iniciou um novo ciclo da produção de *terra sigillata* itálica, registando-se um maior incremento da produção e verificando-se um elevado grau de estandardização das formas (Viegas, 2003:57). Esta forma encontra-se representada no Paço dos Lobos da Gama por uma peça, nomeadamente um prato de pequenas dimensões, com 14cm de diâmetro de bordo, cujo bordo é vertical côncavo e apresenta molduras externas (PLG.S5[13]1894). A pasta é muito depurada e fina, com tons rosados alaranjados; o engobe é vermelho escuro com sinais de fraca aderência; os ENP's são praticamente inexistentes, sendo difícil de identifica-los. Em termos cronológicos, a Consp. 18 situa-se em torno do período 10 a.C. – 37 d.C. Quanto aos paralelos foram encontrados 24 exemplares na Praça da Figueira, com uma cronologia que aponta para 10 a.C. chegando a atingir meados do principado de Tibério (30 d.C.) (Bolila, 2011, Est. 10, nº 51); na Alcáçova de Santarém, esta forma encontra-se representada por 33 exemplares com uma cronologia de 10 a.C. a 37 d.C. (Viegas, 2003:57-58, nº 2572).

Quanto às produções sudgálicas, estas contam com um total de nove peças (NMI), destacando-se três tipologias distintas, sendo que um dos exemplares foi dado como indeterminado (Anexo II – Gráfico 4.4.).

A forma Drag. 18, é representada por três peças, nomeadamente três bordos (PLG.S5[31]2395, PLG.S5[31]1900, PLG.S5[20]2391) e dois fundos (PLG.S5[31]2396, PLG.S5.2410). Estas peças correspondem a um prato de perfil simples, com parede côncava e o bordo é semicircular. A pasta é de textura muito fina, com ENP's visíveis (micas) e o engobe baço, de boa qualidade e aderente. Em termos cronológicos, esta forma apresenta uma longa duração, situando-se entre o reinado de Cláudio até meados do século I d.C. Na Alcáçova de Santarém, esta forma é bastante numerosa, contanto com 51 pratos (Viegas, 2003:112-113, nº 3213); em Chãos Salgados conta-se um total de 243 exemplares, em que de uma maneira geral encontram-se datados do século I d.C. (Quaresma, 2012:370, 34-Dias, 1976-7 nº 66; 35-Dias – 1976-7, nº 71; 36- 1976-7-nº69; 37- nº 74; 38- nº 72; 39- Mir-4-9; 40-Mir-4-2;

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

41-Mir-125-3302; 42-Mir-3-341); em Vidigal (Aljustrel), encontraram-se dois exemplares de pratos de perfis baixos e largos com um espetro cronológico bastante alargado (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 26).

Ainda dentro da tipologia Drag. 18, destaca-se um fundo com marca de oleiro (PLG.S5.2410), no qual se observa a impressão “OFIC BILIC (...)”, pertencente à *Oficina Billicatus*, um dos principais exportadores de La Graufesenque desde a segunda década da era até aos finais do principado de Cláudio (30-50 d.C.) (Silva, 2005:151). Segundo Polak, este oleiro começou a marcar a sua produção muito cedo, estando referenciada para um período entre 30 e 60 d.C. (Polak, 2000). Uma marca idêntica encontra-se entre o material de *Conimbriga*, datado de 30 - 50 d.C. (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975:111, Est. XXXI); em Represas (Beja), datada de 45 – 70 d.C. (Silva, 2005 apud Lopes, 1994:52, Fig. 22, nº 433); no Algarve foi encontrada um fundo de forma indeterminada, marmoreada, onde se lê OFIC.B (nº 1156), podendo pertencer ao oleiro *Billicatus* (Viegas, 2009:442); assim como na Praça da Figueira, onde se encontra a mesma impressão, porém um pouco obliterada (Silva, 2005:151).

A forma Drag. 24/25 é inspirada em modelos itálicos e no Paço dos Lobos da Gama encontra-se representada por quatro taças, nomeadamente quatro bordos verticais com moldura externa bem demarcada na parede e decoração em guilhoché (PLG.S5[20]2393; PLG.S4[8]1423, PLG.S5[20]2388, PLG.S5[20]2392). As características das pastas diferem um pouco, sendo que a forma PLG.S4[8]1423 apresenta uma pasta bem depurada, com raros ENP's e um engobe vermelho escuro aderente e brilhante; as formas PLG.S5[20]2392/2393 apresentam uma pasta menos fina, com ENP's visíveis (quartzo, micas), mas um engobe igualmente bem aderente e homogéneo. Em termos cronológicos, estas taças centram-se no período de Tibério/Cláudio a 60 d.C. (Viegas, 2003:106) e encontram-se em Chãos Salgados, sem datação precisa (Quaresma, 2012:370) e na Alcáçova de Santarém, quase na sua totalidade com guilhoché, datadas entre o período 20-60 d.C. (Viegas, 2003:106-107).

A peça PLG.S5[20]2388 desta tipologia, destaca-se por apresentar um engobe marmoreado, produzida em La Graufesenque. A sua pasta é fina de cor laranja-rosada, com ENP's de pequenas dimensões (micas). As peças marmoreadas atingem todo o espaço peninsular, mas em percentagens reduzidas, as quais se encontram datadas entre os anos 40 e 70 d.C. (Quaresma, 2003:112). Em Chãos dos Salgados foram descobertos

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

setes exemplares desta taça, com uma qualidade de fabrico bastante fraca e sem contextos estratigráfico (Quaresma, 2003:113, Dias, 1976-7, nº 88; 58 – nº 89; 59 – nº93; 60 – nº95; 61-Mir-2001-019-52(XVIc); assim como em Valdoca, Tróia e *Conimbriga* (Quaresma, 2003:68, 173).

A forma Drag. 27 encontra-se representada por uma peça (PLG.S3[11]2365), nomeadamente um fundo de taça. Morfologicamente caracteriza-se por apresentar um fundo anelar com uma secção arredondada, e normalmente possuem um bordo semi circular. Quanto às pastas, estas são bastante depuradas, notam-se alguns ENP's e o verniz é vermelho escuro, homogéneo e resistente. Em termos cronológicos, podem datar-se de um longo período desde Tibério até aos finais do século I d.C. No que toca a paralelos, esta forma é bastante abundante na Alcáçova de Santarém, estando representada por 58 peças, com uma cronologia desde 58 d.C. até finais do século I d.C. (Viegas, 2003:104); em *Conimbriga*, grande parte das taças Drag. 27, apresentam marca de oleiro, com cronologias do século I d.C.; em Chãos Salgados aparecem igualmente formas deste tipo, as quais têm o seu início em época tardo-augusta (Quaresma, 2012:95; 370, 67-Mir-991-6-14; 68-Mir-385-2).

A *terra sigillata* hispânica é o grupo que mais se destaca dentro deste conjunto, contando com 51% do total da amostra, isto é, 30 fragmentos (17 peças), sendo que 10 foram dados como indeterminados (Anexo II – Gráfico 4.4.).

A forma Drag. 15/17, conta com um total de seis peças, entre as quais se destacam seis bordos e dois fundos (PLG.S5.2412; PLG.S5[13].1889; PLG.S5[13]1899; PLG.S3[18]2371; PLG.S5[13]2032; PLG.S3[11]2364; PLG.S5[13]1891; PLG.S3[18]2370). Estas formas pertencem a pratos com bordos verticais, simples, de secção arredondada, e na sua maioria apresentam uma fina moldura abaixo do bordo. As pastas são de textura fina, com ENP's visíveis (micas) e o engobe é baço e de baixa qualidade. Em Vidigal (Aljustrel), esta forma encontra-se representada por cinco exemplares, com uma cronologia ampla balizada entre a segunda metade do século I d.C. e a centúria seguinte (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 30); já na Alcáçova de Santarém, registam-se 22 exemplares de paredes lisas, de cronologia mais tardia, situada no século II d.C. (Viegas, 2003:144, nº 2898). Em Chãos Salgados também se encontra esta forma, com uma cronologia do século II d.C. (Quaresma, 2012:124, nº 153); assim como na Necrópole da Rouca (Alandroal), encontram-se exemplares desta forma,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

datados da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:246, 247, 432, Sepultura 4 - nº 15639; 15791, Sepultura 29 – nº 15792).

A forma Drag. 18, é representada por três pratos (NMI), nomeadamente um fundo (PLG.S5.2398; PLG.2376) e dois bordos (PLG.S5[13]1903, PLG.66). O fundo possui um pé anelar de secção triangular, com canelura a meia altura, e os bordos são arredondados, sobressaindo-se um pouco da parede. Quanto às pastas, são de textura fina, possuem uma aparência homogénea a olho nu, embora ressaltem alguns ENP's (micas); o engobe é mate em algumas formas (PLG.S5.2398, PLG.2376, PLG.S5[13]1903) e brilhante em apenas uma (PLG.66). Em Chãos Salgados encontram-se alguns exemplares desta forma, de meados do século I a finais do século II d.C. (Quaresma, 2012:125, 197-Mir-274-34).

A forma Drag. 27, encontra-se representada por três peças (PLG.S5.2399; PLG.S6[32]3238; PLG.S5[13]1875), nomeadamente três fundos. Esta forma pertence a uma das taças mais comuns da produção hispânica, seguindo o protótipo de formas sudgálicas. As pastas apresentam uma textura fina, com ENP's bem visíveis (micas) e o engobe é de fraca qualidade. Em Santarém, contam-se 17 peças, datadas do período 40-200 d.C. (Viegas, 2003:147); em Chãos Salgados esta forma encontra-se datada do século I até às primeiras décadas do século II d.C. (Quaresma, 2012:376, 243-Mir-991-6-1); também na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora) se encontra esta forma, com uma cronologia aplicada de finais do século I inícios do século II d.C. (Rolo, 2010:244, nº Sepultura 4 – 15630; Sepultura 11 – nº 15694; Sepultura 15 – 15634; 15651; Sepultura 29 – 15637).

Um dos fundos desta tipologia destaca-se por apresentar uma marca de oleiro (PLG.S5.2399), onde se pode observar a impressão “(...) LVC PI”, pertencente à *Oficina Lucius Pi (...)*, da região *Tritium Magallum* (Trício), sendo que o início da sua fabricação deu-se na época Claudiana (Beltran, 1990:112). Quanto aos paralelos, encontram-se exemplares com a mesma marca de oleiro em Torre de Palma (Mayet, 1984:146, M.310); *Conimbriga*, datado de 50 – 75 d.C. (Mayet, 1984:311, M.311) e Braga (Morais, 2004:309).

A forma Drag. 30 é representada por três peças (NMI), nomeadamente três fundos (PLG.S3[12]1565, PLG.S5[31]2397, PLG.S6[72]3239). Estes apresentam uma base anelar, de perfil triangular e com uma canelura a meia altura. No que toca às

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

características da pasta, apresentam uma textura fina, com ENP's visíveis a olho nu (micas), o engobe é de fraca aderência e nota-se que é mais brilhante no exemplar PLG.S3[12]1565. Carlos Quaresma salienta que esta forma é pouco frequente na área de Andújar, com uma cronologia de toda a metade do século I d.C. e encontra-se representada em Chãos Salgados por três exemplares (Quaresma, 2012:143, 256-Mir-991-17-2).

Entre estes fundos destaca-se ainda um que apresenta marca de oleiro (PLG.S3[12]1565), com a impressão "(...) ?IR", contudo não foi possível determinar o centro de fabrico dada a sua fragmentação.

A forma Drag. 35/36 encontra-se representada por duas peças, nomeadamente dois fundos, sendo que um deles poderá pertencer a uma taça do tipo Drag. 35 (PLG.S4[8]1426) e o outro a um prato do tipo Drag. 36 (PLG.S2[1]622). Contudo estas duas formas encontram-se juntas, sendo que a seleção leva a algumas dúvidas, visto que a dimensão dos fragmentos dificulta a escolha de uma das duas. A pasta destas formas é vermelha, com engobe acastanhado mate, e os ENP's encontram-se visíveis e bem distribuídos (micas e quartzo). Em termos cronológicos, a forma Drag. 35 foi produzida nas oficinas da *Hispania* desde a segunda metade do século I até meados do século II d.C., e a forma Drag. 36 prolongou-se até ao século IV (Viegas, 2003:149). Em Santarém existem seis peças desta forma, datadas do período 60/70-200 d.C. (Viegas, 2003:149); também em Chãos Salgados se encontram exemplares desta forma, assim como na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), contando com quatro exemplares desta tipologia nas sepulturas 14 e 15, datadas da segunda metade do século I a meados/finais do século II d.C. (Rolo, 2010:332, 333, 335, 365).

Ainda dentro do grupo de produções hispânicas, encontram-se sete exemplares, os quais contêm decorações, no entanto, dado o facto de se encontrarem bastante fragmentados não foi possível determinar uma tipologia. Entre estes exemplares encontram-se as decorações mais frequentes em produções hispânicas, nomeadamente os círculos concêntricos (PLG.S5[13]1873, PLG.S5.2403, PLG.S5.2404) (Garabito, 1978). Esta decoração encontra-se representada em Balsa (Viegas, 2011, Est. II – 692); nos espólios de *Ammaia* (Quaresma, 2015:36, nº 19); na Necrópole da Rouca, encontra-se uma Drag. 29 com este tipo de decoração (Rolo, 2010:430, Sepultura 29 – nº 15661); na Alcáçova de Santarém esta decoração encontra-se representada em formas como

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Drag. 29/37, com uma cronologia entre a segunda metade do século I e o século II d.C. (Viegas, 2003:153-154, nº 2926). Para além desta verificam-se igualmente decorações com métopas definidas verticalmente, cordões ondulantes (PLG.S5[30]2233, PLG.S3[18]2369) e um dos exemplares apresenta uma representação humana indeterminada, para o qual não foram encontrados paralelos (PLG.S5[20]2383) (Garabito, 1978:505, Tabela 1).

Quanto às produções africanas, foram contabilizadas 12 peças (NMI), entre as quais foi possível determinar quatro variantes de fabrico – A, C1/C2, C4 e D1 (Anexo II – Gráfico 4.4.).

No grupo de *terra sigillata* clara A, destaca-se a variante A2, a qual apresenta uma pasta dura, pouco compacta, granulosa, com ENP's de reduzida dimensão/frequência (micas e quartzo). No Paço dos Lobos da Gama encontram-se três taças desta variante, do tipo Hayes 9B, com diâmetros que variam entre os 10 e os 14cm (PLG.S5[13]1895; PLG.S5[13]1890; PLG.S5[13]2034). Os bordos são arredondados e apresentam duas ranhuras a seguir ao bordo, do lado externo. Em termos cronológicos, esta taça situa-se entre a segunda metade do século II e o século III d.C. (Hayes, 1972). Estas formas encontram-se em Chãos dos Salgados e não possuem estratigrafia conhecida (Quaresma, 2012:165, nº395-Arq-1522).

Dentro do grupo de *terra sigillata* africana do tipo C, foram determinadas duas tipologias – Hayes 44 e Hayes 50. A primeira é representada por duas peças, nomeadamente dois fundos (PLG.S5[13]1878, PLG.S5[13]1876) e o tipo Hayes 50, encontra-se representada por uma peça (SNº). Morfologicamente, os fundos do tipo Hayes 44 são baixos, em forma de anel e em termos de fabricos foram determinadas as variantes C1/C2, tratando-se de uma pasta medianamente fina, compacta e com finos e raros ENP's. Esta tipologia aponta para uma cronologia de meados do século III d.C. (Quaresma, 2012:43) e encontram-se representadas em Chãos dos Salgados, com uma cronologia de meados do século III até meados do século IV-V (?) (Quaresma, 2012: 385, 443-Mir-3-478). A forma (SNº) poderá ser um prato do tipo Hayes 50, dadas a suas características morfológicas, com parede esvasada e bordo simples semicircular. Trata-se de uma produção de fabrico C1, em que a pasta é de textura fina, bem depurada de cor laranja, e a superfície alisada. Em termos cronológicos, este tipo de produção iniciou-se no século III e durou até ao século V d.C. (Raynaud, 1993:185). Na Alcáçova

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

de Santarém foram identificados dez exemplares do tipo Hayes 50, com datação proposta entre 230/40-325 (Viegas, 2003:173-174, nº 3105); em *Conimbriga*, esta forma é a que se encontra melhor representada, dentro do grupo de *terra sigillata* clara C, com 91 exemplares (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975:256).

Ainda de fabrico C, destaca-se um fundo (PLG.S5[19]2075) para o qual foi determinado o tipo C4, no entanto não foi possível determinar uma tipologia devido ao seu estado de fragmentação.

Dentro do grupo de *terra sigillata* africana do tipo D foi possível determinar duas tipologias, nomeadamente Hayes 58A/B e Hayes 59, as quais se encontram representadas por quatro e duas peças, respetivamente. Estas formas apresentam uma pasta pouco compacta e granulosa, com ENP's de pequenas dimensões e bem distribuídos (quartzos e micas).

A forma Hayes 58 corresponde a um prato com o bordo em aba, ligeiramente descaído. Mayet fez uma distinção de variantes desta forma entre A e B, de acordo com a caracterização dos fabricos e da inclinação do bordo. A variante A apresenta menos inclinação no bordo e trata-se de uma produção mais fina, já a variante B apresenta um fabrico mais grosseiro e o bordo tem uma inclinação mais demarcada. Estas variantes apontam para uma cronologia dos finais do século III/inícios e terceiro quartel do IV (Viegas, 2003:175).

Das formas do Paço dos Lobos da Gama distinguem-se três peças da variante B (PLG.S6[106]3422; PLG.S5.2402; PLG.S5[13]1896) e um exemplar da variante A (PLG.S5[13]1892). Ambos são de produção D1, com uma pasta laranja fina, ligeiramente granular, ENP's bem distribuídos (quartzos e micas) e um engobe mate da mesma cor da pasta. Na Alcáçova de Santarém foram identificados 10 fragmentos desta tipologia, que se referem às duas variantes enunciadas por Hayes, de uma cronologia que vai desde 290/300 a 375 d.C. (Viegas, 2003:176, nº 3053); em *Conimbriga*, esta é a segunda forma mais comum de produções de *sigillata* clara D (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975:262); encontra-se igualmente representada no fundão de Tróia, com uma cronologia de entre 290/300-375 d.C. (Fonseca, 2003:20, nrs 23, 60, 70); em Chãos Salgados, encontram-se dois pratos de tipologia Hayes 58A produzidos entre 290-300/375 d.C. (Quaresma, 1999:70); assim como no sítio romano do Vidigal (Aljezur),

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

podendo ser atribuída uma cronologia dos últimos anos do século III d.C. prolongando-se até ao século V d.C. (Pereira, 2012:167, Fig. 8, nº 36).

Ainda de produção D1, a forma Hayes 59 é representada por duas peças (NMI) (PLG.S5[13]1897, PLG.S4[0]1243). Em termos morfológicos, os bordos destes pratos apresentam uma aba larga e paredes curvas; e as pastas são de textura fina, granular, variando a sua cor entre o laranja escuro e o laranja claro, com ENP's visíveis e de reduzidas dimensões (micas). Em termos cronológicos, Hayes faz igualmente uma distinção entre duas variantes – A e B – sendo que a primeira apresenta depressões verticais na parede exterior, datada de entre os inícios do século IV e inícios do século V d.C. e a B apresenta a parede lisa, prolongando-se até ao primeiro quartel do século V d.C. (Hayes, 1972:96). Dada a fragmentação dos bordos exumados do Paço dos Lobos da Gama é difícil de determinar uma destas variantes, no entanto parte da parede que se encontra preservada aparenta que estas são lisas (variante B). Em termos de paralelos, foram identificados dez fragmentos desta forma na Alcáçova de Santarém, datados do período 290/300-375 d.C. (Viegas, 2003:176-177, nº 3326); em *Conimbriga*, esta forma também se encontra bem representada, constituindo um dos bons exemplos das primeiras fases da produção de *sigillata* clara D; em Chãos Salgados, encontra-se um bordo com decoração composta por nervuras verticais na superfície externa da parede e datada entre 320-400/420 d.C. (Quaresma, 1999:70, nº 3) e da variante H.59B encontram-se três bordos horizontais, de cronologia igual a anterior, de 320-400/420 (Quaresma, 1999:70, nrs 4, 5 e 6).

Ainda inseridos no fabrico D1 encontram-se dois bojos decorados (PLG.S5[13]1874, 1871), sendo que o primeiro apresenta uma decoração em cruz, com os braços em linha reta e com dois ou quatro círculos entre os mesmos. Hayes data esta decoração do final do século V para meados do século VI d.C. (Hayes, 1972:366-368, nº 79t). Em termos de paralelos não foram encontradas formas que apresentassem este tipo de decoração, porém, dentro do conjunto de cerâmica romana exumado do Paço dos Lobos da Gama, este será provavelmente o fragmento que apresenta a cronologia mais tardia. O segundo fragmento apresenta uma decoração em pequenos círculos, com uma cronologia de entre os séculos IV – V d.C. (Hayes, 1972:234-236, 24c, 32n).

7.2. Paredes Finas

Antes de se generalizar o uso do vidro na produção de vasos de beber, eram utilizadas as paredes finas com essa finalidade. Este tipo de cerâmica foi produzida em Itália, Gália e Hispânia e caracteriza-se por apresentar paredes com espessura muito fina com uma grande diversidade de decorações e em termos morfológicos destacam-se essencialmente copos e taças (Passelac, 1993). Para além disso, apresentam pastas finas e claras e engobes alaranjados/acastanhados.

Desde cedo que este tipo de cerâmica chamou a atenção de investigadores, porém só a partir do século XX é que passou a fazer parte de objeto de estudo de alguns estudos e obras.

Françoise Mayet foi a principal responsável pela definição de referências tipológicas empregues em Paredes Finas. Em 1975, publicou *La céramique a parois fines dans la Península Ibérique*, a qual passou a ser utilizada por vários investigadores para as tipologias cerâmicas.

Foi igualmente criado o Dicocer, o qual se encontra em constante atualização, criado por Michel Py (1993). O volume criado por Michel Passelac (1993), utiliza a tipologia de F. Mayet, combinando critérios morfológicos, decorativos e reflete também o tipo de produção.

No que toca a publicações realizadas por autores portugueses, destacam-se os estudos sobre as importações de cerâmicas finas em *Bracara Augusta* de Rui Morais (1997); as cerâmicas de paredes finas da Alcáçova de Santarém da autoria de Ana Arruda e Elisa de Sousa (2003), assim como os trabalhos de José Carlos Quaresma em *Ammaia*, por exemplo.

Em termos de análises químicas, existe de facto uma grande lacuna, o que torna complicado identificar centros produtores desta cerâmica. Porém, os investigadores compreenderam que em relação aos fabricos de paredes finas, estas podem ser divididas em dois grupos: de época republicana e de época imperial e em dois centros oleiros: *Augusta Emerita* e na Bética, aspeto que foi comprovado através de análises macroscópicas e de trabalhos arqueológicos realizados em centros oleiros (Arruda, 2003:238).

7.2.1. Análise do Conjunto de Paredes Finas

O conjunto de paredes finas do Paço dos Lobos da Gama é bastante reduzido, e encontra-se muito fragmentado. Foi então exumado um conjunto de 21 fragmentos (78%), o que perfaz um total de seis peças (NMI) (22%), dado que nem todos os fragmentos foram possíveis de classificar. Em termos gerais o conjunto encontra-se datado dos séculos I-II d.C., isto é, com uma cronologia alto-imperial (Anexo II – Gráfico 5; Anexo III - Est. II).

Nesta sequência, do conjunto total, apenas 9 fragmentos (43% da amostra) possibilitaram a identificação formal, por se tratarem, de bordos e fundos, porém sempre com a ressalva de que os fundos podem transmitir algumas dúvidas na sua classificação, visto que podem pertencer a diversas formas. A maioria do conjunto, composto essencialmente por bojos, o que perfaz 57% da amostra, compõem a fatia referente a formas indeterminadas (Anexo II – Gráfico 5.1.).

Os fragmentos de paredes finas distribuem-se pelos setores 3, 5 e 6 da área de escavação, sendo que apenas a camada [20] do setor 5, se encontra em contexto de época romana. (Anexo II – Gráfico 5.6).

A análise das pastas foi realizada com base em critérios macroscópicos, o que permitiu a identificação de dois grupos de proveniências, o Grupo 1, que corresponde a produções Emeritenses e o Grupo 2, que corresponde a peças de proveniência Bética. Para além disso, estes dois grupos foram divididos em subgrupos de fabrico, resultando na seguinte separação (Anexo II – Gráfico 5.4.):

Grupo 1 – Produções Emeritenses

Subgrupo 1a - Pastas com a cor bege/rosada, de textura média-fina, porosa, contem ENP's bem visíveis (calcite, micas). Os engobes conservados são mates e variam entre os laranjas claros (10YR - 7/6), laranjas escuros (2.5YR - 5/6) e amarelos (Munsell 2.5Y - 7/6).

Subgrupo 1b - Pastas com a cor esbranquiçada (Munsell 10YR-8/1) de textura fina, compacta, com ENP's presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), e os engobes variam entre os laranjas (Munsell 5YR-6/8), vermelhos (Munsell 2.5YR-5/8), laranja acastanhado (Munsell 2.5YR-4/8).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Grupo 2 – Produções Béticas

Subgrupo 2a – Pastas beges amarelada (Munsell 2.5Y-8/3), de textura fina, com presença de ENP's que dificilmente se vêem a olho nu (calcite). O engobe varia entre o laranja avermelhado (2.5YR - 5/8) e o laranja (5YR-7/8).

Subgrupo 2b – Pastas bege amarelada (Munsell 2.5Y-8/3), de textura média a fina, com a presença de ENP's (calcites e micas). A cor do engobe varia entre o laranja claro (Munsell 7.5YR-6/8) e o laranja acastanhado (Munsell 2.5YR-5/8).

A maioria das produções são de fabrico Emeritense (67%) com os Subgrupos 1a e 1b, das quais se destacam 14 fragmentos e as produções da Bética apresentam 33% do total da amostra (Anexo II – Gráfico – 5.2.).

Em termos tipológicos, é importante referir novamente que apenas serão analisados aqueles que foram possíveis de atribuir uma tipologia, sendo que apenas duas formas estão registadas, nomeadamente Mayet XXXVII e Mayet XLIII (Anexo II – Gráfico 5.3.).

A forma XXXVII encontra-se representada por duas peças que poderão pertencer a copos, um bordo espessado de extremo arredondado e delimitado por caneluras (PLG.S6[45]3021) e um fundo de base plana (PLG.S5[20]2147), de produções béticas, do Subgrupo 2b. Em termos de paralelos, foi encontrado em Santarém um fragmento de bordo de tigela hemisférica de lábio curto e arredondado, separado por linhas do bojo, do tipo Mayet XXXVII. Arruda e Sousa, referem que esta forma é produzida em oficinas do sul da Bética e foi muito difundida sobretudo na bacia ocidental do Mediterrâneo (Arruda; Sousa, 2003:280). Esta forma surge na época Tibério-claudiana estendendo-se pelo período dos Flávios, podendo ser proposta uma data entre 25 – 60 d.C. (Passelac, 1993).

A forma XLIII é uma das formas mais típicas da produção emeritense, e encontra-se representada por 7 fragmentos, isto é, 4 peças (NMI), encontrando-se melhor representada no Paço dos Lobos da Gama, em relação à anterior. Esta forma remete-nos para um âmbito cronológico da segunda metade do século I d.C. e inícios do século II d.C. (50 – 100 d.C.) (Rodríguez Martín, 1996:143). Desta forma destacam-se quatro bordos (PLG.S6[74]3241; PLG.S5[13]1926; PLG.S5[13]1928; PLG.S5[20]2156) e três fundos (PLG.S6[106]3423; PLG.S6[45]3020; PLG.S5[13]1925), todos de produções Emeritenses, distribuindo-se pelos Subgrupos 1a

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

e 1b. Os vasos desta forma apresentam geralmente bordos espessados e amendoados, delimitados por caneluras, e o bojo muito arredondada ficando mais estreita à medida que se aproxima do fundo. Dentro desta forma apenas um fragmento apresenta decoração em bandas de guiloché aplicado obliquamente e separado por linhas horizontais paralelas. Tem como paralelos uma taça, do tipo M. XLIII, encontrada na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), que apresenta igualmente este tipo de decoração, datada da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:340, Sepultura 14, pf-8). Encontram-se igualmente paralelos em Mérida (Mayet, 1975, Pl. LXIII-LXV, pp. 101-103); *Ammaia*, um vaso de beber, Mayet 43 (Quaresma, 2015:33, nº 8). Relativamente aos fundos, dois deles são planos PLG.S6[106](3423; PLG.S5[13]1925) e o terceiro é ligeiramente côncavo (PLG.S6[45]3020), dos quais se destacam paralelos como na Alcáçova de Santarém (2003:282, Fig. 19 nº 226) e *Ammaia* (Quaresma, 2015: 3, nrs 6, 7, 8, 26, 27).

Em relação aos fragmentos indeterminados, estes encontram-se representados por 12 exemplares de bojós, num total de 57% da amostra total. Alguns destes não foi possível identificar a sua decoração, por se tratarem de fragmentos demasiado pequenos, porém, verificam-se decorações em guiloché, arenosa, incisa, folha de água, lúnulas e rugosa.

7.3. Lucernas

As lucernas são monofuncionais, no entanto, eram utilizadas em vários tipos de ambientes, tendo como função iluminar espaços e caminhos.

No que toca a estudos realizados sobre lucernas, o interesse foi despertado em primeiro lugar por colecionistas, particularmente pelo seu valor iconográfico. O seu estudo como uma categoria tipológica iniciou-se num período anterior comparativamente a outras cerâmicas de produção romana como é o caso da *terra sigillata* e das ânforas. Contudo, o facto de tipologias terem sido elaboradas com base em peças de coleções privadas ou de museus, apresentam desvantagens de derivarem de locais sem contexto arqueológico ou cronológico.

Surgiram os primeiros estudos sobre lucernas, na viragem do século XIX para o século XX, com a publicação de Dressel em 1899, o qual compilou uma evolução

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

tipológica e cronológica que apesar de ser uma divulgação mais antiga, ainda hoje é considerada uma das obras essenciais para o estudo das lucernas (Pereira, 2008:19).

Porém, o estudo de lucernas não se tornou tarefa fácil, dado que existe uma grande diversidade de propostas tipológicas, que foram sendo realizadas ao longo do século XX e que seguem diferentes critérios de elaboração. Neste sentido existem tipologias que se centram apenas em aspetos morfológicos, outras têm em consideração a cronologia, outras baseiam-se em critérios tecnológicos ou decorativos, e outras tentam conjugar estes critérios.

Em 1908, sobre as lucernas do British Museum, H.B. Walters publicou o primeiro catálogo de uma coleção museológica exclusivamente dedicado a lucernas romanas, dando preferência ao bico (Walters, 1908).

Em 1919, Loeschke teve a oportunidade de criar uma nova tipologia baseada na coleção de lucernas recuperadas no acampamento militar de Vindonissa (Pereira, 2008 apud Loeschke, 1919), associada à evolução cronológica e morfológica.

Em 1952, Nino Lamboglia recuperou a tipologia criada por Dressel e aperfeiçoou-a, criando uma evolução sequencial com base nas características formais das lucernas, à semelhança do que Loeschke apresentou. Lamboglia fez então uma divisão em cinco grupos, os quais ainda hoje são utilizados como base de classificação: lucernas republicanas, lucernas de volutas, lucernas de disco, lucernas de canal e lucernas cristãs (Vieira, 2011:17).

Em 1961, Michel Ponsich foi outro investigador que se interessou pelas cerâmicas de iluminação romanas e reviu as tipologias criadas até então, elaborando uma nova evolução crono-estilística. Dividiu assim as lucernas em quatro grupos: lucernas republicanas, de volutas, de disco e de canal (Ponsich, 1961).

Outro estudo também considerado como referência é o de Deneauve, publicado em 1969, o qual utilizou dados estratigráficos recolhidos de escavações das necrópoles de Cartago, assim como antigas tipologias para conceber um estudo que sistematizasse todas as formas de lucernas (Deneauve, 1969).

Nos anos 90, Morillo Cerdán, deu destaque às lucernas com uma publicação relacionada com espólio proveniente do território espanhol (Morillo Cerdán, 1999) e de igual modo relevante, Miguel Beltrán Lloris, que elaborou uma análise às tipologias de lucerna existentes, na obra *Guia de la cerámica romana* (1990).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Em termos de trabalhos mais recentes, em 2002, Rodríguez Martín, publicou uma monografia com destaque ao acervo presente no Museu Nacional de Arte Romana em Mérida (Rodríguez Martín, 2002).

No território português, encontram-se escassos estudos durante os primeiros anos do século XX, porém o interesse científico nestas produções surge apenas na década de 50 com o primeiro trabalho dedicado ao estudo das lucernas presentes no território português, elaborado por José Ferreira de Almeida (1952).

Também Jeannette Nolen, retrata alguns exemplares de lucernas nos seus estudos sobre as necrópoles do Alto Alentejo (1985) e nos anos 90 com a publicação da coleção recuperada das intervenções de Torre de Ares (Balsa) (1994).

Em 2008, foi realizado por Carlos Pereira o estudo das lucernas romanas de *Scallabis*, em que o autor apresenta um catálogo da coleção que vai desde o período tardo-republicano até à antiguidade tardia.

Um outro investigador que também realizou estudos sobre lucernas em Portugal é Rui Morais, o qual publicou em 2011 um catálogo sobre a Coleção de lucernas romanas do Museu de Évora, por Rui Morais, com a apresentação de um total de vinte e dois exemplares de época romana, pertencentes à coleção de Frei Manuel do Cenáculo.

Também em 2011, foi publicada a dissertação de Mestrado de Vasco Vieira sobre as lucernas romanas recuperadas da Praça da Figueira, em Lisboa, provenientes de trabalhos arqueológicos que ocorreram durante os anos 1962, 1999/2001.

7.3.1. Análise do Conjunto de Lucernas

Para a leitura integrada do conjunto de lucernas do Paço dos Lobos da Gama, foram possíveis identificar diferentes produções e as suas origens através de uma análise macroscópica dos exemplares.

A realidade numérica do conjunto permitiu a definição de três grupos de fabricos oriundos de diferentes áreas ou centros de produção, decorrentes dos ritmos das importações e das dinâmicas de intercâmbio comercial da cidade romana.

Porém, é importante salientar que a individualização de produções que foi efetuada neste estudo, bem como as propostas de proveniências só poderão ser confirmadas ou refutadas com análises químicas. Contudo, a impossibilidade de

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

recorrer a estas análises permitiu efetuar esta separação preliminar, sem contudo tomá-las como certas.

Assim, o Grupo I corresponde as produções itálicas (7%), o Grupo II às produções Hispânicas (79%) e o grupo III a produções locais/regionais (14%) (Anexo III - Gráfico 6.4).

I – Produções itálicas: As produções itálicas constituem aquelas que mais abundam nos sítios arqueológicos que tenham ocupação característica do alto-império. Os produtos itálicos eram importados por via marítima através do Mediterrâneo, seguindo depois toda a costa peninsular. Neste sentido, a Hispânia esteve dominada pelos produtos itálicos, entre os primórdios do período de ocupação romana e o século I d.C. (Pereira, 2008:30). Assim foi possível identificar um grupo em que a pasta apresenta características que permite presumir que se trata de uma produção itálica.

I – A – Pasta fina, bem depurada e compacta, de cor bege acinzentada (Munsell 5Y-8/1), com engobe de boa qualidade castanho escuro (Munsell 2.5Y-5/2). Os ENP's são de reduzidas dimensões, o que dificulta a sua identificação.

II – Produções Hispânicas: Para o caso do Paço dos Lobos da Gama, foi possível diferenciar os centros produtores Emeritenses do centro produtor da Bética, porém, apesar desta análise dar boas informações, é importante lembrar que esta separação só poderá ser comprovada com análises químicas.

II - A - Produções Emeritenses

II – A – 1 - Pasta medianamente depurada, muito compacta, de textura fina e tonalidade bege (Munsell 2.5Y-8/4), o engobe é fino e varia o tom acastanhado (2.5Y-5/2) e bege. Os ENP's são raros, porém notam-se algumas micas e alguns minerais negros.

II – A – 2 – Pasta de tonalidade bege (Munsell 2.5YR-8/3), bem depurada, compacta e homogénea. Apresenta pouco ENP's de pequenas dimensões, destacando-se quartzos e micas. Apresenta vestígios de engobe fino de tonalidade laranja (Munsell 2.5YR-5/8).

II – B - Produções Béticas:

II – B – 1 - Pastas bem depuradas e compactas, de textura fina e cor branca-amarelada (Munsell 2.5Y-8/3), sem engobe. Os ENP's não são visíveis a olho nu.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

II – B – 2 - Pasta fina, bem depurada e compacta, e de cor rosada (Munsell 10YR-8/2), o engobe apresenta a cor vermelha-acastanhada (Munsell 10R-6/6). Os ENP's são raros, porém notam-se algumas micas.

II - C – Produções Riotinto-Aljustrel: As chamadas lucernas mineiras, pela sua presença em torno de necrópoles ou povoados mineiros, ou de Rio Tinto/Aljustrel.

II – C – 1 – Pasta fina bem depurada, de cor bege (Munsell 5Y-8/3), e o exterior não apresenta tratamento de engobe. Os ENP's são raros, destacando-se quartzos rolados e micas.

II – C – 2 – Pasta fina, porosa, de cor bege/rosada (Munsell 2.5Y-8/3). Os ENP's são raros, destacam-se quartzos.

III – Produções locais/regionais: Estas produções são de origem desconhecida, visto que para obter um centro de fabrico específico são necessárias análises químicas para localizar os barreiros e ateliers de produção.

III – A – 1 – Pasta pouco depurada, de textura média, com a cor acinzentada (Munsell 10YR-7/2), e o engobe da cor laranja (Munsell 7.5YR-7/6). Os ENP's são bem visíveis a olho nu, dos quais fazem parte micas e quartzos rolados.

III – A – 2 - Pasta fina, com alguma porosidade, textura fina, de cor alaranjada (Munsell 7.5YR-8/6) e a superfície cinzenta clara (Munsell GLEY 1-7/10Y). Os ENP's são raros, porém distinguem-se as micas.

Segundo o conjunto de lucernas do Paço dos Lobos da Gama, este é constituído por 14 peças, sendo que dois encontram-se em razoável estado de conservação, porém os restantes fragmentos são de dimensões bastante reduzidas, sendo importante salientar que foram definidas classificações tipológicas preliminares.

No que consta da sua distribuição em contexto de escavação, os fragmentos foram encontrados entre os setores 5 e 6, sendo que apenas um exemplar foi encontrado neste último setor. Para além disso, apenas quatro foram encontrados em contextos romanos, entre as camadas estratigráficas [20] e [32] (Anexo III – Gráfico 6.6).

Tal como já foi referido, o conjunto foi alvo de separação por proveniências e fabricos, neste sentido, a divisão resultou no total de três grupos de proveniências.

Assim, as lucernas de importação apresentam um total de 86% (12 fragmentos) em relação aos 14% (2 fragmentos) de produções locais/regionais (Anexo II – Gráfico 6). Dentro das lucernas de origem importada, destacam-se as hispânicas com um total

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

de 79%, porém, neste caso as produções locais/regionais (14%) sobressaem em relação às produções itálicas (7%) (Anexo II – Gráfico 6.1; Anexo III - Est. III).

Resultado da subdivisão dos grupos de proveniências, foi possível fazer uma segunda divisão inserida nas peças de origem hispânica, entre produções emeritenses com quatro fragmentos (29%) e produções béticas com cinco fragmentos (36%). Nestas últimas foi ainda incorporado um outro grupo das produções de Riotinto-Aljustrel, com um total de 14% (Anexo III – Gráfico 6.2).

Através da análise dos fabricos resultaram nove tipos diferentes, sendo que nas produções itálicas e emeritenses apenas se destacou um; e das produções béticas obteve-se um total de quatro fabricos, seguindo-se as produções locais/regionais com apenas dois.

Segundo a classificação das lucernas, foram atribuídas cinco tipologias diferentes, porém 50% (sete fragmentos) do conjunto resultou em fragmentos “indeterminados” (Anexo III – Gráfico 6.3.).

A forma Dressel-Lamboglia 9/Loeschcke I/Ponsich II encontra-se representada por um único exemplar, de Riotinto-Aljustrel (fabrico II-C-1), porém por se tratar de uma asa (S5[13]1915), não se pode afirmar com certeza a tipologia desta peça. Segundo a sua área de fabrico, atualmente sabe-se que foram produzidas em centros oleiros do Sudoeste Peninsular (Pereira; Arruda, 2016:166). Em Monte Molião foi recolhido um conjunto de lucernas de Riotinto-Aljustrel, que concordam sobretudo com uma cronologia da primeira metade do século II d.C. Também foram recolhidas lucernas deste tipo da necrópole da Valdoca, Aljustrel, datadas de meados do século I d.C. (Pereira; Arruda, 2016:166). Carlos Pereira faz referência a lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 9A/B de Riotinto-Aljustrel, sendo que estas diferem entre si no bico. Esta questão não pode ser aprofundada em relação ao fragmento encontrado no Paço dos Lobos da Gama, pois tal como já foi referido, trata-se de um fragmento de asa.

Com a forma Dressel-Lamboglia 11/Loeschcke IV/Ponsich II-B1/Deneauve VA/Walters 81/84, foram identificados dois exemplares (15%), um de produção itálica, de fabrico I-A-1 (S5[20]2116) e o outro de produção Emeritense, de fabrico II-A-1 (S5[32]2407).

O exemplar de produção itálica integra-se no grupo de lucernas de volutas, do tipo Dressel-Lamboglia 11. Por norma este tipo formal apresenta volutas salientes de

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

bico redondo, sem asa, poderá ser o caso desta lucerna. Este exemplar apresenta corpo circular, com orla côncava de médias dimensões, separada do disco por uma larga moldura que define três caneluras concêntricas e o orifício de alimentação é central (Almeida, 1951:130). O disco encontra-se decorado em relevo com uma representação, parcialmente preservada, de Baco, usando os atributos associados aos banquetes ou festins e um felino, por detrás, provavelmente uma pantera (Bernal, 1994:121). Baco surge normalmente coroado com folhas de videira e rodeado por pequenos cachos de uvas. Este tipo de representações é bastante frequente durante todo o século I d.C. e inícios da centúria seguinte. “*A grande popularidade de Baco neste período dever-se-á à sua função de protetor do vinho, o qual conduz a um estado de felicidade e liberta os homens pela embriaguez*” (Pereira, 2008:84). Em termos de paralelos, foi encontrado um exemplar igual ao exemplar do Paço dos Lobos da Gama, com uma representação de Baco, de proveniência itálica, na coleção de lucernas do British Museum, o qual é datado do período entre 50-80 d.C.¹¹ Em relação a exemplares que contenham a representação de Baco, foi também encontrado na Praça da Figueira, um fragmento de disco, que contém uma representação parcialmente preservada de Baco ou Dionísio, de frente usando os atributos associados a banquetes, nomeadamente flores que o cobre (Vieira, 2011:75, nº PF00/7164, Est. XXV). O que não se consegue observar, mas que provavelmente estaria representada, de acordo com paralelos encontrados, é uma pantera em movimento por trás da figura da divindade. Também Rodríguez Martín faz referência a lucernas com esta decoração presentes no Museu Nacional de Arte Romana em Mérida, referindo-as como máscaras báquicas ou dionísicas, do tipo Loeschcke IV, datada do século I d.C. (Rodríguez Martín, 2002:59, Lâm. XXIV, nº117). No Museu de Évora encontra-se deposita uma lucerna igual à que Rodríguez Martín refere, uma lucerna de volutas, do tipo Loeschcke IV, de produção itálica, decorada com “*máscaras de actores*”, onde se encontra representado Baco, datada do período 90-120 d.C. (Morais, 2011:43, ME 5028). Em *Conimbriga* encontra-se um exemplar, porém não da mesma tipologia (Dressel-Lamboglia 9), mas que apresenta esta decoração. Trata-se de

11

http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=440205&partId=1&searchText=Q812&page=1

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

um fragmento da orla decorado com a cabeça de Baco ou de um Sileno coroado com folhas de videira (Belchior, 1969:29, Est. II, 1).

O exemplar de produção Emeritense (S5[32]2407), também do tipo Dressel-Lamboglia 11, trata-se igualmente de uma lucerna de volutas duplas, provavelmente sem asa e de bico redondo. A orla é descaída para o interior e é separada por uma moldura com uma canelura. No disco é representado uma vieira parcialmente preservada que ocupa toda a área do disco, este é um motivo decorativo bastante comum nas lucernas, o qual vai variando a sua forma, nomeadamente o número de “gomos”. Segundo Bailey (1980), a vieira é um elemento sagrado, amplamente relacionado com o culto a Afrodite. Em termos de paralelos, foi encontrada uma lucerna de volutas na Praça da Figueira (Lisboa), do tipo Dressel 11, com uma vieira, datada do século II d.C. (Vieira, 2011:86, Est. VII, nº23); na coleção de lucernas do British Museum encontram-se duas lucernas do tipo Loeschcke IV (Q2879, Q2674) idênticas ao exemplar do Paço dos Lobos da Gama, datadas do século II d.C., e do período 70-120 d.C., respetivamente. Rodriguez Martin, também faz referência a estas lucernas com este tipo de decoração, as quais se encontram no Museu Nacional de Arte Romana (Mérida) datando-as do século I-II d.C. (Rodríguez Martín, 2002:138, Fig. XVIII, nº 258, 260, 262, 263, 264). Em *Conimbriga* encontram-se estas lucernas com este tipo de decoração, tratando-se de dois discos com conchas estilizadas, porém com uma tipologia diferente (Dressel-Lamboglia 3) (Belchior, 1969:23-24, Est. I, nº 1 e 2).

A forma Dressel-Lamboglia 11/14 foi determinada para o fragmento S5[29]2216, pois tal como acontece com a maioria das lucernas de série de volutas, o seu estado de fragmentação é grande, o que dificultou a integração deste fragmento no tipo específico 11 ou 14. Assim, na impossibilidade de saber se esta peça teria asa ou não, foi utilizada esta classificação combinada. Este único fragmento é de proveniência Bética, pertencente ao fabrico II-B-2. Em termos de paralelos, foram identificados em Monte Molião 37 fragmentos também de proveniência Bética, em que a maioria foi recolhida em contexto primário de deposição, estando de acordo com a datação que tem sido aplicada a esta forma, segunda metade do século I d.C., alcançando os primeiros anos do século II d.C. (Pereira, Arruda, 2016:164, Fig. 14, nº4).

A forma Dressel-Lamboglia 15/16/Loeschcke V/Ponsich II-B2/Deneauve VD/Walters 85 encontra-se representada por um fragmento, nomeadamente SN (40), de

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

proveniência Bética e do fabrico II-B-1. Este tipo formal caracteriza-se pela presença de volutas, as quais são redobradas apenas na parte mais próxima ao bico e geralmente possui uma pequena asa anelar de secção triangular. A forma 15 é muito idêntica à 16, porém a primeira não apresenta qualquer tipo de decoração na orla. Este fragmento apresenta duas caneluras na moldura, porém como não se sabe se contem algum tipo de decoração optou-se por aplicar a classificação D-L 15/16. Em termos de cronologia, esta forma encontra-se datada do período 40-70 d.C. e em termos de paralelos foram encontrados cinco fragmentos do tipo D-L 16, de proveniência Bética, em Monte Molião, que apresentam orlas decoradas, e algumas das lisas podem ter pertencido ao tipo 15, mas estando as volutas ausentes, tal identificação é impossível (Pereira; Arruda, 2016:165, Fig. 15). Também existem lucernas deste tipo em Santa Bárbara de Padrões, datadas da segunda metade do século I até inícios do século seguinte (Maia e Maia, 1997:34). Carlos Pereira, faz igualmente referência a esta forma, contando com três exemplares (Pereira, 2008, Anexo V, Est. XI, nº 90).

Dentro da forma Dressel-Lamboglia 16, foi identificado um exemplar (S5[13]1913) que apresenta decoração, porém indeterminada, pelo facto de o fragmento se encontrar demasiado fragmentado, também de proveniência Bética, de fabrico II-B-1.

Da forma Dressel-Lamboglia 17/Loeschke VIIIA/Deneauve VIID, foi igualmente classificado um fragmento que apresenta duas caneluras a separar o disco da orla (S5[13]1983), de fabrico III-A-2, provavelmente de proveniência local/regional. É importante voltar a referir que esta forma, assim como a sua proveniência poderão não estar corretos, pois o fragmento apresenta dimensões bastante reduzidas. Esta forma apresenta um corpo circular, de orla ampla, sem qualquer tipo de decoração. O disco é côncavo separado da orla por duas caneluras. Alguns autores atribuem uma cronologia balizada na segunda metade do século I d.C. para esta forma (Pereira, 2008:66). Na Alcáçova de Santarém foi recolhido um fragmento deste tipo formal (Pereira, 2008, Anexo VI, Est. I, nº 144).

Em relação às formas dadas como indeterminadas, 3 fragmentos indeterminados são de proveniência Emeritense; 2 fragmentos de proveniência Bética, e apenas se destacou 1 fragmento indeterminado de Riotinto-Aljustrel, assim como 1 de proveniência local/regional.

8. Cerâmica de Armazenamento

8.1. Ânforas

O estudo de ânforas tem vindo a ser um processo lento, e foi a partir do último terço do século XIX que se verificou o desenvolvimento de diferentes etapas sobre o seu estudo.

Os trabalhos de Dressel (1899) vieram marcar o início da investigação anfórica e definiram algumas linhas de investigação adotadas pelos estudiosos que lhe sucederam, as quais ainda hoje são utilizadas (Filipe, 2008:18). Esses trabalhos debruçaram-se, inicialmente, pelos exemplares que possuíam inscrições pintadas, procurando confrontar essas informações com as fontes escritas.

Na primeira metade do século XX notou-se um desinteresse generalizado no estudo de ânforas, optando-se por atribuir métodos próprios a cada sítio, isto é, classificando as ânforas juntamente com a cerâmica comum.

Com o desenvolvimento da arqueologia subaquática, iniciou-se uma nova fase de investigação das ânforas em meados do século XX, ao mesmo tempo intensificaram-se as investigações arqueológicas e a consolidação da história económica como uma importante área de estudo. A tabela de Dressel foi então recuperada e revista, visando-se a definição de critérios de classificação a partir de uma correta caracterização formal das ânforas. E ainda neste âmbito, assistiu-se na década de setenta a uma profusão de novas propostas tipológicas (Fabião, 2014:5).

No território português, começou-se a generalizar a recolha e publicação exhaustiva dos materiais anfóricos, surgindo as primeiras publicações modernas que se debruçavam sobre este estudo.

Assim, os anos 80 revelaram modificações no panorama das investigações, fixando-se a atual metodologia de estudo das ânforas e traçaram-se em grande medida os contornos das questões relacionadas com as áreas produtoras e realizaram-se escavações de olarias e fornos.

Foi então a partir desta década que se assistiu a uma multiplicação de projetos de investigação e de intervenções arqueológicas em contextos urbanos, o que possibilitou o conhecimento de vastos conjuntos de materiais associados a sequências estratigráficas

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

bem circunscritas no tempo, e a generalização da publicação de resultados (Fabião, 2014:7).

Em 1988 realizou-se em Conimbriga o colóquio “Ânforas lusitanas: tipologia, produção e comércio” (Alarcão e Mayet, 1990) e em 1991 o colóquio “Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado” que teve lugar no Seixal (Filipe e Raposo, 1996). Estes encontros e a apresentação científica em múltiplos dados inéditos por parte de vários investigadores apresentaram um incremento incontornável no desenvolvimento dos estudos anfóricos, salientando-se os dados respeitantes às ânforas lusitanas.

Mais recentemente, os encontros em Setúbal em 2004 “Produção e comércio de preparados piscícolas durante a proto-história e a época romana no ocidente da Península Ibérica”, e de Peniche em 2006, “A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana” proporcionaram igualmente um desenvolvimento nos estudos anfóricos.

Também as análises químicas ou petrográficas proporcionaram uma maior precisão na caracterização dos fabricos, o que permitiu associar determinadas pastas a uma determinada área de proveniência. De uma forma menos expressiva, também se observou esta nova etapa no estudo das ânforas, em Portugal. Nos inícios dos anos 80 iniciou-se um projeto de caracterização através de análises químicas dos fabricos do vale do Sado, que teve a sua continuidade nos anos 90 nas produções do vale do Tejo (Cabral, Fonseca, Gouveia, 2002).

Para além disso, verificou-se o aparecimento de vários estudos monográficos e dissertações de Mestrado, dedicados ao estudo das ânforas. Como é o caso do estudo de Carlos Fabião (1989) sobre as ânforas da Lomba do Canho; o de Rui Morais sobre as ânforas das Carvalheiras, Braga (1998); os realizados para área do vale do Sado (Mayet e Silva, 1998). Assim como trabalhos sobre o estudo das ânforas da Mesa dos Castelinhos (Parreira, 2009) e do Teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008).

Muitas foram as províncias costeiras do Império Romano que tiveram os seus centros produtores de ânforas, destinadas ao transporte a longa distância dos produtos locais, sendo que cada tipo destinava-se a um determinado produto (vinho, azeite e preparados piscícolas, como o *garum*) e a variabilidade regional é muito marcada pela matéria-prima e pelas formas escolhidas. O transporte por meio naval era o mais seguro

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

e também o mais económico, assim a ânfora era um contentor particularmente adequado a essa forma de transporte. Individualmente consideradas, as ânforas são talvez o grupo cerâmico que mais informações oferecem nos domínios do comércio e da economia antiga em geral.

A escassez de fontes escritas relativamente ao papel do comércio na economia do mundo romano, expresso na visão de alguns historiadores da Antiguidade, concede à arqueologia um papel singular na definição dessa atividade. É neste sentido que o estudo das ânforas é bastante importante, uma vez que os locais de origem de determinados produtos alimentares em diversos locais do antigo Império romano, contribuem para a compreensão das dinâmicas comerciais da Antiguidade e do seu papel na economia.

8.1.1. Análise do Conjunto de Ânforas

No que toca ao conjunto anfórico do Paço dos Lobos da Gama, fazem parte 40 fragmentos, o que perfaz um total de 20 peças (NMI) (Anexo II – Gráfico 7 e 7.1). Em termos de proveniências foi possível determinar três tipos, sendo que a maioria das peças é de proveniência Lusitânia (71%); seguindo a Bética (19%) e por fim a Africana (5%) e igualmente 5% para proveniências indeterminadas (Anexo II – Gráfico 7.2.). A sua maioria é de transporte piscícola (80%), sendo apenas 15% de transporte vinícola e 5% de transporte oleícola (Anexo II – Gráfico 7.3.).

Em termos de dispersão em unidades estratigráficas estas dividem-se essencialmente entre as UE's [20] e [32] do setor 5 com um total de três fragmentos (Anexo III – Gráfico 7.4.)

Ao que se refere à representatividade do tipo de ânforas da Lusitânia no Paço dos Lobos da Gama, foi possível identificar três tipologias: Dressel 14, Almagro 50 e Almagro 51c, as quais podem ser em termos gerais identificadas como provenientes do Tejo/Sado.

Conhecem-se cerca de 20 centros oleiros produtores de ânforas, na Lusitânia, cuja distribuição geográfica acompanha, grosso modo, a da implantação de oficinas de preparados de peixe. Destacam-se principalmente as regiões da costa algarvia e vicentina; o vale do Tejo e o Vale do Sado (Abul, Pinheiro) (Fabião, Carvalho,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

1990:46). As bacias do Tejo e do Sado partilham o mesmo contexto geológico, fornecendo matérias-primas similares, assim as características petrográficas básicas são as mesmas. As pastas destas ânforas são avermelhadas, alaranjadas ou acastanhas, ocasionalmente com o cerne cinzento esverdeado ou castanho. São feitas com argila não-calcária pouco dura, a textura é média/grosseira, geralmente com bastantes inclusões brancas translúcidas (quartzo) e outras, menos abundantes, como o feldspato. Incluem também bastantes partículas brilhantes (micas) e pequenos nódulos ferruginosos ou negros (óxidos de ferro). As inclusões maiores podem ser roladas e arredondadas, enquanto outras são mais pequenas e angulosas.

Posto isto, torna-se complicada a diferenciação das pastas Tejo/Sado assim como a respetiva atribuição a uma zona ou outra, sendo uma tarefa quase impossível apenas com a observação macroscópica.

Contudo, foi possível determinar diferenças nas pastas, de modo a criar dois grupos de fabricos: o **Grupo 1** que apresenta pastas laranjas (2.5YR-5/8), pouco depuradas, de textura média e apresenta abundantes ENP's de pequenas e médias dimensões, essencialmente quartzos, micas, feldspatos; e o **Grupo 2**, apresenta pastas de cores laranja claro (5YR-6/6) e acastanhadas (5YR-5/6), em termos de características são muito idênticas às do grupo anterior, de textura igualmente média, porém com menos porosidades que a anterior, contendo ENP's menos abundantes (quartzos, micas).

Em termos morfológicos, a Dressel 14 caracteriza-se por apresentar corpo cilíndrico, com colo alto, bico troncocónico ou cilíndrico. O bordo, cuja morfologia pode ser bastante variável, apresenta-se, normalmente com uma secção triangular ou semicircular, ligeiramente voltado para o exterior. As asas, que saem da parte inferior do bordo e repousam no corpo, têm uma secção elíptica e frequentemente um sulco longitudinal na face externa (Viegas, Raposo, 2016).

A Dressel 14 corresponde ao contentor que teve maior volume de produção e distribuição no período alto-imperial na Lusitânia, conhecendo-se uma ampla difusão nos sítios de carácter rural mas também em contextos urbanos. No Paço dos Lobos da Gama esta forma encontra-se representada por 13 fragmentos o que equivale a quatro peças, cujos diâmetros de bordo variam entre os 10 e os 11cm.

Quanto ao produto transportado, apresentam-se os preparados de peixe uma vez que os dados oferecidos pelos locais de produção e a análise dos restos de conteúdo

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

recuperados apontam neste sentido (Fabião, Carvalho, 1990:41-42). Em termos cronológicos, os centros produtores e de consumo apontam para um surgimento na primeira metade do século I d.C., alcançando os finais do século II ou inícios do III (Fabião, Carvalho, 1990:48).

Têm sido definidas diversas variantes morfológicas, sobretudo com base nas características dos bordos, o que pode justificar-se não só pela diversidade de centros produtores em que foram fabricadas, mas também pelo longo período em que ocorreu a sua produção (Viegas, Raposo, 2016). Segundo o ensaio de uma análise de evolução da morfológica da Dressel 14, relativamente às produções do Pinheiro, foi possível determinar três variantes, nomeadamente: a) bordo moldurado; b) bordo triangular; c) bordo arredondado (Mayet, Silva, 2002). A variante a) foi datada da primeira metade do século I d.C., podendo prolongar-se na segunda metade desse século; a variante b) apresenta uma cronologia sobretudo centrada na segunda metade do século I, na época flávio-trajana (Mayet, Silva, 2002:103-105); e a variante c) terá sido o tipo que registou uma maior difusão durante todo o século II (Mayet, Silva, 1998:63).

Mayet e Silva referem que no Sado e no Tejo existe um maior predomínio da variante B, porém a variante C também teve presença durante praticamente todo o século II d.C. Exemplo disso são os dados do Porto dos Cacos (Tejo) (Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995:340, Est. IV, nrs 1 e 2); e no Sado, encontra-se a produção da Quinta da Alegria que terá tido início no segundo quartel do século I d.C. (Silva, 1996). Também os materiais provenientes das fábricas de salga de Tróia, em Setúbal, apontam para a presença simultânea das denominadas variantes B e C nos contextos que preenchem um período entre o século I e meados do século III (Almeida, no prelo).

Das ânforas do Paço dos Lobos da Gama, foi possível obter paralelos da variante C do Pinheiro para os bordos (PLG.S2.Si6[1]1016, PLG.S2.Si6[1]1018 e PLG.68) (Mayet, Silva, 2002:143, fig. 65, nº 65, 66 e 67). Em termos de paralelos, existem evidências para a produção desta forma na primeira metade do século I d.C. tanto no Tejo como no Sado, exemplo disso, são os

O tipo Almagro 50, é representado no Paço dos Lobos da Gama por uma peça (NMI) (PLG.S6[63]3155), mais propriamente um fundo, que apresenta um diâmetro de base de 4cm. A produção deste tipo de ânfora encontra-se igualmente atestada nas olarias do vale do Tejo e do Sado, na costa algarvia e também no ocidente da Bética.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Em termos de características das pastas, foi determinado o fabrico – **Grupo 3** – a pasta apresenta uma tonalidade alaranjada (5YR-6/6), com um aspeto poroso e granuloso, porém é compacta e de boa cozedura. Em termos de inclusões, apresenta quartzo, feldspato e micas.

Em termos morfológicos, esta forma apresenta características facilmente reconhecíveis, um bordo esvasado de secção triangular, com asas curtas e de secção elíptica ou circular que terminam nos ombros. O colo é curto e moldurado, apresentando um corpo com tendência cilíndrica e muito alongado, tendo um ligeiro alargamento na parte média do bojo. Os bicos fundeiros são cónicos e apresentam um botão na sua extremidade. A cronologia tradicional associada a esta forma, ronda os séculos III-IV d.C. (Raposo, Almeida, 2016).

Esta forma foi encontrada em vários sítios, como Porto dos Cacos e Quinta do Rouxinol (Raposo; Sabrosa; Duarte, 1995, Est. IV, fig. 8 e 9). A forma presente no Paço dos Lobos da Gama, é muito idêntica às formas encontradas em Pinheiro (Mayet, Silva, 1998, Fig. 9), onde a produção desta forma se iniciou no século III d.C. e estendeu-se provavelmente até meados do século IV, não sendo segura a continuidade da sua produção na primeira metade do século V d.C. (Mayet; Silva, 1998:148).

A ânfora Almagro 51c corresponde ao tipo XXIII de Keay (1984) e à Lusitana 4 da tabela tipológica estabelecida por Dias Diogo (1987). Trata-se de um grande contentor produzido na Lusitânia durante a Antiguidade tardia, e revela-se o mais utilizado na comercialização de preparados de peixe lusitanos. Estas ânforas foram produzidas na Lusitânia, nos vales do Tejo e do Sado, na costa algarvia e na Bética, e apontam para uma cronologia entre o século III e o século V d.C.

Esta forma é a que se encontra melhor representada no Paço dos Lobos da Gama, com 10 peças (EEP), constituídos essencialmente por fundos, sendo que os diâmetros de base variam entre os 3,5cm e os 5cm. Foram também encontrados alguns bordos, com diâmetros de abertura entre os 9 e os 12cm e asas.

As pastas destas ânforas são normalmente avermelhadas, laranjas ou acastanhadas, ocasionalmente com o cerne cinzento ou castanho. São fabricadas com argila não-calcária, pouco dura e a textura é média-grosseira, geralmente com bastantes inclusões brancas translúcidas (quartzo), feldspato, micas e pequenos nódulos ferruginosos ou negros (óxidos de ferro), de forma arredondada.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Foi determinado o centro de fabrico Tejo-Sado para estas ânforas, e foi possível identificar três grupos de fabrico distintos, nomeadamente:

Grupo 4 – Pastas castanhas (5YR-6/6) ou alaranjadas (5YR-7/8), algumas com o cerne cinzento (10YR-7/3), de textura grosseira, com bastantes inclusões brancas (quartzo) de forma angulosa, feldspato e micas de forma arredondada; **Grupo 5** – Pastas castanhas claras (7.5-8/4), alaranjadas (5YR-7/8), ou rosadas (7.5YR-8/4), de textura média e com menos inclusões que o grupo anterior, quartzo, micas e feldspato; **Grupo 6** – Pastas castanhas (5YR-6/6) ou mais claras como o bege (2.5Y-8/3), de textura média, com inclusões de médias dimensões, como quartzo, feldspato e nódulos ferruginosos de forma arredondada.

A Almagro 51c, possui uma diversidade morfológica considerável, caracterizando-se essencialmente por três variantes – A, B e C – as quais nem sempre são fáceis de distinguir. A variante A, os autores consideram-na a mais antiga, a qual corresponde a uma forma afim das formas Dressel 30 e Gauloise 4, com fundo plano (Viegas; Raposo; Pinto, 2016). A variante B é uma forma que se encontra consolidada em meados do século III d.C., e corresponde ao modelo estabilizado da ânfora desta morfologia. Apresenta um bordo que pode variar (vertical, triangular ou arredondado) e distingue-se da anterior por ser um pouco mais alta. Para além disso, apresenta um colo curto e estreito e as asas são de secção de fita (com caneluras longitudinais). Destaca-se ainda o elemento distintivo da variante, isto é, um corpo piriforme que termina num fundo estreito, cilíndrico e oco (Fabião, Carvalho, 1990:51). Os fundos cilíndricos dão assim lugar aos fundos cónicos da variante C, sendo Dias Diogo quem distinguiu a esta variante, a qual se encontra bem representada em níveis de inícios do século V d.C. Trata-se de uma variante de menores dimensões, designada por Lusitana 10, a qual apresenta um corpo fusiforme, distinguindo-se da habitual Almagro 51c por apresentar um colo e bocal mais largos do que é habitual e um fundo cónico (Viegas; Raposo; Pinto, 2016).

No Paço dos Lobos da Gama encontram-se fundos desta forma da variante B, com a exceção de um, para o qual foi determinada a variante C (PLG.S6.3479). estas duas variantes encontra-se representadas em Pinheiro, sendo que a primeira data da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nº 134 a 136) e a C apresenta uma cronologia do século V (Mayet e Silva, 1998, Fig. 124, nº 73 e 74).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Entre os bordos, encontram-se variações, sendo que duas formas apresentam bordos triangulares (PLG.S5[13]1972 e PLG.S5[20]2118); três apresentam bordos arredondados (PLG.S5[13]1969, PLG.S5[13]1824 e PLG.S5[13]1771) e um deles apresenta o bordo vertical (PLG.S5[13]1988). Determinaram-se igualmente paralelos em Pinheiro, em que as ânforas com bordos triangulares datam do final do século IV inícios do V d.C. (Mayet e Silva, 1998, Fig. 21, nrs 51 e 52); as formas que apresentam bordos arredondados, datam da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 81, nrs 19 e 21) e as formas com bordo vertical apontam para uma cronologia dos finais do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 101, nrs 184 e 185).

Ainda dentro das produções da Lusitânia, encontra-se um fundo (PLG.S5[13]1965) que foi dado como indeterminado, tratando-se de um fragmento muito reduzido, logo não foi possível determinar uma tipologia.

Segundo as produções da Bética, no Paço dos Lobos da Gama destacam-se as tipologias Dressel 2-4, Haltern 70 e Dressel 20.

A forma Dressel 2-4 é composta por dois fragmentos, o que equivale a uma peça (NMI), nomeadamente um bordo e uma asa, cujo diâmetro de abertura é 14cm. A sua proveniência pode ser, provavelmente, do Vale do Guadalquivir, sendo que as características destas pastas vão de encontro com a peça do Paço dos Lobos da Gama.

Para esta tipologia foi determinado apenas um fabrico – **Grupo 7** - a pasta é uniforme, de tonalidade alaranjada (7.5YR-7/6) e homogénea, com ENP's finos de tonalidades esbranquiçadas, provavelmente associados a calcites.

Em termos morfológicos, não foi possível ainda estabelecer uma clara evolução deste tipo, dado que os exemplares conhecidos e os que têm uma cronologia precisa são reduzidos. Normalmente apresenta um bordo de perfil arredondado, com corpo cilíndrico, asas largas, verticais e bífidas, e os fundos são igualmente cilíndricos e maciços. De uma forma geral, esta forma desenvolveu-se entre a segunda metade do século I a.C. e meados dos séculos II-III d.C. (Rodríguez, Bernal, 2016).

No atual território português têm sido identificadas ânforas desta tipologia em contextos urbanos do período romano, quase todas de produção itálica ou bética e o tráfego desta forma no território parece não ultrapassar o último terço do século I d.C. (Diogo; Paixão, 2001:118). Em *Conimbriga* encontra-se representada esta forma com uma datação da primeira metade do século I d.C. e dos inícios do século II (Alarcão,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

1976:82); em Tróia, encontrou-se um fragmento de asa de duplo rolo e ombros carenados (Diogo; Paixão, 2001:125). Também foram encontradas estas ânforas vinárias na cidade romana de *Seilium* (Tomar), de onde se recolheram dois fragmentos de asas bífidas, apresentando pastas muito compactas e alaranjadas (Banha; Arsénio, 1998:174 e 185, nrs 11 e 12).

A forma Haltern 70, de provável origem do Vale do Guadalquivir, não se encontra claramente identificada na tabela de Dressel, embora alguns autores considerem que possa estar sob a designação do tipo Dressel 10 (Monfort; Berni, 2016).

Esta forma encontra-se representada no Paço dos Lobos da Gama por três fragmentos, o que equivale a duas peças (NMI), nomeadamente uma asa, um fundo (4cm) e um bordo (14cm). A Haltern 70 normalmente apresenta uma pasta dura e áspera, de cor castanha, com inclusões brancas e incolores.

Foi possível determinar dois grupos de fabrico – **Grupo 8 e 9** – sendo que o primeiro apresenta uma pasta de tonalidades rosada (7.5YR-8/4) muito depurada, compacta, com raros ENP's (micas, feldspato e nódulos ferruginosos); o **Grupo 9** apresenta uma pasta mais porosa e arenosa, de tonalidades castanhadas claras (5YR-6/6), porém apresenta igualmente com raros ENP's – feldspatos e micas.

Em termos morfológicos, esta ânfora possui corpo cilíndrico, colo igualmente cilíndrico ou bicôncavo, bordo ligeiramente esvasado e fundo maciço. Quanto aos produtos que esta ânfora transportou, a evidência epigráfica e as análises dos conteúdos que têm vindo a ser realizados, apontam para alguma diversidade, no entanto, com destaque para o vinho.

Quando se procuram seguir propostas de evolução morfológica deste modelo, estas distinguem-se entre si não só pelos detalhes do bordo (moldura exterior mais ou menos alta, concavidade interna, etc), mas sobretudo pela proporção do colo relativamente à altura da ânfora (Monfort; Berni, 2016). As formas encontradas no Paço dos Lobos da Gama referem-se provavelmente à variante B – da fase Augusto-Tibério, a qual corresponde ao período de maior auge comercial. Cronologicamente, o momento de maior prosperidade da produção foi no último quartel do século I a.C. e dados atuais referem que o prolongamento deste comércio deverá ter sido durante a segunda metade do século I d.C., desaparecendo do registo arqueológico nos finais do século I d.C. (Monfort; Berni, 2016).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Bracara foi um dos maiores centros redistribuidores do tipo Haltern 70 no contexto do noroeste peninsular, as quais seguem uma cronologia entre a penúltima década do século I a.C. e os inícios do último quartel do século I d.C. (Morais, 2004:547).

Quanto à forma Dressel 20, distingue-se facilmente das anteriores formas oleicas ovoides, com um corpo globular ou esférico de paredes grossas, colo curto e cilíndrico; fundo cónico ou em botão; asas curtas e grossas com secção circular de perfil arqueado e o bordo tendencialmente triangular (Berni; Vargas, 2016).

As primeiras ânforas de corpo globular apareceram no final do reinado de Tibério como um recipiente de transporte de azeite, colocando fim aos tipos ovoides tardo-republicanos e augustanos conhecidos pelas formas Ovoide 6, Oberaden 83 e Haltern 71. A forma Dressel 20 fabricou-se durante dois séculos com uma notável uniformidade formal obedecendo a padrões morfológicos bastante precisos e estandardizados, desaparecendo nos finais do século III d.C. (Berni; Vargas, 2016).

No Paço dos Lobos da Gama, esta forma encontra-se representada por duas asas, e a sua proveniência é provavelmente do Vale do Guadalquivir.

Em termos de caracterização das pastas, foi determinado o **Grupo 10** – apresentando pastas depuradas, de cor castanha (2.5YR - 6/6) ou rosada (10R - 6/6), com superfície salina; os ENP's são pouco abundantes e brancas (quartzo, feldspato).

Em 1998 foi proposta uma divisão por fases da presença da ânfora Dressel 20 em quatro momentos históricos. Em 2008 foi acrescentada uma quinta fase de “Nero-Vespasiano”, porém, atualmente existem seis fases, com a finalidade de diferenciar as ânforas com base em alterações morfológicas de bordos e asas.

Visto que apenas se encontram asas desta forma no Paço dos Lobos da Gama, definiram-se as variantes C ou D (Berni; Vargas, 2016), não sendo possível determinar com certeza as variantes dado que as asas se encontram um pouco fragmentadas e ambas são muito idênticas. As ânforas Dressel 20 são numerosas em Monte Molião, variando tipologicamente de acordo com a própria cronologia de ocupação do sítio (séc. I e II). Porém a sua maioria corresponde à chamada Etapa Flávio-Trajana (Forma C), datada de 80/130 d.C. (Viegas; Arruda, 2013, fig. 3, nº 1, 2 e 3; Fig. 4, nº 17A e 18A).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Por fim, encontra-se um fundo (PLG.S5[32]2311) de provável proveniência africana, do tipo Africana 3B – Keay 25.3 (Bonifay, 2004:120). As formas Keay 25¹² compreendem um conjunto muito heterogéneo de contentores africanos que foram denominados inicialmente pela sua forma e tamanho como ânforas cilíndricas de tamanho pequeno ou mediano, sucessoras das grandes ânforas cilíndricas tipo Africana Grande (Keay, 1984:184). O fundo desta ânfora é maciço, cilíndrico e com tendência cónica, as asas são de secção oval com formas mais arredondadas; e os bordos são geralmente evasados e apresentam uma grande diversidade tipológica. Foi determinado o **Grupo 11**, como grupo de fabrico, sendo que estas pastas são depuradas, compactas e de cor laranja (7.5YR-8/6), com vácuos visíveis e com raras inclusões (micas).

Este tipo anfórico encontra-se documentado desde finais do século III d.C. e os inícios do século IV d.C., mantendo uma presença destacada nos mercados durante os séculos IV e V d.C. sendo substituída na segunda metade do século V d.C. por novas séries de ânforas norte africanas.¹³ Nos dragados da foz do rio Arade (Algarve), esta forma encontra-se representada por três exemplares (nrs 53 a 55) e calcula-se que tenham sido produzidas entre 300 e 420 d.C. (Diogo; Cardoso; Reiner, 2000:86). Ainda numa sondagem da oficina de salga de Tróia, também foi encontrada esta forma, Keay 25.3 (nº 8, Est. I), típica do século IV (Pinto; Magalhães; Brum, 2010:138).

A peça PLG.S3[12]1472, foi dada como indeterminada, no entanto segundo a sua forma aparenta ser uma tampa de ânfora.

9. Cerâmica comum

Durante muito tempo o conceito de cerâmica comum foi ignorada pelos investigadores, fazendo parte de todas as cerâmicas que não pertenciam a classes específicas e bem definidas. O seu estudo foi durante algum tempo desprezado em comparação com o estudo de outros tipos de cerâmica, como é o caso das cerâmicas finas de importação ou as ânforas, que nos anos 50 já tinham as suas produções classificadas como instrumento útil de datação (Pinto, 2003:19).

¹² http://archaeologydataservice.ac.uk/archives/view/amphora_ahrb_2005/details.cfm?id=309

¹³ http://archaeologydataservice.ac.uk/archives/view/amphora_ahrb_2005/details.cfm?id=309&CFID=268591&CFTOKEN=40BC1DC9-A84D-4C1C-9CAC0CA10E3F5A13

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Segundo Inês Vaz Pinto (2003), a “*Cerâmica comum é aquela que é produzida com técnicas de olaria vulgares e bem disseminadas, isto é, a cerâmica modelada à mão ou a torno, cozida em ambiente redutor ou ambiente oxidante, por processos rudimentares ou em forno de chama viva, que pode ter decoração e engobe não vitrificado, não requer centros de fabrico especializados, e que se destina à satisfação das necessidades de cozinha, mesa, higiene, armazenamento, transformação dos produtos agrícolas e transporte a curta distancia da unidade domestica, da exploração agrícola ou pequena industria*” (Pinto, 2003:60).

A cerâmica comum apresenta um reportório morfológico bastante diversificado, no entanto, este pressuposto não implica que não exista um regionalismo bem demarcado culturalmente, sobretudo em regiões onde as raízes são profundas e que perduram por vezes até à atualidade (Santos, 2011:121). Para além disso, não são só questões culturais que moldam os estilos das cerâmicas ou as suas formas, as condicionantes geográficas e ambientais têm igualmente uma forte intervenção nos recursos disponíveis e por sua vez nos hábitos de consumo que moldarão tipos cerâmicos. Por vezes, acontece também a influência ou a imitação formal de umas regiões para as outras, notando-se uma eventual heterogeneidade pré existente.

A cerâmica comum é um dos fósseis diretores mais abundantes que se encontram em contexto de escavação, sendo que a sua análise é também importante para a interpretação de lugares arqueológicos.

Foi a partir do século XX que se começaram a notar publicações de conjuntos de cerâmica comum provenientes de escavações ou de museus, de forma a tentar alargar o método tipológico e cronológico do universo cerâmico.

As primeiras investigações ligadas à cerâmica comum iniciaram-se nos inícios do século XX, com Ludowici (1908) e Loeschke (1923), os quais começaram a apresentar classificações e cronologias para este tipo cerâmico (Hatt, 1949:101). Foi a partir deste momento que lentamente se começaram a multiplicar e a desenvolver estudos sobre cerâmica comum.

No mesmo século, também o trabalho de Jean Hatt, entre outros foram bastante importantes para o aprofundamento deste tema, o qual alertou para a importância da relação estabelecida entre a cerâmica comum e as cerâmicas finas de importação (Hatt, 1949:100).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Na década de setenta notou-se então uma conciliação entre a componente morfológica e os fabricos; nos anos oitenta aplicaram-se pela primeira vez métodos químicos e petrográficos, e começou-se igualmente a conciliar a abordagem morfológica juntamente com a tecnológica e funcional; e na década de noventa, a análise quantitativa adquiriu um lugar importante para o estudo da cerâmica comum (Dias, 2014:57).

No território português notou-se igualmente, tal como noutros países europeus, interesse por este estudo por parte de investigadores como Jorge de Alarcão, Jeannette Smit Nolen e Inês Vaz Pinto, os quais são indissociáveis do estudo deste grupo cerâmico.

O período pioneiro caracterizador do estudo de cerâmica comum em Portugal, conta com a análise de espólios de necrópoles. O primeiro estudo remonta ao ano de 1966, em que Jorge de Alarcão e Adília Alarcão analisaram o espólio da necrópole romana de Valdoca (Aljustrel). O seu contributo permitiu a elaboração de uma tipologia e cronologia da cerâmica comum romana em que a cronologia de ocupação é compreendida entre o século I e o século II d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966).

Na década de setenta, Jorge de Alarcão (1974) consolidou a aplicação do método científico ao estudo das pastas, o que permitiu compreender melhor a proveniência das pastas e para além disso contribuiu ainda para o aparecimento da designação de cerâmica local/indígena.

Ainda nos anos setenta, foram realizadas escavações no Castelo de Alcácer do Sal, que revelaram uma sequência estratigráfica desde o Neolítico até os tempos Modernos, incluindo vários níveis romanos. Foram publicadas as cerâmicas comuns de camadas datadas da segunda metade do século I e do século II, tratando-se de um leque de formas bastante variado, feitas em pastas semelhantes às das ânforas do Sado (Tavares da Silva, 1980/1981:198).

Surgiram também os trabalhos de Jeannette Nolen sobre a região do Alto Alentejo, em que o principal objeto de estudo foram as cerâmicas comuns provenientes dos enterramentos das necrópoles de Santo André (Montargil) e de Elvas. As formas e os seus paralelos são exaustivamente tratados, sendo fornecido o catálogo com a descrição de cada peça e as suas características mais importantes. Por falta de contextos, a cronologia é referente aos paralelos encontrados em regiões do Alentejo (Nolen,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

1985:141). Em 1995-1997 Nolen publica um outro artigo, presente na revista *O Arqueólogo Português*, acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo, acrescentando novos elementos, no qual examinou a coleção com mais pormenor, como também na sua totalidade (Nolen, 1995-1997). A autora utiliza a mesma opção metodológica no estudo dedicado a Balsa (Nolen, 1994).

Na Courela dos Chãos (Sines), também na Costa alentejana, foram publicadas cerâmicas comuns de formas variadas, sem datação definida (Coelho-Soares, 1987:196).

Também no Vale do Sado, na Olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), apresenta cerâmica comum dos finais do século II até ao séc V d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998).

Em termos de investigações mais recentes, em 2003, destaca-se o trabalho de síntese de Inês Vaz Pinto sobre a cerâmica comum das *Villae* romanas de São Cucufate (Beja), sendo o estudo mais expressivo das cerâmicas comuns romanas, no território português. O seu maior contributo relaciona-se com a dimensão do estudo tipológico de grande abrangência de formas e uma intensiva análise realizada às pastas e a recursos tecnológicos. O artigo sobre a cerâmica comum de produção local de Monte Molião (2010) da autoria de Ana Margarida Arruda, Catarina Viegas e Patrícia Bargão, também aborda o tema da cerâmica comum que foi exumada das intervenções que foram realizadas no sítio.

Também outros trabalhos como teses de Mestrado se destacam em abordar este tema, é o exemplo da dissertação de mestrado, *A Necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora)*, no qual se analisa o espólio em contexto de sepulturas, incluindo a cerâmica comum, porém, o universo cerâmico abrange também cerâmicas finas de importação. Este estudo permitiu distinguir dois momentos fundamentais de utilização, um deles, datável da segunda metade do século I d.C. inícios/meados do século II, e um momento posterior, datável a partir da segunda metade do século II e meados do século IV (Rolo, 2010); o trabalho realizado por Cézer Renato dos Santos (2011), o qual aborda a temática da cerâmica comum de produção local do centro oleiro da Quinta do Rouxinol (Seixal), sendo que a cronologia atribuída ao sítio situa-se entre os finais do século II e inícios do V d.C.; assim como a mais recente tese de Doutoramento de Vítor Dias (2014), a qual aborda igualmente o tema de cerâmica comum exumada de *Ammaia*.

9.1. Cerâmica Comum local/regional

9.1.1.Fabricos

Com o auxílio de uma lupa manual (com uma magnificação máxima de 15x), foi possível fazer uma observação macroscópica de todo o conjunto de cerâmica comum, de modo a identificar as características distintivas de cada pasta. Assim os elementos alvo de análise foram: matriz da cerâmica (caulinítica, calcária, não-calcária); cor (utilizando o código cromático de *Munsell Soil Color Chart*, registando-se a indicação da cor em português e a referência correspondente); acabamento da superfície (ausente, alisamento, polimento); técnica de conformação (manual, torno rápido, torno lento); condições de cozedura (Heterogénea, Redutora, Oxidante); tipo de inclusões (quartzo, micas, feldspato, etc); a sua frequência (reduzida, média, elevada) e dimensão (reduzida, geralmente considerados os elementos com 1mm; média, elevada, como sendo >2mm) e a sua forma (angulosos, arredondados, subarredondados) (Cruz; Correia, 2007). A conjugação do tipo de argila e ENP's, nomeadamente a dimensão das partículas permite a identificação de tipos gerais de texturas de pastas (grosseira, média, fina). Estes elementos relacionados permitem então a posterior identificação de grupos de fabrico.

Tal análise foi realizada de modo a obter “*conjuntos de peças cujas pastas, de acordo com a observação macroscópica, têm características semelhantes a nível da composição mineralógica, natureza, e proporções relativas dos diferentes tipos de inclusões, textura e cozedura*” (Pinto, 2003:67).

Na definição dos grupos de fabrico, para além da composição mineralógica da pasta e do tratamento das superfícies das peças, foram tidos alguns pressupostos fundamentais – cerâmicas de pastas com a mesma composição mineralógica, mas com cozeduras diferentes, correspondem a tipos de fabrico diferentes; a decoração não é necessariamente um elemento distintivo de fabrico, pelo que formas lisas e formas decoradas podem integrar um mesmo fabrico; as peças alvo de acabamentos de superfície ou conformados manualmente foram colocados como sub-fabricos; assim como também se colocaram como sub-fabricos as pastas que possuíam as características iguais ao grupo, porém variava a textura da pasta. Simultaneamente, foi realizada uma divisão por proveniências, isto é, a separação entre cerâmica comum local/regional de produções de cerâmica comum importada.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Ao mesmo tempo é importante que esta análise é de facto muito subjetiva, pois só com análises químicas é que se pode ter a certeza da composição das pastas assim como seria possível determinar as suas proveniências.

Assim, foram definidos 5 grupos de fabrico, os quais foram designados com um código alfanumérico, em que a letra designa os grandes grupos de distinção de cozeduras, (A - Pastas castanhas, B -Pastas cinzentas), e os dígitos, correspondem aos sub-fabricos, que se distinguem de acordo com a textura da pasta; o seu acabamento; e a conformação manual (Anexo II – Gráfico 8.3).

Grupo A-1 - Pasta não-calcaria com a cor laranja (Munsell 7.5YR-7/6). Conformada em torno rápido, com cozedura oxidante. A textura da pasta é fina e compacta. Inclusões: feldspato (frequência/dimensão reduzida, forma subarredondada).

Grupo A-2 - Pasta não-calcária com a cor castanha, variando entre o castanho claro (Munsell 10YR-7/4), e o castanho-escuro (2.5YR-4/4) e o vermelho (Munsell 2.5YR-5/6). Conformada em torno rápido, com cozedura oxidante. A textura da pasta é média, com alguma porosidade. Inclusões: feldspato e micas (frequência/dimensão média, dimensão reduzida, forma subarredondada)

Subgrupo A-2-a - Distingue-se por ser conformada manualmente.

Grupo A-3 - Pasta não-calcaria com a cor castanha (Munsell 2.5YR – 5/6), vermelha, variando entre o vermelho claro (Munsell 2.5YR-5/6) e o vermelho escuro (2.5YR-4/8), podendo apresentar o exterior/interior vermelho (Munsell 2.5YR-5/6). Conformada em torno rápido, com cozedura oxidante. A textura da pasta é média, com alguma porosidade. Inclusões: feldspato (frequência/dimensão reduzida, dimensão, forma subarredondada); quartzo (frequência reduzida, dimensão média, forma angulosa); micas (frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada).

Subgrupo A-3-a - Distingue-se por ser conformada manualmente.

Grupo B-1 - Pasta não-calcaria com a cor cinzenta, variando entre o cinzento claro (Munsell GLEY 1-6/10Y) e o cinzento-escuro (Munsell GLEY 1-4/10Y), ou cinzenta acastanhada (Munsell GLEY 1-6/10Y) e por vezes com o exterior cinzento-escuro (Munsell GLEY 1-4/10Y). Conformada em torno rápido, com cozedura redutora. A textura da pasta é média. Inclusões: feldspato (frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada); micas (frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada)

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Subgrupo B-1-a - Distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície interior ou externa.

Subgrupo B-1-b - Distingue-se por ser conformado manualmente.

Grupo B-2- Pasta não-calcaria com a cor cinzenta, variando entre o cinzento claro (Munsell GLEY 1-6/10Y) e o cinzento-escuro (Munsell GLEY 1-4/10Y), por vezes com o exterior cinzento-escuro (Munsell GLEY 1-4/10Y). Conformada em torno rápido, com cozedura redutora. A textura da pasta é média. Inclusões: feldspato (frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada); micas (frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada); quartzo (frequência reduzida, dimensão média, forma angulosa)

Subgrupo B-2-a - Distingue-se por apresentar uma textura grosseira.

Subgrupo B-2-b - Distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície interior ou externa.

Subgrupo B-2-c - Distingue-se por ser conformado manualmente.

9.1.2. Tipologia formal/funcional

Segundo a tipologia formal/funcional da cerâmica comum, foi utilizada uma terminologia idêntica àquela que foi utilizada por Inês Vaz Pinto, de modo a estabelecer um paralelo com as formas identificadas por esta autora de forma a facilitar futuras comparações, num quadro tipológico tão vasto. Recorreu-se ainda ao estudo da cerâmica comum das necrópoles alto-alentejanas (Nolen, 1985), conciliando sempre que possível com a proposta de Alarcão (1974), assim como outros artigos que contivessem informação coerente para se poder fazer paralelismos entre a cerâmica do Paço dos Lobos da Gama com outras encontradas em território português. Optou-se por esta terminologia de forma a contribuir para uma uniformização da linguagem arqueológica.

Quanto à descrição das peças, esta tem como objetivo definir e realçar os traços característicos de cada forma, a qual é indissociável do desenho.

Foram assim criadas quatro categorias principais: cozinhar, preparar, servir e armazenar. Partindo desta raiz as categorias foram subdivididas em formas, em formas

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

abertas (prato, prato covado, tigela, terrina, almofariz e alguidar) e formas fechadas (tacho, pote, panela, potinho, jarro, bilha e talha).

O número refere-se à designação da categoria morfológica-funcional; a letra maiúscula refere-se à orientação do bordo; o número que lhe precede refere-se à variante dentro da categoria; e a letra minúscula a reproduções de formas com alguma particularidade diferente do modelo que a antecede.

Resolveu-se analisar o conjunto de cerâmica comum a partir das formas abertas para as fechadas, sendo que cada categoria se encontra dividida em tipos que agrupam as formas que apresentam características em comum, geralmente a partir do bordo, a qual é a parte mais variável das peças e que mais facilmente se identifica em material fragmentado. Neste sentido, o género de bordo distingue-se geralmente por ser voltado para dentro, voltado para fora ou direito.

9.1.3. Análise do Conjunto de Cerâmica Comum local/regional

O conjunto de cerâmica comum local/regional do Paço dos Lobos da Gama (pratos, tigelas, almofarizes, alguidares, terrinas, tachos, panelas, potes, potinhos, jarros, bilhas, talhas, tampas, fundos, asas, pesos de tear, marcas de jogo) conta um total de 427 fragmentos. Contudo do material alvo de estudo, ou seja, aquele que se encontra em contextos romanos conta com um total de 84 fragmentos o que equivale a 39 peças (EEP) (Anexo II – Gráficos 8.1.; 9.1.).

Neste sentido, no que toca à distribuição dos fragmentos por unidades estratigráficas de contextos romanos, nota-se que a maioria dos fragmentos foi exumado do setor 5 [UE31], com um total de 25 fragmentos, seguindo-se a [UE32], do mesmo setor com um total de 24 fragmentos (Anexo II – Gráfico 8.6.).

No que toca aos fabricos, destacam-se apenas alguns daqueles que foram determinados para todo o conjunto, os quais vão sendo explicados ao longo da análise (Anexo II – Gráfico 9.5.)

A atribuição de cronologias tornou-se complicada, devido ao facto de não existirem contextos fiáveis e preservados. Desta forma, foram previstas cronologias a partir de paralelos de formas idênticas às do Paço, encontradas em território português.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Foram determinadas 14 categorias, porém, tal como já foi referido, nem todas foram alvo de análise, visto que algumas delas não se encontram em contextos romanos. Assim, foram apenas analisadas 9 das 14 categorias (Anexo II – Gráfico 9.4).

A categoria dos pratos assume um total de 40 bordos, sendo que apenas seis se encontram em contextos romanos, o que perfaz um total de quatro peças (EEP). Esta categoria foi dividida em 1.A. Pratos de bordo direito e 1.B. Pratos de bordo voltado para o interior.

Dentro da categoria de pratos de bordo direito (1.A.), na variante 1.A.2. destaca-se apenas uma peça (PLG.S5[31]2269), a qual corresponde a um prato com a parede arqueada e o bordo simples. Este prato apresenta 12cm de diâmetro de bordo e encontra-se no grupo de fabricos B-1-a, com uma pasta cinzenta clara (GLEY 1-6/10Y), de cozedura redutora e textura média, raros ENP's, de dimensão reduzida (feldspato e micas) e distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície externa (Est. V). Em termos de paralelos, encontra-se representado em São Cucufate (Beja), I-A-3, com um total 66 exemplares, sendo que esta forma aparece em todos os horizontes do sítio, mas é mais representativo na primeira metade do século V d.C. (Pinto, 2003:168-169, nº 81.1375-2D). Na Quinta do Rouxinol esta variante de prato totaliza 10 peças (1.1.2.2.), a qual aparece nos finais do século II, século III, porém, tem maior representação da segunda metade do século IV a inícios do século V d.C. (Santos, 2011:53, Est. I, QtR 1063). Nas necrópoles da região de Elvas esta forma é equivalente ao tipo 4a (Pratos de lábio biselado), (Nolen, 1985:86, Est. XXX, nrs 261, 262). Em *Conimbriga*, esta forma aparece igualmente representada de cronologia tardo-romana (Alarcão, 1974:109, Est. XXXII, nº667). Na *Ammaia*, esta forma encontra-se representada (I.1.3.) proveniente da Porta Sul, sem cronologia precisa (Dias, 2014:152, Est.III, nº 739).

Dentro da categoria de pratos de bordo voltado para o interior (1.B.), determinaram-se duas variantes, sendo a primeira 1.B.2. referente a pratos com a parede reta e muito evasada e o bordo boleado muito voltado para o interior e a segunda variante 1.B.4. de pratos com a parede oblíqua quase reta e o bordo dobrado para o interior.

A primeira variante (1.B.2.) conta com apenas uma peça (PLG.S6[124]3462), com um diâmetro de 16cm, de fabrico B-1, pasta de cor cinzenta (GLEY 1-6/10Y), de

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

cozedura redutora, com textura média e raros ENs de dimensão reduzida e frequência média (feldspato e mica) (Est. V). Segundo os paralelos, encontram-se 10 exemplares representados em São Cucufate (Beja), os quais pertencem exclusivamente aos horizontes 3 e 4 (de meados do século II até meados do século IV d.C.) (Pinto, 2003:194, nº 84.514-2A); o prato G 3.29 da necrópole de Santo André (Montargil) é também um bom paralelo desta forma, dos finais do séc. I – inícios do séc. II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:65, 128 e 165); também nas necrópoles da região de Elvas, encontra-se representada esta variante, sem datação precisa (Nolen, 1985, Est. XXVIII, 220-221). Em *Conimbriga* também se encontra uma forma representada muito idêntica a esta, de uma cronologia tardo-romana (Alarcão, 1974:107, Est. XXX, nº 640). Na *Ammaia*, também se encontra representada esta forma (I.3.1.), originária da Porta Sul, sem datação precisa (Dias, 2014:154, Est. VII, nº 547 e 93).

A variante 1.B.4. encontra-se representada por duas peças (EEP) (PLG.S5[15]2040; PLG.S5[31]2249; 2247; 2251), sendo que os diâmetros variam desde os 13 e os 20cm, destacando-se o fabrico B-1 (pasta cinzenta (GLEY 1-4/10Y), de cozedura redutora, textura média e com ENP's de média frequência e dimensão reduzida – feldspato e micas) e B-2, o qual difere do B-1 pela composição mineralógica, apresentando feldspato, micas e quartzo (Est. V). Em termos de paralelos, esta forma encontra-se representada em São Cucufate, com 37 exemplares e segundo Inês Vaz Pinto, esta forma “*parece ser uma imitação da forma Hayes 61 de sigillata clara D*” (Pinto, 2003:197), os quais não aparecem nos horizontes 1 e 2 (segunda metade do século I ao segundo terço do século II d.C.) e torna-se mais abundante em meados do século V d.C. (Pinto, 2003:198, nº 81.2294-2E). Na Olaria da Quinta do Rouxinol, também se encontram formas idênticas a estas, representada por 6 bordos (1.1.3.5.), datados da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:55, Est. III, QtR 223). A forma II.3.3.A. da *Ammaia*, é igualmente semelhante, com proveniência das termas, e é uma das formas datadas, sem datação precisa (Dias, 2014:172, Est. XIV, nº 448). Também se confirma no Pinheiro, o prato 47 que é idêntico a esta forma, da primeira metade ou do primeiro terço do século IV (Mayet e Tavares da Silva, 1998:189 e 234).

Em termos gerais, a categoria das tigelas, é a que apresenta um maior número dentro do conjunto, com exceção dos fundos, com um total de 92 fragmentos.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Já em contextos romanos, esta categoria apresenta um total de oito peças (EEP) e foi dividida em três subcategorias 2.A. Tigelas de bordo direito; 2.B. Tigelas de bordo voltado para o interior e 2.C. Tigelas de bordo voltado para o exterior.

Dentro das Tigelas de bordo direito (2.A.), destaca-se a Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado (2.A.1.). Este grupo conta com um total de três peças (EEP) (PLG.S5[32]2296; PLG.S5[31]2254; PLG.S5[20]2038; PLG.S5[19]2083; PLG.S5[30]2223), dentro dos fabricos A-2 (pasta castanha (10YR-7/4), com cozedura oxidante, textura média e ENP's de reduzida dimensão e frequência (feldspato e micas); B-1 (pasta cinzenta (GLEY 1-4/10Y), de cozedura redutora, de textura média e ENP's de frequência média e dimensão reduzida (feldspato e micas); e B-2 (pasta cinzenta (GLEY 1-4/10Y) de cozedura redutora, textura média e ENP's de frequência média e dimensão reduzida (feldspato, micas e quartzo) e os seus diâmetros variam entre os 10 e os 16cm (Est. VI). Apenas um fragmento apresenta marcas de fogo (PLG.S5[19]2083). Em termos de paralelos, esta forma encontra-se presente em São Cucufate (Beja), por 115 exemplares, e representada em todos os horizontes cronológicos do sítio, mas a sua presença é mais forte entre a segunda metade do século I e o segundo terço do século II d.C. (Pinto, 2003:221, nrs 80.121-5; 79.695-2A). Esta forma também é importante nas necrópoles do Alto Alentejo, porém, tendo uma datação global que vai da segunda metade do século I até aos finais do século III d.C. (Nolen, 1985, Est. XXXIII, 294-296). Em Monte Molião também aparece esta forma, sendo a variante mais abundante do tipo, representada por 30 indivíduos (1.2.1.), forma que se prolonga até ao alto império (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:10, Fig. 8). Na Quinta do Rouxinol esta forma encontra-se representada por 15 peças, sendo que a cronologia vai desde o século II até inícios do século V d.C., sendo que existe uma maior incidência da segunda metade do século IV aos inícios do século V d.C. (Santos, 2011:60, Est. VI, nº QtR. 118). Na Necrópole da Rouca (Alandroal), esta forma é representada pelo tipo II-a, e foi determinada uma cronologia desde a segunda metade do século I d.C. a inícios do século II d.C. (Rolo, 2010:78, 79, 80, 399). Na *Ammaia*, a forma III.1.2. é aquela que mais se assemelha à forma representada no Paço dos Lobos da Gama, e é oriunda das termas, sendo que a comparação crono-estratigráfica dos materiais de cerâmica fina ammaiense indicou uma cronologia enquadrada entre o século I, a segunda metade do século II/III d.C. e a

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

segunda metade do século V d.C. (Dias, 2014:177, 178; Est. XVII, nºs 60, 696, 729). Na Necrópole da Valdoca esta forma também se encontra representada – malga 1 e 3, datadas entre os séculos I – II d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:55, 66, Est. XVI, Est. XV, Sepultura 166 e 206). Em Santo André (Montargil) esta forma encontra-se representada por 39 malgas, da segunda metade do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:127, B 2 (2); B 7.1. (1a); C 3.1).

Dentro da categoria de Tigelas de bordo voltado para o interior (2.B.), destacam-se duas variantes, as Tigelas com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior (2.B.1.) e as Tigelas com a parede arqueada e o bordo espessado formando face interna oblíqua (2.B.1.a.).

A variante 2.B.1. conta com um total de três peças (EEP) (PLG.S5[32]2299; PLG.S5[31]2244; PLG.S5[31]2265; PLG.S5[16]2057; PLG.S5[31]2253), os fabricos variam entre o B-1 (pasta de cor cinzenta (GLEY 1-6/10Y), de cozedura redutora, textura média, ENP's de frequência media e dimensão reduzida (feldspato e micas) e B-2-b (cor cinzenta (GLEY 1-4/10Y), cozedura redutora, de textura média, e enps de frequência media e dimensão reduzida (feldspato, micas e quartzo) e distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície), em termos de diâmetros, estes variam entre os 10 e os 11cm (Est. VI). Quanto aos paralelos, encontra-se esta forma em São Cucufate (III-B-1), representada por 162 exemplares e em termos de cronologias, esta forma é mais importante entre a segunda metade do século I e o segundo terço do século II d.C., sendo ligeiramente mais importante no século II d.C. (Pinto, 2003:237, 238, nrs 84.2567-1B, 81.507-7). Em Valdoca (Aljustrel) existem três paralelos desta forma, provenientes das sepulturas 5, 217 e 383, porem sem datação precisa (Alarcão e Alarcão, 1966:10, 62 e 83, Est. I, XIII, XXIX); na Cidade das Rosas (Serpa) encontra-se um fragmento (nº 6) do terceiro quartel do séc. III até aos primeiros anos do séc. IV d.C., apresentado como prato, porém poderá ser uma tigela deste tipo (Caeiro, 1978:251, 253).

A variante 2.B.1.a. varia da forma anterior apenas pela morfologia do bordo, esta apresenta o bordo mais espessado e com o topo aplanado. Esta forma conta com apenas uma peça (EEP), de fabrico B-1 e um diâmetro de 12cm (PLG.S5[31]2248) (Est. VI). Em termos de paralelos, encontra-se representada em São Cucufate (Beja), com a forma III-B-1-a, com uma maior expressão entre a segunda metade do século I e o segundo

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

terço do século II d.C. (Pinto, 2003:240, nº 83.722-1B). Existe mais um paralelo desta forma, na Necrópole da Valdoca (Aljustrel), a malga 1 da sepultura 100, acompanhada de materiais dos séculos I e II (Alarcão e Alarcão, 1966:31-32, Est. VII).

Quanto às Tigelas de bordo voltado para o exterior (2.C.), este grupo conta com apenas uma variante (2.C.1.) referindo-se a Tigelas de parede arqueada e o bordo amendoado e descaído.

A variante 2.C.1. conta com apenas uma peça (PLG.S5[20]2124), de fabrico B-1, e com 12cm de diâmetro de bordo (Est. VI). Em São Cucufate (Beja) esta forma encontra-se representada por 138 exemplares, e tem uma presença significativa em termos cronológicos, desde a segunda metade do século I até ao segundo terço do século II d.C. (Pinto, 2003:247, nº 84.6891-2A). Inês Vaz Pinto refere que esta forma poderá ter a sua inspiração na forma Dragendorff 35, mas também se pode relacionar com a forma Hayes 195 de cerâmica comum africana (Pinto, 2003:246). Nas Necrópoles do Alto Alentejo, na região de Elvas, encontram-se formas idênticas a esta, datadas da segunda metade do século I até aos finais do século III d.C. (Nolen, 1985:106, Est. XXXIX, nº399). Na Necrópole da Rouca, encontra-se também esta forma representada pelo tipo II-b, datada da segunda metade do século I – século III d.C. (Rolo, 2010:80, 297, nº 15648). Também na Cidade das Rosas (Serpa), a peça nº 40 com datação geral do último quartel do séc. II até aos primeiros anos do séc. IV (Caeiro, 1978:251, 257).

A categoria de alguidares conta com um total de 10 fragmentos, havendo apenas dois fragmentos que se encontram em contextos romanos, o que perfaz um total de duas peças (EEP) (PLG.S5[31]2250, PLG.S5[32]232172320). Esta categoria foi dividida em duas variantes: 4.A. Alguidares de bordo voltado para o interior e 4.B. Alguidares de bordo voltado para o exterior.

Dentro da variante 4.A. encontra-se uma peça à qual foi atribuída a designação 4.A.1. Alguidar com o bordo em aba amendoado ou oblíqua reentrante, parede reta ou arqueada, pouco esvasada, o qual tem 24cm de bordo e faz parte do fabrico B-2-b (distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície) (PLG.S5[31]2250) (Est. VIII). Em São Cucufate esta forma encontra-se representada por 522 exemplares, e mostra que é uma forma de longa duração, mantendo-se com expressão significativa em todos os horizontes, com exceção entre a segunda metade do século IV até meados do século V d.C., que não tem uma amostra significativa (Pinto,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

2003:287, nº 83.536-1B). Na Olaria do Pinheiro esta forma também se encontra representada pela peça 70, datada da primeira metade ou do primeiro terço do século IV (Mayet e Tavares da Silva, 1998:189, 212, 236). Na olaria da Quinta do Rouxinol também se encontra esta forma, composta por duas peças, sem cronologia precisa (Santos, 2011:71, Est. XIII, QtR. 761). Esta forma do Paço é igualmente muito idêntica às formas V.2.7.B. da *Ammaia*, oriundas da Porta Sul (Dias, 2014:192, Est. XXXI, nrs 98, 88, 857, 856, 1047).

Na variante 4.B. encontra-se outra peça com a designação 4.B.1. Alguidar com o bordo arqueado voltado para fora e formando carena com a parede levemente arqueada. Este alguidar (PLG.S5[32]2321/2320) apresenta 30cm de bordo e faz parte do fabrico A-3 (pasta castanha clara (2.5YR – 5/6), cozedura oxidante, de textura média e com enps de frequência media e dimensão reduzida (feldspato, quartzo e micas) (Est. VIII). Em São Cucufate esta forma encontra-se representada por 4 exemplares, datados de meados do século IV d.C. (Pinto, 2003:294, nº 80.91-2K). Na *Ammaia* a forma mais idêntica a esta é a V.2.3. oriunda da Porta Sul, sem datação precisa (Dias, 2014:191, Est. XXVIII, nº 587).

A categoria dos tachos, conta com um total de 33 fragmentos, sendo que em contextos romanos destacam-se 10 fragmentos o que perfaz 10 peças (EEP), destacando-se como a categoria que tem um maior número de peças. A categoria dos tachos divide-se em 6.A. Tachos de bordo dobrado sobre o ombro e 6.B. Tachos de bordo voltado para o exterior.

Dentro da categoria 6.A. foram determinadas 3 variantes: 6.A.1. Tachos de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, bojo geralmente esférica ou ovoide, sem asas; 6.A.1.a. Tachos de bordo levemente oblíquo dobrado sobre o ombro, bojo geralmente esférica ou ovoide, sem asas e 6.A.1.b. Tachos de bordo dobrado sobre o ombro em forma de coração, bojo geralmente ovoide, sem asas.

A variante 6.A.1. conta com um total de três peças (EEP) (PLG. S5[30]2235; PLG.S6[130]3476; PLG.S5[30]2235), os diâmetros de bordo variam entre os 11 e os 14cm e pertencem aos fabricos B-2 (pasta de cor cinzenta (GLEY 1-6/10Y), de cozedura redutora, textura média e com ENP's de frequência media e dimensão reduzida (feldspato, micas e quartzo) e B-2-b (destaca-se da anterior por possuir um alisamento como tratamento de superfície) (Est. X). Esta forma encontra-se igualmente

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

representada em São Cucufate (Beja), com a forma VII.A.1. com 701 exemplares, e em termos cronológicos mostra que é uma forma de longa duração, tendo maior expressão na segunda metade do século I e primeiro terço do século II d.C., mas mantem-se nos outros horizontes cronológicos do sítio (Pinto, 2003:316-317). Esta forma encontra-se igualmente bem patente no sítio de produção do Pinheiro (Alcácer do Sal), todas provenientes de camadas datadas do Alto Império, havendo exemplos concretos do século II d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:56, 80, 98, nrs 85 e 86). Na *Ammaia* esta forma encontra-se igualmente representada, sem cronologia precisa (Dias, 2014:204, Est. XLIV, VII.2.3.B, nº 951). Na Quinta do Rouxinol encontra-se representada por 170 peças, 2.1.7.1., de uma cronologia da segunda metade do século IV inícios do V d.C. (Santos, 2011:78, Est. XX, nºs QtR 404, QtR 392).

A variante 6.A.1.a. conta apenas com uma peça (PLG.S3[10]1151), a qual faz parte do grupo de fabrico B-2 e apresenta 7cm de bordo (Est. X). Em termos de paralelos, esta forma encontra-se representada por 104 exemplares em São Cucufate (Beja) com a designação de VII.A.1.b., com uma presença mais significativa entre a segunda metade do século I e o primeiro terço do século II d.C. (Pinto, 2003:324, Nº 84.18-2A). Na necrópole da Valdoca (Aljustrel) existem igualmente alguns exemplos, alguns sem datação definida, mas a peça 1 da sepultura 12 encontra-se datada de meados do século I até inícios do III d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:14, Est. II). No sítio de produção do Pinheiro (Alcácer do Sal) também se encontra uma peça (nº21) de um nível do Alto Império (Mayet e Tavares da Silva, 1998:85 e 108). Na *Ammaia* existe também uma forma que se assemelha muito a esta (VII.2.3.A.), sem datação precisa (Dias, 2014, Est. XL, nº 687); em Courela dos Chãos (Sines) encontra-se a panela 30, porém de uma camada com materiais datáveis desde a segunda metade do séc. I até meados do séc. VII (Coelho-Soares, 1987:197, 198, Fig. 3).

A variante 6.A.1.b. é composta por duas peças (PLG.S5[31]2266; PLG.S5[20]2094), de fabrico B-2-b (distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície), variando de diâmetro de bordo entre os 7 e 9cm (Est. X). Esta forma encontra-se representada em São Cucufate (Beja) mas com dimensões maiores, por 28 exemplares, e que só aparece a partir de meados do século II, mas outros paralelos sugerem que esta aparece no século I – inícios do II d.C. (Pinto, 2003:325, nº 84.2979-2A). Nas necrópoles de Elvas, aparece uma forma com um bordo idêntico

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

(Nolen, 1985:222, Est. XLVII, nº 501) e assemelha-se também aos tipos 418 e 419 de *Conimbriga*, encontrados em níveis desde Cláudio até Trajano (Alarcão, 1975:84, Est. XX). Na *Ammaia* esta forma encontra-se representada pela designação VII.2.2.A., proveniente da Porta Sul e das termas (Dias, 2014: Est. XXXVIII, nº850).

Dentro da categoria de tachos de bordo voltado para o exterior encontram-se as variantes 6.B.1. Tacho de bordo horizontal ou levemente oblíquo de secção sub-retangular, e parede quase reta; 6.B.2. Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua descolada do bojo ovoide, sem asas e 6.B.2.a. Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua levemente arqueada e descolada do bojo ovoide, sem asas.

A variante 6.B.1. é composta por uma peça (PLG.S5[31]2263) de fabrico B-2, com 6cm de diâmetro de bordo (Est. X). Encontram-se paralelos desta forma em São Cucufate (Beja), representada por 4 exemplares, na categoria VII-B-2, sem datação precisa (Pinto, 2003:330). Esta forma aparece também no vale do Sado, representada por uma panela e foi recuperada das escavações de Alcácer do Sal, proveniente de um nível da segunda metade do século I e inícios do II d.C. (Tavares da Silva et al., 1980:198 e 201, nº299). Na *Ammaia* esta forma encontra-se representada pela designação VII.2.5.A., provenientes da Porta Sul, sem datação precisa (Dias, 2014:205, Est. XLVI, nº53). Nas necrópoles do Alto Alentejo encontra-se representada pelo pote nº 490, também sem datação precisa (Nolen, 1975:123, Est. XLVI).

A variante 6.B.2. é composta por uma peça de fabrico B-2-b, com 8cm de diâmetro de bordo (PLG.S5[32]2327/2323) (Est. X). Em São Cucufate esta forma encontra-se representada VII-B-3 por 116 exemplares, aparece em todos os horizontes cronológicos, porém torna-se mais significativa a partir de meados do século II d.C. e é mais importante de meados do século IV até meados do século V d.C. (Pinto, 2003:332, nº 81.4499-1B). Porém alguns paralelos confirmam a sua existência no Alto Império, como é o caso das peças 18 e 22 do sítio de produção do Pinheiro (Alcácer do Sal) (Mayet e Tavares da Silva, 1998:85, 87). Nas necrópoles da região de Elvas, encontra-se o pote nº 462 idêntico a esta forma, sem datação precisa (Nolen, 1985:218, Est. XLIV). Na Quinta do Rouxinol esta forma também se encontra documentada 2.1.4.3. de cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:77, Est. XIX).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

A variante 6.B.2.a. é composta por duas peças (PLG.S5[31]2260; PLG.S5[32]2326), de fabrico B-2, variando os diâmetros de bordo entre os 8 e os 12cm (Est. X). Em São Cucufate (VII-B-3-a) esta forma encontra-se representada por 8 exemplares, sendo apenas um único de uma camada datada de meados do século V d.C. (Pinto, 2003:331, nº 83.4491-4). Na Quinta do Rouxinol encontra-se uma forma idêntica a esta (2.1.4.3.) com uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:77, Est. XIX, QtR 259). Nas Necrópoles de Elvas também se encontra uma peça do mesmo tipo, designado como pote da forma 2-k, sem datação precisa (Nolen, 1985:122, Est. XLV, nº 487).

A categoria das panelas conta com um total de 37 fragmentos, sendo nove fragmentos pertencentes a camadas romanas, o que perfaz 8 peças (EEP). A categoria divide-se em 7.A. Panelas de bordo dobrado sobre o ombro e 7.B. Panelas de bordo voltado para o exterior. Dentro da categoria 7.A. destaca-se a variante 7.A.1. Panela de bordo dobrado sobre o ombro e geralmente descolado do bojo ovoide ou piriforme, sem asas, bordo pequeno e parede fina e dentro da categoria 7.B. destacam-se as variantes 7.B.1. Panela de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e bojo geralmente ovoide, por vezes com asas; 7.B.3. Panela de bordo voltado para fora na continuidade do bojo ovoide.

A variante 7.A.1. tem um total de três peças (EEP) (PLG.S5[31]2257; PLG.S5[31]2245; PLG.S5[31]2252), de fabrico B-2, variando os diâmetros de bordo entre os 6 e os 11cm (Est. XI). Em São Cucufate esta forma aparece representada pela designação VIII-A-1-a, e mostra que só aparece a partir do segundo terço do século II até meados do século V d.C. (Pinto, 2003:340, nº 84.7043-2E). Em Courela dos Chãos (Sines) encontram-se três potes idênticos a esta forma, provenientes de uma camada com materiais datáveis desde a segunda metade do século I até meados do século VII (Coelho-Soares, 1987:197, 198, 201, nº36).

Dentro da categoria 7.B. a variante 7.B.1. conta com duas peças (EEP) (PLG.S5[20]2190; PLG.S5[19]2078; PLG.S4[9]1152), de fabricos B-2 e B-1-a (distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície), com 12 cm de diâmetro de bordo (Est. XI). Em São Cucufate, a forma VII-B-2 é muito idêntica a esta forma do Paço dos Lobos da Gama, e encontra-se representada por 468 exemplares, e é uma forma de longa duração, significativa desde o século I a meados do V d.C. (Pinto,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

2003:348, nrs 81.2351-2A, 79.722-2C). Na necrópole da Valdoca também aparece esta forma, caso disso é a peça 1 da sepultura 172, datada da primeira metade do século I (Alarcão e Alarcão, 1966:55, Est. XV). Os potes 440 e 444 das necrópoles da região de Elvas, também se identificam com esta forma, mas não apresentam datação precisa (Nolen, 1985:216, Est. XLII). Na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) esta forma está representada pela peça 321 do século IV (Mayet e Tavares da Silva, 1998:223 e 262, fig. 12). Na Quinta do Rouxinol esta forma encontra-se representada pela designação 2.2.4.1., por 44 exemplares, em que a maioria tem uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V, porém também aparece entre os finais do século III (Santos, 2011:81, Est. XXXIII, nº QtR 711). Na Necrópole de Santo André (Montargil) alguns dos potes também são idênticos a esta forma que se enquadram da segunda metade do século I e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:142, 149, Est. XI; pote C 8.6; Est. XXXIII, pote D15/16/16.4).

A variante 7.B.3. é composta por três peças (PLG.S5[30]2220; PLG.S5[32]2325; PLG.S5[32]2324), de fabricos B-2, variando os diâmetros entre os 7 e os 10cm de bordo (Est. XI). Em São Cucufate esta forma encontra-se representada pela designação VIII-B-7-a, com 11 exemplares havendo um datado de meados do século II até meados do século IV d.C. (Pinto, 2003:371, nº 82.2103.2A). Em *Conimbriga* existe um pote (nº 335) com uma forma idêntica a estas panelas, de cronologia Alto Imperial (Alarcão, 1974:78).

Quanto à categoria de Potinhos, esta conta com um total de 24 de fragmentos, sendo três fragmentos pertencentes a camadas romanas, o que perfaz três peças (EEP). A categoria conta apenas com a variante 9.A. Potinhos de bordo voltado para o exterior.

Dentro da categoria 9.A. destacam-se as variantes 9.A.1. Potinho de colo levemente côncavo, bordo simples e bojo esférico (Potinho alentejano) e 9.A.4. Potinho de bordo em aba oblíqua e pança esférica.

A variante 9.A.1. conta com duas peças (EEP) (PLG.S5[30]2231, PLG.S5[31]2291) de fabrico A-1 (pasta de cor laranja (7.5YR-7/6), cozedura oxidante, textura fina e com ENP's de frequência e dimensão reduzida (feldspato) e B-1-a (distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície), respetivamente, com pastas finas e compactas de boa qualidade e com diâmetros de bordo entre os 4 e 6cm (Est. XIII). Esta forma enquadra-se na tipologia dos designados

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

“potinhos alentejanos”, os quais se caracterizam por apresentar bojo ovoide, ombro reentrante marcado por caneluras e o bordo voltado para o exterior. Geralmente estes potinhos apresentam decoração em bandas impressas e de cozedura em forno redutor, porém um deles (2231) apresenta cozedura em forno oxidante e não apresenta decoração. Não foram encontrados paralelos exatos para esta forma, no entanto coloca-se a hipótese de uma provável variante de produção de um oleiro local/regional. Em relação à outra forma (2291), está já apresenta uma cozedura redutora e nota-se uma pequena decoração em banda abaixo do bordo. Encontram-se paralelos na Necrópole da Rouca, de cozedura redutora e com decoração datada da segunda metade do século I d.C., eventualmente extensível a inícios do século II (Rolo, 2010:68, Tipo I, nº15623, 15668). Em *Conimbriga*, a cerâmica cinzenta decorada com caretinha ou guilhoché, de cronologia alto-imperial (Alarcão, 1974:99-100, Est. XXVIII, nº 606, 608). Segundo alguns autores deve-se atribuir a esta produção um carácter regional, com origem lusitana, e uma cronologia a partir de Cláudio até ao primeiro quartel do século II (Sánchez Sánchez, 1992:40-41, fig. 8, nº 41).

A variante 9.A.4. (X-A-5) conta igualmente com apenas uma peça (EEP) (PLG.S5[31]2255) de fabrico B-2-b (distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície), com 6cm de diâmetro (Est. XIII). Em São Cucufate aparece esta forma representada X-A-5, datado da segunda metade do século I e primeiro terço do século II d.C. (Pinto, 2003:405, nº 82-4256-2A). Em Monte Molião a forma de potinhos/copos/púcaros também é idêntica a esta forma, em contextos alto imperiais (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:12, fig.20).

A categoria das 12. Talhas conta com um total de cinco fragmentos, sendo quatro fragmentos pertencentes a camadas romanas, o que perfaz um total de 2 peças (EEP). A categoria divide-se em apenas uma variante 12.A. Talhas de bordo direito. Dentro da desta categoria encontra-se a variante 12.A.1. Talha de bordo voltado para cima e bojo esférico ou ovoide.

A variante 12.A.1. é composta por duas peças (EEP) (PLG.S5[20]2295; PLG.S5[20]2126; PLG.S5[19]2077; PLG.S5[32]2293), de fabrico A-3-a (pasta de cor castanha (7.5YR-6/4), cozedura oxidante, textura média, com enps de média frequência e dimensão reduzida (feldspato, micas, quartzo) e distingue-se por ser conformada manualmente, com de diâmetro de bordo entre os 20 e os 28cm (Est. XII). Em termos

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

de paralelos, em São Cucufate esta forma encontra-se representada XIII.A.1. por 49 exemplares, sendo uma forma de longa duração, mas ligeiramente mais importante no Baixo Império (Pinto, 2003:448, nr 81.2919-J). Na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), há talhas com esta forma de níveis do Alto Império (talhas 1, 2 e 3) mas também do Baixo Império (talhas 75 e 252 do século IV e talhas 61, 62 e 64 da primeira metade do século V (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84, 107, 295 e 303). Na *Ammaia* esta forma também aparece (Dias, 2014:261, Est. XVII.3.1.C., nº 1207), assim como em *Conimbriga*, onde se encontra um paralelo próximo, proveniente do fórum, com cronologia do século V (Alarcão, 1975, Est. LIII, nº 928).

Em relação às 13. Tampas, esta categoria conta com um total de seis fragmentos, isto é 3 fragmentos de contextos romanos, o que equivale a 2 peças (EEP). A categoria 13.A. Tampas de bordo simples ou levemente espessado, conta com apenas uma variante 13.A.1. Tampas de bordo simples ou levemente espessado, e parede reta e aberta.

A variante 13.A.1. é composta por duas peças (EEP), de fabricos B-1 e B-2, com diâmetros de bordo entre os 11 e os 12cm (Est. XVII). Encontram-se paralelos desta forma em São Cucufate, representada por 187 exemplares, sendo mais comum entre a segunda metade do século I e o primeiro terço do século II e depois a sua frequência vai diminuindo até meados do século V (Pinto, 2003:464, nº 83.3484-2B, 82.2781-6). Na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) a tampa 8 é idêntica a esta forma, datada de uma cronologia do Alto Império (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84 e 108). Na Quinta do Rouxinol, as tampas 4.1.1. também são idênticas a esta forma, com uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:102, Est. XXXIX, QtR 1067). Em Monte Molião também se encontram representadas estas formas, com a variante 1.6.2. sem cronologia específica (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:12). As tampas de bordo direito (XVIII.1.2.) também se encontram em paralelo com esta forma, provenientes da Porta Sul (Dias, 2014:264, Est. CXII, nº 304).

Quanto às categorias 3. Almofarizes de cerâmica comum local/regional (4 fragmentos) (Est. VII); 5. Terrinas (7 fragmentos) (Est. IX); 8. Potes (5 fragmentos) (Est. XII); 10. Jarros (6 fragmentos) (Est. XIV); 11. Bilhas (2 fragmentos) (Est. XV) não foram alvo de análise mais específica dado que não se encontram fragmentos em

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

contextos romanos, porém todos os desenhos correspondentes a estas formas encontram-se desenhados em anexo.

Quanto aos fundos, esta categoria é constituída por 109 fragmentos, os quais foram divididos em 5 categorias. Porém, apenas 25 fragmentos de fundo pertencem a contextos romanos, entre os quais se destacam as categorias F.1., F.2. e F.3.

A categoria F.1. conta com um total de 13 fundos (2188, 2226, 2303, 2310, 2302, 2225, 2239, 2228, 1157, 1155, 1417, 2332, 1158), os quais são normalmente estreitos, rasos ou levemente côncavos, com um pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar e os seus diâmetros de base variam entre os 4 e os 6cm. Em termos de fabricos, estes encontram-se dentro dos grupos: B-1; B-1-a (distingue-se por possuir um alisamento como tratamento de superfície); B-2; B-2-a (distingue-se por possuir pasta grosseira); B-2-b (distingue-se por possuir alisamento como tratamento de superfície); e B-2-c (distingue-se por possuir polimento como tratamento de superfície). Em termos de formas estes fundos podem pertencer a tigelas, pratos ou potinhos. Dentro desta categoria destaca-se apenas um fragmento com marcas de fogo (PLG.S5[30]2239).

A categoria F.2. conta com um total de dois fragmentos (PLG.S5[32]2307; PLG.S5[31]2279), os quais são rasos e simples, e provavelmente de formas fechadas, os seus diâmetros de base são de 5cm. Em termos de fabricos, distinguem-se dois grupos: A-3 e B-2. Estes fundos podem pertencer a formas como: potes, tachos, panelas e até mesmo jarros ou bilhas. Um dos fragmentos apresenta marcas de fogo (PLG.S5[32]2307).

A categoria F.3. conta com um total de 10 fragmentos (PLG.S5[32]2306; PLG.S5[31]2282; PLG.S5[31]2278; PLG.S5[32]2305; PLG.S5[32]2301; PLG.S5[32]2308; PLG.S4[8]1418; PLG.S5[15]2052; PLG.S5[15]2051; PLG.S5[15]2050). Tratam-se de fundos rasos com um leve rebordo de formas fechadas, os quais podem pertencer a panelas e os seus diâmetros de base variam entre os 5 e os 10cm. Em termos de fabricos estes variam entre A-3; B-1; B-2; B-2-b (distingue-se por possuir alisamento como tratamento de superfície). Um dos fragmentos apresenta marcas de fogo (PLG.S5[15]2052).

Quanto às asas, são representadas por 46 exemplares, sendo oito fragmentos pertencentes a contextos romanos. Existem fragmentos bastante pequenos, os quais não foi possível determinar a que forma pertencem (Est. XIX).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Ao que se refere às marcas de jogo, estas encontram-se representadas por 17 exemplares, de pequenas e médias dimensões, não existindo nenhuma presente em contextos romanos.

Ainda que não se encontre em contextos romanos, achou-se curioso referir igualmente um fragmento de um elemento fálco pertencente a um vaso ritual. Encontra-se um muito idêntico no Museu Monográfico de Conímbriga, com uma cronologia tardia, o qual foi publicado por Alarcão (Alarcão, 1974:609).

9.2. Cerâmica comum de importação - os Almofarizes da Bética

O almofariz romano é facilmente identificado em conjuntos de espólios, apresenta uma pasta de matriz calcária e pouco depurada. Trata-se de um recipiente aberto, com um bordo bem marcado e engrossado, o fundo pode ser plano ou com um pé anelar, as paredes evasadas apresentam estrias internas. As estrias nas paredes e fundos tinham como função criar um atrito para uma melhor trituração dos alimentos (Quaresma, 1995-1997:28). Estes recipientes tinham como função moer pequenas quantidades de alimentos ou efetuar misturas entre ingredientes e era essencialmente utilizado na cozinha.

No que toca a trabalhos relacionados com a caracterização de fabricos e formas de cerâmica comum de importação da Bética, destacam-se alguns trabalhos mais recentes sobre o território português. É o caso dos trabalhos de Inês Vaz Pinto (2003) onde se encontram definidas e caracterizadas as pastas/formas de almofarizes das *villae* romanas de São Cucufate; o trabalho de Rui Morais acerca da cidade de *Bracara Augusta* (2004); as publicações de José Carlos Quaresma sobre Povos e Chãos Salgados (*Miróbriga*) foram também levados em conta, uma vez que se revelam importantes para as análises dos componentes de pastas deste tipo; assim como o trabalho sobre a Alcáçova de Santarém, de Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas (2004), que seguem o mesmo critério de Quaresma.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Foi então realizada uma análise macroscópica das pastas dos almofarizes do Paço dos Lobos da Gama, utilizando critérios que levaram a ter em conta, a matriz das pastas, cor, textura e ENP's e o tipo de cozedura.

Desta forma foram apurados dois grupos que se definem pelas seguintes características:

Grupo A – Matriz calcária, pasta de cor bege/amarelada (5Y-8/2), pasta homogénea e compacta, com ENP's pouco abundantes (micas, quartzo), com cozedura efetuada em ambiente oxidante.

Grupo B – Matriz calcária, pasta de cor rosada (7.5Y-7/3), pouco depurada (com bolhas de ar), com ENP's pouco abundantes (micas, quartzo), com cozedura efetuada em ambiente oxidante.

Verificou-se então, que praticamente todos os almofarizes descobertos no Paço dos Lobos da Gama pertencem ao grupo A, excluindo-se um fragmento (1556), que pelas suas características levou à criação de um outro grupo (Grupo B), o qual poderá ser uma variante do primeiro. Para o Grupo A encontram-se pastas idênticas representadas em São Cucufate, *Bracara Augusta*, Povos, Chãos Salgados e Alcáçova de Santarém.

A cerâmica comum de importação do Paço dos Lobos da Gama, conta com um total de 17 fragmentos de almofarizes da Bética (4%), tratando-se de uma parte muito reduzida em comparação com a cerâmica comum local/regional (Anexo II – Gráfico 9.1). Destes 17 fragmentos, contaram-se seis bordos, 10 fragmentos de bojo e um fundo. Porém, apenas quatro fragmentos (PLG.S5[20]2117; PLG.S5[32]2319; PLG.S5[30]2230/2229) se encontram em contextos romanos, o que perfaz duas peças (EEP). Em termos morfológicos, os almofarizes do Paço dos Lobos da Gama, encontram-se incompletos e muito fragmentados, no entanto foi possível determinar os seus diâmetros, os quais variam entre os 14 e os 16cm, o que quer dizer que estamos perante almofarizes de tamanho médio.

Foram determinadas duas designações, consoante a morfologia do bordo dos almofarizes, a designação I – A Almofarizes de bordo arredondado e a designação I – B Almofarizes de bordo em aba voltado para o interior.

Dentro da categoria I-A encontram-se 5 fragmentos de bordo (PLG.S5[13]1904; PLG.S5[20]2117; PLG.S5[30]2230/2229 e PLG.S5[32]2319), sendo os 3 últimos os

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

que são provenientes de contextos romanos. Estes fragmentos encontram-se inseridos no grupo de fabrico A, e os seus diâmetros variam entre os 14 e 16cm. Estes almofarizes distinguem-se por possuir um bordo de perfil arredondado, e por apresentar uma parede que ostenta para a verticalidade. Em termos de paralelos, este tipo de almofarizes encontra-se no tipo 1b. Bordo redondo, no castelo de Alcácer do Sal, sem datação precisa (Sepúlveda, et al, 2007:266). Quaresma, define igualmente estes almofarizes – 5. Almofariz de bordo arredondado, o qual define este tipo como tendo uma evolução ao longo de duas fases. A primeira com uma moldura externa na parede, durante a primeira metade do século I d.C. e uma segunda fase, sem moldura externa, a partir da segunda metade do século I d.C., podendo até atingir o Baixo Império (Quaresma, 2006:157; 165, nº 24, 26). No caso dos almofarizes do Paço dos Lobos da Gama, encontram-se representados na segunda fase que José Carlos Quaresma refere, pois não apresentam moldura externa. Em São Cucufate esta forma também se encontra representada (IV-A-2), com 37 exemplares, os quais abarcam um período desde meados do século I até ao segundo terço do século II (Pinto, 2006:170-171, Fig.1). Em *Bracara Augusta*, esta forma encontra-se representada pelo grupo IIB (fig. 4), de níveis da primeira metade do século I d.C. (Morais, 2004:569).

Dentro da categoria I-B encontra-se apenas um fragmento de bordo (PLG.S6[123]3453), o qual pertence igualmente ao grupo A de fabrico, e tem 14cm de diâmetro de bordo. Estas formas encontram-se igualmente presentes em São Cucufate (IV-C-1), onde único exemplar desta forma que se encontra datado vai desde meados do século II até meados do século IV d.C. (Pinto, 2006:172, Fig.2); também os almofarizes de Braga do Grupo I, também se inscrevem neste tipo (Morais, 2004:568, fig. 3). Quaresma aborda igualmente estas formas, encaixando-a no tipo 5.2. almofarizes de bordo arredondado, fase 2, datado a partir da segunda metade do século I d.C. (Quaresma, 2006:165, nº25).

No que toca ao fundo (PLG.S5[13]1905), este poderá pertencer a um almofariz visto que apresenta estrias no seu interior, tem um total de 11cm de diâmetro de base, e pertence ao fabrico A. Porém, foi dado como tipologia indeterminada visto que não foi possível determinar a que tipo de almofariz pertence.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

9.3. Cerâmica de construção

Quanto à cerâmica de construção do Paço dos Lobos da Gama, encontram-se *tegulae* com bordos de secção em cunha, não se conservaram exemplares completos que permitissem conhecer as suas dimensões, porém alguns encontram-se em bom estado de conservação e quase inteiros (Anexo II – Gráfico 9.3.). Destacam-se 25 fragmentos de tégulas, e em contextos romanos encontram-se oito fragmentos (89%), os quais se encontram dispersos entre os setores 3, 4 e 5. Nenhuma delas apresenta marcas. Este conjunto agrupou-se no fabrico A-3-a, de cozedura oxidante, com diferentes colorações, porém a nível macroscópico parecem fazer todos ter a mesma composição mineralógica. Para além das tégulas, destaca-se igualmente um tijolo de quadrante de coluna (11%) (PLG.S4[6]1404).

10. Pesos de tear

Os pesos de tear também se encontram presentes no Paço dos Lobos da Gama, os quais em época romana eram utilizados como instrumentos no processo de tecelagem. Destacam-se 4 pesos de tear, alguns deles um pouco fragmentados, e nenhum deles foi encontrado em contextos romanos. São angulosos trapezoidais, com perfuração na extremidade mais estreita, a medida do eixo horizontal varia entre os 5 e os 6cm e o do eixo vertical varia entre os 9 e os 11cm. Os pesos de tear são portanto uma prova do uso do tear vertical, atividade desempenhada pelas mulheres e assume-se como uma atividade de grande valor económico.

Em termos de paralelos, em *Conimbriga*, esta atividade têxtil artesanal encontra-se bem representada, através de variados instrumentos (Alarcão, Adília, 2000:27). Também em Alcácer do Sal, foram encontrados pesos de tear, onde a produção de lã constituiu, segundo fontes clássicas, um fator de prosperidade económica (Sepúlveda, et al. 2007:258).

11. Mó

Quanto à mó, esta trata-se de uma pedra de mó em granito com aproximadamente 80cm de diâmetro. Dadas as suas dimensões poderá tratar-se de uma

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

mó de moinho manual circular ou manual rotativo, o qual foi todavia, o mais usado em época romana. Este método é constituído por duas mós, em que a de baixo chama-se dormente e a de cima girante ou andadeira. A mó dormente tem uma face superior afeiçoada em cone baixo e muito aberto, enquanto a mó tem a face inferior talhada de modo a poder adaptar-se à de baixo. O orifício na mó girante servia para alimentar de grão o aparelho. Um ou dois manípulos de madeira, eram cravados lateralmente, serviam para fazer girar a mó andadeira. O manípulo podia ser também feito de duas peças articuladas em L. A mó de baixo tinha ao centro uma covinha que suportava um curto eixo de madeira, sustentado este uma barra, também de madeira, bem encaixada no orifício da mó andadeira (Alarcão, 1997:37).

12. Catálogo de moedas romanas

Quanto ao conjunto de moedas romanas do Paço dos Lobos da Gama, foram encontradas 10 moedas pertencentes a esta cronologia, porém, nenhuma delas se encontra em contextos romanos. Em termos cronológicos estas encontram-se entre os séculos III e IV d.C., destacando-se um denário do século I d.C.

Quanto à sua classificação, esta foi realizada pelo Doutor José Ruivo no Museu Monográfico de Conimbriga.

PLG.S5[13]2494

Antoniniano, Cláudio II, Roma (final 268-início 269 d.C.), RIC V (1) 10

A/ [IMP C CLAV]DIVS AVG; busto radiado para a direita (...);

R/ P M [TR P II COS PP]; Imperador de pé, para a esquerda, segurando ramo com a mão direita e bastão com a esquerda.

Obs.: moeda partida

PLG.S5[13]2488

2488. Antoniniano, Cláudio II (emissão póstuma, série Divo Cláudio), cunhagem provincial (270 d.C. ou posterior), cf. RIC V (1) 261

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

A/ Fruste

R/ CONSE[CRATIO]; altar flamejante

Obs.: anverso com muita concreção

PLG.S6[45]3518

Antoniniano, Cláudio II, Roma (268-269 d.C.), cf. RIC V (1) 109-110

A/ [IMP C CLAVDI]VS AVG; cabeça radiada para a direita;

R/ [V]IRTV[S AVG]; Virtus de pé, para a esquerda, segurando ramo com a mão direita e lança com a esquerda. Aos pés, para a esquerda, escudo que repousa sobre o solo.

PLG.S5[13]2491

2491. Nummus/AE3, Imperador indeterminado, Casa da moeda indeterminada século IV

A/Ilegível; busto para a direita (...), drapejado e couraçado

R/ Fruste

PLG.S6[45]3517

AE3, Constâncio II, Constâncio Galo (César) ou Juliano (César), Casa da moeda indeterminada (351-361 d.C.)

A/ Ilegível; busto para a direita (...)

R/ FEL T[EMP REPARATIO]; soldado armado de lança e escudo ataca cavaleiro em queda do cavalo; cavaleiro volta a face para o soldado e estende o braço

Obs: fragmento de moeda

PLG.S6[61]3544

Nummus, Constantino I, Tessalonica (335-336 d.C.), RIC VII 198

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

A/ CONSTANTI NVS [MAX AVG]; busto para a direita, com diadema de rosetas, drapejado e couraçado

R/ GLOR - IA EXERC - ITVS; Dois soldados armados de lança e escudo lado-a-lado. Entre eles, dois estandartes.

Marca: - -//SMTSA

PLG.S5[13]2493

AE3, Juliano (César), Aquileia (355-361 d.C.), RIC VIII p. 336

A/ Ilegível; M atrás do busto; busto para a direita, descoberto, drapejado e couraçado

R/ Ilegível, tipo *Fel Temp Reparatio* (soldado armado de lança e escudo ataca cavaleiro em queda do cavalo; cavaleiro volta a face para o soldado e estende o braço);

PLG.2502

Antoniniano, Tétrico I, Casa da moeda II - Colónia (?) (273 d.C.), Elmer 787

A/ [IMP TETRICVS P]F AVG; busto radiado para a direita, couraçado

R/ [LAETI]TIA AVGG; Laetitia de pé para a esquerda, segurando bolsa com a mão direita e âncora com a esquerda

PLG.S2.2476

Asse, Cláudio I, cunhagem provincial (41-54 d.C. ?)

A/ [TI CLAV]DIVS CAESA[R ...]; cabeça descoberta para a esquerda

R/ Ilegível; tipo indeterminado

PLG.2504

2504. Denário de Cláudio I (41-54).

Anverso: [TI CL]AVD CAESAR AVG PM TR P VIII[...] (legenda externa); cabeça laureada para a direita

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Reverso: PACI [AVGVSTAE]; Nemésis caminhando para a direita apontando caduceu para serpente à sua frente

13. Interpretação dos resultados

13.1. Distribuição do conjunto cerâmico pelas UE's

Ao que se refere às camadas estratigráficas, a maioria diz respeito a níveis de entulhamento, nos quais surgem materiais arqueológicos muito heterogéneos. Como é o caso dos setores 1 e 2, que tal como já foi referido o material de cronologia romana encontra-se descontextualizado, dado que não se encontram UE's definidas e correspondem a níveis de enchimento. Para além disso, não foram encontradas quaisquer estruturas referentes ao período romano nestes setores.

Do material alvo de estudo, não foi encontrado material no setor 1, já do setor 2 foi possível exumar um conjunto reduzido, tal como um fragmento de *terra sigillata* hispânica do tipo Drag. 35/36 (60 – 200 d.C.); quatro fragmentos de ânfora do tipo Dressel 14 (segunda metade do séc. I d.C.); dois fragmentos de Almagro 51c (séc. III-IV d.C.) e uma moeda de bronze do século I d.C.

Quanto ao setor 3, foi encontrado um muro [UE5] implantado no substrato geológico, com 7,70m de comprimento, o qual é composto por alvenaria de pedra e tijolo, muito compacto, sendo que um dos seus extremos apresenta *opus caementicium*.

Neste setor surgem níveis em que os materiais arqueológicos são muito diversificados. As cronologias apresentadas referem a presença de um fragmento com uma cronologia mais recuada, nomeadamente um fragmento de ânfora do tipo Haltern 70 (50 a.C. – 90 d.C.) na [UE11], porém encontra-se completamente descontextualizado. A única camada referente a contextos romanos não avança com uma cronologia, visto que se encontra apenas cerâmica comum e as restantes UE's definem um período de ocupação entre os séculos I-II d.C.

No setor 4, não foram encontradas estruturas referentes ao período em estudo, foi recuperado material dentro [UE's 6, 8 e 9] e fora de contextos romanos, o qual abrange cronologias de entre os séculos I-II d.C. e os séculos IV-V d.C.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Segundo as camadas de contextos romanos foi possível determinar uma cronologia abrangente, nomeadamente século I-II d.C. a partir da [UE8], sendo que nas UE's 6 e 9 apenas foi encontrado o quadrante e um fragmento em cerâmica comum de panela, sem datações precisas.

No setor 5 encontra-se igualmente um muro de época romana [UE21] do qual restam duas fiadas, a primeira de pedra miúda, a segunda com pedra de maior dimensão, cujo aparelho construtivo é muito semelhante aos muros detetados no setor 6. No entanto, não foi encontrado qualquer tipo de material associado a esta estrutura.

Este é o setor de onde foi exumado mais material, encontrando-se dentro de contextos romanos, nomeadamente nas UE's [15, 16, 19, 20, 30, 31 e 32], assim como fora deles. Porém, o material e as cronologias são bastante diversos. Encontra-se material em três camadas que não se inserem em contextos romanos, nomeadamente as [UE's 13, 25 e 29].

Na [UE13] encontram-se fragmentos de *terra sigillata* itálica, os quais apresentam a cronologia mais recuada (15 a.C. – 14 d.C.; 10 a.C. – 37 d.C.), assim como também se encontram os fragmentos de *terra sigillata* africana com decoração, com uma cronologia mais avançada e possivelmente do fim de ocupação do Paço, entre os séculos IV-VI d.C. Ainda nesta camada, foram recuperadas quatro moedas de bronze as quais apresentam cronologias entre os séculos III-IV d.C. Nas restantes UE's [25 e 29] encontra-se material do século I, III e IV d.C.

Dentro das UE's referentes a contextos romanos, nomeadamente [15, 16, 19, 20, 30, 31, 32] foi recuperado igualmente material bastante diversificado, no entanto não foi possível determinar uma cronologia clara, visto que nas UE's mais recentes [UE20 e 31] encontra-se muito material do século I, assim como entre os séculos II, IV-V d.C. Quanto às UE's mais antigas [UE 19 e 30], encontra-se material referente aos períodos I-II; e na última [UE32] material de entre os séculos I-II e IV-V d.C.

O setor 6 é onde se apresenta um maior número de estruturas de cronologia romana, nomeadamente três troços de muro [UE's 109, 139 e 146] os quais se apresentam alinhados entre si, quer paralela quer perpendicularmente. No entanto, não foi igualmente encontrado material associado às estruturas.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Neste setor encontra-se material disperso em várias UE's porém apenas uma se insere em contextos romanos, nomeadamente a [UE130], na qual apenas foi encontrado um fragmento em cerâmica comum de prato.

Dentro das UE's que não se inserem em contextos romanos encontra-se a presença de material de entre o século I-II e III-V d.C. Para além de que se encontram igualmente moedas de bronze com cronologias de entre os séculos III-IV d.C.

Tal como se pode verificar neste setor também não foi possível determinar níveis de ocupação, dado que as cronologias são bastante diversas, porém, recuperou-se mais material referente aos séculos I-II d.C. do que nos períodos mais tardios.

13.2. Interpretação do conjunto cerâmico

Dentro do conjunto de cerâmica fina de importação, a *terra sigillata* é o grupo que se encontra melhor representado com um total de 39 peças, o que equivale em termos percentuais a 24% do total do conjunto. Sendo que dentro do conjunto de *terra sigillata* destaca-se mais material de entre os séculos I-II d.C.

A *terra sigillata* itálica encontra-se mal representada no Paço dos Lobos da Gama, com apenas três peças (NMI), não se tratando de formas raras, porém são de cronologias mais antigas, o que pode levar a uma precoce ocupação do local.

A *sigillata* do tipo itálico poderá ter começado a chegar ao Paço dos Lobos da Gama entre os anos 15 ou 10 a.C. em quantidade relativamente reduzida, tal como já foi referido. Foram apenas determinadas duas tipologias de pratos *Consp.* 12 e *Consp.* 18, ambas formas lisas.

O quadro cronológico das importações deste fabrico para os vários sítios pouco varia, iniciando-se o abastecimento entre 10 a.C. e 20 d.C., e nota-se um domínio das formas *Consp.* 12 e 18, sendo as que aparecem. No entanto, genericamente, a época em que atinge um maior volume de importações centra-se nas décadas de 20 e 30 d.C. Esta questão não é possível confirmar com certezas no Paço dos Lobos da Gama, com apenas três fragmentos encontrados no local.

A presença de *terra sigillata* do tipo itálico funciona como um importante indicador cronológico do início da ocupação romana de muitos sítios em território

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

português e marca a entrada da Península num sistema comercial baseado em trocas regulares de produtos, no seio do Império romano.

Ainda durante o período áureo de laboração dos fornos de *sigillata* do tipo itálico, as oficinas de Lyon (La Muette) produziam cerâmicas em tudo idênticas às itálicas.

Esta produção adquiriu importância a partir do final do reinado de Tibério e inícios de Cláudio, e existiram de facto diversos centros produtores, sendo o fabrico de La Graufesenque o que teve maior difusão, atingindo vastas áreas do Império e da Península Ibérica (Viegas, 2003:101).

Também em quantidades reduzidas, a *terra sigillata* sudgálica do Paço dos Lobos da Gama encontra-se representada por oito peças (NMI), para as quais foram determinadas três tipologias: Drag. 18; Drag. 24/25 e Drag. 27.

A primeira *sigillata* sudgálica deve ter chegado ao Paço dos Lobos da Gama, em torno da década de 10/20 d.C. e o *terminus* das importações terá sido até à primeira metade do século I d.C.

A sua maioria é representada por formas lisas, sendo que apenas quatro peças (NMI) de tipologia Drag. 24/25, apresentam decoração em guilhoché. Para uma destas formas foi possível determinar o centro produtor La Graufesenque (2388), dada uma particularidade que apresenta, nomeadamente o verniz marmoreado, a qual se encontra datada entre os anos 40 – 70 d.C. (Quaresma, 2003:112).

Mais elucidativo que estas formas, é a análise da peça com a marca de oleiro que permite uma maior precisão cronológica. É o caso de um fundo (2410), o qual se classificou como Drag. 18, que possui a marca de oleiro “*OFIC BILIC (...)*”, pertencente à Oficina *Billicatus*, um dos principais exportadores de La Graufesenque, desde a segunda década da era até aos finais do principado de Cláudio (30 - 50 d.C.) (Silva, 2005:151). Segundo Polak, este oleiro começou a marcar a sua produção muito cedo, que está referenciada para um período entre 30 e 60 d.C. (Polak, 2000).

Foi a partir do século I d.C. que as produções de *terra sigillata* hispânica foram imitando as formas sudgálicas e do tipo itálico. Dentro deste grupo distingue-se atualmente, a produzida durante o século I-II d.C. e a produção tardia dos séculos III-V (Viegas, 2003:139).

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

As produções hispânicas são as que se encontram melhor representadas no Paço dos Lobos da Gama, com um total de 30 fragmentos, o que equivale a 17 peças (NMI), sendo a sua maioria constituída por formas lisas, havendo apenas 10 bojos com decoração. Entre as formas lisas destaca-se o prato Drag. 15/17, seguindo-se o prato Drag. 18 e as taças repartem-se pelas formas Drag. 27, Drag. 30 e Drag. 35/36, sendo que estas peças distribuem-se entre os séculos I-II d.C.

Entre as formas decoradas não foi possível determinar uma classificação tipológica, dado que apenas se conservaram os bojos das peças, no entanto, as mais frequentes são as que apresentam decoração metopada e séries de círculos, característicos do século II d.C. (Viegas, 2003:161).

No que toca aos centros de fabrico, foi possível determinar um dos centros a um fragmento que apresenta marca de oleiro (2399). Nesta peça observa-se a marca a impressão “(...) *LVC PP*”, pertencente à Oficina *Lucius Pi* (...) da região *Tritium Magallum* (Trício) (Ferreira, 1969:160). A área de produção de maior importância da Hispânia foi sem dúvida Trício, conhecida na bibliografia por centro produtor de La Rioja ou Oficinas do Vale do Ebro (Viegas, 2003:139). Os inícios de fabrico nestas oficinas deram-se na época Claudiana, no entanto não se sabe ao certo em que data terminou (50 – 75 ?) (Beltran, 1990:112).

A *terra sigillata* africana surge com 15 fragmentos o que equivale a 12 peças (NMI) e encontram-se representados 3 fabricos desta cerâmica – A, C e D e 5 classificações tipológicas: H 9B; H44; H50; H58A/B e H59.

A importação de *sigillata* de origem norte africana para o Paço dos Lobos da Gama teve lugar durante quatro séculos (séc. II – VI d.C.). Conhece-se *sigillata* clara A, C e D neste local, desde o século II d.C. e provavelmente as importações prolongaram-se até ao século V-VI d.C.

O ritmo das importações não foi uniforme, verificando-se um primeiro fluxo no século II d.C., tendo o seu auge nos séculos III-IV d.C., perdendo a sua importância entre os séculos V e VI d.C.

O fabrico mais antigo conhecido no Paço dos Lobos da Gama é de *terra sigillata* clara A2, no século II d.C.; a *terra sigillata* clara C, encontra-se representada pelos tipos C1, C2 e C4, com uma cronologia entre os séculos III-IV d.C.; e o fabrico D1 com uma cronologia mais alargada desde o século III até ao século VI d.C.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

O *terminus* da ocupação do Paço dos Lobos da Gama é marcado pela presença de dois fragmentos de *terra sigillata* africana do tipo D1 com decoração, nomeadamente, um fragmento decorado com círculos pequenos e outro com a representação de uma cruz em que os braços são em linha reta e apresenta dois ou quatro círculos entre os braços. Hayes determina uma cronologia tardia para estes dois tipos de decoração, sendo que o primeiro encontra-se datado entre os séculos IV-V d.C. (Hayes, 1972:234-236, 24c, 32n) e o segundo no século VI d.C. (Hayes, 1972:366-368, nº 79t).

O grupo da cerâmica de paredes finas é bastante reduzido, composto por apenas 9% do total do conjunto e foram registadas duas tipologias: Mayet XXXVII e XLIII. A maioria dos fabricos é peninsular, principalmente emeritense.

As decorações são constituídas essencialmente por bandas de guilhoché, havendo também outras decorações (rugosa, arenosa, folha de água e lúnulas), para as quais não foi possível precisar uma cronologia.

Porém, regista-se uma fraca diversidade formal, facto que pode estar ligado certamente ao reduzido peso numérico da amostra. Em termos cronológicos, nota-se um número reduzido da forma XXXVII, datada entre o período 25 – 60 d.C.; em contrapartida a forma XLIII encontra-se melhor representada, a qual pertence ao período cronológico entre 50 – 100 d.C. Assim, pode-se dizer que este conjunto insere-se apenas no século I d.C.

Neste seguimento e segundo os paralelos encontrados, tudo indica que a realidade encontrada no Paço dos Lobos da Gama, no que diz respeito a formas e a decorações é aproximada da que se regista noutros locais da Lusitânia.

O grupo das Lucernas conta com apenas 6% do total do conjunto. Dos 14 fragmentos de lucernas foi possível determinar proveniências fazendo uma distinção entre as de importação e aquelas que parecem ser de produção local/regional, e tipologicamente foi possível classificar metade do conjunto, classificação esta que nem sempre é segura. Foi possível determinar 6 tipologias, sendo que aquela que predomina é a D-L 11.

Tal como se pode verificar pela totalidade de fragmentos, no Paço dos Lobos da Gama não se encontra uma grande variedade morfológica de lucernas romanas. No entanto, cronologicamente, o conjunto poder-se-á enquadrar essencialmente no século I

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

d.C., aparecendo apenas duas formas que se situam provavelmente, entre os séculos I-III d.C.

Dentro das produções de importação, as lucernas de volutas constituem a produção imperial primordial, são possuidoras de uma elevada qualidade técnica e artística, impulsionadas e difundidas devido à prosperidade económica que se vivia em período augustano (Morillo Cérdan, 1999:67).

Ainda assim, este conjunto apresenta também um número mais elevado de fabrico hispânico, dado que apenas se encontra um único exemplar de proveniência itálica. O facto de existirem mais peças hispânicas em comparação com as itálicas, poderá estar ligado ao facto de constituírem produtos de valor mais reduzido, com uma menor qualidade e por outro lado aos menores custos no seu transporte, comparativamente com os itálicos.

Quanto às produções locais/regionais foram analisados os seus fabricos, porém não foi possível confirmar a sua proveniência.

Quanto à cerâmica de armazenamento, as ânforas apresentam um total de 40 fragmentos, isto é 20 peças (NMI), o que equivale a 17% do total do conjunto. Este conjunto não é significativo para entender de uma forma geral os ritmos de consumo e fluxos de importação que ocorreram na cidade, dado que esta informação carecerá sempre de ser confirmada através de dados referentes a outras intervenções.

As ânforas apresentam uma grande dispersão em termos cronológicos, desde o século I a.C. até ao século V d.C.

Ao estabelecer as datações das ânforas denotou-se uma associação a outros tipos de materiais, nomeadamente da *terra sigillata*, em que no mesmo setor encontram-se os dois fragmentos com a cronologia mais recuada. No setor 5 encontra-se o fragmento de *terra sigillata* itálico mais antigo (séc. 15 a.C.), o mesmo acontece com as ânforas onde se encontram produções da Bética: uma Dressel 2-4 e uma Haltern 70 datadas de um período desde o século I a.C. até ao último terço do século I d.C. Assim, constatou-se que o vinho bético chegou ao Paço dos Lobos da Gama em quantidades reduzidas durante o reinado de Augusto, visto que se encontram apenas 2 ânforas destas duas tipologias.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

O azeite com a mesma origem, envasado em ânforas Dressel 20, foi também consumido, ainda que em quantidades relativamente diminutas, havendo apenas um exemplar deste tipo (30 – 270 d.C.).

Entre a segunda metade do século I d.C. e o século II d.C. revela-se o consumo de preparados piscícolas, como mostra a presença de Dressel 14 dos vales do Tejo e Sado; assim como a presença do tipo Almagro 50 e Almagro 51c, entre o século III e V d.C.

Verificando-se a presença de cerâmica de cozinha africana no Paço dos Lobos da Gama, sobretudo aos níveis dos séculos III e IV d.C., seria expectável que outros produtos com a mesma origem tivessem sido recuperados. Na verdade encontra-se a presença de uma ânfora que apesar de levar a algumas dúvidas, parece ser de origem africana, uma Keay 25.3, datada dos séculos IV-V d.C.

Posto isto, nota-se uma preferência pelas ânforas da Lusitânia, sendo este o grande centro abastecedor de ânforas do Paço dos Lobos da Gama.

A partir do século I-II d.C. começaram a aumentar as importações, com as ânforas de preparados de peixe, com a presença da Dressel 14, as quais retomaram entre os séculos IV – V d.C. com a Almagro 51c, desaparecendo as ânforas que transportavam vinho e azeite.

Quanto à cerâmica comum local/regional, é o grupo que corresponde a um maior número de fragmentos dentro de todo o conjunto de cerâmica romana, com 427 fragmentos, correspondendo a 71% do total. No entanto, dado que só foi alvo de estudo a cerâmica comum proveniente de contextos romanos, esta apresenta um total de 94 fragmentos (39 peças - EEP), o que equivale a 35% do total do conjunto.

Ao que se refere aos fabricos do conjunto, estes apresentam algumas variações dentro do conjunto de cerâmica comum, havendo diferenças em alguns aspetos ligados à composição mineralógica, variando igualmente a sua dimensão e forma assim como na conformação (manual/torno).

Comparando as categorias de cozinhar e servir notam-se poucas diferenças, o grupo B encontra-se bem representado nas duas; pode-se dizer que as pastas com cozedura redutora e de textura média são as que predominam nestas loiças.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Dentro desta categoria foi feita a seleção por subcategorias entre cerâmica de cozinhar (tachos e panelas); preparar (almofarizes, alguidares); servir (pratos, tigelas, jarros e bilhas) e armazenar (talhas).

Em termos gerais, apesar do conjunto de cerâmica comum não ser muito abundante, apresenta um reportório morfológico diversificado, o qual pode levar a algumas considerações relacionadas com os hábitos alimentares de quem ocupou o Paço dos Lobos da Gama no período romano.

São vários os fatores que moldam os estilos da cerâmica, tais como os ambientes culturais, assim como as condicionantes geográficas e ambientais também têm uma enorme influência nos recursos disponíveis, os quais refletem os hábitos de consumo das populações.

Segundo o conjunto pode-se afirmar que existe uma maior expressão da cerâmica destinada à cozinha, com 18 peças (EEP), seguindo-se a loiça de servir à mesa com 15 peças (EEP) e por fim, a cerâmica para preparar e de armazenamento, cada uma delas com 2 peças (EEP).

O facto de se verificar um maior número de tachos (10 peças) e panelas (8 peças) pode estar relacionado, provavelmente, com o seu uso intenso de utilização inerente aos trabalhos de cozinha. Para além disso, poderá querer dizer que o regime alimentar registado no Paço dos Lobos da Gama enquadrava-se no paradigma mediterrâneo, em que o tacho acompanhado da tampa poderá ser o utensílio base da dieta deste local (Arthur, 2007:18). Porém, esta questão só poderá ser confirmada a partir da análise dos restos faunísticos.

O tacho era um recipiente que servia para cozinhar com pouca água e alguma gordura, neles eram cozinhados estufados e guisados (Dias, 2014:84); quanto às panelas, pelo contrário, tinham como função cozinhar com muita água, o que permitia uma cozedura mais prolongada dos alimentos e um lume mais forte, eram essencialmente utilizadas para cozidos, ensopados e sopas (Dias, 2014:84).

A categoria de servir é a segunda categoria com um maior número, contando essencialmente com pratos, tigelas e potinhos.

As tigelas são as que apresentam um maior número de peças. A presença desta loiça sugere um consumo de alimentos mais líquidos ou então pastosos, tais como sopas, papas, as quais complementavam a alimentação mais sólida.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Os pratos eram utilizados para servir à mesa, ou também podiam ser utilizados diretamente para comer, ou preparar alimentos sólidos como o pão (apresentando marcas de fogo se assim fosse). De um modo geral, é recorrente a influência ou imitação de formas de umas regiões para as outras, um dos exemplos mais característicos dessa uniformização por inspiração ou imitação é o caso do aparecimento de formas em cerâmica comum que imitam formas de *terra sigillata*. Este caso acontece com a forma 1.B.4. de pratos, em que Inês Vaz Pinto faz uma associação de que parece ser uma imitação da forma Hayes 61 de *terra sigillata* clara D (Pinto, 2003:197). Este facto é a prova de que os oleiros locais ou da região conheciam e reproduziam os modelos romanos do centro do Império.

Em relação aos potinhos, estes adequavam-se à ingestão direta de bebidas ou também eram utilizados para servir à mesa. Neste caso destacam-se os potinhos alentejanos, em que um deles apresenta uma banda impressa abaixo do bordo. Segundo alguns autores, esta produção é de carácter regional, com origem lusitana, e apontam para uma cronologia a partir de Cláudio até ao primeiro quartel do século II (Sánchez Sánchez, 1992:40-41).

Ainda dentro da categoria de servir, encontram-se as terrinas, os jarros e as bilhas. No entanto, estes não foram inseridos no estudo, tal como foi referido anteriormente, dado que estas formas não se encontram em contextos romanos.

No que toca à categoria de preparar, esta é constituída por apenas 2 alguidares, os quais serviam para a preparação de alimentos antes de serem cozinhados, como amassar pão ou lavagem de legumes e podiam ainda ter a funcionalidade de higiene.

A categoria de armazenamento conta com duas talhas, as quais serviam para armazenar produtos agrícolas e alimentares em grandes quantidades, como cereais, frutos, azeite e vinho.

Os outros fabricos de importação, registam uma menor representatividade quando analisada a relação que estabelecem com as categorias morfológicas, diluindo deste modo o seu significado estatístico e cultural. Dos recipientes importados sobressai a importância atribuída às funções de preparação, nomeadamente os almofarizes da Bética, sendo que esta especificidade indica uma preferência por diferentes matérias-primas. A presença de almofarizes remete para a moagem ou trituração de alimentos,

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

nomeadamente ervas aromáticas, para a preparação de molhos, pastas ou massas, como a *pulps*.

14. Conclusões

Tal como se sabe, os aglomerados urbanos desenvolveram-se através de distintas fases, relacionadas com ciclos de crescimento, densificação ou até mesmo de retração urbana. As cidades estão em constante evolução e mudança, acompanhando as conjunturas políticas, económicas e demográficas.

Neste sentido, notou-se que a área ocupada pelo centro urbano da cidade de Évora variou ao longo dos tempos, em termos de forma e função do aglomerado mas também teve a ver com fatores que conduziram às alterações ocorridas no tecido urbano.

Em termos de localização, *Ebora* ficaria ligada, no que concerne a relações comerciais, a grande parte das urbes da província. A cidade foi construída numa localização estratégica e privilegiada por onde passavam vias até *Emerita Augusta*, e estava intimamente ligada a vias de comunicação que o Império teceu e que fizeram a sua grandeza e poderio. A sua localização é também o resultado da possibilidade de contribuir para o desenvolvimento económico de uma região, sobrevalorizando a economia.

A cidade foi-se romanizando aos poucos, levando a transformações urbanas quando se eleva a *municipium*. A construção do fórum introduz a cidade na vida pública romana, assim como o urbanismo latino é aplicado no terreno segundo os pressupostos do pensamento romano. Os romanos reinventaram a cidade como conceito e como espaço. Para eles a cidade corresponde a um conjunto de infra-estruturas e de equipamentos destinados ao bem público, organizado numa área estruturada que alberga uma comunidade cívica e um conjunto de instituições que garantem o funcionamento regular das atividades que nela se desenvolvem, com destaque para a administração, o culto, o comércio e a produção.

O Paço dos Lobos da Gama é apenas um dos exemplos onde se denotaram de facto mudanças ao longo dos séculos, com diferentes funcionalidades, dispondo de uma ampla cronologia de ocupação.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Assim, o principal objetivo do estudo realizado esteve ligado à caracterização da cerâmica romana proveniente do Paço, de modo a que se pudessem dar respostas relacionadas com os aspetos anteriormente enunciados.

Face às características do espólio disponível, resulta inegável um elevado grau de assimilação dos comportamentos e hábitos culturais romanos por parte da comunidade que terá utilizado o local.

Segundo os dados disponíveis, foi ponderado e apresentado um conjunto de hipóteses que, fundamentados nos paralelos conhecidos (em especial no estudo sobre locais que tivessem a mesma cronologia de ocupação que o Paço) se figurassem passíveis de aproximarem daquilo que poderá ter sido a realidade arqueológica deste espaço. Ao longo do trabalho foi sendo abordado e apresentado a análise descritiva das cerâmicas, expondo-se as principais características tipológicas, cronológicas e iconográficas do conjunto. Neste sentido, foi realizada a análise do primeiro conjunto estudado na cidade de Évora, o qual se revelou bastante importante, quer pela sua diversidade, quer pela sua qualidade e características; o qual se distribuiu entre cerâmica fina de importação, cerâmica de armazenamento, cerâmica comum, cerâmica de construção, assim como a descrição das moedas romanas.

Apesar das limitações inerentes à ausência de contextos estratigráficos preservados, visto que o material se encontra descontextualizado, foi possível através de uma cronologia de circulação das peças, documentar uma utilização deste espaço, entre os finais do século I a.C. até VI d.C., através da comprovação da presença de *terra sigillata* itálica para os seu início e de *terra sigillata* africana para o fim de ocupação. É de facto uma enorme diacronia, no entanto poderá ter existido uma descontinuidade de ocupação em algum momento, ainda que possa igualmente ter existido uma longa continuidade na utilização do espaço.

Em termos cronológicos é nos séculos I-II d.C. onde se encontra uma maior presença de cerâmica romana, daí que poderá supor-se que na altura da fundação do Paço dos Lobos da Gama, enquanto espaço de habitação este período teve uma ocupação mais intensa.

No século III d.C. notou-se uma queda da presença de cerâmica, a qual vai decaindo até ao século VI d.C. Para esta fase mais tardia, destacou-se a construção das

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana
para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

muralhas, as quais alteraram significativamente a paisagem urbana, designadamente ao nível da redução do perímetro urbano.

Em termos teóricos o espaço contíguo à zona intramuros deveria permanecer livre de construções, constituindo junto ao muro uma zona de circulação. Porém, o fenómeno da construção tardia de fortificações romanas, obedece a objetivos diferentes dos que caracterizaram as muralhas fundacionais, deixando em alguns casos, na zona extramuros partes da cidade alto-imperial (Ribeiro, 2008:126).

É neste sentido que o Paço dos Lobos da Gama comprova que de facto alguns dos edifícios foram deixados na zona extramuros após a construção da muralha, dado que este se encontra na zona periurbana, a cerca de 250m de distância da Cerca Velha.

No que toca aos dados disponíveis sobre os trabalhos realizados no Paço dos Lobos da Gama, não é possível definir claramente um faseamento das realidades observadas. As realidades estratigráficas dos níveis romanos encontram-se bastante afetadas e destruídas provocadas pela abertura de silos ou fossas islâmicas ou mesmo da construção de estruturas modernas e contemporâneas.

Ainda mais reduzidas são as estruturas de cronologia romana encontradas, sendo impossível conhecer os diferentes ritmos de construção, remodelação e abandono do local. As estruturas encontram-se bastante destruídas de modo a que seja possível definir a sua função embora se deva tratar de muros de habitação. Por outro lado, o estudo da casa urbana é igualmente uma tarefa árdua de se concretizar, devido aos constrangimentos que se colocam às escavações em meio urbano.

Em suma, este trabalho mostra que de facto é necessário estudar as coleções que continuam esquecidas nos depósitos arqueológicos, de forma a mostrar as potencialidades que encerram enquanto ainda é possível resgatá-las. Daí que, espera-se que novos conjuntos de cerâmicas romanas sejam publicados futuramente, contribuindo para a confirmação dos dados obtidos através do Paço dos Lobos da Gama, permitindo uma leitura cada vez mais apurada dos padrões de distribuição de materiais na topografia urbana de *Ebora*, e oferecendo novos contextos que permitam afinar cronologias.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Referências Bibliográficas

- ABREU, S. M. (2016). *André de Resende, um novo Alberti: um ideólogo entre o Princeps e o Architectus na recuperação da Vrbs romana de Évora (1531-1537)*, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, A. (1997). *Portugal romano - A exploração dos recursos naturais*, Lisboa: MNA.
- ALARCÃO, A. (2000). *Museu Monográfico de Conimbriga, Catalogue*, Lisboa, Instituto Português de Museus.
- ALARCÃO, A. M. (1958). «Sigillata Hispânica em Museus do Norte de Portugal», Separata da Revista de Guimarães, n.º 68. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- ALARCÃO, A. M. (1971a) - “A *Terra sigillata* Itálica em Portugal”, in Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, 2º vol. Coimbra: Junta Nacional da Educação, p. 421 . 432.
- ALARCÃO, A. M. (1975a). “Les Sigillées Italiques“, in ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, Jorge (Dir.)- Fouilles de Conimbriga, vol. IV, Les Sigillées. Paris: E. De Boccard, p. 3- 66.
- ALARCÃO, J. (1974). *Cerâmica comum Local e Regional de Conimbriga*, Coimbra: Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras.
- ALARCÃO, J. (1995). O Domínio romano em Portugal, Publicações Europa-América.
- ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1966). O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). In *Conimbriga*, 7-105.
- ALMEIDA, J. F. (1952). Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. In Leite de Vasconcellos (1953) *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Museu Etnológico.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

ALMEIDA, J.A. (1951). Três lucernas do museu de Santiago do Cacém. *O Arqueólogo Português* I, pp. 125-130.

AREZ, M. J. (2005). *Rua do Menino Jesus e Largo Luís de Camões em Évora. Relatório do acompanhamento arqueológico*. Lisboa: Era-Arqueologia.

ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2003). *Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, nº7, 235-286.

ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2009). *A cerâmica comum de produção local de Monte Molião*, *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves.

ARRUDA, A; VIEGAS, C (2004). Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal), *In Actes du Congrès de Vallauris*, Paris: SFECAG, pp. 341-349.

ARTHUR, P. (2007) - Potes and boundaries. On cultural and economic areas between late antiquity and early middle ages. In BONIFAY, M. e TRÉGLIA, J.-C. *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford: Archaeopress, pp. 15-28.

BAILEY, D. M. (1980). *A Catalogue of the lamps in the British Museum*, II: Roman Lamps made in Italy, Londres.

BALLESTEROS, C.; GONÇALVES, G.V. (2007). “Intervenções arqueológicas no centro histórico de Évora, 2000 – 2002” *In Monumentos*, DGEMN. 156 – 163.

BANHA, C.M.; ARSÉNIO, P.M. (1998). *As ânforas romanas vinárias de Seilium (Tomar) conuentus Scallabitanus*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, nº 2, 165-190.

BEIRANTE, Â. (1995). *Évora na Idade Média*, Lisboa: Gulbenkian.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- BELCHIOR, C. (1969). *Lucernas romana de Conimbriga*, Museu Monográfico de Conimbriga.
- BELLIDO, A. G. (1971). “El recinto mural romano de Evora Liberalitas Iulia” In *Conimbriga*, 85-92.
- BELTRÁN, M. (1990). *Guía de la Ceramica Romana*, Saragoça: Libros Pórtico.
- BERNAL CASASOLA, D. B. (1994). *Iconografía Dionisiaca en Lucernas de la Hispania Romana*, Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 117-158.
- BERNI, P.; VARGAS, E.G. (2016). «Dressel 20 (Guadalquivir Valley)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-20-guadalquivir-valley>)
- BILOU, F. (2005) – *Sistema Viária antigo da região de Évora*, Edições Colibri.
- BILOU, F. (2010) – *A refundação do Aqueduto da água de prata em Évora*, Edições Colibri.
- BOLILA, C. M. (2011). *A Terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- BONIFAY, Michel (2004). *Etudes sur la céramique romaine tardive d’Afrique*, BAR International Series 1301.
- BRAGA, P. (2001). Centro de Conferências Vasco Vilalva – Diagnóstico do estado de conservação de um elemento de pintura mural. In *(Era) Arqueologia*, Lisboa, 3, 168-177.
- CABRAL, J.M.; Fonseca, S.M.; Gouveia, M.A. (2002). Caracterização química das produções de ânforas do vale do Tejo: III – Quinta do Rouxinol, In *Conimbriga*, 32/33, 191-200.
- CAEIRO, J. S. (1978). Observações sobre Cerâmica Comum Romana do século III proveniente da “Cidade das Rosas” Serpa. In: *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*, Lisboa.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

CAETANO, J; BASARRATE, T. (2005). *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora* (Catálogo), Évora: Instituto Português de Museus, Museu de Évora.

CAPARRÓS, M.C. (2016). «Keay 25 (Tarraconensis southern coastal area)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/keay-25-tarraconensis-southern-coastal-area>)

CARDOSO, G.; RODRIGUES, S., SEPÚLVEDA, E. (2006). *A olaria romana de Peniche*, *Setúbal Arqueológica*, vol. 13, 253-278.

Carta Geológica de Portugal – nº 40 – A – Évora.

Carta Militar – Folha nº 460 – Évora.

Catálogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica – Livro das Sepulturas do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, CXXVI/2-21, pp. 227-228.

COELHO-SOARES, A. (1987). Materiais Arqueológicos da Courela dos Chãos (Sines), In. *Setúbal Arqueológica VIII*, Setúbal, 193-202.

CORREIA, M.M; SARANTOPOULOS, P. (2003). *Relatório de Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Praça do Sertório – Rua Vasco da Gama*, Évora.

CORREIA, V. (1987-1988)- As termas romanas de Évora. Notícia da sua identificação. In *Hvmanitas*, Vol. XXXIX-XL, FLUC-IEC, Coimbra.

COSTA, P. A. (1708). *Corografia Portugueza, E descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, Tombo Segundo.

CRUZ, M. D.; CORREIA, V. H. (2007). *Normas de Inventário - Cerâmica utilitária*, Instituto de Museus e da Conservação.

DE MAN, A. (2008). *Defesas urbanas tardias da Lusitânia, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- DELFANTE, Jean (2000). *Cidades e Urbanismo no Mundo*, Coleção O Homem e a Cidade, Instituto Piaget.
- DELGADO, M. (1985). *Marcas de Oficinas de Sigillatas encontradas em Braga*, Cadernos de Arqueologia, Série II, 9-40.
- DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975). “Les sigillées”. In ALARCÃO, J. e ÉTIENNE, R. (dir.) - *Fouilles de Conimbriga*, 4. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- DENEAUVE, J. (1969). *Lampes de Carthage*, CNRS, Paris.
- DIAS, S. (2007). *Relatório dos trabalhos arqueológicos no Jardim Diana – Évora*.
- DIAS, S. (2008). *Relatório de progresso de trabalhos arqueológicos, escavação e acompanhamento arqueológico do projecto de reabilitação do Paço dos Lobos da Gama rua Serpa Pinto n° 50 a 56, Évora*.
- DIAS, V. (2014). *A cerâmica comum de Ammaia*, Tese de Doutoramento, Évora: Universidade de Évora.
- DIOGO, A.M.; CARDOSO, J.P.; REINER, F. (2000). *Um conjunto de ânfora recuperadas nos dragados da foz do rio Arade, Algarve*, Revista de Arqueologia Portuguesa, vol. 3, nº 2, 81-117.
- DIOGO, A.M.; PAIXÃO, A. (2001). *Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia*, Setúbal, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 4, nr 1, 117-140.
- DURÁN, M. A. (2014). *Orígen, utilidade y limites teóricos de la cuantificación cerámica*, Un aporte a la arqueologia social Latino-americana, Departamento de Prehistoria y Arqueología, Universidad de Granada, 153-169.
- ENCARNAÇÃO, J. (2006). *Romanos no Alentejo*. Comunicação apresentada no Ciclo de Conferencias/Colóquios, Almada: Universidade Sénior de Almada.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- ESPANCA, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Évora*, Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- ESTAÇO, G. (1625). *Várias Antiguidades de Portugal*, In *Arqueólogo Português*, 1ª Série, Vol. I, cap. 44, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 281-288. - http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/s/serie_1/volume_1/arqueologia_eborensel.pdf
- FABIÃO, C. (1989). *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: UNIARQ / INIC.
- FABIÃO, C. (2014). *O estudo das ânforas romanas*, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- FABIÃO, C.; Carvalho, A. (1990). *Ânforas lusitanas: uma perspectiva. In Ânforas lusitanas: tipologia, produção e comércio. Conimbriga/Paris: Museu Monográfico/Diff. de Boccard, 37-63.*
- FARIA, A. M. (2001). *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 2, 351-362.
- FARIA, A. M. (2006). *Novas notas historiográficas sobre Augusta Emerita e outras cidades hispano-romanas*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, nº 2, 2006, 211-237.
- FERREIRA, S.V. (1969). “Marcas de oleiro em território português” in *O Arqueólogo Português*, série 3, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 131-177.
- FILIPPE, V. (2008). *As ânforas do teatro romano de Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- FILIPPE, V. (2008). *As Ânforas do teatro romano de Lisboa*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- FONSECA, F.; FIALHO, M. (1728). “Evora Gloriosa”, In. *Evora Illustrada*.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

GARABITO GOMEZ, T. G. (1978). *Los alfares romanos Riojanos – Produccion y Comercializacion*, vol. XVI, Madrid: Bibliotheca Prehistorica hispana.

GONÇALVES, G. V.; ROQUE, C. (2009). *Projecto de Reabilitação do Paço dos Lobos da Gama – Évora: Escavação e Acompanhamento Arqueológico – Relatório final, 2ª fase. Évora.*

GUERRA, A. (1995). *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Coleção Arqueologia & História Antiga, Edições Colibri.

HATT, J. (1949). Aperçus sur l'évolution de la céramique commune gallo-romaine principalement dans le Nord-Est de la Gaule. In *Revue des Études Anciennes*, Bordéus, 100-128.

HAUSCHILD, T. (2010). “Algumas observações nas construções do foro de Eborac Liberalitas Iulia” In *Ciudad y foro en Lusitania Romana*. Studia Lusitana. Museo Nacional de Arte Romano, 27-36.

HAUSCHILD, T.; SARANTOPOULOS, P. (1995-1996). *O tanque de água do templo romano de Évora – Notícia preliminar da intervenção arqueológica de 1996*, In *O Arqueólogo Português, Série IV*, 429-440.

HAYES, J. W. (1972). *Late Roman Pottery*, London: The British School at Rome.

HUSI, P. (2000). *Quantification et datation en céramologie (Le nombre minimum d'individus: la technique de quantification la mieux adaptée à la datation des contextes archéologiques à partir de l'exemple de Tours)*, Université de Tours.

KEAY, S.J. (1984) *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*. BAR International Series, vol. 136, Oxford.

LE ROUX, P. (2015). *L'Empire romain*, Coleção L&PM Pocket.

LOPES, C. (1994). *A sigillata de Represas. Tratamento informático*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra/Instituto de Arqueologia.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

LOPES, G., *A alimentação em Évora no final das Taifas: Restos carpológicos do Paço dos Lobos da Gama* – Poster (no prelo).

LOPES, G.; COSTA, C. (2012). *O Paço dos Lobo da Gama: Faunas do arrabalde ocidental de Évora islâmica*.
http://www.academia.edu/2292195/O_Pa%C3%A7o_dos_Lobos_da_Gama_Faunas_do_arrabalde_ocidental_de_%C3%89vora_isl%C3%A2mica

LOPES, G.; ROQUE, C. (2011). *A intimidade palaciana no século XVII: Objectos provenientes de um esgoto do Paço dos Lobos da Gama (Évora)*, poster apresentado a Velhos e Novos.

MADEIRA, S. (2011). *A Arqueologia urbana, subsídios para a sua compreensão*, Instituto Politécnico de Tomar, 3-17.

MAIA, M. (1987). *Romanização do território hoje português a Sul do Tejo – contribuição para a análise do processo de assimilação e interação socio-cultural 218-14 a.C.*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras.

MANOEL, C. C. (1895). “A archeologia em Evora: cursos escolares – monumentos nacionais”, In *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, Vol. I, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 61-63
http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_3/61_archeologia_evora.pdf

MANTAS, V. (1986). “Arqueologia urbana e fotografia aérea. Contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro”, in *Trabalhos de arqueologia* 3, Lisboa, 13-26.

MANTAS, V. (1987). "As Primitivas Formas de Povoamento em Portugal", in Matos, A.; Medeiros, C. *Povos e Culturas*, vol. 2, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 13-55.

MARTINS, A.C.N. (1999). “Martins Sarmiento e Possidónio da Silva. Um olhar sobre a troca epistolar” in *Revista de Guimarães*, vol. I, Guimarães, pp. 213-221.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- MASCARENHAS, J. M.; BARATA, F. T. (1997). “O território de Eborá, e a organização e ordenamento da paisagem envolvente” In *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, Évora: Câmara Municipal de Évora, 61-70.
- MAYET, F. (1975). *La céramique a paróis fines dans la Península Ibérique*, Paris.
- MAYET, F. (1975). “Les Sigillées Hispaniques”, in ÉTIENNE, Robert; ALARCÃO, J. (Dir.)- *Fouilles de Conimbriga*, vol. IV, Les Sigillées. Paris: E. De Boccard, p. 153 - 245.
- MAYET, F. (1984). *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l’histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l’Empire Romain*, Paris: Centre Pierre Paris.
- MAYET, F. (1984). *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l’histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l’Empire Romain*. Paris: Centre Pierre Paris.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; TAVARES DA SILVA, C. (1996). *Les amphores du Sado (Portugal): prospection des fours et analyse du matériel*, Paris.
- MAYET, F.; SILVA, C. T (1998). *Olaria romana do Pinheiro. L’atelier d’amphores de Pinheiro*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2002). *L’atelier d’amphores de Abul (Portugal)*, Paris.
- MONFORT, C.; BERNI, P. (2016). Haltern 70 (Guadalquivir Valley), Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (<http://amphorae.icac.cat/amphora/haltern-70-guadalquivir-valley>)
- MONTEIRO, F. M.; TERENO, M. C.; PEREIRA, M. C. (2014). *O Mosteiro de Santa Clara e o seu contributo para o desenvolvimento urbano de Évora – Portugal*, Évora: Universidade de Évora.
- MORAIS, R. (2004). “Bracara Augusta: um pequeno “testaccio” de ânforas Haltern 70. Considerações e problemáticas de estudo” In *Autarcia e Comércio em Bracara*

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade, Universidade do Minho, Braga.

MORAIS, R. (2004). Os almofarizes béticos em Bracara Augusta. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerâmicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*, Universidade de Cádiz, Oxford. 567-570.

MORAIS, R. (2011). *A colecção de lucernas romanas do Museu de Évora*, Universidade de Coimbra.

MORAIS, R. (2004). *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade*, Universidade do Minho.

MORILLO CERDÁN, A. (1990). *En torno a la tipología de lucernas romanas: problemas de nomenclatura*, *Cadernos de Prehistoria y arqueología*, 17, Madrid: Universidad Autonoma de Madrid.

MORILLO CERDÁN, A. (1999). *Lucernas romanas en la Región Septentrional de la Península Ibérica: Contribución al Conocimiento de la Implantación Romana en Hispania*, *Monographies Instrumentum*, vol. I e II.

Munsell Soil Color Charts (1994). Macbeth Division of Kollmorgan instruments Corporation, Nova Iorque <http://www.vcsu.edu/cmsfiles/327/b2fc4f5ebb.pdf>

NOLEN, J. U. S. (1994). *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares – Balsa*, Lisboa.

NOLEN, J.U.S. (1985). *Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.

NOLEN, J.U.S. (1995-1997). Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos In *O Arqueólogo Português*, série IV, p. 347-392.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

NOLEN, J.U.S.; FERRER DIAS, L. (1981). A necrópole de Santo André, Parte II. Os Materiais. In *Conimbriga XX*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1993). *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

PARREIRA (2009). *As ânforas romanas de Mesas do Castelinho*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.

PARREIRA, R.; GONÇALVES, A. (1989). *Intervenção arqueológica no Palácio Gouveia/Rua de Burgos/Rua de Alcárcova de Cima – Relatório dos trabalhos de 1989*, Évora.

PASSELAC, M. (1993). “Céramique à parois fines”, in *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*, série Lattara, vol. 6.

PASSELAC, M. (1993). “Céramique sigillée italique”, in *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*, série Lattara, vol. 6.

PASSELAC, M.; VERNHET, A. (1993). “Céramique sigillée sud-gauloise”, in *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*, série Lattara, vol. 6.

PATROCÍNIO, M. (2007). *Évora romana – O legado edificado e a memória antiga*, Revista História de Arte, nº 4, Cidades Portuguesas Património da Humanidade.

PEREIRA, C. (2008). *As lucernas romanas de Scallabis*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PEREIRA, C. (2012). O sítio romano do Vidigal, Aljezur, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 15, 155-179.

PEREIRA, C.; ARRUDA, A. M. (2016). “As lucernas de Monte Molião (Lagos, Portugal)”, in *Revista de Prehistoria y Arqueología*, Sevilha.

PEREIRA, G. (1947). *Estudos Eborenses*. Vol. II, Évora: Edições Nazareth.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

PINTO, I. V.; Magalhães, A.P.; Brum, P. (2010). *Sondagem junto ao poço da oficina de salga 1 de Tróia*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PINTO, I.V. (2003). *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Coleção TESES, Lisboa:Universidade Lusíada Editora.

PINTO, R. S. (1929). “Museo de Martins Sarmiento, III: *Terra sigillata*”, in Revista de Guimarães, vol. XXXIX. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento, p. 27 - 43.

POLAK, M. (2000). *South Gaulish Terra sigillata with potter's stamps from Vechten In Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta – Supplementum 9*. Nijmegen.

PONSICH, M. (1961). *Les lampes romaines en Terre Cuite de la Mauretanie Tangitane*, PSAM 15, Rabat.

Protocole Beuvray (1998). “Protocole de quantification des céramiques” In: ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (dir.) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray*, (Bibactre; 2), 141-157.

QUARESMA, J. C. (1995-1997). *Os almofarizes romanas de Povos (Vila Franca de Xira) no contexto do território atualmente português*, CIRA Boletim Cultural, Vila Franca de Xira, 26-45.

QUARESMA, J. C. (2015). “*Terra sigillata*, Paredes finas e lucernas dos setores funerários de *Ammaia*” in *Ad Aeternitatem . Os espólios funerários de Ammaia a partir da coleção Maçãs do Museu Nacional de Arqueologia*, Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), Museu Nacional de Arqueologia (MNA), Fundação Cidade de *Ammaia*.

QUARESMA, J.C. (1999). *Terra sigillata Africana D e Foceense Tardia das escavações recentes de Mirobriga (Chãos Salgados, Santiago do Cacém)*, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 2, nº 2.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- QUARESMA, J.C. (2003). *As importações sudgálicas no quadro das importações de terra sigillata em Chãos Salgados*, Tese de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- QUARESMA, J.C. (2006). *Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos*, Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 9, nº 1, 149-166.
- QUARESMA, J.C. (2012). *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano: terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga?)*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- QUEIMADO, J. M. (1975). *Alentejo Glorioso – Évora: suas ruas e conventos*, Évora.
- RAPOSO, J.M.C.; ALMEIDA, R.R. (2016). «Almagro 50 (Western Lusitania)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-50-western-lusitania>)
- RAPOSO, J.M.C.; SABROSA, A.J.G.; DUARTE, A.L.C. (1995). *Ánforas do vale do Tejo. As olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete)*.
- RAPOSO, J.M.C.; VIEGAS, C. (2016). «Dressel 14 (Western Lusitania)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-14-western-lusitania>).
- RAYNAUD, C. (1993). “Céramique africaine Claire A” in *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*, série Lattara, vol. 6.
- RAYNAUD, C. (1993). “Céramique africaine Claire C” in *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*, série Lattara, vol. 6.
- RAYNAUD, C. (1993). “Céramique africaine Claire D” in *Dictionnaire des Céramiques Anciennes*, série Lattara, vol. 6.
- REIS, M. P. (2014). *De Lusitaniae Urbium Balneis – Estudos sobre as termas e balneárias das cidades da Lusitânia*, vol. I-II, Universidade de Coimbra, Tese de Doutoramento em Arqueologia.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

RESENDE, A. (1553). *História da antiguidade da cidade de Évora*. Reedições: 2ª ed. 1576; 3ª ed., Lisboa, 1783, Évora.

RIBEIRO, A. (2008). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*, Dissertação de Doutoramento, Minho: Universidade do Minho.

RIBEIRO, I. (2010). *A Terra sigillata* Hispânica da Praça da Figueira, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

RIBEIRO, O. (1986). *Évora: Sítio, Evolução e Funções de uma Cidade*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

RODRIGUES, P. S. (2012). “A muralha, o templo e o aqueduto na tradição de Sertório construtor da Évora romana (séc. XVI-XIX)”, In *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas*, vol. 3, História, Arqueologia e Arte, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 255 – 263.

RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. R. (2002). *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*, Madrid: Monografías Emeritenses – 7.

RODRÍGUEZ MARTÍN, F.G. (1996). *La cerâmica de “paredes finas” en los talleres emeritenses*, In *Mélanges de la Casa de Velázquez*, tome 32-1, 139-179.

RODRÍGUEZ, J.J.D.; CASASOLA, D.B. (2016) «Dressel 2-4 (Baetica coast)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-2-4-baetica-coast>)

ROLO, A. M. (2010). *A necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Universidade de Lisboa.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. Á. (1992). *Cerámica común romana de Mérida: estudio preliminar*, Serie de Arqueología Extremeña nº3. Cáceres: Universidad de Extremadura.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

SANTOS, C. (2011). *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Universidade de Letras – Faculdade de Letras.

SARANTOPOULOS, P. (2004). “Actividade Arqueologica a Oeste de Évora – Breve Síntese”, In *Paisagens Arqueologicas a Oeste de Évora*, Évora: Câmara Municipal de Évora, 15-20.

Secção de Obras da Câmara Municipal de Évora (2004). *Processo 3163– Rua Serpa Pinto n.ºs. 50, 52 e 54*.

SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FARIA, M. (2007). *Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 1:terra sigillata*, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 3, nº 2, 119-152.

SEPÚLVEDA, E; SANTOS, P; FARIA, J.C.; FERREIRA, M. (2007). *Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal: almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros*, Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 10, nº 2, 255-284.

SILVA, R.B. da (2005). *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira. Uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.)*, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana), Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais.

SIMÃO, I., BRAZUNA, S. (2010). “Evolução urbana na colina central de Évora. Contributo da intervenção arqueológica no Museu de Évora” In *Apontamentos de arqueologia e património*. Lisboa: NIA - Era Arqueologia, 75 - 82.

SIMPLÍCIO, M. D. (2003). *Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval*, I série, vol. XIX, Porto: Revista da Faculdade e Letras – Geografia, Porto, 365-372.

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

- TAVARES DA SILVA, C.; BEIRÃO, C.M.; FERRER DIAS, L.; COELHO SOARES, A. (1980-81). Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). In: *Setubal Arqueologica VI-VII*. Setúbal.
- TEICHNER, F. (1998). “A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão” In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela.
- TEIXEIRA, M. C. (1993). “A história urbana em Portugal. Desenvolvimentos recentes”, In *Análise Social*. Vol. XXVIII, 371-390.
- VAL-FLORES, G. (2005). *A evolução urbana do Centro Histórico de Évora – Eborā Liberalitas Iulia (séc. I a.C. – IV d.C.)*, Évora: Câmara Municipal de Évora.
- VASCONCELLOS, J. L. (1895) – “Museu Archeológico da Bibliotheca de Evora”, In *O Arqueólogo Português*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 282-284.
- VEIGAS, C. (2003). *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém, Cerâmica, economia e comércio*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Trabalhos de Arqueologia, 26.
- VIEGAS, C. (2006). *A cidade romana de Balsa (Torre de Ares - Tavira): (I) a terra sigillata*. Tavira: Instituto Português de Museus, Câmara Municipal de Tavira.
- VIEGAS, C. (2009). *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A.M. (2013). *Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): As Dressel 20*, Universidade de Lisboa.
- VIEGAS, C.; RAPOSO, J.M.; PINTO, I. (2016). «Almagro 51C (Western Lusitania)», *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51c-western-lusitania>)

Paço dos Lobos da Gama (Évora): contributo do conjunto cerâmico de época romana para a compreensão da sua funcionalidade na *urbs*

VIEIRA, V. (2011). *As Lucernas Romanas da Praça da Figueira (Lisboa): contributo para o conhecimento de Olisipo*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

WALTERS, H.B. (1908). *Catalogue of the Roman Pottery*, Departments of Antiquities, London: British Museum - <http://www.britishmuseum.org/>

Webgrafia

<http://amphorae.icac.cat/>

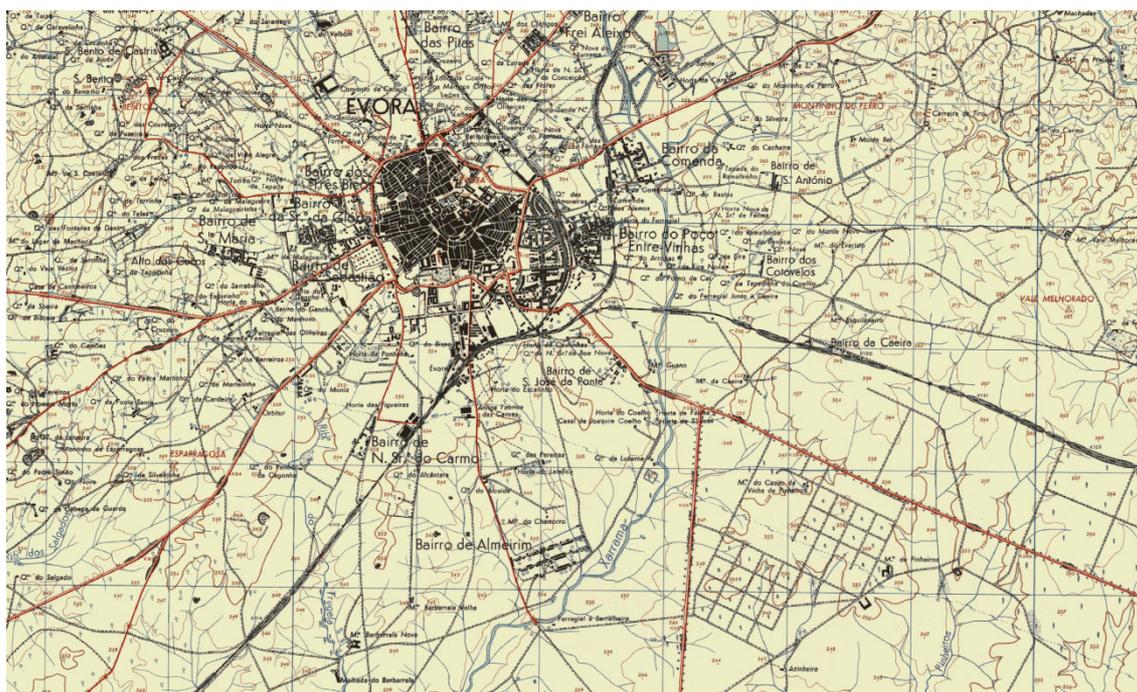
http://archaeologydataservice.ac.uk/archives/view/amphora_ahrb_2005/details.cfm?id=309&CFID=268591&CFTOKEN=40BC1DC9-A84D-4C1C-9CAC0CA10E3F5A13

http://citeres.univ-tours.fr/doc/lat/pecada/F2_6.pdf

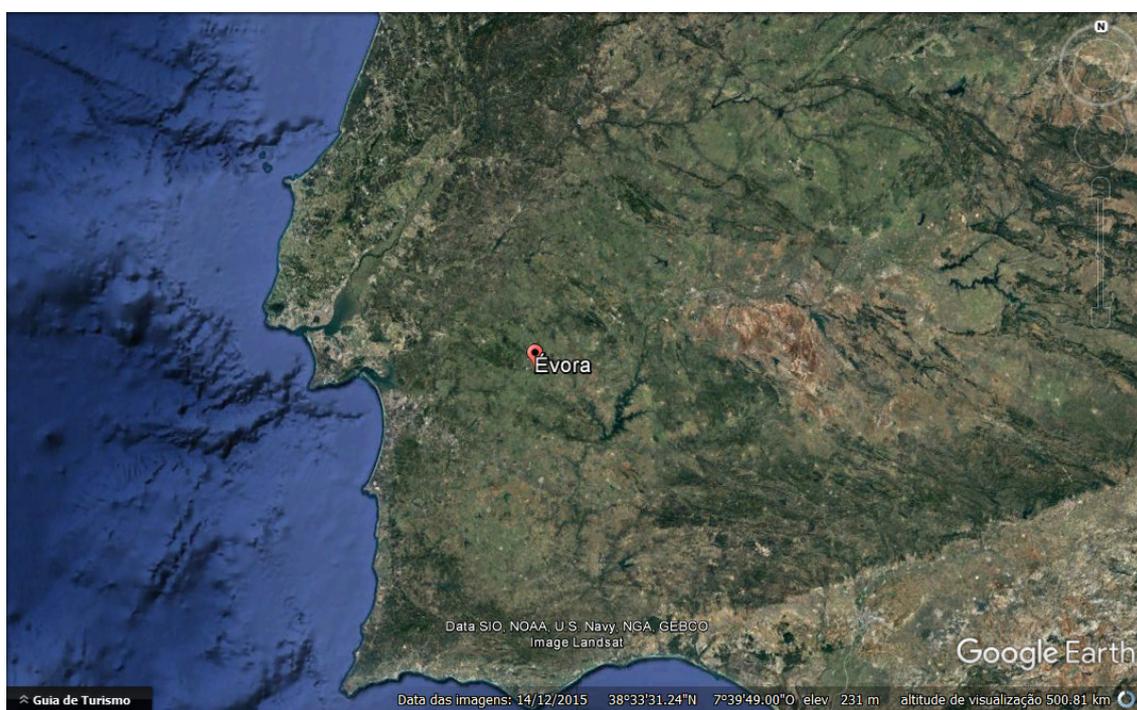
<http://www.ugr.es/~arqueologyterritorio/PDF11/12-Abelleira.pdf>

http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=440205&partId=1&searchText=Q812&page=1

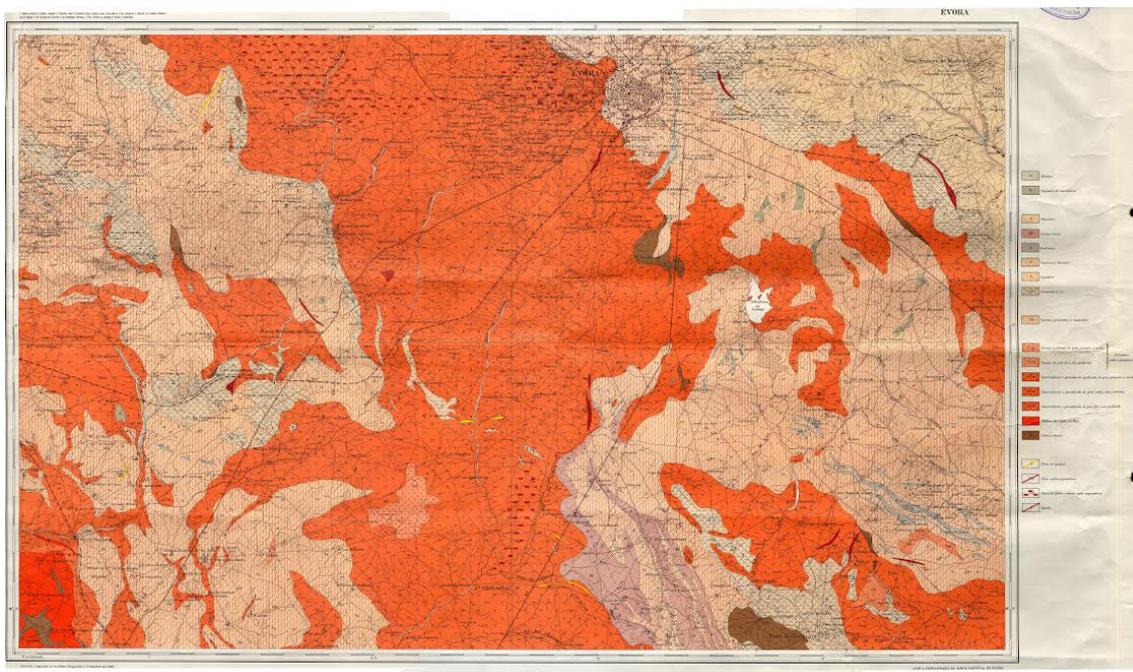
- Mapa 1 - Carta Militar – Folha nº 460 – Localização de Évora



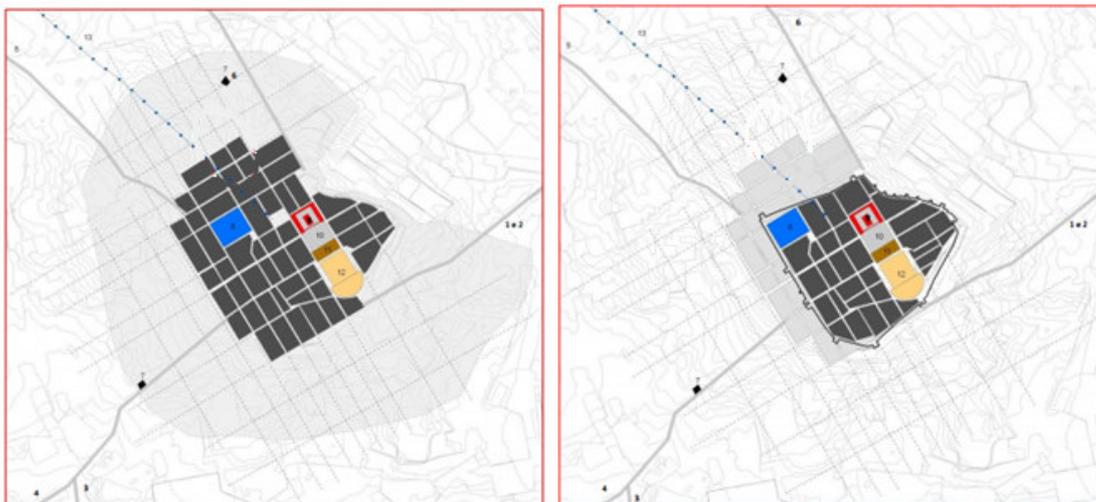
- Mapa 2 – Localização de Évora



- Mapa 3 - Carta Geológica de Portugal, nº 40 – A Évora



- Planta 1 – Évora romana (séc. I d.C. e séc. IV) (Leite, 2014:20)



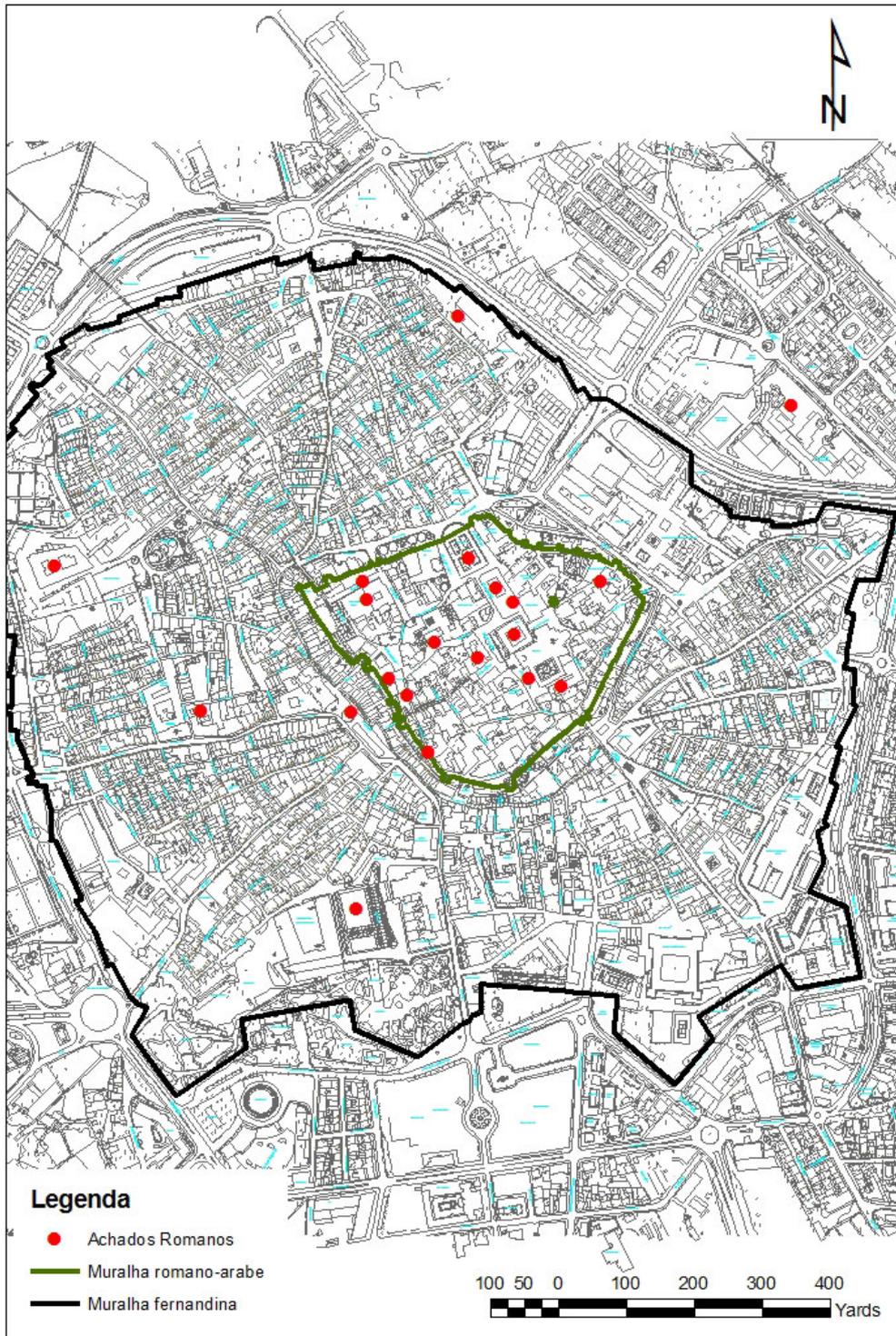
- Planta 2 - Traçado Romano - *insulae* (Martins, 2013)



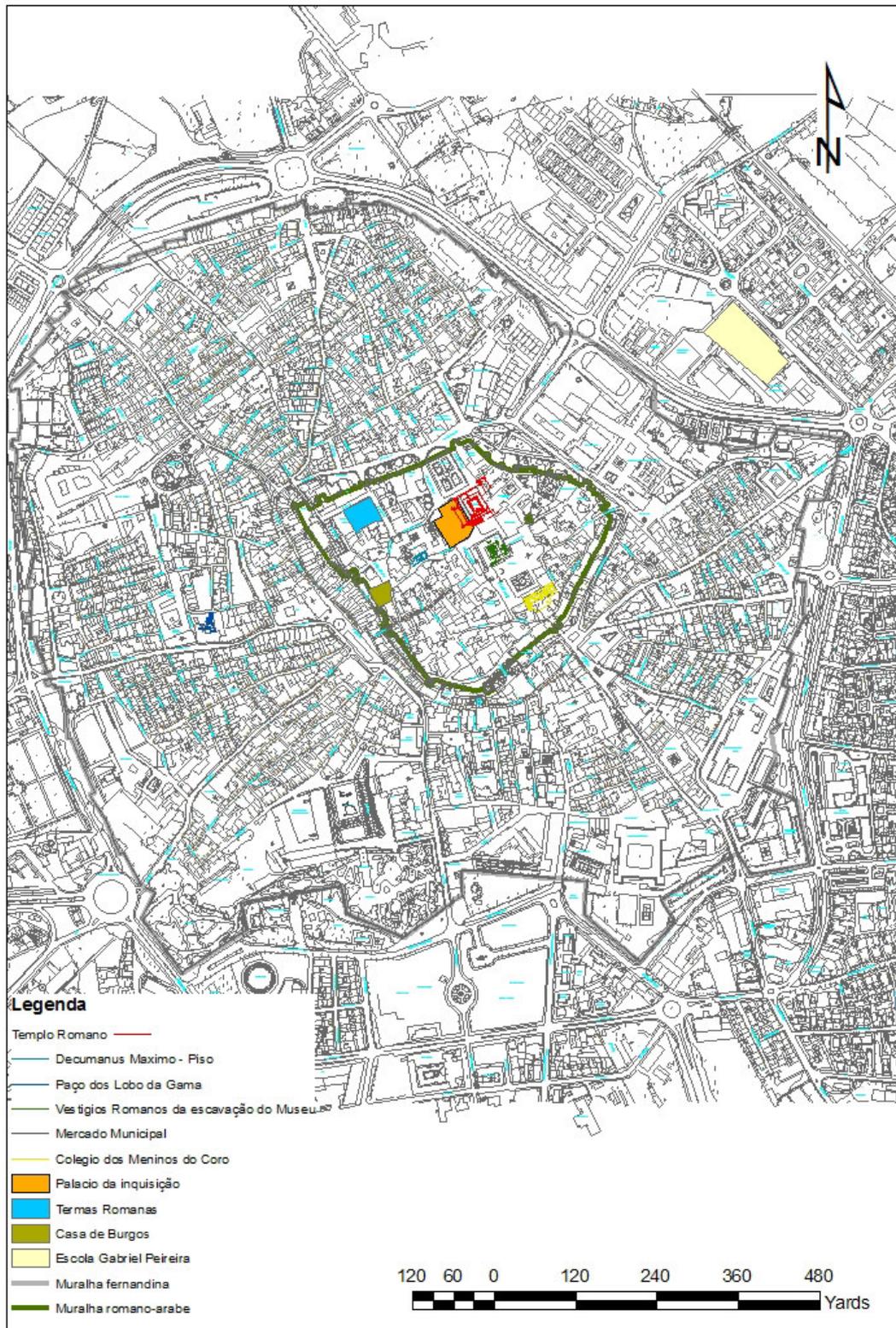
Traçado romano de Évora, escala 1/5000

Pedro Martins

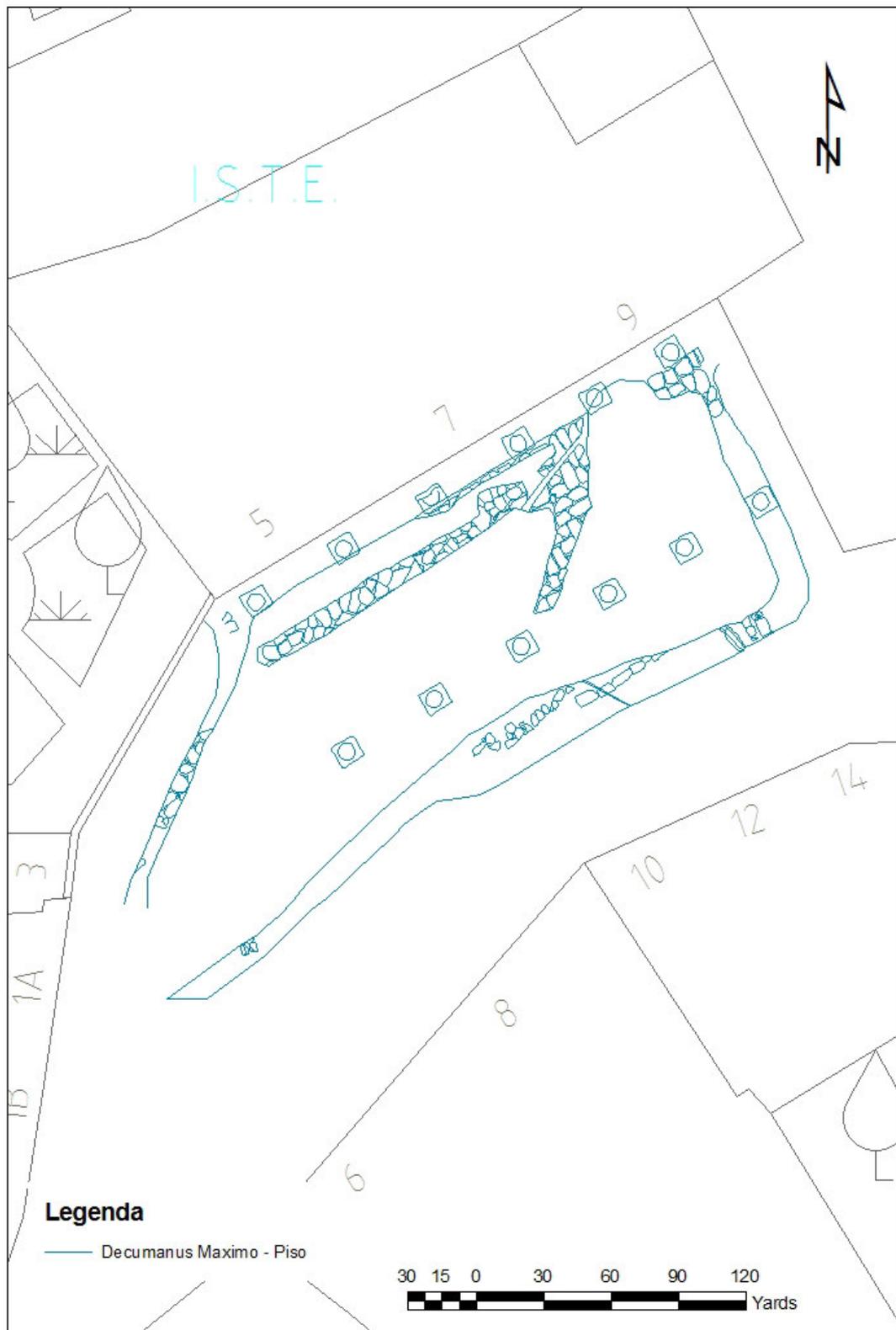
- Planta 3 - Intervenções Arqueológicas no Centro Histórico com achados romanos e da muralha tardo-romana (Planta fornecida pela CME)



- Planta 4 - Georreferenciação de alguns dos sítios romanos no Centro Histórico (Planta Fornecida pela CME)



- Planta 5 - *Decumanus* (Planta Fornecida pela CME)



- Planta 6 - Georreferenciação do Paço dos Lobos da Gama (Planta Fornecida pela CME)



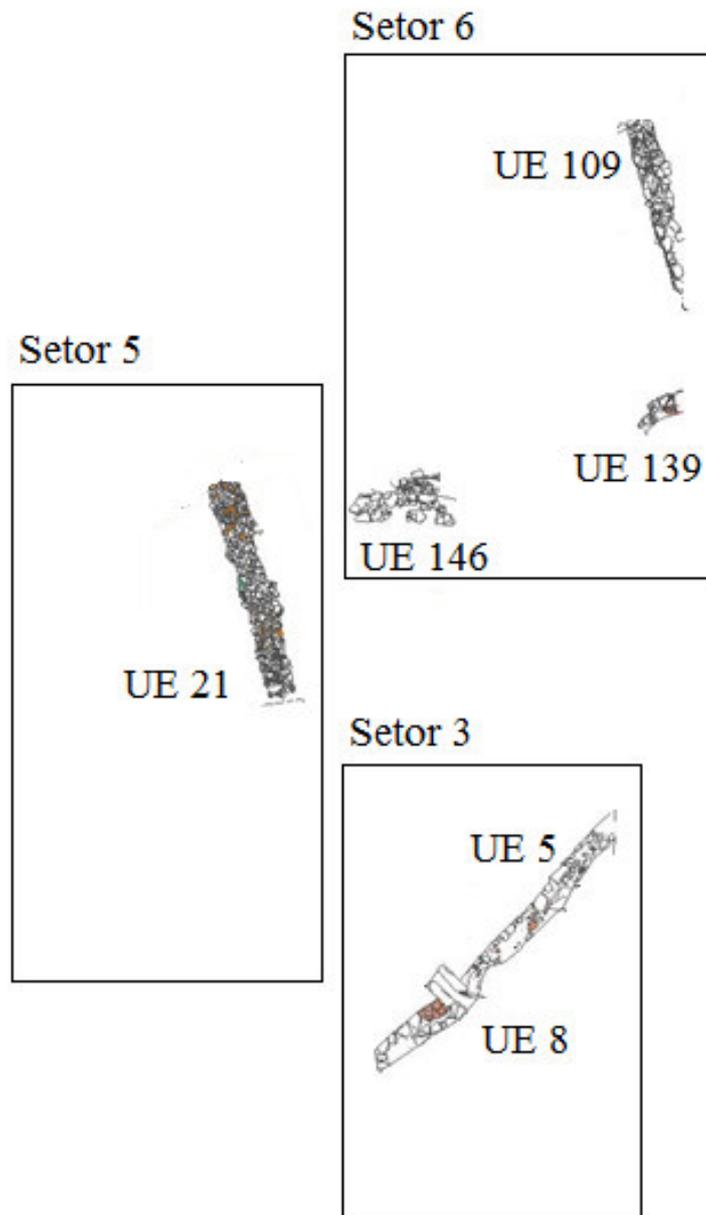
- Planta 7 - Planta do Paço dos Lobos da Gama



- Planta 8 - Planta Geral das Intervenções Arqueológicas Ocorridas no Paço dos Lobos da Gama, com a delimitação dos setores



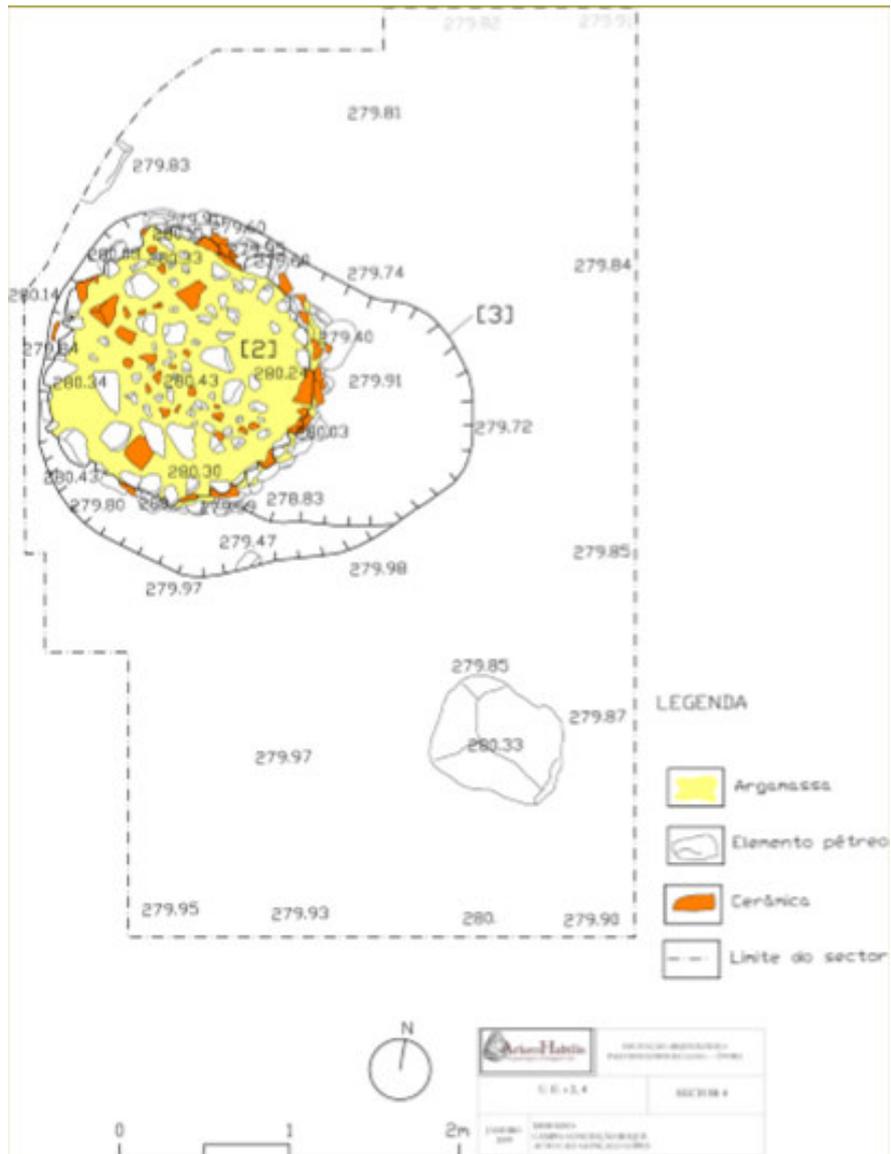
- Planta 9 - Estruturas de época romana



- Planta 10 - Setor 4 – U.E. 8 (Gonçalves; Roque, 2009:64)



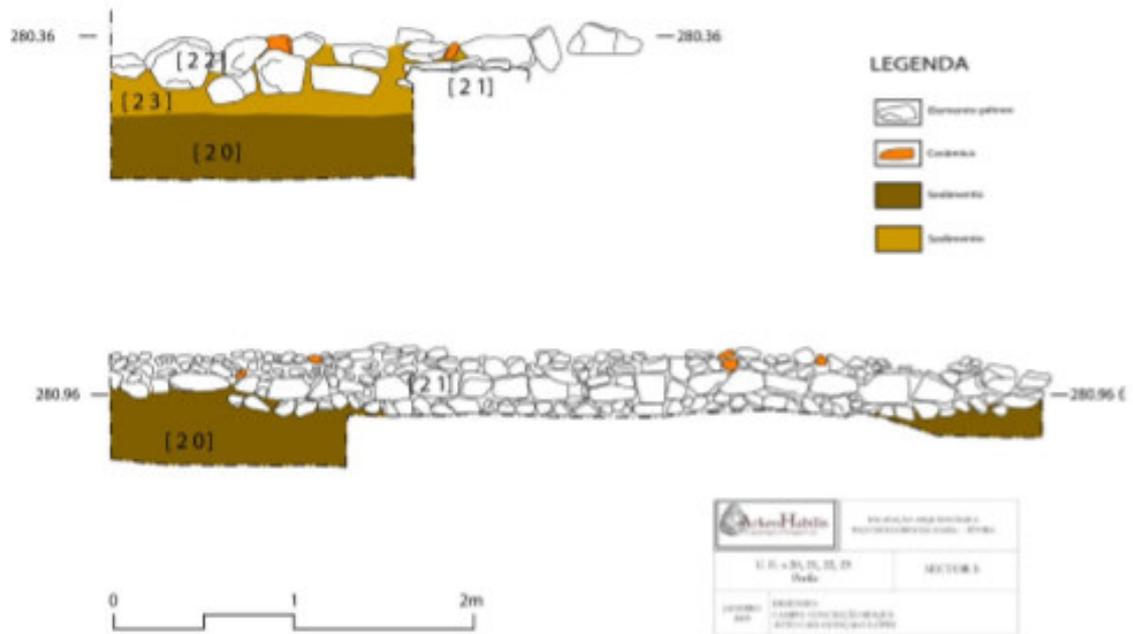
- Planta 11 - Planta final do Setor 4 (Gonçalves; Roque, 2009:65)



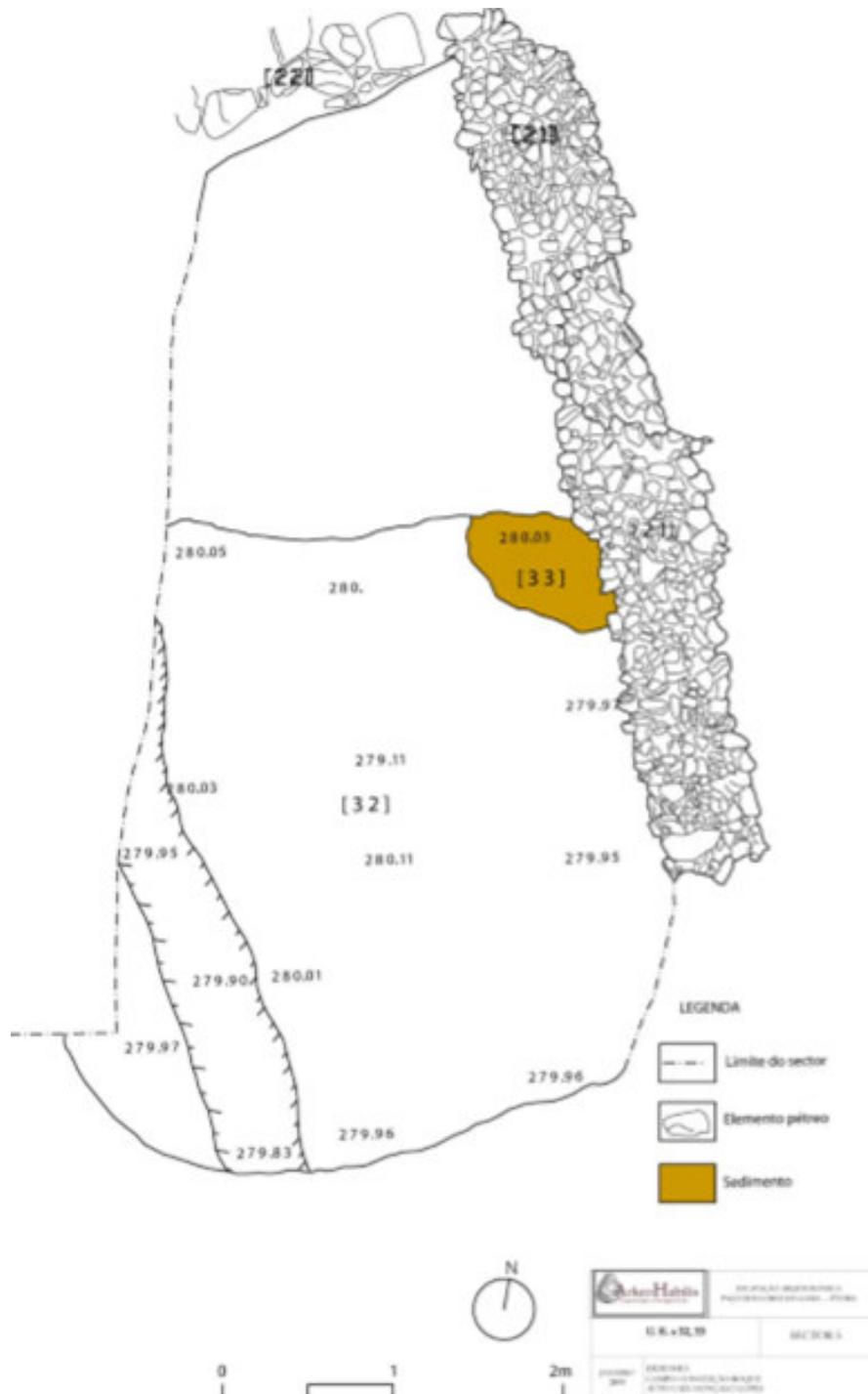
- Planta 12 - Setor 5 – U.E. 20 e U.E. 21 (Muro de cronologia romana); U.E. 22; U.E. 13; U.E. 20; U.E. 23; U.E. 24; U.E. 31; U.E. 37 (Gonçalves; Roque, 2009:67)



- Planta 13 - Alçados do muros U.E. 21 (de cronologia romana) e U.E. 22 (Gonçalves; Roque, 2009:72)



- Planta 14 - Setor 5 – U.E. 32 e 33 (Gonçalves; Roque, 2009:70)



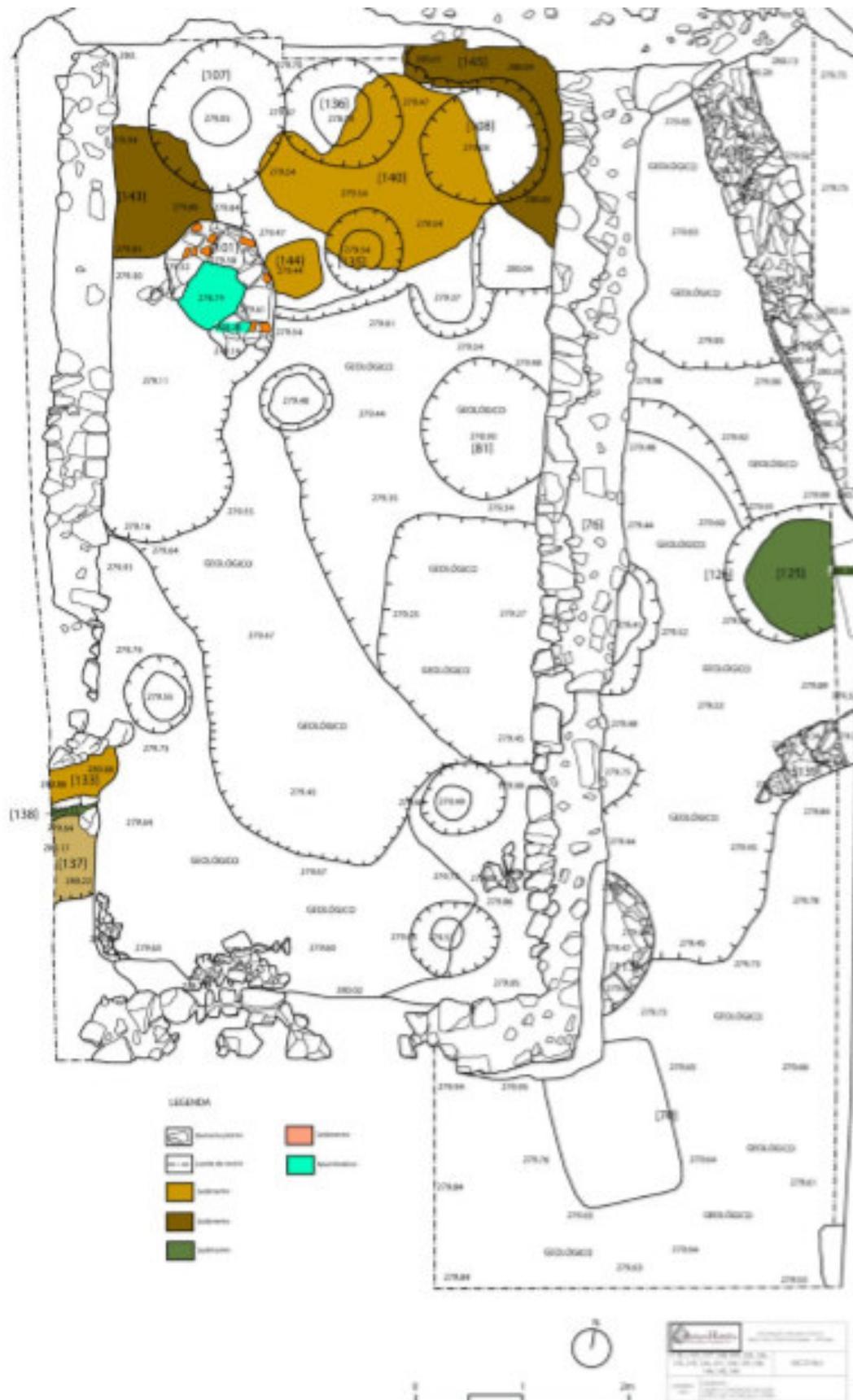
- Planta 15 - Setor 5 – U.E. 34 e 35 (Gonçalves; Roque, 2009:71)



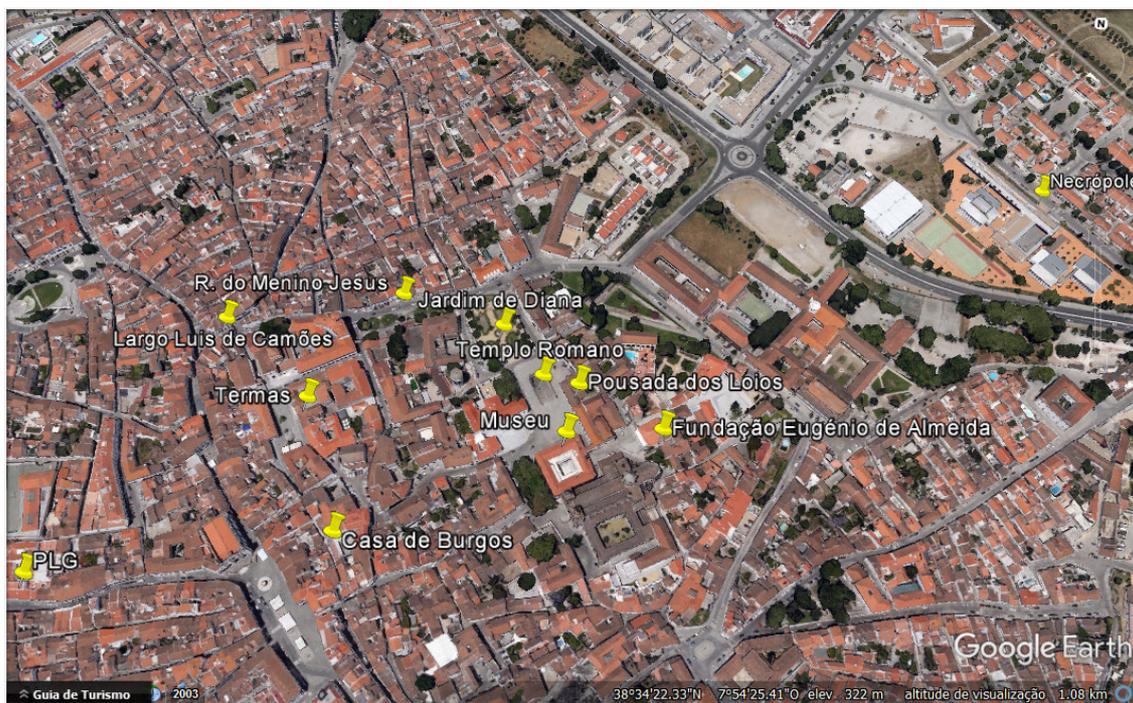
- Planta 16 - Planta final do Setor 5 (Gonçalves; Roque, 2009:73)



- Planta 17 - Planta final do Setor 6 (Gonçalves; Roque, 2009:82)



- Fig. 1 - Alguns pontos que marcam as intervenções arqueológicas que ocorreram nas ruas atuais da cidade



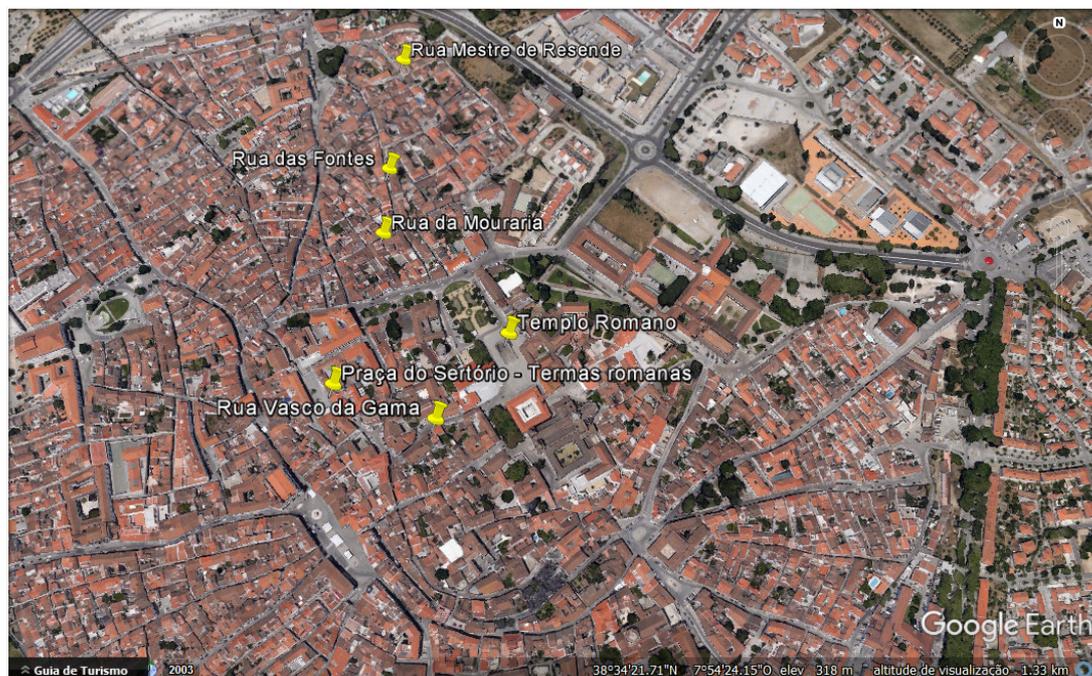
- Fig. 2 - Sinalização do local onde ocorreram intervenções arqueológicas do Aqueduto Romano



- Fig. 3 - *Decumanus* – Rua Vasco da Gama; *Cardus* – alinhamento de um estreito arruamento entre a Rua das Fontes e Rua Mestre de Resende; *Cardus/Decumanus* - Interseção no Templo Romano



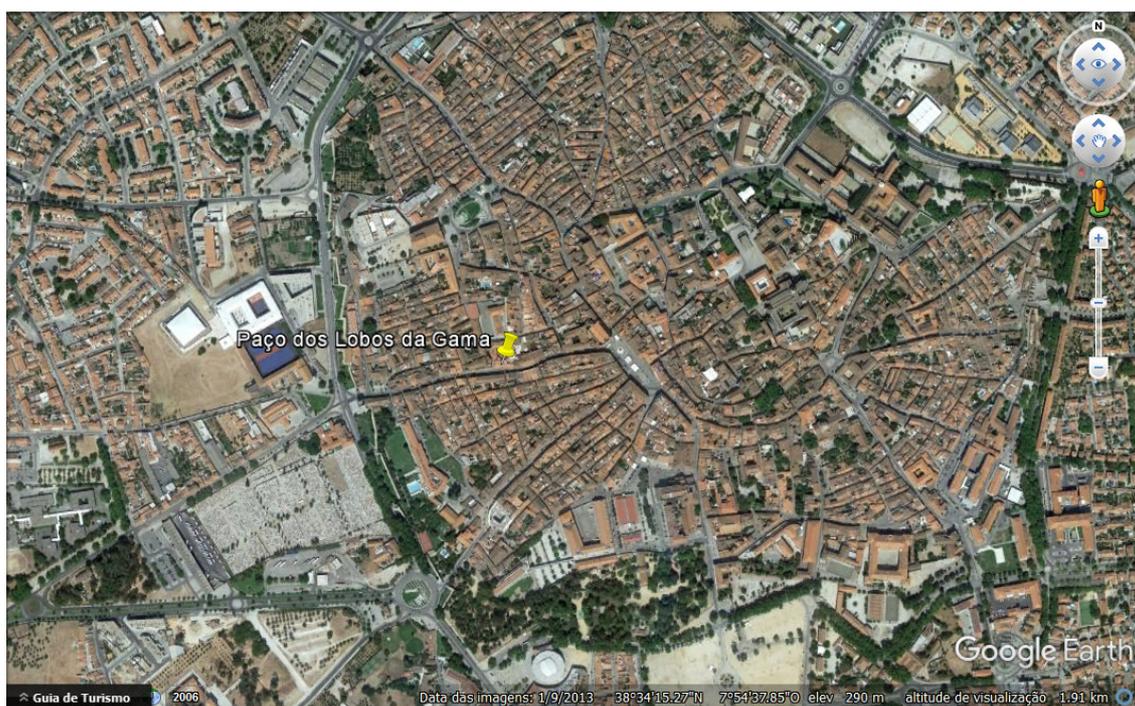
- Fig. 4 - Rua da Mouraria mantém um alinhamento perfeito com o eixo do fórum, das termas e do *Decumanus*



- Fig. 5 - Limites da cidade imperial; Ocidente delimitado pela atual Rua João de Deus (antiga Rua Ancha); este limite prosseguiria pela Praça do Giraldo, continuando pela Rua da Republica até curvar em direção à Porta de Moura; A rua Miguel Bombarda marcaria aproximadamente o limite sudeste da cidade; O limite oriental estaria marcado no atual Largo do Colégio



- Fig. 6 - Localização do Paço dos Lobos da Gama



- Fig. 7 - Paço dos Lobos da Gama – Fachada



- Fig. 8 - Setor 3 - U.E. 8 - Blocos graníticos (Dias, 2008:30)



- Fig. 9 - Setor 3 – U.E. 5 – muro com presença de *opus* (Dias, 2008:31)



- Fig. 10 - Setor 3 – U.E. 10 – Níveis de circulação (Dias, 2008:32)



- Fig. 11 - Setor 4 – limites da U.E. 7 (Gonçalves; Roque, 2009:43)



- Fig. 12 - Setor 4 – U.E. 8 – cortada pela vala de uma possível base de lagar (Gonçalves; Roque, 2009:44)



- Fig. 13 - Setor 6 – U.E. 109 – Muro de cronologia romana (Gonçalves; Roque, 2009:55)



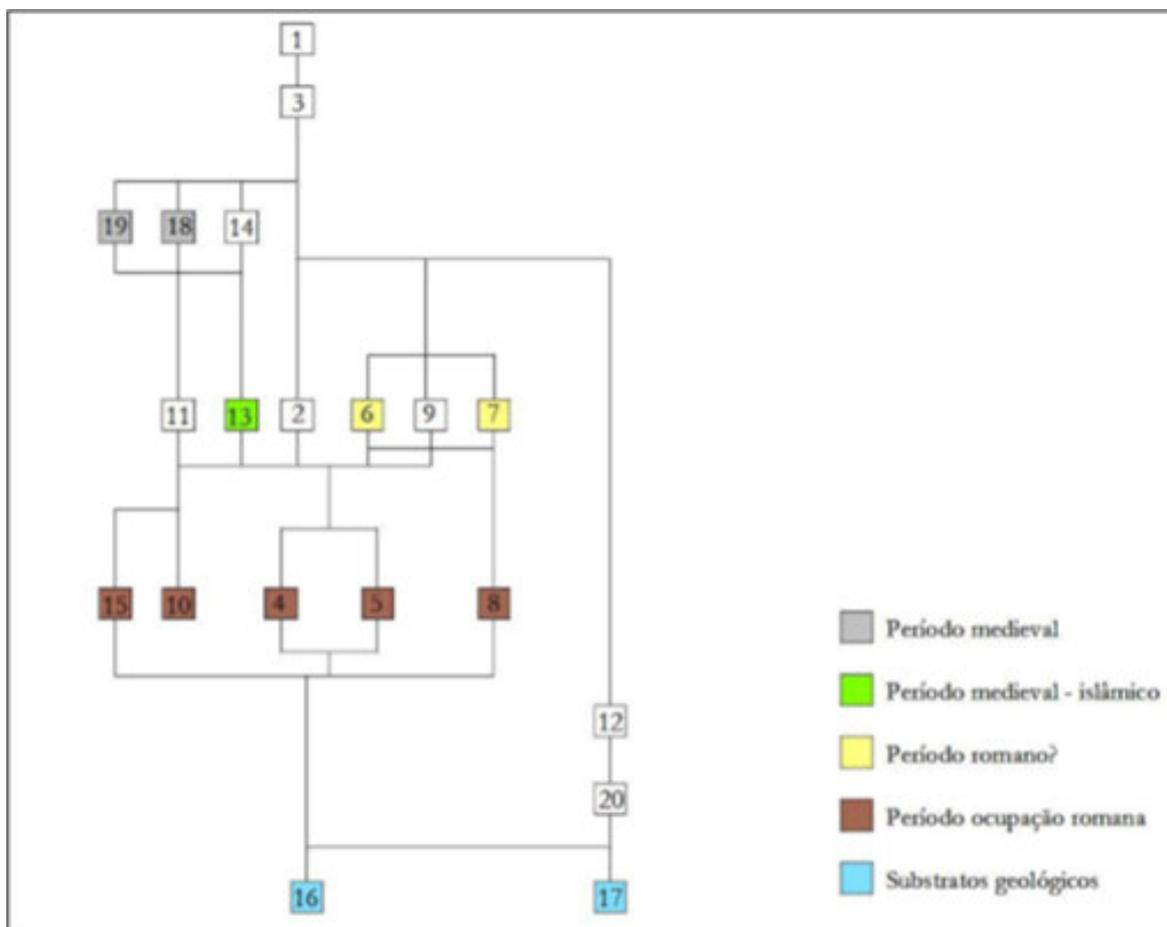
- Fig. 14 - Setor 6 – U.E. 110 – derrube de época romana (Gonçalves; Roque, 2009:55)



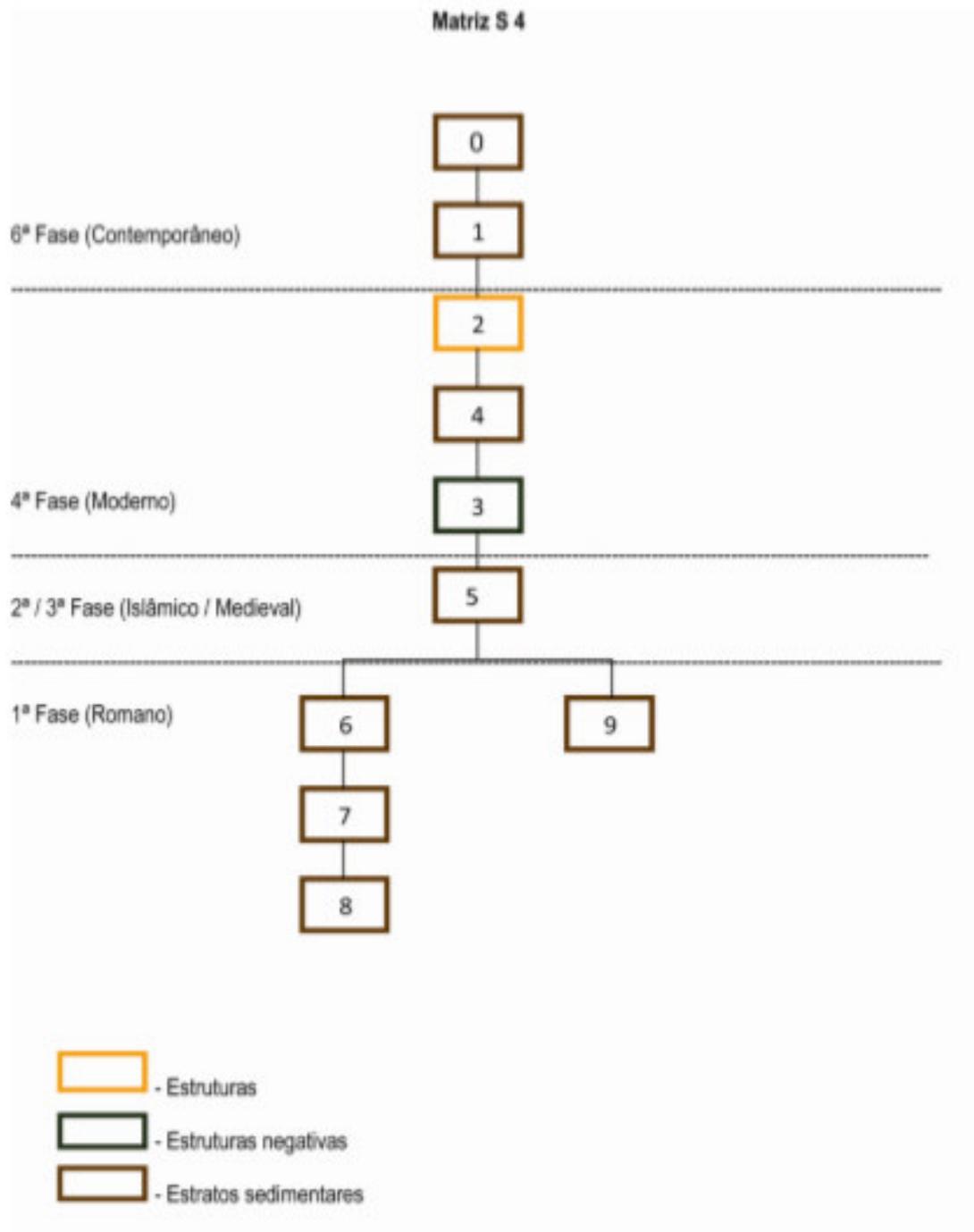
- Fig. 15 - Setor 6 – U.E. 139 – Muro de cronologia romana (Gonçalves; Roque, 2009:57)



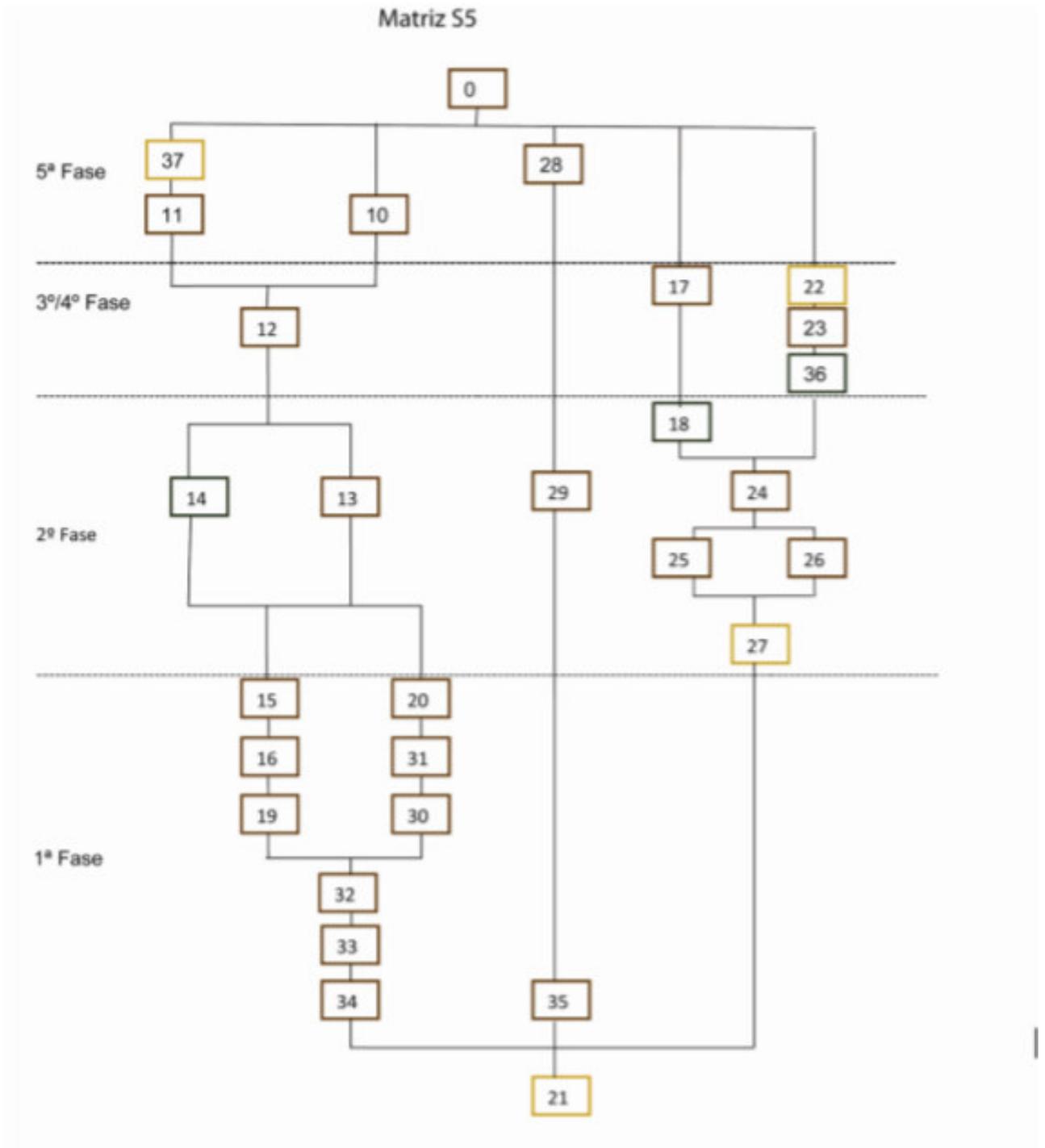
- Matriz 1 - Matriz de Harris do Setor 3 (Dias, 2008:15)



- Matriz 2 - Matriz de Harris do Setor 4 (Gonçalves, Roque, 2009:14)

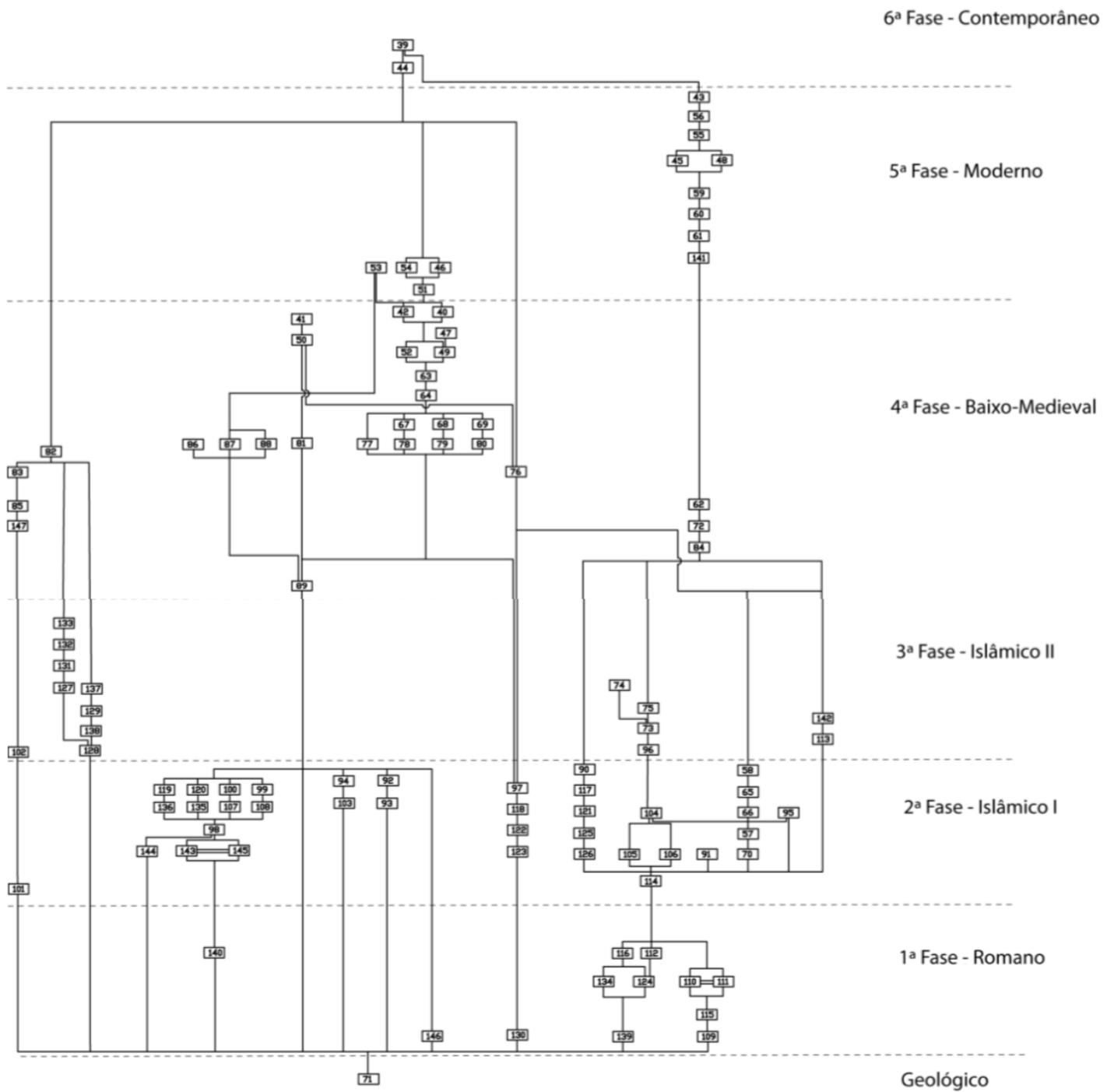


- Matriz 3 - Matriz de Harris do Setor 5 (Gonçalves; Roque, 2009:19)

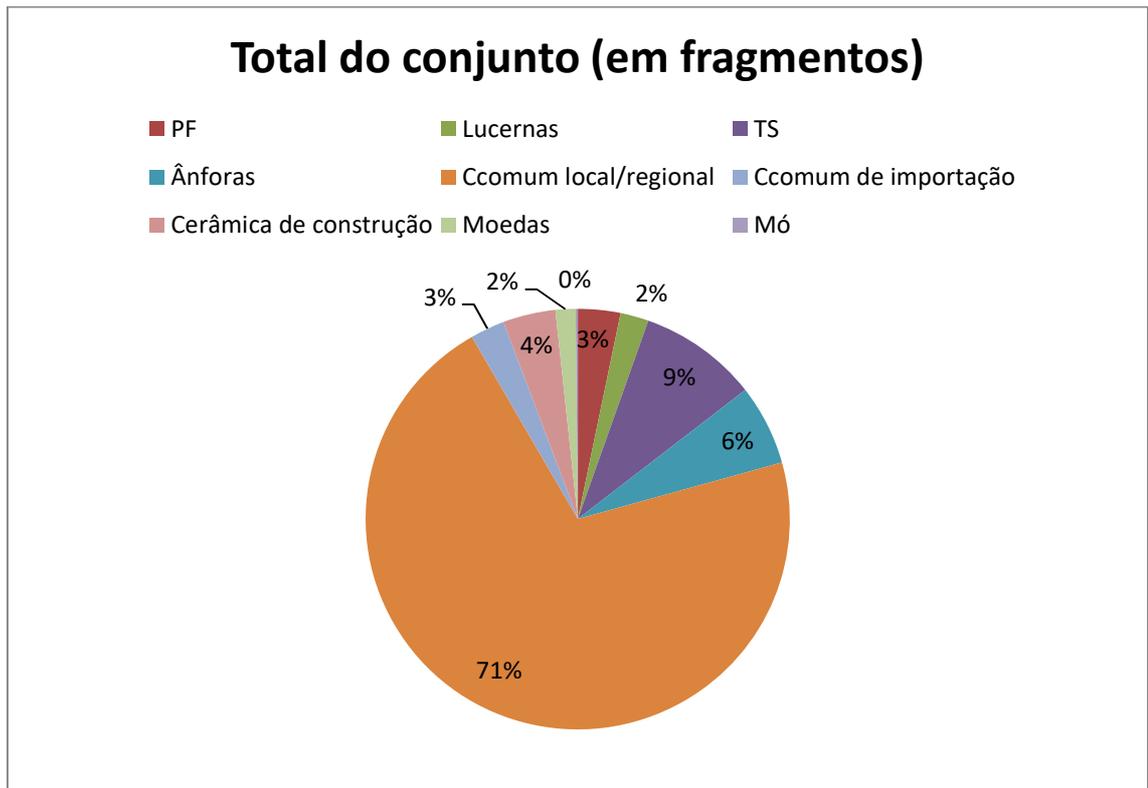


Anexo I

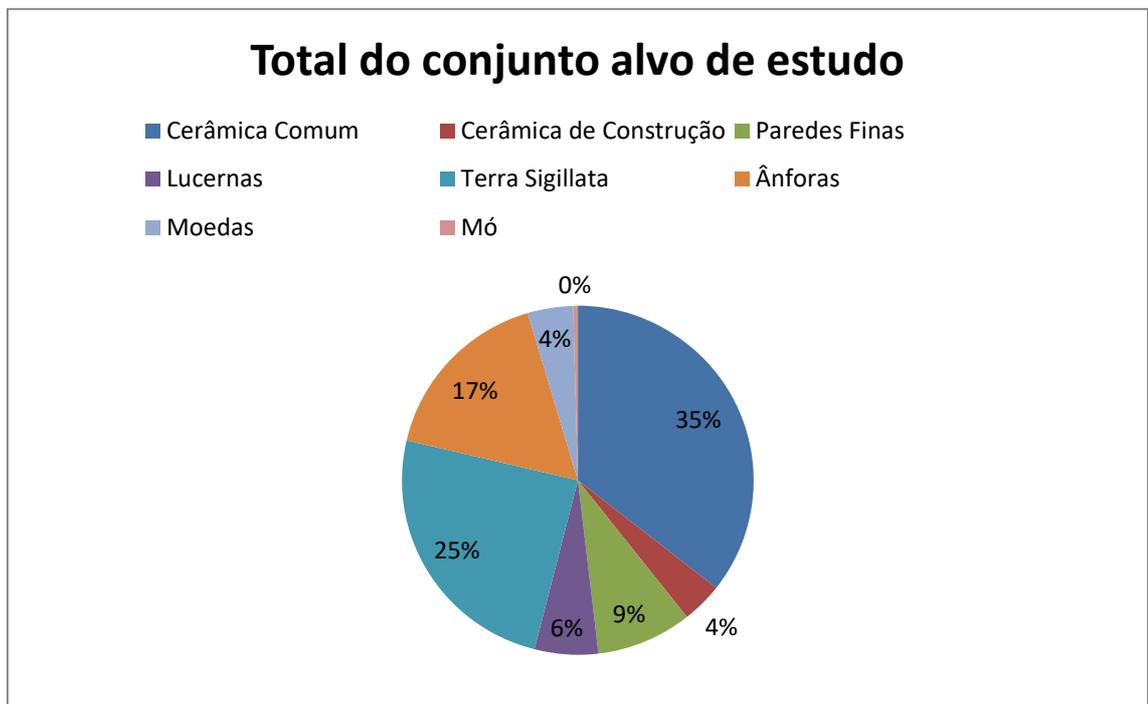
- Matriz 4 - Matriz de Harris do Setor 6 (Gonçalves; Roque, 2009:30)



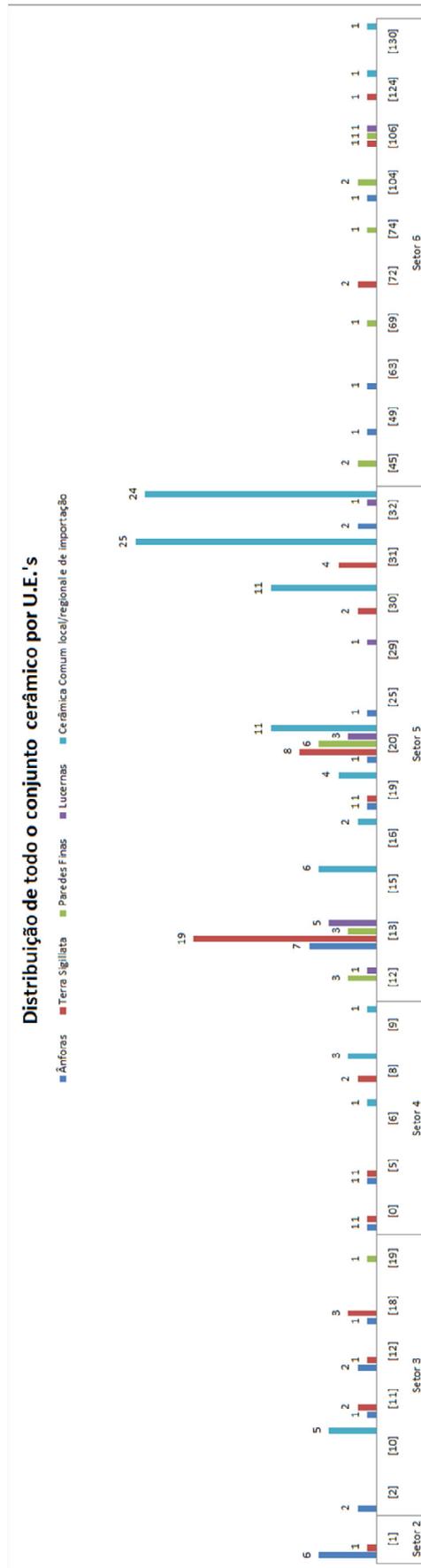
• Gráfico 1



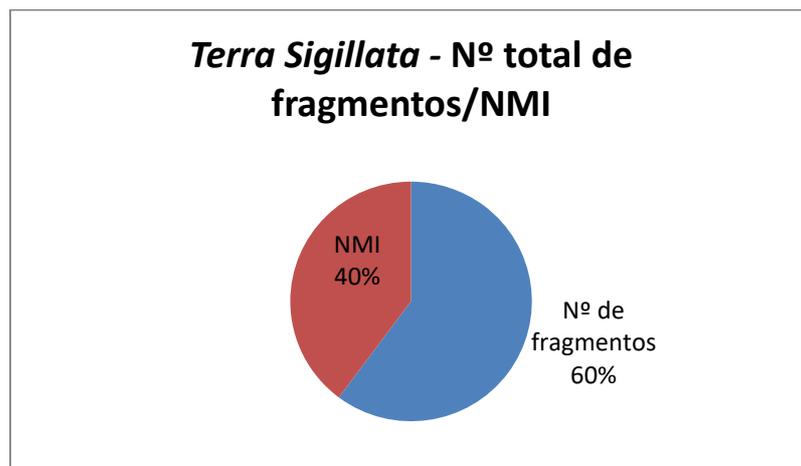
• Gráfico 2



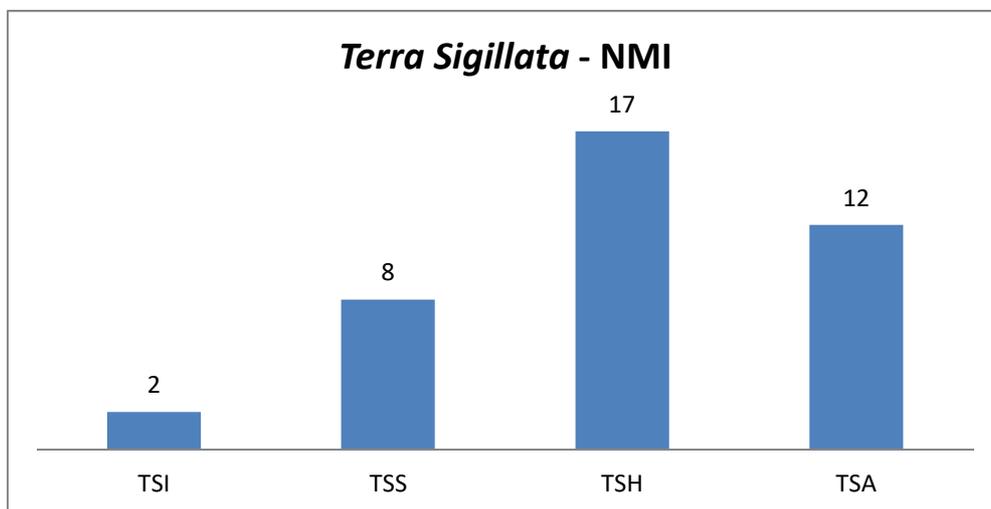
• Gráfico 3



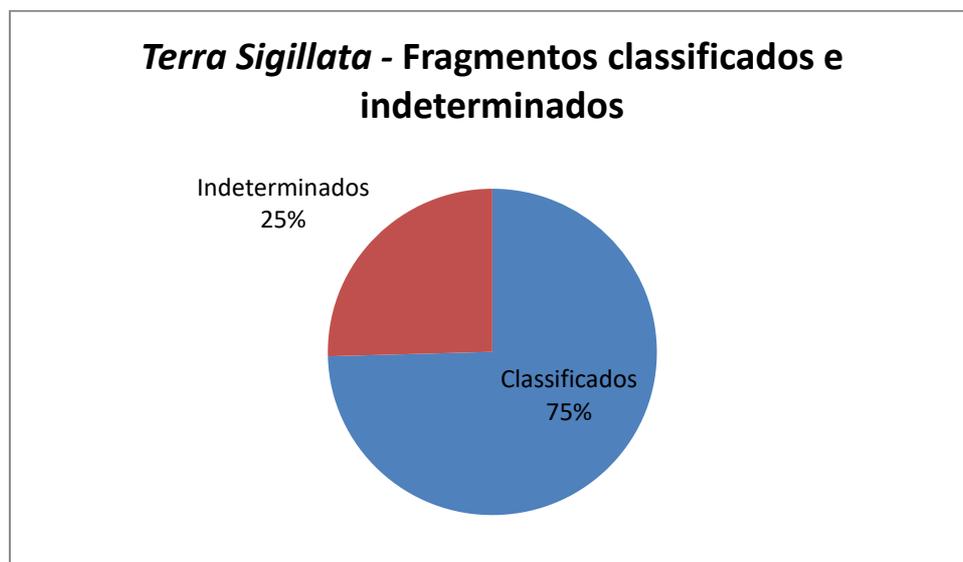
- **Gráfico 4 – Terra Sigillata**



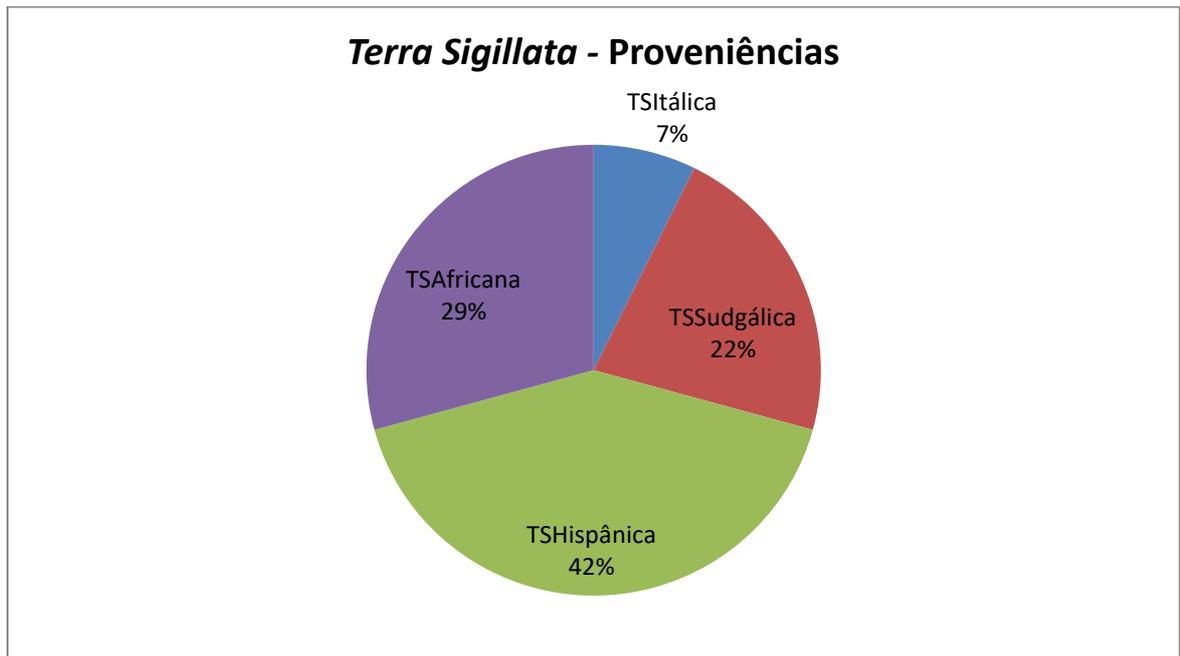
- **Gráfico 4.1. Terra Sigillata**



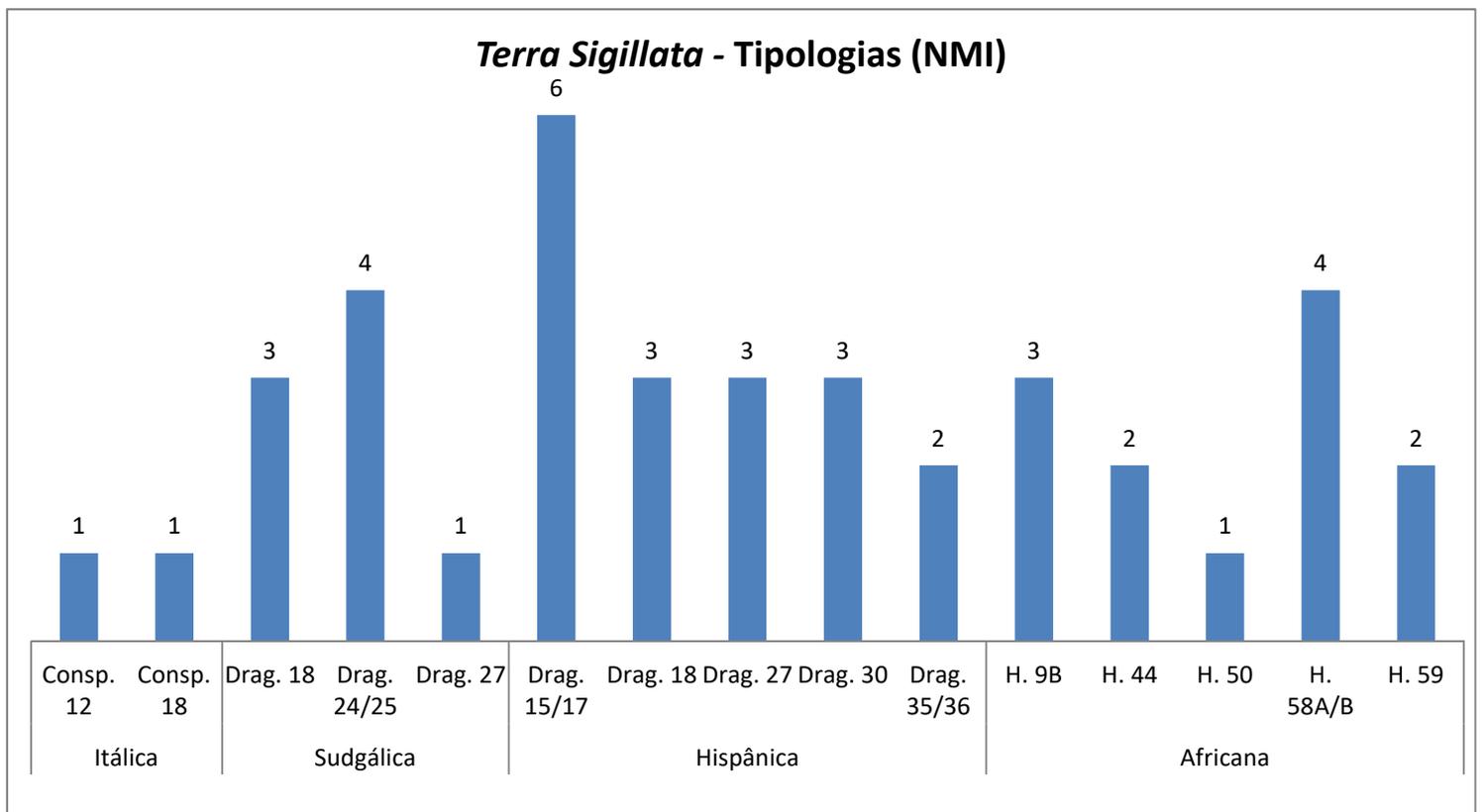
- **Gráfico 4.2. Terra Sigillata**



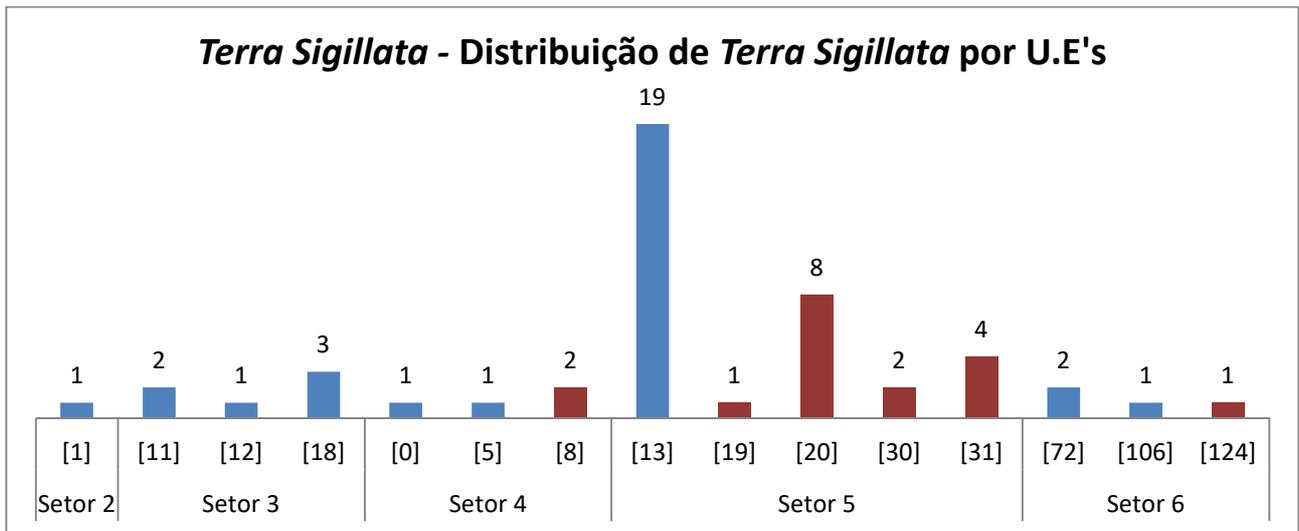
• Gráfico 4.3. *Terra Sigillata*



• Gráfico 4.4. *Terra Sigillata*

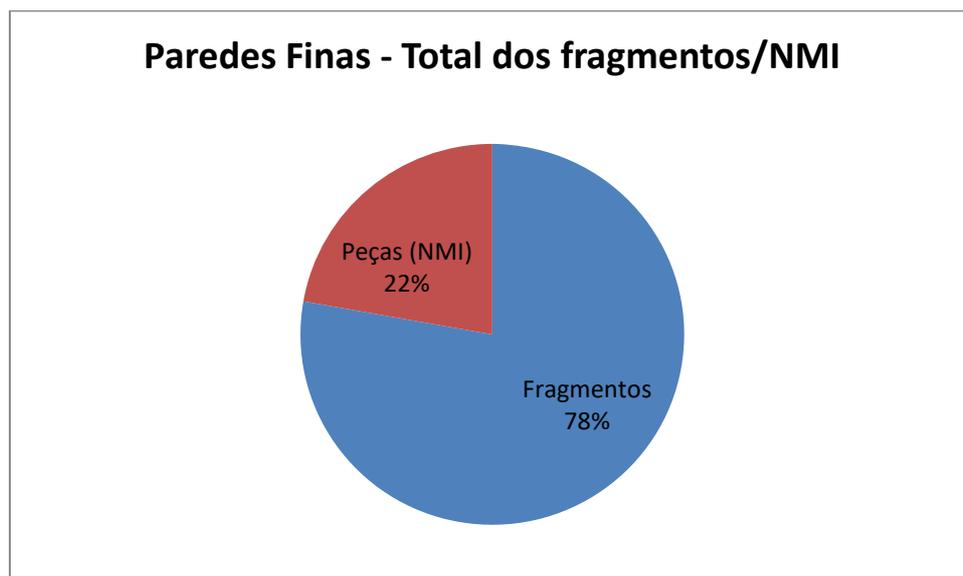


- Gráfico 4.5. *Terra Sigillata*

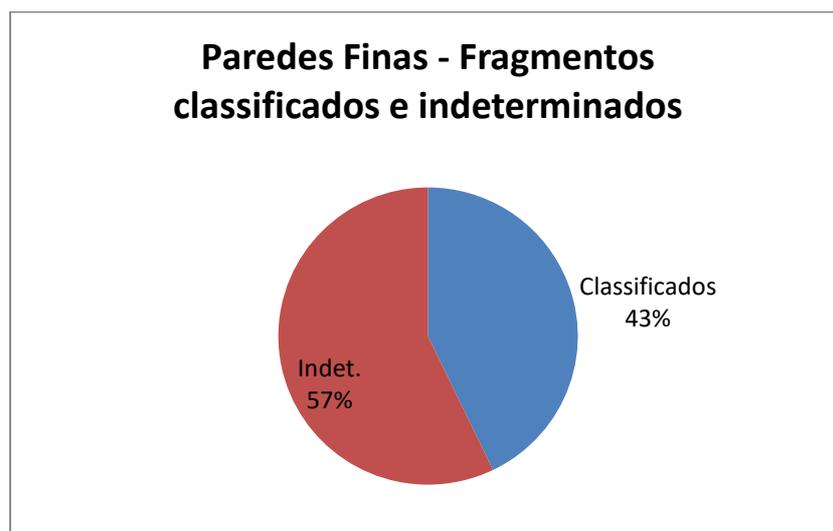


■ Contextos Romanos

- Gráfico 5 – Paredes Finas



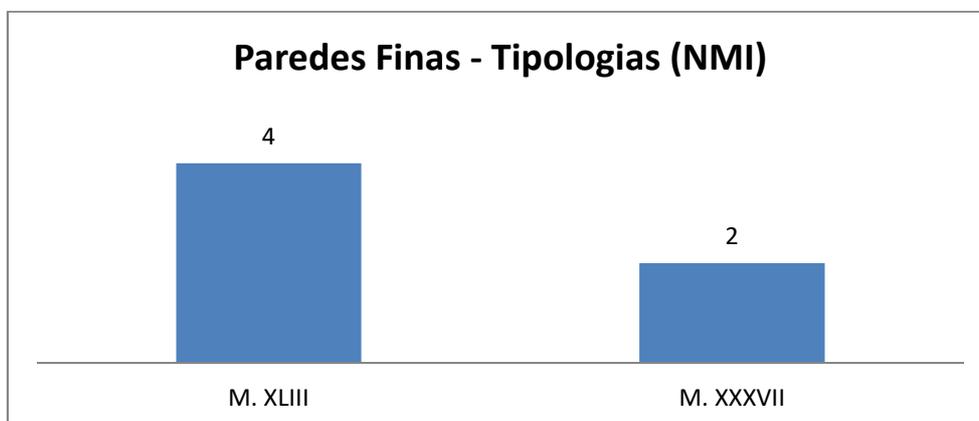
- **Gráfico 5.1. Paredes Finas**



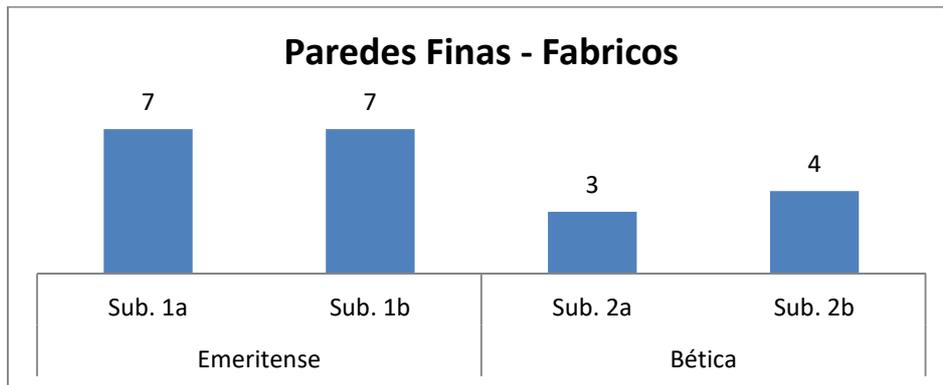
- **Gráfico 5.2. Paredes Finas**



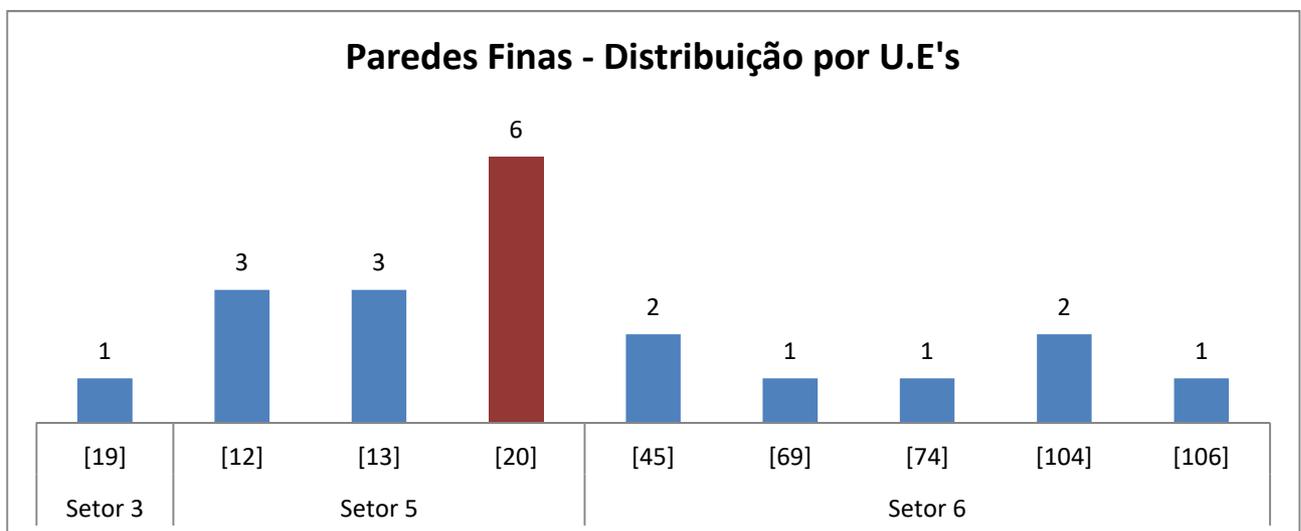
- **Gráfico 5.3. Paredes Finas**



- **Gráfico 5.4. Paredes Finas**

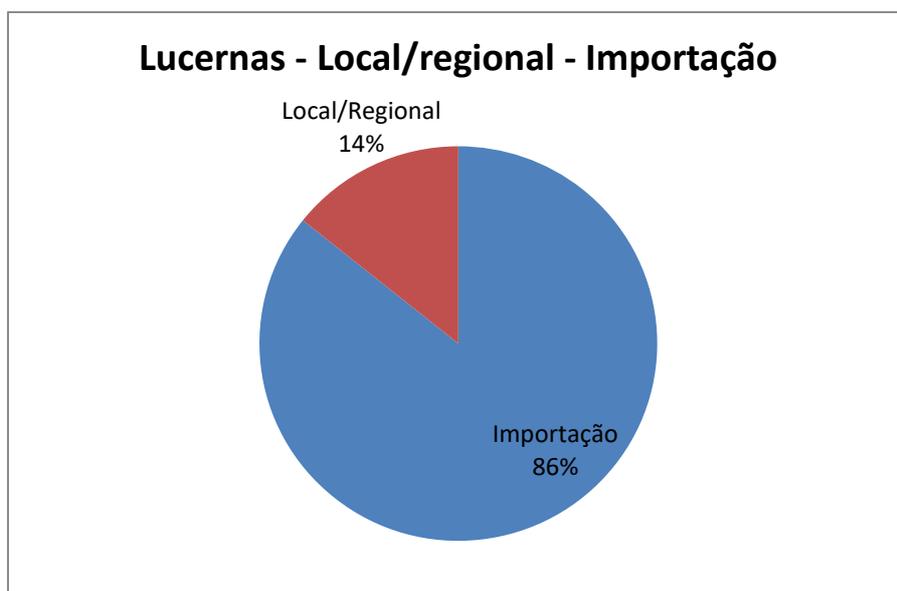


- **Gráfico 5.5. Paredes Finas**

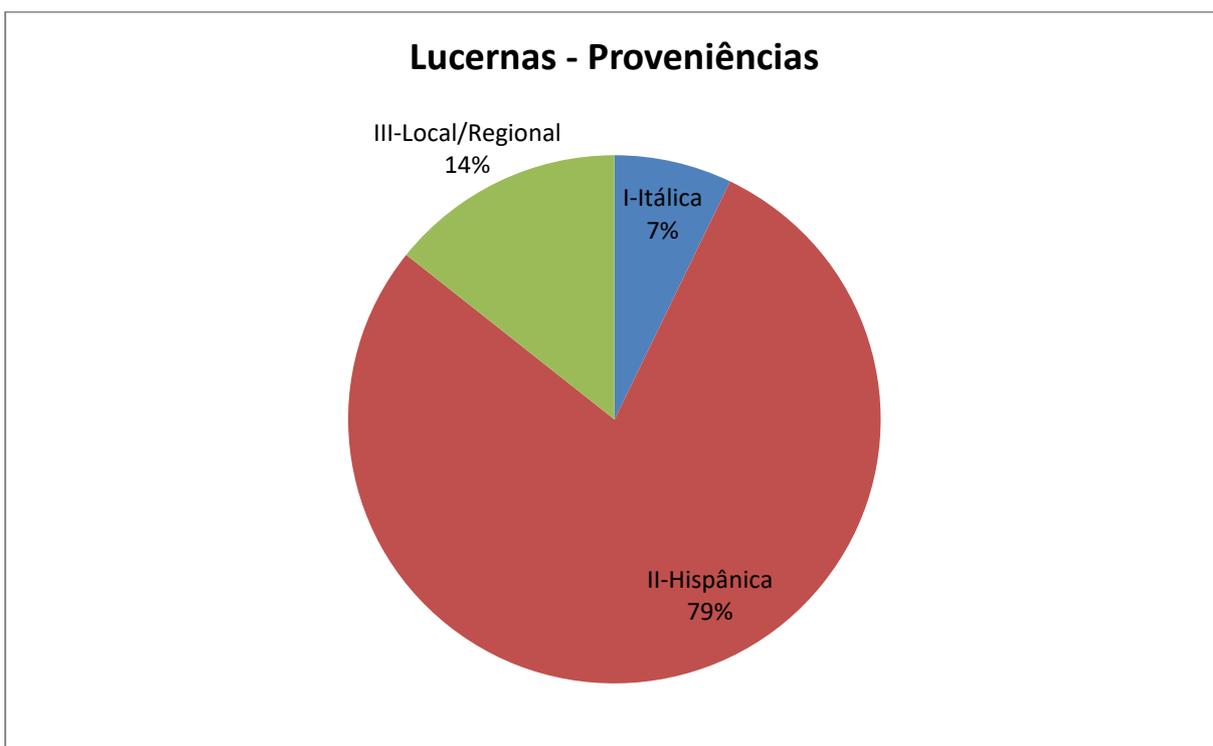


■ Contextos Romanos

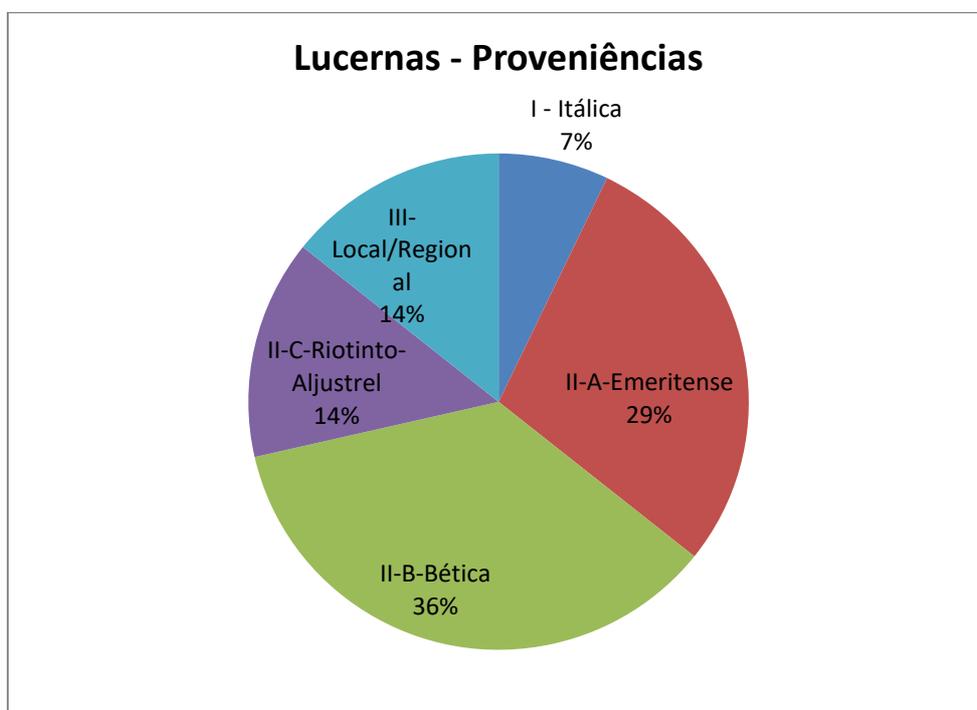
- **Gráfico 6 – Lucernas**



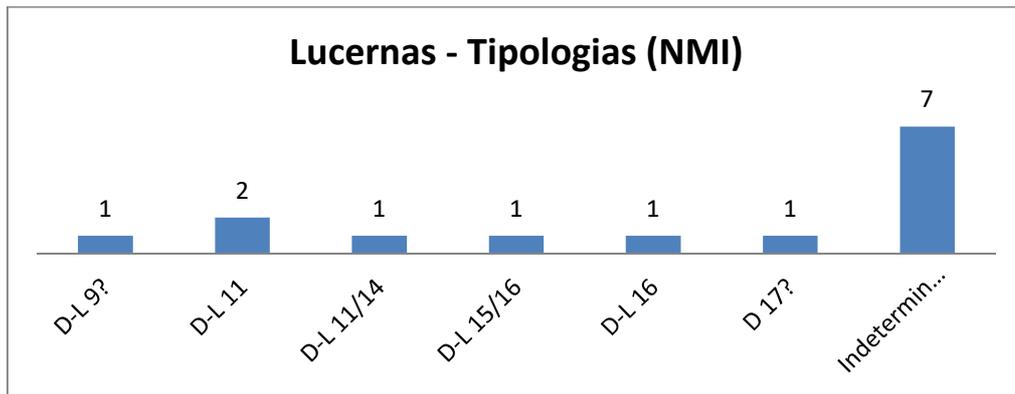
- Gráfico 6.1. Lucernas



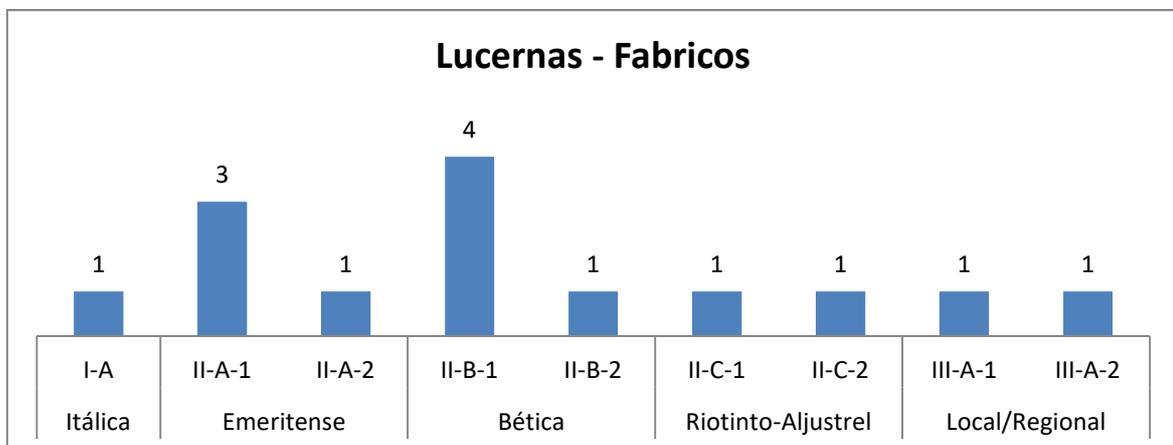
- Gráfico 6.2. Lucernas



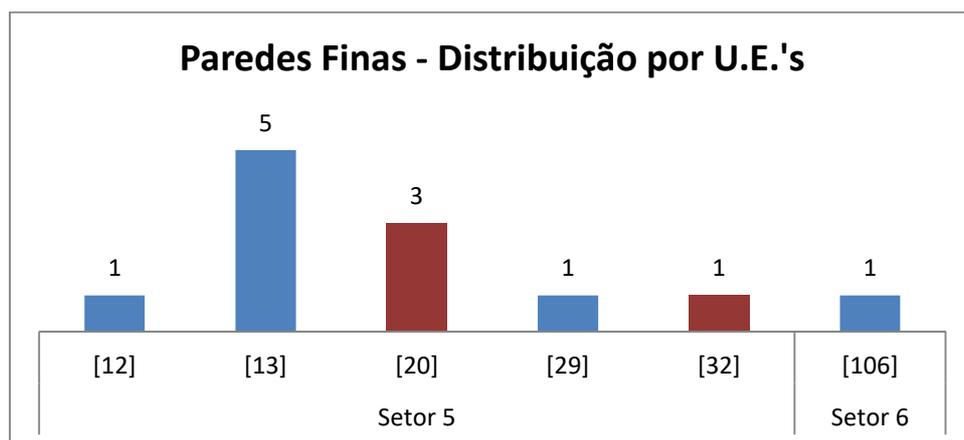
• Gráfico 6.3. Lucernas



• Gráfico 6.4. Lucernas

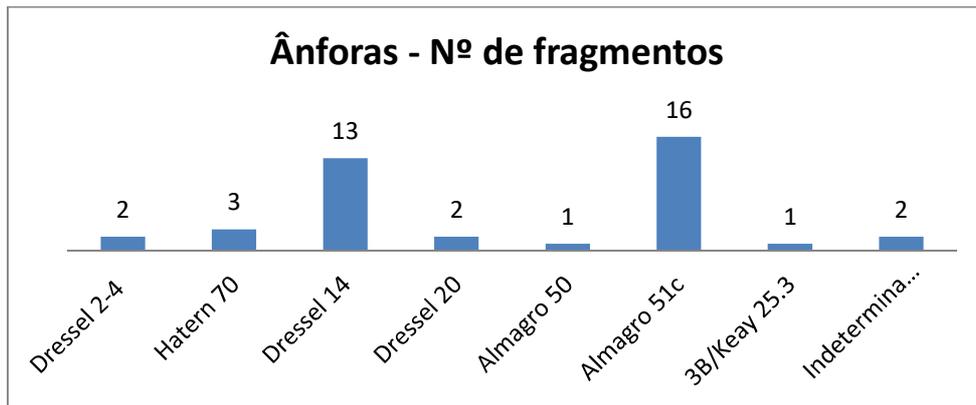


• Gráfico 6.5. Lucernas

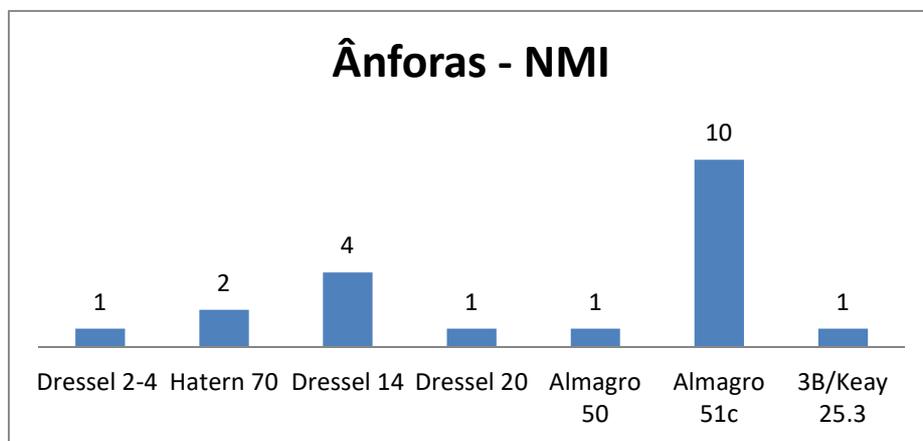


■ Contextos Romanos

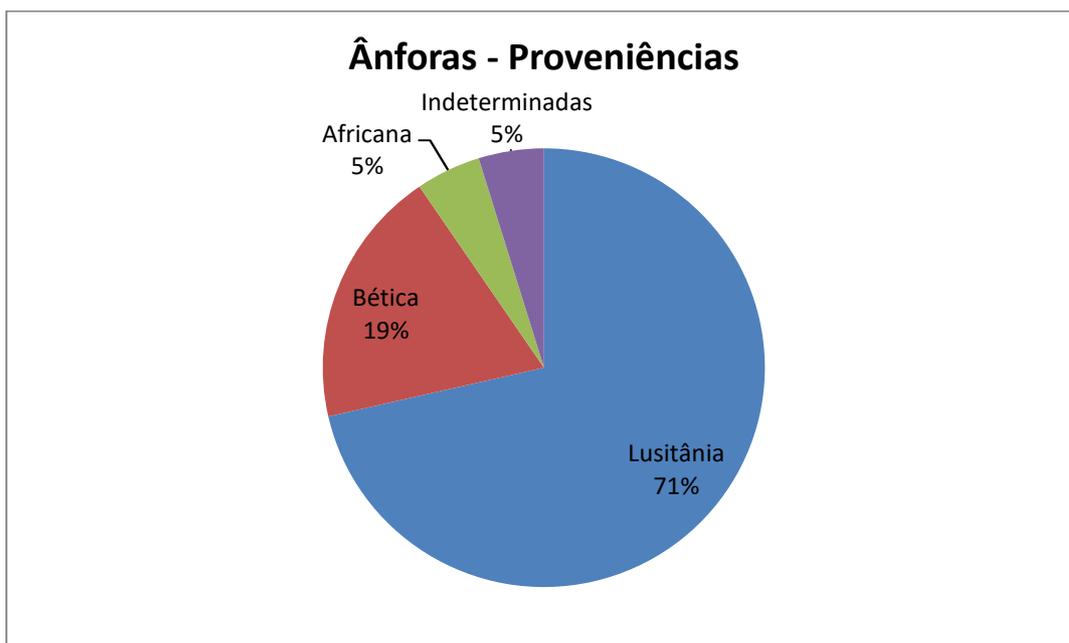
• Gráfico 7 – Ânforas



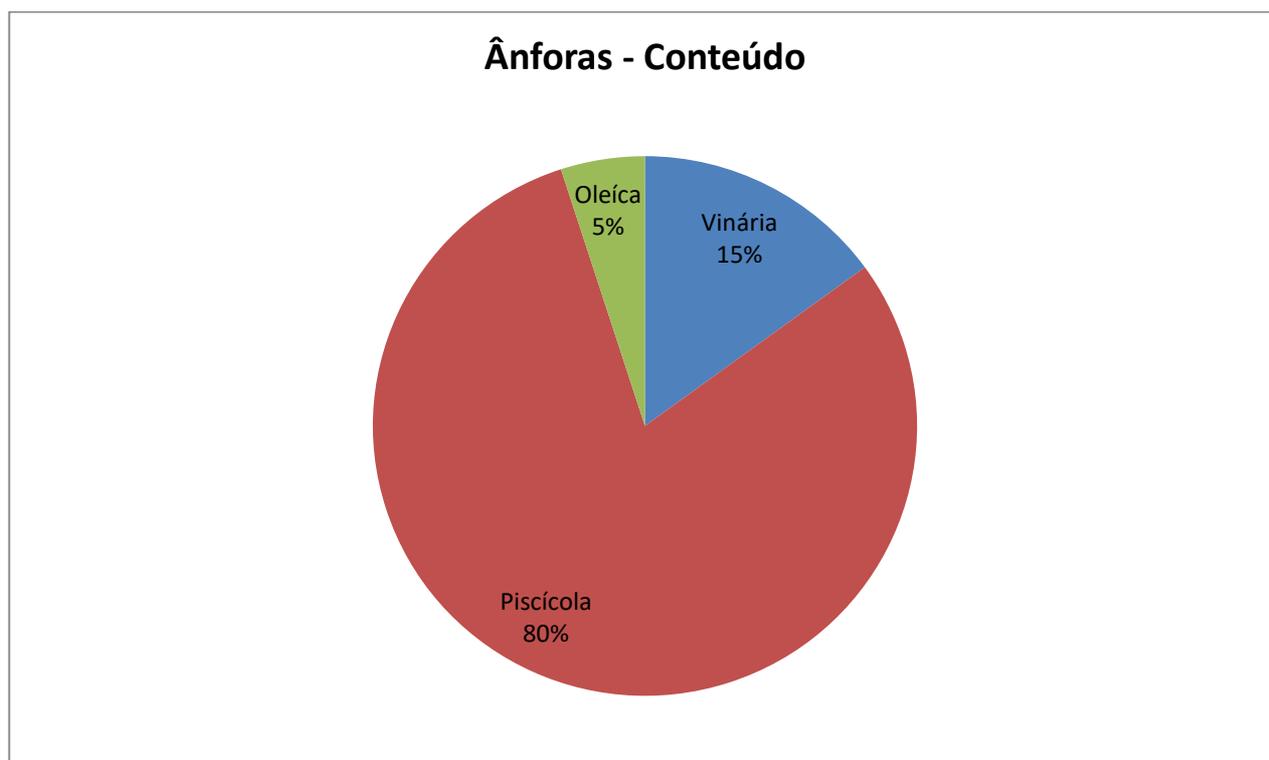
• Gráfico 7.1. Ânforas



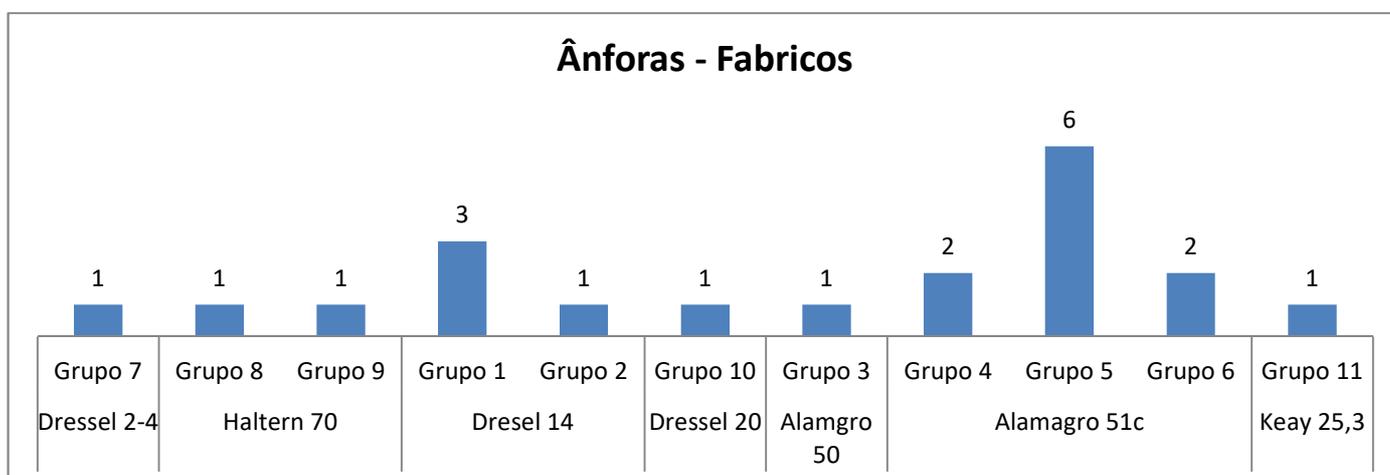
• Gráfico 7.2. Ânforas



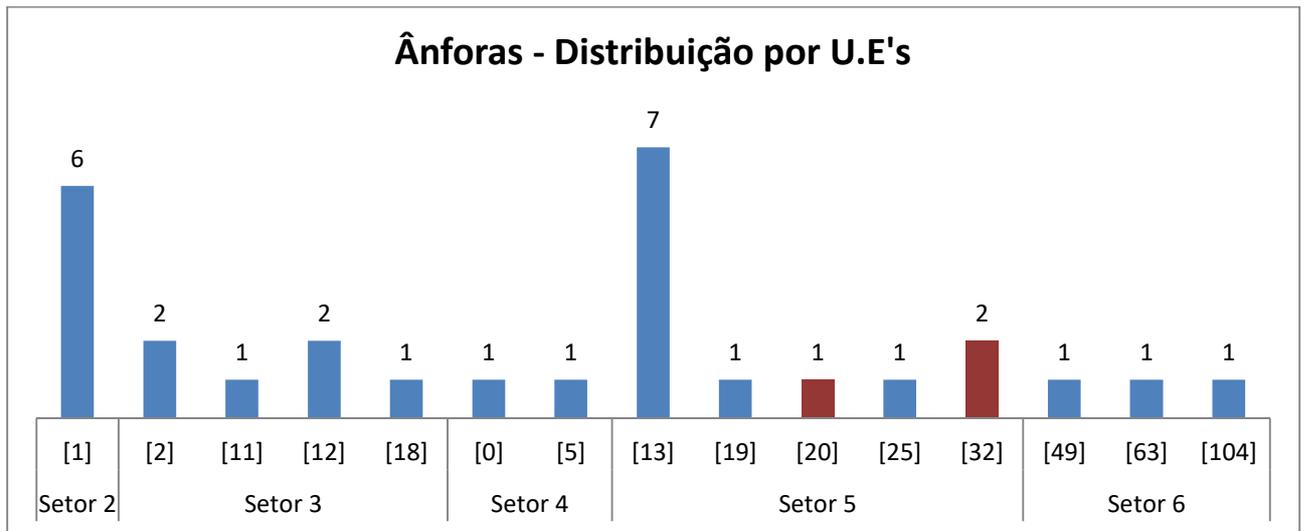
• Gráfico 7.3. Ânforas



• Gráfico 7.4. Ânforas

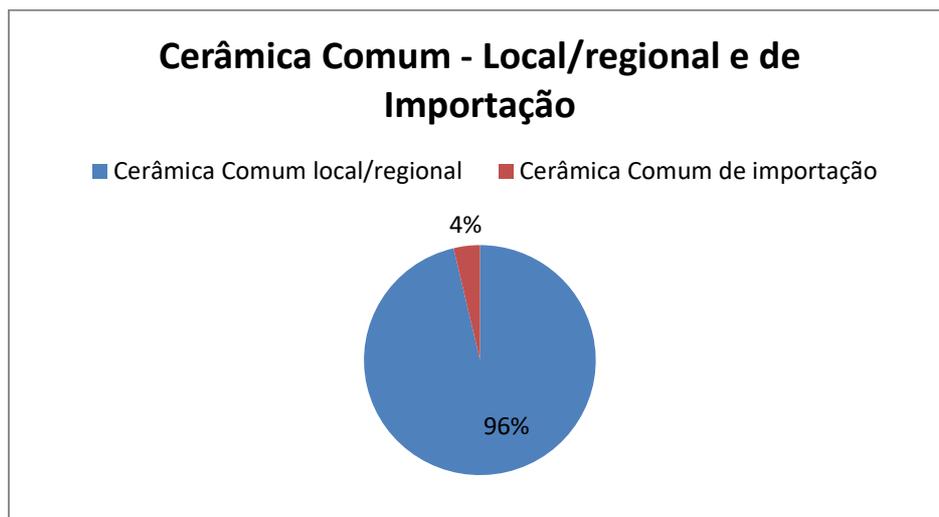


- Gráfico 7.5. Ânforas

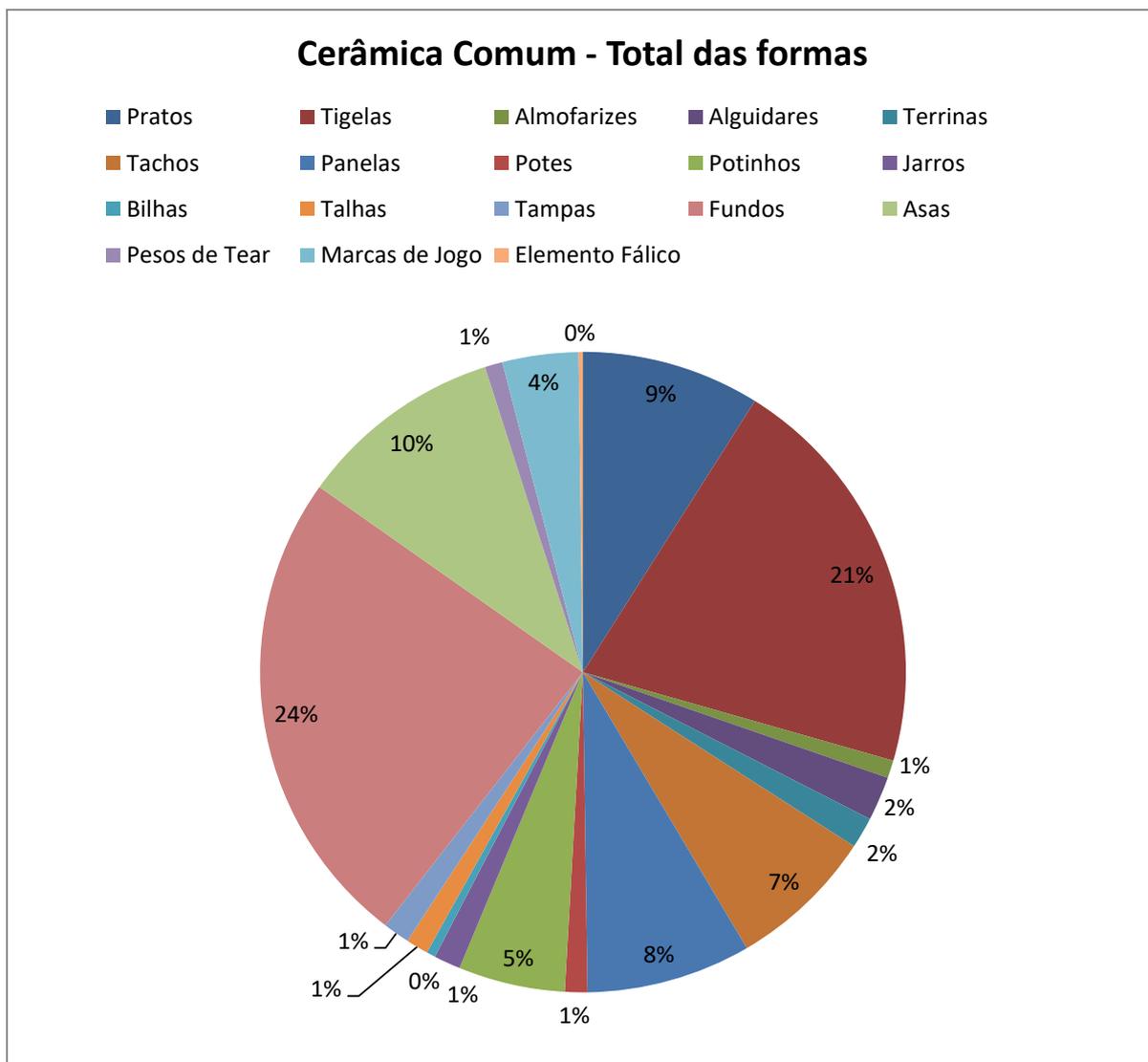


■ Contextos Romanos

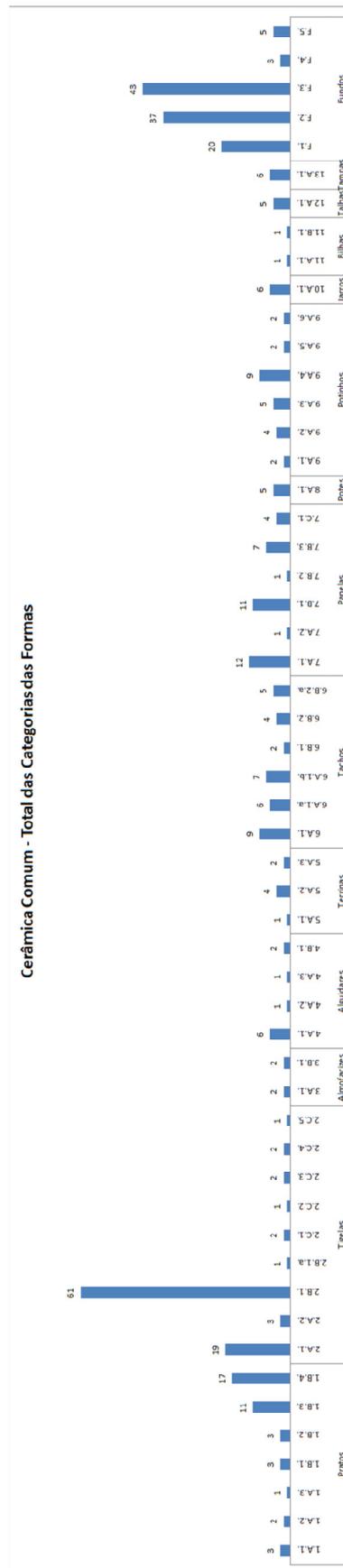
- Gráfico 8 – Cerâmica Comum



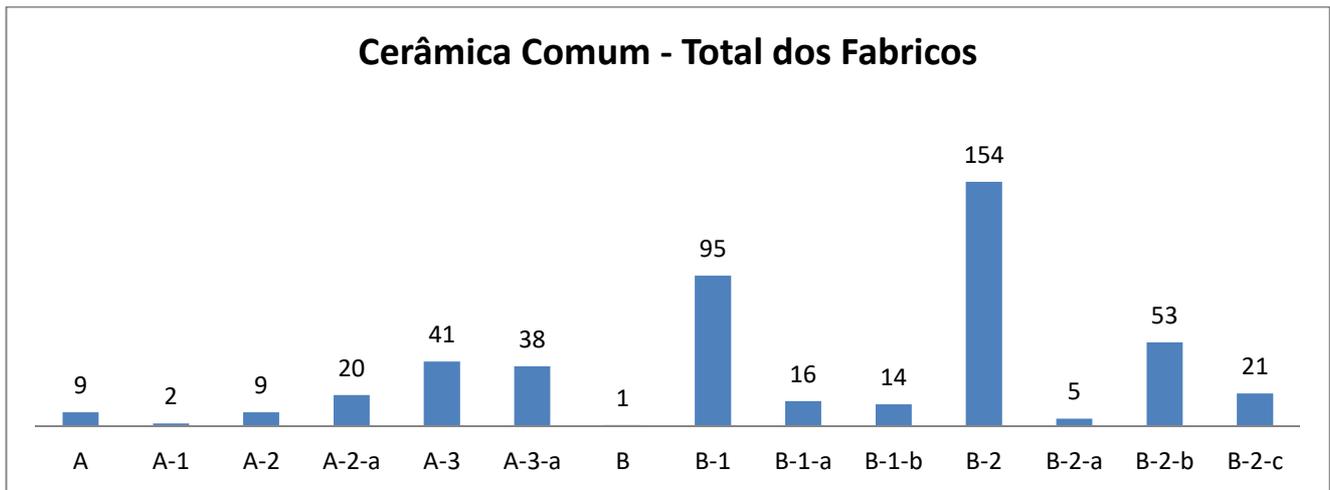
• Gráfico 8.1. Cerâmica Comum



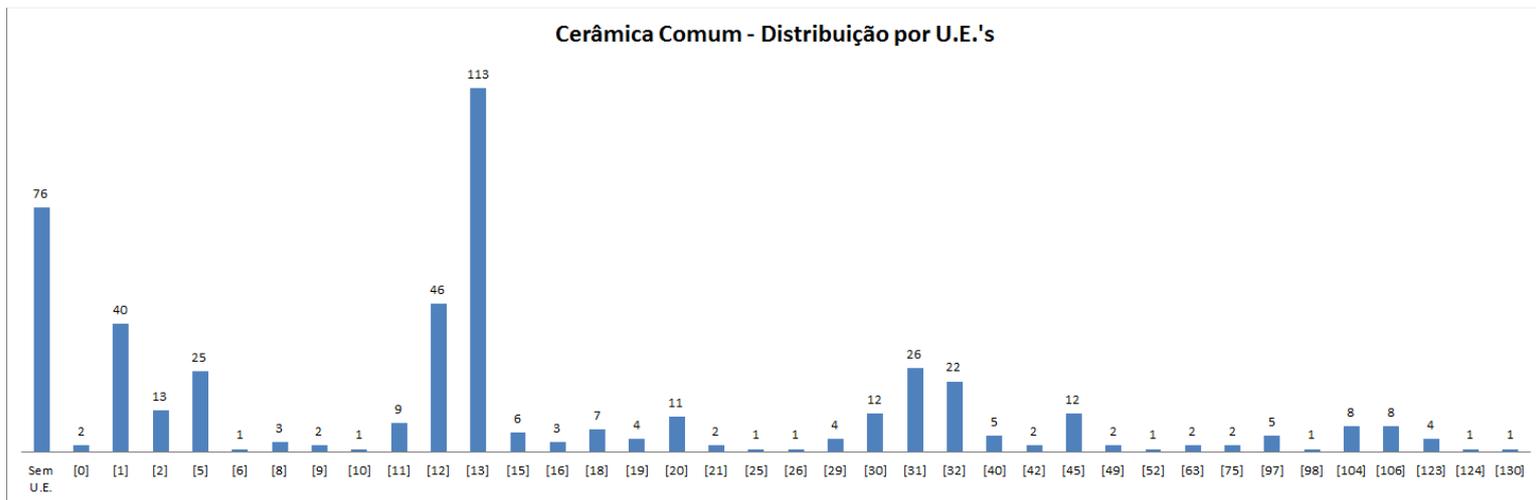
• Gráfico 8.2. Cerâmica Comum



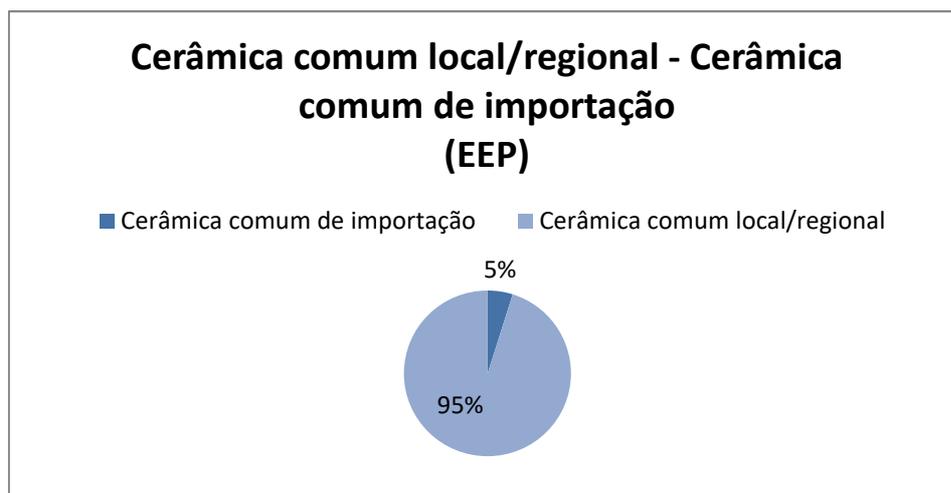
• Gráfico 8.3. Cerâmica Comum



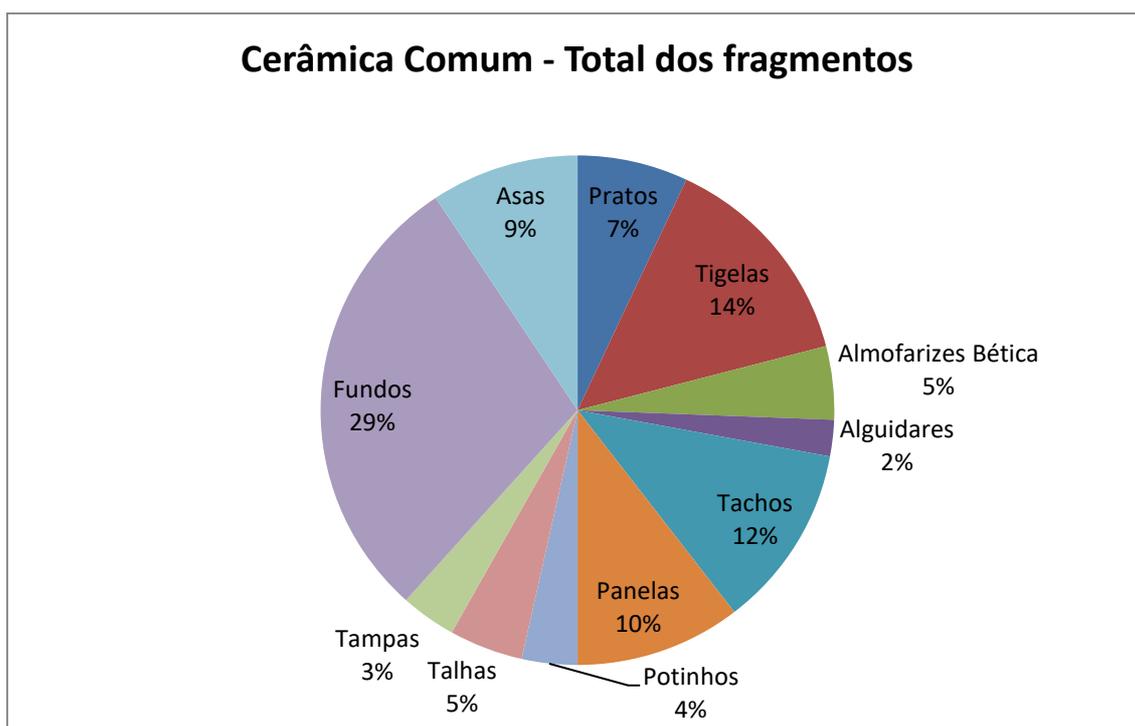
• Gráfico 8.4. Cerâmica Comum



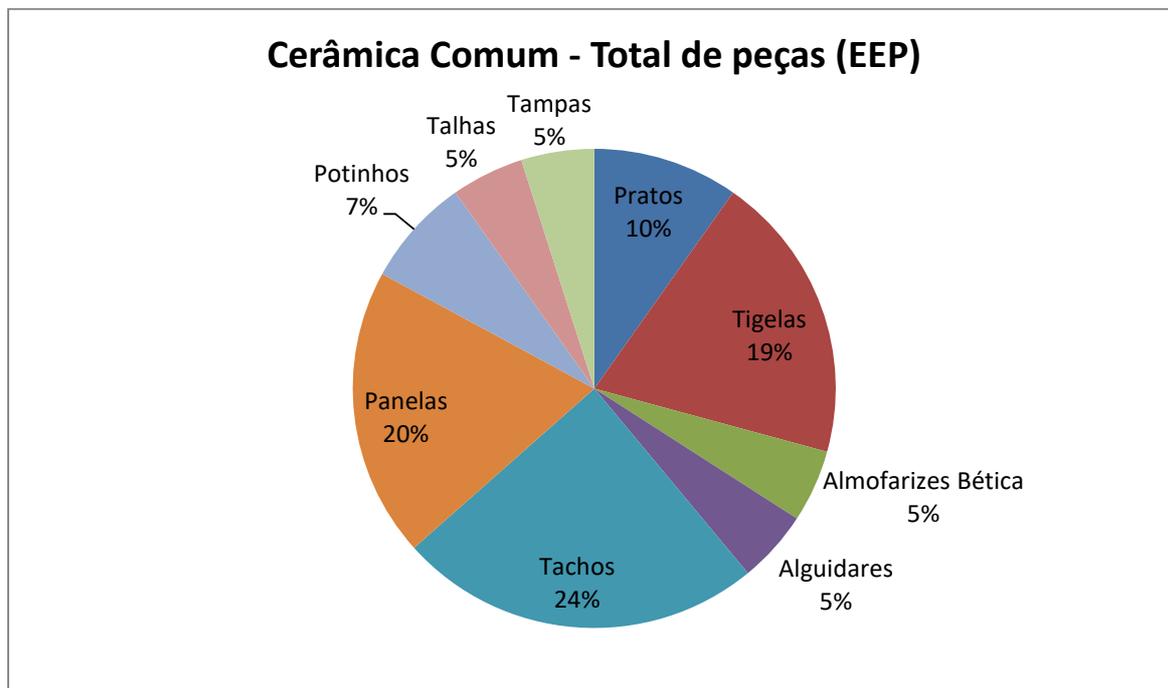
- **Gráfico 9 – Cerâmica Comum (Contextos Romanos)**



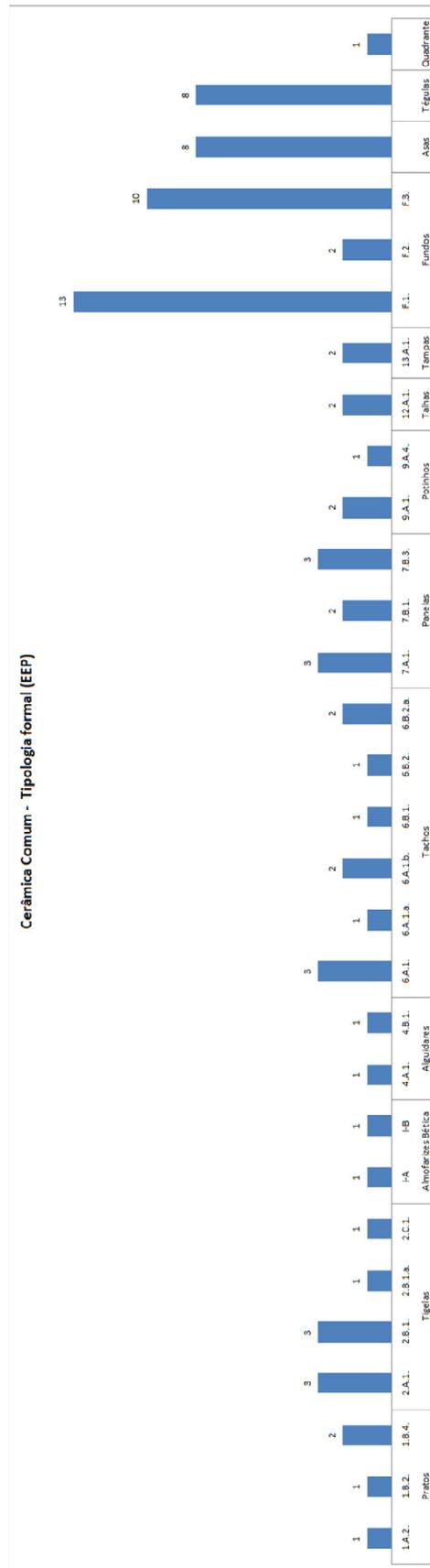
- **Gráfico 9.1. Cerâmica Comum (Contextos Romanos)**



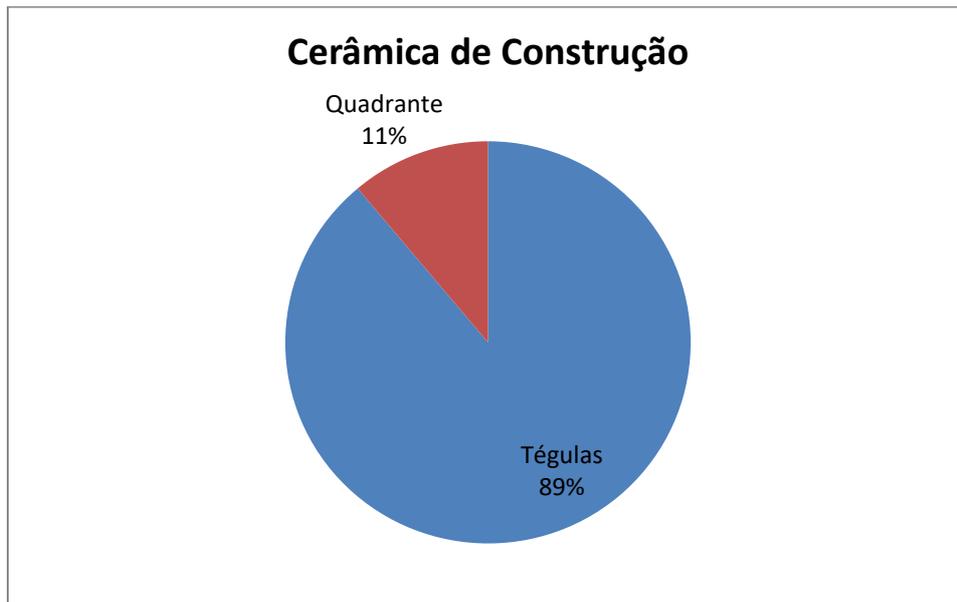
- Gráfico 9.2. Cerâmica Comum (Contextos Romanos)



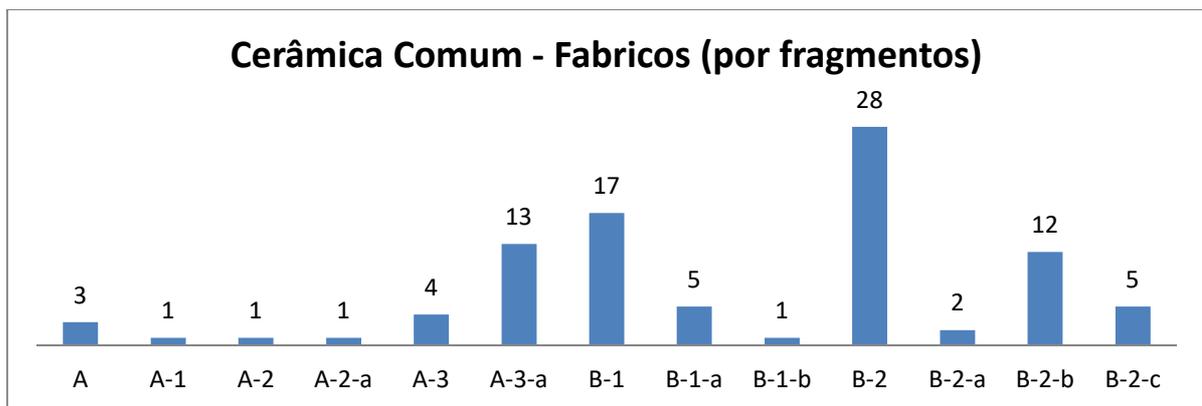
• Gráfico 9.3 Cerâmica Comum (Contextos Romanos)



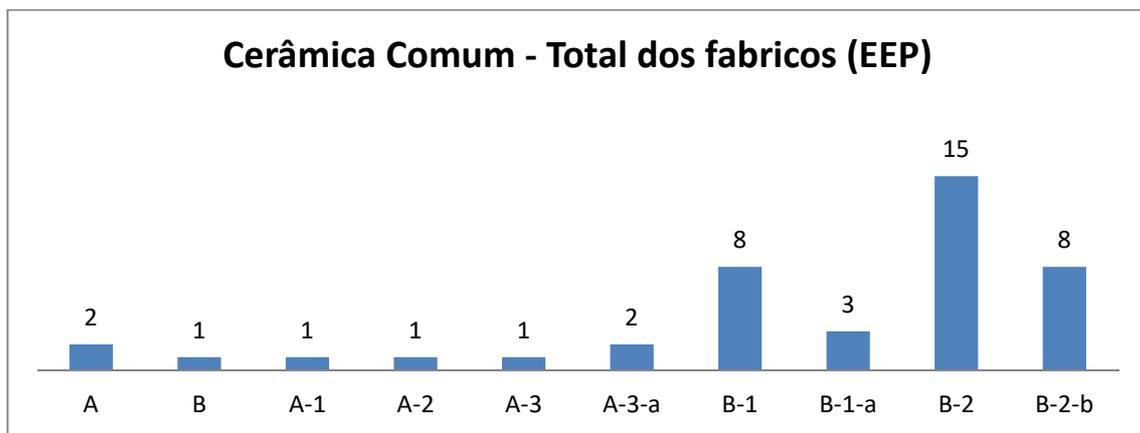
- **Gráfico 9.4. Cerâmica Comum (Contextos Romanos)**



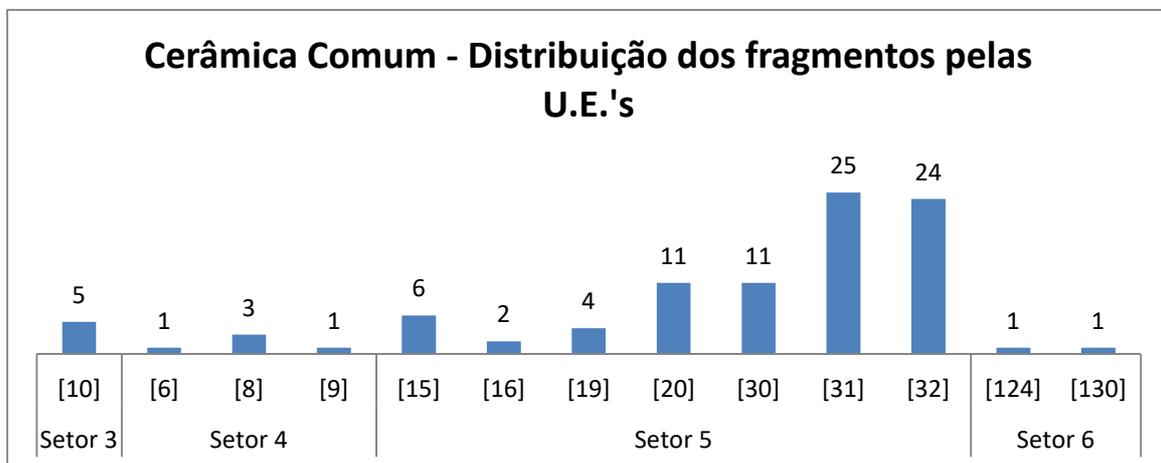
- **Gráfico 9.5. Cerâmica Comum (Contextos Romanos)**



- Gráfico 9.6. Cerâmica Comum (Contextos Romanos)

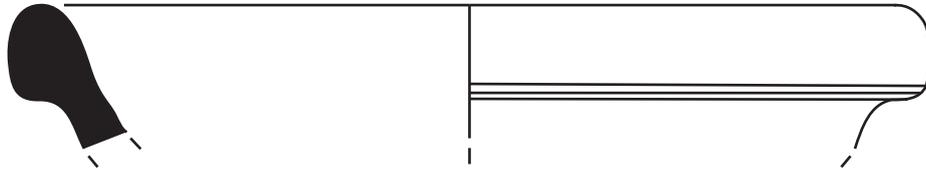


- Gráfico 9.7. Cerâmica Comum (Contextos Romanos)



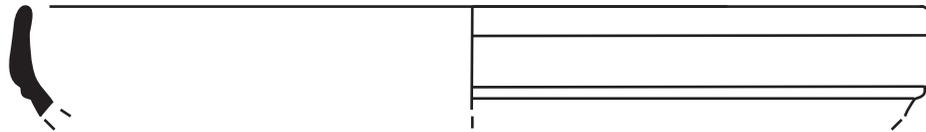
Terra Sigillata Itálica

Conspectus 12



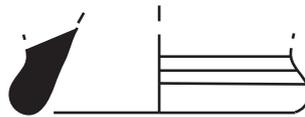
PLG.S5[13]1885

Conspectus 18



PLG.S5[13]1894

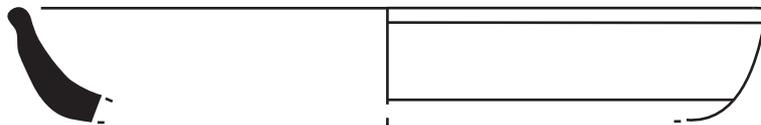
Indeterminados



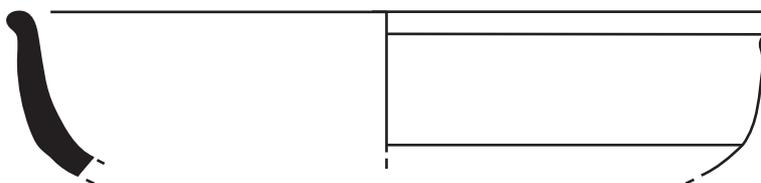
PLG.S5[30]2232

Terra Sigillata Sudgálica

Drag. 18



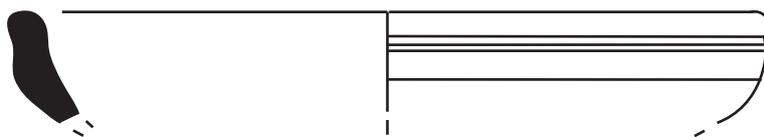
PLG.S5[31]2395



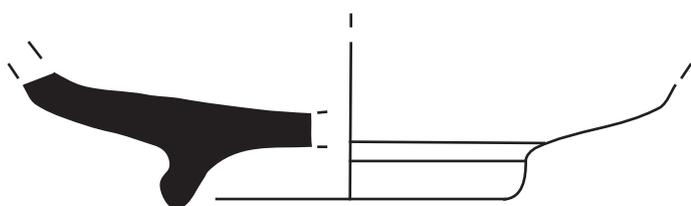
PLG.S5[13]1900



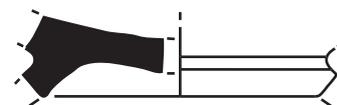
Drag. 18 (cont.)



PLG.S5[20]2391

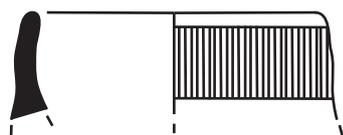


PLG.S5[31]2396

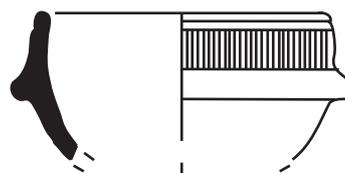


PLG.S5.2410

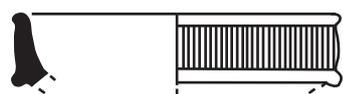
Drag. 24/25



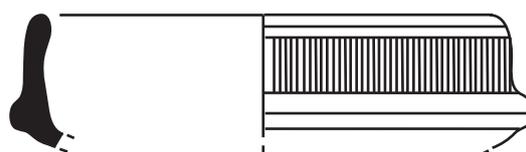
PLG.S5[20]2393



PLG.S4[8]1423



PLG.S5[20]2388



PLG.S5[20]2392

Drag. 27



PLG.S3[11]2365

Indeterminado

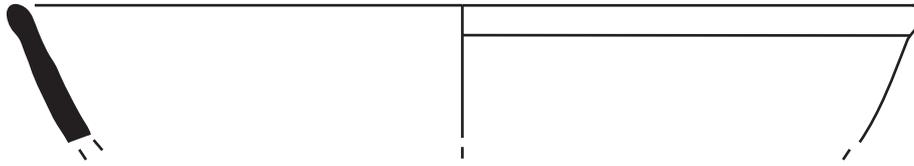


PLG.S3.2375



Terra Sigillata Hispànica

Drag. 15/17



PLG.S5[13]1889



PLG.S5[13]1899



PLG.S5.2412



PLG.S5[13]1891



PLG.S3[18]2370



PLG.S3[11]2364



PLG.S5[13]2032



PLG.S3[18]2371

Drag. 18



PLG.S5.2398



PLG.S3.2376

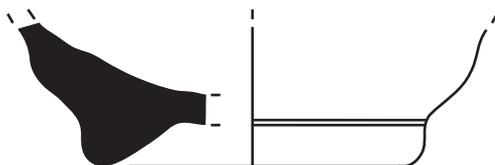


PLG.66



PLG.S5[13]1903

Drag. 27



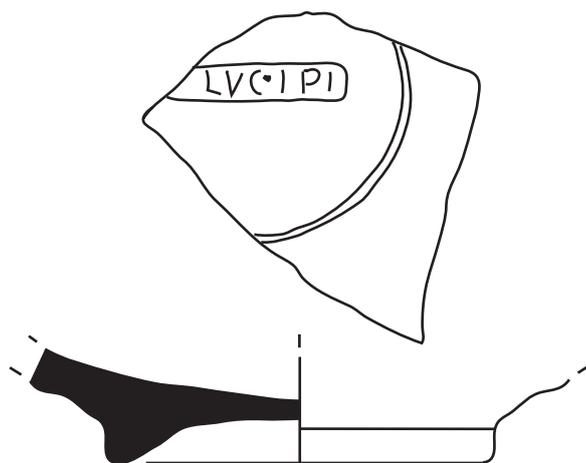
PLG.S6[72]3238



PLG.S5[13]1875

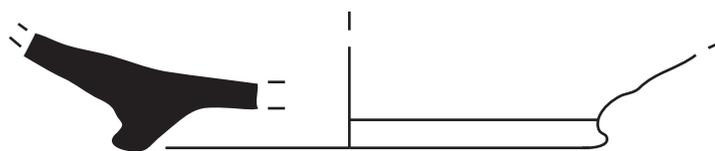


Drag.27 (cont.)

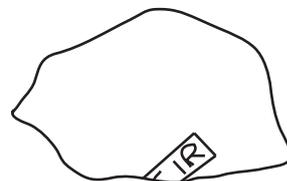


PLG.S5.2399

Drag.30



PLG.S5[31]2397



PLG.S6[72]3239

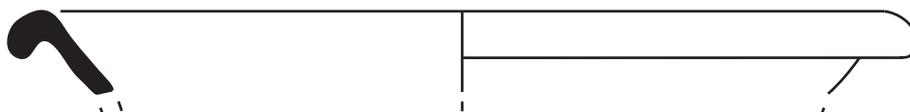


PLG.S3[12]1565

Drag.35/36



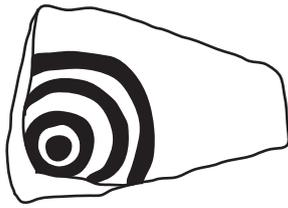
PLG.S4[8]1426



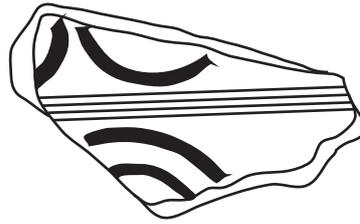
PLG.S2[1]622



Indeterminados



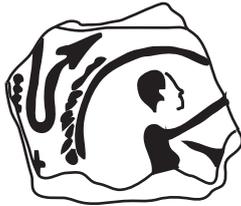
PLG.S5[13]1873



PLG.S5.2404



PLG.S5.2403



PLG.S5[20]2383



PLG.S5[20]2382



PLG.S5[30]2233



PLG.S5[20]2390



PLG.S3[18]2369



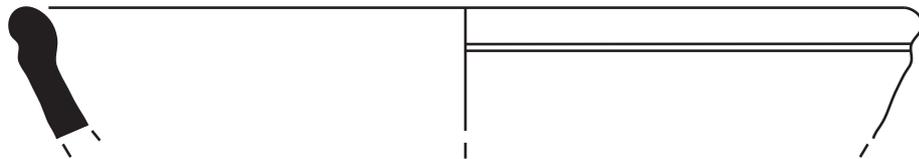
PLG.S6[124]3466



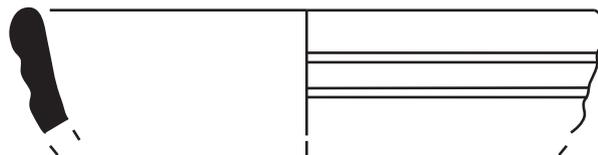
PLG.S5[20]2387

Africana A2

Hayes 9B



PLG.S5[13]1895



PLG.S5[13]1890

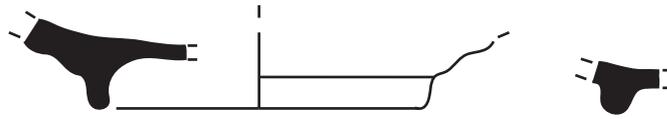


PLG.S5[13]2034



Africana C1/C2

Hayes 44



PLG.S5[13]1876

PLG.S5[13]1878

Africana C1
Hayes 50



PLG.S4[5]SN

Africana C4
Indeterminado



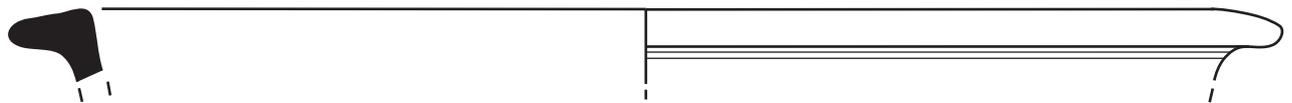
PLG.S5[19]2075

Africana D1

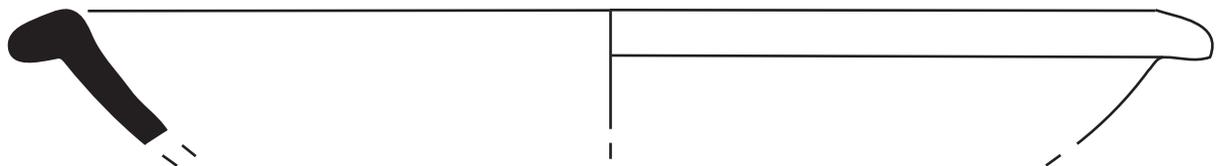
Hayes 58 AB



PLG.S6[106]3422



PLG.S5.2402



PLG.S5[13]1896

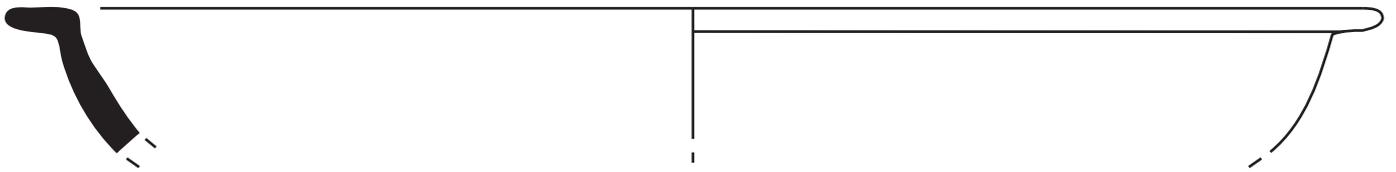


PLG.S5[13]1892

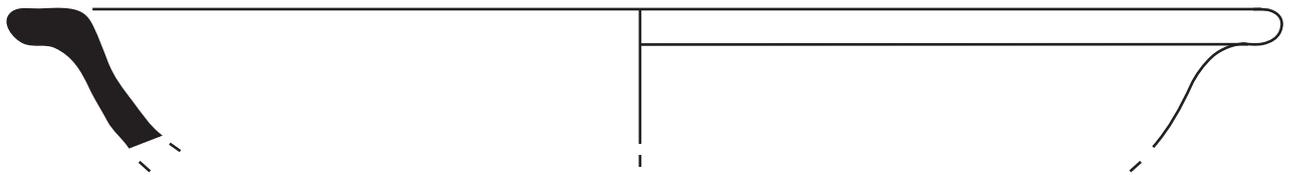


Africana D1

Hayes 59



PLG.S5[13]1897



PLG.S4[0]1243

Indeterminados



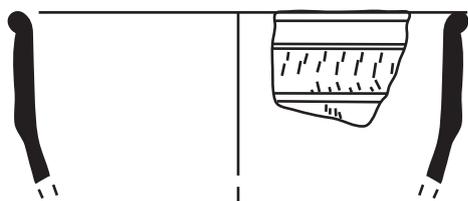
PLG.S5[13]1871



PLG.S5[13]1874



Produções Emeritenses



PLG.S6[74]3241



PLG.S5[13]1926



PLG.S5[13]1928



PLG.S5[20]2156



PLG.S6[106]3423



PLG.S5[13]1925



PLG.SN



PLG.S5[20]2151



PLG.S5[12]1637



PLG.S5[20]2148



PLG.S5[20]2150

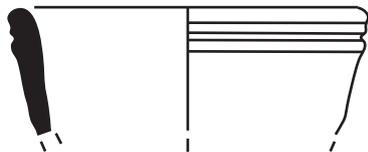


PLG.S6[104]3346



PLG.S5[12]1639

Produções da Bética



PLG.S6[45]3021



PLG.S5[20]2147



PLG.S3[19]1522



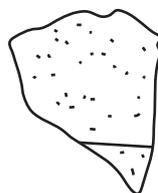
PLG.S6[69]3185



PLG.S5[12]1634



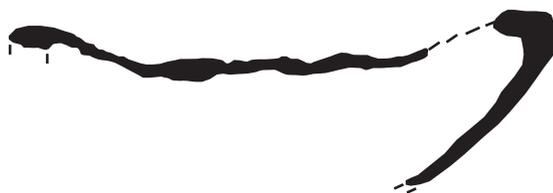
PLG.S6[104]3345



PLG.S5[20]2146

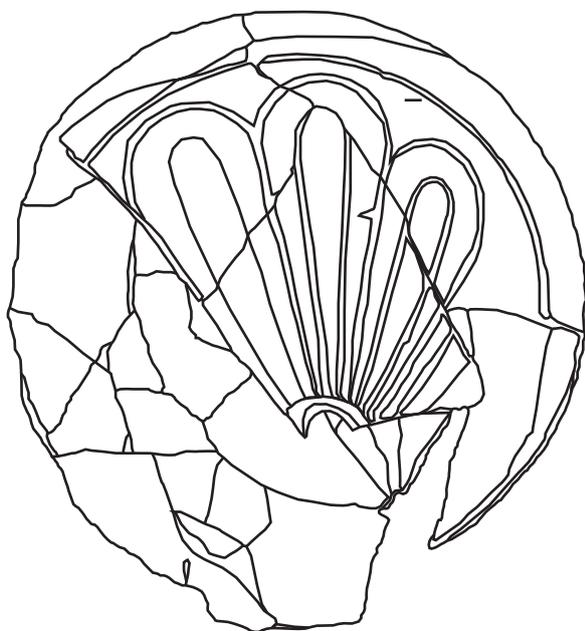


Grupo I - Produções Itálicas



PLG.S5[20]2116

Grupo II - II-A - Produções Emeritenses



PLG.S5[32]2407



PLG.S5[20]2154



PLG.S5[20]2155



PLG.SN (41)



Grupo II - II-B - Produções Béticas



PLG.S6[106]3425



PLG.S5[13]1913



PLG.S5[12]1638

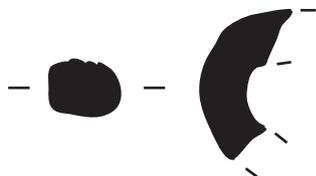


SN (40)

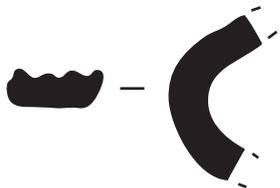


PLG.S5[29]2216

Grupo II - II - C - Riotinto-Aljustrel



PLG.S5[13]1915



PLG.S5[13]1914

Grupo III - Produções locais/regionais



PLG.S5[13]1921



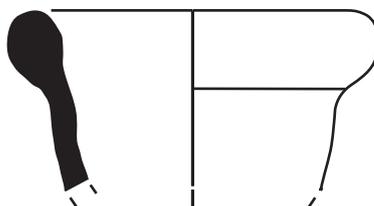
PLG.5[13]1983



Dressel 2-4



PLG.S5.1546

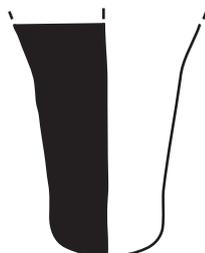


PLG.S5.1559

Haltern 70



PLG.20



PLG.S3[11]1168



PLG.SN(5)

Dressel 20

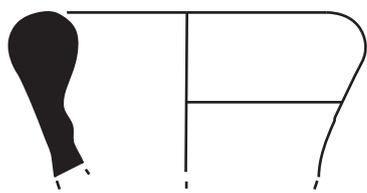


PLG.SN(6)

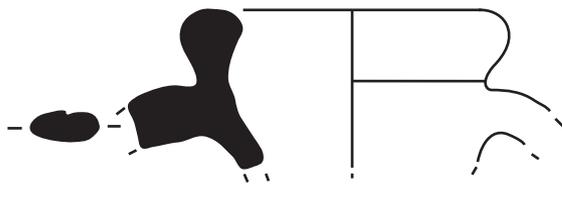


PLG.S4[0]1245

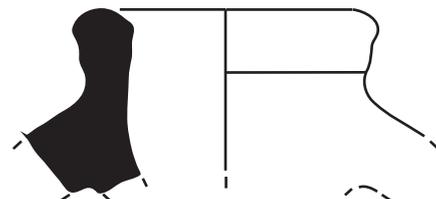
Dressel 14



PLG.68



PLG.S2.SI6[1]1018



PLG.S2.SI6[1]1016



PLG.S5[19]2089



PLG.S3.F1[2]1135



PLG.S4[5]1355



PLG.25



PLG.S6[104]3357



PLG.S5[13]1966



PLG.S5[32]2314

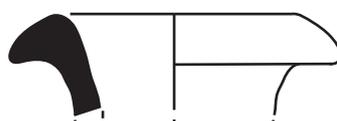


PLG.S3[18]1525

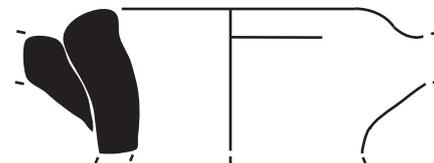
Almagro 51c



PLG.S5[13]1972



PLG.S5[20]2118



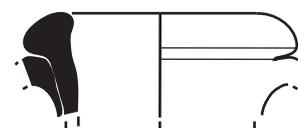
PLG.S5[13]1969



PLG.S5[13]1824



PLG.S5[13]1988



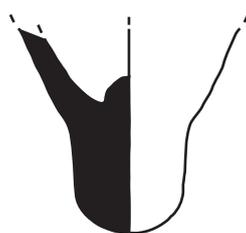
PLG.S58[13]1771



PLG.73



PLG.S2.SI4.5[1]950



PLG.S3.F1[2]1132



PGL.S5[25]2187



PLG.S6.3479



Almagro 51c



PLG.S6[49]3043



PLG.SN (7)



PLG.S2.SI6[1]1017



PLG.SN (8)



PLG.S3[12]1531

Almagro 50



PLG.S6[63]3155

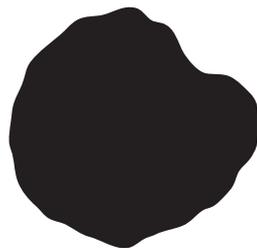
Africana

3B/Keay 25.3



PLG.S5[31]2311

Indeterminados



PLG.S3[12]1472



PLG.S5[13]1965

1.A. Pratos de bordo direito

1.A.1. Prato com a parede arqueada e o bordo simples



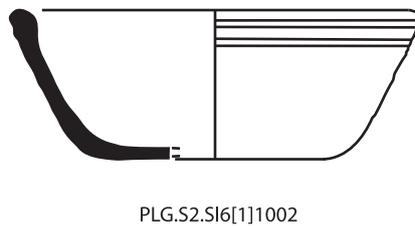
1.A.2. Prato com a parede pouco arqueada e o bordo espessado biselado



1.A.2. Contextos romanos

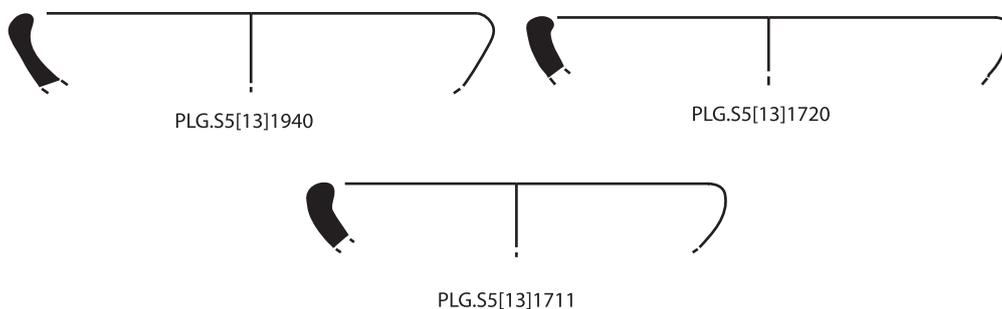


1.A.3. Prato com a parede oblíqua e reta e o bordo simples ou muito levemente boleado

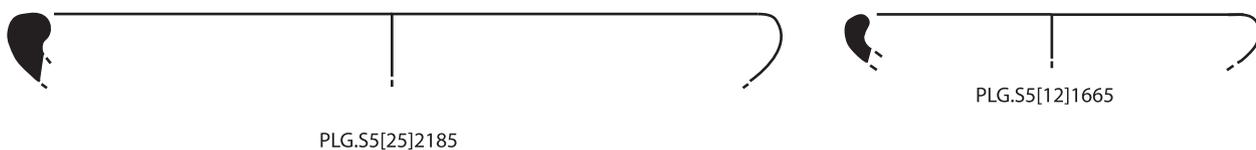


1.B.1. Pratos de bordo voltado para o interior

1.B.1. Prato com a parede levemente arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior



1.B.2. Prato com a parede reta muito evasada e o bordo boleado muito voltado para o interior



1.B.2. Contextos romanos



PLG.S6[124]3462

1.B.3. Prato com parede alta, obliqua e quase reta, e bordo formando pequeno lábio triangular voltado para o interior



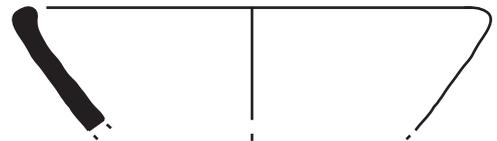
PLG.S5[13]1840



PLG.S5[13]1742



PLG.S5[13]2029



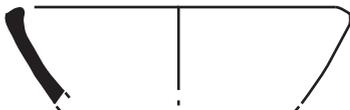
PLG.S4[5]1362



PLG.S4[5]1384



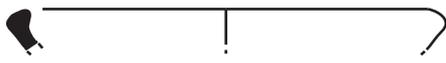
PLG.S5[12]1598



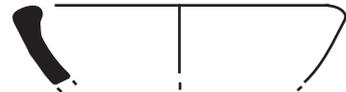
PLG.S5[13]1837



PLG.S5[13]1777



PLG.S5[12]1676

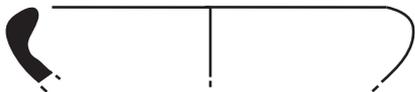


PLG.S4[5]1392



PLG.S5[13]1809

1.B.4. Prato com a parede obliqua quase reta e o bordo dobrado para o interior



PLG.S5[13]1988



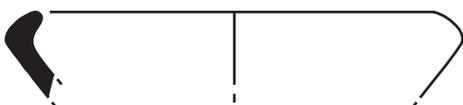
PLG.S6[45]3006



SN (2)



PLG.S4[1]1250



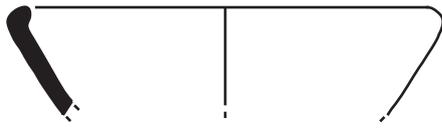
PLG.S1.78



PLG.S6[45]3000



1.B.4. (cont.)



PLG.S4[5]1385



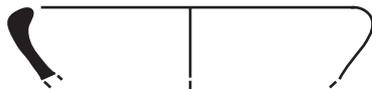
PLG.S5[13]1752



PLG.S5[13]1791



PLG.S5[13]1935



PLG.S6[45]2999

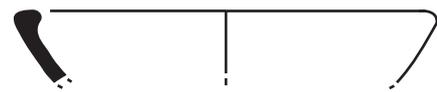


PLG.S5[13]1836 PLG.S5[13]1953

1.B.4. Contextos romanos



PLG.S5[31]2249



PLG.S5[31]2251



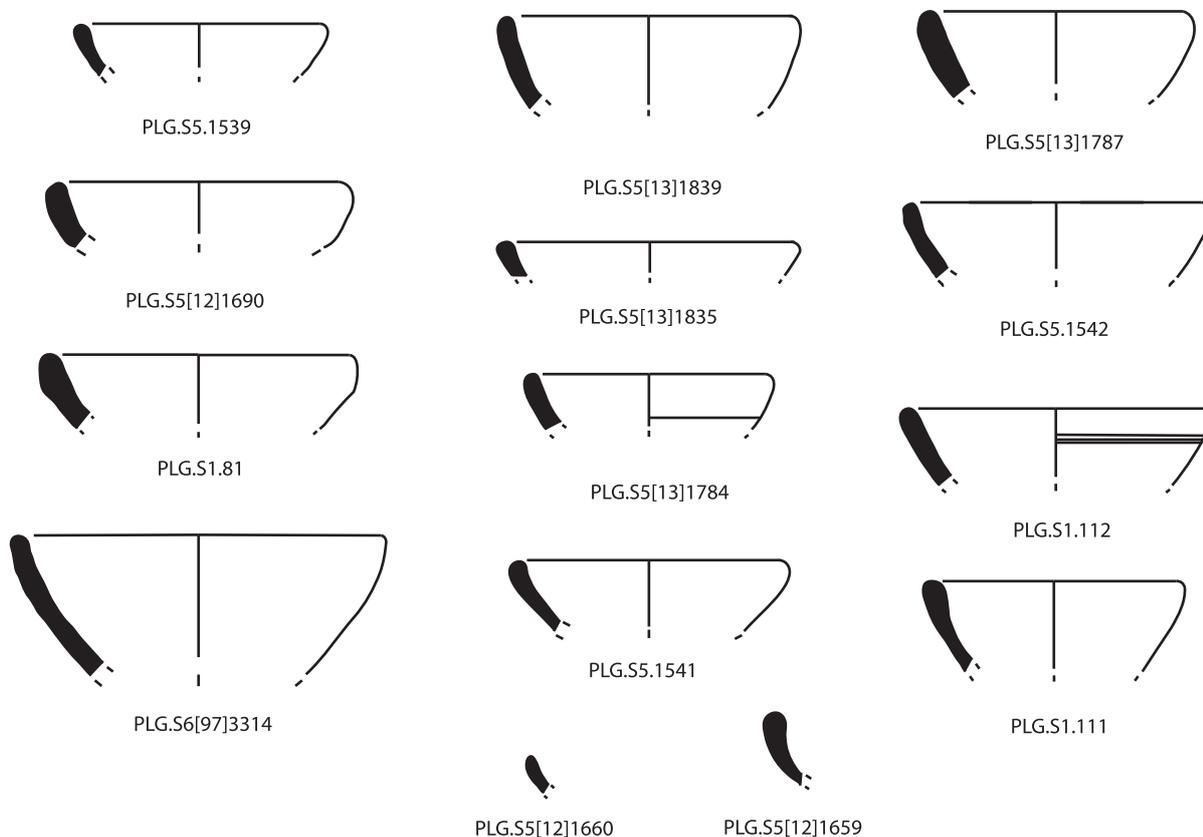
PLG.S5[15]2040



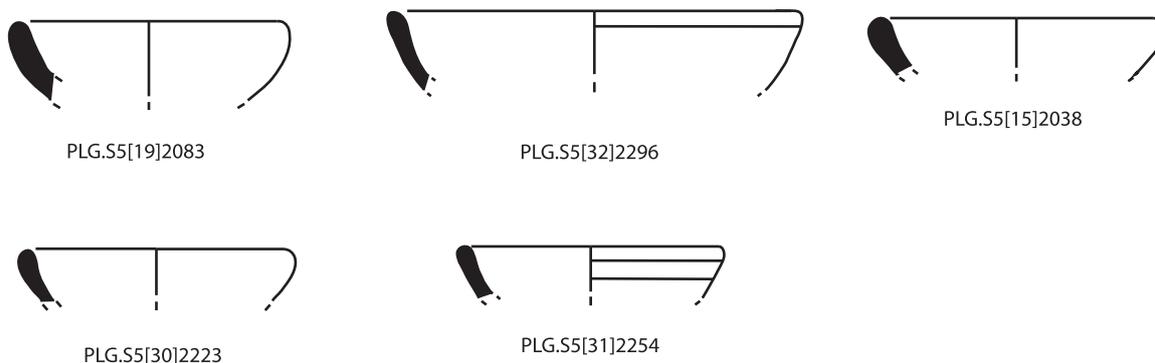
PLG.S5[31]2247

2.A. Tigelas de bordo direito

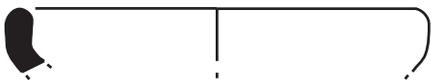
2.A.1. Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado



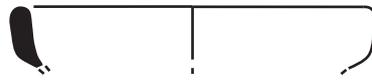
2.A.1. Contextos romanos



2.A.2. Tigela carenada, com carena alta, a parte superior da parede aprumada ou levemente oblíqua, e o bordo simples, por vezes levemente espessado



PLG.S6[106]3389



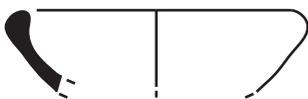
PLG.S3[11]1165



PLG.S5.1545

2.B. Tigelas de bordo voltado para o interior

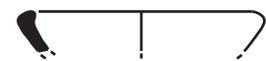
2.B.1. Tigela com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior



PLG.S5[13]1942



PLG.S5[12]1670



PLG.S4[5]1386



PLG.S5[13]2011



PLG.S5[13]1996



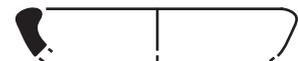
PLG.S5[13]1805



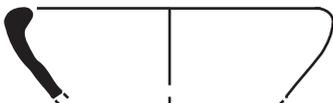
PLG.S5[13]1793



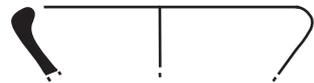
PLG.S5[13]1794



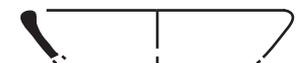
PLG.S5[13]2007



PLG.S4[0]Nr.ilegivel (2)



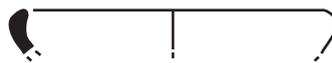
PLG.S5[13]1992



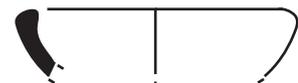
PLG.S5[13]1948



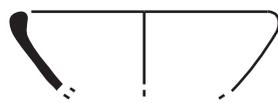
PLG.S4[5]1352



PLG.S5[13]1750



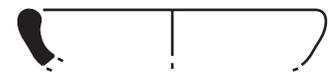
PLG.S5[13]Nr.ilegivel (67)



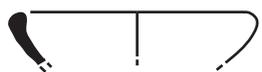
PLG.S5[13]1722



PLG.S5[12]1645



PLG.S4[0]1218



PLG.S5[12]1666



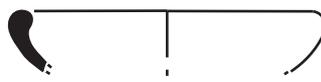
PLG.S3[1]1120



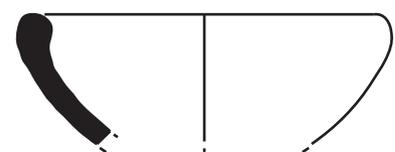
PLG.S5[13]1663



PLG.S4[5]1395



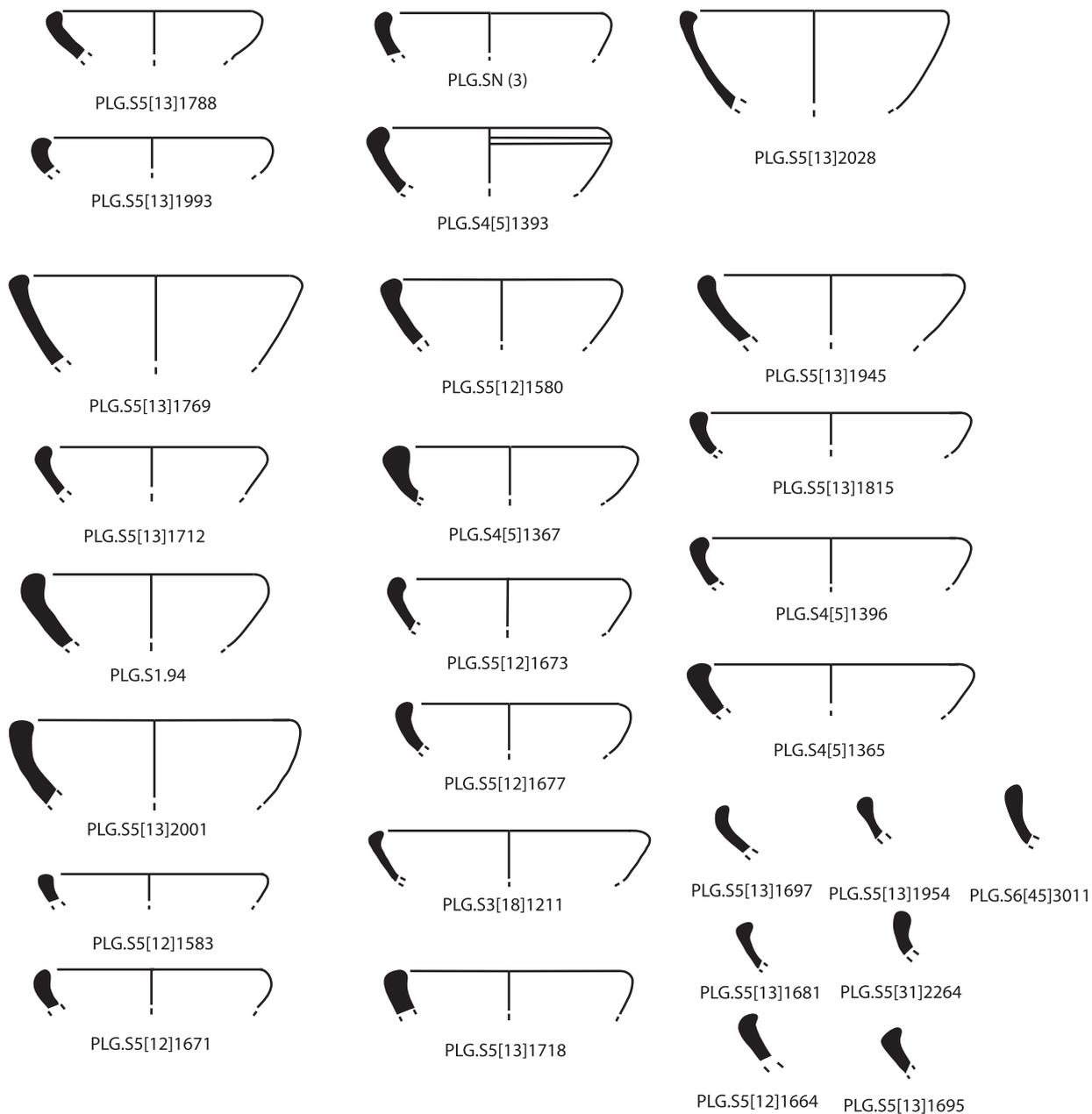
PLG.S1.82



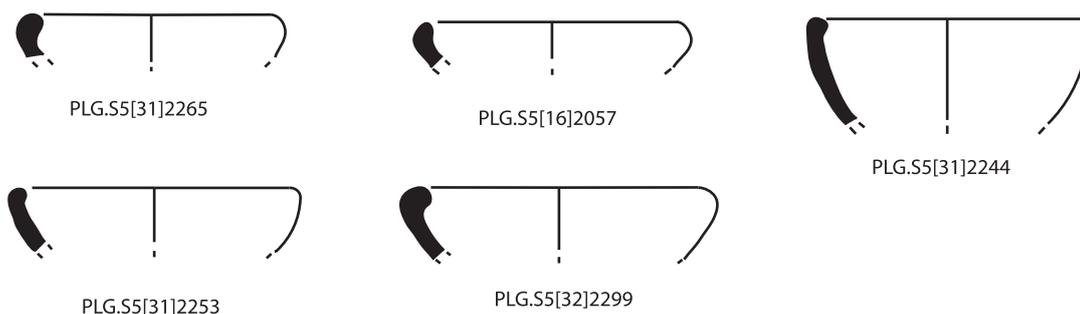
PLG.S6[106]3399



2.B.1.(cont.)

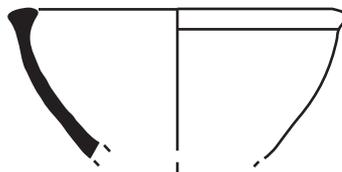


2.B.1. Contextos romanos



2.B.1.a. Tigela com a parede arqueada e o bordo espessado formando face interna oblíqua

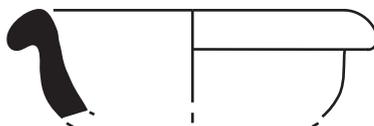
2.B.1.a. Contextos romanos



PLG.S5[31]2248

2.C. Tigelas de bordo voltado para o exterior

2.C.1. Tigela de parede arqueada e o bordo amendoado e descaído



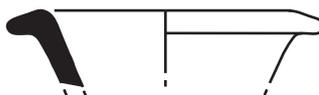
PLG.S6[104]3350

2.C.1. Contextos romanos



PLG.S5[20]2124

2.C.2. Tigela com a parede arqueada e o bordo em aba horizontal levemente descaída



PLG.S3[18]1526

2.C.3. Tigela com o bordo formando lábio arredondado levemente voltado para o exterior e a parede arqueada



PLG.S4[1]1330

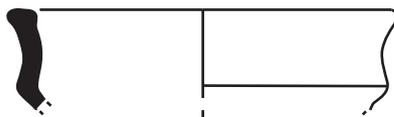


PLG.S5.1537

2.C.4. Tigela com a parede contracurva, formando carena a meio da pança, e com a parte superior voltada para fora

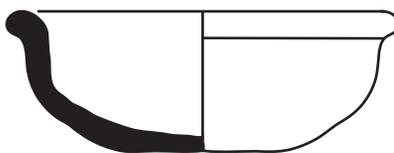


PLG.S5[12]1661



PLG.SN (10)

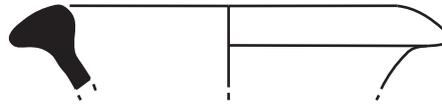
2.C.5. Tigela de bordo voltado para o exterior em aba alongada e pendente, de parede levemente curvada e oblíqua



PLG.SILO9.SN (14)

3.A. Almofarizes de bordo triangular

3.A.1. Almofariz de bordo triangular simples, por vezes com vertedouro, e parede levemente arqueada com estrias internas



PLG.S4[5]1389



PLG.S5[13]2004

3.B. Almofarizes de bordo direito com ressalto exterior

3.B.1. Almofariz de bordo direito e espessado com ressalto exterior descaído, parede quase reta e oblíqua, geralmente com estrias no interior



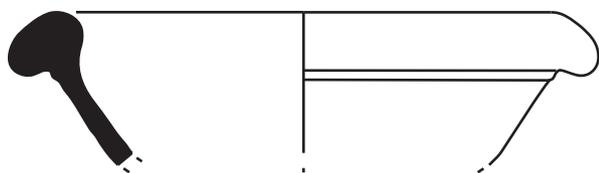
PLG.S5[13]1944



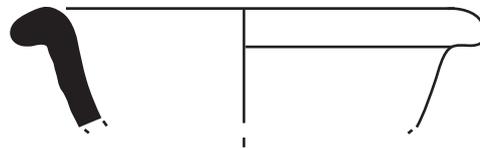
PLG.S5[13]1719

4.A. Alguidares de bordo voltado para o interior

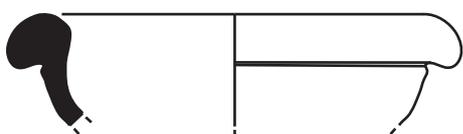
4.A.1. Alguidar com o bordo em aba amendoada ou oblíqua reentrante, parede reta ou arqueada pouco evasada



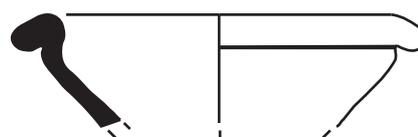
PLG.S2[2]664.673



PLG.42



PLG.S6[106]3395

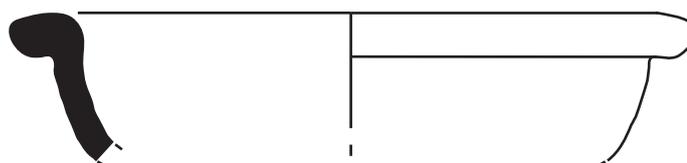


PLG.S2.S17.1040.1041.1052



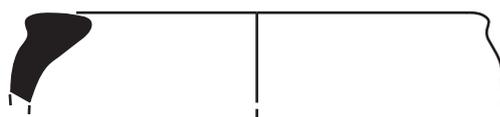
PLG.S6[104]3411

4.A.1. Contextos romanos



PLG.S5[31]2250

4.A.2. Alguidar com o bordo reentrante e triangular na continuidade da parede espessa e arqueada



PLG.S6[45]3004

4.A.3. Alguidar com o bordo reentrante e a parede arqueada

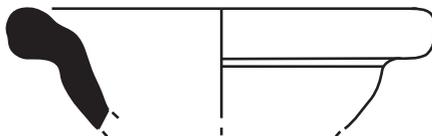


PLG.S5[26]2191



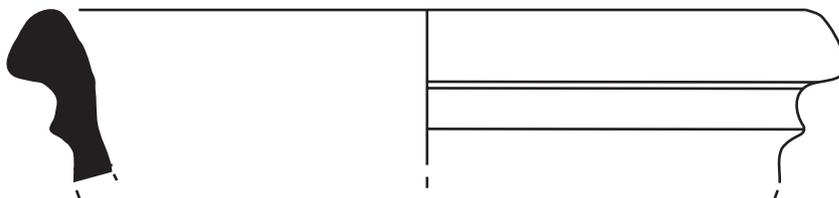
4.B. Alguidares de bordo voltado para o exterior

4.B.1. Alguidar com o bordo arqueado voltado para fora e formando carena com a parede levemente arqueada



PLG.S4[5]1351

4.B.1. Contextos romanos



PLG.S5[32]2320.2321

5.A. Terrinas de bordo voltado para o exterior

5.A.1. Terrina de bordo em aba amendoada oblíqua e truncada, por vezes com canelura exterior, bocal largo e pança esférica

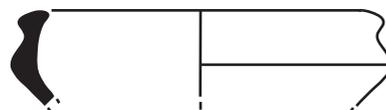


PLG.S5[12]1608

5.A.2. Terrina pequena e aberta, com o bordo espessado e oblíquo e a pança arqueada



PLG.S5[13]1832



PLG.S5[13]2003

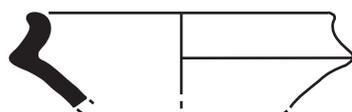


PLG.S5[13]1830



PLG.S4[5]1366.1394

5.A.3. Terrina aberta a carenada, com o bordo espessado levemente voltado para fora, parede evasada e reta, e asas horizontais



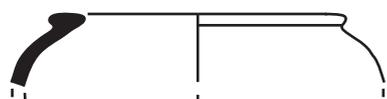
PLG.S4[5]1371



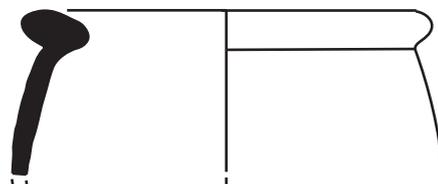
PLG.S5[16]2059

6.A. Tachos de bordo dobrado sobre o ombro

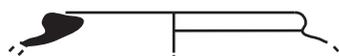
6.A.1. Tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovóide, sem asas



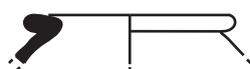
PLG.SN (11)



PLG.S6[98]3333



PLG.S5[13]1827

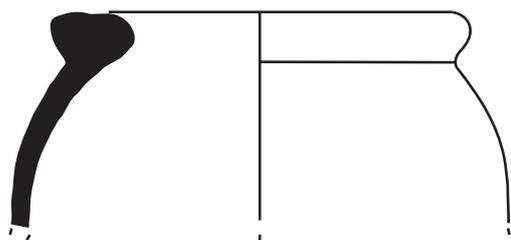


PLG.S2[1]602



PLG.S5[13]1828

6.A.1. Contextos romanos



PLG.S5[30]2235



PLG.S6[130]3476



PLG.S5[19]2082

6.A.1.a. Tacho de bordo levemente oblíquo dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovóide, sem asas



PLG.S1.87



PLG.S5[13]1691



PLG.S5[13]1743



PLG.S5[13]1933



PLG.S5[13]1987

6.A.1.a. Contextos romanos



PLG.S3[10]1151

6.A.1.b. Tacho de bordo dobrado sobre o ombro em forma de coração, bojo geralmente ovóide, sem asas



PLG.SN (31)



PLG.S5[12]1606



PLG.S3[11]1159

6.A.1.b. Contextos romanos



PLG.S5[31]2266



PLG.S5[20]2094

6.B. Tachos de bordo voltado para o exterior

6.B.1. Tacho de bordo horizontal ou levemente oblíquo de secção sub-retangular e parede quase reta



PLG.S4[5]1391

6.B.1. Contextos romanos



PLG.S5[31]2263

6.B.2. Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua descolada da pança, bojo geralmente ovóide, sem asas



PLG.S2[1]603



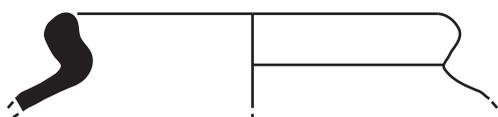
PLG.S5[13]2002

6.B.2. Contextos romanos

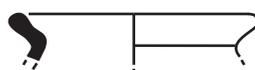


PLG.S5[32]2323.2327

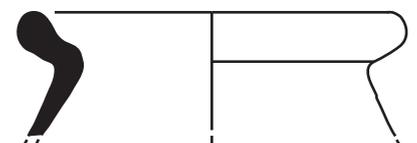
6.B.2.a. Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua levemente arqueada e descolada da pança, bojo geralmente ovóide, sem asas



PLG.S1.120



PLG.S5[13]1715



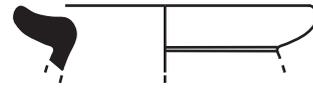
PLG.S1.48



6.B.2.a. Contextos romanos



PLG.S5[31]2260



PLG.S5[32]2326

7.A. Panelas de bordo dobrado sobre o ombro

7.A.1. Panela de bordo dobrado sobre o ombro e geralmente descolado da pança ovóide ou piriforme, sem asas, bordo pequeno e parede fina



PLG.S3[1]1126



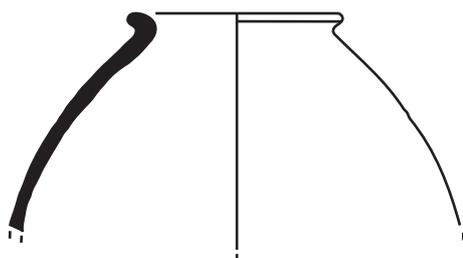
PLG.S5[13]1816



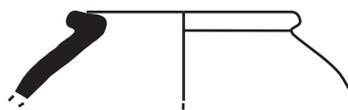
PLG.S5[12]1600.1587.1584



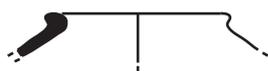
PLG.S5[12]1579.1615



PLG.S1.7



PLG.S5[21]2161



PLG.S4[5]1388



PLG.S5[13]1937

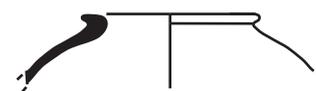
7.A.1. Contextos romanos



PLG.S5[31]2245

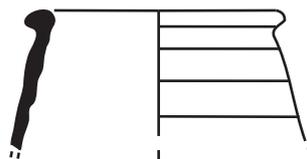


PLG.S5[31]2252



PLG.S5[31]2257

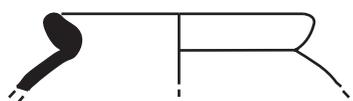
7.A.2. Panela de bordo dobrado sobre o ombro em forma de rim, pança geralmente piriforme, sem asas



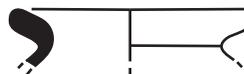
PLG.S2.SI6[1]995

7.B. Panelas de bordo voltado para o exterior

7.B.1. Panela de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e pança geralmente ovóide, por vezes com asas



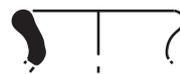
PLG.S2.SI7.1039.1030



PLG.S2[1]629



PLG.S6.3481



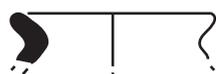
PLG.S5[13]1817



PLG.S6[104]3348



PLG.S1.117

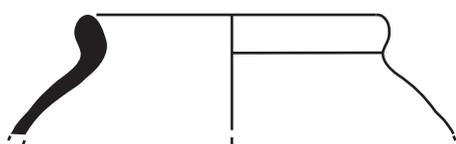


PLG.S1.86



PLG.S2.SI7.1034

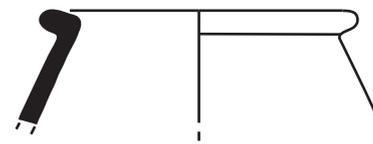
7.B.1. Contextos romanos



PLG.S5[19]2078

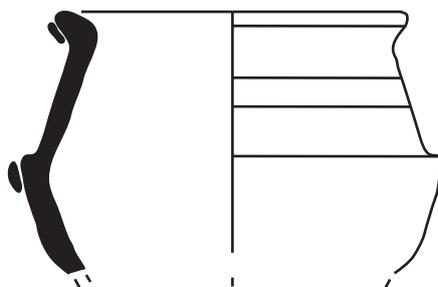


PLG.S5[20]2190



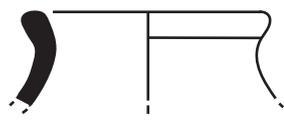
PLG.S4[9]1152

7.B.2. Panela de bordo oblíquo, espesso e anguloso, com topo plano ou levemente oblíquo, e voltado para fora, pança ovoide ou piriforme com asas



PLG.SILO9.SN (16)

7.B.3. Panela de bordo voltado para fora na continuidade da pança ovóide



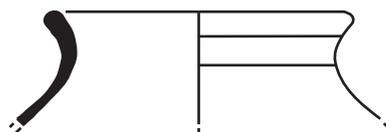
PLG.S3[11]1169



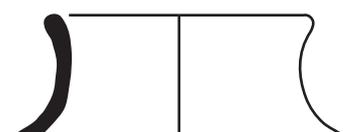
PLG.S2.SI4.5[1]958



PLG.S5[13]1776

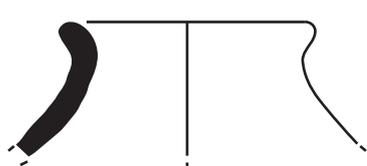


PLG.S2[1]643

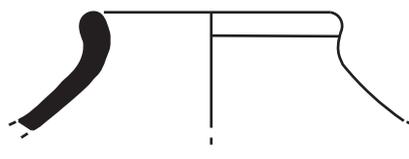


PLG.54

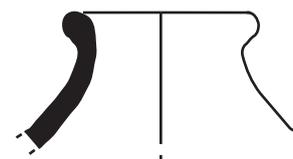
7.B.3. Contextos romanos



PLG.S5[30]2220



PLG.S5[32]2325



PLG.S5[32]2324

7.C. Panelas de bordo formando garganta interna

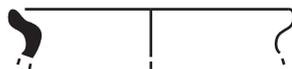
7.C.1. Panela de bordo arqueado formando garganta interna pouco alta pronunciada, pança esférica



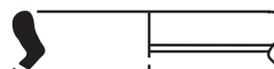
PLG.S2[1]600



PLG.S5[12]1612



PLG.S5[13]1949



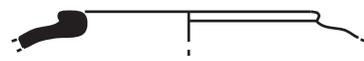
PLG.SN(47)

8.A. Potes de bordo voltado para o exterior

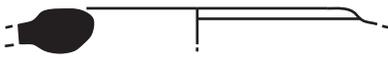
8.A.1. Pote de bordo reentrante muito espessado, horizontal ou levemente oblíquo, e pança ovoide



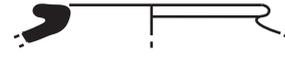
PLG.S5.1538



PLG.S6[45]3005



PLG.S5[12]1657



PLG.S4[5]1399



PLG.S5[13]1864



PLG.S4[5]1361



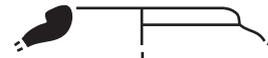
PLG.S5[13]1950



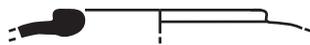
PLG.S5[31]2245



PLG.S5[13]173



PLG.S5[13]1789



PLG.S5[13]1786



PLG.S6[106]3391

9.A. Potinhos de bordo voltado para o exterior

9.A.1. Potinho alentejano com perfil ovoide, ombro marcado por canelura, bordo voltado para o exterior

9.A.1. Contextos romanos



PLG.S5[30]2231



PLG.S5[31]2291

9.A.2. Potinho de colo pronunciado e largo levemente côncavo, bordo geralmente espessado e pança esférica ou ovoide



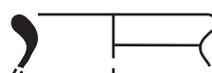
PLG.S5[13]1932



PLG.S2.SI6[1]1008



PLG.SN (50)



PLG.S5[12]1648

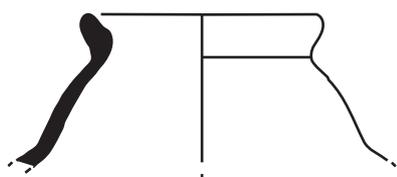
9.A.3. Potinho de bordo obliquo amendoado ou espessado, por vezes alongado e pança esférica ou ovoide



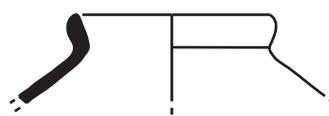
PLG.S5[13]1974



PLG.S2[1]616



PLG.S2[2]666



PLG.S2[2]672



PLG.S2.SI8[2]1172

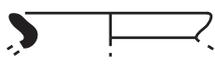
9.A.4. Potinho de bordo em aba oblíqua e pança esférica



PLG.S5[12]1658



PLG.S5[13]2000



PLG.S5[13]1818



PLG.S5[13]1938



PLG.S6[45]3007

9.A.4. (cont.)



PLG.S5[29]2213



PLG.S6[106]3396



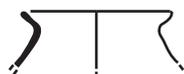
PLG.S6[106]3395 a

9.A.4. Contextos romanos



PLG.S5[31]2255

9.A.5. Potinho de bordo formando pequena aba oblíqua e fina, e pança com paredes finas e pouco larga em relação à abertura

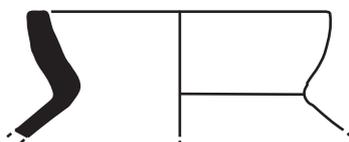


PLG.S5[13]2012



PLG.S5.1544

9.A.6. Potinho de bordo alto e oblíquo, e pança larga, por vezes com asa vertical



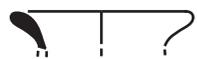
PLG.S2[2]659



PLG.S6[97]3313

10.A. Jarros de bordo voltado para o exterior

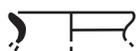
10.A.1. Jarro de bordo levemente amendoado e pouco evasado com colo côncavo



PLG.S5[13]1990



PLG.S2.SI6[1]990



PLG.S5[13]1877



PLG.S1.114



PLG.S5[13]1979



PLG.S3.1117

11.A. Bilhas de colo com dobra

11.A.1. Bilha de colo com dobra formando ressalto exterior pronunciado



PLG.S3.1111

11.B. Bilhas de bordo direito

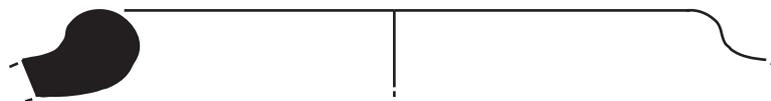
11.B.1. Bilha de bordo direito ou levemente oblíquo com o bocal estreito e o colo em L



PLG.S5[13]1813

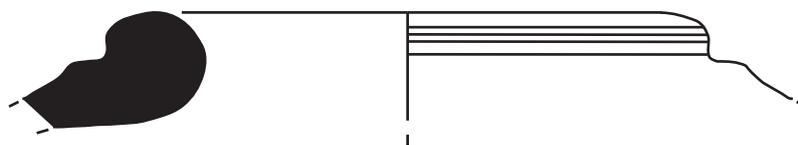
12.A. Talhas de bordo direito

12.A.1. Talha de bordo voltado para cima e pança esférica

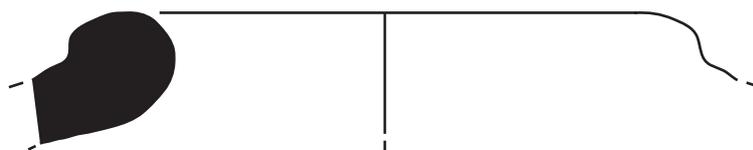


PLG.S2[2]655

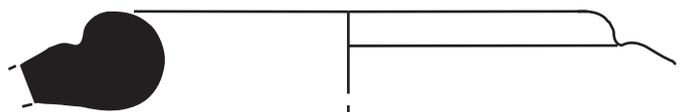
12.A.1. Contextos romanos



PLG.S5[20]2126



PLG.S5[32]2295



PLG.S5[19]2077



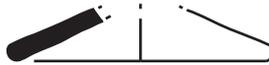
PLG.S5[32]2293

13.A. Tampas de bordo simples ou levemente espessado

13.A.1. Tampa de bordo simples ou levemente espessado, e parede reta e aberta



PLG.S5[12]1609

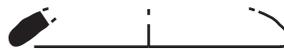


PLG.S5[29]2210

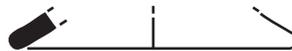


PLG.S2.Si7.1032

13.A.1. Contextos romanos



PLG.S5[16]2058



PLG.S5[31]2259



PLG.S5[31]2258

F.1. Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar



PLG.S5[20]2188



PLG.S2[2]674



PLG.S3.F1.1455



PLG.S3[1]1118



PLG.S1.115



PLG.S1.85



PLG.S5[12]1625



PLG.75



PLG.S1.76

F.1. Contextos romanos



PLG.S3[10]1158



PLG.S5[32]2332



PLG.S3[10]1155



PLG.S4[8]1417



PLG.S5[30]2239



PLG.S5[32]2303.2310



PLG.S5[30]2228



PLG.S5[32]2302



PLG.S5[30]2226



PLG.S5[30]2225



PLG.S3[10]1157

F.2. Fundo raso e simples de formas fechadas



PLG.S3[12]1186



PLG.S5[13]1781



PLG.S6[123]3450



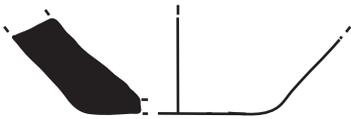
PLG.S5[13]1729



PLG.S5[13]1705



PLG.S5[13]1799



PLG.S6[104]3353



PLG.SN (19)



PLG.S5[13]1701



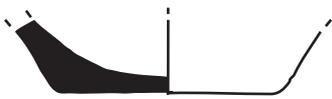
PLG.S2.SI4.5[2]965



PLG.S5[13]1708



PLG.S5[13]1707



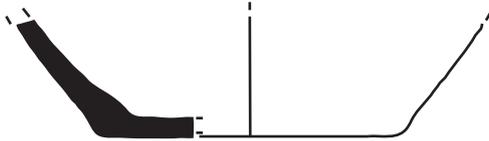
PLG.SN (51)



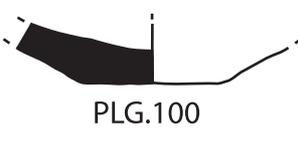
PLG.S5[13]1755



PLG.SN (48)



PLG.S2.SI6[1]998



PLG.100



PLG.S3.1429



PLG.S3.1432



PLG.S5[13]1700



PLG.S6[123]3451



PLG.S6[75]3251



PLG.S6[123]3452



PLG.S6[104]3352



PLG.S6[75]3249



PLG.S5[12]1567



PLG.S3[18]1527



PLG.33



PLG.S5[13]1771



F.2. (cont.)



PLG.S2.S17[1]1046



PLG.S5[13]1730



PLG.S2[1]648



PLG.S6[104]3355



PLG.S5[12]1624



PLG.S3.1431

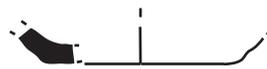


PLG.S5[29]2220

F.2. Contextos romanos



PLG.S5[32]2307



PLG.S5[31]2279

F.3. Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas



PLG.S5[13]1770



PLG.S3.F1.1437



PLG.S3.F1.1498



PLG.S5[13]1800



PLG.S5[13]1797



PLG.S5[13]1756



PLG.S4[5]1379



PLG.S5[12]1572



PLG.S6[45]2996



PLG.S5[13]1757



PLG.S5[13]1723



PLG.S5[12]1669



PLG.S4[5]1375



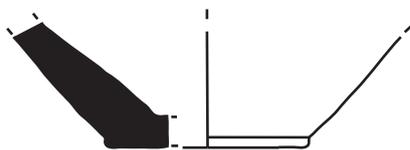
PLG.S2[1]620



PLG.S3.1430



PLG.S2[1]619



PLG.S1.98



PLG.S2[1]613

PLG.S4[5]1358



F.3. (cont.)



PLG.S5[13]1706



PLG.S2[1]641



PLG.S3.F1.1440



PLG.S2.SI4.5[2]966



PLG.S6[106]3373



PLG.S1.102



PLG.S5[13]1689



PLG.S5[21]2159



PLG.S5[13]1798



PLG.S5[13]1781



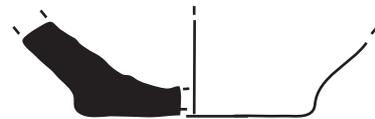
PLG.S2[1]654



PLG.S4[5]1382



PLG.S2[2]657



PLG.S6[45]2997



PLG.S2[1]647

F.3. Contextos romanos



PLG.S5[32]2306



PLG.S5[31]2278



PLG.S4[8]1418



PLG.S5[31]2282



PLG.S5[32]2308



PLG.S5[32]2301



PLG.S5[32]2305



PLG.S5[15]2051

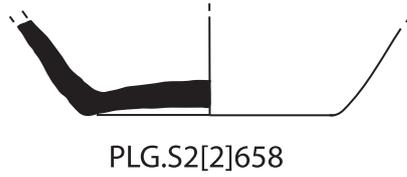


PLG.S5[15]2050

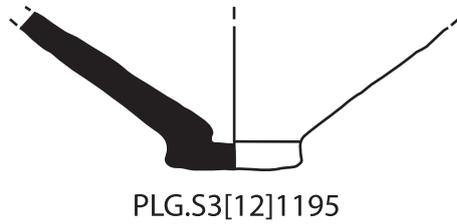
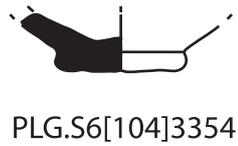


PLG.S5[15]2052

F.4. Fundo côncavo de formas fechadas



F.5. Fundo anelar estreito e alto de forma fechada




PLG.S5[13]1958


PLG.S5[12]1686


PLG.S6[45]2993


PLG.S6[45]2988


PLG.S4[0]1216

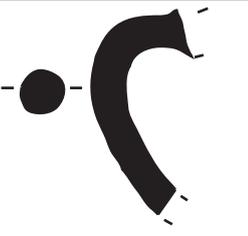

PLG.S2[2]668

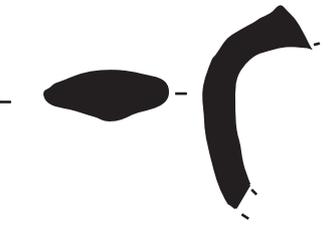

PLG.S2[1]651


PLG.S2[1]652


PLG.S2[1]642


PLG.S2[1]638


PLG.S2.SI6[1]993


PLG.S2.SI6[1]1010


PLG.S2.SI6[1]1009


PLG.S3[11]1163.1170


PLG.S5[12]1631


PLG.S5[12]1574


PLG.S2[1]608


PLG.S2[1]604


PLG.S5[13]1727


PLG.S5[13]1802


PLG.S5[13]1775


PLG.SILO9.SN 20


PLG.S1.80


PLG.S2[2]675


PLG.S6[97]3327


PLG.S6[97]3318


PLG.S5[12]1577


PLG.S2[1]626


PLG.S5[29]2215


PLG.S3.1434


PLG.S3[18]1530


PLG.S2[1]637


PLG.S2[1]601


PLG.S2[1]650


PLG.S2[2]668


PLG.S5[12]1576


PLG.S5[12]1575


PLG.S2[1]618

Contextos romanos


PLG.S5[20]2123


PLG.S5[32]2315


PLG.S5[31]2276


PLG.S5[15]2053

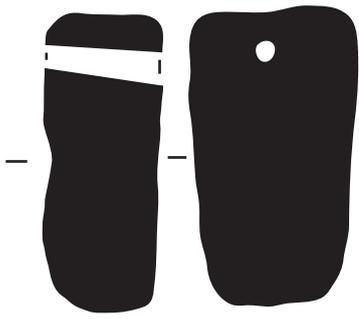

PLG.S5[30]2238


PLG.S5[15]2054

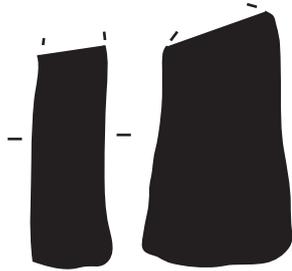

PLG.S5[32]2313


PLG.S5[20]2113

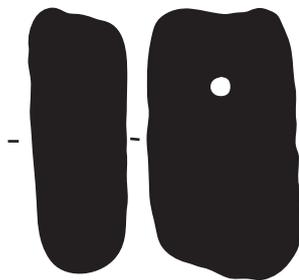




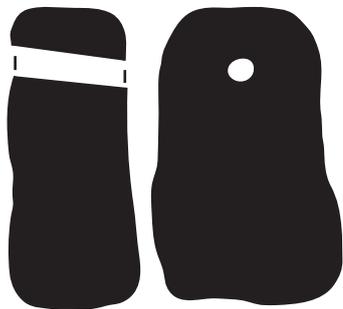
PLG.S3[18]1205



PLG.S3[18]1524



PLG.S3[11]1161



PLG.SN (55)

Elemento fálico



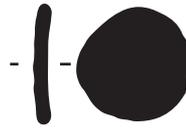
PLG.S6[49]3498



PLG.S5[13]1967



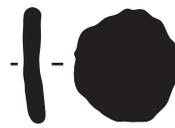
PLG.SN(47)



PLG.S6[97]3326



PLG.S6[40]2551



PLG.S3[12]1656



PLG.S6[40]2553



PLG.S6[42]2634



PLG.S6[40]2554



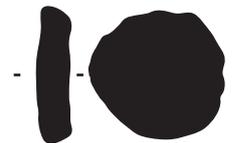
PLG.S6[42]2633



PLG.S6[40]2552



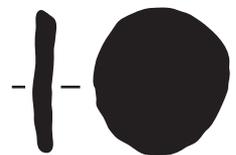
PLG.S6[40]2550



PLG.S6[52]3142



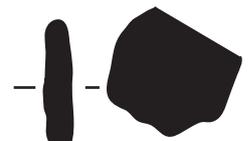
PLG.6[49]3497



PLG.S6[63]3150



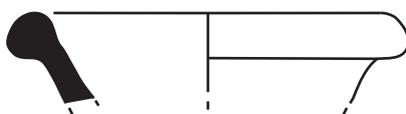
PLG.64



PLG.S6[63]3181

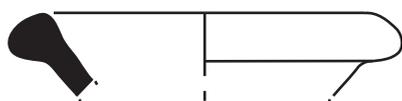


I - A - Almofarizes de bordo arredondado

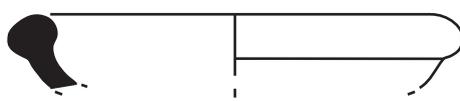


PLG.S5[13]1904

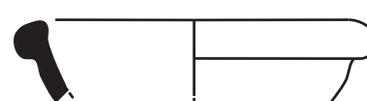
I-A - Contextos romanos



PLG.S5[32]2319



PLG.S5[20]2117



PLG.S5[30]2230

I-B - Almofarizes de bordo em aba voltado para o interior



PLG.S6[123]3453

Fundos



PLG.S5[10]1556



PLG.S6[49]3498



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1885**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Itálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Consp. 12**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato

Descrição: Prato com o bordo pendente arredondado, mas pouco pronunciado, destacando-se pouco da parede.

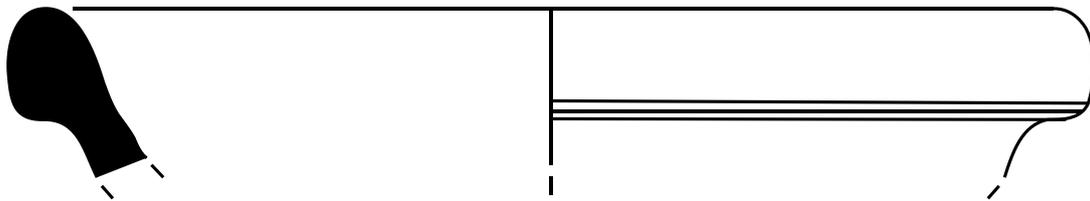
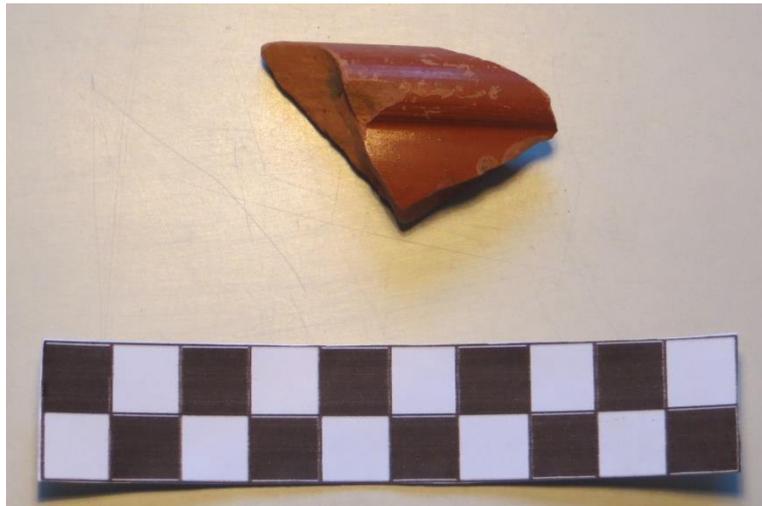
Dimensões:**Diâm. Bordo:** 15cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 4cm**Alt. Conservada:** 3,1cm

Pasta: A pasta apresenta uma textura muito fina, os elementos não plásticos são quase inexistentes, não se vendo a olho nu, e o engobe é brilhante, espesso e homogéneo.

Cor da pasta: 2.5YR-7/8 **Cor do engobe:** 2.5YR-4/8

Decoração:**Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 15 a.C. - 14 d.C.

Paralelos: Encontram-se oito exemplares na Praça da Figueira (Bolila, 2011, Est. 4); na alcáçova de Santarém registaram-se trinta e seis exemplares desta forma, datada do período 15 a.C. – 14 d.C. (Viegas, 2003: 52, nº 2557); e nos Chãos dos Salgados, com uma cronologia médio-tardo-augusta (Quaresma, 2012:369, Dias, 1976-7, nº 3). No Castelo de Alcácer do Sal (*Salacia*) são também escassas as importações de *sigillata* itálica, no entanto a forma Consp. 12 encontra-se representada com 7 exemplares, com uma cronologia que varia entre 10 a.C. e 15 d.C. (Sepulveda, Faria, Faria, 2000:120). No Algarve, da cidade romana de *Balsa*, os exemplares de *terra sigillata* itálica, são igualmente reduzidos, porém o prato Consp. 12 e Consp. 18 são das formas mais comuns (Nolen, 1994:66).



PLG.S5[13]1885



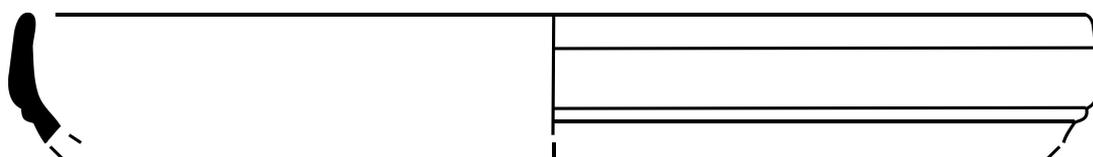
Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1894**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Itálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Consp. 18**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato**Descrição:** Prato com bordo vertical côncavo, com molduras externas no bordo**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 14cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 2,5cm**Alt. Conservada:** 1,8cm

Pasta: Pasta muito depurada, com tons rosados alaranjados, e o engobe é vermelho escuro e fino, e os elementos não plásticos são praticamente inexistentes, sendo difícil de identifica-los; e o engobe apresenta sinais de fraca aderência.

Cor da pasta: 5YR-7/6**Cor do engobe:** 2.5YR-4/8**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 10 a.C. – 37 d.C

Paralelos: foram encontrados vinte e quatro exemplares na Praça da Figueira, com uma cronologia que aponta para 10 a.C. chegando a atingir meados do principado de Tibério (30 d.C.) (Bolila, 2011, Est. 10, nº 51); assim como na alcáçova de Santarém, a qual se encontra representada por 33 exemplares, de cronologia 10 a.C. a 37 d.C. (Viegas, 2003:57-58, nº 2572).

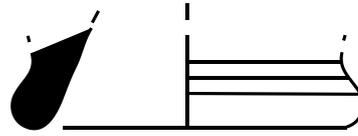
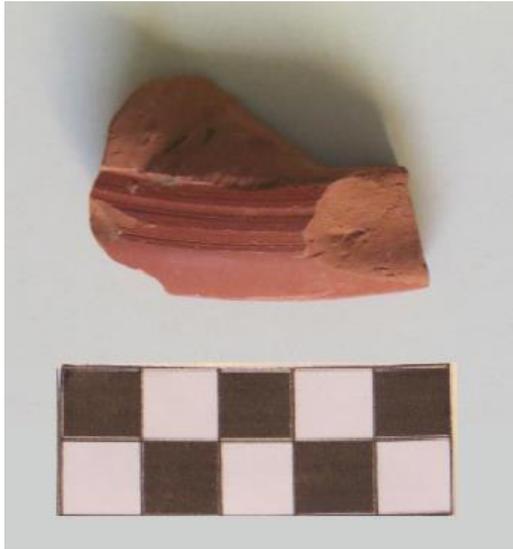


PLG.S5[13]1894



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2232**Setor:** 5**U.E.:** [30]

Proveniência: Itálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Indet.**Frag.:** Fundo**Forma:****Descrição:** Fundo anelar de secção arredondada e caneluras a meia altura.**Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 5cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:** Pasta depurada e compacta de cor rosada, com raros elementos não plásticos (micas) e o engobe é vermelho escuro com boa aderência.**Cor da pasta:** 2.5YR-8/4 **Cor do engobe:** 10R-6/6**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:****Paralelos:**



PLG.S5[30]2232



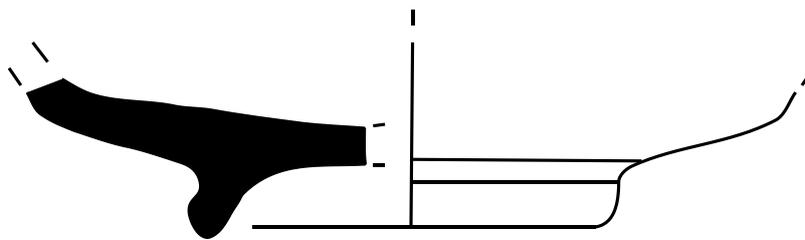
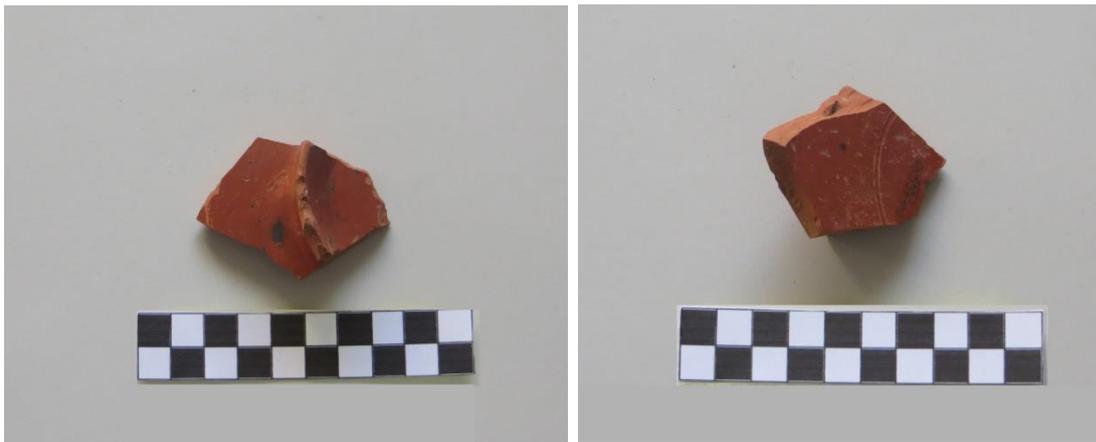
Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2396

Setor: 5

U.E.: [31]

Proveniência: Sudgálica		Centro de Fabrico:
Tipologia: Drag. 18	Frag.: Fundo	Forma: Prato (?)
Descrição: Fundo de prato (?) de forma anelar e secção triangular.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: A pasta apresenta uma textura muito fina, com elementos não plásticos pouco visíveis, e o engobe é muito brilhante, de boa qualidade e aderente.		
Cor da pasta: 10R-7/8	Cor do engobe: 2.5YR-5/8	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 40 – 140 d.C.		
Paralelos: Na Alcáçova de Santarém, esta forma é bastante numerosa, contanto com cinquenta e um pratos (Viegas, 2003:112-113, nº 3213); em Chaos dos Salgados conta-se um total de 243 exemplares desta forma, em que o autor fez uma separação das peças por diâmetros, mas de uma maneira geral encontram-se datados do século I d.C. (Quaresma, 2012:370, 34-Dias, 1976-7 nº 66; 35- Dias – 1976-7, nº 71; 36- 1976-7-nº69; 37- nº 74; 38- nº 72; 39- Mir-4-9; 40-Mir-4-2; 41-Mir-125-3302; 42-Mir-3-341); em Vidigal (Aljustrel), encontraram-se dois exemplares de pratos de perfis baixos e largos com um espetro cronológico bastante alargado (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 26).		

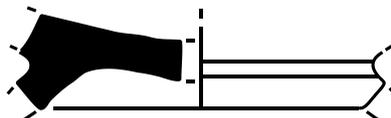


PLG.S5[31]2396



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2410**Setor:** 5**U.E.:**

Proveniência: Sudgálica**Centro de Fabrico:** La Graufesenque**Tipologia:** Drag. 18**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato (?)**Descrição:** Fundo de prato (?) de forma anelar com marca de oleiro.**Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 5cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:** A pasta é laranja-rosada, apresenta uma textura muito fina, com elementos não plásticos bem visíveis (micas), e o engobe é vermelho escuro, baço, de boa qualidade e aderente.**Cor da pasta:** 2.5YR-6/6**Cor do engobe:** 10R-5/6**Decoração:****Marca de Oleiro:** "OFIC-BILIC (...)" **Leitura:** Ofic. Billicatus**Cronologia:** 30 – 60 d.C.**Paralelos:** pertence à *Oficina Billicatus*, um dos principais exportadores de La Graufesenque, desde a segunda década da era até aos finais do principado de Cláudio (30-50 d.C.) (Silva, 2005:151). Segundo Polak, este oleiro começou a marcar a sua produção muito cedo, que está referenciada para um período entre 30 e 60 d.C. (Polak, 2000). Uma marca idêntica encontra-se entre o material de Conimbriga, datado de 30 - 50 d.C. (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975:111, Est. XXXI); em Represas (Beja) também se encontra uma forma Drag. 24/25 com esta marca de oleiro, datado de 45 – 70 d.C. (Silva, 2005 in Lopes, 1994:52, Fig. 22, nº 433); no Algarve foi encontrada um fundo de forma indeterminável, marmoreada, onde se lê OFIC.B (nº 1156), podendo pertencer ao oleiro Billicatus (Viegas, 2009:442). Encontra-se uma impressão de Billicatus na Praça da Figueira, um pouco obliterada (Silva, 2005:151).

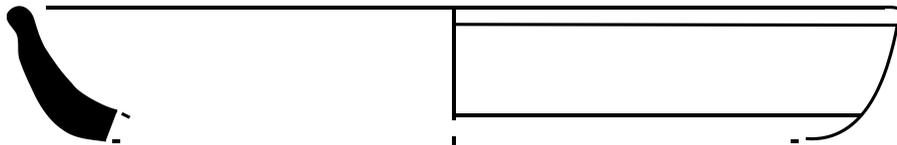


PLG.S5.2410



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2395**Setor:** 5**U.E.:** [31]

Proveniência: Sudgálica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Drag. 18	Frag.: Bordo	Forma: Prato
Descrição: Prato com um perfil simples, de parede côncava e o bordo é semi-circular.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo: 13cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,1cm	Alt. Conservada: 2,8cm	
Pasta: A pasta é laranja-rosada e apresenta uma textura muito fina, com elementos não plásticos pouco visíveis (micas), e o engobe é baço, acastanhado, de boa qualidade e aderente.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 2.5YR-4/6	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 40 – 140 d.C.		
Paralelos: Na Alcáçova de Santarém, esta forma é bastante numerosa, contanto com cinquenta e um pratos (Viegas, 2003:112-113, nº 3213); em Chaos dos Salgados conta-se um total de 243 exemplares desta forma, em que o autor fez uma separação das peças por diâmetros, mas de uma maneira geral encontram-se datados do século I d.C. (Quaresma, 2012:370, 34-Dias, 1976-7 nº 66; 35- Dias – 1976-7, nº 71; 36- 1976-7-nº69; 37- nº 74; 38- nº 72; 39- Mir-4-9; 40-Mir-4-2; 41-Mir-125-3302; 42-Mir-3-341); em Vidigal (Aljustrel), encontraram-se dois exemplares de pratos de perfis baixos e largos com um espetro cronológico bastante alargado (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 26).		

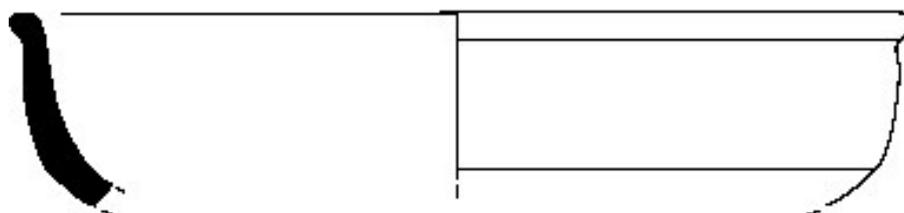


PLG.S5[31]2395



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1900**Setor:** 5**U.E.:** [31]

Proveniência: Sudgálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 18**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato**Descrição:** Prato com um perfil simples, de parede côncava e o bordo é semi-circular.**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 12cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 1,7cm**Alt. Conservada:** 2,8cm**Pasta:** A pasta é laranja, apresenta uma textura muito fina, com elementos não plásticos bem visíveis (micas), e o engobe é vermelho escuro, baço, de boa qualidade e aderente.**Cor da pasta:** 2.5YR-6/6**Cor do engobe:** 2.5YR-4/8**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 40 – 140 d.C.**Paralelos:** Na Alcáçova de Santarém, esta forma é bastante numerosa, contanto com cinquenta e um pratos (Viegas, 2003:112-113, nº 3213); em Chaos dos Salgados conta-se um total de 243 exemplares desta forma, em que o autor fez uma separação das peças por diâmetros, mas de uma maneira geral encontram-se datados do século I d.C. (Quaresma, 2012:370, 34-Dias, 1976-7 nº 66; 35- Dias – 1976-7, nº 71; 36- 1976-7-nº69; 37- nº 74; 38- nº 72; 39- Mir-4-9; 40-Mir-4-2; 41-Mir-125-3302; 42-Mir-3-341); em Vidigal (Aljustrel), encontraram-se dois exemplares de pratos de perfis baixos e largos com um espetro cronológico bastante alargado (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 26).

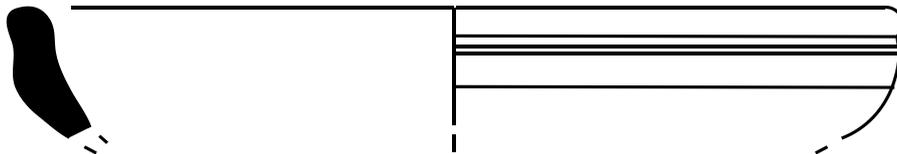
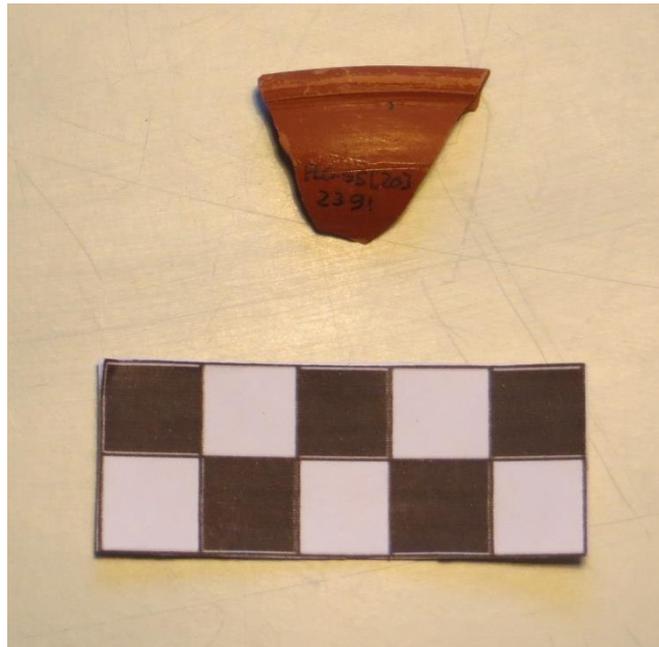


PLG.S5[13]1900



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2391**Setor:** 5**U.E.:** [20]

Proveniência: Sudgálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 18**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato**Descrição:** Prato com um perfil simples, de parede côncava e o bordo é semi-circular.**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 12cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 2,2cm**Alt. Conservada:** 2,2cm**Pasta:** A pasta é laranja, apresenta uma textura muito fina, com elementos não plásticos bem visíveis (micas), e o engobe é vermelho escuro, baço, de boa qualidade e aderente.**Cor da pasta:** 2.5YR-6/6**Cor do engobe:** 2.5YR-4/6**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 40 – 140 d.C.**Paralelos:** Na Alcáçova de Santarém, esta forma é bastante numerosa, contanto com cinquenta e um pratos (Viegas, 2003:112-113, nº 3213); em Chaos dos Salgados conta-se um total de 243 exemplares desta forma, em que o autor fez uma separação das peças por diâmetros, mas de uma maneira geral encontram-se datados do século I d.C. (Quaresma, 2012:370, 34-Dias, 1976-7 nº 66; 35- Dias – 1976-7, nº 71; 36- 1976-7-nº69; 37- nº 74; 38- nº 72; 39- Mir-4-9; 40-Mir-4-2; 41-Mir-125-3302; 42-Mir-3-341); em Vidigal (Aljustrel), encontraram-se dois exemplares de pratos de perfis baixos e largos com um espetro cronológico bastante alargado (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 26).

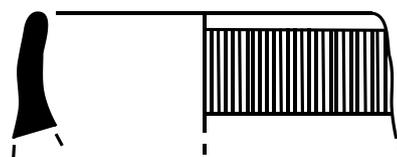
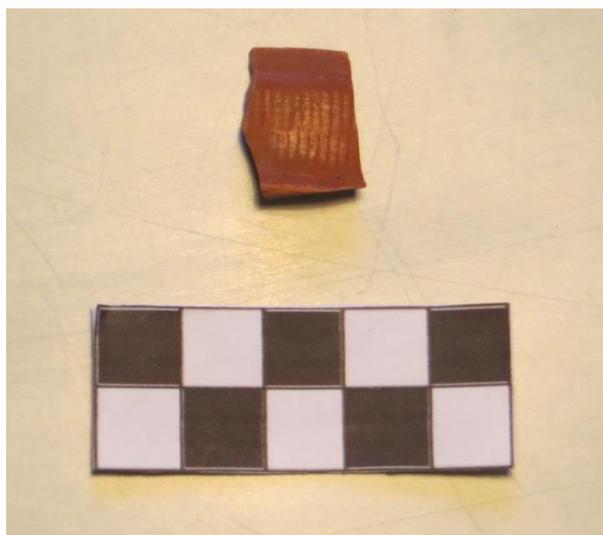


PLG.S5[20]2391



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2393**Setor:** 5**U.E.:** [20]

Proveniência: Sudgálica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Drag. 24/25	Frag.: Bordo	Forma: Taça
Descrição: Taça hemisférica, com bordo vertical e uma moldura externa bem demarcada na parede.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo: 5cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 1,2cm	Alt. Conservada: 1,7cm	
Pasta: Pasta laranja, com engobe vermelho escuro e baço. Os elementos não plásticos são de pequenas dimensões (micas), mas bem visíveis.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 10R-5/6	
Decoração: Banda de guilhoché		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 20 – 60 d.C.		
Paralelos: Estas formas encontram-se nos Chaos dos Salgados (Quaresma, 2012:370); e na alcáçova de Santarém é composta por 39 exemplares, quase na sua totalidade com guilhoché, datadas entre o período 20-60 d.C. (Viegas, 2003:106-107).		



PLG.S5[20]2393



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1423**Setor:** 4**U.E.:** [8]

Proveniência: Sudgálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag.24/25**Frag.:** Bordo**Forma:** Taça

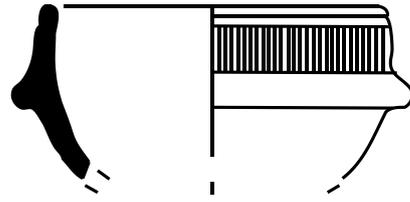
Descrição: Taça hemisférica, com bordo vertical e uma moldura externa bem demarcada na parede.

Dimensões:**Diâm. Bordo:** 5cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 2,4cm**Alt. Conservada:** 2,6cm

Pasta: Pasta bem depurada de cor laranja, com raros elementos não plásticos, mas visíveis (micas) e um engobe aderente, vermelho escuro e brilhante.

Cor da pasta: 2.5YR-6/6**Cor do engobe:** 2.5YR-4/6**Decoração:** Banda de guilhoché**Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 20 – 60 d.C.

Paralelos: Estas formas encontram-se nos Chaos dos Salgados (Quaresma, 2012:370); e na alcáçova de Santarém é composta por 39 exemplares, quase na sua totalidade com guilhoché, datadas entre o período 20-60 d.C. (Viegas, 2003:106-107).

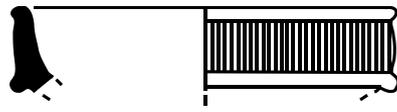


PLG.S4[8]1423



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2388**Setor:** 5**U.E.:** [20]

Proveniência: Sudgálica	Centro de Fabrico: La Graufesenque	
Tipologia: Drag. 24/25	Frag.: Bordo	Forma:
Descrição: Taça hemisférica, com bordo vertical e uma moldura externa bem demarcada na parede.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo: 6cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 2cm	Alt. Conservada: 2,1cm	
Pasta: Pasta fina, de cor laranja-rosada, com pequenos elementos não plásticos e um verniz marmoreado amarelo torrado.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 7.5YR-6/6	
Decoração: Banda de guilhoché		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 40 – 70 d.C.		
Paralelos: Em Chãos dos Salgados esta forma encontra-se representada por 7 exemplares, com uma qualidade de fabrico fraca, e sem contexto estratigráfico (Quaresma, 2003:113, Dias, 1976-7, nº 88; 58 – nº 89; 59 – nº93; 60 – nº95; 61-Mir-2001-019-52(XVIc)). As peças marmoreadas atingem todo o espaço peninsular, mas em percentagens reduzidas, no entanto, a forma Drag. 24/25 encontra-se igualmente em Valdoca, Tróia e Conimbriga (Quaresma, 2003:68, 173). No DICOCER, esta forma encontra-se igualmente com uma cronologia de 40 – 70 d.C. (SIG-SG Dr. 24/25). http://syslat.on-rev.com/DICOCER/dicocer.lc?programme=editD3&choix=SIG-MARB&Submit=submit		



PLG.S5[20]2388



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2392**Setor:** 5**U.E.:** [20]

Proveniência: Sudgálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 24/25**Frag.:** Bordo**Forma:** Taça

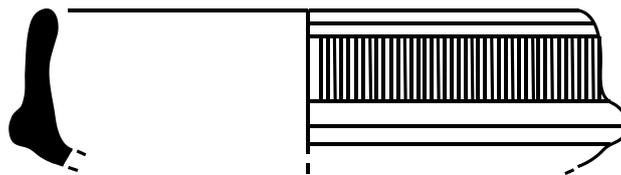
Descrição: Taça hemisférica, com bordo vertical e uma moldura externa bem demarcada na parede.

Dimensões:**Diâm. Bordo:** 8cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 1,5cm**Alt. Conservada:** 2,1cm

Pasta: Pasta laranja, com engobe vermelho escuro e baço. Os elementos não plásticos são de pequenas dimensões (micas), mas bem visíveis.

Cor da pasta: 2.5YR-7/8**Cor do engobe:** 10R-4/6**Decoração:** Banda de guilhoché**Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 20 – 60 d.C.

Paralelos: Estas formas encontram-se nos Chaos dos Salgados (Quaresma, 2012:370); e na alcáçova de Santarém é composta por 39 exemplares, quase na sua totalidade com guilhoché, datadas entre o período 20-60 d.C. (Viegas, 2003:106-107).



PLG.S5[20]2392



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2365**Setor:** 3**U.E.:** [11]

Proveniência: Sudgálica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 27**Frag.:** Fundo**Forma:** Taça

Descrição: Taça com bordo semi-circular, fundo anelar de secção arredondada e com canelura a meia altura.

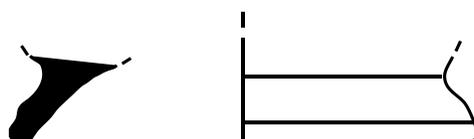
Dimensões:**Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 6cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:**

Pasta: A pasta é acastanhada, depurada, notando-se alguns elementos não plásticos, e o verniz é homogéneo, resistente, vermelho escuro.

Cor da pasta: 2.5YR-6/6 **Cor do engobe:** 10R-4/8

Decoração:**Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 10 – 100 d.C.

Paralelos: Na Alcáçova de Santarém é bastante abundante, estando representada por 58 peças (Viegas, 2003:115-116, nº24156); em Conimbriga, parte das taças Drag. 27 apresentam marca de oleiro, com cronologias do século I d.C.; também em Chaos dos Salgados aparecem formas deste tipo, que têm o seu início em época tardo-augusta (Quaresma, 2012:95; 370, 67-Mir-991-6-14; 68-Mir-385-2).



PLG.S3[11]2365



Grupo: *Terra Sigillata*

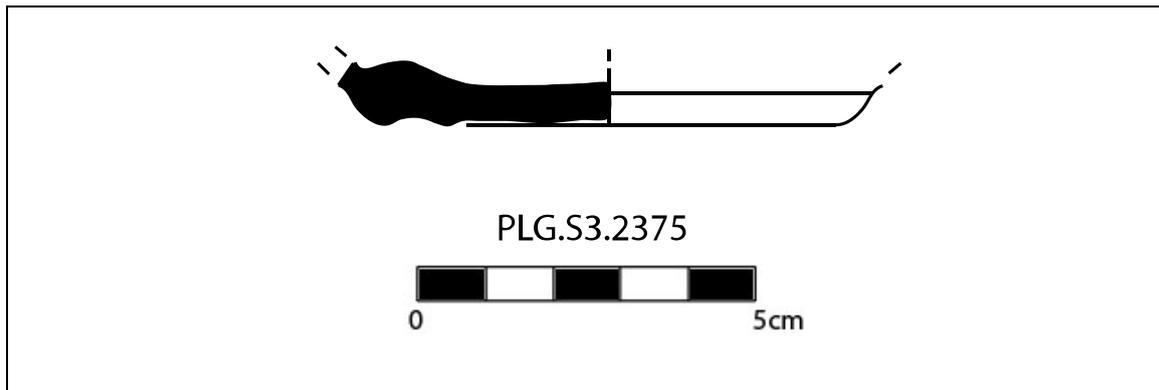
Nº Inventário: 2375

Setor: 3

U.E.:

Proveniência: Sudgálica		Centro de Fabrico:
Tipologia: Indet.	Frag.: Fundo	Forma:
Descrição: Fundo raso.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo: 8cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: A pasta é vermelha, depurada, com alguns elementos não plásticos visíveis (micas) e o engobe é vermelho escuro, resistente e brilhante.		
Cor da pasta: 10R-6/6 Cor do engobe: 10R-5/6		
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos:		





Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2412**Setor:** 5**U.E.:**

Proveniência: Hispânica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 15/17**Frag.:** Fundo**Forma:** Prato

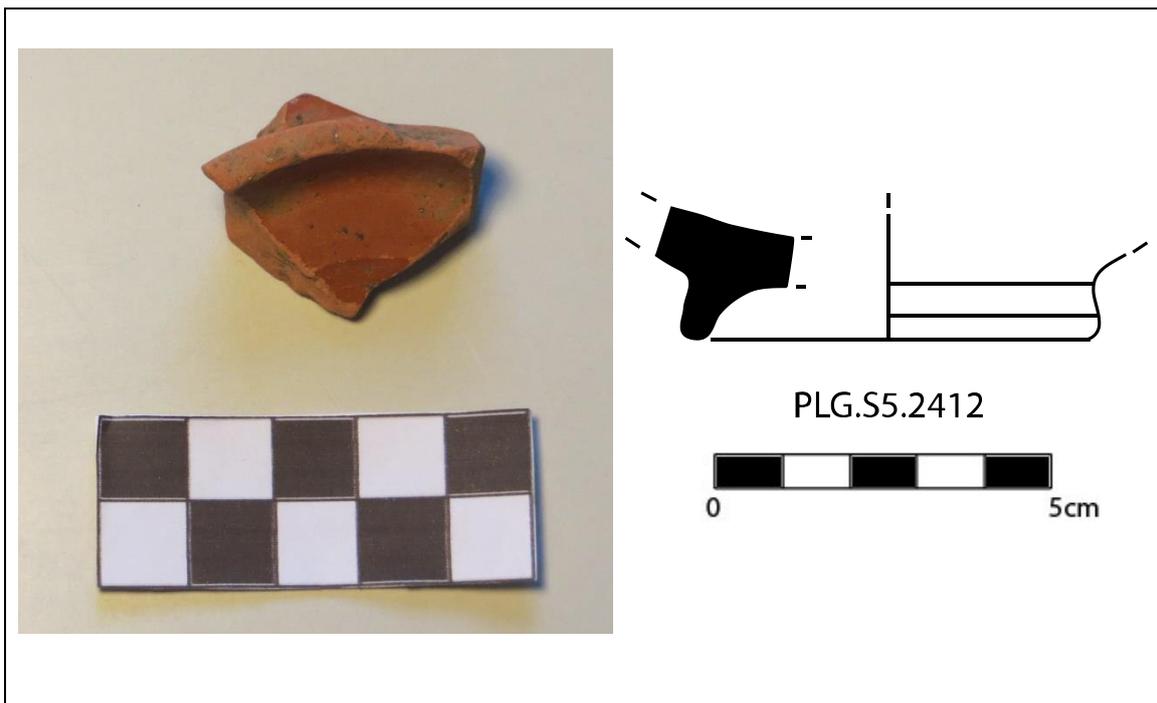
Descrição: Prato de paredes baixas, podendo ou não apresentar finas molduras, bordo geralmente vertical e fundo anelar de secção arredondada e canelura a meia altura.

Dimensões:**Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 6cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:**

Pasta: A pasta apresenta uma cor laranja-rosada, de textura fina, com elementos não plásticos visíveis (micas) e o engobe é baço e de baixa qualidade, escamoso.

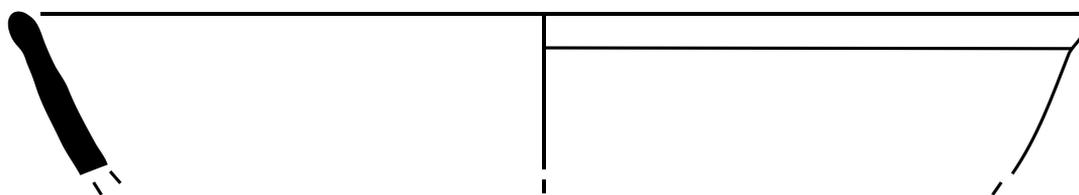
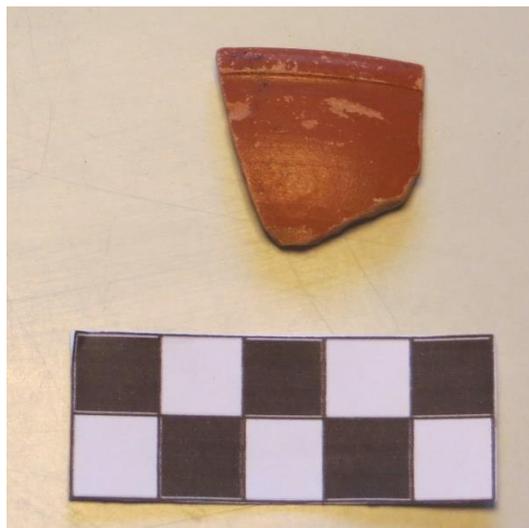
Cor da pasta: 2.5YR-6/6**Cor do engobe:** 2.5YR-4/6**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 100 – 200 d.C.

Paralelos: Em Vidígal (Aljustrel), esta forma encontra-se representada por cinco exemplares, com uma cronologia ampla balizada entre a segunda metade do século I d.C. e a centúria seguinte (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 30). Na Alcáçova de Santarém, registam-se 22 exemplares de paredes lisas, de cronologia mais tardia, situada no século II d.C. (Viegas, 2003:144, nº 2898). Em Chãos dos Salgados também se encontra esta forma representada, com uma cronologia do século II d.C. (Quaresma, 2012:124, nº 153). Também na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), encontram-se exemplares desta forma, datados da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:246, 247, 432, Sepultura 4 - nº 15639; 15791, Sepultura 29 – nº 15792).



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1889**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Hispânica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 15/17**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato**Descrição:** Prato de paredes baixas, com bordo vertical e uma fina moldura a baixo deste**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 14cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 2,1cm**Alt. Conservada:** 2,3cm**Pasta:** A pasta é laranja, de textura fina, com elementos não plásticos visíveis (micas) e o engobe é vermelho-acastanhado, brilhante, de baixa qualidade e escamoso.**Cor da pasta:** 5YR-6/6 **Cor do engobe:** 2.5YR-6/6**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 100 – 200 d.C.**Paralelos:** Em Vidigal (Aljustrel), esta forma encontra-se representada por cinco exemplares, com uma cronologia ampla balizada entre a segunda metade do século I d.C. e a centúria seguinte (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 30). Na Alcáçova de Santarém, registam-se 22 exemplares de paredes lisas, de cronologia mais tardia, situada no século II d.C. (Viegas, 2003:144, nº 2898). Em Chãos dos Salgados também se encontra esta forma representada, com uma cronologia do século II d.C. (Quaresma, 2012:124, nº 153). Também na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), encontram-se exemplares desta forma, datados da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:246, 247, 432, Sepultura 4 - nº 15639; 15791, Sepultura 29 – nº 15792).



PLG.S5[13]1889



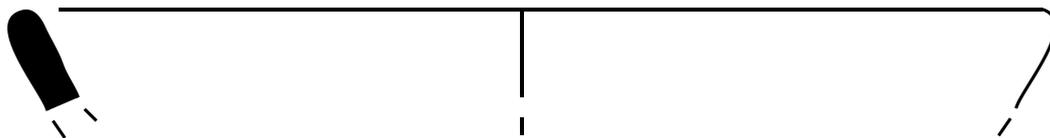
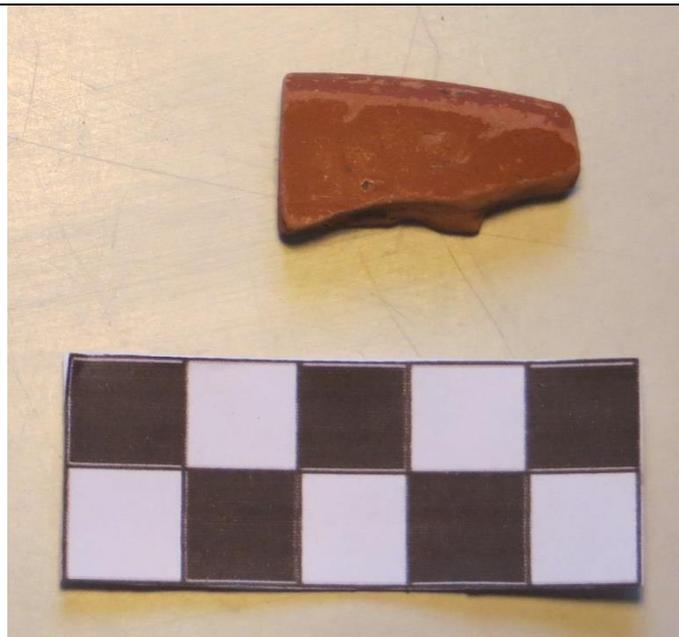
Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 1899

Setor: 5

U.E.: [13]

Proveniência: Hispânica		Centro de Fabrico:
Tipologia: Drag. 15/17	Frag.: Bordo	Forma: Prato
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo: 14cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 2,5cm	Alt. Conservada: 1,4cm	
Pasta: A pasta é laranja-rosada, de textura fina, com elementos não plásticos visíveis (micas) e o engobe é vermelho-acastanhado, baço, de baixa qualidade e escamoso.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 2.5YR-5/6	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 100 – 200 d.C.		
Paralelos: Em Vidigal (Aljustrel), esta forma encontra-se representada por cinco exemplares, com uma cronologia ampla balizada entre a segunda metade do século I d.C. e a centúria seguinte (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 30). Na Alcáçova de Santarém, registam-se 22 exemplares de paredes lisas, de cronologia mais tardia, situada no século II d.C. (Viegas, 2003:144, nº 2898). Em Chãos dos Salgados também se encontra esta forma representada, com uma cronologia do século II d.C. (Quaresma, 2012:124, nº 153). Também na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), encontram-se exemplares desta forma, datados da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:246, 247, 432, Sepultura 4 - nº 15639; 15791, Sepultura 29 – nº 15792).		

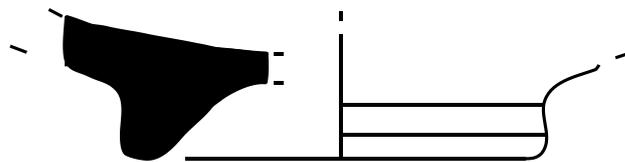
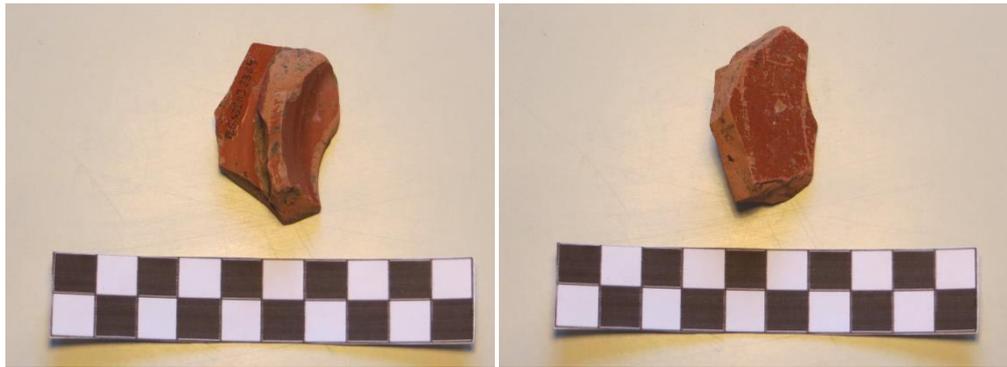


PLG.S5[13]1899



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2364**Setor:** 3**U.E.:** [11]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Drag. 15/17	Frag.: Fundo	Forma: Prato
Descrição: Prato de paredes baixas, podendo ou não apresentar finas molduras, bordo geralmente vertical e fundo anelar, de secção arredondada e canelura a meia altura.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: A pasta é rosada, de textura fina, com elementos não plásticos visíveis (micas) e o engobe é vermelho-acastanhado, baço, de baixa qualidade e escamoso.		
Cor da pasta: 10R-6/6	Cor do engobe: 2.5YR-5/8	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 100 – 200 d.C.		
Paralelos: Em Vidigal (Aljustrel), esta forma encontra-se representada por cinco exemplares, com uma cronologia ampla balizada entre a segunda metade do século I d.C. e a centúria seguinte (Pereira, 2012:165, fig. 7, nº 30). Na Alcáçova de Santarém, registam-se 22 exemplares de paredes lisas, de cronologia mais tardia, situada no século II d.C. (Viegas, 2003:144, nº 2898). Em Chãos dos Salgados também se encontra esta forma representada, com uma cronologia do século II d.C. (Quaresma, 2012:124, nº 153). Também na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), encontram-se exemplares desta forma, datados da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:246, 247, 432, Sepultura 4 - nº 15639; 15791, Sepultura 29 – nº 15792).		



PLG.S3[11]2364



Grupo: *Terra Sigillata*

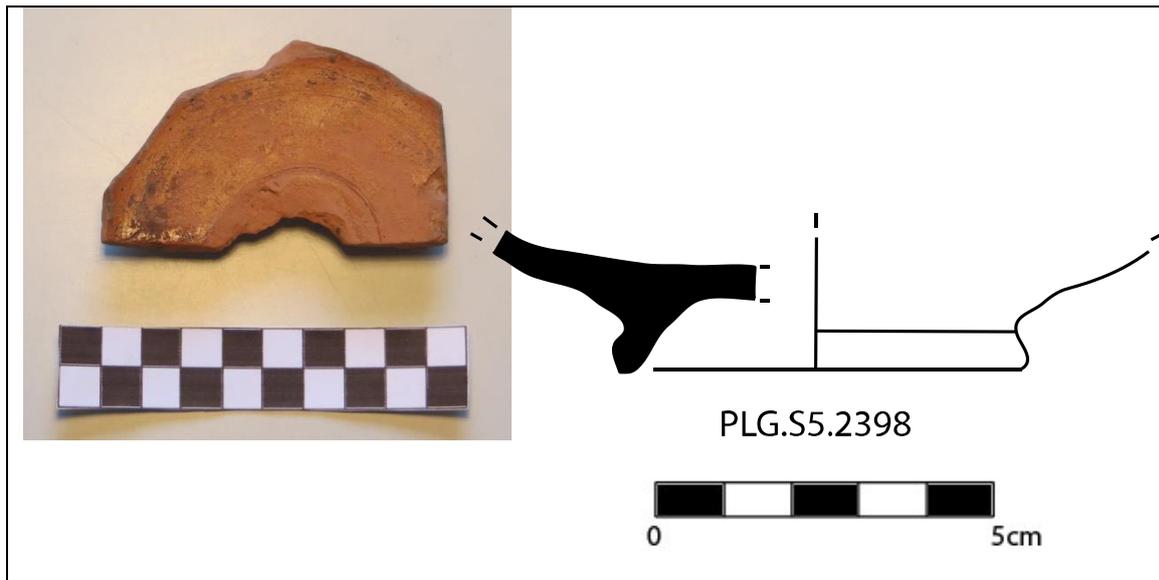
Nº Inventário: 2398

Setor: 5

U.E.:

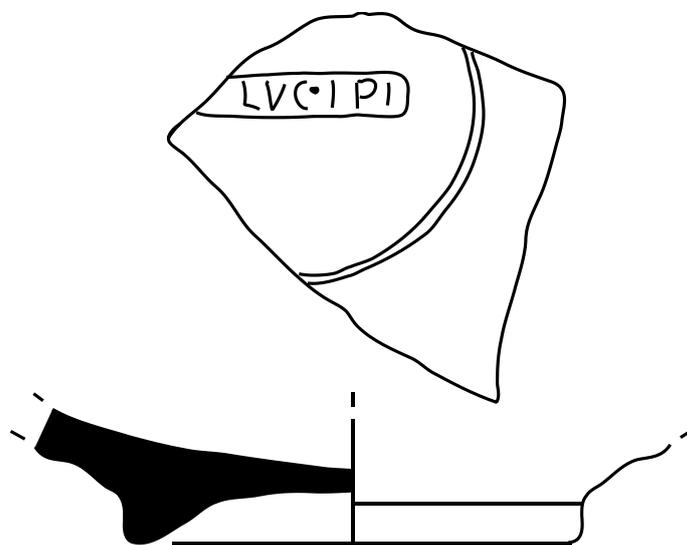
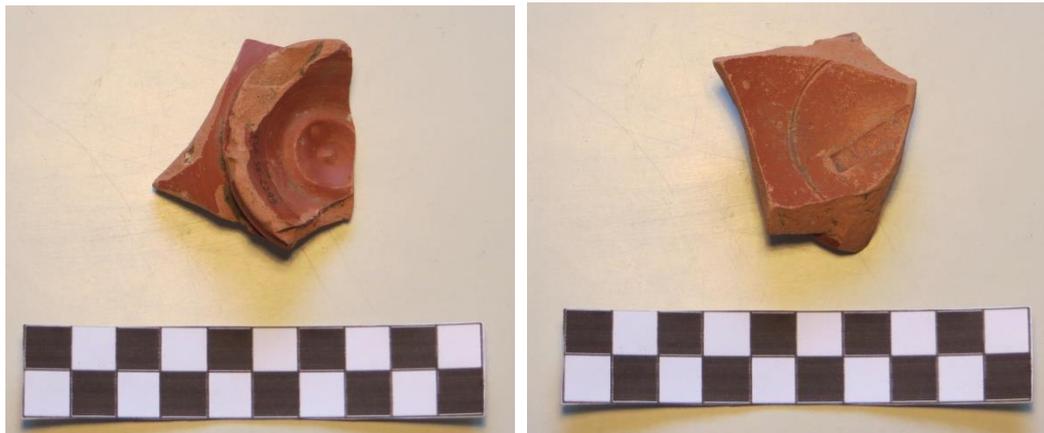
Proveniência: Hispânica		Centro de Fabrico:
Tipologia: Drag. 18	Frag.: Fundo	Forma: Prato
Descrição: Fundo anelar com secção triangular.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo: 7cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta laranja, de textura fina, possui uma aparência homogénea a olho nu, embora ressaltem alguns elementos não plásticos (micas) e o engobe é vermelho-acastanhado, mate.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6 Cor do engobe: 10R-5/6		
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: Séc. I – II d.C.		
Paralelos: Em Chãos dos Salgados encontram-se alguns exemplares desta forma, sendo que encontram-se datados de meados do século I a finais do século II d.C. (Quaresma, 2012:125, 197-Mir-274-34).		





Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2399**Setor:** 5**U.E.:**

Proveniência: Hispânica**Centro de Fabrico:** Trício**Tipologia:** Drag. 27**Frag.:** Fundo**Forma:** Taça**Descrição:** Fundo anelas de secção subarredondada.**Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 5cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:** Pasta laranja de textura fina, com elementos não plásticos bem visíveis (micas) e engobe vermelho de fraca qualidade e baço.**Cor da pasta:** 10R-6/6**Cor do engobe:** 10R-5/6**Decoração:****Marca de Oleiro:** "(...)LVC·IPI"**Leitura:** Lucius Pi ()**Cronologia:** 50 – 75 d.C.**Paralelos:** Pertencente à Oficina Lucius Pi (...), da região *Tritium Magallum* (Trício), em que os inícios de fabricação nestas oficinas deu-se na época Claudiana, sem se saber ao certo em que data terminou (Beltran, 1990:112). Encontram-se exemplares com a mesma marca de oleiro em Torre de Palma (Mayet, 1984:146, M.310); Conimbriga, datado de 50 – 75 d.C. (Mayet, 1984:311, M.311); Braga (Delgado, 1985:28).

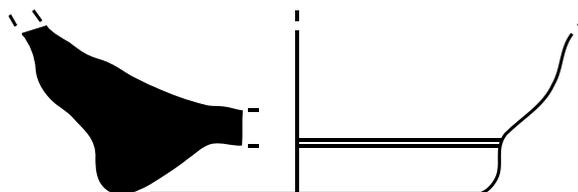
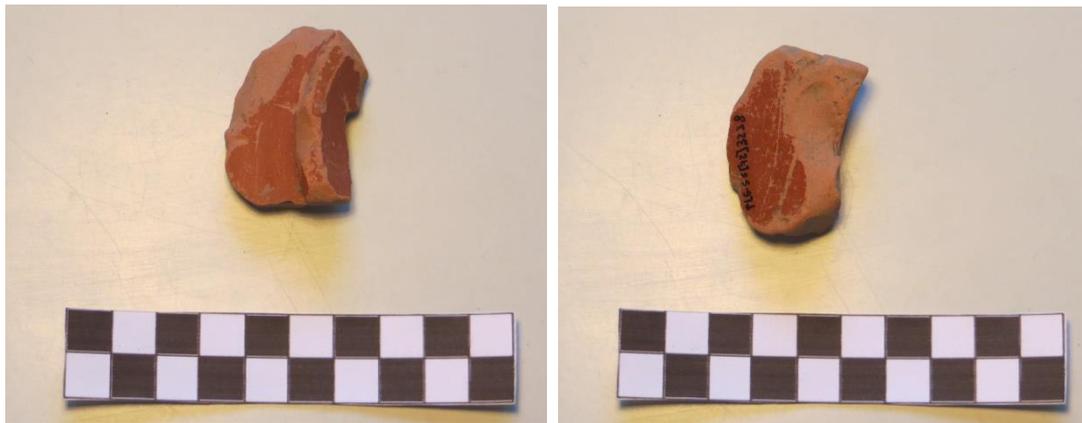


PLG.S5.2399



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 3238**Setor:** 6**U.E.:** [72]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Drag. 27	Frag.: Fundo	Forma: Taça
Descrição: Fundo anelar de secção arredondada		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta laranja, de textura fina, com elementos não plásticos raros (micas), engobe vermelho de fraca qualidade, baço.		
Cor da pasta: 10R-6/6	Cor do engobe: 10R-5/6	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 40 – 200 d.C.		
Paralelos: Em Santarém, contam-se dezassete peças, datadas do período 40-200 d.C. (Viegas, 2003:147); em Chaos dos Salgados esta forma encontra-se datada do século I até às primeiras décadas do século II d.C. (Quaresma, 2012:376, 243-Mir-991-6-1); na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), também se encontra esta forma, com uma cronologia aplicada de finais do século I inícios do século II d.C. (Rolo, 2010:244, nº Sepultura 4 – 15630; Sepultura 11 – nº 15694; Sepultura 15 – 15634; 15651; Sepultura 29 – 15637).		

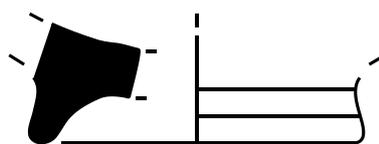


PLG.S6[72]3238



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1875**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Drag. 27	Frag.: Fundo	Forma: Taça
Descrição: Fundo anelar com secção arredondada e canelura a meia altura		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta laranja, de textura fina, com elementos não plásticos bem visíveis (micas) e engobe vermelho, de fraca qualidade, baço.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 2.5YR-4/8	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 40 – 200 d.C.		
Paralelos: Em Santarém, contam-se dezassete peças, datadas do período 40-200 d.C. (Viegas, 2003:147); em Chaos dos Salgados esta forma encontra-se datada do século I até às primeiras décadas do século II d.C. (Quaresma, 2012:376, 243-Mir-991-6-1); na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), também se encontra esta forma, com uma cronologia aplicada de finais do século I inícios do século II d.C. (Rolo, 2010:244, nº Sepultura 4 – 15630; Sepultura 11 – nº 15694; Sepultura 15 – 15634; 15651; Sepultura 29 – 15637).		



PLG.S5[13]1875



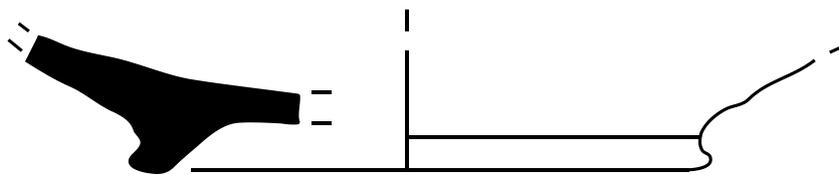
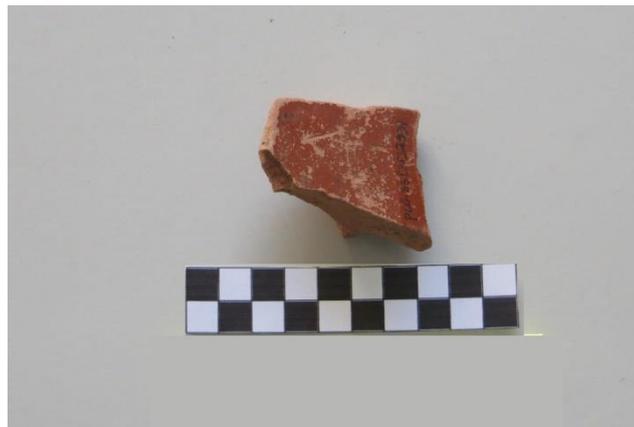
Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1565**Setor:** 3**U.E.:** [12]

Proveniência: Hispânica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 30**Frag.:** Fundo**Forma:** Taça**Descrição:** Fundo anelar com secção triangular e canelura a meia altura**Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 5cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:** Pasta laranja-rosada, de textura fina, com elementos não plásticos visíveis a olho nu (micas) e engobe vermelho de fraca aderência, brilhante.**Cor da pasta:** 10R-6/6**Cor do engobe:** 10R-5/6**Decoração:****Marca de Oleiro:** "(...) IR"**Leitura:** Indet.**Cronologia:****Paralelos:** Encontra-se representado em Chãos dos Salgados por três exemplares, com uma cronologia de toda a metade do séc. I d.C. (Quaresma, 2012:143, 256-Mir-991-17-2).



Grupo: *Terra Sigillata* **Nº Inventário:** 2397 **Sector:** 5 **U.E.:** [31]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Drag. 30	Frag.: Fundo	Forma: Taça
Descrição: Fundo anelar com secção triangular.		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo: 8cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta fina, laranja-rosada, com elementos não plásticos visíveis a olho nu (micas), engobe vermelho com fraca aderência, baço.		
Cor da pasta: 7.5YR-7/6	Cor do engobe: 2.5YR-4/8	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 50 – 100 d.C.		
Paralelos: Encontra-se representado em Chãos dos Salgados por três exemplares, com uma cronologia de toda a metade do séc. I d.C. (Quaresma, 2012:143, 256-Mir-991-17-2).		



PLG.S5[31]2397



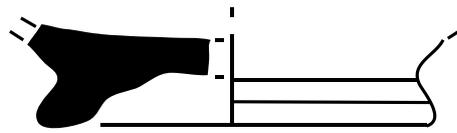
Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 3239

Setor: 6

U.E.: [72]

Proveniência: Hispânica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 30**Frag.:** Fundo**Forma:** Taça**Descrição:** Fundo anelar com secção triangular e canelura a meia altura.**Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 6cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:** Pasta rosada, de textura final, com elementos não plásticos visíveis a olho nu (micas), com engobe vermelho, de fraca aderência, baço.**Cor da pasta:** 10R-6/6**Cor do engobe:** 10R-4/6**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 50 – 100 d.C.**Paralelos:** Encontra-se representado em Chãos dos Salgados por três exemplares, com uma cronologia de toda a metade do séc. I d.C. (Quaresma, 2012:143, 256-Mir-991-17-2).

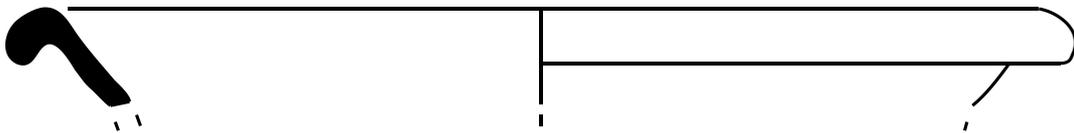


PLG.S6[72]3239



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 622**Setor:** 2**U.E.:** [1]

Proveniência: Hispânica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Drag. 35/36**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato/Taça**Descrição:** Prato/Taça com bordo em aba**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 16cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:** 2,1cm**Pasta:** Pasta vermelha, com engobe acastanhado, mate, com elementos não plásticos visíveis e bem distribuídos (micas e quartzo).**Cor da pasta:** 5YR-6/6**Cor do engobe:** 5YR-5/8**Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 60 – 200 d.C.**Paralelos:** Em Santarém existem seis peças desta forma, datadas do período 60/70-200 d.C. (Viegas, 2003:149); também em Chãos dos Salgados se encontram exemplares desta forma, assim como na Necrópole de Alandroal (Évora), contando com quatro exemplares desta tipologia nas sepulturas 14 e 15, datadas da segunda metade do século I a meados/finais do século II d.C. (Rolo, 2010:332, 333, 335, 365).



PLG.S2[1]622



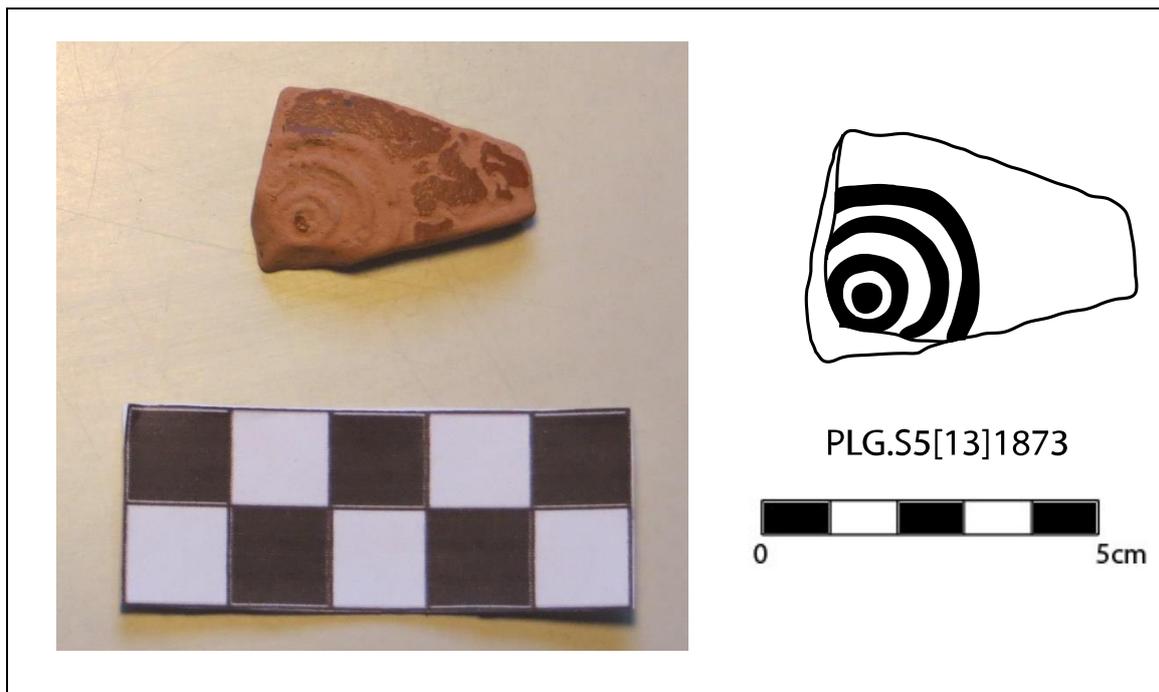
Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 1873

Setor: 5

U.E.: [13]

Proveniência: Hispânica		Centro de Fabrico:
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta depurada, de textura fina, cor laranja-acastanhada, com pequenos vácuos. Os elementos não plásticos são pouco visíveis a olho nu, mas encontram-se algumas micas. Engobe é vermelho escuro, com pouca aderência.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 2.5YR-4/6	
Decoração: Círculos concêntricos		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos: Esta decoração encontra-se representada em Balsa (Viegas, 2011, Est. II – 692); também nos espólios de <i>Ammaia</i> , se encontram formas com esta decoração (Quaresma, 2015:36, nº 19); na Necrópole da Rouca, encontra-se uma Drag. 29 com este tipo de decoração (Rolo, 2010:430, Sepultura 29 – nº 15661); assim como na Alcáçova de Santarém esta decoração também se encontra representada em formas como Drag. 29/37, com uma cronologia entre a segunda metade do século I e o século II d.C. (Viegas, 2003:153-154, nº 2926)		



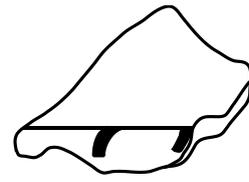
Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2403

Setor: 5

U.E.:

Proveniência: Hispânica		Centro de Fabrico:
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta depurada, de textura fina, com a cor laranja. Os elementos não plásticos são bem visíveis a olho nu (micas). Engobe é vermelho escuro, com pouca aderência.		
Cor da pasta: 10R-6/6	Cor do engobe: 10R-4/6	
Decoração: Círculos concêntricos pequenos		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos: Esta decoração encontra-se representada em Balsa (Viegas, 2011, Est. II – 692); também nos espólios de <i>Ammaia</i> , se encontram formas com esta decoração (Quaresma, 2015:36, nº 19); na Necrópole da Rouca, encontra-se uma Drag. 29 com este tipo de decoração (Rolo, 2010:430, Sepultura 29 – nº 15661); assim como na Alcáçova de Santarém esta decoração também se encontra representada em formas como Drag. 29/37, com uma cronologia entre a segunda metade do século I e o século II d.C. (Viegas, 2003:153-154, nº 2926)		



PLG.S5.2403



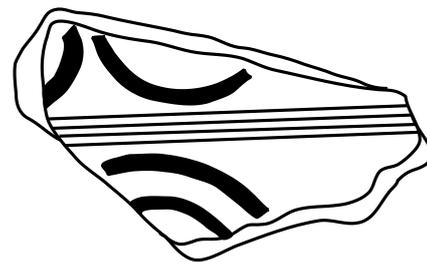
Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2404

Setor: 5

U.E.:

Proveniência: Hispânica		Centro de Fabrico:
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta pouco depurada, com alguns vácuos, de cor laranja clara, com engobe vermelho escuro de fraca aderência. Os elementos não plásticos encontram-se bem distribuídos, e são abundantes (micas).		
Cor da pasta: 10R-6/6	Cor do engobe: 10R-4/6	
Decoração: Círculos concêntricos e linhas horizontais		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos: Esta decoração encontra-se representada em Balsa (Viegas, 2011, Est. II – 692); também nos espólios de <i>Ammaia</i> , se encontram formas com esta decoração (Quaresma, 2015:36, nº 19); na Necrópole da Rouca, encontra-se uma Drag. 29 com este tipo de decoração (Rolo, 2010:430, Sepultura 29 – nº 15661); assim como na Alcáçova de Santarém esta decoração também se encontra representada em formas como Drag. 29/37, com uma cronologia entre a segunda metade do século I e o século II d.C. (Viegas, 2003:153-154, nº 2926)		



PLG.S5.2404



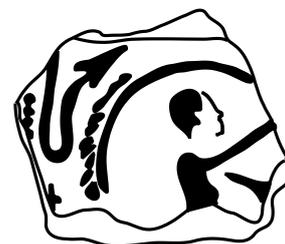
Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2383

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta laranja, bem depurada, com elementos não plásticos bem visíveis (micas) e o engobe é baço, vermelho escuro.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 2.5YR-5/8	
Decoração: Representação humana		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos:		



PLG.S5[20]2383



Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2390

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: Hispânica**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Indet.**Frag.:** Bordo**Forma:****Descrição:** Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior**Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 1,3cm**Alt. Conservada:** 0,9cm**Pasta:** Pasta laranja, depurada, com bastantes elementos não plásticos (micas), o engobe é vermelho escuro, brilhante.**Cor da pasta:** 2.5YR-6/6**Cor do engobe:** 2.5YR-4/6**Decoração:** Indet.**Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:****Paralelos:**

PLG.S5[20]2390



Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2382

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta depurada, laranja, com elementos não plásticos pouco visíveis (micas) e o engobe é vermelho, de fraca aderência.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 10R-5/6	
Decoração: Linhas horizontais		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos:		



PLG.S5[20]2382



Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2233

Setor: 5

U.E.: [30]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta rosada, pouco depurada, com alguns vácuos. Os elementos não plásticos são raros (micas), e o engobe é vermelho e baço.		
Cor da pasta: 10R-6/6	Cor do engobe: 2.5YR-4/8	
Decoração: Métopas definidas verticalmente e cordões ondulantes		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos:		



PLG.S5[30]2233



Grupo: *Terra Sigillata*

Nº Inventário: 2369

Setor: 3

U.E.: [18]

Proveniência: Hispânica	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta pouco depurada, com alguns vácuos, de cor laranja clara, com engobe vermelho de fraca aderência. Os elementos não plásticos encontram-se bem distribuídos, e são abundantes (micas).		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe: 10R-5/6	
Decoração: Cordões ondulantes e motivo vegetalista (?)		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia:		
Paralelos:		



PLG.S3[18]2369



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1895**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Africana A2**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Hayes 9B**Frag.:** Bordo**Forma:** Taça

Descrição: Taça de paredes curvas e bordo arredondado simples e apresenta duas ranhuras a seguir ao bordo, do lado externo.

Dimensões:**Diâm. Bordo:** 14cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 4,3cm**Alt. Conservada:** 2,6cm

Pasta: Pasta laranja, dura, pouco compacta e granulosa, os elementos não plásticos são bem distribuídos e de reduzida dimensão e frequência (micas e quartzo).

Cor da pasta: 7.5YR-7/6**Cor do engobe:****Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** Séc. III – IV d.C.

Paralelos: Em Chãos dos Salgados esta forma encontra-se representada por 6 exemplares, com bordo de topo arredondado, parede lisa curta, evasada, não possui estratigrafia conhecida (Quaresma, 2012:165, nº395-Arq-1522).





Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1890**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Africana A2**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Hayes 9B**Frag.:** Bordo**Forma:** Taça

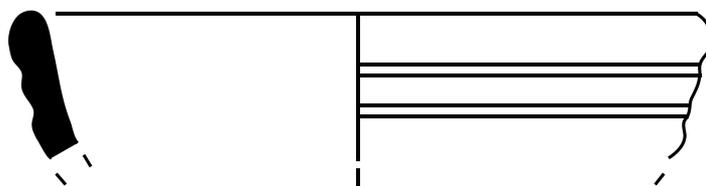
Descrição: Taça de paredes curvas e bordo arredondado simples e apresenta duas ranhuras a seguir ao bordo, do lado externo.

Dimensões:**Diâm. Bordo:** 10cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 2,6cm**Alt. Conservada:** 2,5cm

Pasta: Pasta laranja, dura, pouco compacta e granulosa, os elementos não plásticos são bem distribuídos e de reduzida dimensão e frequência (micas e quartzo).

Cor da pasta: 2.5YR-7/8**Cor do engobe:****Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** Séc. III – IV d.C.

Paralelos: Em Chãos dos Salgados esta forma encontra-se representada por 6 exemplares, com bordo de topo arredondado, parede lisa curta, evasada, não possui estratigrafia conhecida (Quaresma, 2012:165, nº395-Arq-1522).

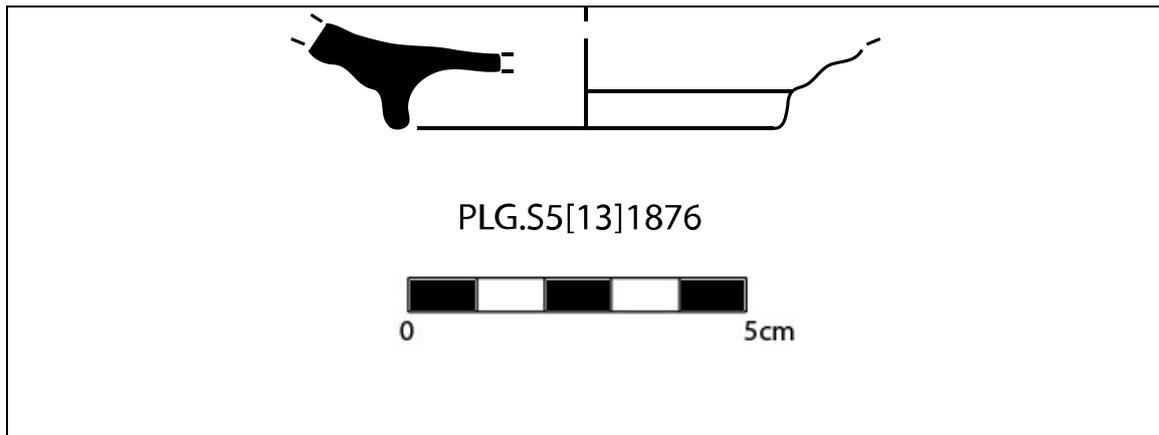


PLG.S5[13]1890



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1876**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Africana C2**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Hayes 44**Frag.:** Fundo**Forma:** Prato (?)**Descrição:** Fundo anelar com secção arredondada**Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 6cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:** Pasta medianamente fina, de cor laranja, compacta, com finos elementos não plásticos (calcite)**Cor da pasta:** 5YR-6/6**Cor do engobe:****Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** Séc. III – IV d.C.**Paralelos:** Esta forma encontra-se representada em Chãos dos Salgados, com uma cronologia de meados do século III até meados do século IV-V (?) porém também não foi possível determinar uma variante (Quaresma, 2012: 385, 443-Mir-3-478).



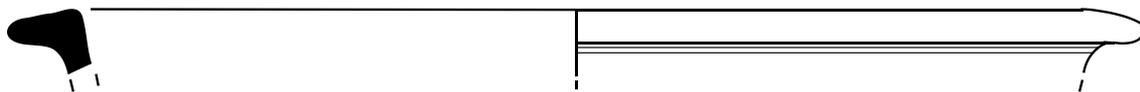
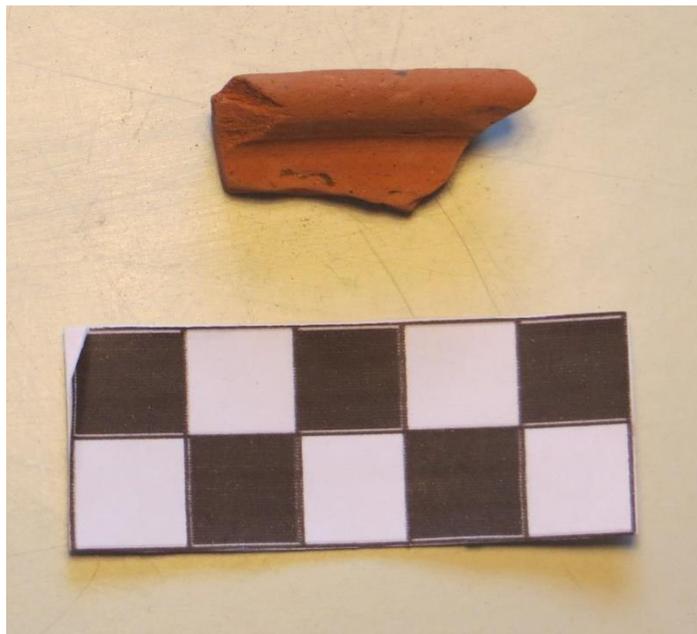
Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 3422**Setor:** 6**U.E.:** [106]

Proveniência: Africana D1	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Hayes 58B	Frag.: Bordo	Forma: Prato
Descrição: Prato com o bordo em aba, inclinado		
Dimensões:		
Diâm. Bordo: 24cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,5cm	Alt. Conservada: 2,4cm	
Pasta: Pasta laranja, textura média, granulosa, com engobe da mesma cor da pasta, mate. Os elementos não plásticos encontram-se bem distribuídos (quartzo e micas).		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe:	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 200/300 – 375 d.C.		
Paralelos: Na Alcáçova de Santarém foram identificados 10 fragmentos desta tipologia, que se referem às duas variantes enunciadas por Hayes, de uma cronologia que vai desde 290/300 a 375 d.C. (Viegas, 2003:176, nº 3053). Em Conimbriga, esta é a segunda forma mais comum de produções de sigillata clara D (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975:262). Esta forma encontra-se igualmente no fundão de Tróia, com uma cronologia 290/300-375 d.C. (Fonseca, 2003:20, nrs 23, 60, 70). Também no sitio romano do Vidigal (Aljezur) se encontra esta forma representada, podendo ser atribuída uma cronologia dos últimos anos do século III d.C. prolongando-se até ao século V d.C. (Pereira, 2012:167, Fig. 8, nº 36).		



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 2402**Setor:** 5**U.E.:**

Proveniência: Africana D1**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Hayes 58AB**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato**Descrição:** Prato com o bordo em aba, e caneluras abaixo deste**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 22cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 2,4cm**Alt. Conservada:** 1,3cm**Pasta:** Pasta laranja, fina, granulosa, com engobe da mesma cor da pasta, mate. Os elementos não plásticos encontram-se bem distribuídos (quartzo e micas).**Cor da pasta:** 2.5YR-5/6**Cor do engobe:****Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 200/300 – 375 d.C.**Paralelos:** Na Alcáçova de Santarém foram identificados 10 fragmentos desta tipologia, que se referem às duas variantes enunciadas por Hayes, de uma cronologia que vai desde 290/300 a 375 d.C. (Viegas, 2003:176, nº 3053). Em Conimbriga, esta é a segunda forma mais comum de produções de sigillata clara D (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975:262). Esta forma encontra-se igualmente no fundão de Tróia, com uma cronologia 290/300-375 d.C. (Fonseca, 2003:20, nrs 23, 60, 70). Em Chãos dos Salgados, encontram-se dois pratos de tipologia Hayes 58^a produzidos entre 290-300/375 d.C. (Quaresma, 1999:70). Também no sitio romano do Vidigal (Aljezur) se encontra esta forma representada, podendo ser atribuída uma cronologia dos últimos anos do século III d.C. prolongando-se até ao século V d.C. (Pereira, 2012:167, Fig. 8, nº 36).

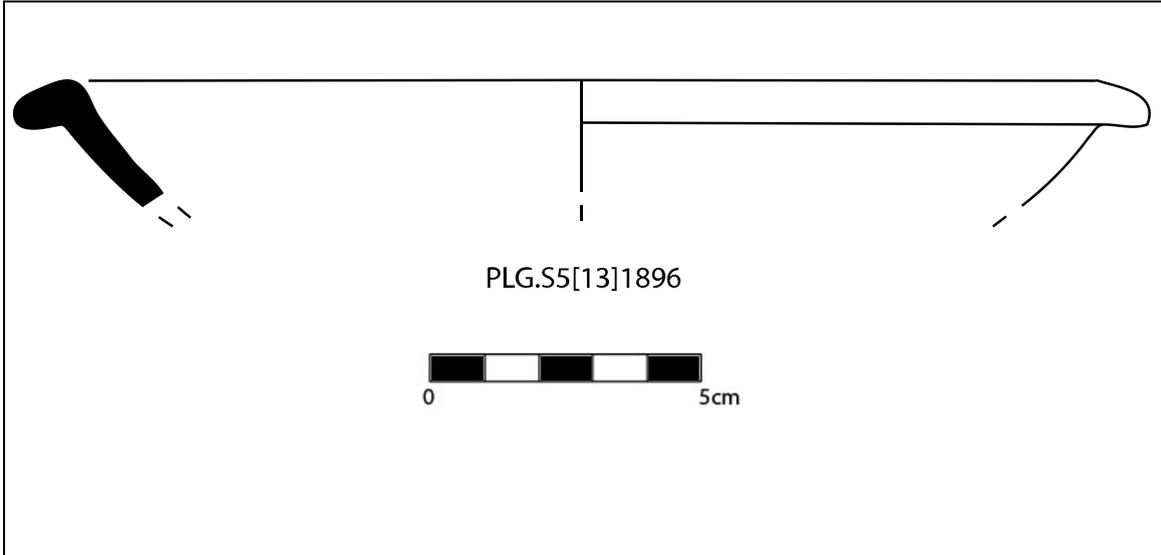


PLG.S5.2402



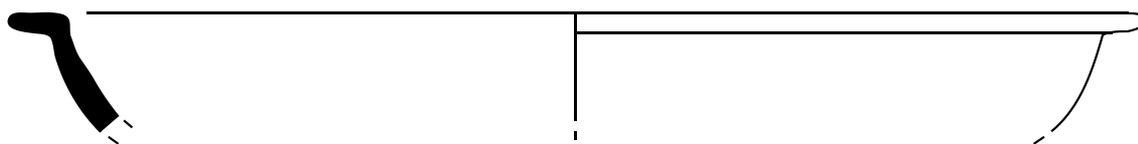
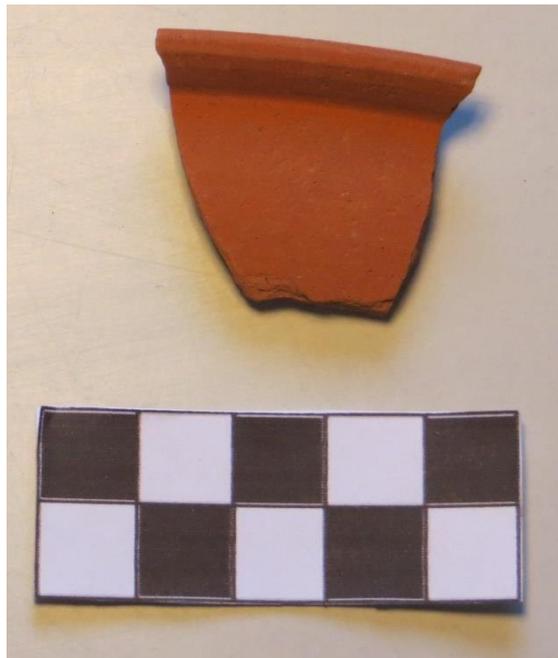
Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1896**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Africana D1**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Hayes 58B**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato**Descrição:** Prato com o bordo em aba, inclinado**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 22cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 5,8cm**Alt. Conservada:** 3,1cm**Pasta:** Pasta laranja, textura média, granulosa, com engobe da mesma cor da pasta, mate. Os elementos não plásticos encontram-se bem distribuídos (quartzo e micas).**Cor da pasta:** 7.5YR-7/6**Cor do engobe:****Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 200/300 – 325 d.C.**Paralelos:**



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1897**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Africana D1	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Hayes 59	Frag.: Bordo	Forma: Prato
Descrição: Prato de parede curvada e baixa com um bordo em aba larga		
Dimensões:		
Diâm. Bordo: 24cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,1cm	Alt. Conservada: 3,3cm	
Pasta: Pasta de textura fina, um pouco granular, de cor laranja, com elementos não plásticos visíveis e de reduzidas dimensões (micas).		
Cor da pasta: 7.5YR-7/6	Cor do engobe:	
Decoração:		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: 320 – 420 d.C.		
Paralelos: Na Alcáçova de Santarém, foram identificados dez fragmentos desta forma, datados do período 290/300-375 d.C. (Viegas, 2003:176-177, nº 3326). Em Conimbriga, esta forma também se encontra bem representada, constituindo um dos bons exemplos das primeiras fases da produção de <i>sigillata</i> clara D. Em Chãos dos Salgados, encontra-se um bordo com decoração composta por nervuras verticais na superfície externa da parede e datada entre 320-400/420 d.C. (Quaresma, 1999:70, nº 3). Da variante H.59B encontram-se 3 bordos horizontais, de cronologia igual a anterior, de 320-400/420 (Quaresma, 1999:70, nrs 4, 5 e 6).		

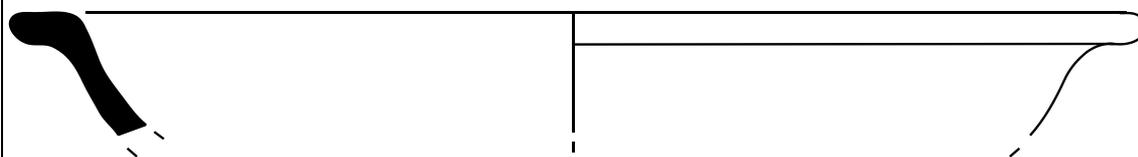


PLG.S5[13]1897



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1243**Setor:** 4**U.E.:** [0]

Proveniência: Africana D1**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Hayes 59**Frag.:** Bordo**Forma:** Prato**Descrição:** Prato de parede curvada e baixa com um bordo em aba larga**Dimensões:****Diâm. Bordo:** 24cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 4,3cm**Alt. Conservada:** 3,8cm**Pasta:** Pasta de textura fina, um pouco granular, apresenta alguns vácuos. De cor laranja clara, com elementos não plásticos visíveis e de reduzidas dimensões (micas).**Cor da pasta:** 5YR-6/6**Cor do engobe:****Decoração:****Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** 320 – 420 d.C.**Paralelos:** Na Alcáçova de Santarém, foram identificados dez fragmentos desta forma, datados do período 290/300-375 d.C. (Viegas, 2003:176-177, nº 3326). Em Conimbriga, esta forma também se encontra bem representada, constituindo um dos bons exemplos das primeiras fases da produção de *sigillata* clara D. Em Chãos dos Salgados, encontra-se um bordo com decoração composta por nervuras verticais na superfície externa da parede e datada entre 320-400/420 d.C. (Quaresma, 1999:70, nº 3). Da variante H.59B encontram-se 3 bordos horizontais, de cronologia igual a anterior, de 320-400/420 (Quaresma, 1999:70, nrs 4, 5 e 6).

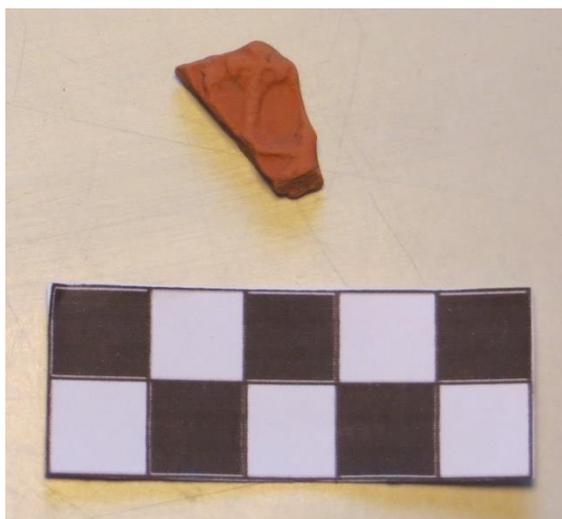


PLG.S4[0]1243



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1874**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Africana D1	Centro de Fabrico:	
Tipologia: Indet.	Frag.: Bojo	Forma:
Descrição:		
Dimensões:		
Diâm. Bordo:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta: Pasta laranja, compacta, um pouco granular, com elementos não plásticos visíveis mas de frequência reduzida (micas), engobe mate da cor da pasta.		
Cor da pasta: 2.5YR-6/6	Cor do engobe:	
Decoração: Cruz com quatro círculos entre os braços		
Marca de Oleiro:	Leitura:	
Cronologia: Séc. V – VI d.C.		
Paralelos: Hayes data esta decoração do final do século V para meados do século VI d.C. (Hayes, 1972:366-368, nº 79t). Em termos de paralelos não foram encontradas formas que apresentassem este tipo de decoração.		



PLG.S5[13]1874



Grupo: *Terra Sigillata***Nº Inventário:** 1871**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Africana D1**Centro de Fabrico:****Tipologia:** Indet.**Frag.:** Bojo**Forma:****Descrição:****Dimensões:****Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:**

Pasta: Pasta laranja, compacta, um pouco granular, com elementos não plásticos visíveis mas de frequência reduzida (micas), engobe mate da cor da pasta.

Cor da pasta: 2.5YR-6/6**Cor do engobe:****Decoração:** Círculos pequenos**Marca de Oleiro:****Leitura:****Cronologia:** Séc. IV – V d.C.**Paralelos:** Esta decoração pertence aos séculos IV – V d.C. (Hayes, 1972:234-236, 24c, 32n)



PLG.S5[13]1871



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 3423**Setor:** 6**U.E.:** [106]

Proveniência: Emeritense**Descrição:** Fundo raso com um rebordo**Fabrico:** Sub. 1a - Pasta com a cor bege, de textura média-fina, porosa, contendo elementos não plásticos bem visíveis (calcite, micas, partículas de cerâmica moída). Os engobe conservado é mate, de cor laranja.**Tipologia:** Mayet XLIII (?)**Fragmento:** Fundo de copo (?)**Cronologia:** 50 – 100 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 3cm (?)**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 7.5YR-8/6 **Engobe:** 5YR-7/8**Decoração:**

Paralelos: Tem como paralelos uma taça, do tipo M. XLIII, encontrada na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), que apresenta igualmente este tipo de decoração, datada da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:340, Sepultura 14, pf-8). Encontram-se igualmente paralelos em Mérida (Mayet, 1975, Pl. LXIII-LXV, pp. 101-103); Ammaia, um vaso de beber, Mayet 43 (Quaresma, 2015:33, nº 8). Relativamente aos fundos, dois deles são planos (3423; 1925) e o terceiro é ligeiramente côncavo (3020), dos quais se destacam paralelos como na Alcáçova de Santarém (2003:282, Fig. 19 nº 226) e Ammaia (Quaresma, 2015: 3, nrs 6, 7, 8, 26, 27).

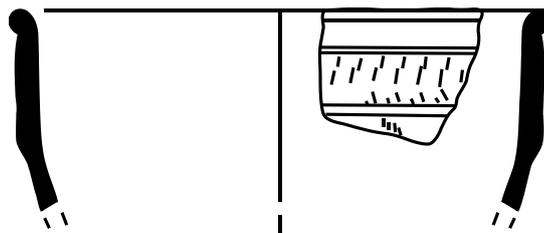


PLG.S6[106]3423



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 3241**Setor:** 6**U.E.:** [74]

Proveniência: Emeritense**Descrição:** Bordo com secção arredondada**Fabrico:** Sub 1b - Pasta com a cor esbranquiçada, de textura fina, compacta, com elementos não plásticos presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), e o engobe laranja.**Tipologia:** Mayet XLIII**Fragmento:** Bordo de taça**Cronologia:** 50 – 100 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:** 8cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 2,3cm**Alt. Conservada:** 2.9cm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 5YR-7/8**Decoração:** Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas**Paralelos:** Tem como paralelos uma taça, do tipo M. XLIII, encontrada na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), que apresenta igualmente este tipo de decoração, datada da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:340, Sepultura 14, pf-8). Encontram-se igualmente paralelos em Mérida (Mayet, 1975, Pl. LXIII-LXV, pp. 101-103); Ammaia, um vaso de beber, Mayet 43 (Quaresma, 2015:33, nº 8). Relativamente aos fundos, dois deles são planos (3423; 1925) e o terceiro é ligeiramente côncavo (3020), dos quais se destacam paralelos como na Alcáçova de Santarém (2003:282, Fig. 19 nº 226) e Ammaia (Quaresma, 2015: 3, nrs 6, 7, 8, 26, 27).



PLG.S6[74]3241



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 1925**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Emeritense**Descrição:** Bordo raso com pequeno rebordo**Fabrico:** Sub 1a - Pasta com a cor bege, de textura média-fina, porosa, contendo elementos não plásticos bem visíveis (calcite, micas), com engobe laranja.**Tipologia:** Mayet XLIII (?)**Fragmento:** Fundo de copo (?)**Cronologia:** 50 – 100 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2Y-8/3 **Engobe:** 7.5YR-6/8**Decoração:**

Paralelos: Tem como paralelos uma taça, do tipo M. XLIII, encontrada na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), que apresenta igualmente este tipo de decoração, datada da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:340, Sepultura 14, pf-8). Encontram-se igualmente paralelos em Mérida (Mayet, 1975, Pl. LXIII-LXV, pp. 101-103); Ammaia, um vaso de beber, Mayet 43 (Quaresma, 2015:33, nº 8). Relativamente aos fundos, dois deles são planos (3423; 1925) e o terceiro é ligeiramente côncavo (3020), dos quais se destacam paralelos como na Alcáçova de Santarém (2003:282, Fig. 19 nº 226) e Ammaia (Quaresma, 2015: 3, nrs 6, 7, 8, 26, 27).



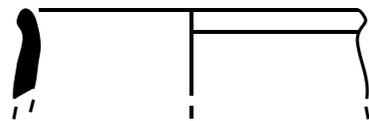
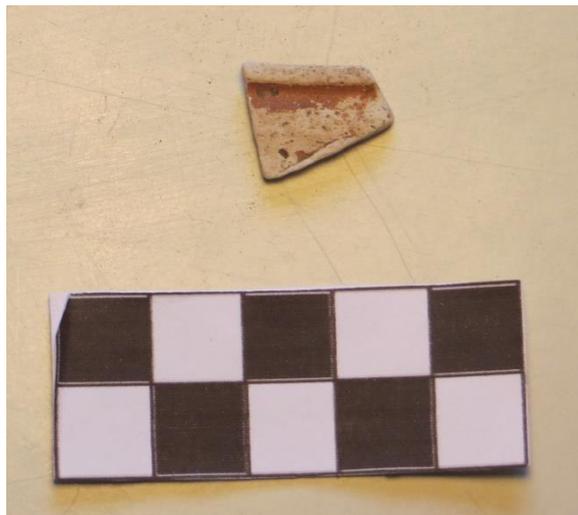
PLG.S5[13]1925



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 1926**Setor:** 5**U.E.:** [20]

Proveniência: Emeritense**Descrição:** Bordo com secção arredondada**Fabrico:** Sub 1a - Pasta com a cor bege, de textura média-fina, porosa, contendo elementos não plásticos bem visíveis (calcite, micas), com engobe laranja escuro.**Tipologia:** Mayet XLIII (?)**Fragmento:** Bordo de taça**Cronologia:** 50 – 100 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:** 5cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 1.7cm**Alt. Conservada:** 1.3cm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 2.5YR-5/8**Decoração:**

Paralelos: Tem como paralelos uma taça, do tipo M. XLIII, encontrada na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), que apresenta igualmente este tipo de decoração, datada da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:340, Sepultura 14, pf-8). Encontram-se igualmente paralelos em Mérida (Mayet, 1975, Pl. LXIII-LXV, pp. 101-103); Ammaia, um vaso de beber, Mayet 43 (Quaresma, 2015:33, nº 8). Relativamente aos fundos, dois deles são planos (3423; 1925) e o terceiro é ligeiramente côncavo (3020), dos quais se destacam paralelos como na Alcáçova de Santarém (2003:282, Fig. 19 nº 226) e Ammaia (Quaresma, 2015: 3, nrs 6, 7, 8, 26, 27).



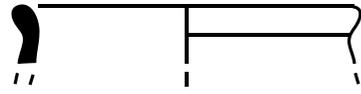
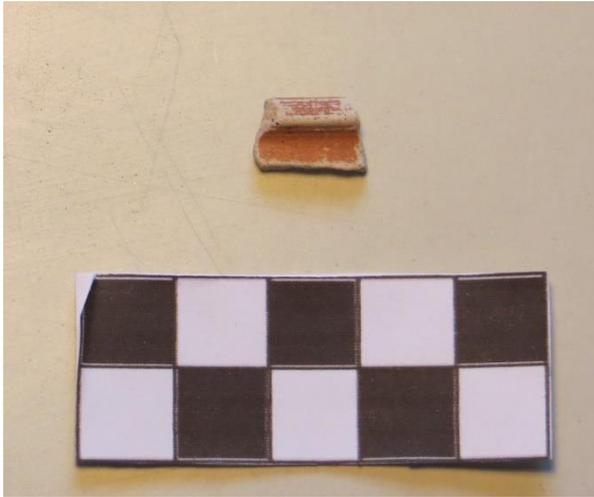
PLG.S5[13]1926



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 1928**Setor:** 5**U.E.:** [13]

Proveniência: Emeritense**Descrição:** Bordo com secção arredondada**Fabrico:** Sub 1a - Pasta com a cor bege, de textura média-fina, porosa, contem elementos não plásticos bem visíveis (calcite, micas), com engobe laranja.**Tipologia:** Mayet XLIII (?)**Fragmento:** Bordo de taça**Cronologia:** 50 – 100 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:** 5cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 1,2cm**Alt. Conservada:** 0,8cm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 5YR-7/8**Decoração:**

Paralelos: Tem como paralelos uma taça, do tipo M. XLIII, encontrada na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), que apresenta igualmente este tipo de decoração, datada da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:340, Sepultura 14, pf-8). Encontram-se igualmente paralelos em Mérida (Mayet, 1975, Pl. LXIII-LXV, pp. 101-103); Ammaia, um vaso de beber, Mayet 43 (Quaresma, 2015:33, nº 8). Relativamente aos fundos, dois deles são planos (3423; 1925) e o terceiro é ligeiramente côncavo (3020), dos quais se destacam paralelos como na Alcáçova de Santarém (2003:282, Fig. 19 nº 226) e Ammaia (Quaresma, 2015: 3, nrs 6, 7, 8, 26, 27).



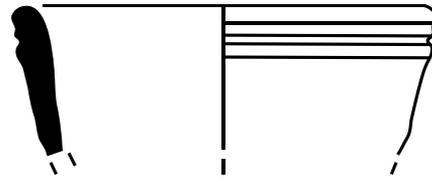
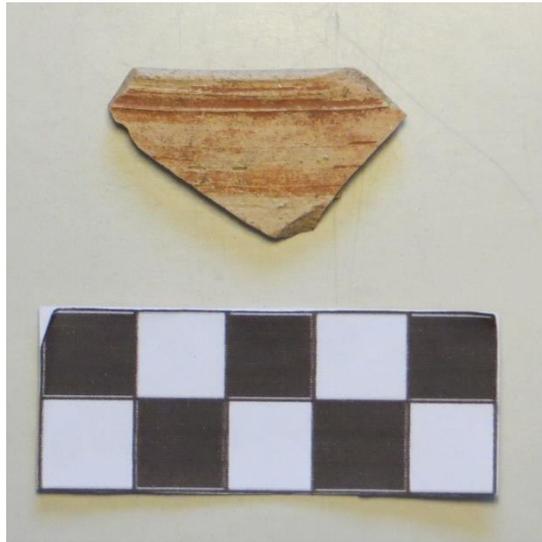
PLG.S5[13]1928



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 3021**Setor:** 6**U.E.:** [45]

Proveniência: Bética**Descrição:** Bordo com secção arredondada e caneluras abaixo deste**Fabrico:** Sub 2b - Pasta bege amarelada, de textura média a fina, com a presença de elementos não plásticos (calcites e micas), com engobe laranja acastanhado.**Tipologia:** Mayet XXXVII**Fragmento:** Bordo de copo**Cronologia:** 25 – 60 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:** 6cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 3,4cm**Alt. Conservada:** 2,1cm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 10R-4/6**Decoração:**

Paralelos: Foi encontrado em Santarém um fragmento de bordo de tigela hemisférica de lábio curto e arredondado, separado por linhas do bojo, do tipo Mayet XXXVII. Arruda e Sousa, referem que esta forma é uma produção ocidental, produzida em oficinas do sul da Gália como na Bética e foi muito difundida sobretudo na bacia ocidental do Mediterrâneo (Arruda, 2003:280). Esta forma surge na época Tibério-claudiana estendendo-se pelo período dos Flávios, podendo ser proposta uma data entre 25 – 60 d.C. (Passelac, 1993).



PLG.S6[45]3021



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 2147**Setor:** 5**U.E.:** [20]

Proveniência: Bética**Descrição:** Fundo raso com um fino rebordo**Fabrico:** Sub 2b - Pasta bege amarelada, de textura média a fina, com a presença de elementos não plásticos (calcites e micas), com engobe laranja acastanhado.**Tipologia:** Mayet XXXVII**Fragmento:** Fundo de copo (?)**Cronologia:** 25 – 60 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:** 3cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 2.5YR-5/8**Decoração:****Paralelos:** Foi encontrado em Santarém um fragmento de bordo de tigela hemisférica de lábio curto e arredondado, separado por linhas do bojo, do tipo Mayet XXXVII. Arruda e Sousa, referem que esta forma é uma produção ocidental, produzida em oficinas do sul da Gália como na Bética e foi muito difundida sobretudo na bacia ocidental do Mediterrâneo (Arruda, 2003:280). Esta forma surge na época Tibério-claudiana estendendo-se pelo período dos Flávios, podendo ser proposta uma data entre 25 – 60 d.C. (Passelac, 1993).



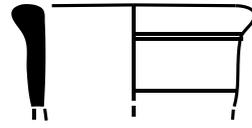
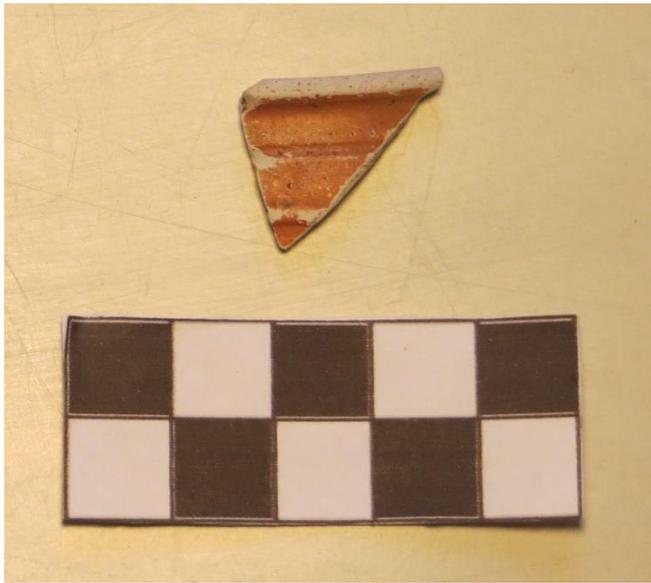
PLG.S5[20]2147



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** 2156**Setor:** 5**U.E.:** [20]

Proveniência: Emeritense**Descrição:** Bordo com secção arredondada e caneluras abaixo deste e na parede**Fabrico:** Sub 1b - Pasta com a cor esbranquiçada, de textura fina, compacta, com elementos não plásticos presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), com engobe laranja.**Tipologia:** Mayet XLIII (?)**Fragmento:** Bordo de copo (?)**Cronologia:** 50 – 100 d.C.**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:** 3cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 1.8cm**Alt. Conservada:** 1.7cm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 5YR-7/8**Decoração:** Caneluras

Paralelos: Tem como paralelos uma taça, do tipo M. XLIII, encontrada na Necrópole da Rouca (Alandroal, Évora), que apresenta igualmente este tipo de decoração, datada da segunda metade do século I d.C. (Rolo, 2010:340, Sepultura 14, pf-8). Encontram-se igualmente paralelos em Mérida (Mayet, 1975, Pl. LXIII-LXV, pp. 101-103); Ammaia, um vaso de beber, Mayet 43 (Quaresma, 2015:33, nº 8). Relativamente aos fundos, dois deles são planos (3423; 1925) e o terceiro é ligeiramente côncavo (3020), dos quais se destacam paralelos como na Alcáçova de Santarém (2003:282, Fig. 19 nº 226) e Ammaia (Quaresma, 2015: 3, nrs 6, 7, 8, 26, 27).



PLG.S5[20]2156

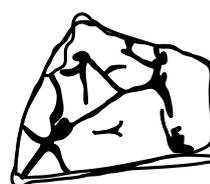


Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 3345

Setor: 6

U.E.: [104]

Proveniência: Bética**Fabrico:** Sub 2b - Pasta bege amarelada, de textura média a fina, com a presença de elementos não plásticos (calcites e micas), com engobe laranja claro.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 10R-7/6**Decoração:** Rugosa

PLG.S6[104]3345

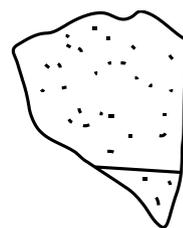


Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 2146

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: Bética**Fabrico:** Sub 2b - Pasta bege amarelada, de textura média a fina, com a presença de elementos não plásticos (calcites e micas), com engobe laranja.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 7.5YR-6/8**Decoração:** Arenosa

PLG.S5[20]2146



Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 3185

Setor: 6

U.E.: [69]

Proveniência: Bética**Fabrico:** Sub 2a - Pasta bege amarelada, de textura fina, com presença de elementos não plásticos que dificilmente se vêem a olho nu (calcite), e engobe laranja escuro.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/4 **Engobe:** 2.5YR-5/8**Decoração:** Incisa

PLG.S6[69]3185



Grupo: Paredes Finas**Nº Inventário:** SN**Setor:****U.E.:**

Proveniência: Emeritense**Fabrico:** Sub 1b - Pasta com a cor esbranquiçada, de textura fina, compacta, com elementos não plásticos presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), e o engobe laranja.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 2.5YR-5/8**Decoração:** Folha de água

Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 1522

Setor: 3

U.E.: [19]

Proveniência: Bética**Fabrico:** Sub 2a - Pasta bege amarelada, de textura fina, com presença de elementos não plásticos que dificilmente se vêem a olho nu (calcite), com engobe laranja escuro.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/4 **Engobe:** 2.5YR-5/8**Decoração:** Indeterminada

PLG.S3[19]1522

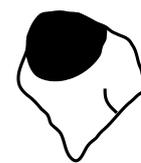
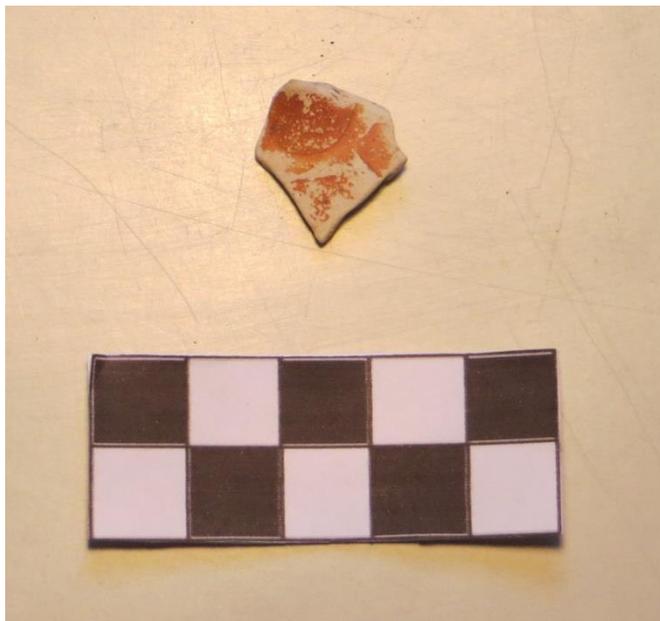


Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 1634

Setor: 5

U.E.: [12]

Proveniência: Bética**Fabrico:** Sub 2a - Pasta bege amarelada, de textura fina, com presença de elementos não plásticos que dificilmente se vêem a olho nu (calcite), com engobe laranja.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 2.5YR-5/8**Decoração:** Folha de água (?)/mamillo (?)

PLG.S5[12]1634



Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 1637

Setor: 5

U.E.: [12]

Proveniência: Emeritense**Fabrico:** Sub 1b - Pasta com a cor esbranquiçada, de textura fina, compacta, com elementos não plásticos presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), e os engobe laranja.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 5YR-6/8**Decoração:** Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas

PLG.S5[12]1637



Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 3346

Setor: 6

U.E.: [104]

Proveniência: Emeritense**Fabrico:** Sub 1b - Pastas com a cor esbranquiçada, de textura fina, compacta, com elementos não plásticos presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), com engobe laranja.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Conservado:****Diâm. Fundo:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 7.5YR-7/6**Decoração:** Caneluras

PLG.S6[104]3346



Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 2150

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: Emeritense**Fabrico:** Sub 1a - Pasta com a cor bege, de textura média-fina, porosa, contem elementos não plásticos bem visíveis (calcite, micas), com engobe laranja acastanhado.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 7.5YR-6/8**Decoração:** Indeterminada

PLG.S5[20]2150

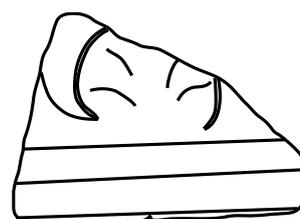


Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 1639

Setor:

U.E.: [12]

Proveniência: Emeritense**Fabrico:** Sub 1b - Pasta com a cor esbranquiçada, de textura fina, compacta, com elementos não plásticos presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), e engobe laranja escuro.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Conservado:****Diâm. Fundo:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 5Y-8/2 **Engobe:** 2.5YR-5/8**Decoração:** Lúnulas

PLG.S5[12]1639

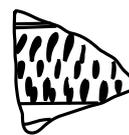
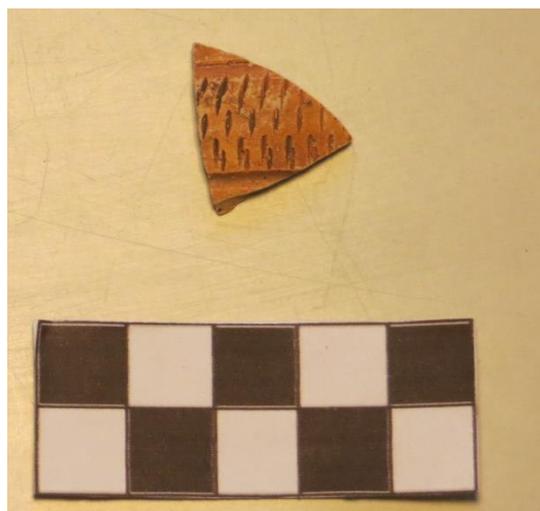


Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 214

Setor:

U.E.: [20]

Proveniência: Emeritense**Fabrico:** Sub 1b - Pastas com a cor esbranquiçada, de textura fina, compacta, com elementos não plásticos presentes mas pouco visíveis a olho nu (calcite, micas), e com engobe laranja.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 7.5YR-6/8**Decoração:** Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas

PLG.S5[20]2148

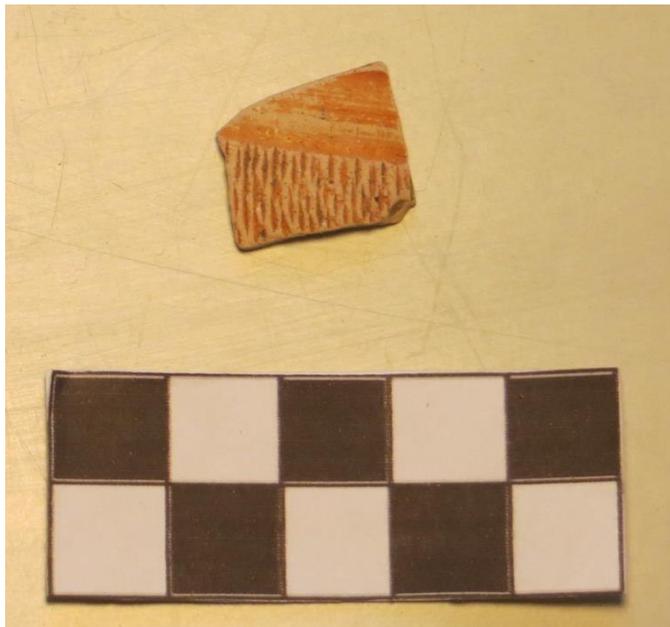


Grupo: Paredes Finas

Nº Inventário: 2151

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: Emeritense**Fabrico:** Sub 1a - Pasta com a cor bege, de textura média-fina, porosa, contem elementos não plásticos bem visíveis (calcite, micas), com engobe laranja.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Bojo**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Torno**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 5YR-7/8**Decoração:** Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas

PLG.S5[20]2151



Grupo: Lucernas**Nº Inventário:** SN (41)**Setor:****U.E.:**

Proveniência: II – A - Emeritense**Fabrico:** II-A-1 - Pasta medianamente depurada, muito compacta, de textura fina e tonalidade bege, o engobe é fino de cor laranja/amarelado. Os elementos não plásticos são raros, porém notam-se algumas micas e alguns minerais negros.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Disco**Tipo:****Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 2mm**Pasta: Cor:** 10YR-8/4 **Engobe:** 10YR-7/6**Decoração:** Caneluras

PLG. SN (41)



Grupo: Lucernas**Nº Inventário:** SN (40)**Setor:****U.E.:**

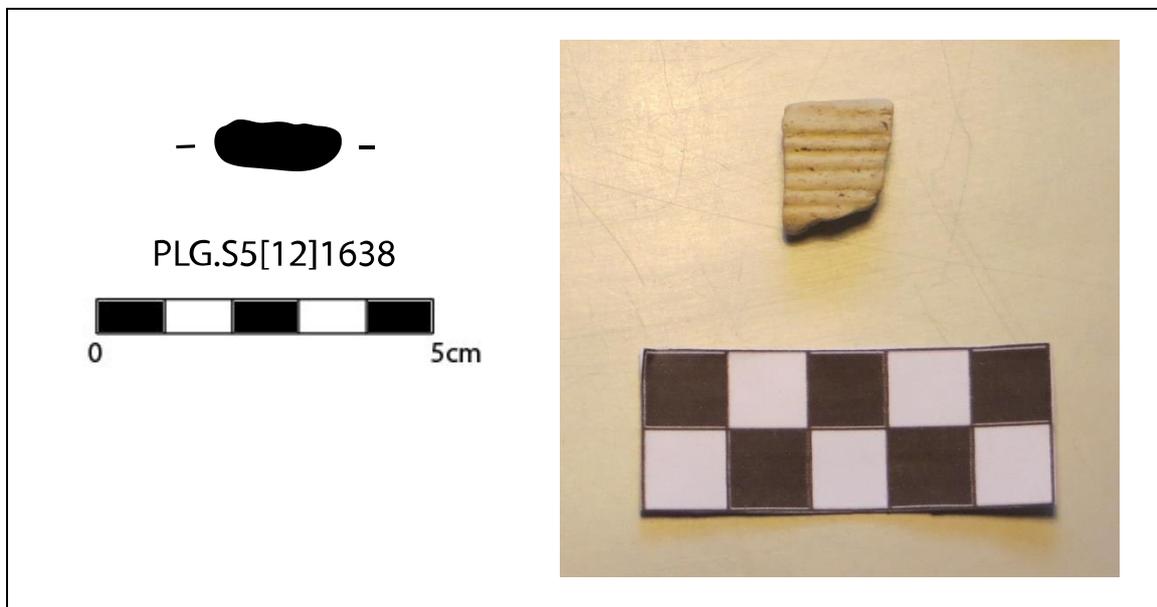
Proveniência: II – B - Bética**Fabrico:** II-B-1 - Pasta bem depurada e compacta, de textura fina e cor branca-amarelada, sem engobe. Os elementos não-plásticos não são visíveis a olho nu.**Tipologia:** D-L 15/16**Fragmento:** Disco**Tipo:** Volutas**Cronologia:** 40 – 70 d.C.**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 3mm**Pasta: Cor:** 2.5Y – 8/3 **Engobe:****Decoração:** Caneluras no disco**Paralelos:** Foram encontrados cinco fragmentos do tipo D-L 16, de proveniência Bética, em Monte Molião, que apresentam orlas decoradas, e algumas das lisas podem ter pertencido ao tipo 15, mas estando as volutas ausentes, tal identificação é impossível (Pereira; Arruda, 2016:165, Fig. 15). Também no território português, existem lucernas deste tipo em Santa Bárbara de Padrões, datadas da segunda metade do século I até inícios do século seguinte (Maia e Maia, 1997:34). Carlos Pereira, faz igualmente referencia a esta forma, contando com três exemplares (Pereira, 2008, Anexo V, Est. XI, nº 90).



SN (40)



Grupo: Lucernas**Nº Inventário:** 1638**Sector:** 5**U.E.:** [12]

Proveniência: II – B - Bética**Fabrico:** II – B – 1 - Pasta bem depurada e compacta, de textura fina e cor branca-amarelada, sem engobe. Os elementos não-plásticos não são visíveis a olho nu.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Asa**Tipo:****Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 6mm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:****Decoração:** Caneluras

Grupo: Lucernas **Nº Inventário:** 1915 **Setor:** 5 **U.E.:** [13]

Proveniência: II – C – Riotinto-Aljustrel

Fabrico: II – C – 1 - Pasta fina bem depurada, de cor bege, o exterior não apresenta tratamento de engobe. Os elementos não plásticos são raros, destacando-se quartzos rolados e micas.

Tipologia: D-L 9 (?)

Fragmento: Asa

Tipo:

Cronologia: I d.C.

Técnica: Molde

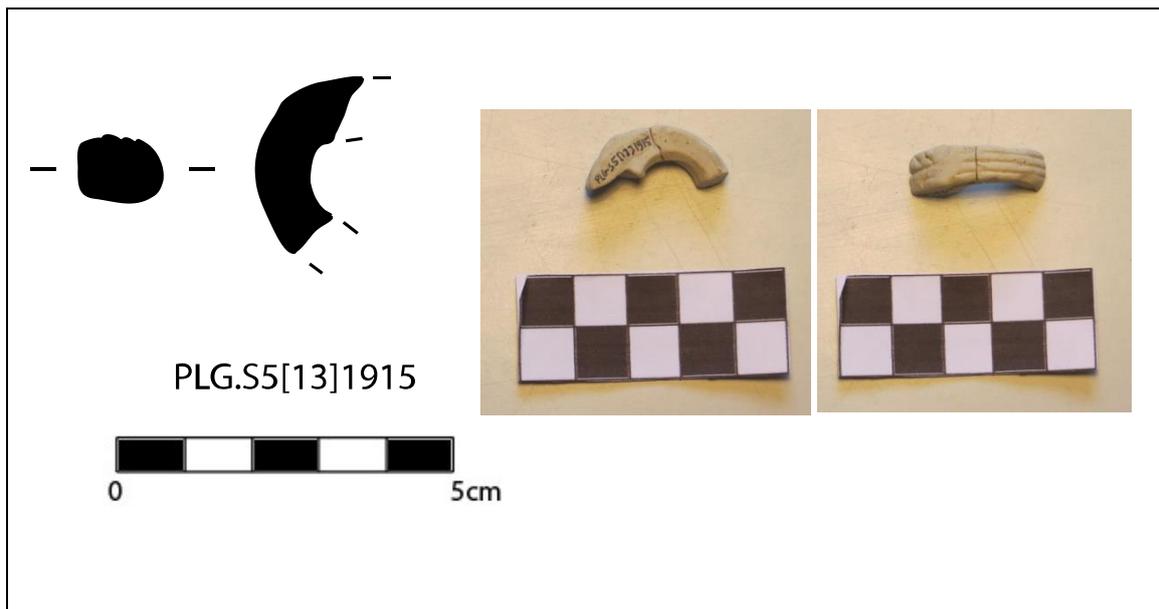
Cozedura: Oxidante

Dimensões: Espessura: 9mm

Pasta: Cor: 5Y-8/3 **Engobe:**

Decoração: Caneluras

Paralelos: Em Monte Molião foi recolhido um conjunto de lucernas de Riotinto-Aljustrel, que concordam sobretudo com uma cronologia da primeira metade do século II d.C. Também foram recolhidas lucernas deste tipo da necrópole da Valdoça, Aljustrel, datadas de meados do século I d.C. (Pereira; Arruda, 2016:166).

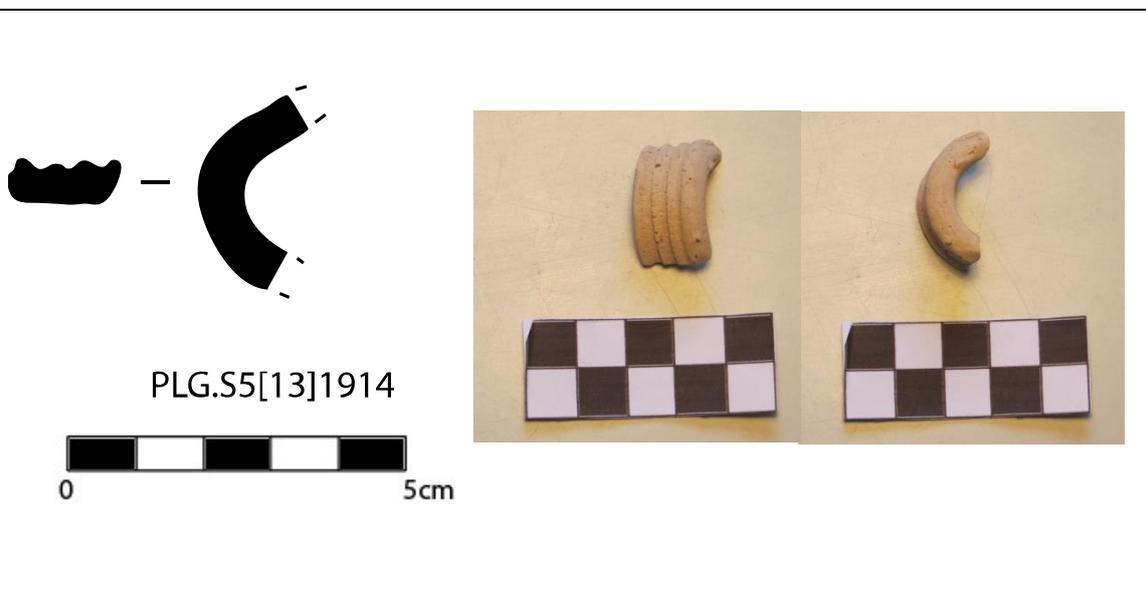


Grupo: Lucernas

Nº Inventário: 1914

Setor: 5

U.E.: [13]

Proveniência: II – C – Riotinto-Aljustrel**Fabrico:** II – C – 2 - Pasta fina, porosa, de cor bege/rosada. Os elementos não plásticos são raros, destacam-se quartzos.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Asa**Tipo:****Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 8mm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:****Decoração:** Caneluras

Grupo: Lucernas **Nº Inventário:** 1913 **Setor:** 5 **U.E.:** [13]

Proveniência: II – B - Bética

Fabrico: II – B – 1 - Pasta bem depurada e compacta, de textura fina e cor branca-amarelada, sem engobe. Os elementos não-plásticos não são visíveis a olho nu.

Tipologia: D-L 16 (?)

Fragmento: Disco (?)

Tipo: Volutas

Cronologia: 40 – 70 d.C.

Técnica: Molde

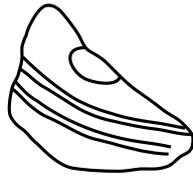
Cozedura: Oxidante

Dimensões: Espessura: 3mm

Pasta: Cor: 2.5Y-8/3 **Engobe:**

Decoração: Indeterminada

Paralelos: Foram encontrados cinco fragmentos do tipo D-L 16, de proveniência Bética, em Monte Molião, que apresentam orlas decoradas, e algumas das lisas podem ter pertencido ao tipo 15, mas estando as volutas ausentes, tal identificação é impossível (Pereira; Arruda, 2016:165, Fig. 15). Também no território português, existem lucernas deste tipo em Santa Bárbara de Padrões, datadas da segunda metade do século I até inícios do século seguinte (Maia e Maia, 1997:34). Carlos Pereira, faz igualmente referência a esta forma, contando com três exemplares (Pereira, 2008, Anexo V, Est. XI, nº 90).



PLG.S5[13]1913

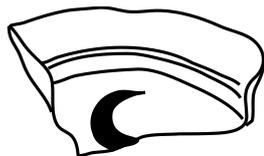


Grupo: Lucernas

Nº Inventário: 1921

Setor: 5

U.E.: [13]

Proveniência: III – Local/Regional**Fabrico:** III – A – 1 - Pasta pouco depurada, de textura média, com a cor acinzentada e o engobe da cor laranja. Os elementos não plásticos são bem visíveis a olho nu, dos quais fazem parte micas e quartzos rolados.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Disco**Tipo:****Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 5mm**Pasta: Cor:** 10YR-7/2 **Engobe:** 705YR-7/6**Decoração:** Indeterminada

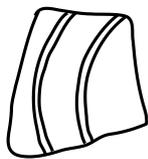
PLG.S5[13]1921



Grupo: Lucernas

Nº Inventário: 1983 Setor: 5

U.E.: [13]

Proveniência: III – Local/Regional (?)**Fabrico:** III – A – 2 - Pasta fina, com alguma porosidade, textura fina, de cor e cinzenta clara. Os elementos não plásticos são raros, porém distinguem-se as micas.**Tipologia:** D 17 (?)**Fragmento:** Disco**Tipo:****Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões:** 3mm**Pasta: Cor:** GLEY1-7/10Y **Engobe:****Decoração:** Duas caneluras**Paralelos:** Na Alcáçova de Santarém foi recolhido um fragmento deste tipo formal (Pereira, 2008, Anexo VI, Est. I, nº 144).

PLG.5[13]1983

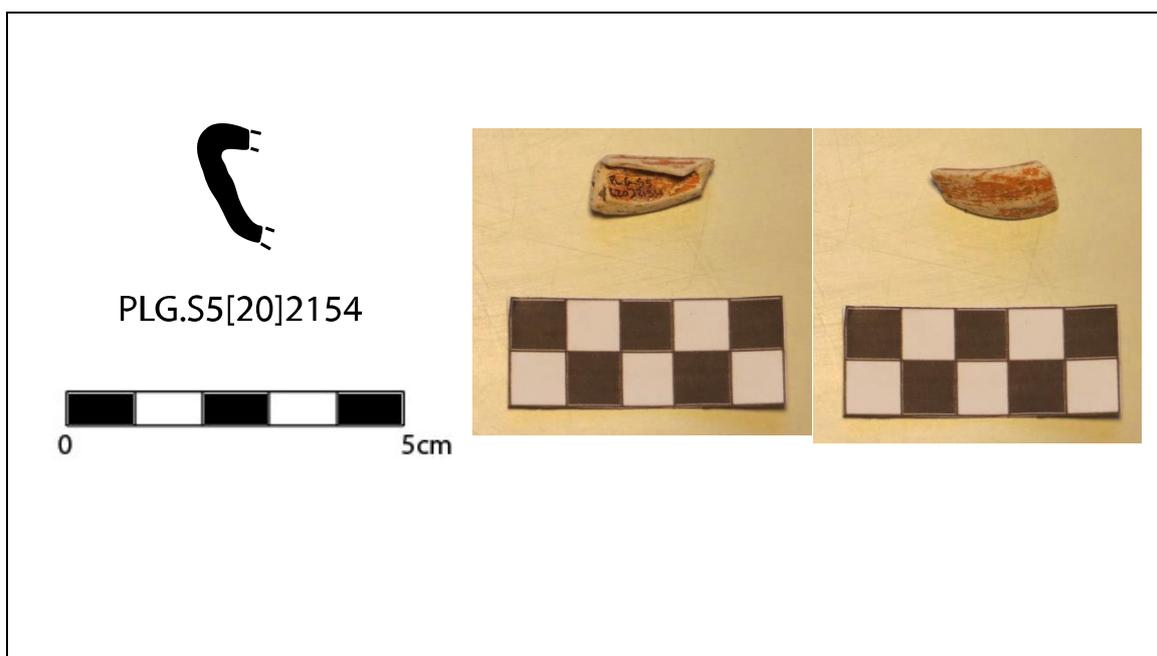


Grupo: Lucernas

Nº Inventário: 2154

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: II – A - Emeritense**Fabrico:** II – A – 1 - Pasta medianamente depurada, muito compacta, de textura fina e tonalidade bege, o engobe é fino de cor laranja. Os elementos não plásticos são raros, porém notam-se algumas micas e alguns minerais negros.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Depósito (?)**Tipo:** Indeterminado**Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 3mm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 7.5YR-6/8**Decoração:**

Grupo: Lucernas

Nº Inventário: 2155

Setor: 5

U.E.: [20]

Proveniência: II – A - Emeritense**Fabrico:** II – A – 1 - Pasta medianamente depurada, muito compacta, de textura fina e tonalidade bege, o engobe é fino de cor laranja. Os elementos não plásticos são raros, porém notam-se algumas micas e alguns minerais negros.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Disco (?)**Tipo:****Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 2mm**Pasta: Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 7.5YR-6/8**Decoração:** Duas caneluras

PLG.S5[20]2155



Grupo: Lucernas

Nº Inventário:2116

Setor: 5

U.E.: [20]

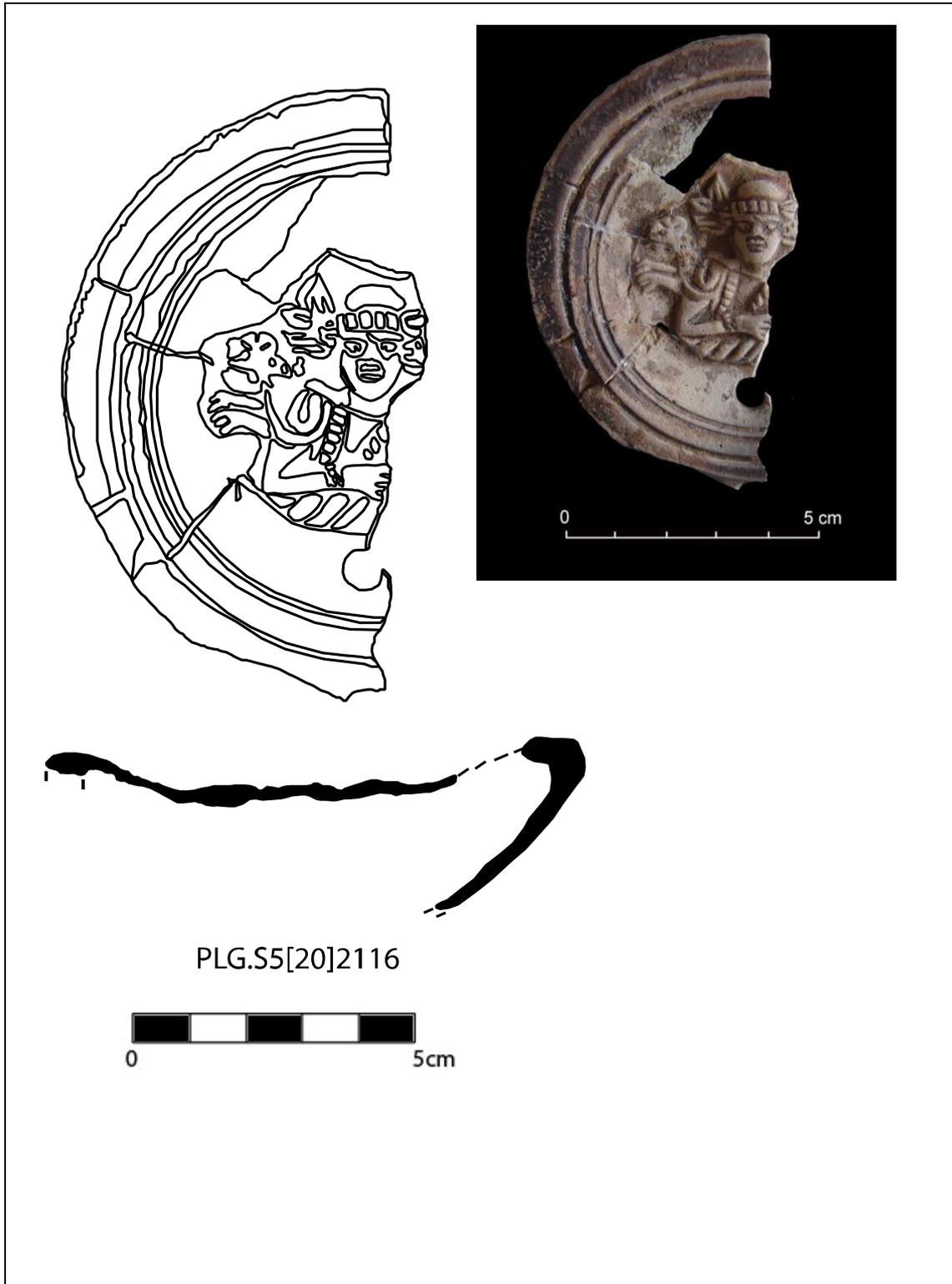
Proveniência: I - Itálica

Fabrico: I – A - Pasta medianamente depurada, muito compacta, de textura fina e tonalidade bege, o engobe é fino e varia entre o tom acastanhado e bege. Os elementos não plásticos são raros, porém notam-se algumas micas e alguns minerais negros.

Tipologia: D-L 11**Fragmento:** Disco**Tipo:** Volutas**Cronologia:** 40 – 70 d.C.**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões:** Disco: 5cm **Espessura:** 3mm**Pasta: Cor:** 5Y-8/1 **Engobe:** 2.5Y-5/2**Decoração:** Representação de Baco e um felino (pantera?)

Paralelos: Foi encontrado um exemplar igual, de proveniência itálica, na coleção de lucernas do British Museum, o qual é datado do período entre 50-80 d.C. Em relação a exemplares que contenham a representação de Baco, foi também encontrado na Praça da Figueira, um fragmento de disco, que contém uma representação parcialmente preservada de Baco ou Dionísio, de frente usando os atributos associados a banquetes, nomeadamente flores que o cobre (Noronha, 2011:75, nº PF00/7164, Est. XXV) . O que não se consegue observar, mas que provavelmente estaria representada, de acordo com paralelos encontrados, é uma pantera em movimento por trás da figura da divindade. Também Rodriguez Martín faz referência a lucernas com esta decoração presentes no Museu Nacional de Arte Romana, com este tipo de decoração, referindo-as como máscaras báquicas ou dionísicas, do tipo Loeschke IV, datada do século I (Martín, 2002:59, Lâm. XXIV, nº117). No Museu de Évora encontra-se deposita uma lucerna igual à que Rodriguez Martin refere, uma lucerna de volutas, do tipo Loeschke IV, de produção itálica, decorada com “*máscaras de actores*”, onde se encontra representado Baco, datada do período 90-120 d.C. (Morais, 2011:43, ME 5028). Também em Conimbriga se encontra um exemplar, porém não da mesma tipologia (Dressel-Lamboglia 9), mas apresenta esta decoração. Trata-se de um fragmento da orla decorado com a cabeça de Baco ou de um

Silena coroado com folhas de videira (Belchior, 1969:29, Est. II, 1).



Grupo: Lucernas**Nº Inventário:** 2216**Setor:** 5**U.E.:** [29]

Proveniência: II – B – Bética

Fabrico: II – B – 2 - Pasta fina, bem depurada e compacta, e de cor rosada, o engobe apresenta a cor vermelha-acastanhada. Os elementos não plásticos são raros, porém notam-se algumas micas.

Tipologia: D-L 11/14**Fragmento:** Volutas**Tipo:** Volutas**Cronologia:** 40 – 70 d.C.**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Espessura:** 3mm**Pasta: Cor:** 5YR**Decoração:**

Paralelos: Em termos de paralelos, foram identificados em Monte Molião trinta e sete fragmentos também de proveniência Bética, em que a maioria foi recolhida em contexto primário de deposição, estando de acordo com a datação que tem sido aplicada a esta forma, segunda metade do século I d.C., alcançando os primeiros anos do século II d.C. (Pereira, Arruda, 2016:164, Fig. 14, nº4).-8/4 **Engobe:** 10R-5/6



PLG.S5[29]2216



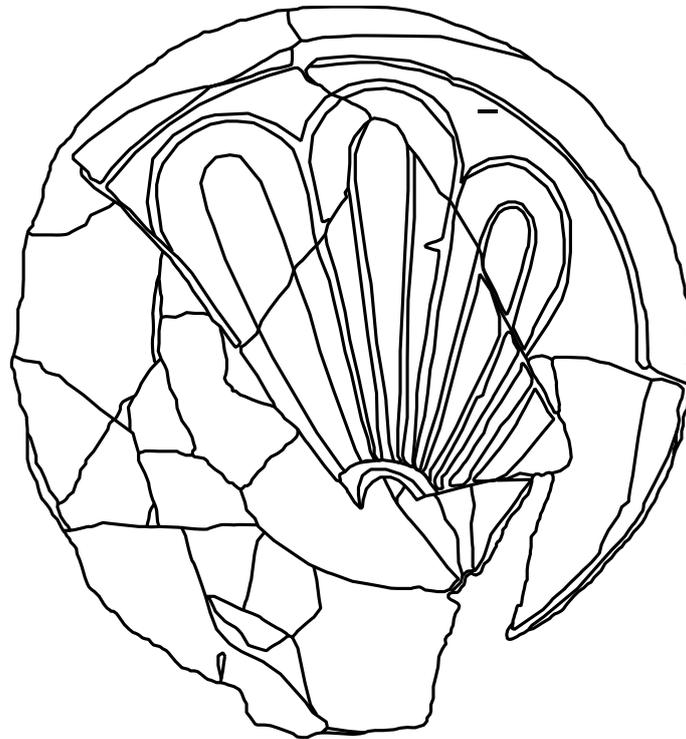
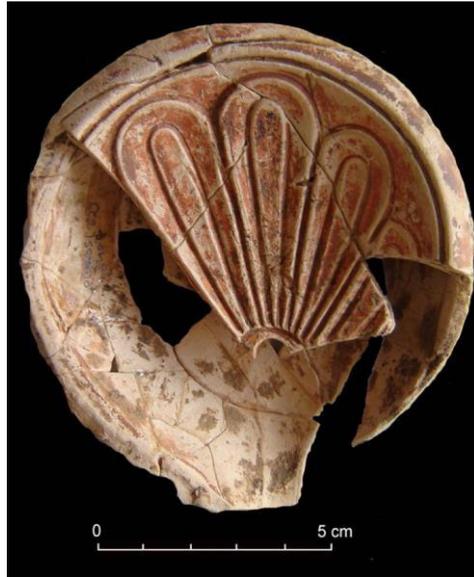
Grupo: Lucernas**Nº Inventário:** 2407**Setor:** 5**U.E.:** [32]

Proveniência: II – A - Emeritense

Fabrico: II – A – 2 - Pasta de tonalidade bege, bem depurada, compacta e homogénea. Apresenta pouco elementos não plásticos de pequenas dimensões, destacando-se quartzos e micas. Apresenta vestígios de engobe fino de tonalidade laranja.

Tipologia: D-L 11**Fragmento:** Disco e fundo**Tipo:** Volutas**Cronologia:** Séc. I – II d.C.**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões:** **Disco:** 5cm **Espessura:** 2mm**Pasta:** **Cor:** 2.5Y-8/3 **Engobe:** 2.5YR-4/8**Decoração:** Vieira

Paralelos: Foi encontrada uma lucerna de volutas na Praça da Figueira (Lisboa), do tipo Dressel 11, com uma vieira, datada do século II d.C. (Vieira, 2011:86, Est. VII, nº23); também na coleção de lucernas do British Museum encontram-se duas lucernas do tipo Loeschcke IV parecida ao exemplar do Paço dos Lobos da Gama (Q2879, Q2674), datadas do século II d.C., e do período 70-120 d.C., respetivamente. Rodriguez Martin, também faz referência a estas lucernas com este tipo de decoração, que se encontram no Museu Nacional de Arte Romana datando-as do século I-II d.C. (Martín, 2002:138, Fig. XVIII, nº 258, 260, 262, 263, 264). Também se encontram em Conimbriga lucernas com este tipo de decoração, porém com uma tipologia diferente (Dressel-Lamboglia 3). Trata-se de dois discos decorados com conchas estilizadas (Belchior, 1969:23-24, Est. I, nº 1 e 2).



PLG.S5[32]2407



Grupo: Lucernas

Nº Inventário:3425

Setor: 6

U.E.: [106]

Proveniência: II – B – Bética**Fabrico:** II – B – 1 - Pasta bem depuradas e compacta, de textura fina e cor branca-amarelada, sem engobe. Os elementos não-plásticos não são visíveis a olho nu.**Tipologia:** Indeterminada**Fragmento:** Fundo**Tipo:****Cronologia:** Indeterminada**Técnica:** Molde**Cozedura:** Oxidante**Dimensões:** **Espessura:** 2mm**Pasta: Cor:** 5Y-8/2 **Engobe:****Decoração:**

PLG.S6[106]3425



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1546 **Setor:** 5 **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Bética

Descrição: Bordo de perfil arredondado e asa bífida

Centro de fabrico: Vale do Guadalquivir (?)

Fabrico: Grupo 7 - Pasta uniforme de tonalidade alaranjada e homogénea, com desengordurantes finos de tonalidades esbranquiçadas, provavelmente associados a calcites.

Tipologia: Dressel 2-4

Variante:

Fragmento: Bordo/Asa

Cronologia: Séc. I a.C. – último terço do séc. I d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 14cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 8.9cm

Alt. Conservada: 8.3

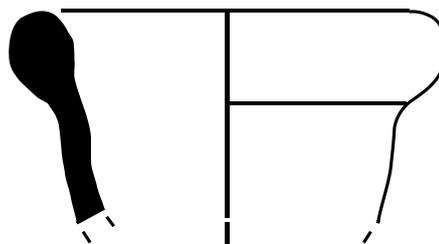
Pasta: Cor: 7.5YR-7/6

Conteúdo: Vinária

Paralelos: Em Conimbriga encontra-se esta forma com uma datação da primeira metade do século I d.C. e dos inícios do século II (Alarcão, 1976:82); em Tróia, encontrou-se um fragmento de asa de duplo rolo e ombros carenados (Diogo; Paixão, 2001:125). Também dentro das ânforas vinárias que foram encontradas na cidade romana de Tomar, encontra-se representada esta forma, recolheram-se dois fragmentos de asas bífidas, apresentando pastas muito compactas e alaranjadas (Banha; Arséni, 1998:174 e 185, nrs 11 e 12).



PLG.S5.1546



PLG.S5.1559



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 20 **Setor:** **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Bética

Descrição: Asa com secção oval e canelura longitudinal

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 8 - Pasta de tonalidade rosada, muito depurada, compacta, com raras inclusões (micas, feldspato e nódulos ferruginosos)

Tipologia: Haltern 70

Variante:

Fragmento: Asa e parede

Cronologia: 50 a.C. – 90 d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 7.5YR-8/4

Conteúdo: Vinária

Paralelos: Em *Bracara Augusta* encontra-se esta forma, de acordo com os dados quantitativos até ao momento disponíveis, Bracara foi um dos maiores centros redistribuidores do tipo Haltern 70 no contexto do noroeste peninsular, as quais seguem uma cronologia entre a penúltima década do século I a.C. e os inícios do último quartel do século I d.C. (Morais, 2004:547).



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1168 **Setor:** 3 **U.E.:** [11] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Bética

Descrição: Fundo cilíndrico e maciço

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 9 - Pasta porosa e arenosa, de tonalidade castanhadas clara, porém apresenta igualmente raras inclusões – feldspatos e micas.

Tipologia: Haltern 70

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: 50 a.C. – 90 d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 4cm

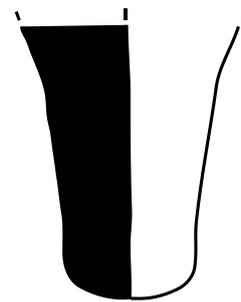
Diâm. Conservado: 5.1cm

Alt. Conservada: 7.2cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Vinária

Paralelos: Em *Bracara Augusta* encontra-se esta forma, de acordo com os dados quantitativos até ao momento disponíveis, Bracara foi um dos maiores centros redistribuidores do tipo Haltern 70 no contexto do noroeste peninsular, as quais seguem uma cronologia entre a penúltima década do século I a.C. e os inícios do último quartel do século I d.C. (Morais, 2004:547).



PLG.S3[11]1168



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** SN (5) **Setor:** **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Bética

Descrição: Bordo com moldura exterior

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 9 - Pasta porosa e arenosa, de tonalidade castanhadas clara, porém apresenta igualmente raras inclusões – feldspatos e micas.

Tipologia: Haltern 70

Variante: B

Fragmento: Bordo

Cronologia: 50 a.C. – 90 d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 14cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 4.7cm

Alt. Conservada: 3.3cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Vinária

Paralelos: Em *Bracara Augusta* encontra-se esta forma, de acordo com os dados quantitativos até ao momento disponíveis, Bracara foi um dos maiores centros redistribuidores do tipo Haltern 70 no contexto do noroeste peninsular, as quais seguem uma cronologia entre a penúltima década do século I a.C. e os inícios do último quartel do século I d.C. (Morais, 2004:547).



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1966 **Setor:** 5 **U.E.:** [13] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval e canelura longitudinal

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 2 – Pasta de cor alaranjada, com características muito idênticas às do Grupo 1, de textura igualmente média, porém com menos porosidades e com elementos não plásticos menos abundantes (quartzo, micas).

Tipologia: Dressel 14

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: Séc. I – II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 7.5YR-7/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos:



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1135 **Setor:** 3 **U.E.:** [2] **Silo/Fossa:** F1

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval e canelura longitudinal

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 2 - Pasta de cor laranja claro, em termos de características são muito idênticas às grupo 1, de textura igualmente média, porém com menos porosidades, contendo elementos não plásticos menos abundantes.

Tipologia: Dressel 14

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: Séc. I – II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola



PLG.S3.F1[2]1135



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1016 **Sector:** 2 **U.E.:** **Silo/Fossa:** [1]

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo de secção arredondada

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 1 – Pasta laranja, pouco depurada, de textura média e apresenta abundantes elementos não plásticos de pequenas e médias dimensões, essencialmente, micas, feldspatos e quartzos.

Tipologia: Dressel 14

Variante: C

Fragmento: Bordos, um deles com arranque de asa e parede

Cronologia: Séc. II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 10cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 7,4cm; 5,9cm; 6,9cm

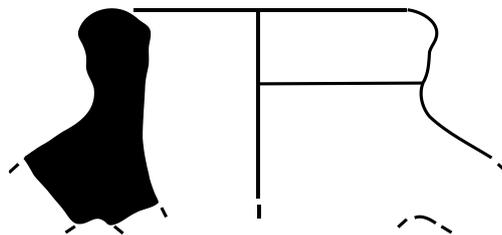
Alt. Conservada: 6,3cm; 11,5cm; 6,1cm

Pasta: Cor: 5YR-7/8

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Foi possível obter paralelo com a variante C do Pinheiro (Mayet, Silva, 2002:143, fig. 65, nº 65, 66 e 67). Existem evidências para a produção desta forma na primeira metade do século I d.C. tanto no Tejo como no Sado. Exemplo disso, são os dados do Porto dos Cacos (Tejo) (Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995:340, Est. IV, nrs 1 e 2); e no Sado, encontra-se a produção da Quinta da Alegria que terá tido início no segundo quartel do século I d.C. (Silva, 1996). Mayet e Silva, classificam as formas do sado, com as variantes A e B, com um maior predomínio na variante B, as quais datam da primeira metade do século I d.C.; os mesmo autores, referem ainda que a variante C teve grande difusão durante praticamente todo o século II d.C. (Mayet, Schmitt e Silva, 1996:63). Os materiais provenientes das fábricas de salga de Tróia, em Setúbal, apontam para a presença simultânea das denominadas variantes B e C nos contextos que preenchem um período entre o século I e meados do século III (Almeida, no prelo). Também da variante C se encontra esta forma representada, uma forma mais tardia,

muito idêntica à PLG.68 (Cardoso, Rodrigues, Sepulveda, 2006:266, Fig. 21, nº 48).



PLG.S2.SI6[1]1016



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1525 **Setor:** 3 **U.E.:** [18] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval e canelura longitudinal

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 1 - Pasta laranja, pouco depurada, de textura média e apresenta abundantes elementos não plásticos de pequenas e médias dimensões, essencialmente, micas, feldspatos e quartzos.

Tipologia: Dressel 14

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: Séc. I – II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola



PLG.S3[18]1525



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 3357 **Setor:** 6 **U.E.:** [104] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval e canelura longitudinal

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 1 – Pasta castanha, pouco depurada, de textura média e apresenta abundantes elementos não plásticos de pequenas e médias dimensões, essencialmente, micas, feldspatos e quartzos.

Tipologia: Dressel 14

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: Séc. I – II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola



PLG.S6[104]3357



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 68 **Setor:** **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo com secção arredondada

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 1 - Pasta laranja, pouco depurada, de textura média e apresenta abundantes elementos não plásticos de pequenas e médias dimensões, essencialmente, micas, feldspatos e quartzos.

Tipologia: Dressel 14

Variante: C

Fragmento: Bordo

Cronologia: Séc. II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 11cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 6,2cm

Alt. Conservada: 7,1cm

Pasta: Cor: 5YR-7/8

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Foi possível obter paralelo com a variante C do Pinheiro (Mayet, Silva, 2002:143, fig. 65, nº 65, 66 e 67). Existem evidências para a produção desta forma na primeira metade do século I d.C. tanto no Tejo como no Sado. Exemplo disso, são os dados do Porto dos Cacos (Tejo) (Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995:340, Est. IV, nrs 1 e 2); e no Sado, encontra-se a produção da Quinta da Alegria que terá tido início no segundo quartel do século I d.C. (Silva, 1996). Mayet e Silva, classificam as formas do sado, com as variantes A e B, com um maior predomínio na variante B, as quais datam da primeira metade do século I d.C.; os mesmo autores, referem ainda que a variante C teve grande difusão durante praticamente todo o século II d.C. (Mayet, Schmitt e Silva, 1996:63). Os materiais provenientes das fábricas de salga de Tróia, em Setúbal, apontam para a presença simultânea das denominadas variantes B e C nos contextos que preenchem um período entre o século I e meados do século III (Almeida, no prelo). Também da variante C se encontra esta forma representada, uma forma mais tardia,

muito idêntica à PLG.68 (Cardoso, Rodrigues, Sepulveda, 2006:266, Fig. 21, nº 48).



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 25 **Sector:** **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval e canelura longitudinal

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 1 - Pasta laranja, pouco depurada, de textura média e apresenta abundantes elementos não plásticos de pequenas e médias dimensões, essencialmente, micas, feldspatos e quartzos.

Tipologia: Dressel 14

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: Séc. I – II d.C.

Técnica: Torno e manual

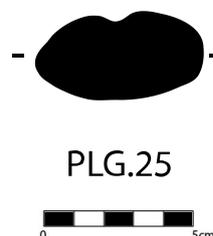
Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 2.5YR – 7/8

Conteúdo: Piscícola



PLG.25

Grupo: Ânforas**Nº Inventário:** 1355**Setor:** 4**U.E.:** [5]**Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia**Descrição:** Asa com secção oval e canelura longitudinal**Centro de fabrico:** Tejo-Sado**Fabrico:** Grupo 2 - Pasta de cor laranja claro, com características muito idênticas às do grupo 1, de textura igualmente média, com menos porosidades, contendo elementos não plásticos menos abundantes.**Tipologia:** Dressel 14**Variante:****Fragmento:** Asa**Cronologia:** Séc. I – II d.C.**Técnica:** Torno e manual**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Pasta: Cor:** 7.5YR-4/6**Conteúdo:** Piscícola

PLG.S4[5]1355



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1018 **Setor:** 2 **U.E.:** [1] **Silo/Fossa:** Si6

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo com secção arredondada

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 2 - Pasta de cor castanhada, com características muito idênticas às do grupo 1, de textura igualmente média, porém com menos porosidades, contendo elementos não plásticos menos abundantes.

Tipologia: Dressel 14

Variante: C

Fragmento: Bordo com arranque de asa

Cronologia: Séc. II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 11cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 11cm

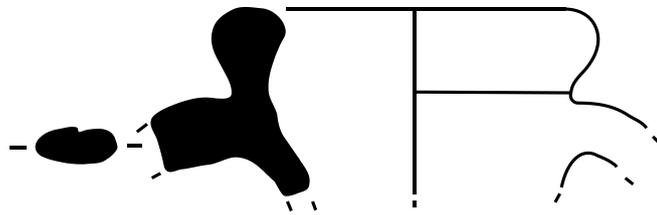
Alt. Conservada: 6,1

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Foi possível obter paralelo com a variante C do Pinheiro (Mayet, Silva, 2002:143, fig. 65, nº 65, 66 e 67). Existem evidências para a produção desta forma na primeira metade do século I d.C. tanto no Tejo como no Sado. Exemplo disso, são os dados do Porto dos Cacos (Tejo) (Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995:340, Est. IV, nrs 1 e 2); e no Sado, encontra-se a produção da Quinta da Alegria que terá tido início no segundo quartel do século I d.C. (Silva, 1996). Mayet e Silva, classificam as formas do sado, com as variantes A e B, com um maior predomínio na variante B, as quais datam da primeira metade do século I d.C.; os mesmo autores, referem ainda que a variante C teve grande difusão durante praticamente todo o século II d.C. (Mayet, Schmitt e Silva, 1996:63). Os materiais provenientes das fábricas de salga de Tróia, em Setúbal, apontam para a presença simultânea das denominadas variantes B e C nos contextos que preenchem um período entre o século I e meados do século III (Almeida, no prelo). Também da variante C se encontra esta forma representada, uma forma mais tardia,

muito idêntica à PLG.68 (Cardoso, Rodrigues, Sepulveda, 2006:266, Fig. 21, nº 48).



PLG.S2.SI6[1]1018



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 2314 **Sector:** 5 **U.E.:** [32] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval e canelura longitudinal

Centro de fabrico: Tejo-Sado

Fabrico: Grupo 1 - Pasta laranja, pouco depurada, de textura média e apresenta abundantes elementos não plásticos de pequenas e médias dimensões, essencialmente, micas, feldspatos e quartzos.

Tipologia: Dressel 14

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: Séc. I – II d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola



PLG.S5[32]2314



Grupo: Ânforas**Nº Inventário:** 2089**Setor:** 5 U.E.: [19]**Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia**Descrição:** Asa com secção oval e canelura longitudinal**Centro de fabrico:** Tejo-Sado**Fabrico:** Grupo 1 - Pasta laranja, pouco depurada, de textura média e apresenta abundantes elementos não plásticos de pequenas e médias dimensões, essencialmente, micas, feldspatos e quartzos.**Tipologia:** Dressel 14**Variante:****Fragmento:** Asa**Cronologia:** Séc. I – II d.C.**Técnica:** Torno e manual**Cozedura:** Oxidante**Dimensões: Diâm. Bordo:****Diâm. Fundo:****Pasta: Cor:** 5YR-6/6**Conteúdo:** Piscícola

PLG.S5[19]2089



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1245 **Sector:** 4 **U.E.:** [0] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Bética

Descrição: Asa com secção circular

Centro de fabrico: Vale do Guadalquivir

Fabrico: Grupo 10 - Pastas depurada, de cor rosada, com superfície salina; as inclusões são pouco abundantes e brancas (quartzo, feldspato).

Tipologia: Dressel 20

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: 30 – 270 d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 10R - 6/6

Conteúdo: Oleica

Paralelos: As ânforas Dressel 20 são numerosas em Monte Molião, variando tipologicamente de acordo com a própria cronologia de ocupação do sítio (séc. I e II). Porém a sua maioria corresponde à chamada Etapa Flávio-Trajana (Forma C), datada de 80/130 d.C. (Viegas; Arruda, 2013, fig. 3, nº 1, 2 e 3; Fig. 4, nº 17A e 18A).



PLG.S4[0]1245

Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** SN (6) **Setor:** **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Bética

Descrição: Asa com secção circular

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 10 - Pasta depurada, de cor castanha, com superfície salina; as inclusões são pouco abundantes e brancas (quartzo, feldspato).

Tipologia: Dressel 20

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia: 30 – 270 d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 2.5YR - 6/6

Conteúdo: Oleica

Paralelos: As ânforas Dressel 20 são numerosas em Monte Molião, variando tipologicamente de acordo com a própria cronologia de ocupação do sítio (séc. I e II). Porém a sua maioria corresponde à chamada Etapa Flávio-Trajana (Forma C), datada de 80/130 d.C. (Viegas; Arruda, 2013, fig. 3, nº 1, 2 e 3; Fig. 4, nº 17A e 18A).



PLG.SN(6)

Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 3155 **Setor:** 6 **U.E.:** [63] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bico cónico com botão na extremidade

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 3 – Pasta com uma tonalidade laranja, com aspeto poroso e granuloso, porém é compacta e de boa cozedura. Em termos de inclusões, apresenta quartzo, feldspato e micas.

Tipologia: Almagro 50

Variante:

Fragmento: Fundo

Cronologia: 200 – 450 d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 4cm

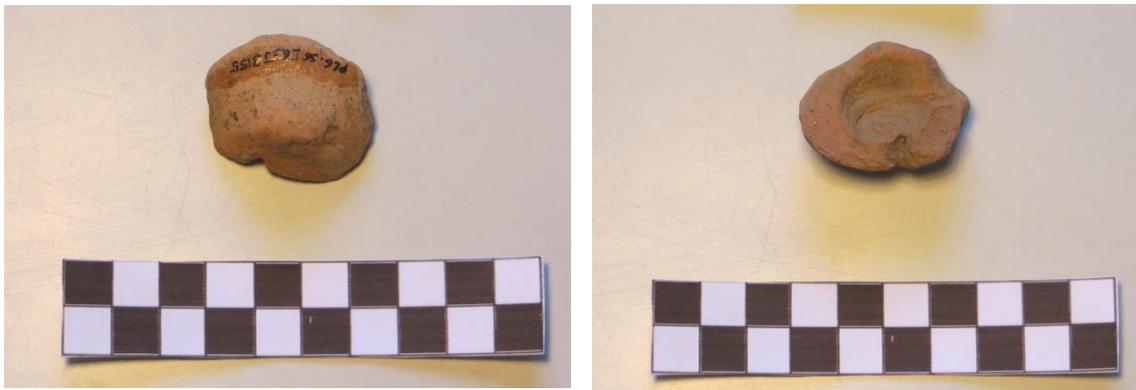
Diâm. Conservado: 3,4cm

Alt. Conservada: 1,5cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Esta forma foi encontrada em vários sítios, como Porto dos Cacos, Quinta do Rouxinol (Raposo; Sabrosa; Duarte, 1995, Est. IV, fig. 8 e 9); porém, este fundo propriamente dito é muito idêntico às formas encontradas em Pinheiro (Mayet, Silva, 1998, Fig. 9). As evidências fornecidas por estes contextos produtores da Lusitânia, permitiram confirmar o início desta produção pelo menos na primeira metade do século III d.C. tendo o seu final produtivo, provavelmente nos inícios do século V d.C. (Raposo; Almeida, 2016). Em Pinheiro, um pouco antes do século III d.C., quando no complexo oleiro se assistiu a um reflorescimento da produção, começou a fabricação da Almagro 50, estendendo-se provavelmente até meados do século IV, não sendo segura a continuidade da sua produção na primeira metade do século V d.C. (Mayet; Silva, 1998:148).



PLG.S6[63]3155



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 950 **Setor:** 2 **U.E.:** [1] **Silo/Fossa:** Si4

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Fundo estreito, cilíndrico e oco

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 5 – Pasta castanha clara, de textura média, contem igualmente inclusões (quartzo, micas, feldspato) porém com menos abundancia do que no Grupo 4.

Tipologia: Almagro 51c

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. III-IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 4cm

Diâm. Conservado: 4cm

Alt. Conservada: 5.5cm

Pasta: Cor: 7.5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante B como para a C encontram-se paralelos em Pinheiro, datada da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nrs 134 a 136).



PLG.S2.SI4.5[1]950



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 3043 **Setor:** 6 **U.E.:** [49] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Centro de fabrico: Fundo estreito, cilíndrico e oco

Fabrico: Grupo 4 – Pasta castanha, de textura grosseira, com bastantes inclusões brancas (quartzo), feldspato, micas de forma arredondada.

Tipologia: Almagro 51c

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. III-IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 3cm

Diâm. Conservado: 3,5cm

Alt. Conservada: 5,2cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante B como para a C encontram-se paralelos em Pinheiro, datada da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nrs 134 a 136).



PLG.S6[49]3043



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1132 **Setor:** 3 **U.E.:** [2] **Silo/Fossa:** F1

Proveniência: Lusitânia

Centro de fabrico: Fundo cilíndrico

Fabrico: Grupo 5 – Pasta de cor rosada, de textura média, contem igualmente inclusões (quartzo, micas, feldspato) porém com menos abundancia do que no Grupo 4.

Tipologia: Almagro 51c

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. III - IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 4cm

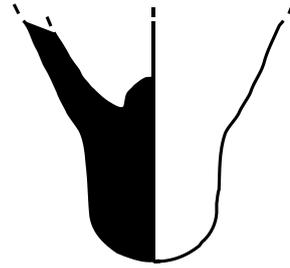
Diâm. Conservado: 4cm

Alt. Conservada: 7,2cm

Pasta: Cor: 7.5YR-8/4

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante B como para a C encontram-se paralelos em Pinheiro, datada da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nrs 134 a 136).



PLG.S3.F1[2]1132



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1972 **Setor:** 5 **U.E.:** [13] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo com secção triangular

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 6 – Pasta bege, de textura média, com inclusões de médias dimensões, como quartzo, feldspato e nódulos ferruginosos de forma angulosa.

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Bordo com arranque de asa

Cronologia: Final do séc. IV – inícios do séc. V d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 12cm

Diâm. Fundo:

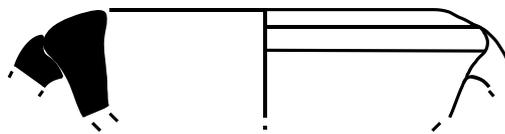
Diâm. Conservado: 5,1cm

Alt. Conservada: 3,8cm

Pasta: Cor: 2.5Y-8/3

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Determinaram-se paralelos de Pinheiro, em que os bordos triangulares datam do final do século IV inícios do V d.C. (Mayet e Silva, 1998, Fig. 21, nrs 51 e 52)



PLG.S5[13]1972



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1771 **Sector:** 5 **U.E.:** [13] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo com secção arredondada

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 4 – Pasta castanha clara, de textura grosseira, com bastantes inclusões (quartzo, de forma angulosa, feldspato e micas, de forma arredondada).

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Bordo com arranque de asa

Cronologia: Primeira metade do séc. IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 10cm

Diâm. Fundo:

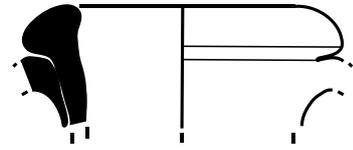
Diâm. Conservado: 5,8cm

Alt. Conservada: 4,5cm

Pasta: Cor: 10YR-8/4

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Determinaram-se paralelos de Pinheiro, em que os bordos arredondados, datam da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig, 81, nrs 19 e 21)



PLG.S58[13]1771



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1531 **Sector:** 3 **U.E.:** [12] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 5 – Pasta de cor laranja, de textura média, com menos inclusões do que no Grupo 4 (quartzo, micas e feldspato).

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia:

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 5YR-7/8

Conteúdo: Piscícola



PLG.S3[12]1531



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 2118 **Setor:** 5 **U.E.:** [20] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo com secção triangular

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 6 – Pasta bege, de textura média, com inclusões de médias dimensões (quartzo, feldspato e nódulos ferruginosos de forma angulosa).

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Bordo

Cronologia: Final do séc. IV – inícios do séc. V d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 12cm

Diâm. Fundo:

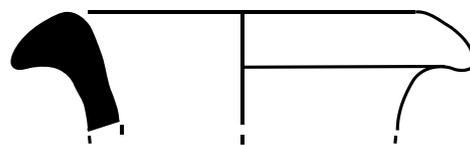
Diâm. Conservado: 7,5cm

Alt. Conservada: 5,2cm

Pasta: Cor: 2.5Y-8/3

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Determinaram-se paralelos de Pinheiro, em que os bordos triangulares datam do final do século IV inícios do V d.C. (Mayet e Silva, 1998, Fig. 21, nrs 51 e 52)



PLG.S5[20]2118



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1969 **Setor:** 5 **U.E.:** [13] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo com secção arredondada

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 4 – Pasta castanha, de textura grosseira, com bastantes inclusões (quartzo, feldspato e micas de forma arredondada).

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Bordo com arranque de asa

Cronologia: Primeira metade do séc. IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 12cm

Diâm. Fundo:

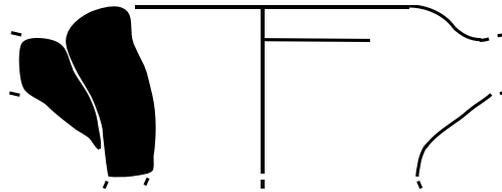
Diâm. Conservado: 6,2cm

Alt. Conservada: 5,1cm

Pasta: Cor: 10YR-7/4

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Determinaram-se paralelos de Pinheiro, em que os bordos arredondados, datam da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig, 81, nrs 19 e 21)



PLG.S5[13]1969



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1988 **Sector:** 5 **U.E.:** [13] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo vertical

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 4 – Pasta castanha, com o cerne cinzento, de textura grosseira, com bastantes inclusões (quartzo, feldspato e micas de forma arredondada).

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Bordo com arranque de asa

Cronologia: Finais do séc. IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 12cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 5,9cm

Alt. Conservada: 4,8cm

Pasta: Cor: 2.5Y-7/3

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Determinaram-se paralelos de Pinheiro, em que o bordo vertical tem uma cronologia dos finais do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 101, nrs 184 e 185).



PLG.S5[13]1988



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 3479 **Sector:** 6 **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Fundo cónico

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 5 – Pasta laranja, de textura média com menos inclusões que o Grupo 4 (micas, quartzo e feldspato).

Tipologia: Almagro 51c

Variante: C

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. V d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 4,5cm

Diâm. Conservado: 4,5cm

Alt. Conservada: 5,9cm

Pasta: Cor: 5YR-7/8

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante C encontram-se paralelos em Pinheiro, com uma cronologia do século V (Mayet e Silva, 1998, Fig. 124, nrs 73 e 74).



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 73 **Setor:** **U.E.:** **Silo/Fossa:** Si6

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Fundo cilíndrico

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 4 – Pasta alaranjada, de textura grosseira, com bastantes inclusões (quartzo, feldspato e micas de forma arredondada).

Tipologia: Almagro 51c

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. III-IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 5cm

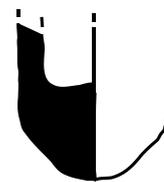
Diâm. Conservado: 5cm

Alt. Conservada: 5,3cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante B encontram-se paralelos em Pinheiro, datada da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nrs 134 a 136).



PLG.73



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1824 **Setor:** 5 **U.E.:** [13] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Bordo com secção arredondada

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 5 – Pasta castanha clara, de textura média, com menos inclusões do que o Grupo 4 (quartzo, micas, feldspato).

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Bordo

Cronologia: Primeira metade do séc. IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 9cm

Diâm. Fundo:

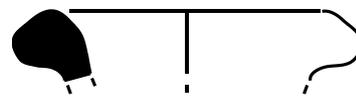
Diâm. Conservado: 3,6cm

Alt. Conservada: 3,1cm

Pasta: Cor: 10YR-8/4

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Determinaram-se paralelos de Pinheiro, em que os bordos arredondados, datam da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig, 81, nrs 19 e 21)



PLG.S5[13]1824



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1017 **Setor:** 2 **U.E.:** [1] **Silo/Fossa:** Si6

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Fundo cilíndrico

Centro de fabrico: Fundo cilíndrico

Fabrico: Grupo 5 – Pasta laranja, de textura média e com inclusões do que no Grupo 4 (quartzo, micas e feldspato).

Tipologia: Almagro 51c

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. III-IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 4,5cm

Diâm. Conservado: 4,5cm

Alt. Conservada: 4,9cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante B encontram-se paralelos em Pinheiro, datada da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nrs 134 a 136).



PLG.S2.SI6[1]1017



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 2187 **Setor:** 5 **U.E.:** [25] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Fundo cilíndrico

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 5 - Pasta castanha clara, de textura média, com menos inclusões do que no Grupo 4 (quartzo, micas e feldspato).

Tipologia: Almagro 51c

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. III-IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 5cm

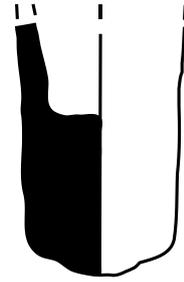
Diâm. Conservado: 5cm

Alt. Conservada: 7,5cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante B encontram-se paralelos em Pinheiro, datada da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nrs 134 a 136).



PGL.S5[25]2187



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** SN (7) **Setor:** **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Fundo cilíndrico

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 5 – Pasta castanha clara, de textura média, com menos inclusões do que no Grupo 4 (quartzo, micas e feldspato).

Tipologia: Almagro 51c

Variante: B

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. III-IV d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 4cm

Diâm. Conservado: 4cm

Alt. Conservada: 4,3cm

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: Para a variante B encontram-se paralelos em Pinheiro, datada da primeira metade do século IV (Mayet e Silva, 1998, Fig. 94, nrs 134 a 136).



PLG.SN (7)



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** SN (8) **Sector:** **U.E.:** **Silo/Fossa:**

Proveniência: Lusitânia

Descrição: Asa com secção oval

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 6 – Pasta castanha, de textura média, com inclusões de médias dimensões (quartzo, feldspato e nódulos ferruginosos de forma angulosa)

Tipologia: Almagro 51c

Variante:

Fragmento: Asa

Cronologia:

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 5YR-6/6

Conteúdo: Piscícola



PLG.SN (8)



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 2311 **Setor:** 5 **U.E.:** [32] **Silo/Fossa:**

Proveniência: Anfricana 3B

Descrição: Fundo cónico e maciço

Centro de fabrico:

Fabrico: Grupo 11 – Pasta depurada, compacta de cor laranja, com vácuos visíveis e raras inclusões (micas).

Tipologia: Keay 25.3

Variante:

Fragmento: Fundo

Cronologia: Séc. IV – V d.C.

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo: 6cm

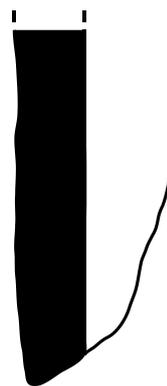
Diâm. Conservado: 6cm

Alt. Conservada: 12,5cm

Pasta: Cor: 7.5YR-8/6

Conteúdo: Piscícola

Paralelos: No portuário da foz do rio Arade (Algarve), esta forma encontra-se representada por 3 exemplares (nrs 53 a 55) e calcula-se que tenham sido produzidas entre 300 e 420 d.C. (Diogo; Cardoso; Reiner, 2000:86). Ainda numa sondagem da oficina de salga de Tróia, também foi encontrada esta forma, Keay 25.3 (nº 8, Est. I), forma típica do século IV (Pinto; Magalhães; Brum, 2010:138).



PLG.S5[31]2311



Grupo: Ânforas **Nº Inventário:** 1472 **Setor:** 3 **U.E.:** [12] **Silo/Fossa:**

Proveniência:

Descrição: Tampa (?) circular

Centro de fabrico:

Fabrico: Pasta de cor castanha avermelhada, de textura grosseira, com bastantes elementos não plásticos (quartzo, feldspato, micas).

Tipologia:

Variante:

Fragmento: Tampa

Cronologia:

Técnica: Manual

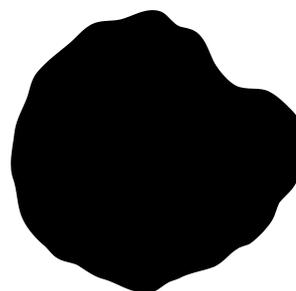
Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo: 8cm

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 2.5YR - 6/6

Conteúdo:



PLG.S3[12]1472



Grupo: Ânforas	Nº Inventário:	Setor:	U.E.:	Silo/Fossa:
-----------------------	-----------------------	---------------	--------------	--------------------

Proveniência: Lusitânia

Centro de fabrico:

Fabrico: Pasta de cor castanha, de textura média, os elementos não plásticos não são muito abundantes mas são bem visíveis, principalmente micas e quartzo.

Tipologia: Variante:

Fragmento: Fundo

Cronologia:

Técnica: Torno e manual

Cozedura: Oxidante

Dimensões: Diâm. Bordo:

Diâm. Fundo:

Pasta: Cor: 2.5YR - 6/6

Conteúdo:



PLG.S5[13]1965



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2269 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Prato

Designação: 1.A.2.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Prato com a parede pouco arqueada e o bordo espessado e biselado

Dimensões:

Diâm. Abertura: 12cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 2,7cm

Alt. Conservada: 1,8cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-1-a – Pasta não-calcária com a cor cinzenta clara, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).

Cor da Pasta: GLEY 1-6/10Y

Cor exterior/interior:

Tratamento da superfície: Alisamento de superfície

Decoração/Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate (Beja) os exemplares desta forma são mais representativos no séc. V d.C. (Pinto, 2003:168-169, nº 81.1375-2D); na Quinta do Rouxinol esta forma aparece nos finais do séc. II – III d.C., porém tem maior representação da segunda metade do séc. IV a inícios do séc. V d.C. (Santos, 2011:53, Est. I, QtR 1063); nas Necrópoles da região de Elvas esta forma não apresenta cronologia definida (Nolen, 1985:86, Est. XXX, nrs 261, 262); em Conimbriga, é igualmente representada com uma cronologia tardo-romana (Alarcão, 1974:109, Est. XXXII, nº667); na Ammaia, também não apresenta uma cronologia precisa (Dias, 2014:152, Est.III, nº 739).



PLG.S5[31]2269



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 3462 **Setor:** 6 **U.E.:** [124]

Categoria: Prato	Designação: 1.B.2.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Prato com a parede reta muito evasada e o bordo boleado muito voltado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 16cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,9cm	Alt. Conservada: 2,2cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/Grafitos:	Localização:	
<p>Paralelos: Em São Cucufate (Beja) encontra-se esta forma datada de meados do séc. II até meados do séc. IV d.C. (Pinto, 2003:194, nº 84.514-2A); o prato G 3.29 da necrópole de Santo André (Montargil) é também um bom paralelo desta forma, dos finais do séc. I – inícios do séc. II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:65, 128 e 165); em Conimbriga encontra-se uma forma muito idêntica a esta com uma cronologia tardo-romana (Alarcão, 1974:107, Est. XXX, nº 640); assim como na Ammaia (Dias, 2014:154, Est. VII, nº 547 e 93) e nas Necrópoles da região de Elvas, porém sem cronologia precisa (Nolen, 1985, Est. XXVIII, 220-221).</p>		



Grupo: Cerâmica comum

Nº Inventário: 2040

Setor: 5

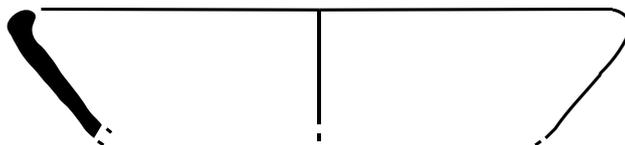
U.E.: [15]

Categoria: Prato**Designação:** 1.B.4.**Frag.:** Bordo**Proveniência:** Local/Regional**Descrição da Peça:** Prato com a parede oblíqua quase reta e o bordo dobrado para o interior**Dimensões:****Diâm. Abertura:** 20cm**Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:** 3,8cm**Alt. Conservada:** 5cm**Pasta:****Técnica:** Torno rápido**Cozedura:** Redutora

Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).

Cor da pasta: 2.5Y-5/2**Cor exterior/interior:****Tratamento da superfície:****Decoração/ Grafitos:****Localização:**

Paralelos: Em São Cucufate (Beja) encontram-se 37 exemplares, datados de meados do séc. V d.C. (Pinto, 2003:198, nº 82.4500-2B). Para além disso, Inês Vaz Pinto refere que esta forma pode ser uma imitação da forma de *terra sigillata* africana clara D – Hayes 61 (Pinto, 2003:197); na Olaria da Quinta do Rouxinol também se encontram forma idênticas a esta, da segunda metade do séc. IV, inícios do V d.C. (Santos, 2011:55, Est. III, QtR 223); assim como a forma II.3.3.A. da Ammaia, sem datação precisa (Dias, 2014:172, Est. XIV, nº 448); em Pinheiro, o prato 47 é muito idêntico a esta forma, da primeira metade ou do primeiro terço do séc. IV d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:189 e 234).

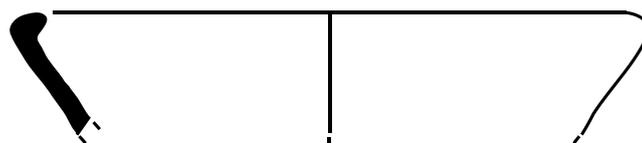


PLG.S5[15]2040



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2249 **Sector:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Prato	Designação: 1.B.4.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Prato com a parede oblíqua quase reta e o bordo dobrado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 20cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,4cm	Alt. Conservada: 4,4cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor Pasta: 10YR – 7/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja) encontram-se 37 exemplares, datados de meados do séc. V d.C. (Pinto, 2003:198, nº 81.2294-2E). Para além disso, Inês Vaz Pinto refere que esta forma pode ser uma imitação da forma de <i>terra sigillata</i> africana clara D – Hayes 61 (Pinto, 2003:197); na Olaria da Quinta do Rouxinol também se encontram forma idênticas a esta, da segunda metade do séc. IV, inícios do V d.C. (Santos, 2011:55, Est. III, QtR 223); assim como a forma II.3.3.A. da Ammaia, sem datação precisa (Dias, 2014:172, Est. XIV, nº 448); em Pinheiro, o prato 47 é muito idêntico a esta forma, da primeira metade ou do primeiro terço do séc. IV d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:189 e 234).		

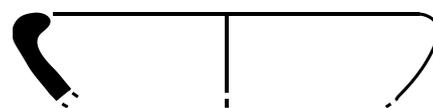


PLG.S5[31]2249



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2247 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Prato	Designação: 1.B.4.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Prato com a parede oblíqua quase reta e o bordo dobrado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 13cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 5,9cm	Alt. Conservada: 3,1cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzento acastanhado e o interior/exterior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: 2.5Y – 7/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja) encontram-se 37 exemplares, datados de meados do séc. V d.C. (Pinto, 2003:198, nº 81.2294-2E). Para além disso, Inês Vaz Pinto refere que esta forma pode ser uma imitação da forma de <i>terra sigillata</i> africana clara D – Hayes 61 (Pinto, 2003:197); na Olaria da Quinta do Rouxinol também se encontram forma idênticas a esta, da segunda metade do séc. IV, inícios do V d.C. (Santos, 2011:55, Est. III, QtR 223); assim como a forma II.3.3.A. da Ammaia, sem datação precisa (Dias, 2014:172, Est. XIV, nº 448); em Pinheiro, o prato 47 é muito idêntico a esta forma, da primeira metade ou do primeiro terço do séc. IV d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:189 e 234).		

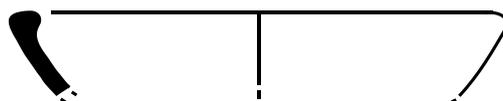


PLG.S5[31]2247



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2251 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Prato	Designação: 1.B.4.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Prato com a parede oblíqua quase reta e o bordo dobrado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 16cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3cm	Alt. Conservada: 2,9cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 – Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja) encontram-se 37 exemplares, datados de meados do séc. V d.C. (Pinto, 2003:198, nº 83.1311-2A). Para além disso, Inês Vaz Pinto refere que esta forma pode ser uma imitação da forma de <i>terra sigillata</i> africana clara D – Hayes 61 (Pinto, 2003:197); na Olaria da Quinta do Rouxinol também se encontram forma idênticas a esta, da segunda metade do séc. IV, inícios do V d.C. (Santos, 2011:55, Est. III, QtR 223); assim como a forma II.3.3.A. da Ammaia, sem datação precisa (Dias, 2014:172, Est. XIV, nº 448); em Pinheiro, o prato 47 é muito idêntico a esta forma, da primeira metade ou do primeiro terço do séc. IV d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:189 e 234).		



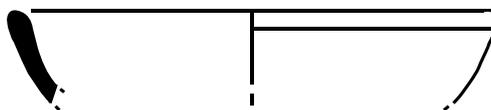
PLG.S5[31]2251



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2296 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tigela	Designação: 2.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 16cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,3cm	Alt. Conservada: 2,8cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 – Pasta não-calcária com a cor cinzenta clara, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato)		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 115 exemplares, e representada em todos os horizontes cronológicos do sítio, porém a sua presença é mais forte entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:221, 84.1316-11); nas Necrópoles do Alto Alentejo encontram-se estas formas datadas da segunda metade do séc. I até aos finais do séc. III d.C. (Nolen, 1985, Est. XXXIII, 294-296); em Monte Molião (1.2.1.) esta forma prolonga-se até ao alto império (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:10, Fig. 8); na Quinta do Rouxinol, é representada por 15 peças, com uma cronologia que vai desde o séc. II até inícios do séc. V, com maior incidência da segunda metade do séc. IV aos inícios do séc. V d.C. (Santos, 2011:60, Est. VI, nº QtR. 118); na Necrópole da Rouca (Alandroal), representada pelo tipo II-a, foi determinada uma cronologia desde a segunda metade do séc. I aos inícios do séc. II d.C. (Rolo, 2010:78, 79, 80, 399); na Ammaia, a forma III.1.2. indica uma cronologia entre o séc. I, a segunda metade do séc. II/III d.C. e a segunda metade do séc. V d.C.		

(Dias, 2014:177, 178; Est. XVII, n^os 60, 696, 729); Na Necrópole da Valdoca esta forma também se encontra representada – malga 1 e 3, datadas entre os séculos I – II d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:55, 66, Est. XVI, Est. XV, Sepultura 166 e 206). Em Santo André (Montargil) esta forma encontra-se representada por 39 malgas, da segunda metade do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:127, B 2 (2); B 7.1. (1a); C 3.1).



PLG.S5[32]2296



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2254 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tigela	Designação: 2.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 10cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,5cm	Alt. Conservada: 2cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 – Pasta não-calcária com a cor cinzenta clara, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-6/5GY	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
<p>Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 115 exemplares, e representada em todos os horizontes cronológicos do sítio, porém a sua presença é mais forte entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:221, 80.1322-Inc); nas Necrópoles do Alto Alentejo encontram-se estas formas datadas da segunda metade do séc. I até aos finais do séc. III d.C. (Nolen, 1985, Est. XXXIII, 294-296); em Monte Molião (1.2.1.) esta forma prolonga-se até ao alto império (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:10, Fig. 8); na Quinta do Rouxinol, é representada por 15 peças, com uma cronologia que vai desde o séc. II até inícios do séc. V, com maior incidência da segunda metade do séc. IV aos inícios do séc. V d.C. (Santos, 2011:60, Est. VI, nº QtR. 118); na Necrópole da Rouca (Alandroal), representada pelo tipo II-a, foi determinada uma cronologia desde a segunda metade do séc. I aos inícios do séc. II d.C. (Rolo, 2010:78, 79, 80, 399); na Ammaia, a forma III.1.2. indica uma cronologia entre o séc. I, a segunda metade do séc. II/III d.C. e a segunda metade do séc. V d.C.</p>		

(Dias, 2014:177, 178; Est. XVII, n^os 60, 696, 729); Na Necrópole da Valdoca esta forma também se encontra representada – malga 1 e 3, datadas entre os séculos I – II d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:55, 66, Est. XVI, Est. XV, Sepultura 166 e 206). Em Santo André (Montargil) esta forma encontra-se representada por 39 malgas, da segunda metade do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:127, B 2 (2); B 7.1. (1a); C 3.1).



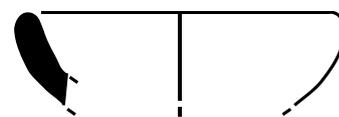
PLG.S5[31]2254



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2083 **Setor:** 5 **U.E.:** [19]

Categoria: Tigela	Designação: 2.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,3cm	Alt. Conservada: 3,5cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2 – Pasta não-calcária com a cor castanha clara, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 7.5YR-5/3	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 115 exemplares, e representada em todos os horizontes cronológicos do sítio, porém a sua presença é mais forte entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:221, 83.1095-5); nas Necrópoles do Alto Alentejo encontram-se estas formas datadas da segunda metade do séc. I até aos finais do séc. III d.C. (Nolen, 1985, Est. XXXIII, 294-296); em Monte Molião (1.2.1.) esta forma prolonga-se até ao alto império (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:10, Fig. 8); na Quinta do Rouxinol, é representada por 15 peças, com uma cronologia que vai desde o séc. II até inícios do séc. V, com maior incidência da segunda metade do séc. IV aos inícios do séc. V d.C. (Santos, 2011:60, Est. VI, nº QtR. 118); na Necrópole da Rouca (Alandroal), representada pelo tipo II-a, foi determinada uma cronologia desde a segunda metade do séc. I aos inícios do séc. II d.C. (Rolo, 2010:78, 79, 80, 399); na Ammaia, a forma III.1.2. indica uma cronologia entre o séc. I, a segunda metade do séc. II/III d.C. e a segunda metade do séc. V d.C. (Dias, 2014:177,		

178; Est. XVII, n°s 60, 696, 729); Na Necrópole da Valdoça esta forma também se encontra representada – malga 1 e 3, datadas entre os séculos I – II d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:55, 66, Est. XVI, Est. XV, Sepultura 166 e 206). Em Santo André (Montargil) esta forma encontra-se representada por 39 malgas, da segunda metade do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:127, B 2 (2); B 7.1. (1a); C 3.1).



PLG.S5[19]2083



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2038 **Setor:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Tigela	Designação: 2.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,3cm	Alt. Conservada: 2,3cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanha e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: 7.5YR-5/3	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 115 exemplares, e representada em todos os horizontes cronológicos do sítio, porém a sua presença é mais forte entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:221, 84.1316-11); nas Necrópoles do Alto Alentejo encontram-se estas formas datadas da segunda metade do séc. I até aos finais do séc. III d.C. (Nolen, 1985, Est. XXXIII, 294-296); em Monte Molião (1.2.1.) esta forma prolonga-se até ao alto império (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:10, Fig. 8); na Quinta do Rouxinol, é representada por 15 peças, com uma cronologia que vai desde o séc. II até inícios do séc. V, com maior incidência da segunda metade do séc. IV aos inícios do séc. V d.C. (Santos, 2011:60, Est. VI, nº QtR. 118); na Necrópole da Rouca (Alandroal), representada pelo tipo II-a, foi determinada uma cronologia desde a segunda metade do séc. I aos inícios do séc. II d.C. (Rolo, 2010:78, 79, 80, 399); na Ammaia, a forma III.1.2. indica uma cronologia entre o séc. I, a segunda metade do séc. II/III d.C. e a segunda metade do séc. V d.C.		

(Dias, 2014:177, 178; Est. XVII, nºs 60, 696, 729); Na Necrópole da Valdoca esta forma também se encontra representada – malga 1 e 3, datadas entre os séculos I – II d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:55, 66, Est. XVI, Est. XV, Sepultura 166 e 206). Em Santo André (Montargil) esta forma encontra-se representada por 39 malgas, da segunda metade do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:127, B 2 (2); B 7.1. (1a); C 3.1).



PLG.S5[15]2038



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2223 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Tigela	Designação: 2.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 2cm	Alt. Conservada: 1,9cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 2.5Y-5/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 115 exemplares, e representada em todos os horizontes cronológicos do sítio, porém a sua presença é mais forte entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:221, 82.5730-5); nas Necrópoles do Alto Alentejo encontram-se estas formas datadas da segunda metade do séc. I até aos finais do séc. III d.C. (Nolen, 1985, Est. XXXIII, 294-296); em Monte Molião (1.2.1.) esta forma prolonga-se até ao alto império (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:10, Fig. 8); na Quinta do Rouxinol, é representada por 15 peças, com uma cronologia que vai desde o séc. II até inícios do séc. V, com maior incidência da segunda metade do séc. IV aos inícios do séc. V d.C. (Santos, 2011:60, Est. VI, nº QtR. 118); na Necrópole da Rouca (Alandroal), representada pelo tipo II-a, foi determinada uma cronologia desde a segunda metade do séc. I aos inícios do séc. II d.C. (Rolo, 2010:78, 79, 80, 399); na Ammaia, a forma III.1.2. indica uma cronologia entre o		

séc. I, a segunda metade do séc. II/III d.C. e a segunda metade do séc. V d.C. (Dias, 2014:177, 178; Est. XVII, n^os 60, 696, 729); Na Necrópole da Valdoça esta forma também se encontra representada – malga 1 e 3, datadas entre os séculos I – II d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:55, 66, Est. XVI, Est. XV, Sepultura 166 e 206). Em Santo André (Montargil) esta forma encontra-se representada por 39 malgas, da segunda metade do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:127, B 2 (2); B 7.1. (1a); C 3.1).



PLG.S5[30]2223



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2299 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tigela	Designação: 2.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,2cm	Alt. Conservada: 2,8cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/5GY	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 162 exemplares (III-B-1), sendo mais importante entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C., sendo levemente mais importante no séc. II d.C. (Pinto, 2003:237, 238, 81.1141-1B); na Necrópole da Valdoca existem três paralelos desta forma, provenientes das sepulturas 5, 217 e 383, porém sem datação precisa (Alarcão e Alarcão, 1966:10, 62 e 83, Est. I, XIII, XXIX); na Cidade das Rosas (Serpa) encontra-se um fragmento (nº 6) do terceiro quartel do séc. III até aos primeiros anos do séc. IV d.C. (Caeiro, 1978:251, 253).		

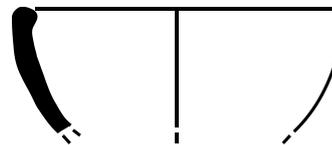


PLG.S5[32]2299



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2244 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tigela	Designação: 2.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 10cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 2,2cm	Alt. Conservada: 4cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta clara, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-7/10G	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 162 exemplares (III-B-1), sendo mais importante entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C., sendo levemente mais importante no séc. II d.C. (Pinto, 2003:237, 238, 82.4718-1B); na Necrópole da Valdoca existem três paralelos desta forma, provenientes das sepulturas 5, 217 e 383, porém sem datação precisa (Alarcão e Alarcão, 1966:10, 62 e 83, Est. I, XIII, XXIX); na Cidade das Rosas (Serpa) encontra-se um fragmento (nº 6) do terceiro quartel do séc. III até aos primeiros anos do séc. IV d.C. (Caeiro, 1978:251, 253).		



PLG.S5[31]2244



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2253 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tigela	Designação: 2.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,7cm	Alt. Conservada: 2,2cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b – Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento mais escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média e dimensão reduzida, forma subarredondada (micas) e quartzo, com frequência mais reduzida, dimensão média e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/5GY	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 162 exemplares (III-B-1), sendo mais importante entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C., sendo levemente mais importante no séc. II d.C. (Pinto, 2003:237, 238, 81.1141-1B); na Necrópole da Valdoça existem três paralelos desta forma, provenientes das sepulturas 5, 217 e 383, porém sem datação precisa (Alarcão e Alarcão, 1966:10, 62 e 83, Est. I, XIII, XXIX); na Cidade das Rosas (Serpa) encontra-se um fragmento (nº 6) do terceiro quartel do séc. III até aos primeiros anos do séc. IV d.C. (Caeiro, 1978:251, 253).		



PLG.S5[31]2253



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2265 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tigela	Designação: 2.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 10cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 1,9cm	Alt. Conservada: 1,4cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1- Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: 5Y-5/2	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 162 exemplares (III-B-1), sendo mais importante entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C., sendo levemente mais importante no séc. II d.C. (Pinto, 2003:237, 238, 84.2567-1B); na Necrópole da Valdoca existem três paralelos desta forma, provenientes das sepulturas 5, 217 e 383, porém sem datação precisa (Alarcão e Alarcão, 1966:10, 62 e 83, Est. I, XIII, XXIX); na Cidade das Rosas (Serpa) encontra-se um fragmento (nº 6) do terceiro quartel do séc. III até aos primeiros anos do séc. IV d.C. (Caeiro, 1978:251, 253).		



PLG.S5[31]2265



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2057 **Sector:** 5 **U.E.:** [16]

Categoria: Tigela

Designação: 2.B.1.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Tigela com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior

Dimensões:

Diâm. Abertura: 11cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 3,5cm

Alt. Conservada: 1,2cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).

Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y

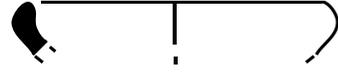
Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma encontra-se representada por 162 exemplares (III-B-1), sendo mais importante entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C., sendo levemente mais importante no séc. II d.C. (Pinto, 2003:237, 238, 81.1142-1B); na Necrópole da Valdoca existem três paralelos desta forma, provenientes das sepulturas 5, 217 e 383, porém sem datação precisa (Alarcão e Alarcão, 1966:10, 62 e 83, Est. I, XIII, XXIX); na Cidade das Rosas (Serpa) encontra-se um fragmento (nº 6) do terceiro quartel do séc. III até aos primeiros anos do séc. IV d.C. (Caeiro, 1978:251, 253).

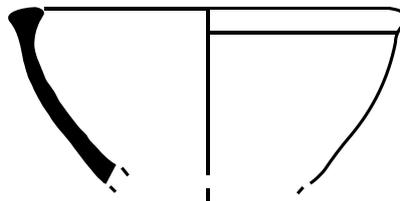


PLG.S5[16]2057



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2248 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tigela	Designação: 2.B.1.a.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tigela com a parede arqueada e o bordo espessado formando face interna oblíqua		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 12cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 5,4cm	Alt. Conservada: 6,1cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta com o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/5GY	
Tratamento da superfície:		
Decoração/Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, com a forma III-B-1-a, com uma maior expressão entre a segunda metade do séc. I e o segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:240, nº 83.722-1B); na Necrópole da Valdoça (Aljustrel), a malga 1 da sepultura 100, acompanhada de materiais dos séculos I e II (Alarcão e Alarcão, 1966:31-32, Est. VII).		



PLG.S5[31]2248



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2124 **Setor:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Tigela **Designação:** 2.C.1 **Frag.:** Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Tigela de parede arqueada e o bordo amendoado e descaído

Dimensões:

Diâm. Abertura: 12cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 5cm

Alt. Conservada: 2,4cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).

Cor da pasta: 10YR-5/3

Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate, esta forma encontra-se representada por 138 exemplares, com uma cronologia desde a segunda metade do séc. I até ao segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:247, nº 84.6891-2A). Inês Vaz Pinto refere ainda que esta forma poderá ter a sua inspiração na forma Dragendorff 35, mas também se pode relacionar com a forma Hayes 195 de cerâmica comum africana (Pinto, 2003:246). Nas Necrópoles do Alto Alentejo, na região de Elvas, encontram-se formas idênticas a esta, datadas da segunda metade do século I até aos finais do século III d.C. (Nolen, 1985:106, Est. XXXIX, nº399); na Necrópole da Rouca, representada pelo tipo II-b, datada da segunda metade do século I – século III d.C. (Rolo, 2010:80, 297, nº 15648); da Cidade das Rosas (Serpa), a peça nº 40 com datação geral do último quartel do séc. II até aos primeiros anos do séc. IV (Caeiro, 1978:251, 257).



PLG.S5[20]2124

Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2117 **Setor:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Almofariz	Designação: I	Frag.: Bordo
Proveniência: Bética		
Descrição da Peça: Almofariz de bordo arredondado		
Cronologia: Séc. I – II d.C.		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 16cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3.8cm	Alt. Conservada: 3.2cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A - Matriz calcária, pasta de cor bege/amarelada, pasta homogénea e compacta, com e.n.p.'s pouco abundantes (micas, quartzo).		
Cor da pasta: 5Y-8/2	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Encontra-se em Alcácer do Sal, no tipo 1b, sem datação precisa (Sepulveda, et al, 2007:266); em São Cucufate esta forma também se encontra representada (IV-A-2), com 37 exemplares, de meados do séc. I até ao segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2006:170-171, Fig.1); em <i>Bracara Augusta</i> , esta forma encontra-se representada pelo grupo IIB (fig. 4), de níveis da primeira metade do século I d.C. (Morais, 2004:569).		

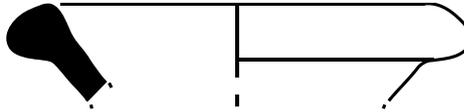


PLG.S5[20]2117



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2319 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Almofariz	Designação: I-A	Frag.: Bordo
Proveniência: Bética		
Descrição da Peça: Almofariz de bordo redondo		
Cronologia: Séc. I – II d.C.		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 14cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 6.2cm	Alt. Conservada: 4cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A - Matriz calcária, pasta de cor bege/amarelada, pasta homogénea e compacta, com e.n.p.'s pouco abundantes (micas, quartzo).		
Cor da pasta: 5Y-8/2	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Encontra-se em Alcácer do Sal, no tipo 1b, sem datação precisa (Sepulveda, et al, 2007:266); em São Cucufate esta forma também se encontra representada (IV-A-2), com 37 exemplares, de meados do séc. I até ao segundo terço do séc. II d.C. (Pinto, 2006:170-171, Fig.1); em <i>Bracara Augusta</i> , esta forma encontra-se representada pelo grupo IIB (fig. 4), de níveis da primeira metade do século I d.C. (Morais, 2004:569).		

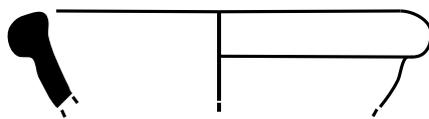


PLG.S5[32]2319



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2230/2229 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Almofariz	Designação: I-B	Frag.: Bordo
Proveniência: Bética		
Descrição da Peça: Almofariz de bordo em aba		
Cronologia: Séc. I (?)		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 14cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,7cm	Alt. Conservada: 3cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: I-B - Matriz calcária, pasta de cor rosada, pouco depurada (com bolhas de ar), com e.n.p.'s pouco abundantes (micas, quartzo), com cozedura efetuada em ambiente oxidante.		
Cor da pasta: 7.5Y-7/3	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, em que o único exemplar desta orna se encontra datado de meados do séc. II até meados do séc. IV d.C. (Pinto, 2006:172, Fig.2); também os almofarizes de Braga do Grupo I, também se inscrevem neste tipo (Morais, 2004:568, fig. 3). Quaresma aborda igualmente estas formas, encaixando-a no tipo 5.2. almofarizes de bordo arredondado, fase 2, datado a partir da segunda metade do século I d.C. (Quaresma, 2006:165, nº25).		

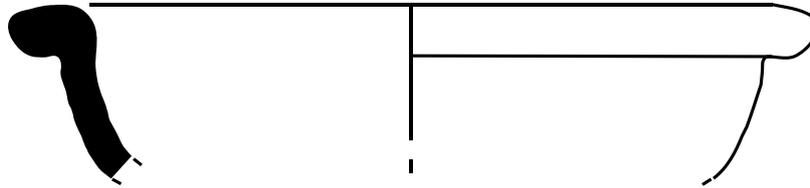


PLG.S5[30]2230



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2250 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Alguidar	Designação: 4.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Alguidar com o bordo em aba amendoada ou oblíqua reentrante, parede reta ou arqueada pouco evasada		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 24cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 6,9cm	Alt. Conservada: 5,8cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 7.5YR-6/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada por 522 exemplares, e está presente em todos os horizontes cronológicos do sitio, com exceção entre a segunda metade do séc. IV até meados do séc. V d.C., que não tem uma amostra significativa (Pinto, 2003:287, nº 83.536-1B); na Olaria do Pinheiro encontra-se representada pela peça 70, datada da primeira metade ou do primeiro terço do séc. IV d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:189, 212, 236); na Quinta do Rouxinol, não apresenta uma cronologia precisa; (Santos, 2011:71, Est. XIII, QtR. 761); é igualmente muito idêntica às formas V.2.7.B. da Ammaia, oriundas da Porta Sul (Dias, 2014:192, Est. XXXI, nrs 98, 88, 857, 856, 1047).		

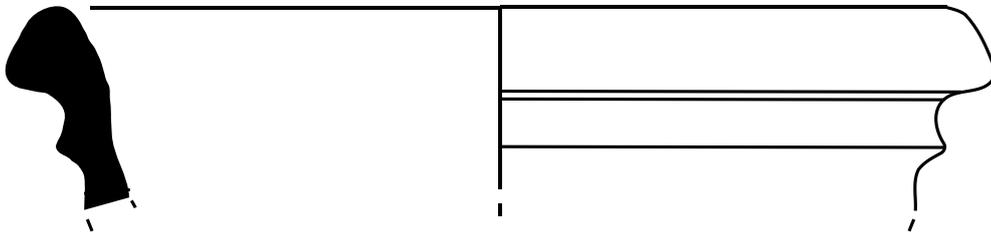


PLG.S5[31]2250



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2321/2320 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Alguidar	Designação: 4.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Alguidar com o bordo arqueado voltado para fora e formando carena com a parede levemente arqueada		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 30cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 7,4cm	Alt. Conservada: 5,5cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: B-2 -		
Cor da pasta: 10YR-6/4	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, encontra-se representada por 4 exemplares, datados do séc. IV d.C. (Pinto, 2003:294, nº 80.91-2K); na Ammaia a forma mais idêntica a esta é a V.2.3. oriunda da Porta Sul, sem datação precisa (Dias, 2014:191, Est. XXVIII, nº 587).		

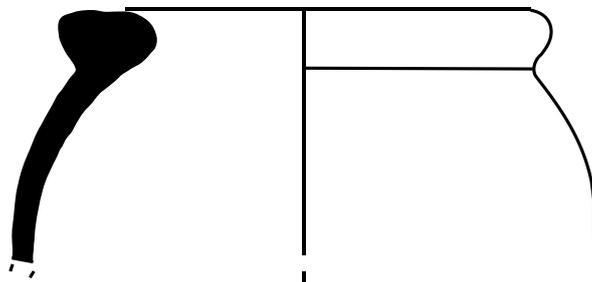


PLG.S5[32]2320.2321



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2235 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Tacho	Designação: 6.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovoide, sem asas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 12cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 11cm	Alt. Conservada: 9,6cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b- Pasta não-calcária com a cor cinzenta, com o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 10YR-6/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/5GY	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, forma VII.A.1., com 701 exemplares, com uma longa duração em termos cronológicos, mas maior expressão na segunda metade do séc. I e primeiro terço do séc. II d.C.; na Olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), provenientes de camadas datadas do Alto Império, com exemplos concretos do séc. II d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:56, 80, 98, nrs 85 e 86); na Ammaia esta forma encontra-se igualmente representada, sem cronologia precisa (Dias, 2014:204, Est. XLIV, VII.2.3.B, nº 951); Quinta do Rouxinol encontra-se representada por 170 peças, 2.1.7.1., de uma cronologia da segunda metade do século IV inícios do V d.C. (Santos, 2011:78, Est. XX, nºs QtR 404, QtR 392).		



PLG.S5[30]2235



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2082 **Setor:** 5 **U.E.:** [19]

Categoria: Tacho

Designação: 6.A.1.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovoide, sem asas

Dimensões:

Diâm. Abertura: 11cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 2,3cm

Alt. Conservada: 1,8cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y

Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos: Localização:

Paralelos: Em São Cucufate, forma VII.A.1., com 701 exemplares, com uma longa duração em termos cronológicos, mas maior expressão na segunda metade do séc. I e primeiro terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:316-317, 84.330-2A); na Olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), provenientes de camadas datadas do Alto Império, com exemplos concretos do séc. II d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:56, 80, 98, nrs 85 e 86); na Ammaia esta forma encontra-se igualmente representada, sem cronologia precisa (Dias, 2014:204, Est. XLIV, VII.2.3.B, nº 951); Quinta do Rouxinol encontra-se representada por 170 peças, 2.1.7.1., de uma cronologia da segunda metade do século IV inícios do V d.C. (Santos, 2011:78, Est. XX, nºs QtR 404, QtR 392).



PLG.S5[19]2082



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 3476 **Setor:** 6 **U.E.:** [130]

Categoria: Tacho **Designação:** 6.A.1. **Frag.:** Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovoide, sem asas

Dimensões:

Diâm. Abertura: 14cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 6,1cm

Alt. Conservada: 3,9cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

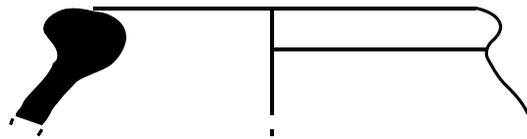
Cor da pasta: GLEY 1-4/5GY

Cor exterior/interior:

Tratamento da superfície: Alisamento de superfície

Decoração/ Grafitos: Localização:

Paralelos: Em São Cucufate, forma VII.A.1., com 701 exemplares, com uma longa duração em termos cronológicos, mas maior expressão na segunda metade do séc. I e primeiro terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:316-317, 83.5393-1B); na Olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), provenientes de camadas datadas do Alto Império, com exemplos concretos do séc. II d.C. (Mayet e Tavares da Silva, 1998:56, 80, 98, nrs 85 e 86); na Ammaia esta forma encontra-se igualmente representada, sem cronologia precisa (Dias, 2014:204, Est. XLIV, VII.2.3.B, nº 951); Quinta do Rouxinol encontra-se representada por 170 peças, 2.1.7.1., de uma cronologia da segunda metade do século IV inícios do V d.C. (Santos, 2011:78, Est. XX, nºs QtR 404, QtR 392).



PLG.S6[130]3476



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 1151 **Setor:** 3 **U.E.:** [10]

Categoria: Tacho **Designação:** 6.A.1.a **Frag.:** Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Tacho de bordo levemente obliquo dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovoide, sem asas

Dimensões:

Diâm. Abertura: 7cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 4,2cm

Alt. Conservada: 3,4cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y

Cor exterior/interior: GLEY 1-4/5GY

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate, esta forma encontra-se com a designação VII.A.1.b., da segunda metade do séc. I e o primeiro terço do séc. II d.C. (Pinto, 2003:324, Nº 84.18-2A); na necrópole da Valdoca (Aljustrel) existem igualmente alguns exemplos, alguns sem datação definida, mas a peça 1 da sepultura 12 encontra-se datada de meados do século I até inícios do III d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966:14, Est. II); no sítio de produção do Pinheiro (Alcácer do Sal) também se encontra uma peça (nº21) de um nível do Alto Império (Mayet e Tavares da Silva, 1998:85 e 108); na Ammaia existe também uma forma que se assemelha muito a esta (VII.2.3.A.), sem datação precisa (Dias, 2014, Est. XL, nº 687); em Courela dos Chãos (Sines) encontra-se a panela 30, porém de uma camada com materiais datáveis desde a segunda metade do séc. I até meados do séc. VII (Coelho-Soares, 1987:197, 198, Fig. 3).



PLG.S3[10]1151



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2266 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tacho **Designação:** 6.A.1.b. **Frag.:** Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Tacho de bordo dobrado sobre o ombro em forma de coração, bojo geralmente ovoide, sem asas

Dimensões:

Diâm. Abertura: 9cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 2,7cm

Alt. Conservada: 1,4cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: 2.5Y-6/3

Cor exterior/interior:

Tratamento da superfície: Alisamento de superfície

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Esta forma encontra-se representada em São Cucufate (Beja) mas com dimensões maiores, por 28 exemplares, e que só aparece a partir de meados do século II, mas outros paralelos sugerem que esta aparece no século I – inícios do II d.C. (Pinto, 2003:325, nº 82.6346-2A). Nas necrópoles de Elvas, aparece uma forma com um bordo idêntico (Nolen, 1985:222, Est. XLVII, nº 501) e assemelha-se também aos tipos 418 e 419 de Conimbriga, encontrados em níveis desde Cláudio até Trajano (Alarcão, 1975:84, Est. XX). Na Ammaia esta forma encontra-se representada pela designação VII.2.2.A., proveniente da Porta Sul e das termas (Dias, 2014: Est. XXXVIII, nº850).



PLG.S5[31]2266



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2094 **Setor:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Tacho	Designação: 6.A.1.b.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tacho de bordo dobrado sobre o ombro em forma de coração, bojo geralmente ovoide, sem asas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 7cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,9cm	Alt. Conservada: 2,5cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 10YR-6/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Esta forma encontra-se representada em São Cucufate (Beja) mas com dimensões maiores, por 28 exemplares, e que só aparece a partir de meados do século II, mas outros paralelos sugerem que esta aparece no século I – inícios do II d.C. (Pinto, 2003:325, nº 80.2010-5). Nas necrópoles de Elvas, aparece uma forma com um bordo idêntico (Nolen, 1985:222, Est. XLVII, nº 501) e assemelha-se também aos tipos 418 e 419 de Conimbriga, encontrados em níveis desde Cláudio até Trajano (Alarcão, 1975:84, Est. XX). Na Ammaia esta forma encontra-se representada pela designação VII.2.2.A., proveniente da Porta Sul e das termas (Dias, 2014: Est. XXXVIII, nº850).		



PLG.S5[20]2094



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2263 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tacho	Designação: 6.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tacho de bordo horizontal ou levemente oblíquo de secção sub-retangular, e parede quase reta		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 6cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 2,8cm	Alt. Conservada: 1,4cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (Beja), esta forma está representada por 4 exemplares, na categoria VII-B-2, sem datação precisa (Pinto, 2003:330, 79.794-7); aparece também no vale do Sado, representada por uma panela e foi recuperada das escavações de Alcácer do Sal, proveniente de um nível da segunda metade do século I e inícios do II d.C. (Tavares da Silva et al., 1980:198 e 201, nº299); na Ammaia esta forma encontra-se representada pela designação VII.2.5.A., provenientes da Porta Sul, sem datação precisa (Dias, 2014:205, Est. XLVI, nº53); nas necrópoles do Alto Alentejo encontra-se representada pelo pote nº 490, também sem datação precisa (Nolen, 1975:123, Est. XLVI).		



PLG.S5[31]2263



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2327/2323 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tacho	Designação: 6.B.2.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua descolada da pança, bojo geralmente ovoide, sem asas.		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 8cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 5,1cm	Alt. Conservada: 1,5cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/5GY	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada VII-B-3 por 116 exemplares, aparece em todos os horizontes cronológicos, porém torna-se mais significativa a partir de meados do século II d.C. e é mais importante de meados do século IV até meados do século V d.C. (Pinto, 2003:332, nº 81.4499-1B). Porém alguns paralelos confirmam a sua existência no Alto Império, como é o caso das peças 18 e 22 do sítio de produção do Pinheiro (Alcácer do Sal) (Mayet e Tavares da Silva, 1998:85, 87); nas necrópoles da região de Elvas, encontra-se o pote nº 462 idêntico a esta forma, sem datação precisa (Nolen, 1985:218, Est. XLIV); na Quinta do Rouxinol esta forma também se encontra documentada 2.1.4.3. de cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:77, Est. XIX).		



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2260 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tacho

Designação: 6.B.2.a.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua levemente arqueada e descolada da pança, geralmente ovoide, sem asas.

Dimensões:

Diâm. Abertura: 12cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 5cm

Alt. Conservada: 1,6cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e o exterior/interior cinzento claro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: 2.5Y-6/3

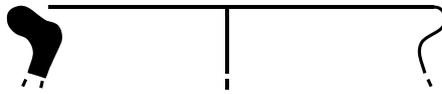
Cor exterior/interior: GLEY 1-6/10Y

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate (VII-B-3-a) esta forma encontra-se representada por 8 exemplares, sendo apenas um único de uma camada datada de meados do século V d.C. (Pinto, 2003:331, nº 83.137-2A); na Quinta do Rouxinol encontra-se uma forma idêntica a esta (2.1.4.3.) com uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:77, Est. XIX, QtR 259); nas Necrópoles de Elvas também se encontra uma peça do mesmo tipo, designado como pote da forma 2-k, sem datação precisa (Nolen, 1985:122, Est. XLV, nº 487).

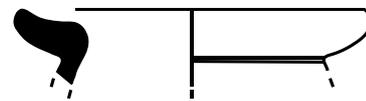


PLG.S5[31]2260



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2326 **Sector:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tacho	Designação: 6.B.2.a.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua levemente arqueada e descolada da pança, bojo geralmente ovoide, sem asas.		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 8cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,3cm	Alt. Conservada: 1,7cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 2.5Y-7.2	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate (VII-B-3-a) esta forma encontra-se representada por 8 exemplares, sendo apenas um único de uma camada datada de meados do século V d.C. (Pinto, 2003:331, nº 83.4491-4); na Quinta do Rouxinol encontra-se uma forma idêntica a esta (2.1.4.3.) com uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:77, Est. XIX, QtR 259); nas Necrópoles de Elvas também se encontra uma peça do mesmo tipo, designado como pote da forma 2-k, sem datação precisa (Nolen, 1985:122, Est. XLV, nº 487).		



PLG.S5[32]2326



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2257 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Panela **Designação:** 7.A.1. **Frag.:** Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Panela de bordo dobrado sobre o ombro e geralmente descolado da pança ovoide ou piriforme, sem asas, bordo pequeno e parede fina.

Dimensões:

Diâm. Abertura: 6cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 4,2cm

Alt. Conservada: 4,1cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y

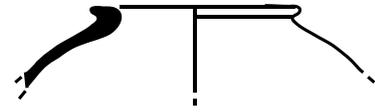
Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate esta forma aparece representada pela designação VIII-A-1-a, e mostra que só aparece a partir do segundo terço do século II até meados do século V d.C. (Pinto, 2003:340, nº 84.7043-2E); em Courela dos Chãos (Sines) encontram-se três potes idênticos a esta forma, provenientes de uma camada com materiais datáveis desde a segunda metade do século I até meados do século VII (Coelho-Soares, 1987:197, 198, 201, nº36).



PLG.S5[31]2257



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2245 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Panela

Designação: 7.A.1.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Panela de bordo dobrado sobre o ombro e geralmente descolado da pança ovoide ou piriforme, sem asas, bordo pequeno e parede fina

Dimensões:

Diâm. Abertura: 6cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 4,1cm

Alt. Conservada: 1,9cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y

Cor exterior/interior: GLEY 1-5/5GY

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate esta forma aparece representada pela designação VIII-A-1-a, e mostra que só aparece a partir do segundo terço do século II até meados do século V d.C. (Pinto, 2003:340, nº 83.2252-1B); em Courela dos Chãos (Sines) encontram-se três potes idênticos a esta forma, provenientes de uma camada com materiais datáveis desde a segunda metade do século I até meados do século VII (Coelho-Soares, 1987:197, 198, 201, nº36).

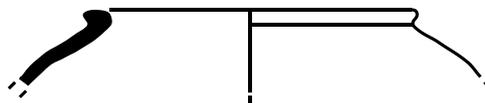


PLG.S5[31]2245



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2252 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Panela	Designação: 7.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Panela de bordo dobrado sobre o ombro e geralmente descolado da pança ovoide ou piriforme, sem asas, bordo pequeno e parede fina		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,6cm	Alt. Conservada: 3,7cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-4/5GY	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate esta forma aparece representada pela designação VIII-A-1-a, e mostra que só aparece a partir do segundo terço do século II até meados do século V d.C. (Pinto, 2003:340, nº 83.2252-1B); em Courela dos Chãos (Sines) encontram-se três potes idênticos a esta forma, provenientes de uma camada com materiais datáveis desde a segunda metade do século I até meados do século VII (Coelho-Soares, 1987:197, 198, 201, nº36).		



PLG.S5[31]2252



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2190 **Sector:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Panela	Designação: 7.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Panela de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e pança geralmente ovoide, por vezes com asas.		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 12cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4cm	Alt. Conservada: 2,8cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, a forma VII-B-2 é muito idêntica a esta forma do Paço dos Lobos da Gama, e encontra-se representada por 468 exemplares, e é uma forma de longa duração, significativa desde o século I a meados do V d.C. (Pinto, 2003:348, nr 82.5419-2A); na necrópole da Valdoca também aparece esta forma, caso disso é a peça 1 da sepultura 172, datada da primeira metade do século I (Alarcão e Alarcão, 1966:55, Est. XV); os potes 440 e 444 das necrópoles da região de Elvas, também se identificam com esta forma, mas não apresentam datação precisa (Nolen, 1985:216, Est. XLII); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) esta forma está representada pela peça 321 do século IV (Mayet e Tavares da Silva, 1998:223 e 262, fig. 12); na Quinta do Rouxinol esta forma encontra-se representada 2.2.4.1., por 44 exemplares, em que a maioria tem uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V, porém também aparece entre os finais do século III (Santos, 2011:81, Est. XXXIII, nº QtR 711); na Necrópole de Santo André (Montargil) alguns dos potes também são		

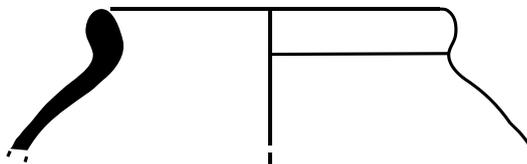
idênticos a esta forma que se enquadram da segunda metade do século I e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:142, 149, Est. XI; pote C 8.6; Est. XXXIII, pote D15/16/16.4).



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2078 **Sector:** 5 **U.E.:** [19]

Categoria: Panela	Designação: 7.B.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Panela de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e pança geralmente ovoide, por vezes com asas.		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 12cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 2,1cm	Alt. Conservada: 3,9cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1-a- Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: 10YR-6/2	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
<p>Paralelos: Em São Cucufate, a forma VII-B-2 é muito idêntica a esta forma do Paço dos Lobos da Gama, e encontra-se representada por 468 exemplares, e é uma forma de longa duração, significativa desde o século I a meados do V d.C. (Pinto, 2003:348, nr 82.878-4); na necrópole da Valdoca também aparece esta forma, caso disso é a peça 1 da sepultura 172, datada da primeira metade do século I (Alarcão e Alarcão, 1966:55, Est. XV); os potes 440 e 444 das necrópoles da região de Elvas, também se identificam com esta forma, mas não apresentam datação precisa (Nolen, 1985:216, Est. XLII); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) esta forma está representada pela peça 321 do século IV (Mayet e Tavares da Silva, 1998:223 e 262, fig. 12); na Quinta do Rouxinol esta forma encontra-se representada 2.2.4.1., por 44 exemplares, em que a maioria tem uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V, porém também aparece entre os finais do século III (Santos, 2011:81, Est. XXXIII, nº QtR 711); na Necrópole de Santo André (Montargil) alguns dos potes também são idênticos a esta forma que se enquadram da segunda metade do século I e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e</p>		

Ferrer Dias, 1981:142, 149, Est. XI; pote C 8.6; Est. XXXIII, pote D15/16/16.4).



PLG.S5[19]2078



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 1152 **Setor:** 4 **U.E.:** [9]

Categoria: Panela

Designação: 7.B.1.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Panela de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e pança geralmente ovoide, por vezes com asas.

Dimensões:

Diâm. Abertura: 12cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 4,8cm

Alt. Conservada: 4,7cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Redutora

Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa

Cor da pasta: 2.5YR-5/2

Cor exterior/interior:

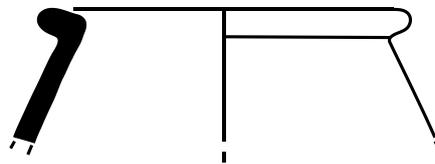
Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate, a forma VII-B-2 é muito idêntica a esta forma do Paço dos Lobos da Gama, e encontra-se representada por 468 exemplares, e é uma forma de longa duração, significativa desde o século I a meados do V d.C. (Pinto, 2003:348, nr 84.3597-2C); na necrópole da Valdoca também aparece esta forma, caso disso é a peça 1 da sepultura 172, datada da primeira metade do século I (Alarcão e Alarcão, 1966:55, Est. XV); os potes 440 e 444 das necrópoles da região de Elvas, também se identificam com esta forma, mas não apresentam datação precisa (Nolen, 1985:216, Est. XLII); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) esta forma está representada pela peça 321 do século IV (Mayet e Tavares da Silva, 1998:223 e 262, fig. 12); na Quinta do Rouxinol esta forma encontra-se representada 2.2.4.1., por 44 exemplares, em que a maioria tem uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V, porém também aparece entre os finais do século III (Santos, 2011:81, Est. XXXIII, nº QtR 711); na Necrópole de Santo André (Montargil) alguns dos potes também são

idênticos a esta forma que se enquadram da segunda metade do século I e o primeiro quartel do século II d.C. (Nolen e Ferrer Dias, 1981:142, 149, Est. XI; pote C 8.6; Est. XXXIII, pote D15/16/16.4).

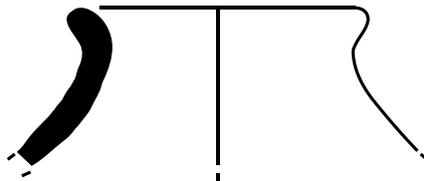


PLG.S4[9]1152



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2220 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Panela	Designação: 7.B.3.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Panela de bordo voltado para fora na continuidade da pança ovoide		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 10cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 6,2cm	Alt. Conservada: 6cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-4/10Y	Cor exterior/interior: 7.5YR-5/3	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada pela designação VIII-B-7-a, com 11 exemplares havendo um datado de meados do século II até meados do século IV d.C. (Pinto, 2003:371, nº 84.3553-6); em Conimbriga existe um pote (nº 335) com uma forma idêntica a estas panelas, de cronologia Alto Imperial (Alarcão, 1974:78).		

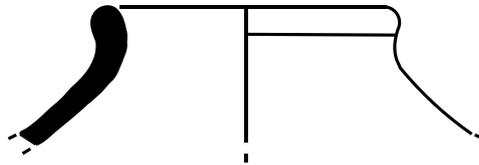


PLG.S5[30]2220



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2325 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Panela	Designação: 7.B.3.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Panela de bordo voltado para fora na continuidade da pança ovoide		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 7cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 6,5cm	Alt. Conservada: 6,2cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada pela designação VIII-B-7-a, com 11 exemplares havendo um datado de meados do século II até meados do século IV d.C. (Pinto, 2003:371, nº 84.3553-6); em Conimbriga existe um pote (nº 335) com uma forma idêntica a estas panelas, de cronologia Alto Imperial (Alarcão, 1974:78).		

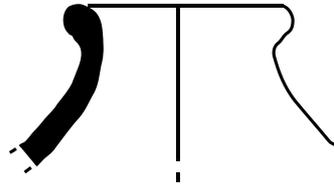


PLG.S5[32]2325



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2324 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Panela	Designação: 7.B.3.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Panela de bordo voltado para fora na continuidade da pança ovoide		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 8cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 5,1cm	Alt. Conservada: 5,4cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada pela designação VIII-B-7-a, com 11 exemplares havendo um datado de meados do século II até meados do século IV d.C. (Pinto, 2003:371, nº 82.2103-2A); em Conimbriga existe um pote (nº 335) com uma forma idêntica a estas panelas, de cronologia Alto Imperial (Alarcão, 1974:78).		



PLG.S5[32]2324



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2231 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Potinho Alentejano

Designação: 9.A.1.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Potinho alentejano com perfil ovoide, ombro marcado por canelura, bordo voltado para o exterior

Cronologia: Séc. I – II d.C.

Dimensões:

Diâm. Abertura: 6cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 1,5cm

Alt. Conservada: 1,5cm

Pasta:

Técnica: Torno rápido

Cozedura: Oxidante

Grupo Fabrico: A-1 – Pasta não-calcária com a cor laranja, de textura fina e compacta, os elementos não plásticos são de frequência e dimensão reduzida, forma subarredondada (feldspato).

Cor da pasta: 5YR-6/6

Cor exterior/interior:

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

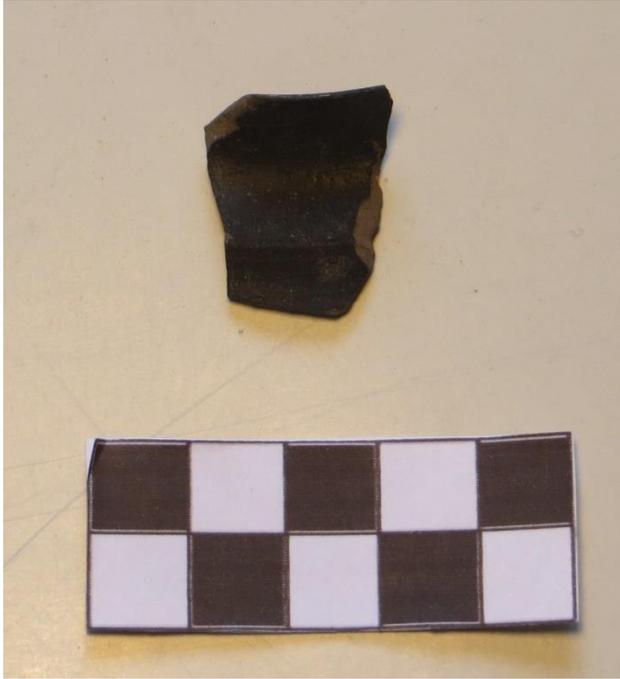
Localização:

Paralelos: Este potinho enquadra-se na tipologia dos designados “potinhos alentejanos”. Não foram encontrados paralelos exatos para esta forma, no entanto coloca-se a hipótese de uma provável variante de produção de um oleiro local/regional. Segundo alguns autores deve-se atribuir a esta produção um carácter regional, com origem lusitana, e uma cronologia a partir de Cláudio até ao primeiro quartel do século II (Sánchez Sánchez, 1992:40-41, fig. 8, nº 41).



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2291 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Potinho	Designação: 9.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Potinho alentejano com perfil ovoide, ombro marcado por canelura, bordo voltado para o exterior		
Cronologia: Séc. I – II d.C.		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 4cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 1,4cm	Alt. Conservada: 2,5cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1-a - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura fina (é o único fragmento dentro deste grupo que se distingue pela sua textura fina), as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 2-3/5BG	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos: Banda impressa	Localização: Abaixo do bordo	
Paralelos: Encontram-se paralelos na Necropole da Rouca, de cozedura redutora e com decoração datada da segunda metade do século I d.C., eventualmente extensível a inícios do século II (Rolo, 2010:68, Tipo I, nº15623, 15668). Em Conimbriga, a cerâmica cinzenta decorada com caretinha ou guilhoché, de cronologia alto-imperial (Alarcão, 1974:99-100, Est. XXVIII, nº 606, 608).		



PLG.S5[31]2291



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2255 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Potinho	Designação: 9.A.4.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Potinho de bordo em aba oblíqua e pança esférica		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 6cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 2,5cm	Alt. Conservada: 1,3cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta com o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate aparece esta forma representada X-A-5, datado da segunda metade do século I e primeiro terço do século II d.C. (Pinto, 2003:405, nº 82-4256-2A); em Monte Molião a forma de potinhos/copos/púcaros também é idêntica a esta forma, em contextos alto imperiais (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:12, fig.20).		



PLG.S5[31]2255



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2295 **Sector:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Talha **Designação:** 12.A.1. **Frag.:** Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Talha de bordo voltado para cima e pança esférica ou ovoide

Dimensões:

Diâm. Abertura: 20cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 4,3cm

Alt. Conservada: 6cm

Pasta:

Técnica: Manual

Cozedura: Oxidante

Grupo Fabrico: A-3 – a - Pasta não-calcaria com a cor castanha, de textura da pasta é média, com alguma porosidade. Com elementos não plásticos de frequência e dimensão reduzida, forma subarredondada (feldspato), micas (com frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada) e quartzo (frequência reduzida, dimensão média, forma angulosa).

Cor da pasta: 10YR-6/4

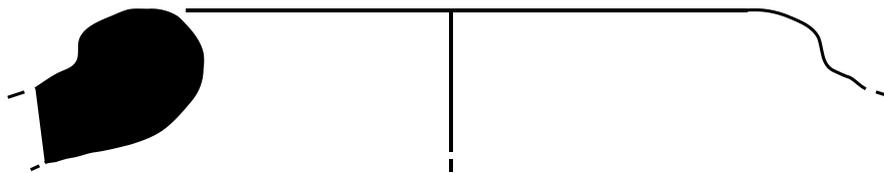
Cor exterior/interior:

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada XIII.A.1. por 49 exemplares, sendo uma forma de longa duração, mas levemente mais importante no Baixo Império (Pinto, 2003:448, nr 81.2919-J); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), há talhas com esta forma de níveis do Alto Império (talhas 1, 2 e 3) mas também do Baixo Império (talhas 75 e 252 do século IV e talhas 61, 62 e 64 da primeira metade do século V (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84, 107, 295 e 303).; na Ammaia esta forma também aparece (Dias, 2014:261, Est, XVII.3.1.C., nº 1207), assim como em Conimbriga que também aparece um paralelo próximo, proveniente do fórum, com cronologia do século V (Alarcão, 1975, Est. LIII, nº 928).

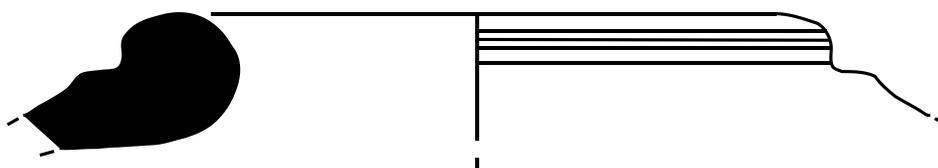


PLG.S5[32]2295



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2126 **Setor:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Talha	Designação: 12.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Talha de bordo voltado para cima e pança esférica ou ovoide		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 28cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 8cm	Alt. Conservada: 7,3cm	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-3-a - Pasta não-calcaria com a cor castanha, de textura da pasta é média, com alguma porosidade. Com elementos não plásticos de frequência e dimensão reduzida, forma subarredondada (feldspato), micas (com frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada) e quartzo (frequência reduzida, dimensão média, forma angulosa).		
Cor da pasta: 10YR-6/4	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada XIII.A.1. por 49 exemplares, sendo uma forma de longa duração, mas levemente mais importante no Baixo Império (Pinto, 2003:448, nr 79.519-2H); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), há talhas com esta forma de níveis do Alto Império (talhas 1, 2 e 3) mas também do Baixo Império (talhas 75 e 252 do século IV e talhas 61, 62 e 64 da primeira metade do século V (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84, 107, 295 e 303).; na Ammaia esta forma também aparece (Dias, 2014:261, Est, XVII.3.1.C., nº 1207), assim como em Conimbriga que também aparece um paralelo próximo, proveniente do fórum, com cronologia do século V (Alarcão, 1975, Est. LIII, nº 928).		



PLG.S5[20]2126



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2077 **Setor:** 5 **U.E.:** [19]

Categoria: Talha **Designação:** 12.A.1. **Frag.:** Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Talha de bordo voltado para cima e pança esférica ou ovoide

Dimensões:

Diâm. Abertura: 20cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 12,8cm

Alt. Conservada: 5,5cm

Pasta:

Técnica: Manual

Cozedura: Oxidante

Grupo Fabrico: A-3-a - Pasta não-calcaria com a cor castanha, de textura da pasta é média, com alguma porosidade. Com elementos não plásticos de frequência e dimensão reduzida, forma subarredondada (feldspato), micas (com frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada) e quartzo (frequência reduzida, dimensão média, forma angulosa).

Cor da pasta: 10YR-6/4

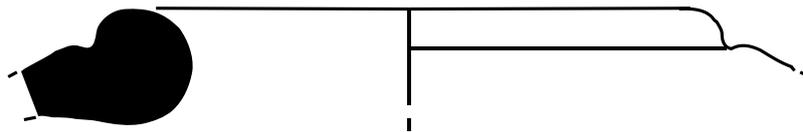
Cor exterior/interior:

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada XIII.A.1. por 49 exemplares, sendo uma forma de longa duração, mas levemente mais importante no Baixo Império (Pinto, 2003:448, nr 79.519-2H); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), há talhas com esta forma de níveis do Alto Império (talhas 1, 2 e 3) mas também do Baixo Império (talhas 75 e 252 do século IV e talhas 61, 62 e 64 da primeira metade do século V (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84, 107, 295 e 303).; na Ammaia esta forma também aparece (Dias, 2014:261, Est, XVII.3.1.C., nº 1207), assim como em Conimbriga que também aparece um paralelo próximo, proveniente do fórum, com cronologia do século V (Alarcão, 1975, Est. LIII, nº 928).



PLG.S5[19]2077



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2293 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Talha

Designação: 12.A.1.

Frag.: Bordo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Talha de bordo voltado para cima e pança esférica ou ovoide

Dimensões:

Diâm. Abertura: 20cm

Diâm. Fundo:

Diâm. Conservado: 7,7cm

Alt. Conservada: 3,8cm

Pasta:

Técnica: Manual

Cozedura: Oxidante

Grupo Fabrico: A-3-a - Pasta não-calcaria com a cor castanha acinzentada e o exterior/interior castanho, de textura da pasta é média, com alguma porosidade. Com elementos não plásticos de frequência e dimensão reduzida, forma subarredondada (feldspato), micas (com frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada) e quartzo (frequência reduzida, dimensão média, forma angulosa).

Cor da pasta: 5Y-6/2

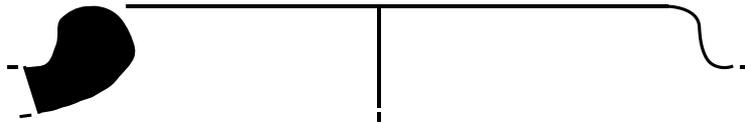
Cor exterior/interior: 10YR-6/4

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos:

Localização:

Paralelos: Em São Cucufate esta forma encontra-se representada XIII.A.1. por 49 exemplares, sendo uma forma de longa duração, mas levemente mais importante no Baixo Império (Pinto, 2003:448, nr 79.519-2H); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal), há talhas com esta forma de níveis do Alto Império (talhas 1, 2 e 3) mas também do Baixo Império (talhas 75 e 252 do século IV e talhas 61, 62 e 64 da primeira metade do século V (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84, 107, 295 e 303).; na Ammaia esta forma também aparece (Dias, 2014:261, Est. XVII.3.1.C., nº 1207), assim como em Conimbriga que também aparece um paralelo próximo, proveniente do fórum, com cronologia do século V (Alarcão, 1975, Est. LIII, nº 928).



PLG.S5[32]2293



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2058 **Setor:** 5 **U.E.:** [16]

Categoria: Tampa	Designação: 13.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tampa de bordo simples ou levemente espessado, e parede reta e aberta		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 4,1cm	Alt. Conservada: 1,6cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, representada por 187 exemplares, sendo mais comum entre a segunda metade do século I e o primeiro terço do século II e depois a sua frequência vai diminuindo até meados do século V (Pinto, 2003:464, nº 83.3484-2B, 82.2781-6); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) a tampa 8 é idêntica a esta forma, datada de uma cronologia do Alto Império (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84 e 108); na Quinta do Rouxinol, as tampas 4.1.1. também são idênticas a esta forma, com uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:102, Est. XXXIX, QtR 1067); em Monte Molião também se encontram representadas estas formas, com a variante 1.6.2. sem cronologia específica (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:12); as tampas de bordo direito (XVIII.1.2.) também se encontram em paralelo com esta forma, provenientes da Porta Sul (Dias, 2014:264, Est. CXII, nº 304).		



PLG.S5[16]2058



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2259 **Sector:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tampa	Designação: 12.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tampa de bordo simples ou levemente espessado, e parede reta e aberta		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 11cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 5cm	Alt. Conservada: 1,6cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/5GY	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, representada por 187 exemplares, sendo mais comum entre a segunda metade do século I e o primeiro terço do século II e depois a sua frequência vai diminuindo até meados do século V (Pinto, 2003:464, nº 83.3484-2B, 82.2781-6); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) a tampa 8 é idêntica a esta forma, datada de uma cronologia do Alto Império (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84 e 108); na Quinta do Rouxinol, as tampas 4.1.1. também são idênticas a esta forma, com uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:102, Est. XXXIX, QtR 1067); em Monte Molião também se encontram representadas estas formas, com a variante 1.6.2. sem cronologia específica (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:12); as tampas de bordo direito (XVIII.1.2.) também se encontram em paralelo com esta forma, provenientes da Porta Sul (Dias, 2014:264, Est. CXII, nº 304).		



PLG.S5[31]2259



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2258 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tampa	Designação: 13.A.1.	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Tampa de bordo simples ou levemente espessado, e parede reta e aberta		
Dimensões:		
Diâm. Abertura: 12cm	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado: 3,6cm	Alt. Conservada: 2,2cm	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos: Em São Cucufate, representada por 187 exemplares, sendo mais comum entre a segunda metade do século I e o primeiro terço do século II e depois a sua frequência vai diminuindo até meados do século V (Pinto, 2003:464, nº 83.3484-2B, 82.2781-6); na olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) a tampa 8 é idêntica a esta forma, datada de uma cronologia do Alto Império (Mayet e Tavares da Silva, 1998:84 e 108); na Quinta do Rouxinol, as tampas 4.1.1. também são idênticas a esta forma, com uma cronologia da segunda metade do século IV, inícios do século V d.C. (Santos, 2011:102, Est. XXXIX, QtR 1067); em Monte Molião também se encontram representadas estas formas, com a variante 1.6.2. sem cronologia específica (Arruda, Viegas, Bargão, 2010:12); as tampas de bordo direito (XVIII.1.2.) também se encontram em paralelo com esta forma, provenientes da Porta Sul (Dias, 2014:264, Est. CXII, nº 304).		

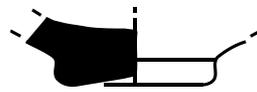


PLG.S5[31]2258



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2188 **Sector:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

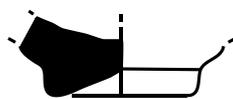


PLG.S5[20]2188



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2226 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-7/5GY	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[30]2226



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2306 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



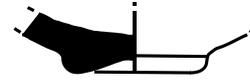
PLG.S5[32]2306



0 5cm

Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2303/2310 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-a - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura grosseira, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 2.5Y-7/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-6/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

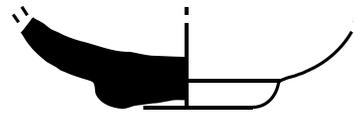


PLG.S5[32]2303.2310



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2302 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 10YR-6/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

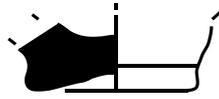


PLG.S5[32]2302



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2225 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 2.5Y-5/3	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

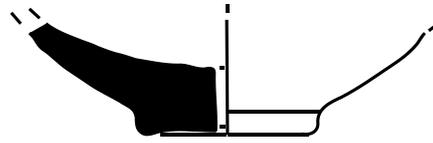


PLG.S5[30]2225



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2239 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[30]2239



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2228 **Setor:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-a - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura grosseira, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-7/10Y Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y		
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

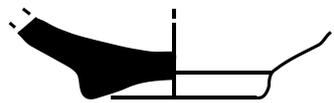


PLG.S5[30]2228



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 1157 **Setor:** 3 **U.E.:** [10]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento mais escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média e dimensão reduzida, forma subarredondada (micas) e quartzo, com frequência mais reduzida, dimensão média e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY1 - 7/10Y Cor exterior/interior: GLEY1 - 5/10Y		
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície (interior)		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

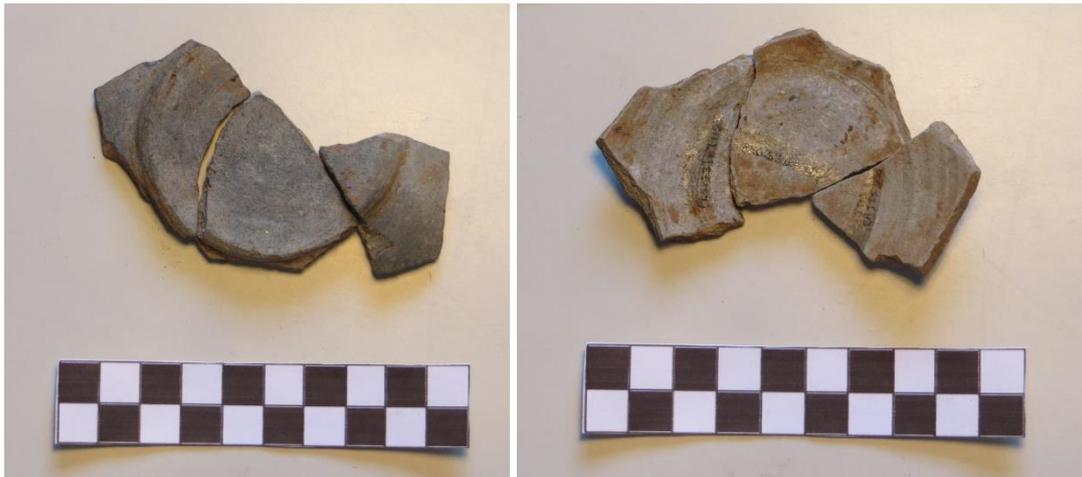


PLG.S3[10]1157



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 1155 **Setor:** 3 **U.E.:** [10]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico:		
Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S3[10]1155



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 1417 **Setor:** 4 **U.E.:** [8]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-7/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S4[8]1417



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2307 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.2.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso e simples de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 8cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-3 - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade. Apresenta elementos não plásticos com uma frequência e dimensão reduzida, de forma subarredondada (feldspato e micas), e quartzo, com frequência reduzida, dimensão média e forma angulosa.		
Cor da pasta: 7.5YR-6/4	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

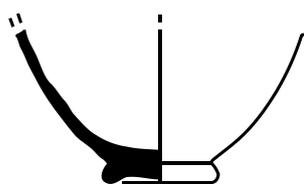


PLG.S5[32]2307



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2332 **Sector:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 4cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1-a - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-5/5GY	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[32]2332



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2282 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2278 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-1 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta escura, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[31]2278



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2279 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Fundo	Designação: F.2.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso e simples de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 7cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2305 **Sector:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 9cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior: 5YR-6/4	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

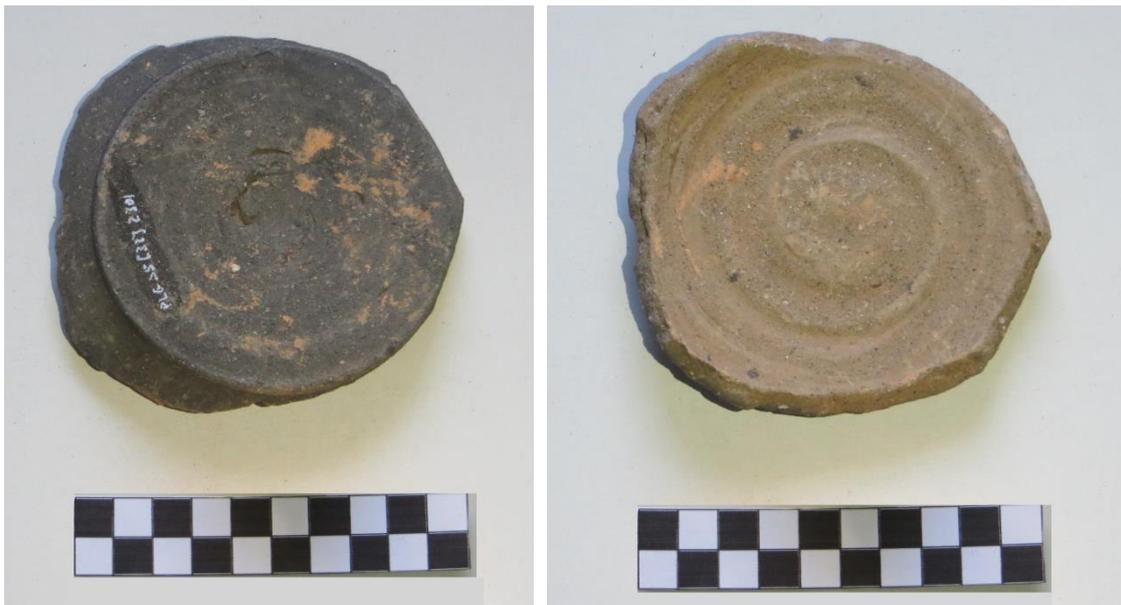


PLG.S5[32]2305



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2301 **Sector:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 10cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e exterior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 10YR-6/3	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		

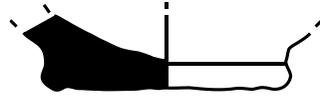


PLG.S5[32]2301



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2308 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 8cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-3 - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade. Apresenta elementos não plásticos com uma frequência e dimensão reduzida, de forma subarredondada (feldspato e micas), e quartzo, com frequência reduzida, dimensão média e forma angulosa.		
Cor da pasta: 7.5YR-6/4	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[32]2308



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 1418 **Sector:** 4 **U.E.:** [8]

Categoria: Fundo **Designação:**F.3. **Frag.:** Fundo

Proveniência: Local/Regional

Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas

Dimensões:

Diâm. Abertura: **Diâm. Fundo:** 8cm

Diâm. Conservado: **Alt. Conservada:**

Pasta:

Técnica: Torno rápido **Cozedura:** Redutora

Grupo Fabrico: B-2 -

Cor da pasta: GLEY 1-5/10Y **Cor exterior/interior:**

Tratamento da superfície:

Decoração/ Grafitos: **Localização:**

Paralelos:

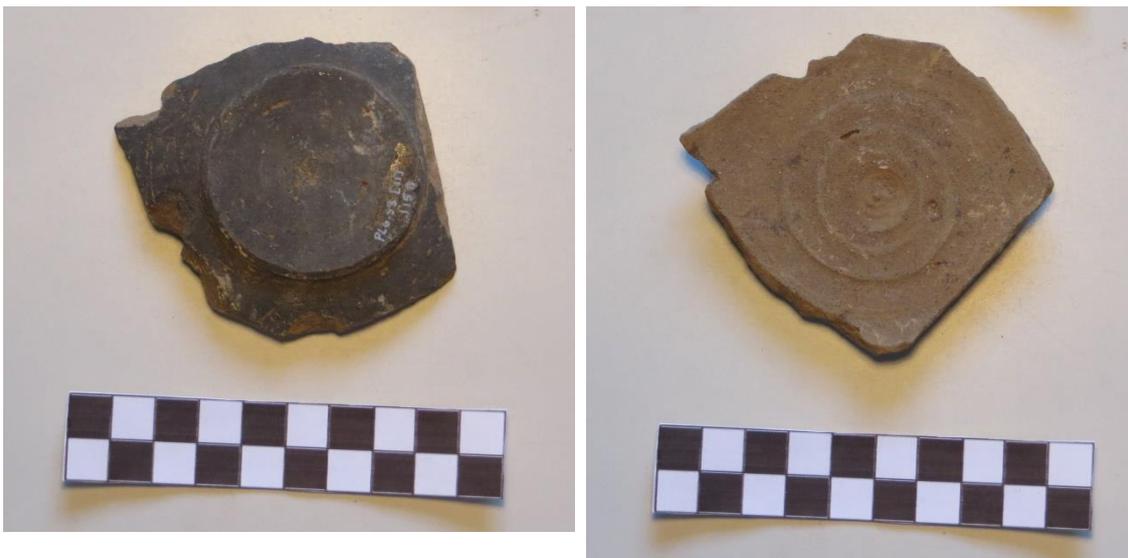


PLG.S4[8]1418



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 1158 **Setor:** 3 **U.E.:** [10]

Categoria: Fundo	Designação: F.1.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e o exterior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 7.5YR-5/4	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície: Alisamento de superfície (exterior)		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S3[10]1158



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2052 **Setor:** 5 **U.E.:** [15]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 6cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-3 - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade. Apresenta elementos não plásticos com uma frequência e dimensão reduzida, de forma subarredondada (feldspato e micas), e quartzo, com frequência reduzida, dimensão média e forma angulosa.		
Cor da pasta: 7.5YR-5/6	Cor exterior/interior: 5YR-4/2	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[15]2052



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2051 **Sector:** 5 **U.E.:** [15]

Categoria: Fundo	Designação: F.3.	Frag.: Fundo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça: Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo: 5cm	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Torno rápido	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 10YR-7/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-5/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[15]2051



Grupo: Cerâmica comum**Nº Inventário:** 2050**Sector:** 5**U.E.:** [15]

Categoria: Fundo**Designação:** F.3.**Frag.:** Fundo**Proveniência:** Local/Regional**Descrição da Peça:** Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas**Dimensões:****Diâm. Abertura:****Diâm. Fundo:** 5cm**Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:****Técnica:** Torno rápido**Cozedura:** Redutora

Grupo Fabrico: B-2 - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: 10YR-6/4**Cor exterior/interior:****Tratamento da superfície:****Decoração/ Grafitos:****Localização:****Paralelos:**



PLG.S5[15]2050



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2053 **Sector:** 5 **U.E.:** [15]

Categoria: Asa	Designação:	Frag.: Asa
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-c - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-4/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[15]2053



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2054 **Sector:** 5 **U.E.:** [15]

Categoria: Asa	Designação:	Frag.: Asa
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-c - Pasta não-calcária com a cor cinzenta, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[15]2054



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2113 **Sector:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Asa	Designação:	Frag.: Asa
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-c - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 10YR-5/3	Cor exterior/interior: GLE 1-4/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[32]2313



Grupo: Cerâmica comum **Nº Inventário:** 2123 **Sector:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Asa	Designação:	Frag.: Asa
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Redutora	
Grupo Fabrico: B-2-c - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada e exterior/interior cinzento escuro, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.		
Cor da pasta: 2.5Y-5/2	Cor exterior/interior: GLEY 1-4/10Y	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[20]2123



Grupo: Cerâmica comum**Nº Inventário:** 2276**Setor:** 5**U.E.:** [31]

Categoria: Asa**Designação:****Frag.:** Asa**Proveniência:** Local/Regional**Descrição da Peça:****Dimensões:****Diâm. Abertura:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:****Técnica:** Manual**Cozedura:** Redutora

Grupo Fabrico: B-1-b - Pasta não-calcária com a cor cinzenta e o exterior/interior cinzento escuro, de textura média, as inclusões são de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada (micas e feldspato).

Cor da pasta: GLEY 1-6/10Y**Cor exterior/interior:** GLEY 1-5/5GY**Tratamento da superfície:****Decoração/ Grafitos:** Localização:**Paralelos:**



Grupo: Cerâmica comum**Nº Inventário:** 2238**Setor:** 5**U.E.:** [30]

Categoria: Asa**Designação:****Frag.:** Asa**Proveniência:** Local/Regional**Descrição da Peça:****Dimensões:****Diâm. Abertura:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:****Técnica:** Manual**Cozedura:** Redutora

Grupo Fabrico: B-2-c - Pasta não-calcária com a cor cinzenta acastanhada, de textura média, com elementos não plásticos de frequência média, dimensão reduzida e forma subarredondada – micas e feldspatos, e quartzo com uma frequência mais reduzida e forma angulosa.

Cor da pasta: 10YR-5/2**Cor exterior/interior:****Tratamento da superfície:****Decoração/ Grafitos:****Localização:****Paralelos:**



- [redacted] -

PLG.S5[30]2238



Grupo: Cerâmica comum**Nº Inventário:** 2313/2312**Setor:** 5**U.E.:** [32]

Categoria: Asa**Designação:****Frag.:** Asa**Proveniência:** Local/Regional**Descrição da Peça:****Dimensões:****Diâm. Abertura:****Diâm. Fundo:****Diâm. Conservado:****Alt. Conservada:****Pasta:****Técnica:** Manual**Cozedura:** Oxidante

Grupo Fabrico: A-3-a - Pasta não-calcaria com a cor castanha, de textura da pasta é média, com alguma porosidade. Com elementos não plásticos de frequência e dimensão reduzida, forma subarredondada (feldspato), micas (com frequência média, dimensão reduzida, forma subarredondada) e quartzo (frequência reduzida, dimensão média, forma angulosa).

Cor da pasta: 7.5YR-6/4**Cor exterior/interior:****Tratamento da superfície:****Decoração/ Grafitos:****Localização:****Paralelos:**



PLG.S5[20]2113



Grupo: Cerâmica comum**Nº Inventário:** 2315**Setor:** 5**U.E.:** [32]

Categoria: Asa	Designação:	Frag.: Asa
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico:		
Cor da pasta: 10YR-6/4	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** 1156 **Sector:** 3 **U.E.:** [10]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 7.5YR – 6/4	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S3[10]1156



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** 1413 **Sector:** 4 **U.E.:** [8]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 7.5yr-5/3	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** SN (1) **Sector:** 5 **U.E.:** [20]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 7.5YR-5/8	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.SN (1)



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** 2241 **Setor:** 5 **U.E.:** [31]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 7.5YR-6/6	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[31]2241



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** 2236 **Sector:** 5 **U.E.:** [30]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 7.5YR-5/6	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** 2331 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 5YR-6/6	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** 2330 **Setor:** 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 7.5YR-6/6	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** SN Setor: 5 **U.E.:** [32]

Categoria: Tégula	Designação:	Frag.: Bordo
Proveniência: Local/Regional		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico: A-2-a - Pasta não-calcária com a cor castanha, de textura média, com alguma porosidade, apresenta inclusões de frequência e dimensão reduzida e forma subarredondada, nomeadamente micas e feldspato.		
Cor da pasta: 5YR-6/6	Cor exterior/interior:	
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos:	Localização:	
Paralelos:		



PLG.S5[20]SN



Grupo: Cerâmica de Construção **Nº Inventário:** 1404 **Setor:** 4 **U.E.:** [6]

Categoria: Quadrante	Designação:	Frag.: Quadrante
Proveniência:		
Descrição da Peça:		
Dimensões:		
Diâm. Abertura:	Diâm. Fundo:	
Diâm. Conservado:	Alt. Conservada:	
Pasta:		
Técnica: Manual	Cozedura: Oxidante	
Grupo Fabrico:		
Cor da pasta: Cor exterior/interior:		
Tratamento da superfície:		
Decoração/ Grafitos: Localização:		
Paralelos:		



Tabela 1 - Paço dos Lobos da Gama 2007/2008 - Terra Sigillata

Nº Inventário	Setor	U.E.	Proveniência	Centro de Fabrico	Tipologia	Fragmento	Forma	Diâm. Abertura	Diâm. Base	Diâm. Conservado	Alt. Conservada	Cor Pasta	Cor Engobe	Decoração	Marca de Oleiro	Leitura	Cronologia
1885	5	[13]	Itálica		Consp. 12	Bordo	Prato	15		4	3,1	2.5YR-7/8	2.5YR-4/8				15 a.C. - 14 d.C.
1894	5	[13]	Itálica		Consp. 18	Bordo	Prato	14		2,5	1,8	5YR-7/6	2.5YR-4/8				10 a.C. - 37 d.C.
2232	5	[30]	Itálica		Indet.	Fundo			5			2.5YR-8/4	10R-6/6				
2396	5	[31]	Sudgálica		Drag. 18	Fundo	Prato?		6			10R-7/8	2.5YR-5/8				40 - 140 d.C.
2410	5		Sudgálica	La Graufes enque	Drag. 18?	Fundo	Prato?		5			2.5YR-6/6	10R-5/6		"OFIC-BILIC (...) "	Ofic. Billicatus	30 - 60 d.C.
2395	5	[31]	Sudgálica		Drag. 18	Bordo	Prato	13		3,1	2,8	2.5YR-6/6	2.5YR-4/6				40 - 140 d.C.
1900	5	[31]	Sudgálica		Drag. 18	Bordo	Prato	12		1,7	2,8	2.5YR-6/6	2.5YR-4/8				40 - 140 d.C.
2391	5	[20]	Sudgálica		Drag. 18	Bordo	Prato	12		2,2	2,2	2.5YR-6/6	2.5YR-4/6				40 - 140 d.C.
2393	5	[20]	Sudgálica		Drag. 24/25	Bordo	Taça	5		1,2	1,7	2.5YR-6/6	10R-5/6	Banda de guilhocé			20 - 60 d.C.
1423	4	[8]	Sudgálica		Drag. 24/25	Bordo	Taça	5		2,4	2,6	2.5YR-6/6	2.5YR-4/6	Banda de guilhocé			20 - 60 d.C.
2388	5	[20]	Sudgálica	La Graufes enque	Drag. 24/25	Bordo	Taça	6		2	2,1	2.5YR-6/6	7.5YR-6/6	Banda de guilhocé			40 - 70 d.C.
2392	5	[20]	Sudgálica		Drag. 24/25	Bordo	Taça	8		1,5	2,1	2.5YR-7/8	10R-4/6	Banda de guilhocé			20 - 60 d.C.
2365	3	[11]	Sudgálica		Drag. 27	Fundo	Taça		6			2.5YR-6/6	10R-4/8				10 - 100 d.C.
2375	3		Sudgálica		Indet.	Fundo			8			10R-6/6	10R-5/6				
2412	5		Hispanica		Drag. 15/17	Fundo	Prato		6			2.5YR-6/6	2.5YR-4/6				100 - 200 d.C.
1889	5	[13]	Hispanica		Drag. 15/17	Bordo	Prato	14		2,1	2,3	5YR-6/6	2.5YR-6/6				100 - 200 d.C.
1899	5	[13]	Hispanica		Drag. 15/17	Bordo	Prato	14		2,5	1,4	2.5YR-6/6	2.5YR-5/6				100 - 200 d.C.
2371	3	[18]	Hispanica		Drag. 15/17	Bordo	Prato	s/diâmetro		1,1	1,3	2.5YR6/6	10R-5/6				100 - 200 d.C.
2032	5	[13]	Hispanica		Drag. 15/17	Bordo	Prato	s/diâmetro		1,5	1,3	10R-6/6	10R-4/6				100 - 200 d.C.

Anexo V

2364	3	[11]	Hispânica		Drag. 15/17	Fundo	Prato		6			10R-6/6	2.5YR-5/8				100 - 200 d.C.
1891	5	[13]	Hispânica		Drag. 15/17	Bordo	Prato	s/diâmetro		1,3	2,5	2.5YR-6/6	10R-5/6				100 - 200 d.C.
2370	3	[18]	Hispânica		Drag. 15/17	Bordo	Prato	s/diâmetro		1,8	1,4	2.5YR-6/6	10R-4/6				100 - 200 d.C.
2398	5		Hispânica		Drag. 18	Fundo	Prato		7			2.5YR-6/6	10R-5/6				meados do séc. I - II d.C.
1903	5	[13]	Hispânica		Drag. 18	Bordo	Prato	s/diâmetro		0,7	1,8	2.5YR-6/6	2.5YR-5/8				meados do séc. I - II d.C.
66			Hispânica		Drag. 18	Bordo	Prato	s/diâmetro		1,6	1,3	2.5YR-6/6	10R-5/6				meados do séc. I - II d.C.
2376			Hispânica		Drag. 18	Bordo	Prato	s/diâmetro		2,1	1,1	10R-6/6	10R-5/6				meados do séc. I - II d.C.
2399	5		Hispânica	Trício	Drag. 27	Fundo	Taça		5			10R-6/6	10R-5/6		"(...)LVC·IPI"	Lucius Pi ()	50 - 75 d.C. ?
3238	6	[72]	Hispânica		Drag. 27	Fundo	Taça		6			10R-6/6	10R-5/6				40 - 200 d.C.
1875	5	[13]	Hispânica		Drag. 27	Fundo	Taça		5			2.5YR-6/6	2.5YR-4/8				40 - 200 d.C.
1565	3	[12]	Hispânica		Drag. 30	Fundo	Taça		5			10R-6/6	10R-5/6		"(...) IR"		
2397	5	[31]	Hispânica		Drag. 30	Fundo	Taça		8			7.5YR-7/6	2.5YR-4/8				50 - 100 d.C.
3239	6	[72]	Hispânica		Drag. 30	Fundo	Taça		6			10R-6/6	10R-4/6				50 - 100 d.C.
1426	4	[8]	Hispânica		Drag. 35/36	Bordo	Taça	s/diâmetro		1,5	1,7	10R-6/6	10R-5/6				60 - 200 d.C.
622	2	[1]	Hispânica		Drag. 35/36	Bordo	Prato/Taça	16		2,9	2,1	5YR-6/6	5YR-5/8				60 - 200 d.C.
1873	5	[13]	Hispânica		Indet.	Bojo	Indet.					2.5YR-6/6	2.5YR-4/6				Círculos concêntricos
2403	5		Hispânica		Indet.	Bojo						10R-6/6	10R-4/6				Círculos concêntricos pequenos
2404	5		Hispânica		Indet.	Bojo						10R-6/6	10R-4/6				Círculos concêntricos e linhas horizontais
2383	5	[20]	Hispânica		Indet.	Bojo	Indet.					2.5YR-6/6	2.5YR-5/8				Representação humana

Anexo V

2387	5	[20]	Hispânica		Indet.	Fundo?	Indet.					2.5YR-6/6	10R-4/6				
3466	6	[124]	Hispânica		Indet.	Fundo?	Indet.					2.5YR-6/6	10R-4/6				
2390	5	[20]	Hispânica		Indet.	Bordo	Indet.			1,3	0,9	2.5YR-6/6	2.5YR-4/6	Indet.			
2382	5	[20]	Hispânica		Indet.	Bojo	Indet.					2.5YR-6/6	10R-5/6	Linhas horizontais			
2233	5	[30]	Hispânica		Indet.	Bojo	Indet.					10R-6/6	2.5YR-4/8	Métopas definidas verticalment e e cordões ondulantes			
2369	3	[18]	Hispânica		Indet.	Bojo	Indet.					2.5YR-6/6	10R-5/6	Cordões ondulantes e motivo vegetalista ?			
1895	5	[13]	Africana A2		H. 9B	Bordo	Taça	14		4,3	2,6	7.5YR-7/6					II d.C.
1890	5	[13]	Africana A2		H. 9B	Bordo	Taça	10		2,6	2,5	2.5YR-7/8					II d.C.
2034	5	[13]	Africana A2		H. 9B	Bordo	Taça	s/diâmetro		1,8	0,8	5YR-6/6					II d.C.
1878	5	[13]	Africana C1/C2		H. 44	Fundo			s/diâmetro			2.5YR-7/8					III - IV d.C.
1876	5	[13]	Africana C2		H. 44	Fundo	Prato ?		6			5YR-6/6					III - IV d.C.
SN°	4	[5]	Africana C1		H. 50	Bordo	Prato	s/diâmetro		1,7	1,9	2.5YR-7/8					230 - 325 d.C.
3422	6	[106]	Africana D1		H. 58B	Bordo	Prato	24		4,5	2,4	2.5YR-6/6					300 - 375 d.C.
2402	5		Africana D1		H. 58AB	Bordo	Prato	22		2,4	1,3	2.5YR-5/6					300 - 375 d.C.
1892	5	[13]	Africana D1		H. 58A	Bordo	Prato	s/diâmetro		2,2	2	5YR-7/8					300 - 325 d.C.
1896	5	[13]	Africana D1		H. 58B	Bordo	Prato	22		5,8	3,1	7.5YR-7/6					300 - 325 d.C.
1897	5	[13]	Africana D1		H. 59	Bordo	Prato	24		3,1	3,3	7.5YR-7/6					320 - 420 d.C.
1243	4	[0]	Africana D1		H. 59	Bordo	Prato	24		4,3	3,8	5YR-6/6					320 - 420 d.C.
2075	5	[19]	Africana C4		Indet.	Bordo	Indet.	s/diâmetro		2,1	2,3	2.5YR-7/8					

Anexo V

1874	5	[13]	Africana D1		Indet.	Bojo	Indet.					2.5YR-6/6		Cruz com quatro círculos entre os braços			V- VI d.C.
1871	5	[13]	Africana D1		Indet.	Bojo	Indet.					2.5YR-6/6		Círculos			IV - V d.C.

Paço dos Lobos da Gama 2007/2008 - Paredes Finas														
Nº Inventário	Setor	U.E.	Centro de Fabrico	Forma	Frag.	Diâmetro de abertura (cm)	Diâmetro de base (cm)	Diâm. Conservado (cm)	Alt. Conservada (cm)	Grupo de fabrico	Cor da Pasta	Engobe	Decoração	Cronologia
3423	6	[106]	Emeritense	Mayet XLIII?	Fundo de copo?		3?			Sub. 1a	7.5YR-8/6	5YR-7/8		50 - 100 d.C.
3020	6	[45]	Emeritense	Mayet XLIII	Fundo de taça?		3			Sub. 1a	2.5Y-8/3	7.5YR-8/6		50 - 100 d.C.
3241	6	[74]	Emeritense	Mayet XLIII	Bordo de taça	8	2,3	2,9		Sub. 1b	2.5Y-8/3	5YR-7/8	Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas	50 - 100 d.C.
1925	5	[13]	Emeritense	Mayet XLIII?	Fundo de copo?		3			Sub. 1a	2Y-8/3	7.5YR-6/8		50 - 100 d.C.
1926	5	[13]	Emeritense	Mayet XLIII?	Bordo de taça	5		1,7	1,3	Sub. 1a	2.5Y-8/3	2.5YR-5/8		50 - 100 d.C.
1928	5	[13]	Emeritense	Mayet XLIII?	Bordo de taça	5		1,2	0,8	Sub. 1a	2.5Y-8/3	5YR-7/8		50 - 100 d.C.
2156	5	[20]	Emeritense	Mayet XLIII?	Bordo de copo?	3		1,8	1,7	Sub. 1b	2.5Y-8/3	5YR-7/8	Caneluras	50-100 d.C.
3021	6	[45]	Bética	Mayet XXXVII	Bordo de copo	6		3,4	2,1	Sub. 2b	2.5Y-8/3	10R-4/6		25 - 60 d.C.
2147	5	[20]	Bética	Mayet XXXVII?	Fundo de copo?		3			Sub. 2b	2.5Y-8/3	2.5YR-5/8		25 - 60 d.C. ?
3345	6	[104]	Bética	Indet.	Bojo					Sub. 2b	2.5Y-8/3	10R-7/6	Rugosa	Indet.
2146	5	[20]	Bética	Indet.	Bojo					Sub. 2b	2.5Y-8/3	7.5YR-6/8	Arenosa	Indet.
3185	6	[69]	Bética	Indet.	Bojo					Sub. 2a	2.5Y-8/4	2.5YR-5/8	Incisa	Indet.
SN			Emeritense	Indet.	Bojo					Sub.1b	2.5Y-8/3	2.5YR-5/8	Folha de água	Indet.
1522	3	[19]	Bética	Indet.	Bojo					Sub. 2a	2.5Y-8/4	2.5YR-5/8	Indet.	Indet.
1634	5	[12]	Bética	Indet.	Bojo					Sub. 2a	2.5Y-8/3	2.5YR-5/8	Indet. folha de água/mamilo?	Indet.
1637	5	[12]	Emeritense	Indet.	Bojo					Sub. 1b	2.5Y-8/3	5YR-6/8	Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas	Indet.
3346	6	[104]	Emeritense	Indet.	Bojo					Sub. 1b	2.5Y-8/3	7.5YR-7/6	Caneluras	Indet.
2150	5	[20]	Emeritense	Indet.	Bojo					Sub. 1a	2.5Y-8/3	7.5YR-6/8	Indet.	Indet.
1639	5	[12]	Emeritense	Indet.	Bojo					Sub. 1b	5Y-8/2	2.5YR-5/8	Lúnulas	Indet.

Anexo V – Tabela 2

2148	5	[20]	Emeritense	Indet.	Bojo					Sub. 1b	2.5Y-8/3	7.5YR-6/8	Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas	Indet.
2151	5	[20]	Emeritense	Indet.	Bojo					Sub. 1a	2.5Y-8/3	5YR-7/8	Banda de guilhoché aplicado obliquamente, separado por linhas horizontais paralelas	Indet.

Paço dos Lobos da Gama 2007/2008 - Lucernas													
Nº Inventário	Setor	U.E.	Proveniência	Tipologia	Frag.	Tipo	Diâm. do Disco (cm)	Espessura (mm)	Fabrico	Cor da Pasta	Engobe	Decoração	Cronologia
Sn (41)			II-A-Emeritense	Indet.	Disco			2	II-A-1	10YR-8/4	10YR-7/6	Duas caneluras no disco	Indet.
Sn (40)			II-B-Bética	D-L 15/16	Disco	Volutas		3	II-B-1	2.5Y – 8/3		Duas caneluras no disco	40-70 d.C.
1638	5	[12]	II-B-Bética	Indet.	Asa			6	II-B-1	2.5Y-8/3		Caneluras	Indet.
1915	5	[13]	II-C-Riotinto-Aljustrel	D-L 9?	Asa			9	II-C-1	5Y-8/3		Caneluras	I d.C.
1914	5	[13]	II-C-Riotinto-Aljustrel	Indet.	Asa			8	II-C-2	2.5Y-8/3		Caneluras	Indet.
1913	5	[13]	II-B-Bética	D-L 16?	Disco?	Volutas		3	II-B-1	2.5Y-8/3		Indet.	40-70 d.C.
1921	5	[13]	III-Local/Regional	Indet.	Disco			5	III-A-1	10YR-7/2	705YR-7/6	Indet.	Indet.
1983	5	[13]	III-Local/Regional ?	D 17?	Disco			3	III-A-2	GLE Y1-7/10Y		Duas caneluras no disco	II-III d.C.
2154	5	[20]	II-A-Emeritense	Indet.	Depósito?			3	II-A-1	2.5Y-8/3	7.5YR-6/8		Indet.
2155	5	[20]	II-A-Emeritense	Indet.	Disco?			2	II-A-1	2.5Y-8/3	7.5YR-6/8	Duas caneluras no disco	Indet.
2116	5	[20]	I - Itálica	D-L 11	Disco e fundo	Volutas	5cm	3	I-A	5Y-8/1	2.5Y-5/2	Representação de Baco e um felino (pantera?)	40-70 d.C.
2216	5	[29]	II-B-Bética	D-L 11/14	Volutas	Volutas		3	II-B-2	5YR-8/4	10R-5/6		40-70 d.C.
2407	5	[32]	II-A-Emeritense	D-L 11	Disco e fundo	Volutas	5cm	2	II-A-2	2.5Y-8/3	2.5YR-4/8	Vieira	I-II d.C.
3425	6	[106]	II-B-Bética	Indet.	Fundo			2	II-B-1	5Y-8/2			Indet.

Anexo V – Tabela 4

Paço dos Lobos da Gama 2007/2008 - Ânforas																
Nº de Inventário	Setor	Silo/Fossa	U.E.	Proveniência	Centro de Fabrico	Tipologia	Variante	Fragmento	Diâm. Conservado	Alt. Conservada	Diâm. Abertura (cm)	Diâm. Base (cm)	Fabrico	Cor Pasta	Cronologia	Conteúdo
1546	5			Bética	Vale do Guadalquivir ?	Dressel 2-4		Asa					Grupo 7	7.5YR-7/6	I a.C. - último terço do séc. I d.C.	Vinária
1559	5			Bética	Vale do Guadalquivir ?	Dressel 2-4		Bordo	8,9	8,3	14		Grupo 7	7.5YR-7/6	I a.C. - último terço do séc. I d.C.	Vinária
20				Bética		Haltern 70 ?		Asa e parede					Grupo 8	7.5YR-8/4	50 a.C. - 90 d.C.	Vinária
1168	3		[11]	Bética		Haltern 70	b)	Fundo	5,1	7,2		4	Grupo 9	5YR-6/6	50 a.C. - 90 d.C.	Vinária
Sn (5)				Bética		Haltern 70	b)	Bordo	4,7	3,3	14		Grupo 9	5YR-6/6	50 a.C. - 90 d.C.	Vinária
1966	5		[13]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 2	7.5YR-7/6	I-II d.C.	Piscícola
1135	3	F1	[2]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 2	5YR-6/6	I-II d.C.	Piscícola
1355	4		[5]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 2	7.5YR-4/6	I-II d.C.	Piscícola
1018	2	Si6	[1]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14	C	Bordo c/ arranque de asa	11	6,1	11		Grupo 2	5YR-6/6	II d.C.	Piscícola
1016	2		[1]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14	C	Bordo c/ arranque de asa	7,4	6,3	10		Grupo 1	5YR-7/8	II d.C.	Piscícola
1016	2		[1]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14	C	Bordo	5,9	11,5			Grupo 1	5YR-7/8	II d.C.	Piscícola
1016	2		[1]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14	C	Bordo	6,9	6,1			Grupo 1	5YR-7/8	II d.C.	Piscícola
1525	3		[18]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 1	5YR-6/6	I-II d.C.	Piscícola
3357	6		[104]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 1	5YR-6/6	I-II d.C.	Piscícola
68				Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14	C	Bordo	6,2	7,1	11		Grupo 1	5YR-7/8	II d.C.	Piscícola
25				Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 1	2.5YR-7/8	I-II d.C.	Piscícola
2314	5		[32]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 1	5YR-6/6	I-II d.C.	Piscícola
2089	5		[19]	Lusitânia	Tejo-Sado	Dressel 14		Asa					Grupo 1	5YR-6/6	I-II d.C.	Piscícola
1245	4		[0]	Bética	Vale do Guadalquivir	Dressel 20		Asa					Grupo 10	10R-6/6	30 - 270 d.C.	Oleica

Anexo V – Tabela 4

Sn (6)				Bética		Dressel 20		Asa					Grupo 10	2.5YR - 6/6	30 - 270 d.C.	Oleica
3155	6		[63]	Lusitânia		Almagro 50		Fundo	3,4	1,5		4	Grupo 3	5YR-6/6	200-450 d.C.	Piscícola
3043	6		[49]	Lusitânia		Almagro 51c	b)	Fundo	3,5	5,2		3,5	Grupo 4	5YR-6/6	séc. III-IV	Piscícola
1771	5		[13]	Lusitânia		Almagro 51c		Bordo c/ arranque de asa	5,8	4,5	10		Grupo 4	10YR- 8/4	primeira metade do séc. IV d.C.	Piscícola
1969	5		[13]	Lusitânia		Almagro 51c		Bordo c/ arranque de asa	6,2	5,1	12		Grupo 4	10YR- 7/4	primeira metade do séc. IV d.C.	Piscícola
1988	5		[13]	Lusitânia		Almagro 51c		Bordo c/ arranque de asa	5,9	4,8	12		Grupo 4	2.5Y-7/3	finais do séc. IV d.C.	Piscícola
73		Si6		Lusitânia		Almagro 51c	b)	Fundo	5	5,3		5	Grupo 4	5YR-6/6	séc. III-IV	Piscícola
950	2	Si4	[1]	Lusitânia		Almagro 51c	b)	Fundo	4	5,5		4	Grupo 5	7.5YR- 6/6	séc. III-IV	Piscícola
1132	3	F1	[2]	Lusitânia		Almagro 51c	b)	Fundo	4	7,2		4	Grupo 5	7.5YR- 8/4	séc. III-IV	Piscícola
1531	3		[12]	Lusitânia		Almagro 51c		Asa					Grupo 5	5YR-7/8		Piscícola
3479	6			Lusitânia		Almagro 51c	C	Fundo	4,5	5,9		4,5	Grupo 5	5YR-7/8	séc. V	Piscícola
1824	5		[13]	Lusitânia		Almagro 51c		Bordo	3,6	3,1	9		Grupo 5	10YR- 8/4	primeira metade do séc. IV d.C.	Piscícola
1017	2	Si6	[1]	Lusitânia		Almagro 51c	b)	Fundo	4,5	4,9		4,5	Grupo 5	5YR-6/6	séc. III-IV	Piscícola
2187	5		[25]	Lusitânia		Almagro 51c	b)	Fundo	5	7,5		5	Grupo 5	5YR-6/6	séc. III-IV	Piscícola
Sn (7)				Lusitânia		Almagro 51c	b)	Fundo	4	4,3		4	Grupo 5	5YR-6/6	séc. III-IV	Piscícola
1972	5		[13]	Lusitânia		Almagro 51c		Bordo c/ arranque de asa	5,1	3,8	12		Grupo 6	2.5Y-8/3	final do séc. IV inícios do V d.C.	Piscícola
2118	5		[20]	Lusitânia		Almagro 51c		Bordo	7,5	5,2	12		Grupo 6	2.5Y-8/3	final do séc. IV inícios do V d.C.	Piscícola
Sn (8)				Lusitânia		Almagro 51c		Asa					Grupo 6	5YR-6/6		Piscícola
2311	5		[32]	Africana 3B		Keay 25.3		Fundo	6	12,5		6	Grupo 11	7.5YR- 8/6	séc. IV - V	Piscícola
1472	3		[12]					Tampa			8			2.5YR - 6/6		
1965	5		[13]	Lusitânia		Indeterminado		Fundo	2,5					2.5YR - 6/6		

Paço dos Lobos da Gama 2007/2008 - Cerâmica Comum											
Nº de Inv.	Setor	Silo/Fossa	U.E.	Frag.	Categoria	Designação	Diâm. abertura (cm)	Diâm. base (cm)	Fabrico	Proveniência	Observações
1675	5		[12]	Bordo	Prato	1.A.1.	s/diâmetro		B-2	Local/Regional	
1994	5		[13]	Bordo	Prato	1.A.1.	12		B-2	Local/Regional	
1710	5		[13]	Bordo	Prato	1.A.1.	18		B-2	Local/Regional	
1946	5		[13]	Bordo	Prato	1.A.2.	14		B-2-b	Local/Regional	
2269	5		[31]	Bordo	Prato	1.A.2.	12		B-1-a	Local/Regional	
1002	2	Si6	[1]	Bordo	Prato	1.A.3.	16		A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1940	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.1.	18		B-2	Local/Regional	
1720	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.1.	18		B-1	Local/Regional	
1711	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.1.	16		B-2	Local/Regional	
3462	6		[124]	Bordo	Prato	1.B.2.	16		B-1	Local/Regional	
1665	5		[12]	Bordo	Prato	1.B.2.	16		B-2	Local/Regional	
2185	5		[25]	Bordo	Prato	1.B.2.	20		B-2	Local/Regional	
1840	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.3.	14		B-1	Local/Regional	
1598	5		[12]	Bordo	Prato	1.B.3.	18		B-2	Local/Regional	
1384	4		[5]	Bordo	Prato	1.B.3.	16		B-2	Local/Regional	
1392	4		[5]	Bordo	Prato	1.B.3.	14		B-2	Local/Regional	
1837	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.3.	14		B-1	Local/Regional	
1676	5		[12]	Bordo	Prato	1.B.3.	16		B-2	Local/Regional	
1809	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.3.	14		B-2	Local/Regional	
1777	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.3.	14		B-2	Local/Regional	
1362	4		[5]	Bordo	Prato	1.B.3.	18		B-1	Local/Regional	
1742	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.3.	19		B-2	Local/Regional	
2029	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.3.	13		B-1	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

1953	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.4.	s/diâmetro		B-2	Local/Regional	
2249	5		[31]	Bordo	Prato	1.B.4.	20		B-1	Local/Regional	
1988	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.4.	16		B-2-b	Local/Regional	
2251	5		[31]	Bordo	Prato	1.B.4.	16		B-2	Local/Regional	
SN (2)				Bordo	Prato	1.B.4.	16		A-2	Local/Regional	
2999	6		[45]	Bordo	Prato	1.B.4.	13		B-1	Local/Regional	
3006	6		[45]	Bordo	Prato	1.B.4.	16		A-2	Local/Regional	
2040	5		[15]	Bordo	Prato	1.B.4.	20		B-1	Local/Regional	
1250	4		[1]	Bordo	Prato	1.B.4.	16		B-1	Local/Regional	
3000	6		[45]	Bordo	Prato	1.B.4.	14		B-1	Local/Regional	
1935	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.4.	16		B-1-a	Local/Regional	
1836	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.4.	s/diâmetro		B-2	Local/Regional	
78	1			Bordo	Prato	1.B.4.	16		B-1-a	Local/Regional	
1385	4		[5]	Bordo	Prato	1.B.4.	16		B-1	Local/Regional	
1752	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.4.	13		B-1	Local/Regional	
2247	5		[31]	Bordo	Prato	1.B.4.	13		B-1	Local/Regional	
1791	5		[13]	Bordo	Prato	1.B.4.	12		B-2	Local/Regional	
1539	5			Bordo	Tigela	2.A.1.	10		B-2	Local/Regional	
2223	5		[30]	Bordo	Tigela	2.A.1.	11		B-2	Local/Regional	
2083	5		[19]	Bordo	Tigela	2.A.1.	11		A-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1690	5		[12]	Bordo	Tigela	2.A.1.	12		B-1	Local/Regional	
1660	5		[12]	Bordo	Tigela	2.A.1.	s/diâmetro		B-1	Local/Regional	
1542	5			Bordo	Tigela	2.A.1.	12		B-2	Local/Regional	
1541	5			Bordo	Tigela	2.A.1.	11		B-2	Local/Regional	
1839	5		[13]	Bordo	Tigela	2.A.1.	12		B-2	Local/Regional	
1835	5		[13]	Bordo	Tigela	2.A.1.	12		B-2	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

112	1			Bordo	Tigela	2.A.1.	12		B-2	Local/Regional	
111	1			Bordo	Tigela	2.A.1.	10		B-2	Local/Regional	
81	1			Bordo	Tigela	2.A.1.	12		B-2	Local/Regional	
2254	5		[31]	Bordo	Tigela	2.A.1.	10		B-1	Local/Regional	
1784	5		[13]	Bordo	Tigela	2.A.1.	9		A-3	Local/Regional	
1659	5		[12]	Bordo	Tigela	2.A.1.	s/diâmetro		B-1	Local/Regional	
1787	5		[13]	Bordo	Tigela	2.A.1.	10		B-2	Local/Regional	
2296	5		[32]	Bordo	Tigela	2.A.1.	16		B-1	Local/Regional	
2038	5		[20]	Bordo	Tigela	2.A.1.	11		B-1	Local/Regional	
3314	6		[97]	Bordo	Tigela	2.A.1.	14		B-2	Local/Regional	
3389	6		[106]	Bordo	Tigela	2.A.2.	16		B-2	Local/Regional	
1165	3		[11]	Bordo	Tigela	2.A.2.	14		A-2	Local/Regional	
1545	5			Bordo	Tigela	2.A.2.	12		B-1	Local/Regional	
3011	6		[45]	Bordo	Tigela	2.B.1.	s/diâmetro		B-1	Local/Regional	
1393	4		[5]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-1	Local/Regional	
1670	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-1	Local/Regional	
1793	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	9		B-2	Local/Regional	
2007	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1-a	Local/Regional	
1695	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	s/diâmetro		B-2	Local/Regional	
1788	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
1242				Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-1	Local/Regional	
2011	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1996	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
1805	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1664	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	s/diâmetro		B-2	Local/Regional	
1942	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-2	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

1992	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-1	Local/Regional	
1681	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	s/diâmetro		B-1	Local/Regional	
1395	4		[5]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
1211	3		[18]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1750	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-2	Local/Regional	
1386	4		[5]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1794	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1948	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
Nr ilegivel (67)				Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1352	4		[5]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1722	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-1	Local/Regional	
1666	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-1	Local/Regional	
2001	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-1-a	Local/Regional	
1218	4		[0]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-1	Local/Regional	
1580	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-1	Local/Regional	
1697	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	s/diâmetro		B-2	Local/Regional	
1645	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1643	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1590	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1594	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1120	3		[11]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		A-1	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
SN (3)				Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
2265	5		[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-1	Local/Regional	
1712	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
94	1			Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
82	1			Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-2-b	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

2253	5		[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2-b	Local/Regional	
1993	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-2-a	Local/Regional	
1367	4		[5]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		A-3	Local/Regional	
1673	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
1663	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-2	Local/Regional	
1677	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
1671	5		[12]	Bordo	tigela	2.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
2057	5		[16]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
2028	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-1	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1945	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1815	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-2	Local/Regional	
2299	5		[32]	Bordo	tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1396	4		[5]	Bordo	tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
1365	4		[5]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
3399	6		[106]	Bordo	Tigela	2.B.1.	14		B-2	Local/Regional	
1796	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-2-b	Local/Regional	
1769	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	12		B-1	Local/Regional	
1954	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	s/diâmetro		B-1	Local/Regional	
1583	5		[12]	Bordo	Tigela	2.B.1.	11		B-1	Local/Regional	
2264	5		[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.	s/diâmetro		B-1	Local/Regional	
2244	5		[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-1	Local/Regional	
1718	5		[13]	Bordo	Tigela	2.B.1.	10		B-1	Local/Regional	
2248	5		[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.a.	12		B-1	Local/Regional	
3350	6		[104]	Bordo	Tigela	2.C.1.	12		B-2	Local/Regional	
2124	5		[20]	Bordo	Tigela	2.C.1.	12		B-1	Local/Regional	
1526	3		[18]	Bordo	Tigela	2.C.2.	10		B-1	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

1330	4		[1]	Bordo	Tigela	2.C.3.	13		B-1	Local/Regional	
1537	5			Bordo	Tigela	2.C.3.	13		B-2	Local/Regional	
1661	5		[12]	Bordo	Tigela	2.C.4.	s/diâmetro		B-1	Local/Regional	
SN (10)				Bordo	Tigela	2.C.4.	14		B-1-a	Local/Regional	
SN (14)				Bordo	Tigela	2.C.5.	14		A-3	Local/Regional	
1389	4		[5]	Bordo	Almofariz	3.A.1.	14		B-2	Local/Regional	
2004	5		[13]	Bordo	Almofariz	3.A.1.	14		A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1719	5		[13]	Bordo	Almofariz	3.B.1.	8		B-2	Local/Regional	
1944	5		[13]	Bordo	Almofariz	3.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
664/673	2		[2]	Bordo	Alguidar	4.A.1.	20		B-2-b	Local/Regional	
3395	6		[106]	Bordo	Alguidar	4.A.1.	15		B-2-b	Local/Regional	
2250	5		[31]	Bordo	Alguidar	4.A.1.	24		B-2-b	Local/Regional	
3411	6		[104]	Bordo	Alguidar	4.A.1.	19		B-2	Local/Regional	
42				Bordo	Alguidar	4.A.1.	17		B-2-b	Local/Regional	
1040/1041/1052	2	Si7		Bordo	Alguidar	4.A.1.	14		B-2-b	Local/Regional	
3004	6		[45]	Bordo	Alguidar	4.A.2.	19		A-3-a	Local/Regional	
2191	5		[26]	Bordo	Alguidar	4.A.3.	20		B-2	Local/Regional	Decoração em ziguezague na aba do bordo
2320/2321	5		[32]	Bordo	Alguidar	4.B.1.	30		A-3	Local/Regional	
1351	4		[5]	Bordo	Alguidar	4.B.1.	16		B-2-b	Local/Regional	
1608	5		[12]	Bordo	Terrina	5.A.1.	17		B-2-b	Local/Regional	
1832	5		[13]	Bordo	Terrina	5.A.2.	16		B-2	Local/Regional	
1366/1394	4		[5]	Bordo	Terrina	5.A.2.	11		B-1-a	Local/Regional	
1830	5		[13]	Bordo	Terrina	5.A.2.	8		B-1	Local/Regional	
2003	5		[13]	Bordo	Terrina	5.A.2.	14		B-1	Local/Regional	
1371	4		[5]	Bordo	Terrina	5.A.3.	12		B-2-b	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

2059	5		[16]	Bordo	Terrina	5.A.3.	7		B-1	Local/Regional	
3333	6		[98]	Bordo	Tacho	6.A.1.	19		B-2-b	Local/Regional	
1828	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.	11		B-2	Local/Regional	
2082	5		[19]	Bordo	Tacho	6.A.1.	11		B-2	Local/Regional	
1733	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.	8		B-2	Local/Regional	
1827	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.	10		B-2	Local/Regional	
2235	5		[30]	Bordo	Tacho	6.A.1.	12		B-2-b	Local/Regional	
3476	6		[130]	Bordo	Tacho	6.A.1.	14		B-2-b	Local/Regional	
602	2		[1]	Bordo	Tacho	6.A.1.	8		B-2	Local/Regional	
SN (11)				Bordo	Tacho	6.A.1.	10		A-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
87	1			Bordo	Tacho	6.A.1.a.	7		B-1	Local/Regional	
1987	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.a.	11		B-2	Local/Regional	
1933	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.a.	11		B-2-b	Local/Regional	
1151	3		[10]	Bordo	Tacho	6.A.1.a.	7		B-2	Local/Regional	
1743	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.a.	6		B-1	Local/Regional	
1691	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.a.	12		B-2	Local/Regional	
1864	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	12		B-1	Local/Regional	
2266	5		[31]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	9		B-2-b	Local/Regional	
SN (31)				Bordo	Tacho	6.A.1.b.	16		B-1	Local/Regional	
1606	5		[12]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	7		B-1	Local/Regional	
1950	5		[13]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	8		B-2	Local/Regional	
1159	3		[11]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	15		B-2-b	Local/Regional	
2094	5		[20]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	7		B-2-b	Local/Regional	
1391	4		[5]	Bordo	Tacho	6.B.1.	11		B-2	Local/Regional	
2263	5		[31]	Bordo	Tacho	6.B.1.	6		B-2	Local/Regional	
603	2		[1]	Bordo	Tacho	6.B.2.	10		B-2	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

1399	4		[5]	Bordo	Tacho	6.B.2.	9		B-2	Local/Regional	
2002	5		[13]	Bordo	Tacho	6.B.2.	14		B-2-a	Local/Regional	
2323/2327	5		[32]	Bordo	Tacho	6.B.2.	8		B-2-b	Local/Regional	
1715	5		[13]	Bordo	Tacho	6.B.2.a.	9		B-1	Local/Regional	
2326	5		[32]	Bordo	Tacho	6.B.2.a.	8		B-2	Local/Regional	
2260	5		[31]	Bordo	Tacho	6.B.2.a.	12		B-2	Local/Regional	
120	1			Bordo	Tacho	6.B.2.a.	15		B-2-b	Local/Regional	
48	1			Bordo	Tacho	6.B.2.a.	14		B-2-b	Local/Regional	
1126	3		[1]	Bordo	Panela	7.A.1.	6		B-2	Local/Regional	
1361	4		[5]	Bordo	Panela	7.A.1.	10		B-2	Local/Regional	
2245	5		[31]	Bordo	Panela	7.A.1.	6		B-2	Local/Regional	
7	1			Bordo	Panela	7.A.1.	8		A-3	Local/Regional	
2252	5		[31]	Bordo	Panela	7.A.1.	11		B-2	Local/Regional	
2257	5		[31]	Bordo	Panela	7.A.1.	6		B-2	Local/Regional	
1816	5		[13]	Bordo	Panela	7.A.1.	12		B-2	Local/Regional	
1937	5		[13]	Bordo	Panela	7.A.1.	7		B-2	Local/Regional	
1388	4		[5]	Bordo	Panela	7.A.1.	7		B-2	Local/Regional	
1600/1587/1584	5		[12]	Bordo	Panela	7.A.1.	6		B-2	Local/Regional	
2161	5		[21]	Bordo	Panela	7.A.1.	9		B-1	Local/Regional	
1579/1615	5		[12]	Bordo	Panela	7.A.1.	7		B-2	Local/Regional	
995	2	Si6	[1]	Bordo	Panela	7.A.2.	9		A-3	Local/Regional	
2078	5		[19]	Bordo	Panela	7.B.1.	12		B-1-a	Local/Regional	
2190	5		[20]	Bordo	Panela	7.B.1.	12		B-2	Local/Regional	
1030/1039	2	Si7		Bordo	Panela	7.B.1.	12		B-1-a	Local/Regional	
629	2		[1]	Bordo	Panela	7.B.1.	9		B-2	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

3481	6			Bordo	Panela	7.B.1.	10		B-2	Local/Regional	
1817	5		[13]	Bordo	Panela	7.B.1.	6		B-2	Local/Regional	
3348	6		[104]	Bordo	Panela	7.B.1.	6		A-2	Local/Regional	
117	1			Bordo	Panela	7.B.1.	16		B-2-b	Local/Regional	
86	1			Bordo	Panela	7.B.1.	12		B-1	Local/Regional	
1152	4		[9]	Bordo	Panela	7.B.1.	12		B-2	Local/Regional	
1034	2	Si7		Bordo	Panela	7.B.1.	8		B-2	Local/Regional	
SN (16)		Si9		Bordo	Panela	7.B.2.	12		A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2220	5		[30]	Bordo	Panela	7.B.3.	10		B-2	Local/Regional	
1169	3		[11]	Bordo	Panela	7.B.3.	9		B-1	Local/Regional	
2325	5		[32]	Bordo	Panela	7.B.3.	10		B-2	Local/Regional	
2324	5		[32]	Bordo	Panela	7.B.3.	8		B-2	Local/Regional	
958	2	Si4/5	[1]	Bordo	Panela	7.B.3.	10		B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1776	5		[13]	Bordo	Panela	7.B.3.	6		A-3	Local/Regional	
643	2		[1]	Bordo	Panela	7.B.3.	12		B-1	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
54				Bordo	Panela	7.B.3.	10		B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1949	5		[13]	Bordo	Panela	7.C.1.	10		B-2	Local/Regional	
1612	5		[12]	Bordo	Panela	7.C.1.	10		B-1	Local/Regional	
SN (47)				Bordo	Panela	7.C.1.	9		B-2	Local/Regional	
600	2		[1]	Bordo	Panela	7.C.1.	12		B-2	Local/Regional	
1786	5		[13]	Bordo	Pote	8.A.1.	8		B-2	Local/Regional	
3391	6		[106]	Bordo	Pote	8.A.1.	8		B-2	Local/Regional	
3005	6		[45]	Bordo	Pote	8.A.1.	12		A-2	Local/Regional	
1538	5			Bordo	Pote	8.A.1.	12		A-3	Local/Regional	
1657	5		[12]	Bordo	Pote	8.A.1.	12		A-3	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

2231	5		[30]	Bordo	Potinho	9.A.1.	6		A-1	Local/Regional	Potinho alentejano.
2291	5		[31]	Bordo	Potinho	9.A.1.	4		B-1-a	Local/Regional	Potinho alentejano. Banda impressa.
1932	5		[13]	Bordo	Potinho	9.A.2.	7		B-2	Local/Regional	
1008	2	Si6	[1]	Bordo	Potinho	9.A.2.	8		B-2	Local/Regional	
SN (50)				Bordo	Potinho	9.A.2.	9		B-2	Local/Regional	
1648	5		[12]	Bordo	Potinho	9.A.2.	8		A-3	Local/Regional	
1974	5		[13]	Bordo	Potinho	9.A.3.	7		A-3	Local/Regional	
616	2		[1]	Bordo	Potinho	9.A.3.	8		B-2	Local/Regional	
666	2		[2]	Bordo	Potinho	9.A.3.	9		A-3	Local/Regional	
672	2		[2]	Bordo	Potinho	9.A.3.	8		B-2	Local/Regional	
1172	2	Si8	[2]	Bordo	Potinho	9.A.3.	8		B-1-a	Local/Regional	
1818	5		[13]	Bordo	Potinho	9.A.4.	8		B-2	Local/Regional	
1938	5		[13]	Bordo	Potinho	9.A.4.	6		B-1	Local/Regional	
3007	6		[45]	Bordo	Potinho	9.A.4.	8		B-1	Local/Regional	
1658	5		[12]	Bordo	Potinho	9.A.4.	s/diâmetro		A-3	Local/Regional	
2000	5		[13]	Bordo	Potinho	9.A.4.	7		B-1	Local/Regional	
3396	6		[106]	Bordo	Potinho	9.A.4.	10		B-1-a	Local/Regional	
2255	5		[31]	Bordo	Potinho	9.A.4.	6		B-2-b	Local/Regional	
2213	5		[29]	Bordo	Potinho	9.A.4.	7		B-2-b	Local/Regional	
3395a	6		[106]	Bordo	Potinho	9.A.4.	10		B-1-a	Local/Regional	
1544	5			Bordo	Potinho	9.A.5.	6		B-2-b	Local/Regional	
2012	5		[13]	Bordo	Potinho	9.A.5.	6		A-3	Local/Regional	
3313	6		[97]	Bordo	Potinho	9.A.6.	10		B-2	Local/Regional	
659	2		[2]	Bordo	Potinho	9.A.6.	12		B-2	Local/Regional	
1979	5		[13]	Bordo	Jarro	10.A.1.	5		B-1	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

114	1			Bordo	Jarro	10.A.1.	8		B-2-b	Local/Regional	
1877	5		[13]	Bordo	Jarro	10.A.1.	5		A-2	Local/Regional	
990	2	Si6	[1]	Bordo	Jarro	10.A.1.	7		B-2	Local/Regional	
1990	5		[13]	Bordo	Jarro	10.A.1.	7		B-2	Local/Regional	
1117	3			Bordo	Jarro	10.A.1.	6		B-2	Local/Regional	
1111	3			Bordo	Bilha	11.A.1.	7		A-3	Local/Regional	
1813	5		[13]	Bordo	Bilha	11.B.1.	6		B-2	Local/Regional	
2295	5		[32]	Bordo	Talha	12.A.1.	20		A-3-a	Local/Regional	
2077	5		[19]	Bordo	Talha	12.A.1.	20		A-3-a	Local/Regional	
655	2		[2]	Bordo	Talha	12.A.1.	24		A-3-a	Local/Regional	
2293	5		[32]	Bordo	Talha	12.A.1.	20		A-3-a	Local/Regional	
2126	5		[20]	Bordo	Talha	12.A.1.	20		A-3-a	Local/Regional	
2058	5		[16]	Bordo	Tampa	13.A.1.	10		B-1	Local/Regional	
2259	5		[31]	Bordo	Tampa	13.A.1.	11		B-1	Local/Regional	
2258	5		[31]	Bordo	Tampa	13.A.1.	12		B-2	Local/Regional	
1609	5		[12]	Bordo	Tampa	13.A.1.	10		A-3	Local/Regional	
2210	5		[29]	Bordo	Tampa	13.A.1.	10		B-2	Local/Regional	
1032	2	Si7		Bordo	Tampa	13.A.1.	10		B-2	Local/Regional	
3352	6		[104]	Fundo		F.2.		7	B-2	Local/Regional	
1624	5		[12]	Fundo		F.2.		10	B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1730	5		[13]	Fundo		F.4.		7	B-2	Local/Regional	
2225	5		[30]	Fundo		F.1.		6	B-2	Local/Regional	
2303/2310	5		[32]	Fundo		F.1.		5	B-2-a	Local/Regional	
2239	5		[30]	Fundo		F.1.		6	B-2-b	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2302	5		[32]	Fundo		F.1.		5	B-2	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

115	1			Fundo		F.1.		5	B-2	Local/Regional	
1157	3		[10]	Fundo		F.1.		6	B-2-b	Local/Regional	
674	2		[2]	Fundo		F.1.		5	B-2-b	Local/Regional	
1155	3		[10]	Fundo		F.1.		6	B-1-a	Local/Regional	
75				Fundo		F.1.		5	B-1	Local/Regional	
966	2	Si4/5	[2]	Fundo		F.3.		8	B-2-b	Local/Regional	
85	1			Fundo		F.1.		6	B-2-b	Local/Regional	
3353	6		[104]	Fundo		F.2.		7	B-2	Local/Regional	
641	2		[1]	Fundo		F.3.		8	B-2-b	Local/Regional	
620	2		[1]	Fundo		F.3.		8	B-2-b	Local/Regional	
1382	4		[5]	Fundo		F.3.		10	B-1	Local/Regional	
2278	5		[31]	Fundo		F.3.		6	B-1	Local/Regional	
3450	6		[123]	Fundo		F.2.		6	B-2-b	Local/Regional	
1729	5		[13]	Fundo		F.2.		8	B-2-b	Local/Regional	
1429	3			Fundo		F.2.		8	A-3	Local/Regional	
3249	6		[75]	Fundo		F.2.		7	B-1	Local/Regional	
1799	5		[13]	Fundo		F.2.		6	B-2	Local/Regional	
1755	5		[13]	Fundo		F.2.		6	B-1	Local/Regional	
1781	5		[13]	Fundo		F.2.		6	A-3	Local/Regional	
1770	5		[13]	Fundo		F.3.		8	A-3	Local/Regional	
998	2	Si6	[1]	Fundo		F.2.		8	B-2-b	Local/Regional	
1757	5		[13]	Fundo		F.3.		5	B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2279	5		[31]	Fundo		F.2.		7	B-2	Local/Regional	
102	1			Fundo		F.3.		6	B-2-b	Local/Regional	
88	1			Fundo		F.3.		8	B-2-b	Local/Regional	
100				Fundo		F.2.		8	B-2	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

965	2	Si4/5	[2]	Fundo		F.2.		11	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2301	5		[32]	Fundo		F.3.		10	B-2-b	Local/Regional	
1669	5		[12]	Fundo		F.3.		6	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1708	5		[13]	Fundo		F.2.		5	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1707	5		[13]	Fundo		F.2.		6	A-3	Local/Regional	
1700	5		[13]	Fundo		F.2.		6	B-2	Local/Regional	
SN (19)				Fundo		F.2.		12	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2220	5		[30]	Fundo		F.2.		8	B-2	Local/Regional	
2052	5		[15]	Fundo		F.3.		6	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1432	3			Fundo		F.2.		6	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2228	5		[30]	Fundo		F.1.		6	B-2	Local/Regional	
1186	3		[12]	Fundo		F.2.		7	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1527	3		[18]	Fundo		F.2.		12	B-2-b	Local/Regional	
1701	5		[13]	Fundo		F.2.		6	B-2	Local/Regional	
3373	6		[106]	Fundo		F.3.		9	B-2-b	Local/Regional	
1798	5		[13]	Fundo		F.3.		6	B-2	Local/Regional	
1430	3			Fundo		F.3.		8	B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2997	6		[45]	Fundo		F.3.		9	B-1	Local/Regional	
SN (51)				Fundo		F.2.		9	A-3	Local/Regional	
2996	6		[45]	Fundo		F.3.		8	B-1-a	Local/Regional	
1567	5		[12]	Fundo		F.2.		9	B-2-b	Local/Regional	
1705	5		[13]	Fundo		F.2.		8	B-2	Local/Regional	
1375	4		[5]	Fundo		F.3.		8	B-2	Local/Regional	
1437	3	F1		Fundo		F.3.		6	A-3	Local/Regional	
1572	5		[12]	Fundo		F.3.		8	A-3	Local/Regional	
1706	5		[13]	Fundo		F.3.		5	A-3	Local/Regional	
1498	3	F1		Fundo		F.3.		6	B-2-b	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

2051	5		[15]	Fundo		F.3.		5	B-2	Local/Regional	
2050	5		[15]	Fundo		F.3.		5	B-2	Local/Regional	
2282	5		[31]	Fundo		F.3.		6	B-2	Local/Regional	
619	2		[1]	Fundo		F.3.		8	B-2	Local/Regional	
1440	3	F1		Fundo		F.3.		8	B-2-b	Local/Regional	
1723	5		[13]	Fundo		F.3.		6	B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
106	1			Fundo		F.4.		9	B-2-b	Local/Regional	
2159	5		[21]	Fundo		F.3.		4	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1431	3			Fundo		F.2.		8	B-2	Local/Regional	
2306	5		[32]	Fundo		F.3.		5	B-2	Local/Regional	
98	1			Fundo		F.3.		8	B-2-b	Local/Regional	
2305	5		[32]	Fundo		F.3.		9	B-2	Local/Regional	
1046	2	Si7	[1]	Fundo		F.2.		7	B-2-b	Local/Regional	
658	2		[2]	Fundo		F.4.		10	B-2	Local/Regional	
2332	5		[32]	Fundo		F.1.		4	B-1-a	Local/Regional	
3354	6		[104]	Fundo		F.5.		5	B-2-b	Local/Regional	
647	2		[1]	Fundo		F.3.		6	A-3	Local/Regional	
1417	4		[8]	Fundo		F.1.		6	B-1	Local/Regional	
1455	3	F1		Fundo		F.1.		5	A-3	Local/Regional	
1625	5		[12]	Fundo		F.1.		5	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2226	5		[30]	Fundo		F.1.		5	B-2	Local/Regional	
3355	6		[104]	Fundo		F.2.		5	B-2	Local/Regional	
654	2		[1]	Fundo		F.3.		8	B-2-b	Local/Regional	
1800	5		[13]	Fundo		F.3.		5	B-1	Local/Regional	
2188	5		[20]	Fundo		F.1.		5	B-2	Local/Regional	
1158	3		[10]	Fundo		F.1.		5	B-2-b	Local/Regional	
1195	3		[12]	Fundo		F.5.		7	B-1	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

1118	3		[1]	Fundo		F.1.		5	B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2308	5		[32]	Fundo		F.3.		8	A-3	Local/Regional	
1418	4		[8]	Fundo		F.3.		8	B-2	Local/Regional	
657	2		[2]	Fundo		F.3.		7	B-2	Local/Regional	
3251	6		[75]	Fundo		F.2.		6	B-2	Local/Regional	
648	2		[1]	Fundo		F.2.		6	B-1	Local/Regional	
613	2		[1]	Fundo		F.3.		7	B-2-a	Local/Regional	
1771	5		[13]	Fundo		F.2.		6	B-2	Local/Regional	
3452	6		[123]	Fundo		F.2.		6	B-2	Local/Regional	
3451	6		[123]	Fundo		F.2.		6	A-2	Local/Regional	Incisão no fundo na parte exterior
1689	5		[13]	Fundo		F.3.		6	B-2	Local/Regional	
1358	4		[5]	Fundo		F.3.		8	B-2	Local/Regional	
1797	5		[13]	Fundo		F.3.		5	B-2	Local/Regional	
1379	4		[5]	Fundo		F.3.		5	B-2	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
33				Fundo		F.2.		6	B-1	Local/Regional	
110	1			Fundo		F.5.		4	B-2-b	Local/Regional	
2307	5		[32]	Fundo		F.2.		8	A-3	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
SN (48)				Fundo		F.2.		8	B-2	Local/Regional	
1239				Fundo		F.5.		6	B-2	Local/Regional	
1756	5		[13]	Fundo		F.3.		6	B-1	Local/Regional	
1728	5		[13]	Fundo		F.5.		4	B-2-a	Local/Regional	
76				Fundo		F.1.			B-1		Imitação de TS?
3498	6		[49]	Elemento fático	Vaso				A-2-a	Local/Regional	
626	2		[1]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
993	2	Si6	[1]	Asa	Bilha?				A-2-a	Local/Regional	
1686	5		[12]	Asa					A-3	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

1958	5		[13]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
2238	5		[30]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
1216	4		[0]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
2993	6		[45]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
2988	6		[45]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
609	2		[1]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
651	2		[1]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
652	2		[1]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
668	2		[2]	Asa	Bilha?				B-2-c	Local/Regional	
675	2		[2]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
1009	2	Si6	[1]	Asa					A-3-a	Local/Regional	
1010	2	Si6	[1]	Asa					A-2-a	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
1163/1170	3		[11]	Asa					A-2-a	Local/Regional	
1631	5		[12]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
1574	5		[12]	Asa					A-2-a	Local/Regional	
1576	5		[12]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
1577	5		[12]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
1575	5		[12]	Asa					A-2-a	Local/Regional	
2054	5		[15]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
2053	5		[15]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
2113	5		[20]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
2123	5		[20]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
1727	5		[13]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
1802	5		[13]	Asa					A-3-a	Local/Regional	
1775	5		[13]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
2276	5		[31]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
SN (20)		Si9		Asa					A-3-a	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

80	1			Asa					A-3-a	Local/Regional	
2215	5		[29]	Asa					A-3-a	Local/Regional	
1434	3			Asa					B-1-b	Local/Regional	
1530	3		[18]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
2315	5		[32]	Asa					A-2-a	Local/Regional	
608	2		[1]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
604	2		[1]	Asa					A-3-a	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
2312/2313	5		[32]	Asa					A-3-a	Local/Regional	
618	2		[1]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
601	2		[1]	Asa					A-3-a	Local/Regional	
650	2		[1]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
637	2		[1]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
638	2		[1]	Asa					B-2-c	Local/Regional	
642	2		[1]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
3327	6		[97]	Asa					A-2-a	Local/Regional	Presença de marcas de fogo
3318	6		[97]	Asa					B-1-b	Local/Regional	
1161	3		[11]		Peso de tear					Local/Regional	
1524	3		[18]		Peso de tear					Local/Regional	
1205	3		[18]		Peso de tear					Local/Regional	
SN (55)					Peso de tear					Local/Regional	
1967	5		[13]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
3326	6		[97]		Marca de jogo				B-1-b	Local/Regional	
1656	3		[12]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
SN (46)					Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
SN (47)					Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
2551	6		[40]		Marca de jogo				B-1-b	Local/Regional	
2553	6		[40]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

2554	6		[40]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
2552	6		[40]		Marca de jogo				B-1-b	Local/Regional	
2550	6		[40]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
3497	6		[49]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
3142	6		[52]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
3150	6		[63]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
3181	6		[63]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
2633	6		[42]		Marca de jogo				A-2-a	Local/Regional	
2634	6		[42]		Marca de jogo				B-1-b	Local/Regional	
64					Marca de jogo				B-1-b	Local/Regional	
2986	6		[45]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1762	5		[13]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1761/1763	5		[13]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1764	5		[13]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
2236	5		[30]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
2331	5		[32]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1356	4		[5]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
3340	6		[104]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
Nr ilegível (10)				Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1413	4		[8]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
SN	5		[20]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	3 fragmentos de tégula
1187	3		[12]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
2330	5		[32]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1232	3		[18]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
SN (45)				Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1588	5		[12]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
2241	5		[31]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	

Anexo V – Tabela 5

SN (1)	5		[32]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
583	1			Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
79	1			Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
101	1			Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
2209	5		[29]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1156	3		[10]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1006	2	Si6	[1]	Bordo	Tégula				A-3-a	Local/Regional	
1404	4		[6]		Quadrante						
	2				Mó		80				
1904	5		[13]	Bordo	Almofariz		14		A	Bética	
1905	5		[13]	Bojo ?	Almofariz			11	A	Bética	
1906	5		[13]	Bojo	Almofariz				A	Bética	
3453	6		[123]	Bordo	Almofariz		14		A	Bética	
2117	5		[20]	Bordo	Almofariz		16		A	Bética	
2230	5		[30]	Bordo	Almofariz		14		A	Bética	
2229	5		[30]	Bordo	Almofariz		14		A	Bética	
2319	5		[32]	Bordo	Almofariz		14		A	Bética	
2319	5		[32]	Bojo	Almofariz				A	Bética	8 fragmentos de bojo
1556	5		[10]	Fundo	Almofariz			7	B	Bética	

Paço dos Lobos da Gama 2007/2008 - Cerâmica Comum em contextos romanos														
Nº Inventário	Setor	U.E.	Frag.	Categoria	Designação	Fabrico	Diâm. bordo (cm)	Diâm. Fundo (cm)	Diâm. Conservado (cm)	Alt. Conservada (cm)	(Diâm.conservado:Diâm.total*100)	Escalão Percentual	Peças	EEP
2269	5	[31]	Bordo	Prato	1.A.2.	B-1-a	12		2,7	1,8	22,5	0,25	1	4
3462	6	[124]	Bordo	Prato	1.B.2.	B-1	16		3,9	2,2	24,37	0,25	1	
2040	5	[15]	Bordo	Prato	1.B.4	B-1	20		3,8	5	19	0,25	1	
2249	5	[31]	Bordo	Prato	1.B.4.	B-1	20		4,4	4,4	22	0,25		
2247	5	[31]	Bordo	Prato	1.B.4.	B-1	13		5,9	3,1	45,38	0,5		
2251	5	[31]	Bordo	Prato	1.B.4.	B-2	16		3	2,9	18,75	0,25	1	
2296	5	[32]	Bordo	Tigela	2.A.1.	B-1	16		3,3	2,8	20,63	0,25	1	8
2254	5	[31]	Bordo	Tigela	2.A.1.	B-1	10		3,5	2	35	0,5		
2038	5	[20]	Bordo	Tigela	2.A.1.	B-1	11		3,3	2,3	30	0,5		
2083	5	[19]	Bordo	Tigela	2.A.1.	A-2	11		3,3	3,5	30	0,5	1	
2223	5	[30]	Bordo	Tigela	2.A.1.	B-2	11		2	1,9	18,18	0,25	1	
2299	5	[32]	Bordo	Tigela	2.B.1.	B-1	11		3,2	2,8	29,09	0,5	2	
2244	5	[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.	B-1	10		2,2	4	22	0,25		
2265	5	[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.	B-1	10		1,9	1,4	19	0,25		
2057	5	[16]	Bordo	Tigela	2.B.1.	B-1	11		3,5	1,2	31,82	0,5	1	
2253	5	[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.	B-2-b	11		4,7	2,2	42,73	0,5	1	
2248	5	[31]	Bordo	Tigela	2.B.1.a.	B-1	12		5,4	6,1	45	0,5	1	
2124	5	[20]	Bordo	Tigela	2.C.1.	B-1	12		5	2,4	41,67	0,5	1	
2117	5	[20]	Bordo	Almofariz Bética	I - A	A	16		3,8	3,2	23,75	0,25	1	2
2319	5	[32]	Bordo	Almofariz Bética	I - A	A	14		6,2	4	44,29	0,5		
2230/2229	5	[30]	Bordo	Almofariz Bética	I - B	A	14		4,7	3	33,57	0,5		
2250	5	[31]	Bordo	Alguidar	4.A.1.	B-2-b	24		6,9	5,8	28,75	0,5	1	2
2321/2320	5	[32]	Bordo	Alguidar	4.B.1.	A-3	30		7,4	5,5	24,65	0,25	1	

Anexo V – Tabela 6

2235	5	[30]	Bordo	Tacho	6.A.1.	B-2-b	12		11	9,6	91,67	1	2	10
3476	6	[130]	Bordo	Tacho	6.A.1.	B-2-b	14		6,1	3,9	43,57	0,5		
2082	5	[19]	Bordo	Tacho	6.A.1.	B-2	11		2,3	1,8	20,91	0,25	1	
1151	3	[10]	Bordo	Tacho	6.A.1.a.	B-2	7		4,2	3,4	60	1	1	
2266	5	[31]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	B-2-b	9		2,7	1,4	30	0,5	2	
2094	5	[20]	Bordo	Tacho	6.A.1.b.	B-2-b	7		4,9	2,5	70	1		
2263	5	[31]	Bordo	Tacho	6.B.1.	B-2	6		2,8	1,4	46,67	0,5	1	
2327/2323	5	[32]	Bordo	Tacho	6.B.2.	B-2-b	8		5,1	1,5	63,75	1	1	
2260	5	[31]	Bordo	Tacho	6.B.2.a.	B-2	12		5	1,6	41,67	0,5	2	
2326	5	[32]	Bordo	Tacho	6.B.2.a.	B-2	8		4,3	1,7	53,75	1		
2257	5	[31]	Bordo	Panela	7.A.1.	B-2	6		4,2	4,1	70	1	3	8
2245	5	[31]	Bordo	Panela	7.A.1.	B-2	6		4,1	1,9	68,33	1		
2252	5	[31]	Bordo	Panela	7.A.1.	B-2	11		4,6	3,7	41,82	0,5		
2190	5	[20]	Bordo	Panela	7.B.1.	B-2	12		4	2,8	33,33	0,5	1	
1152	4	[9]	Bordo	Panela	7.B.1.	B-2	12		4,8	4,7	40	0,5	1	
2078	5	[19]	Bordo	Panela	7.B.1.	B-1-a	12		2,1	3,9	17,5	0,25	1	
2220	5	[30]	Bordo	Panela	7.B.3.	B-2	10		6,2	6	62	1	3	
2325	5	[32]	Bordo	Panela	7.B.3.	B-2	7		6,5	6,2	92,87	1		
2324	5	[32]	Bordo	Panela	7.B.3.	B-2	8		5,1	5,4	63,75	1		
2231	5	[30]	Bordo	Potinho	9.A.1.	A-1	6		1,5	1,5	25	0,25	1	
2291	5	[31]	Bordo	Potinho	9.A.1.	B-1-a	4		1,4	2,5	35	0,5	1	
2255	5	[31]	Bordo	Potinho	9.A.4.	B-2-b	6		2,5	1,3	41,67	0,5	1	
2295	5	[32]	Bordo	Talha	12.A.1.	A-3-a	20		4,3	6	21,5	0,25	2	2
2126	5	[20]	Bordo	Talha	12.A.1.	A-3-a	28		8	7,3	28,57	0,5		
2077	5	[19]	Bordo	Talha	12.A.1.	A-3-a	20		12,8	5,5	64	1		
2293	5	[32]	Bordo	Talha	12.A.1.	A-3-a	20		7,7	3,8	38,5	0,5		
2058	5	[16]	Bordo	Tampa	13.A.1.	B-1	11		4,1	1,6	37,27	0,5	1	2

Anexo V – Tabela 6

2259	5	[31]	Bordo	Tampa	13.A.1.	B-1	11		5	1,6	45,45	0,5		
2258	5	[31]	Bordo	Tampa	13.A.1.	B-2	12		3,6	2,2	30	0,5	1	
2188	5	[20]	Fundo		F.1.	B-2		5						Total = 39
2226	5	[30]	Fundo		F.1.	B-2		5						
2306	5	[32]	Fundo		F.3.	B-2		5						
2303	5	[32]	Fundo		F.1.	B-2-a		5						
2310	5	[32]	Fundo		F.1.	B-2-a		5						
2302	5	[32]	Fundo		F.1.	B-2		5						
2225	5	[30]	Fundo		F.1.	B-2		6						
2239	5	[30]	Fundo		F.1.	B-2-b		6						
2228	5	[30]	Fundo		F.1.	B-2		6						
1157	3	[10]	Fundo		F.1.	B-2-b		6						
1155	3	[10]	Fundo		F.1.	B-1-a		6						
1417	4	[8]	Fundo		F.1.	B-1		6						
2307	5	[32]	Fundo		F.2.	A-3		8						
2332	5	[32]	Fundo		F.1.	B-1-a		4						
2282	5	[31]	Fundo		F.3.	B-2		6						
2278	5	[31]	Fundo		F.3.	B-1		6						
2279	5	[31]	Fundo		F.2.	B-2		7						
2305	5	[32]	Fundo		F.3.	B-2		9						
2301	5	[32]	Fundo		F.3.	B-2-b		10						
2308	5	[32]	Fundo		F.3.	A-3		8						
1418	4	[8]	Fundo		F.3.	B-2		8						
1158	3	[10]	Fundo		F.1.	B-2-b		5						
2052	5	[15]	Fundo		F.3.	A-3		6						
2051	5	[15]	Fundo		F.3.	B-2		5						
2050	5	[15]	Fundo		F.3.	B-2		5						

Paço dos Lobos da Gama 2007/2008 - Moedas romanas												
Nº Invent.	Setor	U.E.	Denominação	Imperador	Centro de fabrico	Material	Datação	Anverso	Reverso	Obs.	Bib.	Fotografia
2494	5	[13]	Antoniniano	Cláudio II	Roma	Bronze	final 268-início 269 d.C.	[IMP C CLAV]DIVS AVG; busto radiado para a direita (...);	P M [TR P II COS PP]; Imperador de pé, para a esquerda, segurando ramo com a mão direita e bastão com a esquerda.	Moeda partida	RIC V (1) 10	
2488	5	[13]	Antoniniano	Cláudio II	Cunhagem provincial	Bronze	270 d.C. ou posterior	Fruste	CONSE[CRATIO]; altar flamejante	Anverso com muita concreção		
3518	6	[45]	Antoniniano	Cláudio II	Roma	Bronze	268-269 d.C.	[IMP C CLAVDI]VS AVG; cabeça radiada para a direita	[V]IRT[V]S AVG]; Virtus de pé, para a esquerda, segurando ramo com a mão direita e lança com a esquerda. Aos pés, para a esquerda, escudo que repousa sobre o solo.			
2491	5	[13]	Nummus/AE3	Indet.	Casa da moeda Indeterminada	Bronze	Séc. IV	Ilegível; busto para a direita (...), drapejado e couraçado	Fruste			

Anexo V – Tabela 7

3517	6	[45]	AE3	Constâncio II, Constâncio Galo (César) ou Juliano (César)	Casa da moeda Indeterminada	Bronze	351-361 d.C.	Ilegível; busto para a direita (...)	FEL T[EMP REPARATIO]; soldado armado de lança e escudo ataca cavaleiro em queda do cavalo; cavaleiro volta a face para o soldado e estende o braço	Fragmento de moeda		
3544	6	[61]	Nummus	Constantino I	Tessalonica	Bronze	335-336 d.C.	CONSTANTINVS [MAX AVG]; busto para a direita, com diadema de rosetas, drapejado e couraçado	GLOR - IA EXERC - ITVS; Dois soldados armados de lança e escudo lado-a-lado. Entre eles, dois estandartes.	Marca: - - //SMTSA	RIC VII 198	
2493	5	[13]	AE3	Juliano (César)	Aquileia	Bronze	355-361 d.C.	Ilegível; M atrás do busto; busto para a direita, descoberto, drapejado e couraçado	Ilegível, tipo <i>Fel Temp Reparatio</i> (soldado armado de lança e escudo ataca cavaleiro em queda do cavalo; cavaleiro volta a face para o soldado e estende o braço)		RIC VIII p. 336	
2502			Antoniniano	Tétrico I	Casa da moeda II - Colónia (?)	Bronze	273 d.C.	[IMP TETRICVS P]F AVG; busto radiado para a direita, couraçado	[LAETI]TIA AVGG; Laetitia de pé para a esquerda, segurando bolsa com a mão direita e âncora com a esquerda		Elmer 787	

Anexo V – Tabela 7

2476	2		Asse	Cláudio I	Cunhagem provincial	Bronze	41-54 d.C. ?	[TI CLAV]DIVS CAESA[R ...]; cabeça descoberta para a esquerda	Ilegível; tipo indeterminado			
2504			Denário	Cláudio I		Prata	41-54 d.C.	[TI CL]AVD CAESAR AVG PM TR P VIII[...] (legenda externa); cabeça laureada para a direita	PACI [AVGVSTAE]; Nemésis caminhando para a direita apontando caduceu para serpente à sua frente			

Paço dos Lobos da Gama - Tabela Cronotipológica

		100 a.C.	50 a.C.	25 a.C.	15 a.C.	10 a.C.	0	15 d.C.	20	25	35	50	60	75	100	125	150	175	200	250	275	300	325	350	375	400	450	500	550	600			
Terra Sigillata																																	
Itálica	Consp. 12					■																											
	Consp. 18				■																												
Sudgálica	Drag. 18																									■							
	Drag. 24/25																			■													
	Drag. 24/25 (marmoreada)																			■													
	Drag. 27								■																								
Hispânica	Drag. 15/17																																
	Drag. 18																																
	Drag. 27																																
	Drag. 30																																
	Drag. 35/36																																
Africana	Hayes 9B																																
	Hayes 44																																
	Hayes 50																																
	Hayes 58B																																
	Hayes 59																																
Paredes Finas																																	
Emeritense	Mayet XLIII																									■							
Bética	Mayet XXXVII										■																						
Lucernas																																	
	D-L 11																									■							

	D-L 11/14
	D-L 15/16
Ânforas	
Bética	Dressel 2-4
	Haltern 70
	Dressel 20
Lusitânia	Dressel 14
	Almagro 50
	Almagro 51c
Africana	3B/Keay 25.3



Descrição das intervenções arqueológicas realizadas na cidade de Évora

Designação	Localização	Ano de Intervenção	Responsáveis	Tipo de Intervenção	Tipo de Sítio	Estruturas/Espólio	Depositado	Relatório	Bibliografia
Casa de Burgos	Interceção entre a Rua Vasco da Gama e a Rua de Burgos	1983; 1988; 1989; 2001; 2005	Cármen Ballesteros; Jorge de Oliveira; Rui Parreira;	Emergência	<i>Domus</i>	ceramica comum, cerâmica com engobe vermelho, <i>terra sigillata</i> itálica, fragmentos de lucernas e de ânforas e um almofariz (séc. I, II, III d.C.)	Depósito na Câmara Municipal de Évora e na Dir. Reg. de Cultura	Sim	PARREIRA, R., GONÇALVES, A., Intervenção arqueológica no Palácio Gouveia/Rua de Burgos/Rua de Alcárcova de Cima (Évora, Centro Histórico) - Relatório dos trabalhos de 1989, Évora, 1989. OLIVEIRA, J. (2001) "Rua de Burgos – Rua da Alcárcova de Cima – Relatório Preliminar"
Escola Gabriel Pereira	Junto à Rua Domingos Rosado	2009	Gerardo Vidal (Arkeohabilis)	Emergência	Necrópole	Cerâmica; restos osteológicos	Direção Regional da Cultura	Sim	
Museu de Évora	Em frente ao Templo Romano, Largo de Vila Flor	1996; 1997; 2008	Theodor Hauschild; Ana Gonçalves (Arkhaios); Sandra Brazuna (Era-Arqueologia)	Escavação	Fórum	Cerâmica da segunda metade do séc. I d.C. (Terra sigillata, ceramica comum), peso de tear e moedas Diversas zonas de pavimento de argamassa ou opus, que serviram de base ao pavimento de lajes de mármore da praça romana (fórum). – laje in situ. Canal de época romana, escoava águas do fórum. Parede – limite do criptopórtico) – capitel em granito, fragmento de coluna, e base de coluna em granito. Cancela de época visigótica.	Museu de Évora	Sim	GONÇALVES, Ana, Intervenção Arqueológica no Museu de Évora – Relatório dos trabalhos realizados, vol. I, Junho de 1996 BRAZUNA, S. (2008) "Relatório dos trabalhos arqueológicos – Remodelação e valorização do Museu de Évora – Zona A" BRAZUNA, S. (2008) "Relatório dos trabalhos arqueológicos – Remodelação e valorização do Museu de Évora – Acompanhamento" BRAZUNA, S. (2008) "Relatório dos trabalhos arqueológicos – Remodelação e valorização do Museu de Évora – Zona B/C"

Paço dos Lobos da Gama	Rua Serpa Pinto e Travessa da Milheira	2007; 2008	Gerardo Vidal; Susana Dias	Emergência	<i>Domus</i>	Muros com presença de <i>opus caementicium</i> ; cerâmica comum; fragmentos de <i>terra sigillata</i> , paredes finas, lucernas, ânforas, cerâmica de construção, pesos de tear, quadrante, marcas de jogo; almofarizes da bética, moedas romanas	Depósito da Câmara Municipal de Évora	Sim	DIAS, S. (2008) – <i>Relatório de progresso de trabalhos arqueológicos, escavação e acompanhamento arqueológico do projecto de reabilitação do Paço dos Lobos da Gama rua Serpa Pinto n.º 50 a 56, Évora</i> ; GONÇALVES, G. V. e ROQUE, C. (2009) – <i>Projecto de Reabilitação do Paço dos Lobos da Gama – Évora: Escavação e Acompanhamento Arqueológico – Relatório final, 2.ª fase. Évora; Relatório antropológico</i>
Palácio da Inquisição	Largo Conde Vila Flor	2012	Era - Arqueologia S.A.	Emergência		Vestígios estruturais de um sistema de canalização ou conduta. Os muros 5, 10, 13 e 28 definem um sistema de canalização ou de circulação de águas integrável no período romano (séculos I-II). Terra sigillata sudgálica com motivos vegetalistas e faunísticos. dois silhares de granito (E-W), estrutura correspondente a um arco, em ogiva, construído por fiadas de aduelas, estava revestida por reboco e estuque.	Direcção Regional da Cultura - S. Bento de Cástris	Sim	
Pátio de S. Miguel	Pátio interior	2012	Marina Pinto (Era Arqueologia S.A.)	Projeto de reabilitação		Canalização em Opus associada ao fórum romano. Cerâmicas – Terra Sigillata e paredes finas. (enquadram o contexto no séc. I-II)	Depósito S. Bento de Cástris	Sim	PINTO, M. (2012) “Projeto de Reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição/Casas Pintadas e Pátio de São Miguel”

Praça 1º de Maio	No interior do Mercado Municipal	2001	Jorge de Oliveira, Cármen Ballesteros	Emergência		Canalização em opus associada ao fórum romano. Cerâmicas: <i>terra sigillata</i> e paredes finas (enquadram-se no séc. I – II d.C.); três elementos de coluna tardo-romana	Universidade de Évora	Sim	OLIVEIRA, J.; BALESTEROS, C.; Relatório Preliminar. Praça 1º de Maio, Mercado dos Legumes, Universidade de Évora, 2001.
Praça do Giraldo	Ao longo da Praça do Giraldo (final da Rua da Republica até ao Largo Luis de Camões	2001	Cármen Ballesteros; Jorge de Oliveira; Teresa Matos Fernandes	Emergência			Universidade de Évora	Sim	OLIVEIRA, J.; BALESTEROS, C. (2001) “Relatório preliminar de acompanhamento de obra e intervenção arqueológica na Praça do Giraldo e Rua João de Deus em Évora”
Quinta do Forte	Rua das Alcaçarias, junto ao edifício da Universidade de Évora	2008; 2013	Carla Isabel Magro; Gerardo Vidal	Emergência		Materiais em revolvimento, cerâmicas romanas	Câmara Municipal de Évora	Sim	VIDAL, G.; Relatório final de escavação da Quinta do Forte, Rua das Alcaçarias, Arkeohabilis, 2008
Praça do Sertório - Rua Vasco da Gama	Intersecção da Rua Vasco da Gama com o Largo Alexandre Herculado, estendendo-se até ao edifício das Casas Pintadas	2003	Panagiotis Sarantopoulos	Acompanhamento arqueológico e escavação		Base de coluna romana; troço da calçada romana (<i>Decumanus maximus</i>)	Câmara Municipal de Évora	Sim	SARANTOPOULOS, P.; CORREIA, M., (2003) Relatório de Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico – Praça do Sertório – Rua Vasco da Gama Évora, Évora
Templo Romano	Largo Conde Vila Flor	1986 a 1996	Theodor Hauschild	Escavação com caracter científico	Templo Romano	Espelhos de água; Cerâmica campaniense; <i>terra sigillata</i> itálica, hispanica, africana, ceramica de paredes finas, ceramica comum, ceramica cinzenta, lucernas, anforas	Depósito da Câmara Municipal de Évora	Sim	HAUSCHILD, Theodor; Sarantopoulos, Panagiotis; O taque de água do templo romano de Évora, Notícia preliminar da intervenção arqueológica de 1996, in: O Arqueólogo Português, Série IV Volumes 13/15, 1995-1997. HAUSCHILD, T.; SARANTOPOULOS, P. (1996) “Intervenção arqueológica no Projeto Municipal: Reordenamento urbanístico da zona envolvente do templo romano de Évora”

Termas	Interior do edifício do Paços do Concelho (atual Câmara Municipal de Évora)	1987 a 2007	Virgílio Nuno Hipólito Correia, Panayiotis Sarantopoulos; Susana Dias e Gerardo Vidal (Arkeohabilis); Elena Mórán	Escavação com caracter científico	Termas Romanas	<i>Laconicum</i> , praeforium e natatio. Cerâmicas: romanas, (terra sigillata), vestígios osteológicos de fauna diversa. Dos níveis de entulho: fragmentos de opus singinum, descontextualizados.	Depósito da Câmara Municipal de Évora	Sim	DIAS, S.; VIDAL, G. (2007) “Relatório final de trabalhos arqueológicos – Escavação Arqueológica, Paços do Concelho – Banhos Públicos Romanos” Correia, Virgílio; As termas romanas de Évora: Notícia da sua identificação, Separata de HVMANITAS, Vol. XXXIX-XL, Coimbra, 1987-1988
Aqueduto	Convento da Cartuxa	2016	José Santos	Escavação com caracter científico	Aqueduto Romano				
Colégio dos Meninos do Coro	Sé	2008	Ricardo Gaidão (Omniknos)	Emergência		Surgiram estruturas descontextualizadas; <i>Laconicum</i> ; piso e muros de cronologia romana; Cerâmica		Sim	GAIDÃO, R. (2008) “Acompanhamento Arqueológico das Obras de Reabilitação do Colégio dos Meninos do Coro da Sé”
Jardim de Diana	Junto ao Templo	2006	Conceição Maia, Susana Dias			Cerâmica			
Largo D. Miguel de Portugal	Ao longo da Rua da Alcárcova de Baixo, paralela à Rua da Republica	2002	Claudia Lemos			Cerâmica		Sim	LE MOS, C. (2002) “Intervenção arqueológica no Largo D. Miguel de Portugal – Relatório final do trabalho desenvolvido”
Rua de Olivença	Perto da Câmara Municipal de Évora	1998	Cármen Ballesteros, Jorge de Oliveira, E. Ambrona			Cerâmica ânforas - Haltern 70, Lusitana 2, Dressel 14; <i>terra sigillata</i> sudgálica - Drag. 27 e 29		Sim	AMBRONA, E. (1998) “Sondagens arqueológicas na Rua de Olivença”
Rua do Menino Jesus	Largo Luis de Camões	2005	Maria Joao Delgado Arez	Emergência	<i>Domus ?</i>	Estruturas em alvenaria de granito e opus; cerâmica de construção (tegulas, imbrices) e cerâmica comum	Era Arqueologia S.A.	Sim	
Rua da Alarcova de Cima	Perto da Rua de Burgos	2000	Jorge de Oliveira	Emergência		Estrutura de época romana; téguas, cerâmica comum	Universidade de Évora	Sim	OLIVEIRA, J. (2000) “Relatório de acompanhamento arqueológico de obra – Rua da Alcárcova de Cima”
Largo dos Penedos	A norte da Porta de Alconchel	2005	Lúcia Regina da Silva Miguel	Emergência		Cerâmica Comum; materiais provenientes de uma lixeira de um forno de cronologia romana	Arkhaios	Sim	

Convento de Santa Catarina de Sena		1990	Calais; Catarina Viegas					Sim	CALAIS, A.; VIEGAS, C. (1990) “Intervenção arqueológica no Convento de Santa Catarina de Sena (Centro Histórico de Évora)”
Rua da Alcárcova de Baixo		2002	Ricardo Cortés					Sim	CORTÉS, R. (2002) “Acompanhamento Arqueológico na Rua Alcárcova de Baixo, 1-3, Fracção A – Relatório Preliminar”
Casas Pintadas	Travessa das Casas Pintadas	2000	L. Paulo					Sim	PAULO, L. “Intervenção arqueológica de emergência na Travessa das Casas Pintadas (Évora) – Relatório preliminar de escavação”
Centro de Conferências Conde de Vilalva	Perto da Rua Vasco da Gama		Sandra Santos					Sim	SANTOS, S. “Relatório da escavação do centro de conferências Conde de Vilalva-Rua Vasco da Gama-FEA”

Tabela 8 – Cerâmica Comum	
Categoria morfológica	Função
1. Pratos	Recipientes de formas abertas, utilizados para servir à mesa, ou de onde se comia diretamente. Por vezes podiam ser utilizados para preparar alimentos sólidos ou pão (apresentando marcas de fogo se assim fosse). Fundo plano ou ligeiramente côncavo; paredes curvas e baixas.
1.A. Pratos de bordo direito	
1.B. Pratos de bordo voltado para o interior	
2. Tigelas	Recipiente muito comum, com formas muito variadas. Mais fundo que os pratos e com uma proporção altura/abertura aproximadamente igual à dos pratos mas com um fundo mais estreito em relação ao diâmetro de abertura. Serviam para consumo individual para se beber ou comer, mas não estava excluído o seu uso ocasional na preparação e no serviço das refeições.
2.A. Tigelas de bordo direito	
2.B. Tigelas de bordo voltado para o interior	
2.C. Tigelas de bordo voltado para o exterior	
3. Almofarizes	Serviam para triturar os alimentos, nomeadamente ervas aromáticas. Apresentam uma característica típica - as estrias na face interna que funcionavam como abrasivo para facilitar o processo de trituração.
3.A. Almofarizes de bordo triangular	
4. Alguidares	Recipientes abertos e fundos, com um fundo bastante largo mas menos que a abertura. Podiam ter paredes retas e evasadas ou arqueadas. Serviam para a preparação de alimentos antes de serem cozinhados, como amassar pão ou lavagem de legumes. Podiam até mesmo ter funcionalidades para cuidado de higiene.
4.A. Alguidares de bordo voltado para o interior	
4.B. Alguidares de bordo voltado para o exterior	
5. Terrinas	Recipientes com fundos simples ou anelares. Não eram recipientes culinários pois tinham um acabamento bastante cuidado. A sua função principal seria de servir à mesa.
5.A. Terrinas de bordo voltado para o exterior	
6. Tachos	Recipientes fechados com bojo esférico, ovoide ou carenado, um fundo plano ou convexo. Podem ser confundidos por vezes com panelas quando o material se encontra demasiado fragmentado, apesar de ter um significado funcional diferente. Serviam para estufados e
6.A. Tachos de bordo dobrado sobre o ombro	
6.B. Tachos de bordo voltado para o exterior	

	guisados.
7. Panelas	Recipiente fechado, de bojo ovoide ou piriforme, com ou sem asas, tornando-se complicado definir por vezes a presença de asas e com fundo plano. Servia para cozinhar sopas, caldos, cozer verduras e carnes.
7.A. Panelas de bordo dobrado sobre o ombro	
7.B. Panelas de bordo voltado para o exterior	
7.C. Panelas de bordo formando garganta interna	
8. Potes	Recipiente semelhante à panela mas que não servia para cozinhar. Trata-se de um recipiente fechado, com o bojo ovoide, o fundo plano ou convexo, com ou sem asas. Eram destinados ao armazenamento de alimentos, servindo por vezes para levar alimentos ao fogo.
8.A. Potes de bordo voltado para o interior	
9. Potinhos	Eram formas vocacionadas para o serviço de mesa e podiam, em alguns casos, também serem utilizados para beber. Trata-se de um recipiente de pequenas dimensões, de bojo ovoide ou levemente carenado, com ou sem asas, podendo ter um fundo simples ou anelar.
9.A. Potinhos de bordo voltado para o exterior	
9.B. Potinhos de bordo formando garganta interna	
9.C. Potinho de bordo direito	
10. Jarros	Tinham uma forma aproximada de um pote, com uma asa e muitas das vezes um bocal trilobado que indica que a sua vocação era para servir líquidos. Estes confundem-se facilmente com os potes quando fragmentados, e também tinham uma forma algo próxima das bilhas, das quais se distinguem por ter um colo mais largo.
10.A. Jarros de bordo voltado para o exterior	
11. Bilhas	Eram recipientes que se destinavam a conter, transportar e servir líquidos. Segundo a sua morfologia, apresenta um bojo piriforme ou globular e colos restritos formando um gargalo que facilitava a operação de verter o líquido.
11.A. Bilhas de colo com dobra	
11.B. Bilhas de bordo direito	
12. Talhas	Apresenta as proporções de um pote, porém num tamanho

12.A. Talhas de bordo horizontal	maior. Era um recipiente fechado, geralmente de bordo horizontal ou pouco levantado em relação à pança, bojo ovoide largo, com asas e um fundo estreito e plano. Servia para armazenar produtos agrícolas e alimentares em grandes quantidades, como cereais, frutos e azeite e para fabricar e armazenar vinho.
12.B. Talhas de bordo direito	
13. Tampas	Eram uma peça acessória de vários recipientes, especialmente dos culinários, como os pratos, os pratos covos, os tachos e as panelas, por vezes também as bilhas e as talhas podiam utilizar tampa. Destinavam-se a cobrir recipientes, concentrando o calor libertado pela confeção de alimentos.
13.A. Tampas de bordo simples ou levemente espessado	
F. Fundos	

Variantes das Categorias
1. Pratos
1.A. Pratos de bordo direito
1.A.1. Prato com a parede arqueada e o bordo simples
1.A.2. Prato com a parede pouco arqueada e o bordo espessado e biselado
1.A.3. Prato com a parede oblíqua e reta e o bordo simples ou muito levemente boleado
1.B. Pratos de bordo voltado para o interior
1.B.1. Prato com a parede levemente arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior
1.B.2. Prato com a parede reta muito evasada e o bordo boleado muito voltado para o interior
1.B.3. Prato com parede alta, oblíqua e quase reta, e bordo formando pequeno lábio triangular voltado para o interior
1.B.4. Prato com a parede oblíqua quase reta e o bordo dobrado para o interior
2. Tigelas
2.A. Tigelas de bordo direito
2.A.1. Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado
2.A.2. Tigela carenada, com a carena alta, a parte superior da parede apurada ou

levemente oblíqua, e o bordo simples, por vezes levemente espessado

2.B. Tigelas de bordo voltado para o interior

2.B.1. Tigela com a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior

2.B.1.a. Tigela com a parede arqueada e o bordo espessado formando face interna oblíqua

2.C. Tigelas de bordo voltado para o exterior

2.C.1. Tigela de parede arqueada e o bordo amendoado e descaído

2.C.2. Tigela com a parede arqueada e o bordo em aba horizontal levemente descaída

2.C.3. Tigela com o bordo formando lábio arredondado levemente voltado para o exterior e a parede arqueada

2.C.4. Tigela com a parede contracurva, formando carena a meio da pança, e com parte superior voltada para fora

2.C.5. Tigela de bordo voltado para o exterior em aba alongada e pendente, de parede levemente curvada e oblíqua

3. Almofarizes

3.A. Almofariz de bordo triangular

3.A.1. Almofariz de bordo triangular simples, por vezes com vertedouro, e parede levemente arqueada com estrias internas

3.B. Almofariz de bordo direito com ressalto exterior

3.B.1. Almofariz de bordo direito e espessado com ressalto exterior descaído, parede quase reta e oblíqua, geralmente com estrias no interior

4. Alguidares

4.A. Alguidares de bordo voltado para o interior

4.A.1. Alguidar com o bordo em aba amendoada ou oblíqua reentrante, parede reta ou arqueada pouco evasada

4.A.2. Alguidar com o bordo reentrante e triangular na continuidade da parede espessa e arqueada

4.A.3. Alguidar com o bordo reentrante e a parede arqueada

4.B. Alguidares de bordo voltado para o exterior

4.B.1. Alguidar com o bordo arqueado voltado para fora e formando carena com a parede levemente arqueada

5. Terrinas

5.A. Terrinas de bordo voltado para o exterior

5.A.1. Terrina de bordo em aba amendoada oblíqua e truncada, por vezes com canelura exterior, bocal largo e pança esférica

5.A.2. Terrina pequena e aberta, com o bordo espessado e oblíquo e a pança arqueada

5.A.3. Terrina aberta e carenada, com o bordo espessado levemente voltado para fora, parede evasada e reta, e asas horizontais

6. Tachos

6.A. Tachos de bordo dobrado sobre o ombro

6.A.1. Tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovoide, sem asas

6.A.1.a. Tacho de bordo levemente oblíquo dobrado sobre o ombro, pança geralmente esférica ou ovoide, sem asas

6.A.1.b. Tacho de bordo dobrado sobre o ombro em forma de coração, bojo geralmente ovoide, sem asas

6.B. Tachos de bordo voltado para o exterior

6.B.1. Tacho de bordo horizontal ou levemente oblíquo de secção sub-retangular, e parede quase reta

6.B.2. Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua descolada da pança, bojo geralmente ovoide, sem asas

6.B.2.a. Tacho de bordo voltado para fora formando aba oblíqua levemente arqueada e descolada da pança, bojo geralmente ovoide, sem asas.

7. Panelas

7.A. Panelas de bordo dobrado sobre o ombro

7.A.1. Panela de bordo dobrado sobre o ombro e geralmente descolado da pança ovoide ou piriforme, sem asas, bordo pequeno e parede fina

7.A.2. Panela de bordo dobrado sobre o ombro em forma de rim, pança geralmente piriforme, sem asas

7.B. Panelas de bordo voltado para o exterior

7.B.1. Panela de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e pança geralmente ovoide, por vezes com asas.

7.B.2. Panela de bordo oblíquo, espesso e anguloso, com o topo plano ou levemente oblíquo, e voltado para fora, pança ovoide ou piriforme, e asas

7.B.3. Panela de bordo voltado para fora na continuidade da pança ovoide

<p>7.C. Painelas de bordo formando garganta interna</p> <p>7.C.1. Painela de bordo arqueado formando garganta interna pouco alta pronunciada, pança esférica</p>
<p>8. Potes</p>
<p>8.A. Potes de bordo voltado para o interior</p> <p>8.A.1. Pote de bordo reentrante muito espessado, horizontal ou levemente oblíquo, e pança ovoide</p>
<p>9. Potinhos</p> <p>9.A. Potinhos de bordo voltado para o exterior</p> <p>9.A.1. Potinho alentejano com perfil ovoide, ombro marcado por canelura, bordo voltado para o exterior</p> <p>9.A.2. Potinho de colo pronunciado e largo levemente côncavo, bordo geralmente espessado e pança esférica ou ovoide</p> <p>9.A.3. Potinho de bordo oblíquo amendoado ou espessado, por vezes alongado e pança esférica ou ovoide</p> <p>9.A.4. Potinho de bordo em aba oblíqua e pança esférica</p> <p>9.A.5. Potinho de bordo formando pequena aba oblíqua e fina, e pança com paredes finas e pouco larga em relação à abertura</p> <p>9.A.6. Potinho de bordo alto e oblíquo, e pança larga, por vezes com asa vertical</p>
<p>10. Jarros</p>
<p>10.A. Jarros de bordo voltado para o exterior</p> <p>10.A.1. Jarro de bordo levemente amendoado e pouco evasado, com colo côncavo</p>
<p>11. Bilhas</p>
<p>11.A. Bilhas de colo com dobra</p> <p>11.A.1. Bilha de colo com dobra formando ressaltado exterior pronunciado</p>
<p>11.B. Bilhas de bordo direito</p> <p>11.B.1. Bilha de bordo direito ou levemente oblíquo com o bocal estreito e o colo em L</p>
<p>12. Talhas</p>
<p>12.A. Talhas de bordo direito</p> <p>12.A.1. Talha de bordo voltado para cima e pança esférica ou ovoide</p>
<p>13. Tampas</p>
<p>13.A. Tampas de bordo simples ou levemente espessado</p> <p>13.A.1. Tampa de bordo simples ou levemente espessado, e parede reta e aberta</p>

14. Fundos

F.1. Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar

F.2. Fundo raso e simples de formas fechadas

F.3. Fundo raso com um leve rebordo de formas fechadas

F.4. Fundo concavo de formas fechadas

F.5. Fundo anelar estreito e alto de forma fechada